UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

ILTON JARDIM DE CARVALHO JÚNIOR

Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais

V.1 (versão corrigida)

São Paulo

2011

ILTON JARDIM DE CARVALHO JÚNIOR

Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Física.

Orientador: Prof. Dr. Tarik Rezende de Azevedo

São Paulo

2011

CARVALHO JUNIOR, I. J. Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais. 2011. 677 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Ilton Jardim de Carvalho Junior

Dos mitos acerca do determinismo climático/ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor em Geografia.

Área de Concentração: Geografia Física.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

*A meus pais, pelo amor, atenção e empenho dedicados e que me permitiram
concluir mais esta etapa*

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por serem os maiores responsáveis pelas minhas conquistas e por terem tantas qualidades que me estimulam a preservar meus valores de vida. A eles devo tudo, e o tudo não cabe nas 677 páginas desta tese.

Ao meu orientador Dr. Tarik Rezende de Azevedo, pela paciência e pelas chances dadas.

Ao amigo e Prof. Dr. Júlio César Suzuki, professor marcante em minha formação na graduação, e pessoa de inestimável valor que, com suas qualidades como intelectual e como mestre, representou importante motivação para minha carreira acadêmica.

Ao estimado professor Dr. José Bueno Conti, pelas conversas, pelo incentivo e pelo caráter inspirador. Trata-se de um grande nome da geografia, não apenas pela contribuição intelectual, mas também pela nobreza de idéias e de espírito.

Ao amigo Rodolfo de Oliveira Souza, pela participação na banca, e pela longa amizade.

Ao Prof. Dr. Élvio Rodrigues, por sua contribuição no processo de qualificação.

Ao amigo Jailson Rodrigo Pacheco, pelos 12 anos de amizade e pelas ajudas com a finalização da digitação e organização da tese. Foram dias de muitas risadas.

À Amiga Maria do Carmo Jorge, pela longa amizade que data do primeiro dia do curso de graduação nos idos dos anos 90, e por me receber em seu lindo pedaço de Mata Atlântica em Ubatuba ao longo do período de doutorado.

À Amiga Maria Carolina Schaedler, pela amizade e pelas dicas na área de psicanálise.

Ao amigo William Moritz, pelos 10 anos de amizade, e pela ajuda com os textos em grego clássico.

Conclusão a sucata!... Fiz o cálculo,
Saiu-me certo, fui elogiado...
Meu coração é um enorme estrado
Onde se expõe um pequeno animálculo...

A microscópio de desilusões
Findei, prolixo nas minúcias fúteis...
Minhas conclusões práticas, inúteis...
Minhas conclusões teóricas, confusões...

Que teorias há para quem sente
O cérebro quebrar-se, como um dente
Dum pente de mendigo que emigrou?

Fecho o caderno dos apontamentos
E faço riscos moles e cinzentos
Nas costas do envelope do que sou...

Fernando Pessoa (Álvaro de Campos)

“Por isso, cada um, em regra geral, se esforçará para que sua própria tese triunfe, mesmo quando no momento lhe pareça falsa ou duvidosa; os recursos de sua argumentação lhe são dados, em certa medida, por sua própria astúcia e malícia, pois é isso o que lhe ensina a experiência cotidiana de discutir. E aquele que sai vencedor de uma discussão deve-o, muitas vezes, não tanto à veracidade dos juízos expostos em suas proposições, quanto à astúcia e à destreza com que os defendeu.”

Arthur Schopenhauer

Fragmentos de uma autobiografia

Primeiro entretiveram-me as especulações metafísicas, as idéias científicas depois. Atrairam-me finalmente as sociológicas. Mas em nenhum destes estádios da minha busca da verdade encontrei segurança e alívio.

Pouco lia, em qualquer das preocupações. Mas no pouco que lia, tantas teorias me cansava de ver, contraditórias, igualmente assentes em razões desenvolvidas, todas elas igualmente prováveis e de acordo com uma certa escolha de fatos que tinha sempre o ar de ser os fatos todos. Se erguia dos livros os meus olhos cansados, ou se dos meus pensamentos desviava para o mundo exterior a minha perturbada atenção, só uma coisa eu via, desmentindo-me toda a utilidade de ler e pensar, arrancando-me uma a uma todas as pétalas da idéia do esforço: a infinita complexidade das coisas, a imensa soma, a prolixa inatingibilidade dos próprios poucos fatos que se poderiam conceber precisos para o levantamento de uma ciência.

O desgosto de não encontrar nada encontrei comigo pouco a pouco. Não achei razão nem lógica senão a um ceticismo que nem sequer buscava uma lógica para se defender. Em curar-me disto não pensei – por que me havia eu de curar disso? E o que era ser são? Que certeza tinha eu que esse estado de alma deva pertencer à doença? Quem nos afirma que, a ser doença, a doença não era mais desejável, ou mais lógica, ou mais, do que a saúde? A ser a saúde preferível, porque era eu doente se não por naturalmente o ser, e se naturalmente o era, por que ir contra a Natureza, que para algum fim, se fim ela tem, me quereria decerto doente?

Nunca encontrei argumentos senão para a inércia. Dia a dia mais e mais se infiltrou em mim a consciência sombria da minha inércia de abdicator. Procurar modos de inércia, apostar-me a fugir a todo o esforço quanto a mim, a toda a responsabilidade social – talhei nessa matéria de a estátua pensada da minha existência.

Deixei leituras, abandonei casuais caprichos de este ou aquele modo estético da vida. Do pouco que lia aprendi a extrair só elementos para o sonho. Do pouco que presenciava, apliquei-me a tirar apenas o que se podia, em reflexo distante e errado, prolongar mais dentro de mim.

Esforcei-me porque todos os meus pensamentos, todos os capítulos quotidianos da minha experiência me fornecessem apenas sensações. Criei à minha vida uma orientação estética. E orientei essa estética para puramente individual. Fi-la minha apenas.

Apliquei-me depois, no decurso procurado do meu hedonismo interior, a furtar-me às sensibilidades sociais. Lentamente me couracei contra o sentimento do ridículo. Ensinei-me a ser insensível quer para os apelos dos instintos quer para as solicitações.

Reduzi ao mínimo o meu contato com os outros. Fiz o que pude para perder toda a afeição à vida. Do próprio desejo da glória lentamente me despi, como quem cheio de cansaço se despe para repousar.

Do estudo da metafísica, das ciências, passei a ocupações de espírito mais violentas para o equilíbrio dos meus nervos. Perdi-me pelos sistemas secundários, excitados, da metafísica, sistemas cheios de analogias perturbantes, de alçapões para a lucidez, grandes paisagens misteriosas onde reflexos de sobrenatural acordam mistérios nos contornos.

Envelheci pelas sensações... Gastei-me gerando os pensamentos... E a minha vida passou a ser uma febre metafísica, sempre descobrindo sentidos ocultos nas coisas, brincando com o fogo das analogias misteriosas, procrastinando a lucidez integral, a síntese normal para se denegrir.

Caí numa complexa indisciplina cerebral, cheia de indiferenças. Onde me refugiei? Tenho a impressão de que não me refugiei em parte nenhuma.

Abandonei-me, mas não sei a quê.

Concentrei e limitei os meus desejos, para os poder requintar melhor. Para se chegar ao infinito, e julgo que se pode lá chegar, é preciso termos um porto, um só, firme, e partir dali para Indefinido.

Que sonhos tenho? Não sei. Forcei-me por chegar a um ponto onde nem saiba já em que penso, com que sonho, o que visiono. Parece-me que sonho cada vez demais longe, que cada vez mais sonho o vago, o impreciso, o invisionável.

Não faço teorias a respeito da vida. Se ela é boa ou má não sei, não penso.

Hoje sou ascético na minha religião de mim. Uma chávena de café, e os meus sonhos substituem bem o universo e as suas estrelas, o trabalho, o amor, até a beleza e a glória. Não tenho quase necessidade de estímulos. Ópio tenho-o eu na alma.

FERNANDO PESSOA, LIVRO DO DESASSOSSEGO

O homem perante a natureza - Blaise Pascal

A primeira coisa que se oferece ao homem ao contemplar-se a si próprio, é seu corpo, isto é, certa parcela de matéria que lhe é peculiar. Mas, para compreender o que ela representa a fixá-la dentro de seus justos limites, precisa compará-la a tudo o que se encontra acima ou abaixo dela. Não se atenha, pois, a olhar para os objetos que o cercam, simplesmente, mas contemple a natureza inteira na sua alta e plena majestuosidade. Considere esta brilhante luz colocada acima dele como uma lâmpada eterna para iluminar o universo, e que a Terra lhe apareça como um ponto na órbita ampla deste astro e maravilhe-se de ver que essa amplitude não passa de um ponto insignificante na rota dos outros astros que se espalham pelo firmamento. E se nossa vista aí se detém, que nossa imaginação não pare; mais rapidamente se cansará ela de conceber, que a natureza de revelar. Todo esse mundo visível é apenas um traço perceptível na amplidão da natureza, que nem sequer nos é dado a conhecer de um modo vago. Por mais que ampliemos as nossas concepções e as projetemos além de espaços imagináveis, concebemos tão somente átomos em comparação com a realidade das coisas. Esta é uma esfera cujo centro se encontra em toda parte e cuja circunferência não se acha em alguma. Que o homem, voltado para si próprio, considere o que ele é diante do que existe; que se encare como um ser extraviado neste pequeno setor da natureza, e que da pequena cela do universo onde se acha preso, aprenda a avaliar em seu valor exato a terra, os reinos, as cidades e ele próprio. Que é um homem diante do infinito? (...) Quem assim raciocinar há de apavorar-se de si próprio e, considerando-se suspenso entre esses dois abismos do infinito e do nada, tremerá à vista de tantas maravilhas; e creio que, transformando sua curiosidade em admiração, preferirá contemplá-las em silêncio a investigá-las com presunção.

Afinal que é o homem dentro da natureza? Nada, em relação ao infinito; tudo, em relação ao nada; um ponto intermediário entre o tudo e o nada. Infinitamente incapaz de compreender os extremos, tanto o fim das coisas quanto o seu princípio permanecem ocultos num segredo impenetrável, e é-lhe igualmente impossível ver o nada de onde saiu e o infinito que o envolve. Que poderá fazer, portanto, senão perceber alguma aparência das coisas num eterno desespero e não poder conhecer nem seu princípio nem seu fim? Todas as coisas saíram do nada e são levadas para o infinito – que haverá além desses assombrosos limites? O autor das maravilhas o sabe; ninguém mais. Por não haver meditado sobre esses infinitos, puseram-se os homens temerariamente a investigar a natureza, como se tivessem alguma proporção com ela. E é estranho que tenham querido compreender os princípios das coisas, e

assim chegar ao conhecimento do todo através de uma presunção tão infinita quanto o seu objeto. Pois não há dúvida de que é impossível conceber tal desígnio sem presunção ou sem a capacidade infinita da natureza. Quando se estuda, compreende-se que tendo a natureza gravado sua imagem e a de seu autor em todas as coisas, todas participam de seu duplo infinito.

Todas as ciências são infinitas na amplitude de suas investigações, pois quem duvidará, por exemplo, de que a geometria tenha uma infinidade de teoremas a serem expostos? São infinitas também na multidão e na delicadeza de seus princípios, pois quem não percebe que aqueles que se consideram últimos não se sustentam sozinhos, mas se apóiam em outros, os quais, tendo por sua vez outros por apoio, nunca são os últimos? Nós, porém, consideramos últimos aqueles princípios que a razão nos aponta como últimos, tal qual fazemos com as coisas materiais, em que, para nós, um ponto invisível é aquele que, por se achar mais longe de nossos sentidos, não pode ser percebido, embora continue divisível indefinidamente por sua própria natureza. Desses dois infinitos da ciência, o infinitamente grande é o mais sensível; por isso nós o conhecemos imediatamente por inteiro. "Vou falar de tudo", dizia Demócrito. Porém, o infinitamente pequeno é muito pouco visível. A ele pretenderam chegar os filósofos, entretanto; e nisso é que tropeçaram todos. Isso é que deu azo a títulos tão freqüentes quanto estes: Do princípio das coisas, do princípio da filosofia e quejandos, tão pretensiosos e de efeito bem maior, embora não o pareça, do que esse outro que entra pelos olhos: De omni scibili. Acreditamos muito naturalmente sermos mais capazes de alcançar o centro das coisas do que de abraçar-lhes a circunferência; a extensão visível do mundo ultrapassa-nos manifestamente; porém, como ultrapassamos as coisas pequenas, acreditamo-nos mais capazes de possuí-las; entretanto, não nos falta menos capacidade para chegar ao nada do que chegar ao todo; para um, como para outro, falta-nos uma capacidade infinita, e creio que quem tivesse compreendido os princípios últimos das coisas chegaria também a conhecer o infinito. Uma coisa depende da outra, e uma conduz à outra. Esses extremos se tocam, e se unem, à força de se afastarem, encontrando-se em Deus, e somente em Deus.

Conheçamos, pois, nossas forças; somos algo e não tudo; o que temos que ser privados do conhecimento dos primeiros princípios que nascem do nada; e o pouco que somos nos impede a visão do infinito. Nossa inteligência, entre as coisas inteligíveis, ocupa o mesmo lugar que o nosso corpo na magnitude da natureza. Limitados em tudo, esse termo médio entre dois extremos encontra-se em todas as nossas forças. Nossos sentidos não percebem os

extremos: um ruído demasiado forte nos ensurdece, demasiada luz nos deslumbra, demasiada distância ou demasiada proximidade impede-nos de ver, demasiada longitude ou demasiada concisão do discurso o obscurece, demasiada verdade nos assombra (sei de alguém que não pode compreender que quem de zero tira quatro fica zero); os primeiros princípios tem demasiada evidência para nós outros, demasiado prazer incomoda, demasiada consonância aborrece na música, e demasiado benefício irrita, pois queremos ter com que pagar a dívida: Beneficia eo usque laeta sunt dum videntur exsolvi posse; ubi multum ante venere, pro gratia odium redditur. (Os benefícios são agradáveis enquanto pensamos poder devolvê-los; além o reconhecimento se transforma em ódio. - Tácito, citado por Montaigne, XXX, 8). Não sentimos nem o extremo calor nem o frio extremo; as qualidades excessivas são nossas inimigas, não as sentimos, sofremo-las. Demasiada juventude ou demasiada velhice tolhe o espírito; assim como demasiada ou insuficiente instrução. Em suma, as coisas extremas são para nós como se não existissem, não estamos dentro de suas proporções: escapam-nos ou lhes escapamos. Eis o nosso estado verdadeiro; é o que nos torna incapazes de saber com segurança e de ignorar totalmente. Nadamos num meio termo vasto, sempre incertos e flutuantes, empurrados de um lado para o outro. Qualquer objeto a que pensemos apegar-nos vacila e nos abandona, e se o perseguirmos foge à perseguição. Escorrega-nos entre as mãos numa eterna fuga. Nada se detém por nós. É o estado que nos é natural e, no entanto, nenhum será mais contrário à nossa inclinação; ardemos de desejo por encontrar uma plataforma firme e uma base última e permanente para sobre ela edificar uma torre que se erga até o infinito; porém os alicerces ruem e a terra se abre até o abismo.

Não procuremos segurança e firmeza. Nossa razão é sempre iludida pela inconstância das aparências e nada pode fixar o finito entre os dois infinitos que o cercam e dele se afastam. Creio que a concepção deste inevitável fará que o homem se conforme com o estado em que a natureza o colocou e o mantenha tranqüilo. Esse termo médio que nos coube por destino, situa-se sempre entre os dois extremos, de modo que pouco nos importa tenha o homem maior ou menor inteligência das coisas. Se a tiver as verá apenas de um pouco mais alto. Mas não se achará sempre infinitamente afastado da meta, e a duração de nossa vida não o estará também, infinitamente, afastada da eternidade, embora dure dez anos mais? Se tivermos em mente estes infinitos, todos os finitos serão iguais; e não vejo razão para assentar a imaginação em um deles e a preferência ao outro. A simples comparação entre nós e o infinito nos acabrunha. Se o homem procurasse conhecer a si mesmo antes de mais nada, perceberia logo a que ponto é incapaz de alcançar outra coisa. Como poderia uma parte

conhecer o todo? Mas a parte pode ter, pelo menos, a ambição de conhecer as partes, as quais cabem dentro de suas próprias proporções. E como as partes do mundo têm sempre relações íntimas e intimamente se encadeiam, considero impossível compreender uma sem alcançar as outras, e sem penetrar o todo.

O homem, por exemplo, tem relações para durar, de movimento para viver, de elementos que o constituam, de alimentos e calor que o nutram, de ar para respirar; vê a luz, percebe os corpos; em suma, tudo se alia a ele próprio. Para conhecer o homem, portanto, mister se faz saber de onde vem que precisa de ar para subsistir; e para conhecer o ar é necessário compreender donde provém essa sua relação com a vida do homem, etc. A chama não subsiste sem o ar; o conhecimento de uma coisa, se liga, pois, ao conhecimento de outra. E como todas as coisas são causadoras e causadas, auxiliadoras e auxiliadas, mediatas e imediatas, e todas se acham presas por um vínculo natural e insensível que une as mais afastadas e diferentes, parece-me impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, bem como conhecer o todo sem entender particularmente as partes. (A eternidade das coisas, em si mesmas ou em Deus, deve assombrar a nossa ínfima duração. A imobilidade fixa e constante da natureza, em comparação com a transformação contínua que se verifica em nós, deve causar o mesmo efeito). E o que completa a nossa incapacidade de conhecer as coisas é o fato de serem simples em si enquanto nós somos complexos de natureza antagônicas e de gêneros diversos, alma e corpo. Pois é impossível que a parte raciocinante de nós mesmos não seja unicamente espiritual; e se pretenderem que somos tão somente corporais, mais afastarão ainda de nós o conhecimento das coisas, porquanto nada mais será inconcebível do que a matéria conhecer-se a si própria; não podemos conceber de que maneira se conheceria. Assim, se somos simplesmente materiais nada podemos conhecer; e se somos compostos de espírito e matérias não podemos conhecer perfeitamente as coisas simples, espirituais ou corporais.

Donde a confusão generalizada entre os filósofos que misturam as idéias das coisas, falando espiritualmente das coisas corporais e corporalmente das coisas espirituais. Dizem, ousadamente, que as coisas tendem a cair, que tendem para o centro, que fogem à sua destruição, que temem o vácuo, que tem inclinações, simpatias, antipatias, qualidades todas que somente ao espírito pertencem. E, referindo-se ao espírito, consideram-no como se estivesse em determinado espaço, e lhe atribuem a capacidade de movimentar-se, coisas que pertencem apenas aos corpos. Em vez de recebermos a idéia pura das coisas, tingimo-la com nossas qualidades e impregnamos de nosso ser composto todas as coisas simples que contemplamos. Que não há de supor, ao ver-nos juntar as coisas do espírito e do corpo, que tal

mescla nos é mui compreensível? No entanto, é essa a coisa que menos se compreende. O homem é, em si mesmo, o objeto mais prodigioso da natureza; pois não se pode conceber nem o que é corpo, nem, menos ainda, o que é espírito, e, ainda menos, de que modo um corpo pode se unir a um espírito. Essa a sua dificuldade máxima, e, não obstante, a sua própria essência: *Modus quo corporibus adhaerent spiritus comprehendere ab hominibus non potest, et hoc tamen homo est.* (A maneira por que se acha o espírito unido ao corpo não pode ser compreendida pelo homem, e, não obstante, é o homem. Santo Agostinho, citado por Montaigne).

Mas, para concluir a prova de nossa fraqueza, terminarei com estas duas considerações. Quando penso na pequena duração da minha vida, absorvida na eternidade anterior, no pequeno espaço que ocupa, fundido na imensidade dos espaços que ignora e que me ignoram, aterro-me e me assombro de ver-me aqui e não alhures, pois não há razão alguma para que esteja aqui e não alhures, agora e não em outro qualquer momento. Quem me colocou nessas condições? Por ordem e obra e necessidade de quem me foram designados esse lugar e esse momento? *Memoria hospitis unius diei praetereuntis.* (A lembrança de hóspede de um dia que passa. Sabedoria, V, 15). Ante a cegueira e a miséria do homem, diante do universo mudo, do homem sem luz, abandonado a si mesmo e como que perdido nesse rincão do universo, sem consciência de quem o colocou aí, nem do que veio fazer, nem do que lhe acontecerá depois da morte, ante o homem incapaz de qualquer conhecimento, invade-me o terror e sinto-me como alguém que levassem, durante o sono, para uma ilha deserta, e espantosa, e aí despertasse ignorante de seu paradeiro e impossibilitado de evadir-se. O silêncio eterno desses espaços infinitos me apavora. Quantos reinos nos ignoram! Por que são limitados meu conhecimento, minha estatura, a duração de minha vida a cem anos e não a mil? Que motivos levaram a natureza a fazer-me assim, a escolher esse número em lugar de outro qualquer, desde que na infinidade dos números não há razões para tal preferência, nem nada que seja preferível a nada?

RESUMO

500 PALAVRAS

CARVALHO JUNIOR, I. J. Dos mitos acerca do determinismo ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais. 2011. 677 f. Tese (Doutorado em Geografia Física) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Na história do pensamento geográfico há um grande equívoco na maneira pela qual é concebida a teoria do determinismo geográfico/ambiental. Isso significa que o tema tem sido tratado sob estereotipada roupagem, empobrecendo a Geografia e difamando e subestimando inúmeros geógrafos, bem como suas obras e idéias. O primeiro grande objetivo é o de demonstrar a importância histórica, científica e filosófica da “idéia das influências ambientais” que subjaz ao determinismo ambiental, a inevitabilidade de sua existência enquanto hipótese básica, e a impossibilidade epistemológica de se negá-la como uma hipóteses básica da Geografia, com ênfase em alguns autores rotulados de deterministas, como Hipócrates, Montesquieu, Semple e Huntington. O segundo grande objetivo é realizar uma crítica da crítica, minando algumas generalizações e equívocos dentre tantos que historicamente têm permeado o temário geográfico, e explicar o emaranhado semântico, filosófico, conceitual e epistemológico do tema das influências ambientais sobre a esfera humana, com ênfase na falsa dualidade determinismo/possibilismo. Assim, deve ser concebida como não mais que um mero prolegômeno, essencial, todavia, ao estudo da relação homem-ambiente, e em particular, ao estudo da história do pensamento geográfico, da idéia das influências ambientais e do “determinismo ambiental”. Ao final da pesquisa foi possível demonstrar a insustentabilidade da suposta dicotomia entre a “escola determinista” e a “escola possibilista”; a confusão conceitual, semântica e filosófica dos textos que comentam os autores deterministas; a impertinência, a leviandade e imprecisão da crítica ao determinismo, baseada mais no rótulo criado do que nas idéias em si; a riqueza de idéias de autores como Huntington e Semple, o pioneirismo “possibilista” de Hipócrates e Montesquieu e outros autores; a importância do modelo de modos de narrativa e dos estratagemas erísticos de Schopenhauer para a análise textual dos autores deterministas e de seus críticos, culminando com a elaboração de vinte e dois problemas essenciais de pesquisa, lançados como propostas metodológicas e epistemológicas iniciais ao estudo da história da Geografia e de suas idéias.

Palavras-chave: Geografia Física. Climatologia. Determinismo ambiental. Determinismo geográfico. Emaranhado semântico. Lemaçal teórico-conceitual. Crítica ao rótulo. Falsa dualidade. Epistemologia e Metodologia. História das idéias. Relação homem-meio. Relação sociedade-natureza. Pensamento geográfico. Geografia sócio-ambiental. Huntington. Ellen Semple. Hipócrates. Montesquieu. Edgar Morin. Schopenhauer. Clarence Glacken.

ABSTRACT

CARVALHO JUNIOR, I. J. Dos mitos acerca do determinismo ambiental na história do pensamento geográfico e dos equívocos de sua crítica: reflexões metodológicas, teórico-epistemológicas, semântico-conceituais e filosóficas como prolegômenos ao estudo da relação sociedade-natureza pelo prisma da idéia das influências ambientais. 2011. 677 f. Thesis (Doctorate in Physical Geography) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Environmental determinism has been a controversial theme within human sciences and geography. There has been much misunderstanding and understatement concerning this fundamental explanatory hypothesis. A varied assortment of geographical works and authors have been incorrectly labeled and suffered from biased criticism and general misconceptions. The long-standing debate around environmental determinism is marked by a chaotic semantic tangle which shades its real and proper meaning. The first objective is to show the historical, philosophical and scientific importance of environmental determinism in terms of its underlying principle and hypothesis, called “the idea of the environmental influences” and point to its relevance as a cradle of modern geography and as valid approach to the man-milieu relationships. The second objective is to launch a counter-criticism on those who irresponsibly dismissed environmental determinism without recognizing its underlying and unavoidable basic hypothesis and who did not read the labeled works in full. Criticism has been frequently incomplete, biased, crude, distorted, unscientific, politically oriented or naïve. The third objective is to disentangle the semantic, epistemologic and philosophic traps that threaten any attempt of covering the theme in full perspective and detail. The fourth objective is to analyse some “environmentalists”, such as Semple and Huntington, in order to deny the wrong labels attached to them. The fifth objective was to deconstruct the false determinism/possibilism dualism and to present a new way of interpreting this issue. The last objective was to bring a preliminary discussion of the literature of the theme, a short history of environmental ideas from the Greeks to the modern geography in the United States. After a careful analysis some myths were proven incorrect, or misleading and inaccurate at best, and as a final evaluation, twenty-one epistemological and methodological devices were listed as a contribution to the research in history of geography.

Keywords: Physical Geography. Climatology. Environmental determinism. Geographical determinism. Semantic Tangle. Theoretical and Conceptual Handicaps. False antagonism. Epistemology and Methodology. History of ideas. Man-environment Relationship. Huntington. Ellen Semple. Hipócrates. Montesquieu. Edgar Morin. Schopenhauer. Clarence Glacken. Geographical thinking.

SUMÁRIO

1. Prólogo (ou de como surgiu um instigante problema a partir de um consenso leviano e de um silêncio prepotente e árido).....	21
1.1. Breve panorama do tema.....	22
1.2. Apresentação da tese: dos objetivos e não-objetivos.....	28
1.3. Das inquietações e celeumas que impulsionaram a pesquisa.....	36
1.3.1. Da pertinência e atualidade do tema	36
1.3.2. Da necessidade de uma nova história do pensamento geográfico: para além do emaranhado semântico, das amarras conceituais, das algemas ideológicas, dos rótulos, dos estereótipos e dos slogans descontextualizados	39
2. Das questões epistemológicas: esclarecimento teórico-metodológico e limitações da pesquisa.....	46
2.1. Dos procedimentos, da ambição esmagada e dos porquês das peculiaridades.....	48
2.1.1. Da pesquisa bibliográfica e da seleção de autores.....	48
2.1.2. Da abordagem historicista-contextual e da matriz temporal	58
2.1.3. De algumas explicações incomuns, mas necessárias	58
2.2. Alguns planos básicos para libertar a “idéia das influências ambientais” do cativeiro determinista de seus seqüestradores erráticos: sete lentes musicais e uma sinfonia conSertante.....	68
2.2.1. Dó: Iluminando alguns conceitos e conotações do emaranhado semântico que permeia o tema	68
2.2.2. Ré: Retórica geográfica: figuras representativas de discurso e modos de narrativa.....	77
2.2.3. Mi: Schopenhauer e a dialética erística em 38 estratégias (ou de como vencer um debate sem ter razão)	90
2.2.4. Fá: A crítica ao rótulo e as disputas acadêmicas (ou de como a “coisa-em-si” pode desfilar de “coisa-criticada” na Marquês de Sapucaí”).....	111
2.2.5. Sol: Alguns apontamentos em torno da questão dos discursos e da história das idéias	118

2.2.6. Lá: Edgar Morin: a fragilidade do conhecimento e a teoria da complexidade	121
2.2.7. Si: A entrada triunfal de uma inesperada personagem: a “diva psicanálise” e os críticos no divã de Doctor Freud	143
2.2.8. Sinfonia ConSertante “Dois patinhos na lagoa”: Os vinte e dois pecados capitais da pesquisa em história das idéias	146
3. Do estado da arte do determinismo ambiental e dos ventos da incompreensão: reflexões teórico-conceituais e análise da crítica ao determinismo	152
3.1. Do Determinismo Ambiental na literatura: caos semântico e rótulo estéril	156
3.2. Do possibilismo eufemista e do Probabilismo conciliador: a falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de pólos antagônicos	210
3.3. E continua o desastre da crítica: altos e baixos na sua montanha russa	241
3. 4. A matriz da criticosfera: breve análise sintética das 44 críticas ao determinismo ambiental	278
3.5. Alguns apontamentos sobre temas afins ao determinismo ambiental	342
3.5.1. Do clima refém do determinismo ambiental ao clima vilão do futuro da humanidade.....	342
3.5.2. O aumento das influências ambientais, a vulnerabilidade crescente da humanidade às forças naturais, e o mito da tecnologia “libertadora”	344
3.6. Os fundamentos e ideologias do Determinismo Ambiental: o <i>background</i> científico e filosófico do determinismo ambiental e as ideologias a ele subjacentes	351
4. Dos primórdios das idéias das influências ambientais e de seus principais autores: Breve análise dos supostos discursos deterministas	365
4.1. Da Antiguidade Clássica aos primórdios da idade moderna.....	374
4.2. Da Ilustração	433
4.3. De outras Geografias.....	499
4.4. Dois algozes emblemáticos: Huntington e Semple	503
4.4.1 Influences of the Geographic environment: Semple e a Paráfrase com licença poética	503

4.4.2 Os clássicos da climatologia: o pioneirismo de Huntington e o tríptico ambiente/cultura/hereditariedade em “Civilization and Climate”	525
4.5. Do Brasil e dos trópicos insalubres: alguns apontamentos sobre o determinismo climático	574
5. Constatações e reflexões finais (ou de como algo emerge entre as ruínas de um longo terremoto metodológico, teórico-epistemológico, semântico-conceitual e filosófico de incompreensão por parte da crítica ao determinismo ambiental)	582
5.1. O lamaçal semântico-teórico-conceitual em que se afundam os estudiosos do tema e seu poder de atordoar o leitor que busca compreensão.	584
5.2. As motivações em jogo nas controvérsias e críticas em torno do “determinismo” ambiental e a primazia das disputas acadêmicas e da crítica ao rótulo.	587
5.3. O complexo espectro determinismo ambiental absoluto/indeterminismo (niilismo geográfico): a falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de pólos antagônicos (ou de como esse duo pode dançar um Pas-de-Deux em total sincronia)	592
5.4. O estado da arte dos discursos deterministas e a idéia das influências ambientais nas obras clássicas de alguns autores rotulados de deterministas	594
5.5. O Super-homem e a Mulher Maravilha do determinismo ambiental: Ellsworth Huntington e Ellen Semple	596
5.6. A importância científica e filosófica da idéia das influências ambientais e sua necessidade histórica.....	597
5.7. A morte do determinismo ambiental enquanto rótulo, teoria e doutrina radical paradigmática, e o nascimento da “idéia das influências ambientais” como hipótese básica de trabalho de perpétua pertinência ou como hipótese explanatória genérica parcial da relação sociedade-natureza.....	605
BIS: As 10 tábuas do Determinismo Ambiental: 10 mitos e 10 fatos	614
Epílogo	622
Bibliografia.....	630

1. PRÓLOGO¹ (OU DE COMO SURTIU UM INSTIGANTE PROBLEMA A PARTIR DE UM CONSENSO LEVIANO E DE UM SILÊNCIO PREPOTENTE E ÁRIDO)

Nature, in the common sense, refers to essences unchanged by man: space, the air, the river, the leaf. Art is applied to the mixture of his will with the same things, as in a house, a canal, a statue, a picture. But his operations taken together are so insignificant, a little chipping, backing, patching and washing, that in an impression so grand as that of the world on the human mind, they do not vary the result.

R.W. Emerson – “Nature”

¹ Como todas as teses em ciências humanas (e algumas das ciências naturais) não passam de histórias com ingredientes que, às vezes, se fazem coerentes e digestos ao leitor por meio de uma teia às vezes bem conectada e de convincente retórica e dialética erística, cuja introdução é exatamente a apresentação dos personagens lingüísticos, conceituais, metodológicos, epistemológicos, filosóficos, dialéticos, retóricos e semânticos, e de todos os elementos precedentes ou elucidativos da trama que vai se desenrolar, nada mais preciso do que intitular uma introdução de “prólogo”, o que não deveria causar surpresa, dado que entre a tragédia grega e uma tese de doutorado, a única diferença que salta aos olhos é o final, pois se na historinha grega tudo termina com uma grande catástrofe fatalista e inexorável imune às peripécias da retórica, numa tese pode-se antecipar a tragédia da impotência diante da busca pela verdade, prevenindo-se com uma cartola repleta de magia dialético-erística em torno a um pilar de mármore Retórico-Carrara, fazendo emergir a “alethea” (ἀλήθεια) de um final feliz.

1.1. Breve panorama do tema

Foi então que tudo vacilou. O mar trouxe um sopro espesso e ardente. Pareceu-me que o céu se abria em toda a sua extensão, deixando chover fogo. Todo o meu ser retesou e crispei a mão sobre o revólver.

Albert Camus

Era uma vez uma idéia inevitável, porque natural; complexa, porque aparentemente simples; presente, porque necessária. Chamava-se “idéia das influências ambientais”. Emanava dos crânios já milenares que em vala comum do solo pedregoso da Ática não puderam servir de atração turística como Beethoven em Viena ou Marx em Londres ou ainda Oscar Wilde e August Comte no poético e badalado Père-Lachaise de Paris. No longo, tedioso e intrigante telefone sem fio da história das idéias e do academicismo (acadecinismo), a idéia das influências ambientais foi mudando de nome, de conteúdo, de valor, de importância, mas sua “essência”, sua “alma”, seu “leitmotiv”, resistiu ao tectonismo crítico, com a mesma força da Hagia Sophia em Istambul, cujas dezenas de abalos sísmicos jamais a causaram sequer um arranhão. Essa greguinha senil e vitalícia já foi chamada, dentre vários xingamentos, de “determinismo ambiental”, e até mesmo de “determinismo geográfico”(!) e “desvio geográfico” (!!). Já rendeu intrigas palacianas, fofocas intelectuais, farpas entre madeiras nobres, puxões-de-orelha de pontífices do iluminismo. Lado a lado com sua “musa inspiradora”, o determinismo filosófico, o determinismo ambiental tem dado o que falar, seja em suas versões brandas ou severas, metafísicas ou aplicadas, ebulindo com fervor nos mais diversos guetos-caldeirões da ciência e “anticiência”: Medicina, Direito, Astronomia, História, Filosofia, Antropologia, Sociologia, Ciência Política, Psicanálise, Teologia, Astrologia, Numerologia, Bruxaria...Declarada um cadáver, por uns, uma alma penada, por outros, essa greguinha rotulada de “determinismo geográfico” carece de uma explicação para que se mantenha devidamente viva e saudável (“healthy and fit”), sem penar por aí assombrando a crítica perdida em seus obscuros labirintos.²

² Justamente por ser imortal, declararam-na, por medo e covardia, como morta.

Ao longo da história, o ser humano tem demonstrado um contínuo e genuíno interesse em explicar o mundo ao seu redor. Em áreas do conhecimento tão diversas como a mitologia, folclore, poesia, literatura, história e ciência, o ser humano tem perpetuado suas crenças num universo bem ordenado, no qual certas causas inevitavelmente conduzem a certos efeitos. Há uma infinidade de explicações de como formas culturais e sociais existentes num dado espaço vem a se constituir e se diferenciar das demais. Ao longo dos últimos séculos de grandes avanços científicos, as hipóteses explanatórias para a cultura, a história, o desenvolvimento, a política, o caráter, dentre outras instâncias humanas, tem mostrado uma diversidade que, ao mesmo tempo em que é enriquecedora, confunde e gera um sem-número de análises distorcidas, preconceituosas e carregadas de ideologias.

Recentemente, Jared Diamond, eminente Biólogo (e Geógrafo?)³ e fisiologista da Universidade da Califórnia, lançou a polêmica obra intitulada “Armas, Germes e

³ Nos tempos em que não havia essa separação rígida entre os conhecimentos, os intelectuais não eram “rotulados” e reduzidos pelo emprego de termos como “sociólogo”, “geógrafo”, “filósofo”, e atualmente muitos pesquisadores não sabem como se intitular, se biólogo, filósofo, cientista, feiticeiro, pedreiro, carcereiro, doutrinador, pois podem ser tudo isso ao mesmo tempo, e um rótulo não parece contradizer o outro. No caso de Diamond, sua obra guarda certo zelo por questões geográficas, como entender as diferenças no uso do espaço e no nível de desenvolvimento alcançado. Além disso, é professor de Geografia e ciências de saúde ambiental na Universidade da Califórnia em Los Angeles, fatos esses suficientes para se considerá-lo um geógrafo. Não exitaria em afirmar que qualquer profissional com formação superior em áreas afins da Geografia, pudesse ser capaz, por mero esforço próprio e autodidatismo ou um verniz geográfico por meio de uma pós-graduação na Geografia, ser considerado geógrafo. O contrário também ocorre, há aqueles que, mesmo após um bacharelado, mestrado, doutorado e ingresso por concurso em universidade pública, dificilmente podem ser considerados geógrafos. As características transdisciplinares da Geografia têm como implicação inevitável o fato de que são inúmeros os profissionais que poderiam, caso desejassem, se tornar geógrafos, inclusive com obras mais “geográficas” e de melhor qualidade do que aquelas escritas por geógrafos. Exemplos disso são Diamond, Gilberto Freyre, Edgar Morin e Milton Santos, sem esgotar, certamente, a ampla lista.

Aço”, fruto de uma pesquisa que reuniu uma quantidade impressionante de evidências a respeito do papel desses três fatores no surgimento das grandes civilizações. Como o título já diz, são três os principais fatores a influenciar o curso da história, e apenas por má-fé ou desejo dialético-erístico de vencer um debate é que se pode proferir um absurdo como o de rotular o autor, sem prévio escrutínio e ponderação, de “determinista”.⁴

Atualmente, uma teoria que tem exercido forte apelo às mentes acadêmicas e às leigas é o “geneticismo”. Assim, todas as afecções e características psíquicas e até mesmo culturais do homem, estão sob a mira de alguns setores das ciências médicas que acreditam poder explicar fenômenos complexos e de naturezas distintas por meio de uma análise de joguinhos de cromossomos.⁵ Como em toda seara do conhecimento, há duas vertentes: os dogmáticos e entusiastas (paradigmaticamente cegos), e aqueles que avançam com uma cautela notável, cientes da fragilidade e limitações dos métodos e das teorias.

⁴ Em outro momento será discutido o artigo de JUDKINS (2008), que consegue a proeza, por meio de estratégias dialéticas tão bem comentados por Olavo de Carvalho na obra de Schopenhauer intitulada “Como vencer um debate sem ter razão”, de afirmar que a obra de Diamond espelha o antigo “determinismo” ambiental. Diamond se considera otimista em relação à humanidade e afirma que nada tem de fatalismo em sua obra, pois reconhece a capacidade da humanidade em usar a razão para não entrar em colapso ambiental.

⁵ Se o caminho para explicar todas essas características humanas é ou não esse trilhado pela genética e pela medicina, não se pode concluir absolutamente nada. Em princípio, contudo, as cartas apresentadas não convencem e há os que vêem nela modesto avanço. A medicina por vezes dá a impressão de estar pouco além da adivinhação e da magia: talvez seja devido à pretensão de entender e alcançar o fundo do abismo infernal do corpo humano. E se ainda temos que agradecer os avanços da medicina por nos manter por mais tempo num planeta opressivo, é exasperante e bastante lastimável que existam ainda cérebros capazes de bradar em alto e bom som que “vencemos as epidemias”(essa batalha vai além dos “supra-poderes” da medicina e definitivamente não foi vencida), como se esse fosse o único problema de saúde do planeta, e como se a saúde mental não fosse hoje o maior problema, e como se não surgissem centenas de doenças a cada novo nascer do sol, cada vez mais incuráveis, mais longas, mais torturantes, enfim, deixemo-os acreditar em seus louros. Todo esforço parece ter sua validade, que não se negue isso.

A economia também é uma carta bastante usada pelos pensadores afeitos à procura de uma causa preponderante para as características do universo humano e que venha a simplificar e aplacar, ainda que com uma peneira, a angústia da impossibilidade de se descobrir todas as causas necessárias e suficientes da complexa cadeia causal que envolve a mais “simples” consequência.

Ainda que existam vários fatores que ao longo da história da humanidade tenham sido alvo de estudos que os propunham como causas preponderantes, como a economia, a genética e a cultura, nenhum deles despertou tanta polêmica e aguçou tão tenazmente embates acadêmicos, quanto a “natureza” ou os chamados “fatores ambientais”, que foram enfatizados pelo “determinismo ambiental” ou “determinismo geográfico”.⁶ Para seus defensores, o ambiente físico ou os chamados fatores geográficos (solo, relevo, clima, recursos naturais etc) seria um importante ou principal agente⁷ a influenciar a humanidade e alguns de seus fenômenos, como a marcha da história, a formação do caráter das pessoas, a teoria política, a ascensão e queda das civilizações, a migração dos povos, o nível de desenvolvimento das nações⁸ e a formação dos traços culturais de uma sociedade (moral, jurisprudência, religião, crenças, hábitos, imaginação, entendimento, línguas etc).

Não deve haver a menor dúvida entre geógrafos minimamente esclarecidos, de que seria uma arrogância ingênua e grosseira acreditar que os rumos da civilização, que o curso da história e que praticamente todas as características do ser humano como

⁶ Determinismo ambiental e geográfico são sinônimos e o primeiro termo é mais freqüente na literatura, sendo uma tradução do termo “environmental determinism”, amplamente empregado pelos geógrafos. A preferência pelo uso do termo ambiental será justificada em outra ocasião. Apesar de menos freqüente, o termo “determinismo geográfico” também se disseminou bastante e esse alastramento estigmatizou injustamente a ciência geográfica.

⁷ Essa afirmação constante na crítica determinista, de que o “determinismo” ambiental considerava as influências ambientais como determinantes ou como condicionantes únicos ou principais de inúmeras esferas humanas será contestada ao longo da tese

⁸ O documento “além da economia”, do BID, traz análises do desenvolvimento da América Latina e explica que é profunda e persistente a influência da “Geografia” na constituição das sociedades americanas. A imprensa vê nisso determinismo, mas como é de praxe, enxergam apenas o que querem enxergar, usando as várias ideologias que mantém carinhosamente em sua cartola sensacionalista.

indivíduo, como sociedade e como cultura, possam ser explicados a contento meramente pela atuação do ambiente físico, ou em outras palavras, dos tão propalados “fatores geográficos”. Emerge daí uma questão: houve algum autor “determinista” que sustentasse tamanha falácia? Se a resposta for negativa, será suficiente para se inferir que há, então, uma interminável lista de autores que foram rotulados injustamente e descartados do “*mainstream*” da “elite” geográfica.

Negar completamente essa influência, e, mais ainda, reduzi-la a mero folclore ou devaneio, privando-a de legítimo interesse científico e ignorando-a como hipótese básica ou explanação genérica de inúmeras ciências, é uma atitude estéril, e em muitos aspectos, menos útil e relevante do que o fervoroso⁹ “determinismo” ambiental pós-Ratzel da primeira metade do século XX. E foi ao notar essa atitude anticientífica e precipitada da Geografia e demais ciências, que decidi repensar a idéia das influências ambientais na história do pensamento geográfico e buscar compreendê-las pelo viés dos discursos deterministas, concentrando-me no esclarecimento do emaranhado semântico que permeia o tema e na análise das críticas infundadas e que se baseiam numa mera crítica ao rótulo¹⁰.

Essa hipótese a que me refiro é básica em três sentidos: o de ser antiga e inevitável; a de servir como fundamento e sustentação preliminar para inúmeros estudos em Geografia física e humana, em ecologia, antropologia, sociologia, história, ciência política, política externa; e enquanto premissa de validade universal eternamente a espera de confirmação e refutação, num jogo dialético constante que renova sua compreensão, joga luzes, revela nuances, incita ao debate, exorta à busca de evidências, demanda revisão de conceitos, de teorias correlatas, desperta querelas filosóficas adormecidas, ou seja, trata-se de uma hipótese que é tão antiga quanto o conhecimento, e tão polêmica quanto todas as outras grandes questões que têm intrigado tantos cientistas e filósofos em suas vidas acadêmicas.

⁹ Fervoroso não no sentido de ser um “determinismo” estrito e dogmático, mas sim no sentido de ter abusado da retórica determinista, em especial da licença poética, tão comum nos escritos de geógrafos que dominavam com talento a arte da escrita.

¹⁰ Bordieu é um dos autores que muito contribuíram para essa problemática da crítica em ciências humanas.

Consciente da complexidade de um tema que sempre foi alvo de polêmicas e debates apaixonados freqüentemente eivados de preconceito, estereotipagem, e desentendimento entre diferentes áreas do saber, além de divergências severas (em geral sem sentido) entre geógrafos, pretendo com esta pesquisa jogar nova luz à compreensão da história do pensamento geográfico, e trazer para a Geografia brasileira uma discussão nova¹¹ a respeito da idéia das influências ambientais e do “determinismo” ambiental, temas estes que têm sido alvo de profícuos debates na Geografia anglo-saxã.

¹¹ Nova, apenas no contexto brasileiro e considerando-se apenas as publicações, dissertações e teses.

1.2 Apresentação da tese: dos objetivos e não-objetivos

“A missão é cada vez mais impossível. Mas a abdicação tornou-se ainda mais impossível”

Edgar Morin

Antes de iniciar a explicação dos objetivos dessa tese, julgo necessário explicar, para além de qualquer protocolo, quais NÃO são os meus objetivos e minhas intenções. Assim, a lista abaixo esgota, espero eu, as possíveis interpretações apressadas do leitor que venha a atribuir a meu estudo uma função e uma intenção que simplesmente não corresponde ao que foi de fato realizado. Assim, para se refutar, a priori, algumas possíveis más-interpretações de meus intuitos com esta pesquisa, foram elencadas sete miniaturas prolépticas:

1. Esta tese não é um estudo da história da idéia das influências ambientais na história da humanidade, posto que tal empreitada exigiria ao menos um volume bíblico de cada pesquisador que representasse sua área de atuação, da filosofia às artes, passando pelas ciências humanas e naturais. Contudo, há de fato uma preocupação em discutir, do ponto de vista geográfico, alguns importantes momentos históricos dessa idéia tão persistente no universo científico.
2. Esta tese não defende o que se convencionou chamar de “determinismo ambiental”, ou seja, não advoga como verdade tudo que foi dito sob este rótulo impreciso e injusto. Todavia, pretende mostrar que muito do que foi dito pelos chamados “deterministas”, ou foi consistente de algum modo e sob certos pontos de vista, ou ainda está esperando um estudo mais elaborado e profundo, do que permanece, por conseguinte, como hipótese básica ou explicação genérica.
3. Não há a intenção, embora em muitos momentos do texto possa parecer, de provar em apenas 700 páginas, que os fatores ambientais ou geográficos são

os principais para se explicar as ações humanas e o desenvolvimento das sociedades e das civilizações. Ninguém jamais alcançou tal intento¹², não por faltar gênios, mas pela escassez de evidências, e principalmente pela própria natureza um tanto imperscrutável do tema.

4. Esta tese não pretende fundar mais uma “cartilha” metodológica de pesquisa em Geografia, nem tampouco explicitar a maneira “correta” de se fazer a história do pensamento geográfico, mas ousa, sim, elencar alguns problemas comuns e danosos à pesquisa teórica e epistemológica, bem como alguns vícios e preconceitos que emergem como verdadeiros obstáculos à lapidação da história do pensamento geográfico, suas teorias, hipóteses, conceitos, autores, obras e paradigmas. Outros caminhos existem, e são válidos e sólidos, mas tão somente pretendo apontar alguns problemas freqüentes na interpretação do pensamento geográfico, e que de tão graves, me levaram a escrever esta tese, pois são esses problemas os responsáveis pela má-compreensão da idéia das influências ambientais, fantasiosamente rotulada de “determinismo ambiental/geográfico”.
5. Não há intenção, apesar de que muito seria meu desejo neste aspecto, de abranger detalhadamente todas as obras dos principais “algozes” do “determinismo”¹³, que segundo os reféns de mordças ideológicas e de emaranhados semânticos, seriam: Ratzel, Semple, Huntington, curiosamente todos eles geógrafos...
6. A proposta final não é a de um necessário retorno ao pensamento determinista (isso nem seria possível, por razões que serão apresentadas posteriormente) como condição para se fazer uma Geografia completa e sem tabus, mas a de que esses tabus, rótulos e preconceitos podem sim diminuir o campo de atuação do geógrafo, fechar-lhe os horizontes para a pesquisa e,

¹² Ou quase alcançou Ratzel? Semple? Huntington? Diamond? A soma de todos eles e de outros mais?

¹³ Surge aqui a primeira limitação e uma das grandes frustrações do percurso, que será comentada em momento oportuno.

principalmente, deixá-lo intelectualmente limitado, filosoficamente raso, teoricamente acanhado e epistemologicamente covarde.

7. Não se constitui em objetivo desta tese realizar um estudo abrangente sobre a relação homem-ambiente, mas sim, jogar luzes a um espectro em particular dessa relação: a influência dos fatores ambientais sobre a esfera humana. Também não se pretende esgotar esse ângulo de estudo, mas apenas centrar-se em questões diretamente relacionadas à Geografia, tendo como foco a maneira equivocada de se conceber o que veio a ser rotulado de “determinismo ambiental”.

Finda a necessária prolepsia, buscarei defender a seguinte tese: Na história do pensamento geográfico há um grande equívoco na maneira pela qual é concebida a idéia das influências ambientais, rotulada de “determinismo geográfico/ambiental”. Isso significa que o tema tem sido tratado sob estereotipada roupagem, empobrecendo a Geografia e difamando e subestimando inúmeros geógrafos, bem como suas obras e idéias. Assim, pretende-se demonstrar a importância histórica da idéia das influências ambientais que subjaz ao “determinismo ambiental”, a inevitabilidade lógica de sua existência enquanto hipótese básica, e a impossibilidade epistemológica de se negá-la como um dos paradigmas¹⁴ ou hipóteses básicas da Geografia.

¹⁴ Um paradigma, enquanto modelo a ser seguido pelos métodos usados, não parece ser o termo adequado para se referir ao “determinismo ambiental.” Também não é adequado enquanto pressuposto filosófico, nem enquanto conhecimento que dá origem a um campo de estudos. A idéia das influências ambientais, todavia, como hipótese básica, se assemelha em alguns aspectos a um paradigma, uma vez que se encaixa em uma das definições de Kuhn (1978), a de ser uma teoria que por um período mais ou menos longo serve de referência para pesquisas subseqüentes sobre os problemas por ela suscitados. Essa discussão sobre a pertinência do termo paradigma será retomada discretamente no capítulo 2 e ao final da tese. Contudo, reconhecemos a dificuldade em lidar com essa questão, por fugir ao tema e por ser inerentemente instável. A “alma” que fundamenta o que se rotolou de “determinismo” é muito mais que um paradigma, ao menos na concepção de Khun, pois essa alma é perene, uma hipótese perpétua, e os paradigmas mudam, interagem dialeticamente uns com os outros e sofrem revoluções. Assim, comunico de antemão que foi difícil tomar uma posição lúcida e clara sobre a pertinência do termo paradigma. A única certeza é a de que as idéias das influências ambientais tem

Cabe esclarecer que, uma vez que se está realizando uma história das idéias geográficas, e que a neutralidade científica não tem sido uma constante no universo acadêmico, não se pode escapar à constatação de que as idéias deterministas e suas críticas devem ser concebidas enquanto discursos e não como teorias, dogmas ou filosofia. Quando necessário, tanto quanto possível, esses discursos deterministas e antideterministas serão analisados em termos de seu contexto de elaboração, disseminação e assimilação, ao passo que os emaranhados semântico-conceituais que lhes perpassam serão iluminados. Acreditamos que haja um lamaçal semântico no que se refere ao julgamento de discursos a respeito da relação ambiente-sociedade. Assim, partimos do pressuposto de que é necessário, antes de qualquer coisa, repensar as noções de “influência”, “condicionamento”, “determinação”, “determinismo” e “possibilismo”.

Essa reinterpretação, da gênese e desenvolvimento de uma hipótese tão controversa, exigirá, por conseguinte, um resgate histórico e uma revisão teórico-crítica na literatura geográfica, e em outras ciências, dos discursos acerca do papel exercido pelo ambiente físico nos aspectos humanos ou, em outras palavras, dos fatores ambientais sobre a humanidade. Por meio de uma série de estratégias que serão explicadas adiante, e que se fundamentam numa postura crítico-filosófica da linguagem usada pelos autores estudados, pretende-se realizar uma crítica da crítica ao determinismo ambiental, separando as críticas infundadas e pouco pertinentes, daquelas que enfocaram as reais fraquezas dos discursos deterministas sem ignorar seus méritos.

Destacamos, ainda, que a presente pesquisa pretende questionar o entendimento de que um discurso sobre a relação ambiente-humanidade possa ser taxado de

se constituído em uma hipótese básica desde os primórdios da ciência e será sempre nossa sombra, quer queiramos ou não. Nossa sobrevivência neste planeta depende do devido respeito a essa sombra, sombra esta que, na verdade, acha-se impregnada de luz. Ou vemos a luz que cintila nos interstícios dessa sombra-mater, ou teremos lentes chamuscadas, córneas tumorizadas, pupilas contraídas e pálpebras caídas como uma cortina de um palco abandonado, onde atores maltrapilhos fingem-se Hamlet ou Napoleão, sob cujas máscaras agonizam inconscientes os “déspotas escurecidos” pela sombra-gaia ignorada.

determinista sempre que advogue alguma influência de fatores ambientais sobre quaisquer aspectos da realidade. Em nosso entendimento o rótulo “determinismo ambiental” caberia, em seu sentido filosófico, apenas a uma teoria que conceba determinação total de aspectos humanos (não naturais) pelos fatores ambientais (naturais), não cedendo espaço para outras causas e para o livre-arbítrio. Tal rótulo foi empregado de maneira imprecisa e confusa às mais diversas teorias e rapidamente passou a significar um estigma carregado por aqueles geógrafos envolvidos na linha de fogo entre certas disputas acadêmicas.

Ao questionar a pertinência do rótulo “determinista”, pretende-se trazer para o debate a complexidade de um tema que sempre foi alvo de polêmicas e debates acalorados marcados por um misto de preconceitos, generalizações grosseiras e desentendimentos entre diferentes áreas do saber, além de divergências severas entre geógrafos e “escolas de pensamento”.

Ao se fazer a leitura crítica de Hipócrates, Montesquieu, Semple e Huntington, dentre outros intelectuais acusados de defenderem teses deterministas, pretende-se “separar o joio do trigo”, identificando as idéias que, na época, puderam ser consideradas pioneiras, cientificamente sólidas e fundamentais para a consolidação da Geografia moderna, com grande contribuição para as ciências em geral, indo além de generalizações infundadas ou devaneios poéticos carentes de evidências. Assim, busca-se reconhecer que aqueles consagrados autores, muito embora tenham trazido à tona relações imponderáveis e às vezes insustentáveis a respeito das esferas de influência dos fatores ambientais-climáticos, com falhas metodológicas e outros equívocos, tiveram papel fundamental na história do pensamento geográfico, pela ousadia de suas concepções, pela abrangência de seus estudos e pela influência que exerceram sobre um vasto número de áreas do conhecimento. Além disso, suas obras lidaram com um tema que, por sua própria natureza, é sempre atual, e não deve ser ignorado por geógrafos e outros profissionais.

Quanto ao termo “determinismo ambiental”, ele será preferido ao termo “determinismo geográfico”, que aparecerá apenas nas citações dos autores que fazem seu uso ou em casos específicos e necessários. O motivo de se evitar tal termo é que

associar o adjetivo “geográfico” a “determinismo” é injusto e impreciso. Essa associação implica no entendimento da Geografia como ciência que se baseia exageradamente no estudo dos fatores ambientais e suas influências, e como os fatores ambientais resumiam-se aos fatores naturais, na concepção vigente naquela época, a Geografia era vista, primordialmente, como ciência que estuda a natureza, ou seja, essas crenças levavam a um reducionismo brutal dos escopos da disciplina e de seu alcance como ciência.

Ainda que os geógrafos tenham se engajado enormemente em discussões deterministas na primeira metade do século XX, o fato é que as origens de tais idéias “deterministas” não se relacionam a geógrafos, e cabe alertar que, dentre os deterministas mais radicais, parece não haver nenhum geógrafo. Assim, o termo “determinismo geográfico”, sempre que proferido, causa rubores e constrangimentos em geógrafos, em princípio pela força do termo que comporta nossa palavra sagrada, e depois pela miríade de folclorismos e generalizações estereotípicas que instantaneamente são evocadas pelo termo.

É preciso esclarecer, uma vez mais, que não se defenderá a tese de que os fatores ambientais-climáticos formam a principal influência sobre o desenvolvimento da humanidade. Alternativamente, pretendo mostrar, trazendo as discussões feitas pelos principais expoentes da Geografia, que as influências ambientais-climáticas sobre o ser humano em particular, sobre o conjunto da sociedade, e inclusive sobre a origem, distribuição e desenvolvimento das civilizações são relevantes, merecem mais atenção, e sempre fizeram parte do temário geográfico. Além disso, as influências do ambiente e do clima sobre as atividades humanas têm se constituído em preocupação constante desde as primeiras tentativas humanas em sua jornada pela busca do conhecimento.

Os objetivos específicos da pesquisa estão contidos na lista a seguir:

1. Esclarecer o emaranhado semântico dos termos empregados nas obras rotuladas de deterministas e, principalmente, dos termos usados por seus críticos.

2. Fazer uma análise das críticas ao determinismo, diferenciando-as em termos de pertinência, e enfocando problemas tais como: rótulos, recortes descontextualizados, generalizações apressadas e simplificações diversas.

3. Mostrar a insustentabilidade da falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de um determinismo ambiental absoluto.

4. Resgatar os principais discursos a respeito das influências ambientais sobre a humanidade, iniciando com os gregos e finalizando com a culminância das “teorias deterministas” de Semple e Huntington.

5. Realizar uma leitura crítica e não tendenciosa de alguns autores como Hipócrates, Montesquieu, Semple e Huntington, a fim de justificar que não podem ser injustamente rotulados de deterministas.

6. Reconhecer a relevância histórica, científica e filosófica da idéia das influências ambientais que subjaz aos discursos deterministas.

7. Propor uma mudança na qualidade do debate sobre o determinismo ambiental e apresentá-lo como um discurso alicerçado na hipótese básica da idéia das influências ambientais.

Finalizando, esta tese representa meu esforço em desconstruir e minar algumas generalizações dentre tantas que historicamente têm permeado o temário geográfico, e de explicar o emaranhado semântico, filosófico, conceitual e epistemológico do tema das influências ambientais sobre a esfera humana.¹⁵ Assim, deve ser concebida como não mais que um mero prolegômeno¹⁶, essencial, todavia, ao estudo da relação

¹⁵ Assim como há generalizações sobre fatos e fenômenos, há também, e mostrando-se ainda mais nocivas, sobre a noosfera, ou esfera das idéias.

¹⁶ Prolegômeno é uma palavra de origem grega que significa “as coisas que são ditas antes”, ou seja, possui caráter prefaciador, esclarecedor das bases necessárias ao entendimento de uma obra. O termo prolegômeno também é empregado como introdução a uma pesquisa mais detalhada e particular de determinada ciência, ou como estudo preliminar e preparatório de um tema que se queira melhor estudar numa posterior investigação. Não há, assim, a pretensão de concluir um assunto, mas sim a de apresentar pressuposições básicas que auxiliarão futuras pesquisas em torno do assunto.

homem-ambiente¹⁷ (homem-meio)¹⁸, e em particular, ao estudo da história do pensamento geográfico, da idéia das influências ambientais e do determinismo ambiental.

¹⁷ Esse estudo pode ser enriquecido ao se falar na relação homem-meio-meio percebido.

¹⁸ Seja esse ambiente considerado como apenas não-humano (natural), ou como o conjunto de tudo que é exterior ao ser humano. É preciso, para tornar esta tese viável, e para não fugir ao foco da pesquisa, suprimir todas as polêmicas e contendas filosóficas (metafísicas-ontológicas), dignas de estudo e deveras instigantes, que gravitam em torno da definição de natureza e da contraposição do “humano” e “não-natural” a essa natureza abstraída. Quando se fala em ambiente e natureza no “determinismo” ambiental, deve-se concebê-los como sinônimos, abarcando, sem polêmica e incerteza, todos os fenômenos com origem exclusiva no mundo natural, como temperatura, solo, localização, forma dos continentes, traços geomorfológicos, etc. A temperatura, ainda que seja afetada pelas atividades humanas, tem sua condição de existência na natureza. A temperatura urbana, por seu turno, tem como condição de existência primeiramente a natureza, e o clima urbano não foi alvo de especulação das teorias deterministas, que atentavam para a influência da temperatura em geral, independentemente se tivesse como causa apenas a natureza ou também as atividades humanas. Na verdade, até meados do século XX, a idéia de ilhas de calor e microclimas não era muito disseminada. Além disso, os deterministas preocupavam-se com a influência dos climas como um todo sobre o homem, ou sobre entes abstratos como nação, desenvolvimento, política, ou seja, numa escala como essa, as variações de temperatura numa área urbana não teriam importância. Contudo, Huntington estudou os efeitos de ambientes climatizados sobre a saúde e a produtividade do indivíduo.

1.3. Das inquietações e celeumas que impulsionaram a pesquisa

O equívoco olhar de Narciso, fascinado por sua própria beleza, estaria substituído por um olhar frio, objetivo, escrupuloso, calculista e calculador: e as disciplinas humanas seriam científicas!

Hilton Japiassu

1.3.1. Da pertinência e atualidade do tema

“Retendo, da ciência, somente aquele seu preceito central, de que tudo é sujeito às leis fatais, contra as quais se não reage independentemente, porque reagir é elas terem feito que reagíssemos; e verificando como esse preceito se ajusta ao outro, mais antigo, da divina fatalidade das coisas, abdicamos do esforço como os débeis do entretenimento dos atletas, e curvamo-nos sobre o livro das sensações com um grande escrúpulo de erudição sentida. Não tomando nada a sério, nem considerando que nos fosse dada, por certa, outra realidade que não as nossas sensações, nelas nos abrigamos, e a elas exploramos como a grandes países desconhecidos. E, se nos empregamos assiduamente, não só na contemplação estética mas também na expressão dos seus modos e resultados, é que a prosa ou o verso que escrevemos, destituídos de vontade de querer convencer o alheio entendimento ou mover a alheia vontade, é apenas como o falar alto de quem lê, feito para dar plena objetividade ao prazer subjetivo da leitura.”

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

Considero suficiente justificativa para os estudos da idéia das influências ambientais o fato de que basta ao homem existir para que, ao menos alguns aspectos de seu ambiente natural circundante sejam vistos, ainda que minimamente, como um problema ou ameaça a seu bem-estar, independentemente do espaço ou do tempo que se considere. Assim, em todas as épocas e em todos os lugares, as influências ambientais se fazem sentir das maneiras as mais diversas e impõe aos homens alguma forma de resposta, qualquer que seja ela, desde estratégias variadas de adaptação e

ajuste, até a modificação dessas influências. Essas influências ambientais foram alvo de particular interesse pelo que se convencionou chamar, equivocadamente, de “escola geográfica determinista”, ou, ainda “determinismo geográfico ou ambiental”, termos cuja vaguidade e generalidade mais obscurecem do que iluminam toda uma dialética da relação homem-meio¹⁹, relação cuja natureza é complexa e não pode ser reduzida por falsas dicotomias e teorias frágeis.²⁰

Importantes referências acerca do papel exercido pelos fatores ambientais sobre a humanidade, como na formação e desenvolvimento das sociedades, nos rumos da história, na marcha das civilizações, no caráter do indivíduo e dos povos, aparecem, de maneira explícita, não necessariamente todos eles, em obras de grandes expoentes da Geografia como Ratzel, Ellsworth Huntington, Ellen Semple, Griffith Taylor, La Blache, Brunhes, Febvre e Max Sorre, Sauer; em autores das ciências sociais, como Boas, Lévi-Strauss; em historiadores, como Buckle, Caio Prado Junior, Toynbee; em marxistas russos, em teóricos políticos, na diplomacia, em obras geográficas de caráter regional, como as monografias da primeira metade do século XX; em algumas das primeiras obras da Geografia acadêmica, como por exemplo, Humboldt e Ritter; em relatos de viajantes europeus, como Saint-Hilaire, Ave-Lallement e D’orbigny; em trabalhos recentes de pós-graduação de áreas afins à Geografia e à climatologia; nas áreas da climatologia aplicada, como na bioclimatologia, agroclimatologia, e climatologia urbana; em obras consagradas das humanidades, como Casa Grande & Senzala (Gilberto Freyre); em grandes obras da literatura²¹ brasileira, como O Cortiço e Os Sertões²²; em obras-primas da literatura estrangeira, como “O Estrangeiro”, de

¹⁹ O termo homem-meio nesta tese é usado como sinônimo de homem-ambiente, ou homem-natureza, homem-ambiente físico, sociedade-natureza. Entretanto, o último termo será preferido.

²⁰ As soluções para diversos problemas da sociedade exigem uso da natureza, o que implica num antropismo desmedido, ou tais soluções prescindem da natureza, apoiando-se em entes abstratos ou formulações metafísicas?

²¹ Segundo Wallis (1926), o escritor britânico Taine acreditava que a literatura de seu país tinha sido ditada pelo ambiente natural.

²² A literatura e a política também foram influenciadas significativamente pelo “determinismo” geográfico e algumas obras literárias discutem a relação clima-sociedade deixando transparecer um

Albert Camus, em Best-sellers atuais, como a obra “Armas, Germes e Aço”, e “Colapso”, do geógrafo Jared Diamond; em políticas públicas das nações; e também em organismos internacionais, como o BIRD.²³

Jared Diamond, o mais atual e célebre dentre os “deterministas” rotulados pela crítica, afirma que há um preconceito, principalmente dos historiadores, em relação a idéia de que o ambiente físico e a biogeografia influenciam o desenvolvimento social, e que atualmente o conhecimento acumulado facilita a revisão dessa idéia: *“Naturalmente, o conceito de que o meio ambiente geográfico e a biogeografia influenciaram o desenvolvimento social é antigo. Hoje em dia, entretanto, essa opinião não é bem vista pelos historiadores. É considerada errada ou simplista, ou é classificada de determinismo ambientalista e rejeitada – ou, ainda, toda essa questão de tentar compreender as diferenças do mundo é evitada por ser muito difícil. A Geografia, obviamente, teve algum efeito na história.”*(DIAMOND, 1997, p.26) Diamond prossegue com dois questionamentos cruciais para o assunto e dos quais a Geografia e ciências afins não puderam se livrar meramente rotulando-os e descartando-os como impossíveis: *“A questão que permanece aberta é sobre a extensão desse efeito [dos fatores ambientais]²⁴ e se a Geografia pode ser responsável por um padrão mais amplo de história. Esta é um boa época para rever essas questões, em função das novas informações proporcionadas pela ciência”.* (id)

viés um tanto “determinista”. Todavia, nosso foco serão as outras áreas, por julgarmos que nelas houve maior impacto de teorias deterministas e suas ideologias, e também por uma questão metodológica relacionada ao recorte de pesquisa cabível a uma tese e ao tempo relativamente limitado de pesquisa. Na questão política, os Sprout escreveram um livro essencial e bastante esclarecedor, e que por assimilar-se ao meu propósito central (acender ao menos uma vela no porão conceitual e semântico dos discursos deterministas e antideterministas), será debatido mais adiante.

²³ Os autores e instituições dessa longa lista não podem ser rotulados, de modo algum, de “deterministas”. Aliás, se um deles o fosse, a coerência mandaria rotular todos os demais. Caberia aqui a pergunta aos geógrafos atuais, especialmente aos climatólogos: ainda pretendem rotular algum autor de determinista? Comecem então pelas próprias têmperas!

²⁴ Todos os comentários entre colchetes que aparecem nas citações é de minha autoria, assim como todos os grifos.

Diamond reconhece os avanços de um amplo leque de áreas de pesquisa e são essas variadas áreas que fornecem um cabedal de evidências que Diamond usa em sua polêmica obra. Assim, *“graças a disciplinas como genética, biologia molecular e biogeografia aplicadas às colheitas atuais e suas ancestrais silvestres; as mesmas disciplinas mais a ecologia comportamental, aplicadas a animais domésticos e seus antepassados selvagens; a biologia molecular dos germes humanos e de animais; a epidemiologia das doenças humanas; a genética humana, a lingüística; os estudos arqueológicos sobre todos os continentes e as principais ilhas/ e estudos sobre a história da tecnologia, da escrita e da organização política.”*(id)

Todavia, apesar de existir um razoável número de obras discutindo as influências dos fatores ambientais/climáticos sobre a humanidade, o fato é que inexiste na Geografia brasileira uma contribuição exclusiva sobre o assunto, que sistematize, na forma de levantamento bibliográfico e de análise preliminar, a contribuição desses pensadores ao longo da história da Geografia.

A respeito do eixo norteador desta pesquisa, o “determinismo” ambiental, cabe mencionar que se tem constituído, ao longo da história moderna do pensamento geográfico, em uma de suas hipóteses mais controversas, causador de intensos debates não apenas no âmbito da Geografia, mas também no das ciências sociais, história e outros campos do saber.

1.3.2. Da necessidade de uma nova história do pensamento geográfico: para além do emaranhado semântico, das amarras conceituais, das algemas ideológicas, dos rótulos, dos estereótipos e dos slogans descontextualizados

Determinismo aplicado ao desespero de pais de adolescentes:

“Diz-me com quem andas, que te direi quem és”

Versão geográfica do ditado popular elaborada pelos críticos do determinismo ambiental:

“diz-me com quais autores flertas, que te direi quão determinista és”

Nas universidades aborda-se o tema do determinismo ambiental “*en passant*” e sob uma estereotipada roupagem, como se fosse um vírus altamente contagioso. Assim, o determinismo ambiental (idéia das influências ambientais) não tem sido encarado como uma hipótese básica de importância fundamental para a nascente antropogeografia de fins do século XIX e para a fundação da moderna Geografia, tampouco tem sido reavaliado e repensado como um importante tema para a Geografia humana, ou, ainda, como uma das hipóteses básicas e inevitáveis à Geografia e também a outras ciências. Parece que raros geógrafos leram a integral das obras de Huntington e Semple, que só existe em inglês, e em alguns casos, em espanhol. Inclusive, alguns autores brasileiros que escreveram no campo da epistemologia, parecem, pela bibliografia que utilizaram, ter ignorado as obras de Huntington, Semple, Taylor e até mesmo as de Ratzel. Igualmente, não se vê na bibliografia dessas obras o grande nome da Geografia no tema da história das idéias ambientais, como Clarence Glacken, assim como estão ausentes importantes comentadores do determinismo ambiental, como Spate, Montefiori, Sprout, Peet, Martin, Jones, dentre outros. No Brasil, pela barreira lingüística, pela influência francesa, dentre outros fatores, a disseminação das obras estadunidenses foi inexpressiva, ao passo que as obras alemãs exerceram alguma influência, ainda que discreta e indireta, por meio de comentadores. Por conseguinte, uma espécie de “síntese estereotipada” dessas obras (Ratzel, Semple e Huntington) parece ter chegado até as ciências humanas no Brasil, que caíram na armadilha do rótulo e dos slogans deterministas.

O pesado estigma que gravita em torno das figuras de Ellen Semple, Ratzel e Ellsworth Huntington é tão difundido e contagioso que, talvez por esse motivo, um escritor de obra acusada de traços deterministas (houve o exagero de praxe da crítica), como Jared Diamond (foi acusado por James Blaut, em sua obra “Eight Eurocentric Historians”, de ser eurocêntrico), ignora Semple e Huntington (também acusados de serem muito eurocêntricos) a ponto de não constar de sua bibliografia e índice onomástico. Ou seja, o medo do rótulo, ou, mais freqüentemente, a subestimação ou desconhecimento de alguns autores clássicos, priva os autores contemporâneos de enriquecer suas análises, ainda que seja com enleios poéticos advindos dos clássicos

ou a título de contextualização. Falar de influências ambientais sem citar Ratzel, Huntington (que estudou o mesmo tema de Diamond e não foi citado!), Semple e alguns outros, equivale quase a escrever sobre o romantismo na música sem citar Chopin, Brahms, Schumann e Dvorak. Diamond não se ateve à história das idéias, há que se ponderar um pouco, mas apesar de seu foco recair sobre as evidências das influências ambientais (que estariam embutidas nos fatores Armas, Germes e Aço, título do livro), os grandes expoentes rotulados de “deterministas” poderiam ser ao menos mencionados, posto que para a época seus argumentos eram ricos e, principalmente no caso de Ratzel e Huntington, alguns são válidos e pertinentes ainda hoje. Ademais, Ratzel, Huntington e Semple foram os sedimentadores das teorias ambientalistas já enriquecidas e em processo de consolidação pelos iluministas.²⁵

É preciso exorcizar²⁶ esse estranhamento quanto ao ambientalismo, e para além de qualquer partidarismo acadêmico, repensar a gênese de tal paradigma e sua importância para a Geografia e reavaliar seu legado para uma reinterpretação das influências ambientais/climáticas sobre a sociedade. Não se trata de defender ou atacar tal hipótese básica²⁷, mas sim de reinterpretar e compreender sua importância científica, sua necessidade histórica e sua contribuição conceitual e epistemológica para a Geografia. Não se busca, com isso, defender a concepção de um mundo onde a natureza age e o ser humano obedece. O que se quer é trilhar outros atalhos, ponderar os discursos que demonstram as influências do ambiente sobre diversas instâncias da

²⁵ Digno de nota é que Diamond, biólogo de formação, apesar de ser professor de Geografia na UCLA, escreve uma obra inteira com fortes argumentos na direção das influências ambientais sem quase citar Geógrafos. Não é necessário falar que o mérito da obra, bastante instigante e rica em evidências, não depende da presença de bibliografia geográfica. Algumas perguntas emergem dessa ausência de geógrafos na obra de Diamond: Então o arsenal acumulado pela Geografia em dois séculos não é suficiente para se discutir o papel dos fatores geográficos na origem e desenvolvimento das civilizações? Ou o arsenal não tem qualidade? (ou seja, os geógrafos não convencem nesse tema?)

²⁶ Matley afirma que *“Indeed, so thoroughly has this exorcism taken place that many geographers experience a strong feeling of discomfort when any suggestion is made that the natural environment may play any role other than a purely passive one; any mention at all of the natural environment is embarrassing to some.”* (Matley, 1966, p.111)

²⁷ O sentido do termo “hipótese básica” será explicado em outro momento.

realidade e sistematizá-los como contribuição à história do pensamento geográfico em torno do paradigma do “determinismo ambiental”.

Ao ignorar o mais áspero “determinismo” e o mais ingênuo “possibilismo”, é preciso alcançar um posicionamento mais maduro, ponderado e comprometido com as realidades multifacetadas e complexas do desenvolvimento da humanidade no que concerne às influências ambientais/climáticas. Isso demanda uma revisão crítica e uma reavaliação das teses/discursos “deterministas”, desde que analisadas sem os preconceitos e resistências tão em voga nas ciências humanas. Ou seja, o estudo completo das relações homem-ambiente e a compreensão da história da humanidade, ao mesmo tempo em que não pode prescindir de um olhar atento às influências ambientais, deve ser cauteloso para não cair nas mesmas armadilhas que comprometeram os autores deterministas.

Assim, esses termos têm servido de rótulo para obras e autores de inestimável valor e reconhecida cientificidade e complexidade. Criou-se um tabu em torno da investigação da influência exercida pelo ambiente físico/natural sobre a cultura, a humanidade e o desenvolvimento das nações, como se ao atentar para essas inexoráveis influências, o geógrafo estivesse automaticamente negando o papel exercido pelos demais fatores que não os ambientais. Somado ao preconceito²⁸ e ao tabu que o envolve, há bastante imprecisão, subjetivismo e falta de critério na definição e uso do termo “determinismo ambiental”. Ainda não foi encontrada uma definição clara e bastante unânime para o termo, constatação que reforça a hipótese de que “determinismo ambiental” é um termo sem sentido, vazio, usado desmedidamente, e que pouco se sabe realmente sobre os chamados “geógrafos deterministas”. Houve, sem dúvida, autores que abusaram do alcance dos fatores ambientais sobre a humanidade (enveredando para uma espécie de misticismo ambiental), mas isso não invalida as contribuições da época que são aceitas até hoje ou que ainda são alvo de dúvidas e debates no seio da comunidade científica.

²⁸ Se alguém escrevesse um livro sobre teorias geográficas intitulado “Geografia da vergonha”, o chamado “determinismo geográfico ou ambiental” seria certamente o personagem principal!

Essa visão estereotipada e distorcida do que veio a ser denominado determinismo ambiental, na verdade faz parte de um preconceito mais amplo, fruto de uma má concepção e subavaliação do que se convencionou chamar de Geografia Tradicional. O termo “tradicional” evoca certos preconceitos em relação a esse período riquíssimo e fundamental da Geografia, fundamental no próprio sentido de ter estabelecido ou aprimorado as bases filosóficas, conceituais e teórico-metodológicas da Geografia, além de ter sido um período onde todas as grandes questões²⁹ foram levantadas e discutidas, do que se infere que quase nada do que se discute atualmente é de fato inovador. Temos hoje novas técnicas, e até mesmo novos problemas trazidos pelo desenvolvimento e antropismo desigual do espaço, porém as grandes questões, as mais centrais, e as mais instigantes, essas, têm sido alvo de reflexões desde a antiguidade clássica e nas primeiras décadas da Geografia acadêmica foram amplamente e profundamente esmiuçadas. Concluindo, o termo tradicional pode ser pertinentemente substituído por “clássica”, para se referir a uma Geografia digna de respeito e alvo constante de preconceitos e estereótipos, como se fossem todos esses geógrafos hábeis memorizadores dos afluentes do rio Amazonas.

Considero incorreto, impreciso e semanticamente inválido rotular uma teoria de determinista quando de fato ela apenas enfatiza a influência de fatores ambientais sem negar o papel de outros fatores ou da ação humana. Desse modo, esse rótulo não pode ser aplicado a uma teoria que sugere ou argumenta a participação não isolada de influências ou fatores geográficos³⁰.

Alguns autores famosos pelo rótulo de “deterministas” evitam o uso do termo determinação, o que pode ser uma evidência de que suas teorias não podem ser, de modo algum, taxadas de deterministas, posto que há ponderação, autocrítica e reconhecimento de limitações e que há apenas influências contornáveis no que tange à ação dos fenômenos ambientais.

²⁹ Referentes à realidade da época, evidentemente, pois atualmente há novos questionamentos que advêm de um novo mundo, de “novas necessidades”.

³⁰ Termos usados por Semple.

Ao se considerar a pureza semântica do termo “determinismo”, pode-se afirmar que não existem obras e autores deterministas. Por outro lado, o significado do termo³¹ tem sido definido mais pelo uso e contexto do que pela devoção semântica. Por essa via, a qualquer obra que insinue alguma influência de fatores ambientais sobre qualquer aspecto da realidade, ainda que mínima, tem sido empregado o adjetivo “determinista”. Assim, houve um esvaziamento do sentido filosófico do termo, uma vez que foi usado para caracterizar obras que concedem aos fatores ambientais tipos e formas muito distintos de influências. Desse modo, podemos afirmar que “determinismo ambiental” tornou-se um rótulo usado desmedidamente e que empobrece a obra de alguns autores, afastando seus potenciais leitores por mero preconceito contra o termo. Em muitas obras rotuladas de deterministas o que se vê é apenas uma tentativa, às vezes exaustivamente fundamentada, de demonstrar a influência de fatores ambientais sobre o curso da história, o nível de desenvolvimento econômico de uma sociedade, a marcha de algumas civilizações etc, sem desconsiderar a influência de fatores não-ambientais. Logicamente, o autor “determinista” optou por concentrar-se nos fatores ambientais e tal fato não significa necessariamente que os fatores não-ambientais não sejam igualmente ou mais importantes.

Semple, Huntington e Ratzel são autores autocríticos e em geral cientes das limitações de suas teorias, generalizações e princípios.³² Suas obras possuem complexidade ímpar e suas contribuições são consideradas como científicas, apesar de

³¹ Apesar de sempre alertar para os perigos no uso de alguns termos e palavras, deve-se reconhecer que seu uso é muitas vezes inevitável, e não há como escapar, pois a confusão existe na literatura do tema. Assim, o que pude realizar foi uma crítica e uma reflexão em torno da impropriedade dos termos, o que não significa que seja possível evitá-los. Por exemplo, ao longo da tese chamei vários autores de deterministas, como revelando “traços deterministas”, mas não significa que os considere de fato deterministas no sentido estrito da palavra, mas apenas que neles há ênfase sobre a idéia das influências ambientais. Essa confusão ocorre também com palavras de uso corrente que já foram esvaziadas de sentido pelo uso diversificado em contextos inúmeros, como Humanidade, Natureza, cultura, etc.

³² Dentre esses autores, Semple e Ratzel possuem um estilo mais rebuscado, com licença poética e floreios retóricos que podem conduzir o leitor a uma visão leviana das idéias por eles apresentadas.

alguns aspectos das obras terem sido ridicularizados pelos antideterministas³³. Dessa forma, o rótulo de determinista aplicado aqueles autores pouco condiz com a realidade. Sobre essa questão da pertinência do rótulo, poucos autores assumiram o rótulo (só o termo, não o conteúdo a ele equivocadamente atrelado) de “determinista”, como Taylor (“stop-and-go determinist”), Spate (“Neodeterminist”) e Martin (“Practising determinist”).

³³ Por vezes não sem razão, devido aos excessos.

2. DAS QUESTÕES EPISTEMOLÓGICAS: ESCLARECIMENTO TEÓRICO-METODOLÓGICO E LIMITAÇÕES DA PESQUISA

O homem de ciência reconhece que a única realidade para si é ele próprio, e o único mundo real o mundo como a sua sensação lho dá. Por isso, em lugar de seguir o falso caminho de procurar ajustar as suas sensações às dos outros, fazendo ciência objetiva, procura, antes, conhecer perfeitamente o seu mundo, e a sua personalidade. Nada mais objetivo do que os seus sonhos. Nada mais seu do que a sua consciência de si. Sobre essas duas realidades requinta ele a sua ciência. É muito diferente já da ciência dos antigos científicos, que, longe de buscarem as leis da sua própria personalidade e a organização dos seus sonhos, procuravam as leis do “exterior” e a organização daquilo a que chamavam “Natureza”.

Fernando Pessoa

Diante da constatação de que a confirmação das hipóteses de trabalho propostas nesta tese dependem primordialmente de uma eficaz limpeza de rótulos, preconceitos, estereótipos e generalizações em torno do tema, de modo a abrir caminho a uma posterior argumentação (contracrítica) em torno das principais vertentes críticas do “determinismo ambiental”, optou-se por alguns procedimentos teóricos e metodológicos que permitissem a consecução das argumentações em favor das hipóteses apresentadas.

Ao longo da pesquisa, a complexidade do tema foi emergindo de maneira cada vez mais clara e incisiva, fato que demandou de minha parte uma restrição cada vez maior dos assuntos que poderiam ser abordados com razoável profundidade, com conseqüente aumento da exaustiva pesquisa bibliográfica. É impossível negar que esse forçoso recorte foi feito à revelia de minhas intenções iniciais, e que como conseqüência disso, esta tese se mostra peculiar pelo grande número de

questionamentos levantados e não trabalhados³⁴; pela obstinada preocupação com a defesa prévia de possíveis objeções em torno de controvérsias; pelo número até mesmo excessivo de especulações sem prévio escrutínio (sempre justificadas em sua aparição, todavia); pela incomum quantidade de temas e subtemas (na forma de incontáveis assuntos gravitantes em torno da questão do “determinismo ambiental”) analisados brevemente, ou apenas citados, ou meramente sugeridos por meio de indicação bibliográfica; e pela ênfase na dimensão epistêmica e filosófica da pesquisa do tema.

³⁴ E que foram suscitados justamente porque comprovam a impertinência da simplificação e rotulagem do tema, ao mostrar a complexa teia de questões de cunho filosófico, conceitual, semântico e epistemológico que subjazem ao tema.

2.1. Dos procedimentos, da ambição esmagada e dos porquês das peculiaridades

*Falar é ter demasiada consideração pelos outros.
Pela boca morrem o peixe e Oscar Wilde.*

Fernando Pessoa

2.1.1. Da pesquisa bibliográfica e da seleção de autores

Conceito de preguiça acadêmica (reféns do telefone-sem-fio): fulano apud Sicrano apud beltrano apud deltrano apud zeltrano, ∞...

Ilton Jardim

Os autores discutidos nesta tese podem ser divididos em dois grupos: o que compreende aqueles que advogaram o chamado “determinismo ambiental” e suas variantes (“possibilismo”, probabilismo etc), e o que abarca todos os comentadores e críticos dessas “teorias”. Sobre os autores do primeiro grupo, devido ao grande número de pensadores³⁵ que têm discutido a idéia das influências ambientais sobre a esfera humana, algumas palavras devem ser ditas sobre o problema de sua seleção.

³⁵ Sobre a universalidade e permanência do tema desta tese, a idéia das influências ambientais, Glacken conclui seu livro afirmando que “*In exploring the history of these ideas from the fifth century B.C to the end of the eighteenth century, it is a striking fact that virtually every great thinker who lived within this 2300-year had something to say about one of the ideas and many had something to say about all of them.*” (Glacken, 1967, p. 713) Quando Glacken diz “*one of the ideas*”, ele está se referindo às três idéias principais a respeito da relação homem-natureza, que permearam a história da humanidade e das idéias: a idéia do plano divino, a idéia do homem como agente geográfico, e a idéia das influências ambientais, esta última o tema e foco da presente pesquisa. Ou seja, fica patente a dificuldade de seleção de autores, diante da universalidade de uma idéia que é inesgotável em suas nuances e desafios, indecifrável e incomprovável em larga medida, imprescindível cientificamente, instigante filosoficamente, necessária e inevitável historicamente, assim como é central e cara à Geografia.

A regra tem sido selecionar obras que fizeram uma importante contribuição para a idéia em questão, e também àqueles que, mostrando pouca ou nenhuma originalidade, introduziram a idéias das influências ambientais em outras áreas, ou revelaram uma continuidade do pensamento “determinista” ou de sua importância. Dessa forma, essa seleção implica principalmente na leitura das obras que se constituíram em marcos de suas épocas: “Ares, Águas e Lugares”, de Hipócrates, “Espírito das Leis”, de Montesquieu, finalizando com “Influences of Geographical Environment”, de Semple e “Civilization and Climate”, de Huntington. Ratzel não foi contemplado, lastimavelmente, por estar menos disponível devido à barreira lingüística e principalmente pelo volume e complexidade de sua obra, cuja análise por si só já resultaria em tese de fôlego. Ademais, Huntington e Semple foram mais criticados e me despertaram a curiosidade: afinal, foram os grandes hereges da Geografia conforme dizem?

Contudo, ao longo do caminho foi possível notar que algumas obras de autores possibilistas, como La Blache e seus seguidores, também fizeram fundamental contribuição para as teorias ambientalistas, ora apoiando-as (ainda que não declaradamente), ora refutando-as. A escolha dos autores deterministas não dá margem para dúvidas quanto aos critérios de seleção, conquanto os dois autores selecionados são de fato tidos pela historiografia como os expoentes do “determinismo geográfico”.

Quanto aos autores possibilistas, foram selecionados, a título de mera comparação pontual, La Blache³⁶, com “Principles of Human Geography”, Febvre, com “Geographical introduction to History”, e Brunhes, com “Geografia Humana”, com ênfase nos dois últimos, discípulos de La Blache. Sobre Brunhes, um acidente de percurso ocorreu dois meses antes da entrega: Trata-se do fato, lastimável, reprovável, da versão que tenho em mãos ser uma versão traduzida e resumida. Obras resumidas deveriam ser proibidas por lei de existirem, principalmente quando se tratam de obras-

³⁶ De Martonne, Vallaux e Demangeon são indubitavelmente autores de peso no cenário francês da Geografia, contudo, sua importância para o tema desta tese permanecerá uma incógnita, uma vez que não há espaço para sua inserção, e também pelo fato dos autores selecionados serem suficientemente relevantes para o esclarecimento do tema.

primas ou obras originais e de grande erudição.³⁷ Clássicos não se mutilam dessa forma. Bem, essa descoberta de que não passava de um resumo ocorreu quando ao ler uma citação de Brunhes feita por Kriesel, notei que a página 599 não existia na versão resumida e assim não pude consultar o contexto da citação. Assim, tendo um resumo, e ainda por cima, traduzido, resolvi tratar de Brunhes com moderação, estritamente o essencial, até mesmo porque não era minha intenção analisar detidamente esse autor. Na verdade, usei os autores possibilistas franceses apenas para confirmar a hipótese de que a dualidade determinismo/possibilismo é falsa, e para mostrar a pertinência e impertinência da crítica que fizeram aos “deterministas”.

Devido à complexidade das obras dos grandes pensadores da escola determinista e possibilista, torna-se inviável a inclusão de todas elas, e mesmo entre os

³⁷ Ou alguém gostaria de ouvir um “resumo” da nona sinfonia de Beethoven? Ou um resumo de “Dom Casmurro”? Ou de ver apenas o canto superior de um quadro de Monet, ou fragmentos dele remontados? Um livro, seja ele científico ou literário, ou ambos, é um todo com suposta coerência, e não convém resumir com finalidade econômica. Uma tese até pode passar pelo processo de resumo, quando é excessivamente analítica e prolixa, mas com os devidos cuidados, ao passo que não convém à compreensão de uma grande obra de autor essencial para a Geografia, ser alterada em sua originalidade e inteireza. Esse problema do resumo de obras extensas e complexas me lembrou daquelas versões “pocket” de grandes monumentos filosóficos que, por obra de algum semideus, foram mutiladas para ficarem mais “em forma” e “leve”. Tal acinte é extremamente irritante para qualquer pesquisador com o mínimo de sensibilidade. A sensação de ler uma obra para mais tarde descobrir que se trata de uma farsa (resumo é farsa, não é outra coisa) é no mínimo a de ter sido subestimado e iludido por sofistas em sua nova roupagem “made in capitalismo século XX”. Mas tudo isso não me exime da culpa de não ter lido o prefácio, onde Delamare e Deffontaines justificam a mutilação de três extensos volumes devido a “dificuldades advindas das circunstâncias” e inocentemente afirmaram que a versão resumida foi um sucesso, “esgotando rapidamente” e “correspondendo às expectativas”. Bem, não há dúvida de que a obra toda de Milton Santos, se comprimida por uma turbina de Itaipu, geraria um “best-seller” de 100 páginas em formato “pocket”. Bem, imagine então a obra inteira de Ratzel num opúsculo intitulado: “Ratzel em 80 minutos”. Foi assim que me senti ao saber que tinha em mãos uma versão muito reduzida de Brunhes. E não importa a autoridade de quem mutilou a magna obra, mesmo que tal ceifador fosse intelectualmente bastante desenvolvido, o fato é que a obra está incompleta, e isto é tudo.

grandes é preciso fazer uma seleção. Ademais, dentre os autores selecionados, somos impelidos a escolher apenas a obra mais importante ao tema, tarefa que foi facilitada pelos comentadores das obras e pela certa unanimidade em atribuir a elas o rótulo de obras-primas ou fundamentais³⁸.

O capítulo 4 traz uma breve análise dos discursos deterministas e dos autores que reconhecem de alguma forma a influência dos fatores ambientais sobre a cultura/sociedade, sem a pretensão de elencar e debater todos os autores e obras relevantes ao tema desta tese, pois isso significaria, incrivelmente, discutir praticamente todos os grandes pensadores e cientistas da história da humanidade, dada a abrangência do tema. Assim, o critério utilizado para se definir o número de autores foi o tempo, pois tivéssemos o dobro dele, seriam elegidos outros importantes autores do iluminismo, a antropogeografia de Ratzel, e as principais obras de Huntington e Semple, além de uma maior ênfase nos autores brasileiros.

Acredito que somente após um estudo mais abrangente é que seria tanto desejável quanto factível um estudo pormenorizado de um autor ou dois autores ou até mesmo de uma única obra. Uma tese dedicada exclusivamente ao estudo de uma obra da magnitude da Antropogeografia de Ratzel é um requinte do qual poucos poderiam se dar o luxo, não sem enormes riscos. Como iniciante, vejo a necessidade de primeiramente compreender o tema em suas conexões preliminares com outros temas e com outras áreas que não a Geografia e de esclarecer alguns emaranhados semânticos, rótulos, generalizações e recortes tendenciosos que permeiam a crítica ao determinismo ambiental. Assim, de posse dessa dimensão relacional epistêmica do tema, e identificando as condições de surgimento, construção e disseminação do determinismo ambiental, é que vislumbro a aquisição de uma competência necessária (contudo não suficiente) para se fazer estudos aprofundados sobre uma obra ou autor.

Todavia, não desejando ser interpretado como um pesquisador contraditório em seus propósitos e metodologias, alerto que essa minha proposta de se fazer um estudo

³⁸ Esses rótulos “positivos”(obra-prima ou fundamental) também devem ser questionados, pois no caso de Montesquieu, Buffon trouxe mais contribuições em numerosos aspectos, contudo, era mais “possibilista”. Dos gregos, Hipócrates tem uma obra de autoria incerta.

abrangente ancorado em vários objetivos e subtemas (até porque o tema demanda isso, então é uma tirania da natureza do tema e não uma escolha aleatória), não significa que os tratarei com levandade e ancorado em slogans e militância. Também não implica em trazer recorte tendencioso e raso das obras, tampouco significa que farei um estudo enciclopédico com um mero elencar de autores que discutiram o tema (estado da arte) e dos inúmeros assuntos relacionados.

Sobre os comentadores do determinismo, a seleção ocorreu pela comparação constante da bibliografia citada nas primeiras obras lidas, e pela contínua observação das bibliografias encontradas em cada uma dessas obras, que levavam ao encontro de outra lista bibliográfica, cujos autores citavam outros autores, e assim sucessivamente, até que se alcançou a qualidade e quantidade de obras necessárias para perseguir os objetivos propostos.

Finalizando, cabe explicar que a seleção ocorreu lentamente e ocupou todos os quatro anos de pesquisa. Isso se deve à ousadia inicial do primeiro esboço da tese, constituída de uma infinidade de sub-temas e áreas do conhecimento correlatas, e à dificuldade de encontrar os livros e artigos, seja nos sites internacionais de compra (cujos livros demoravam até três meses para serem enviados por transporte marítimo), seja nos bancos de artigos vinculados à USP, ou no demorado e burocrático sistema interlibrary. Ou seja, uma combinação explosiva de natureza prolixa do tema³⁹, com lenta pesquisa bibliográfica de raridades e obras estrangeiras inexistentes no Brasil (igualmente prolixa e heterogênea quanto às fontes), somadas à tendência de pensamento “brainstorm” do autor, forçou-o a uma diminuição brutal da proposta inicial, e por consequência, dos resultados alcançados, pois um terço do período de doutorado foi marcado por pesquisas bibliográficas desgastantes. Esse é um dos motivos pelos quais se optou por intitular esta tese de “prolegômeno” a um futuro estudo mais aprofundado e abrangente do tema. Em outras palavras, enquanto

³⁹ Que tema não leva ao labirinto da prolixidade quando levado a sério e sem os véus da desonestidade científica? O popular estilo “curto e grosso” (síntese e objetividade) frequentemente encoberta certa desonestidade e certo acanhamento, além do que levanta suspeitas sobre a competência intelectual do autor.

prolegômeno, é breve e bastante especulativo, maquinando hipóteses e ironizando inocências e malícias críticas, e assim estabelece as bases teórico-conceituais e epistemológicas para se acercar do tema livre dos vícios de pensamento que tanto tem empobrecido sua compreensão.

Explicando um pouco melhor a proposta inicial, fazia parte dos planos iniciais, não sem atentar para os riscos da empreitada, um estudo completo dos fundamentos científicos e filosóficos do determinismo ambiental, das ideologias⁴⁰ que em torno dele gravitaram e das críticas pertinentes e infundadas endereçadas a essas ideologias. Contudo, optou-se pela redução dos propósitos da tese, e esses dois temas, apesar de importantes e instigantes, foram apenas brevemente comentados, na forma de um subcapítulo. Nele, há um delineamento preliminar de dez ideologias gravitantes em torno dos discursos deterministas, e a identificação de dez teorias científicas e filosóficas que serviram de concreto armado para o desenvolvimento das idéias das influências ambientais e de seus traços mais deterministas. Também fazia parte do esboço preliminar um histórico dos discursos deterministas na história do pensamento ocidental, e que, ao contrário desta versão final da tese, realmente discutiria um grande elenco de autores, incluindo também a mitologia grega. Outro tema excluído foi a controversa questão do “determinismo climático” embutido na ideologia da insalubridade dos trópicos (que guarda um bom fundo de verdade nos argumentos em favor da não ocupação dos trópicos), com ênfase no Brasil e nas repercussões sociais e científicas de tal “ideologia”.

Sobre o problema de não se ler o autor no original, e basear-se apenas em seus comentadores, tal atitude é imprudente principalmente quando se acata irrefletidamente tudo o que foi dito ou quando são comentadores claramente não confiáveis e de qualidade duvidosa, ou, o que é pior, cuja obra não se aprofunda no tema que se quer estudar, dando “pitacos indigestos”. Assim, no caso da história das idéias das influências ambientais, Glacken é o comentador de maior renome e cuja

⁴⁰ É questionável a afirmação de que há ideologias subjacentes ao determinismo ambiental. Pode haver relação, mas essas ideologias não fundamentam o determinismo ambiental, nem tampouco estão presentes em todo e qualquer discurso determinista.

obra é a mais extensa e, ao mesmo tempo, a mais aprofundada. Por essa razão, vários autores menores relacionados ao “determinismo”, serão discutidos com base na leitura e interpretação de Glacken, e seus originais não serão consultados, por ser inviável à empreitada bastante preliminar e tateante de uma tese de geógrafo iniciando na área do pensamento geográfico, e devido ao fato de que uma análise já pronta, feita por uma mente brilhante na história das idéias ambientais, como foi Glacken, é de grande utilidade como referência de análise sólida e até o momento pouco contestável.⁴¹

Sobre a estrutura da tese, reconheço que por vezes se possa notar certa insistência repetitiva com algumas questões e idéias, mas em primeiro lugar, senti essa necessidade, dada a importância da idéia, e dada sua relação com diversos tópicos e subtópicos da tese. Em segundo lugar, há uma dificuldade que me acompanhou desde o início da pesquisa e que considero um dos grandes fantasmas na elaboração desta tese: a inevitabilidade da excessiva divisão em capítulos, subcapítulos, tópicos e subtópicos e a dúvida de em qual escaninho colocar cada personagem e cada conto, cada raposa e cada uva, personagens que com incrível frequência se mesclavam.⁴²

O plano original estava repleto de subdivisões, mas procurei enxugá-los, para não tornar o texto tão fragmentário. Mesmo assim, imaginei que essa divisão detalhista e já enxuta fragmentaria o texto, engessando as migalhas engavetadas que resultariam da fragmentação, e, conseqüentemente, e muito mais grave, dificultando uma contextualização que não fosse minimamente repetitiva. Refletindo e escrevendo, passei a notar que a compartimentação aparentemente excessiva foi um mal

⁴¹ Glacken, ao contrário de inúmeros comentadores do “determinismo” ambiental, não foi questionado por nenhum artigo científico no século XX desde a publicação de sua obra máxima, de 1967. Isso demonstra que suas idéias foram convincentes aos olhos acadêmicos, a ponto de desencorajar tentativas de solapar suas idéias, talvez pelo fato de sua obra ser imparcial e muito arguta, não deixando arestas ingênuas e flancos ideológicos que pudessem cair no caldeirão muitas vezes improfícuo da bruxaria acadêmica.

⁴² Há repetições que não se explicam senão por vícios e excesso de zelo em esclarecer e contextualizar um determinado assunto cada vez que ele aparece. Por essa razão, muitas idéias repetiram-se à exaustão, muito embora algumas repetições mostrem, produtivamente, novas nuances, ainda que juntamente com velhos bordões que parasitaram a tese do começo ao fim.

necessário, se é que posso chamá-la assim, pois espero ter me ajudado a não perder o foco principal da pesquisa, a clarificar os diversos contextos históricos, científicos e filosóficos em torno do tema, a permitir uma melhor sistematização das leituras em termos práticos e até mesmo a excluir algumas discussões e a escrever a tese com uma visão mais didática do conjunto.

Apesar de essa compartimentação ter ajudado em alguns aspectos, causou-me angústia diante da existência de inúmeras outras possibilidades de divisão do tema, algumas das quais já tarde demais constatamos serem um pouco mais adequadas, e também porque me via constantemente em dúvida sobre em qual “gaveta” caberia melhor determinada discussão ou análise, que para meu desespero, às vezes cabia muito bem em 3 capítulos diferentes.⁴³ Dessa forma, devido à conexão entre os vários subtemas, uma mesma discussão pode aparecer em três capítulos distintos, ou até mesmo em todos eles, porém sob nova retórica ou permeando e iluminando outros contextos.

O capítulo 3 deve ser visto como o centro nervoso da tese, pois o que moveu essa pesquisa foi a inquietação com os rótulos, com as más compreensões de teorias, com os slogans, descontextualizações e generalizações estéreis no seio da pesquisa teórica em Geografia, no que concerne a compreensão do que veio a ser chamado de “determinismo ambiental”. O capítulo 4, contudo, é essencial e quem sabe um pouco inovador, na Geografia brasileira, pela abordagem dos autores selecionados, mas não pôde cumprir sua função conforme os planos iniciais, que era estudar um número maior de autores e fazer uma história mais completa das influências ambientais.

⁴³ Nesse caso, eu notava que qualquer das três escolhas implicaria em dificuldades com as outras duas, pois ao se eleger uma, nas outras duas poderia ficar um vácuo, e assim, uma necessidade de discutir o tema tinha que ser ignorada, sob pena de repetir uma mesma discussão três vezes. Por essa razão que na tese se lê o tempo todo que “este assunto será abordado com detalhes mais adiante”, ou, inversamente, “este assunto tem forte relação com um outro assunto que já foi bem analisado anteriormente no capítulo tal”. Ou seja, pelo fato de que tudo que foi discutido na tese estar numa intrincada relação na qual vários subtemas ligam-se a vários outros subtemas, é que fui forçado a fazer pontes incessantemente, sem, contudo, ter que reavivar a discussão cada vez que tocasse nela.

Sobre a pesquisa bibliográfica, centrei as buscas na tradição anglófona, dado o papel fundamental que o pensamento anglo-saxônico exerceu sobre o tema. Na medida em que as leituras progrediam, houve a necessidade de se recorrer a obras específicas que, antes de considerável estudo em obras precedentes, não poderiam ser imaginadas como essenciais para a tese. No momento da entrega do projeto, a bibliografia básica já havia sido levantada, mas boa parte dela ainda não estava em mãos, e em torno de dois terços da bibliografia atual (quase toda em língua inglesa) foi sendo necessária ao longo das leituras, uma vez que a própria natureza teórica e abrangente do tema fez com que a leitura de algumas obras nos levasse à crucial busca de outra, que também por sua vez suscitava a necessidade de se ler uma terceira obra. Dessa forma, ao olhar para as referências utilizadas por alguns autores, urgiu-me buscar o original de modo a evitar citações das citações (que serão inevitáveis, todavia) e para entendermos o contexto do qual essas citações foram extraídas. Certamente que esse processo, se não interrompido a contento, pode tomar um tempo expressivo da pesquisa e desviar o autor de seu foco.

Aproveito este momento para esclarecer algumas questões de limitação da pesquisa. É imperativo que a própria natureza do tema me impôs o desafio, nem sempre superado, de restringir a pesquisa, delimitar com rigor os alvos da discussão, selecionar obras com precisão cirúrgica e excluir obras importantes diante da relevância ainda maior de outras obras. Como resultado, fui forçado a fazer escolhas, recortes e supressões as quais não pude evitar, mesmo que fosse minha vontade ampliar a discussão, realizar mais digressões, aprofundar-me mais num certo aspecto ou nuance da discussão, citar mais autores, esmiuçar com mais cautela alguma teoria ou contextualizar mais amplamente um determinado autor ou idéia. Trabalhar com o universo das idéias ou noosfera, intentar realizar uma sua história, e fazer isto de modo a superar os clichês desgastados e a tradição vigente, é tarefa perigosa, de muita demanda, e por essa mesma razão bastante motivadora.

Sobre a questão do idioma das obras, procurei sempre ler a obra em seu idioma original, mas em alguns casos, como o das obras em alemão, procurou-se a versão inglesa, portuguesa, e no caso da Antropogeografia, tive que me contentar com uma

versão italiana, mas diante da magnitude da obra, da maior demora na leitura em italiano, e de meu envolvimento com a Geografia estadunidense, a obra de Ratzel figura nesta tese sem maior e justo destaque, infelizmente. No caso dos autores possibilistas da escola francesa, optou-se pela versão em português ou inglês, pela maior facilidade e rapidez de leitura nesses dois idiomas. Ademais, o fato de mais da metade de nossa bibliografia estar em inglês já consome um tempo maior de leitura, o que nos força a não buscar os originais em francês de alguns geógrafos. A não leitura em francês não comprometeu a análise, pois a função desses autores para meus propósitos é secundária. Acredito que a opção pela leitura das obras anglófonas em seu idioma original favorecerá a precisão de idéias e não reforçará o emaranhado semântico que já permeia o tema.

Diante das inquietações que moveram esta tese, em torno do problema do rótulo, do preconceito e dos slogans, optou-se por submeter alguns geógrafos a uma pesquisa, para que se reforçasse a hipótese de que predomina uma visão estereotipada do determinismo ambiental e uma fragilidade na elaboração de conceitos. A pesquisa revelou uma predominante presença de rótulos, e mostrou que trechos de obras deterministas foram classificadas como sendo possibilistas e vice-versa, o que aponta na direção de uma falsa dicotomia, alimentada por erros dos críticos iniciais e que foram se perpetuando até se tornarem concreto armado nas mãos de professores e autores da área de epistemologia e história do pensamento geográfico. Houve diferenças entre geógrafos de diferentes universidades, pois muitos alunos demonstraram uma visão surpreendente do problema da falsa dualidade, como ocorreu com os alunos entrevistados na Universidade de São Paulo.

Como “mea culpa” final, devo reconhecer a audácia do projeto: recorreu-se a fontes heterogêneas que suscitam questões metodológicas que não resolvi definitivamente, pelo contrário, talvez tenham se empilhado. Junto aos riscos inerentes a toda empresa transdisciplinar, assumo aquele de haver incluído alguns problemas apenas esboçados ao longo da pesquisa e, muitas vezes, limitei-me a apontar meus questionamentos-angústia ou ousando um pouco mais na direção de indicar possíveis orientações de investigação, em lugar de resultados firmes.

2.1.2. Da abordagem historicista-contextual e da matriz temporal

“Recorte: eis uma idéia que empesteia as dissertações-dissociadas e as teses-tesouras”

Ilton Jardim

A presente pesquisa está preocupada com o desenvolvimento das idéias ambientalistas apenas na história do pensamento ocidental, que, aliás, incorporou muito de outras civilizações, como a Hindu, a Chinesa e a Muçulmana. Dessa forma, restringi as obras a serem analisadas de modo a centrar-me no pensamento geográfico europeu.

Estou convencido da artificialidade em se dividir a história do pensamento em séculos ou períodos, porém considerando que toda a historiografia ocidental se baseia em alguma forma de sistematização da história em grandes períodos, e que os autores que estudaram o tema desta tese em geral também optaram pela divisão tradicional em Antiguidade Clássica, Idade Média, Renascimento e Iluminismo, optou-se por seguir a mesma divisão. O período pós-Iluminismo (principalmente o século XIX) não será analisado em detalhes, dada sua complexidade, pelo tempo exíguo e, principalmente, por não trazer autores cuja importância supera os autores escolhidos nesta tese, salvo o caso de Ratzel e, possivelmente, Diamond. Contudo, serão enfatizados dois representantes da Geografia moderna no alvorecer do século XX, Huntington e Semple.

2.1.3 De algumas explicações incomuns, mas necessárias

Por que a academia toma a honestidade intelectual por arrogância ou por fraqueza?

Ilton Jardim

Na medida em que foram progredindo as leituras feitas ao longo do tempo de pesquisa, e após a apreciação crítica das mesmas, foram surgindo inúmeras dúvidas e necessidades de cunho filosófico, lingüístico-semântico, epistemológico e geográfico.

Cabe ressaltar que a mera busca de esclarecimentos para essas dúvidas constitui-se no próprio objetivo de nossa tese. Ou seja, importa mais o caminho percorrido do que a paisagem de chegada. Reconheço que por se tratar de tema controverso e não exclusivo da Geografia, corro o risco de abrir espaço para objeções de diversas ordens, fato que considero positivo, uma vez que o debate acadêmico só é possível em tal conjuntura, ou seja, a de flancos abertos que inexoravelmente conduzem o autor à reflexão minuciosa e teoricamente embasada do assunto. Desse modo, é preferível deixar algumas intrigantes questões em aberto a resolver dilemas milenares construindo falsa impressão de fechamento e conclusão. Ou seja, pretende-se evitar aquelas generalizações e conclusões precipitadas que, ao delinear uma pretensa aura de cientificidade, cria no leitor uma falsa e improdutiva segurança que tanto reduz sua capacidade de análise quanto abrevia o horizonte especulativo e inquiridor do tema.

Sobre essa necessidade de se aventurar por áreas que não as de formação do pesquisador, Glacken adverte que “*A historian of ideas must go where his nose leads him, and it often leads him into chilly but not inhospitable regions whose borders are patrolled by men who know every square foot of it.*”, para reconhecer que mesmo não se sendo especialista em algumas áreas, é inevitável e necessário sair dos limites de sua própria seara, pois “*A historian of geographic ideas (especially in the early periods) who stays within the limits of his discipline sips a thin gruel because these ideas almost invariably are derived from broader inquiries like the origin and nature of life, the nature of man, the physical and biological characteristics of the earth. Of necessity they are spread widely over many areas of thought*”. E esse é exatamente o caso da natureza do tema desta tese.

Diante dessas colocações de Glacken, e devido à premência do autor desta tese em ampliar seus próprios horizontes, abrindo também os do leitor, e à abrangência do

tema e o seu alcance teórico-epistemológico, foi necessária uma preparação bastante transgeográfica, que fosse além das discussões no seio da Geografia, exigindo assim leituras nas áreas da Antropologia, Sociologia, História, Linguística, Filosofia, Filosofia da linguagem, Ciência Política, e até mesmo da Psicanálise. Algumas das perguntas e hipóteses levantadas ao longo do trabalho podem não comportar uma resposta razoável e segura considerando-se o tempo e os propósitos de um doutorado. Nesse caso optou-se, ou por deixá-las no ar, ao sabor da curiosidade e reflexão do leitor, o que de modo algum compromete a coerência lógica ou o embasamento teórico-epistemológico da tese; ou por discutí-las de maneira preliminar, onde possíveis respostas ou caminhos a percorrer foram aventados.

Assim, reconheço que a presente pesquisa objetiva não apenas esclarecer algumas questões pertinentes ao tema, como também exibir um pequeno inventário de questionamentos sobre o tema e de aspectos intrigantes das obras deterministas analisadas e das críticas acumuladas ao longo do tempo. Diante da incerteza de ter de fato esclarecido o que me propus, resta-me a consolável certeza de que são inúmeros os questionamentos levantados ao longo dos cinco atos desta tese, muitos dos quais se espera que inspirem futuros pesquisadores nas áreas de epistemologia, Geografia histórica, História do Pensamento Geográfico, Climatologia, Filosofia da Geografia, “Geografia e Linguagem”, “Geografia e Psicanálise”. Se uma pequena parcela dessa esperança se concretizar, vislumbrarei em tal fato motivo suficiente para compensar quaisquer descaminhos por atalhos duvidosos que possam ter me afastado da alameda desejável.

Parafraseando Morin, cabe lembrar que, se por um lado, a noção do conhecimento parece evidente e una, por outro, o questionamento dessa noção leva-a a fragmentação, diversificação e multiplicação em inúmeras noções, cada uma gerando uma nova interrogação (Morin, 2000). Essa maneira de pensar é central para se compreender minha abordagem da relação ambiente/clima-sociedade e dos discursos deterministas e dela se infere que não há a necessidade de se esclarecer e esmiuçar cada uma das hipóteses e questionamentos suscitados pela pesquisa.

A abrangência dos questionamentos abarcará desde o universo semântico do termo “determinação” e a pertinência do adjetivo “determinista”, até a resistência da “elite” geográfica e, até mesmo de outros campos do conhecimento, em reconhecer a relevância do determinismo geográfico como paradigma inevitável historicamente e, em que pese os ideologismos muitas vezes contraproducentes, como reflexão abrangente e inovadora, em seu tempo, sobre o alcance dos fatores ambientais e climáticos como importantes agentes nos rumos das primeiras civilizações, no desenvolvimento das nações e até mesmo no comportamento humano. Desse modo, o encaminhamento da tese basear-se-á em questionamentos de distintas naturezas. Se ao final, a busca pelas respostas produzir um número de questionamentos maior do que os que foram “respondidos” (discutidos), não será isso, de forma alguma, sinal de que a tese não alcançou seus objetivos ou de que seu embasamento teórico é frágil ou desconexo.

Peço licença, nesta altura das explicações das limitações desta tese, para comentar sete pecados lingüísticos-metodológicos que não pude evitar. Entendo que essas armadilhas possuem uma função positiva, ao mesmo tempo em que podem comprometer a escrita, contudo, eles envolvem questionamentos que sempre me intrigaram e cuja proibição por alguns, sempre me pareceu injustificada. Essas armadilhas, das quais não pude fugir e que procurei transformar em ferramentas úteis, são:

1. Primeiro pecado: certa prolixidade. O tema exige sim digressões em série (daí a necessidade de uma minitese anexa nas inúmeras notas de rodapé), inconclusividades várias, empilhamento progressivo de questionamentos e explicações retoricamente tautológicas. Essas características às vezes aparecem em estudos de cunho teórico e pela natureza do tema abordado, eu diria até mesmo que delas dependem a qualidade e o alcance desta tese.

2. Segundo pecado: rodapés excessivos e extensos. Na opinião de alguns, pode haver um excesso entediante e obstrutivo do livre fluir do pensamento e da leitura, segundo outros, um excesso estimulante e necessário para o livre fluir da

compreensão. Até que ponto o livre fluir da compreensão pode ser feito às custas do livre fluir do pensamento e da leitura? Espero que nesta tese uma liberdade não tenha comprometido a outra. O uso extensivo explica-se pela natureza abrangente do tema e pela necessidade de se explicar e justificar sobre inúmeras questões, inclusive algumas que não é de hábito se explicar. Também entra no cômputo a necessidade de inserir explicações adicionais, esclarecimentos, justificativas, defesas prévias de possíveis objeções, esclarecimentos extras em controvérsias e alertas cruciais para se evitar “intellectual traps”, ou ciladas intelectuais.

Ao fazer uma retrospectiva das obras que conheci em minha vida, ocorreu-me que as notas de rodapé têm sido usadas na arte da escrita com as mais diversas intenções, como para conferir um sabor de “algo mais”, “sobremesa”, de “segredo a ser confessado”, de “fofoca acadêmica”, de “dicas bibliográficas em tom professoresco”, de “retórica-erudita-pirotécnica”, “de exibir capacidade de conexão”, de “crítica pesada” (pretendendo se camuflar pelas letras pequenas no esconderijo da página, mas que na verdade, acaba até por ganhar ainda mais relevo)⁴⁴, ou apenas para escapar da prolixidade de “brainstorms” e de pensamentos rápidos e perturbadores. Espera-se apenas que as notas de rodapé enriqueçam a leitura, facilitem a compreensão dos temas expostos, respondam possíveis objeções às idéias e termos usados nesta tese, e que não surtam efeito contrário.

3. Terceiro pecado: estrangeirismos e neologismos⁴⁵. Que me perdoem os puristas e “leões-de-chacára” da imaculada língua portuguesa, mas na ausência de

⁴⁴ Muitas vezes foram usados travessões e parênteses como um recurso desesperado diante da impossibilidade de inserir um rodapé dentro do próprio rodapé, que seria, convenhamos, muito útil, e um irresistível convite a digressões, especulações e improvisações, heresias estas confinadas nos cativeiros das milícias pedagógicas (FARP) que, abusando da forma e usando-a como escudo para a falta de conteúdo (teórico-conceitual e filosófico), insistem em querer governar o universo do livre (e bem) pensar pela instauração da caligrafia, do caderno “asseado”, dos “fichamentos”, dos portfólios divertidos e de qualquer estratégia que cheire “ordem e progresso” e que tome o tempo dos alunos para que possam assim cumprir seu papel de professores e educadores da “forma”. Aí, basta imaginar a lista de prerrogativas e de conseqüências para o famoso lema positivista.

⁴⁵ Nos dois sentidos possíveis do termo.

alguns termos para me expressar, por não existirem, por descuido meu, ou por mero capricho retórico e estilístico, cometerei o pecado do neologismo, parente próximo dos outros ismos já amplamente e ardidamente chicoteados no pelourinho da crítica. Curioso que em Guimarães Rosa seja elogiado, mas que em leigos seja vilipendiado.⁴⁶ Fica a pergunta: esse exclusivismo é produtivo e comunga com os interesses do avanço do conhecimento? Guimarães Rosa é o único ser humano que pode contribuir com a expansão da língua?⁴⁷ O que dizer do português das ruas, do cotidiano, que se enriquece a cada piripaque de um pai de santo ou com os xingamentos criados no calor da revolta em um estádio tomado pelo povo? Quanto aos estrangeirismos, ocorreram muito raramente, e não sou contra o uso de palavras “emprestadas⁴⁸” de línguas estrangeiras, mas tenho algumas objeções em relação aos que usam, sem saber usar qualquer outro termo em seu lugar, por mero modismo. A língua inglesa tem o maior vocabulário do mundo, afinal, foi o “Império onde o sol nunca se punha” e a língua portuguesa, bem mais modesta nesse aspecto, agradece qualquer doação. Como em torno de 90% das principais obras desta tese são de língua inglesa, e pela riqueza descomunal de termos, expressões idiomáticas, adjetivos, verbos e advérbios que não encontram paralelo em português, resolvi pari-los à língua portuguesa como “contribuição-colateral” do estudo sobre a tragédia da crítica ao “determinismo ambiental”. Resulta desse atrevimento que no dicionário Houaiss ainda não há menção alguma de certos termos utilizados nessa tese, pois a rapidez da “invasão” de “estrangeirismos” e de novos vocábulos e expressões desafia a atualização de qualquer dicionário.

4. Quarto pecado: frases longas. Elas serão evitadas na medida do possível, o que raramente é consecutível, por mutilar a lógica argumentativa, e porque um corte fragmentário resulta em pequenos retalhos que para serem conectados demandará um

⁴⁶ Em leigos (inclui-se os protótipos de doutores), a criação de palavras é ou rotulada como ato esnobe e performático, ou como ignorância da língua mater, ou, ainda, como insanidade. Ao menos, procedem assim os meretíssimos da academia.

⁴⁷ Ou devo venerar sua excelência Sr. Pasquale?

⁴⁸ Termo infeliz, em línguas não há empréstimo, há mesclas, “viralatismos”.

aborrecido estilo de escrita, abarrotado de conectivos enfadonhos e repetições cansativas.

5. Quinto pecado: uso demasiado de citação direta em detrimento de citação indireta por meio de paráfrase e resumo. Este pecado deve ser cometido se quero ser coerente com o que considero adequado para se realizar uma pesquisa em história do pensamento geográfico e epistemologia da Geografia. Ora, se vejo perigos no uso de rótulos, recortes descontextualizados, não-leitura do original e leitura exclusiva de traduções, tenho que evitar o máximo possível a descaracterização das idéias originais, que raramente escapam a certa mutilação e redução quando passam por tradução, resumo ou paráfrase. É a velha brincadeira do jardim de infância, o divertidíssimo “telefone sem fio”.⁴⁹

A citação direta é um convite para o leitor fazer sua própria interpretação da citação e da análise feita pelo comentador, enquanto a citação indireta convida a se escorar numa suposta capacidade de quem parafraseia e resume uma citação. Além disso, quando acompanhada de análise e crítica, a citação direta permite ao leitor avaliar se há pertinência e astúcia na crítica do autor ao trecho citado, e facilita a busca da citação no original, permitindo avaliar se houve algum recorte tendencioso. Mesmo que a citação direta possa implicar em recortes parciais e com intuito de convencimento e manipulação, ainda assim é preferível a uma releitura na forma de resumo e paráfrase, que permitem ao autor o máximo de distorção da obra original

⁴⁹ Resultaria em ótimo exemplo fazer o “telefone sem fio” com esta tese, seria mais uma clara revelação dos desafios e problemas intrínsecos do fazer científico, principalmente no lodo das humanidades. Aliás, muitos amantes das humanidades encontram o foco da sua paixão por essa área do conhecimento justamente na diversão proporcionada por aquela brincadeira, na qual pode dar vazão a todo seu potencial de rotular, manipular, reduzir, recortar, fantasiar, recolorir, generalizar, ideologizar, enfim, exercer o poder pela veiculação de mentiras. Assim, mesmo que fossem amantes da matemática, recusariam o mais sedutor dos convites para adentrarem as ciências exatas, posto que seu joguinho preferido seria pouco eficaz diante dos rigores de um teorema. Mas encontram caldo fértil e borbulhante na história das idéias e na crítica a autores, obras e teorias. Confesso que também prefiro esse borbulhar vacilante e imprevisível da grande sopa das humanidades, sem com isso me deixar seduzir pela crítica fácil, tomada pelo estereótipo de impacto, pelo recorte cínico, pelo silêncio invejoso.

com o mínimo de julgamento por parte do leitor indefeso, pois este terá mais dificuldade em contrastar com o original. Claro que o outro lado da moeda é o da citação indireta servir de estímulo ao leitor crítico e desconfiado, ao desafiá-lo a buscar ler o original, para extrair dele nova interpretação, na forma de novas paráfrases e novas ênfases, mas ainda assim, convém a esse leitor insatisfeito abusar mais das citações diretas, sem que sejam muito curtas, pois nesse caso há maior risco de descontextualizá-las.

A essas ciladas semânticas, prefiro o uso deliberado e freqüente de citações diretas, seguidas de comentários breves, ou recheadas com os talvez elucidadores “patês-interpoladores”. A citação direta pode ficar extensa devido ao recheio abundante, mas ganha em clareza e compreensão ao apresentar uma interação do autor da tese com as idéias do autor citado. Assim, a interrupção pode ser feita com precisão cirúrgica, para rebater, criticar, esclarecer, contextualizar, em vez de se concentrar a análise após a citação, obrigando o autor da tese a se explicar sobre qual frase ou idéia está se referindo, dentre as várias que compõem uma longa citação.

Em outras palavras, o que já está bem feito, que seja petrificado assim, o que carece de um “upgrade”, deve ser reelaborado, acrescentado, corrigido. Ou um geógrafo-assistente-de-pedreiro (doutorando) pode se arrogar o direito de parafrasear tudo, resumir, picotar, remontar, interpretar, quando se tem outra opção menos prejudicial – citação direta - ao esclarecimento do tema que se pretende iluminar? Essa atitude é altamente arriscada, para não dizer pretensiosa e ingênua, principalmente quando os trechos citados pertencem a autores da magnitude de Huntington, Ratzel, Brunhes, Semple, Boas e Glacken.

A estratégia da citação indireta é muitas vezes usada por pesquisadores que querem dar a falsa impressão de que o texto é todo deles, e assim investem pesadamente na paráfrase e ocasionalmente na citação direta de textos muito curtos, pois de outra forma temem ser acusados de fazerem mera “cópia” seguida de comentários breves, na clássica forma da famosa “colcha de retalhos”. A citação indireta na forma de paráfrase e resumo usa o mesmo tipo e tamanho de letra que o texto do próprio autor, e assim recheia com maestria esse texto do autor, de modo a

não passar a impressão de que o conjunto de seu texto não passa de um “picadinho-angu-aglutinador” de vários outros autores sem nenhuma análise, interpretação e crítica do próprio autor. Se as ciências humanas pretendem ser mais “científicas”, convém fazer mais uso da citação direta, com comentários, análises, ponderações e contextualizações que complementem devidamente tais citações, em vez de desfilar “trapos apud farrapos re-remastigados” para ocupar longos parágrafos com a função de supostamente delinear o que chamam de “fundamentação teórico-epistemológica”, como se a tarefa de parafrasear, de preferência uma infinidade impressionante de autores, fosse uma condição essencial da pesquisa séria e sólida. Fica a pergunta: um químico ou físico, diante de uma platéia ávida por se deixar convencer, deixaria de realizar o experimento ao vivo e a cores, na intenção de mostrar como se produz A a partir de B, para no lugar do experimento original e concreto, mostrar apenas uma fotografia do experimento, ou ainda pior, uma pintura impressionista do experimento, vagos ventos da memória, decodificados pelos pixels da sensibilidade momentânea?

6. Sexto pecado: uso das citações sempre na língua original, pois fugir da citação indireta e já mastigada pelas “cognomandíbulas” do autor, para cair numa outra armadilha, a da tradução⁵⁰, seria assaz nonsense. Traduzir é sempre reconstruir, transpor idéias para uma noosfera de outra natureza, com outra lógica lingüística, e daí ser toda tradução uma alteração de sentidos, de atmosferas, de cultura. Quando primorosamente bem feita, a tradução pode ter validade científica para a pesquisa, mas essa qualidade nem sempre é verificada, principalmente na Geografia, cujos arquitetos,

⁵⁰ A tradução de citações em teses e dissertações é realizada ou pelo autor sem o devido domínio do idioma, ou por tradutores não especializados na área da tese, alternativas que, cada uma a seu modo, constituem-se num risco. Daí resulta a impossibilidade de conjugar duas habilidades necessárias a uma precisa tradução: a de entender o idioma, e a de dominar o assunto. Por essa razão, as traduções de livros são feitas por tradutores profissionais e também por profissionais da área em questão, no caso, um geógrafo, que em geral é o revisor da tradução. Contudo, convém ao geógrafo que tenha um domínio da língua em nível igual ou superior ao do tradutor, do contrário, sua “inspeção e revisão” pode surtir pouco efeito e ser ineficiente, resultando em traduções sofríveis como algumas das que estão presentes na bibliografia desta tese. No caso de teses, a tradução é geralmente feita pelo doutorando leigo, sem revisão, ou por tradutores de qualidade duvidosa ou pouco exigentes.

em sua maioria, não se têm mostrado como dos mais bem sucedidos em lingüística, em gramática, em idiomas estrangeiros e em retórica. Outro motivo que impede a tradução das citações em inglês é que o trabalho de uma competente tradução demandaria um tempo incalculável do autor ou um custo muito elevado de um tradutor realmente profissional. Ao mantermos o texto no idioma original, estamos libertando o leitor de conhecer a obra pelas lentes do autor-tradutor, e permitindo uma leitura mais precisa do leitor, que poderá, assim, conferir e comparar a citação original com a interpretação do autor, sem se amparar na versão intermediária da tradução. Algumas citações longas são brevemente comentadas, e isso significa que o leitor fica livre para realizar suas próprias interpretações, sem a influência tendenciosa do autor, como ocorre com frequência em cartilhas e manuais ideológicos.

7. Sétimo pecado: excessivo uso de “aspas”. O uso das aspas foi excessivo por dois fatores: primeiro, porque ao tratar de rótulos e termos indevidos, julguei por bem não assumí-los, uma vez que os critico. O segundo motivo do grande número de aspas é que são usadas para um conjunto variado de finalidades, como ironizar uma idéia ou palavra, alertar para os preconceitos e ideologias embutidos no termo, chamar atenção do leitor, destacar um título de obra, para conferir unidade a duas idéias ou palavras, ou para identificar as palavras, expressões e algumas frases criadas ao longo do texto. Contudo, ao longo da tese abandonei o uso de aspas com termos freqüentes como determinismo e possibilismo, e seus correlatos, salvo em alguns casos nos quais quis destacar o rótulo impresso indevidamente.

2.2. Alguns planos básicos para libertar a “idéia das influências ambientais” do cativo determinista de seus seqüestradores erráticos: sete lentes musicais e uma sinfonia conSertante.

Presunçosos terráqueos! Nascem por determinação, morrem por determinação, e ainda que enjaulados no fusca-corpo que os transporta aos sacolejos entre um abismo e outro, acreditam-se soberanos e livres.

Ilton Jardim

2.2.1. Dó: Iluminando alguns conceitos e conotações do emaranhado semântico que permeia o tema

“Qual é a condição para se determinar a influência de uma determinação que condiciona a influência do determinismo condicionante?”

Autor desta tese, após refletir sobre o termo “determinação”

Há um lamaçal semântico no que se refere ao julgamento de discursos a respeito da influência dos fatores ambientais/climáticos sobre a humanidade. Assim, parte-se do pressuposto de que é necessário, a priori, analisar brevemente alguns termos equivocadamente empregados, precisar o significado de palavras com amplo histórico de vaguidade⁵¹ e verificar a legitimidade de certos rótulos. Assim, as questões teórico-conceituais e epistemológicas tratadas no decorrer da tese,

⁵¹ Alguns apontamentos concernentes ao uso freqüente de certas palavras devem ser colocados devido à natureza da pesquisa, que trata de alguns problemas no uso indevido de termos e rótulos e requer dos leitores um entendimento preciso do sentido de algumas palavras. As palavras a serem explicadas são: Natureza, ambiente (meio), ambiente físico (ambiente natural), clima, humanidade e ambientalismo. Todavia, deve-se reconhecer que é de todo impossível evitar certa imprecisão de tais termos, uma vez que sua confusão na literatura tem rolado como uma bola de neve por séculos de uso vago de termos, comportando cada um diferentes sentidos, do que se infere que não é uma tese de doutorado que vai iluminar essa seara de imprecisões semânticas.

especialmente no capítulo três, exigem os seguintes esclarecimentos prévios quanto à questão da linguagem, dos rótulos e dos conceitos:

1. Distinção das idéias de “determinação” e “influência”. Esclareço que diante da profunda confusão a respeito dos limites dos termos determinar e influenciar, é preciso utilizar-se da coerência semântico-filosófica para se justificar a necessidade do segundo termo em detrimento do primeiro.
2. Impertinência e equívoco no uso do termo “determinismo”. A principal objeção endereçada ao uso do termo “determinismo” é sua acepção original de cunho filosófico. A segunda principal objeção diz respeito ao seu sentido científico, atrelado ao mecanicismo e que não guarda muita semelhança com o tipo de “determinismo” presente nas obras dos autores rotulados. O termo “determinismo”, em sua acepção metafísica, nega ao ser humano qualquer grau de liberdade, do que se pode inferir que seu uso pelos possibilistas foi equivocado e ingênuo, senão até mesmo proposital, uma vez que tal termo traz em si séculos de radicalização da negação do livre-arbítrio.
3. A aplicabilidade do rótulo “determinista”. Este rótulo parece reduzir a complexidade das obras e o pensamento dos autores a mero folclore, lançando-os numa Geografia marginal que jaz no território do surreal. Assim, faz-se necessária uma discussão lingüística e filosófico-conceitual dos termos usados para se avaliar as obras supostamente deterministas e suas críticas. Consideramos incorreto, impreciso e semanticamente inválido rotular uma teoria de determinista quando de fato ela apenas enfatiza a influência de fatores ambientais sem negar o papel de outros fatores ou da ação humana. Desse modo, esse rótulo não pode ser aplicado a uma teoria que sugere ou argumenta a participação não isolada de influências ou fatores geográficos. Falar em “autor determinista” significa reduzir sua complexidade.
4. As conotações negativas do termo “determinismo”. O termo “determinismo” foi demonizado e seu uso é deliberado e mal empregado. Assim, é

necessário desfolclorizar seus significados e propor uma nova nomenclatura (ou a devida cautela no uso da que existe) para se referir a alguns dos discursos rotulados de deterministas. Termos preferíveis ao clássico “determinismo geográfico” seriam “determinismo ambiental”, adotado nesta tese; “ambientalismo” que pode, contudo, gerar confusões pelo amplo sentido da palavra em português e pela conotação ecológica; “condicionamento mesológico”, termo empregado como tradução de “environmentalism” na obra “Perspectives on the nature of Geography”, de Richard Hartshorne; e “mesologismo”, adotado em obras lusitanas. Mesologismo e ambientalismo são termos que não evocam determinação e conseqüente anulação da vontade humana e, portanto, são preferíveis. “Condicionamento Mesológico” evoca uma situação na qual o meio condiciona a ação humana, sendo assim uma alternativa que não preza pela precisão semântico-filosófica necessária para se dirigir às reais idéias dos “deterministas”. Este termo usa a palavra condicionar, que considero de muita força para ser usada em algumas teorias deterministas. Nem sempre os supostos autores deterministas consideram a natureza como uma condição a qual os humanos não podem superar. O termo influenciar ainda parece a melhor alternativa diante dos termos propostos até o momento. O termo mesológico é pouco empregado e pode causar estranhamentos. Além disso, a tradução da obra de Hartshorne foi imprecisa ao desconsiderar que meio é mais bem traduzido em inglês, pelo menos no sentido geográfico, como “milieu”, palavra emprestada, por sinal, do francês. Assim a relação homem-meio em inglês aparece, com frequência, como sendo “man-milieu”.

Minha objeção ao termo “determinismo ambiental” recai sobre a idéia de determinação, que é equivocada quando atribuída a todos os discursos rotulados de deterministas. Assim, ambientalismo, apesar de comportar diversos significados, é um termo muito mais adequado, mas ficou todavia restrito ao universo anglófono. Mesologismo seria uma alternativa, nesse caso aludindo ao “meio”, que em Geografia, pode ser sinônimo de

“ambiente”. Todavia, a vaguidade e generalidade do termo “meio” também impede maior clareza conceitual do termo mesologismo. Conclui-se dessa discussão que nenhum termo, de fato, é pertinente, e que o uso de qualquer um deles evoca imprecisões, ideologias e preconceitos acadêmicos, o que nos leva a reforçar a necessidade de se falar apenas em “questão ou idéia das influências ambientais. Trata-se de uma hipótese básica que considero estar no cerne mais íntimo da ciência geográfica, e que ao mesmo tempo pertence à maior parte das ciências.

5. A impertinência do termo “determinismo geográfico”. Determinismo ambiental e determinismo geográfico são sinônimos e o primeiro termo é mais freqüente na literatura, sendo uma tradução do termo “environmental determinism”, amplamente empregado pelos geógrafos do mundo anglófono. Atualmente, poderiam ser feitas objeções quanto ao uso do termo “geográfico” para se referir apenas às influências de fatores naturais, ou seja, aqueles do ambiente físico ou “physical environment” (termo também bastante usado pela tradição anglófona), uma vez que por “geográfico” se entende atualmente um número muito mais amplo de características do espaço. Assim, se fala hoje na “Geografia” de um país não mais como referência a meros aspectos físicos, mas a diversos outros relacionados à produção econômica, população, problemas sociais e principalmente às relações entre esses fenômenos. Todavia, há controvérsias sobre esse possível “all encompassing” e impreciso sentido do termo “geográfico.

Dessa forma, o termo “determinismo ambiental” será preterido. O termo “determinismo geográfico”, apesar de menos freqüente, foi amplamente disseminado e ainda hoje é utilizado, fato que tem reforçado um atrelamento da Geografia com o “determinismo geográfico”. Quando pensamos em “determinismo ambiental”, não nos remetemos necessariamente à ciência geográfica, mas sim, a todas as ciências que lidam diretamente com o chamado “ambiente físico”, ou natureza, usados nesta tese e na literatura

concernente como sinônimos. O problema aparece quando se insiste no uso de “geográfico” como sinônimo de “natural” ou de “físico”. Este legado antigo, que não nasce com a tão vilipendiada Geografia tradicional, mas sim muito antes, no mundo grego, quando primeiramente é usado o termo Geografia para se referir ao estudo que descreve a terra em seus aspectos naturais, é que, ao ser usado e disseminado pelos séculos, estigmatizou a Geografia no momento em que “autores deterministas” estavam sob os holofotes das ciências emergentes no final do século XIX e início do século XX. Esse mau uso do adjetivo “Geográfico” é reconhecido por inúmeros geógrafos. Clark (1960) afirma que “Geográfico” é meramente o adjetivo de “Geografia” e nada mais do que isso. Critica o uso indevido do adjetivo e afirma que *“To insist that ‘geographical’ implies a greater interest in nature than in culture (even if it often, or usually, implies interest in both) is quite to misread the purpose and practice of our discipline. (Clark, 1960, p.608)”*. O autor ainda afirma que o mau emprego do adjetivo reforçou o rótulo de deterministas colado ao geógrafos nas décadas anteriores. Para Lewthwaite (1966), o adjetivo “geográfico” quando usado para se referir restritamente aos aspectos físicos do espaço, é um *“unhappy term”*.

6. O problema da tradução dos termos em inglês. Também existe um emaranhado semântico no que tange o uso dos termos empregados em língua inglesa e que não possuem os devidos equivalentes em português. Em inglês o termo “environmentalism” (ambientalismo) é utilizado, além de outros sentidos, ora como sinônimo de “determinismo ambiental radical”, ora como uma versão mais moderada de “determinismo ambiental” e para esses autores o “determinismo ambiental” é mais radical que o “ambientalismo”, que reconheceria um maior papel dos fatores não-ambientais e do livre-arbítrio. Em português, o termo “ambientalismo” não se disseminou com esse sentido de “determinismo ambiental”, seja ele ambiental ou atenuado.

Nos países anglófonos o termo “environmentalism” costuma ser mais empregado por interlocutores com visão mais branda, menos crítica e mais ponderada do “determinismo”, ao passo que o termo “environmental determinism” tem sido mais usado no sentido pejorativo e pelos críticos mais radicais. O emaranhado semântico se agrava quando constatamos que o termo “environmentalism” é traduzido para o português ora como “determinismo ambiental”, ora como “ambientalismo”, ora como “condicionamento mesológico” e até mesmo como “mesologismo”. Quando reconhecemos que esses termos são fruto da inventividade de um idioma, não há problema algum. Entretanto, os termos dessa miríade de traduções, e todos os demais que constituem o amplo labirinto semântico do tema, além de parecer ter vida própria na esfera das idéias, com possível influência de seus leitores, também evocam uma série de preconceitos e geram um desarranjo conceitual quanto aos escopos da Geografia, à sua natureza e, principalmente, abrem espaço para uma compreensão equivocada e tendenciosa a respeito da questão das influências ambientais e da história do pensamento geográfico como um todo.

7. Denominação do “determinismo”. Outro problema linguístico suscitado pelo determinismo ambiental é quanto à denominação a ele conferida. Moraes e a Enciclopédia internacional de ciências sociais chamam-no de “doutrina”. Sprout, fala em “doutrina homem-meio do “determinismo” usando esse mesmo termo para se referir ao “possibilismo”. Moraes, ainda, afirma que os discípulos de Ratzel, ao radicalizarem suas idéias, criam a chamada “escola determinista de Geografia”⁵². Lewthwaite concebe o “determinismo” como “filosofia” e

⁵² A objeção que tenho contra este tipo de termo é que ele sugere a existência de uma falsa cisão na Geografia, o que leva o leitor a acreditar na existência de uma dicotomia que de fato existe apenas no embate acadêmico, num plano abstrato. Ao se falar em escolas de pensamento, corre-se o risco de simplificar a complexidade inerente da história das idéias e da ciência em geral, o que vem a abrir espaço para criação de estigmas, rótulos e disseminação de caricaturas, que passam a ser alvo de críticas, estas, por sua vez, jamais alcançando a essência da teoria ou idéia em questão.

“tese”, Blaut considera o “determinismo” uma “teoria”, Hartshorne fala em “conceito determinista”, Freeman usa o termo “hipótese”, Casserley e Tatham referem-se à “filosofia determinista”.⁵³

O termo filosofia, apesar de aparecer com frequência na literatura é o mais impreciso e o menos pertinente. Aparentemente o termo pode fazer sentido, ao se considerar que os dois lados da falsa dualidade possibilismo-determinismo, em alguns casos, basearam-se numa discussão do livre-arbítrio e da causalidade em nível metafísico, mas ao se olhar para as obras taxadas de deterministas e, principalmente, para as obras dos críticos do determinismo, o que se vê é não mais do que um discurso, uma quase teoria que é mais claramente uma hipótese explanatória genérica sobre a relação homem-ambiente ou homem-meio.

A questão é que não faz muito sentido em se procurar um substantivo adequado ao adjetivo determinista, posto que ele próprio é uma ilusão e totalmente impertinente. Assim, em vez de falar em “determinismo ambiental”, minha proposta, que será justificada ao longo da tese, é a de abandonar o uso de termos obscuros, imprecisos e eivados de preconceitos, como “determinismo geográfico e “determinismo ambiental”, e falar-se apenas de “idéia ou questão das influências ambientais”, haja vista a impossibilidade lógica e real de se advogar um determinismo puro e irrestrito. Todavia, se há que se usar uma denominação para o “determinismo”, proponho o uso do termo “discurso”, posto que a literatura do tema claramente visa a um embate acadêmico e os propositores do determinismo freqüentemente “discursavam” sobre ele tendo como lastro uma séria de ideologias que parecem fazer do determinismo muito mais um discurso e uma retórica sedutora necessários à política e aos anseios científicos e sociais de uma época, do que de fato uma tese ou filosofia.

⁵³ Essa feijoada indigesta com múltiplos temperos semânticos é no mínimo risível e no máximo pitoresca.

O termo “discurso determinista” não é usado pela literatura do tema e significa uma ruptura severa com as lentes embaçadas da tradição crítica.

Sobre essa dificuldade em se encontrar um termo apropriado para se referir à idéia das influências ambientais, é crucial destacar que Glacken, um dos mais cautelosos comentadores do “determinismo ambiental”, praticamente não usa este termo em sua obra, e para meu espanto, os termos “determinism”, “environmentalism” e “environmental determinism” sequer aparecem no index. Isso confirma que a aparição do termo “determinismo ambiental” e “determinismo geográfico” realmente se dá a partir do século XIX, disseminando-se rapidamente no início do século XX, pois Glacken estuda o período compreendido entre o século V a.C até o final do iluminismo, no final do século XVIII. Ainda assim, é digno de nota que Glacken não tenha sido contaminado pelo uso desses termos pejorativos e equivocados.

8. O sentido do termo “ambiente”. Sobre o termo “environment” (ambiente), assim como em português, possui vários sentidos. Nesta tese, assim como nas obras que constam da bibliografia, o sentido do termo “ambiente” está claramente vinculado à natureza, ou seja, aos fatores do ambiente físico abstraídos da realidade. Assim, os termos “physical environment” e “natural environment” aparecem como sinônimos de “environment” e são freqüentes em obras deterministas e possibilistas, e nas que criticam essas duas idéias.
9. O sentido do termo “natureza”. O termo “natureza” possui incontáveis significados em grego, latim e nas línguas modernas. Nas Ciências da Terra e, particularmente em Geografia, “natureza” é usado como sinônimo do mundo físico em sua totalidade, ou seja, de “ambiente natural”, que por sua vez é referido também como “ambiente físico”. É com esse sentido que a palavra natureza aparece nesta tese, além do que diversos autores de nossa bibliografia a usam também com essa mesma conotação. Contudo, nessa totalidade, os geógrafos reconhecem o homem como parte dessa natureza, mas o uso feito da palavra natureza não inclui o ser humano, já que as

influências ambientais a que aludem os deterministas são apenas advindas de fatores ambientais constituintes da terra na qual o ser humano vive, sem incluí-lo. Os “deterministas”, quando falam em influências ambientais também não se referem às influências de ambientes transformados, como represas, plantações e cidades, mas sim ao efeito direto e indireto de elementos naturais que permanentemente têm afetado diversas civilizações e sociedades, como é o caso do clima e seus elementos (temperatura, umidade etc), as formas de relevo, a hidrografia e os oceanos, dentre outros.

10. O sentido do termo “meio”. O termo meio é freqüentemente usado como sinônimo de ambiente, mas optou-se pelo uso deste último, posto que é a tradução mais comum do termo “environment”. Por sua vez, o uso do termo relação homem-meio, quando traduzido do inglês “man-milieu relations”, ou como sinônimo de homem-ambiente ou natureza-sociedade, será mantido, devido à popularidade de seu uso na literatura geográfica brasileira.
11. O sentido do termo “humanidade”. A palavra humanidade, ao contrário de seu significado corrente, de mero conjunto dos seres humanos, é usado como uma forma de sintetizar e abarcar todos os aspectos da realidade que são influenciados pelos fatores ambientais, ou seja, pelo ambiente físico. Todos esses aspectos da realidade, em última instância, relacionam-se ao homem. Assim, a palavra humanidade representa, sem esgotar todos os seus desdobramentos, o indivíduo (caráter, condições psíquicas etc), a sociedade (origem e desenvolvimento), o desenvolvimento econômico, os rumos da história, a distribuição dos povos, o desenvolvimento das civilizações, etc. Optei por empregar tal termo genérico devido à presença nas obras analisadas de um amplo espectro de instâncias da realidade sujeitas às influências ambientais/mesológicas, espectro este que engloba desde as condições comportamentais, físicas e mentais do indivíduo até os rumos da história e o futuro da humanidade.

12. O sentido do termo “clima”. O termo “clima” será usado em seu sentido atual, salvo na obra grega e de Montesquieu, onde era empregado no sentido de declinação e grau de latitude. (klima)
13. A presença de uma “retórica determinista” nos discursos de seus autores, caracterizadas por metáforas, floreios, alegorias, hipérboles, modos de narrativa, estratégias, dentre outros. Esses elementos de retórica têm um potencial de confundir, certamente, mas não justificam a imprecisão e leviandade de muitos críticos. Além disso, não podemos refutar um autor por mero capricho de não simpatizar com seu estilo retórico.

2.2.2. Ré: Retórica geográfica: figuras representativas de discurso e modos de narrativa

Eu falo

Tu falas

Ele fala

Nós falamos

Vós falais

ELES ACREDITAM

Ilton Jardim

Ao contrário da literatura e de algumas áreas das ciências humanas, como a sociologia, a linguística e a filosofia, há pouca consciência entre os geógrafos de que a escrita feita em seus campos de atuação é muitas vezes mal compreendida porque foi escrita num estilo retórico que não é do conhecimento ou do gosto da platéia. Nesse sentido aponta Smith, para quem

There is, however, little agreement on how best to render this service, largely because there has been little thought about the nature of the audience, or about its role in shaping geographical discourse. Geographers must recognize the existence of multiple audiences, and understand that these audiences are not identical to existing institutional and epistemological categories. Audiences are constituted by rhetoric prejudices and preferences.

To satisfy an audience, and earn its trust, the writer must confirm their prejudices and respect their preferences.” (SMITH, 1996, p.1)

Essa constatação de um problema que perpassa os textos e a arte da retórica geográfica levou Smith a elaborar dois “mapas” sobre a relação do texto com o leitor. O primeiro deles contrasta os quatro modos de narrativa de um texto (romance, tragédia, comédia e ironia) com os quatro modos de narrativa preferidas do leitor. O segundo mapeamento faz a mesma comparação, mas com referência às figuras de discursos predominantes no texto, como a metáfora, a metonímia, a sinédoque e a ironia. Assim, é possível saber como o leitor afeito ao modo cômico interpreta o texto escrito em modo trágico, e vice versa. Da mesma forma, temos uma pista de como as lentes “românticas” de um leitor podem influenciar sua visão de um texto irônico. O quadro abaixo mostra o primeiro mapeamento de Smith, baseado no renomado crítico literário canadense Northrop Frye⁵⁴, cuja carreira internacional ganhou projeção logo nos primeiros anos de graduação:

⁵⁴ Sua obra mestra “Anatomia da crítica” é considerada um dos principais trabalhos da crítica literária no último século. Nesta obra defende que há certos arquétipos e símbolos usados por toda a literatura, incluindo a científica.

QUADRO 1⁵⁵

	Mode of the Object (text)			
Mode Preference of the Subject (reader)	Romance (release)	Tragedy (Resignation)	Comedy (reconciliation)	Irony (removal)
Romance (release)	Reasonable because it holds out hope for transcendence over present limits, and it envisions new worlds	Conservative because it views historically contingent limits as natural, absolute, and eternal. [opinião do possibilista sobre o determinista]	Timid and unimaginative because it seeks to resolve conflicts through a restoration of harmony.	Cynical because it holds hope in contempt and it regards struggle as futile
Tragedy (Resignation)	Idealistic, utopian and unrealistic because it does not recognize the immutable limits to human action. [opinião do determinista sobre o possibilista]	Reasonable because it realizes that this is a dangerous world with real limits from which there is no scape.	Complaisant because it believes that all crimes (against humanity and nature) can be forgiven.	Whimsical and dangerously deluded because its dream of detachment ignores the fact that everyone is subject to the same rules.
Comedy (reconciliation)	Disruptive and reckless because it is iconoclastic and seeks to overturn (rather than restore) order	Pessimistic and gloomy because it fails to believe that everything will work out for the best in the end	Reasonable because it recognizes conflicts as transitory episodes from which all eventually benefit.	Alienated and embittered because it has needlessly dissociated itself from the conventions of the community.
Irony (removal)	Self-aggrandizing because it believes that effort and struggle is effectual and that accomplishments are meaningful	Pretentious because it makes claims to understand a reality that is in fact unintelligible	Naïve because its simple-minded dreams of integration and reconciliation ignore rather than remove the fact of alienation	Reasonable because it is simply commentary that does not claim to do or even understand anything

FONTE: FRYE ADAPTADO POR SMITH (1996)

O primeiro quadro mostra que o discurso dos deterministas, que em geral preferem o modo trágico, pode ser criticado a partir de três ângulos, e é reconhecido como pertinente apenas pelos autores que preferem o modo trágico. Assim, pelo romântico é visto como conservador, pelo cômico como pessimista, e pelo irônico como pretensioso. Ao longo da tese aparecerão críticas que se encaixam predominantemente em alguma dessas visões, mas muitos críticos exibem essas três objeções ao mesmo tempo, enfocando-as igualmente. Esse quadro visa a dar ao leitor um referencial teórico para que ele mesmo possa tirar suas conclusões. Não é o objetivo desta tese, classificar, sob quaisquer parâmetros, a crítica dirigida ao determinismo ambiental. Antes, pretende mostrar sua fragilidade e imprecisão no que

⁵⁵ As palavras em negrito são destaques meus.

concerne dois pontos: impertinência semântica, referente a conceitos, palavras e preconceitos associados; e a questão da crítica ao rótulo, da simplificação, do recorte descontextualizado, e das motivações anticientíficas associadas.

Smith não deixa de reconhecer que esse quadro é um esquema que simplifica tanto o leitor, pois o concebe apenas em termos do seu modo preferido, quanto o texto, que em geral é caracterizado por dois ou mais modos. A mesma observação vale para os tropos da tabela seguinte.

QUADRO 2

Trope Preference of the Subject (reader)	Trope of the Object (text)			
	Metaphor (comparison)	Metonymy (composition)	Synecdoche (context)	Irony (Contrast)
Metaphor (comparison)	Reasonable because it seeks to impart understanding	Pedantic because is obsessed with technical details and has forgotten that communication is the purpose of representation	Obscure and overreaching because it imagines abstracts systems and purports to discover significance	Perverse because it does not attempt to make sense of the world and seems to belittle the efforts of those who do.
Metonymy ⁵⁶ (composition) [deterministas e possibilistas]	Superficial because it is merely descriptive; suitable only for students and amateurs.	Reasonable because it is the accurate, meticulous, cautions, and thorough fruit of painstaking work.	Questionable because it is unsubstantiated, unverified, premature, speculative, or subjective. [opinião dos críticos sobre os deterministas]	Dismissible because it is the work of scoffers who don't understand the difference between science and ideology.
Synecdoche (context) [deterministas e possibilistas]	Trivial because metaphor establishes a relation between objects rather than between an object and its context.	Reductionist because it fails to appreciate holism and the need to situate itself in the big picture.	Reasonable because it contextualizes, interprets, and seeks to make a larger point	Regrettable because it is the work of spoilers who are interested in destructive criticism rather than creation
Irony (Contrast) [críticos do determinismo]	Deceptive because metaphors create as illusion of understanding	Deceitful because what purport to be maps of reality are in fact maps of power relations within society.	Preposterous because it claims to find pattern and meaning in a chaotic and unintelligible world. [opinião dos críticos ao determinismo]	Reasonable because it is not deceived by its own representations and it makes no attempt to beguile.

FONTE: FRYE ADAPTADO POR SMITH (1996)

A idéia principal do autor é a de que a preferência molda a avaliação que o leitor faz dos modos de narrativa que não são os seus favoritos. Assim, tende a achar

⁵⁶ O rigor, a meticulosidade, o trabalho incansável, o extremo cuidado com a pesquisa e com a análise fazem da metonímia uma figura de linguagem marcadamente presente em “deterministas” como Ratzel, Huntington e Semple. Note-se a aparente incoerência verificada entre deterministas e possibilistas que compartilham dos mesmos tropos de preferência, a metonímia e a sinédoque.

razoável e bem escrito apenas o texto que se enquadra no seu modo de preferência. Esses dois quadros representam um “tirar os véus e lentes unifocais” para aqueles que ingenuamente constroem uma crítica de um texto baseados em suas próprias preferências (leia-se preconceito).

Como seres humanos contraditórios, dialéticos, mutantes, inconstantes e de grande capacidade de autocrítica e autoavaliação (em tese), não necessariamente temos que ser reféns de apenas uma preferência. Somos capazes de ver pela lente do diferente, de assumir ângulos inusitados e de reconhecer o mérito que cada modo de narrativa e figura de linguagem possui segundo o propósito que se busca. Não é preciso argumentar excessivamente para defender que, qualquer texto escrito de maneira uniestilística, corre, na maior parte dos casos, o enorme risco de se alienar nas tramas da visão particular.

Ao mesmo tempo, temos características psicológicas, culturais e lingüísticas que nos definem em grande medida, e por essa razão não é tarefa simples fugir de nosso próprio “leitmotiv”. Partindo-se do pressuposto de que há no indivíduo uma essência que o define, e que um longo e dramático processo dá forma a esse “eu”, constitui-se em tarefa penosa, arriscada e desconfortável fazer variações em torno do tema “eu”. Somada a essa prisão no eu, temos o oposto disso, a inconstância e a instabilidade, e isso envolve a incerteza do conhecimento de que fala Morin. Uma característica não exclui a outra, pois não são contraditórias. Em alguns aspectos da existência e da vida estamos presos às idiossincrasias, em outros, predomina a multiplicidade de pontos de vista, a suscetibilidade ao prisma alheio e aos diferentes discursos, e à incerteza. Essas oscilações e “múltiplas personalidades”⁵⁷ nos permitem maior capacidade de análise, de contraponto, de autocrítica, e também podem fragilizar, solapar certezas e revelar, a contragosto do sujeito cognoscente, a inutilidade, a insuficiência ou no mínimo, a impossibilidade de alcançar o conhecimento da maneira que se desejaria.

Sobre os textos geográficos, a retórica, e sua relação com a audiência, Smith explica que *“there is no shortage of commentary by geographers on the merits and*

⁵⁷ Do ponto de vista acadêmico, maneira de conceber e produzir o conhecimento, filosofia de vida

deficiencies of their colleagues's prose. Very nearly all of this can be classed as either condemnation of the favored few or condemnation of the mediocre many. (...) Bret Wallace is, for instance, 'an enchanting fine writer' (C.Mather 1993:92); but repellent and inelegant prose is anonymously 'produced in the wasteland of contemporary academic life' (Connolly 1995:219). (SMITH, 1996, p.1) Smith explica que essas breves citações sugerem duas idéias relacionadas, que ele usa como ponto de partida para seu artigo:

First, they suggest the disappointing infrequency with which we, as individual geographers, encounter what we regard as excellent writing. This apparent paucity of eloquence is, however, to some extent an illusion that results from each of us reading a great deal of writing for which we are not the intended audience. It is not "addressed" to us, and writing appeals mostly, if not exclusively, to those to whom it is addressed (Burke 1969b:38). Because it is not addressed to us it appears replete with spurious reasoning, tedious banalities, barbarous jargon, wild surmises, ponderous obscurities, pedantic quibbles, and half a dozen additional varieties of misstep and nonsense. To be sure, some of this is authentic gobbledygook, but often it represents a rhetoric in which we find little that appeals to our prejudices and preferences. (id)

Ou seja, um texto que não é direcionado às nossas preferência e inclinações, está de certa forma sendo vítima de nossos pré-conceitos e opiniões do que vem a ser um texto agradável, compreensível e útil. O que não supre essa expectativa é prontamente taxado, segundo Smith, de jargão incorreto, banalidade tediosa, ninharias pedantes, obscuridades enfadonhas, raciocínio espúrio, conjecturas desenfreadas e irrefletidas, gorgolejo sem sentido. Sobre a segunda idéia, smith afirma que

Second, these quotes suggest that the individual geographer is not invariably disappointed in his or her search for appealing prose. The road of scholarly endeavor, as Clark noted, is "not without its inns of refreshment and chapels of ease", and among these perhaps the most welcome to any geographer are those texts that seem to have been written with him or her in mind. The

prejudices and preferences that make us members of a rhetorical audience are various, (...). Exhorting his fellow economists to become “more self-conscious about their rhetoric”, McCloskey promised that such a sensibility would help them to “better know why they agree or disagree.” This is no less true for geographers, who remain for the most part unconscious of their “rhetoric of inquiry”. (id)

Smith explica que a razão para se preocupar com a questão da retórica é que quando favorecemos ou excluímos o estilo de um autor, automaticamente aceitamos ou rejeitamos acriticamente seus argumentos. Assim, seu alerta aponta que “*whereas we are already highly self-conscious of the ways in which these criteria promote agreement or disagreement, we remain for the most part blind to the appeal and dis appeal of rhetorics.*” (id). Sobre o papel da retórica afirma que “*It is through rhetoric that a writer wins our trust, and persuades of that he or she is reasonable, credible, and serious: a speaker of both consequence and pertinence. This is done with what McCloskey (1985b:121) calls an ‘ethical appeal’, by which the speaker represents him or herself as a type of ‘character (ethos)’ that will ‘encourage the audience to look kindly on the speaker.’*” (ibid, p.2).

Smith explica que usamos a retórica para assinalar e identificar nossa filiação intelectual. Contudo, esqueceu de apontar que independentemente do autor ser ou não consciente de sua retórica, nela é possível identificar sua preferências, suas afinidades, seus valores, seu background cultural e acadêmico, suas ideologias, seus preconceitos. Ou seja, não ter consciência do próprio estilo de escrita coloca o autor em situação desfavorável à defesa no caso de ser criticado. Smith afirma que nos EUA os geógrafos têm pensado mais profundamente sobre suas audiências (leitores) e sobre seus textos, pois reconhecem que “*the Standards of proof and the form and force of an ethical appeal will depend on the audiences addressed.*” (id).

Smith aponta também para a existência de três definições de escrita considerados como de excelência entre os escritores da Geografia. A excelência dos cientistas, dos estilistas e dos críticos. Os primeiros prezam pela clareza, precisão e referências inambíguas à realidade estabelecida empiricamente. O interesse central é

no que a palavra denota, ou seja, a palavra tem valor apenas enquanto símbolo expressando idéias ou instrumentos para conceitos. Em suas palavras plenas de metáforas “*Scientists see the writing of the mediocre many as a sort of swamp, a weedy tangle of indistinct shapes hazed over by a miasma of subjectivity. Campbell (1928:25), for instance, complained that geographic writing is ‘burdened with a mass of terminological rubbish’*”. Essa afirmação de que a escrita geográfica está entulhada com lixo terminológico⁵⁸ é digna de pesquisa e renderia uma polêmica e produtiva linha de pesquisa. Para Smith, os adeptos da escrita científica gostariam de drenar o pântano de imprecisão e vaguidade dos estilistas.

O segundo grupo é dos estilistas, enamorados pelo conceito literário da língua, que valorizam uma escrita evocativa, rica, expressiva.⁵⁹ Preferem palavras ou frases que carreguem conotação emocional e descrições evocativas que facilitam a compreensão. Para Smith “*Stylists see the writing of the mediocre many as a sort of desert, a parched and dusty wasteland that yields no sign of life.*” (id). Wright apud Smith, por exemplo, reconhece que o estilo da exposição científica deve ser clara, simples e concisa, mas que o poder de insuflar a imaginação também é um adjunto necessário. Ou seja, reconhece que essas duas vertentes retóricas podem e devem ser complementares. Para outros autores, como Sauer apud Smith a escrita geográfica é boa quando é uma arte finamente representativa, não circunscrita por nenhum padrão ou método. Clark apud Smith afirma que uma boa escrita é vívida, persuasiva e

⁵⁸ A Geografia, a Pedagogia, a Psicologia, o jornalismo e até mesmo a “erudita” Sociologia, são soberanas e magistrais na arte de produzir lixo terminológico. No caso da Geografia, isso se agrava pela vaguidade e polêmica conceitual da disciplina e pela inevitável interdisciplinaridade. Outro fator explicativo é a falta de vocabulário dos que escrevem, pois nesse vazio retórico e lingüístico, usa-se o que der na telha, com o sentido que bem se pretender. Campbell, quando fala em lixo terminológico, parece estar se referindo ao estilo mais livre, barroquizado e subjetivo, ou crítico em demasia, contudo, esse não é o verdadeiro problema da escrita geográfica, problema este que envolve parco vocabulário, jargões inertes, frases-feitas, rótulos, “ismos”, vícios variados, “neobobismo enfadonho”, “neopseudointelectualismo”, e para completar, ainda mais grave: uso indevido, tendencioso e vago de termos, conceitos e teorias.

⁵⁹ Esse é o caso de Semple, Ratzel, Huntington e inúmeros autores clássicos da Geografia, que pagaram caro pelo estilo mais literário.

também acurada análise com estilo verbal. Segundo os estilistas, é preciso irrigar o deserto dos cientistas.

O terceiro grupo é o que mais causou polêmica. Chamados de críticos ou desconstrutivistas, valorizam um estilo crítico propositadamente ambíguo, incompleto e inconclusivo. Simpatizam com a estratégia textual da desconstrução, na intenção de subverter a idéia corrente de que a palavra carrega nela impressa sentidos tomados como certos e óbvios. Smith afirma que “*They claim that we ‘lack ideas and languages to describe and explain the human experience of nature, space and time’ (Buttimer 1976:288) that what we do have are conventionalized constructs of ‘sociohistoric processes’ (Duncan and Duncan 1988:118) and that, most certainly, ‘explorations into the taken-for-granted must continue (Olsson 1994:215) if we wish to ‘expose the falseness of our unquestioning acceptance of these constructs’ (Jackson and Penrose 1993:3).*” Segundo Smith, os críticos desconstrutivistas adorariam demolir a penitenciária de cientistas e estilistas.

Sobre os modos de narrativa, Smith explicou cada um deles relacionando-os à Geografia. Apesar do esquema dos quatro modos de narrativa ser de Frye, cabe a Smith o mérito de trazê-lo para o debate do discurso geográfico. Frye apud Smith, concebe os modos de narrativa como formas de se contar um história, e principalmente de terminá-la, além de serem também caminhos à compreensão, dando forma e sentido à nossa experiência da realidade. Para Smith nenhum indivíduo está limitado a um modo apenas, e ao longo do dia poderia empregá-los todos. Contudo, cada indivíduo possui suas preferências e juntamente com outros indivíduos de mesma preferência formam uma audiência unificada por um nível de consciência pré-teórico e especificamente lingüístico.

Sobre os modos de narrativa, é preciso esclarecer o que vem a ser o modo trágico, relacionado pelo autor aos deterministas, e o modo romântico, relacionado aos possibilistas. Smith afirma que o modo trágico é um modo de resignação ou até mesmo de aniquilação pelas inflexíveis e inescapáveis realidades do mundo. Os protótipos desse modo são os dramas da renascença, nos quais o herói, mesmo que superior aos demais homens em ambição e habilidades, está do mesmo modo

subordinado às leis da natureza e da sociedade. Disso resulta, ainda que não observado por Smith, que os geógrafos que acreditam nas forças culturais sobre o homem e desprezam as influências da natureza também possuem um discurso situado, ao menos em parte, no modo trágico. Assim, cientistas sociais que enfatizam o meio social como opressor e controlador, não necessariamente situam-se exclusivamente no domínio do modo romântico oposto ao dos “deterministas”. Sobre a existência desse modo trágico no discurso possibilista minhas leituras apontam para uma relação significativa, mas essa relação não será alvo de estudo.

As tragédias modernas contam histórias de homens e mulheres que são esmagados por uma sociedade indiferente ou uma natureza insensível a despeito de seus méritos pessoais. Apesar de a tragédia terminar invariavelmente com desgraça, Smith alerta para não se equacionar tragédia com final infeliz, pois o que realmente define a tragédia, segundo Frye, pode ser definido como “*The resolution of a tragic story is an ‘epiphany of law of that which is and must be’*”(FRYE, apud SMITH, 1996, p.7). Smith resume a filosofia de vida do autor trágico e a essência do modo trágico como “*The key to tragedy is its affirmation that all human, great or humble, deserving or undeserving, are subject to the laws of nature and society, and that the purpose of experience is to gain knowledge of these laws. This is why autobiographies narrated in this mode become the stories of individual passages through the so-called School of Hard Knocks.*”(id)

Narrativas de necessidade tomam várias formas na Geografia, e um elemento trágico está presente em todos os sistemas determinísticos datando dos epicuristas até os dias atuais. (GLACKEN, 1967). Para Smith, W.M Davies, ao propor como objeto de estudo da Geografia os controles inorgânicos e as respostas orgânicas está efetivamente escrevendo no modo trágico. Semple também é considerada uma autora “trágica”, e sobre ela afirma que “*Semple writes in the tragic mode when she described the ‘the enervating effect’ of tropical ‘heat, moisture, and abundance’ that invariably ‘star the energetic European down the same easy descent to Avernus’.* More interesting, and perhaps more common because of the flaws in an argument such as Semple’s, is that I call day-of-reckoning tragedy,[tragédia do dia de ajuste de

contas] which holds that fools may frolic but punishment will follow.”(FRYE apud SMITH, 1996) Essa idéia de que podemos ir contra a natureza num momento, gerando falsa sensação de liberdade e poder, mas que depois ela envia as contas a pagar, é das mais polêmicas na Geografia e foi uma discussão recorrente entre deterministas e possibilistas e atualmente é um argumento muito utilizado pelos ambientalistas/ecologistas em favor da preservação da natureza. Sobre isso, Smith explica que *“This is the mode [tragic] of the stop-and-go determinism of Griffith Taylor, who described the possibilist as ‘the short-range geographer,’ and contended that ‘the environmentalist takes the longer view’ because he or she understands that ‘nature needs centuries for her influences to work properly’.*”(id) Até mesmo Sauer é visto por Smith como um autor que “desenvolveu lindamente o modo trágico”. (id)

Passando para o modo romântico, Smith o caracteriza como libertação e transcendência de circunstâncias desconfortáveis e infames. Os protótipos desse modo são as histórias medievais de cavaleiros e santos que vencem e destroem seus inimigos e posteriormente são reconhecidos como heróis. Os romances atuais seguem a mesma lógica, mas seus protagonistas são homens e mulheres jovens que pela excelência pessoal, triunfa esmagadoramente sobre as circunstâncias inauspiciosas da pobreza e dos obstáculos sociais e econômicos. Romance não deve ser confundido com histórias de amor, conforme avisa Smith. Assim, o que define o modo romântico é *“Release and recognition often accomplished with the aid of ‘miraculous violations’ of the laws of nature and society, are the Keys”* (Frye apud Smith, 1996, p.6)

O modo romântico é comum nas biografias de geógrafos e na história da Geografia. Geógrafos cuja autoimagem é realizada nesse modo se enxergam como heróis não reconhecidos, presos a uma batalha contra as forças da ignorância e da escuridão que desejam solapar gloriosamente. Nesse modo a própria Geografia é vista como um herói subestimado, pois todos os problemas do mundo estão enrolados em um pacote endereçado ao “herói geógrafo”. Smith afirma que *“For them, the world’s problems are ‘wrapped up in a package addressed to geographers’, and ‘opportunity is knocking’ if we will only answer the door.* (PLATT 1946:13; THORNTHWAITE apud SMITH 1996, P.7). Smith cita uma obra geográfica cujo estudo é explicitamente

realizado no modo romântico, e conclui, com base nessa obra e em todas as outras que seguem esse modo, que se trata do mais moral dos quatro modos, o que explica seu poderoso apelo àqueles que vêem o ser humano em sociedade pelo prisma da luta entre duas ideologias opostas e provavelmente irreconciliáveis, uma implicitamente boa, e a outra decididamente má. O que ele chama de “Geografia automatizada” (Geografia tecnológica, Sig, etc) também favorece o emprego do modo romântico, ao menos nos artigos e obras mais reflexivos. Smith explica que a Geografia automatizada é “ *the realization of a dream that has bewitched geographers for millenia*”. (DOBSON 1993:435; ABLER 1993:138). O que define tanto a história da Geografia e dos geógrafos como a Geografia tecnológica é o modo romântico, que no primeiro caso evidencia-se pela esperança na revolução social, e no segundo caso, na revolução tecnológica.⁶⁰ Curiosamente sem associar o modo romântico com o possibilismo, o que é um lapso inexplicável⁶¹, Smith finda sua análise dizendo que “*The appeal of texts written in the romantic mode is, at heart, this promise, their assurance that we live in a world of radical possibility*. (ibid, p.7).

Finalizando a questão da retórica, o texto abaixo traz valiosas informações sobre a necessidade e a importância de se pensar o discurso pelo viés da retórica:

For some time now, it is not only "rhetoric" which has fallen into ill-repute but the very notion of persuasion itself. Per-suasion is something done to us: we see ourselves as malleable beings shaped, massaged and molded by the force of words. We identify persuasion with the machinations of political demagoguery or the manipulations of the advertising world. We link it with the coyness and cajolery of love games or the sentimentality which urges us to displays of patriotism. And, behind all of this, I think we have come to understand persuasion as the force which mobilizes all of our surface

⁶⁰ Esse é o caso dos geógrafos e cientistas afins que acreditam que a tecnologia liberta o homem de uma suposta natureza que aprisiona e determina. Esse mito da tecnologia libertadora será discutido em momento oportuno.

⁶¹ Trata-se de um lapso tendencioso, pois o modo trágico é prontamente associado, com uma retórica irônica, ao determinismo, citando diversos autores, ao passo que o modo romântico dos possibilistas não é analisado por essa ótica.

feelings-those fickle, temporary, un-stable emotions waiting to be channeled in support of goals, projects, policies with which we have no genuine connection nor real understanding. We implicitly see ourselves and others as an army of dormant energies and persuasion as the force which puts them to use-to fight a battle here and a battle there; to plug up the hole in one dike, and then an-other, and then another. In short, then, we see persuasion as glittering ornament which moves us through its attractiveness; as pretty frosting which tempts us to devour the whole cake; as the promise of delectable reward which leads us into a maze designed and controlled by some-one other than ourselves. And, in light of all this, it is Kenneth Burke's triumph to have restored not only the good name of rhetoric but the significance of persuasion in human life. I will be referring, in this paper, to Ken While Burke might admit to our being malleable, he also forces us to see ourselves as rational beings who not only create value in a world where none exists naturally but as beings who must set the stage for the enactment of those values. Consequently, he describes "persuasion" as the intelligent and moral use of words to focus our attention on values and to convince others of their superiority and necessity. Persuasion is therefore not something "done to us," as though we were Skinnerian rats, but the method we use to draw others closer to us. (TURNER, 1973, p.23)

In his critical writing Kenneth Burke approaches texts as "strategies for dealing with situations." In terms of his dramatistic pendant, each text may be seen as an act or strategy which responds to a given scene or situation (GM, p. xv). His approach "assumes that a [text's] structure is to be described most accurately by thinking always of the [text's] function. It assumes that the [text] is designed to 'do something' for the [writer] and his readers, and that we can make the most relevant observations about its design by considering the [text] as the embodiment of this act" (PLF, p. 89). (JAY, 1989, p. 536)⁶²

⁶² Segundo Jay, *"Kenneth Burke has been one of America's most prescient modern literary critics in the sense that his stubborn eccentricity as a cross-disciplinary, highly theoretical, language-oriented literary and cultural critic has made him attractive in the 1980s for some of the reasons he was dismissed in the '30s, '40s, and '50s."*

2.2.3. Mi: Schopenhauer e a dialética erística em 38 estratégias⁶³ (ou de como vencer um debate sem ter razão)

Debate na academia brasileira:

Ciclano: A poiésis geográfica do ser-em-si enquanto ente do vivente configura-se em necessidade onto-epistemológica neomoderna que sua obra ignorou completamente, ao se pautar por uma mera retórica do desespero deveras desesperada!

Beltrano: Porque você não lava essa cara imunda?

Ciclano: sua obra é inovadora, tem muitos méritos, mas ignora alguns assuntos pertinentes, exagera nas citações indiretas, e revela uma frágil espessura metafísica.

Beltrano: Você é um filósofo de araque, além de corno.

The End (Pizza)

Ilton Jardim

Uma análise profunda e completa dos discursos em Geografia, além de demandar técnicas de análise de discurso, como o pós-estruturalismo desconstrutivista, pode ser mais bem sucedida utilizando-se das ciências do discurso, que eram para Aristóteles⁶⁴ quatro: a poética, a retórica, a dialética e a analítica (lógica). Antes de partir para a exposição dos estratégias da dialética erística de Schopenhauer convém explicar sucintamente o que vem a ser cada uma dessas ciências do discurso. Dentre essas quatro ciências, apenas a dialética e a retórica se dedicam à arte da discussão, segundo aponta Olavo de Carvalho, em introdução à obra de Schopenhauer “Como vencer um debate sem ter razão”.

Dentre essas quatro, a dialética é a única cujo objetivo não é vencer o debate, ou seja, a única que não pretende ser uma arte da persuasão. Segundo Aristóteles

⁶³ Arthur Schopenhauer deixou inconcluso este livro breve e perturbador com que desmascara os esquemas da argumentação maliciosa e falsa. Por mais de um século a 'Dialética Erística' ficou praticamente ignorada, até que o renascimento dos estudos sobre retórica e persuasão viesse tirá-la do esquecimento, mostrando seu potencial explosivo. Olavo de Carvalho fez a introdução dessa obra, as notas, bem como os comentários a respeito dos 38 estratégias erísticos.

⁶⁴ Segundo Aristóteles, o estudo do que denomina dialética é adequado ao adestramento do intelecto, às disputas casuais e às ciências filosóficas.

(parafraseado por Olavo de Carvalho), é *“uma técnica de confrontar os argumentos contraditórios oferecidos em resposta a uma questão, para encontrar, por baixo deles, os princípios de base que permitem dar à questão uma resposta mais racional. É uma arte da investigação, que serve também, secundariamente, para o treinamento escolar e para os debates públicos.”*(CARVALHO in SCHOPENHAUER, 1997)

É muito importante, para se entender um dos motivos pelos quais a crítica ao determinismo foi ineficiente e incapaz de contra-argumentar dialeticamente com os deterministas, reconhecer que a dialética não deve ser praticada com aqueles que não conheçam o tema e as regras da argumentação válida, conforme aponta Olavo de Carvalho. Ou seja, é impossível dialetizar com a ignorância e com a desonestidade. Sobre a lógica ou analítica Olavo de Carvalho traz a seguinte definição: *“arte da demonstração científica segundo o encadeamento necessário das razões fundadas em premissas verdadeiras...”*(Schopenhauer, 1997, p.35) Nesse sentido, existiria analítica em pesquisa teórica? Certamente existe a dialética, a retórica e, lastimavelmente, a sofística.

Sobre a retórica, pode ser definida como a arte da persuasão com base apenas nos argumentos, excluindo o orador e os fatos utilizados. Segundo Olavo de Carvalho, *“fica excluído do campo da retórica todo elemento que tenha um valor persuasivo próprio, independente da qualidade da argumentação”*(*ibid*,p.35)

Por último, temos a sofística, para a qual Aristóteles dedica a obra “refutações sofísticas”, e pode ser definida, nas palavras de Olavo de Carvalho, como *“o repertório dos esquemas da argumentação falsa, das falácias lógicas, sem levar em conta os aspectos psicológicos do confronto entre debatedores, e sobretudo sem abranger os argumentos corretos...”*(*ibid*, p.38)

Com base nessas definições, fica mais fácil compreender o que Schopenhauer entende por “Erística”. Antes, cabe o conceito de Aristóteles, explicado por Olavo de Carvalho: *“Aristóteles define-a como a arte da discussão contenciosa, ou belicosa, onde se trata apenas de vencer e não de buscar uma prova.”*⁶⁵ (*..., ele a definia como*

⁶⁵ Até que ponto a erística não é a mais empregada técnica nos discursos de alguns geógrafos e no embate acadêmico? Acredito que certamente foi, no caso das críticas ao determinismo, mas isso fica

um tipo específico – e menor- de dialética, o que subentendia que ela deveria ter algumas regras próprias, diferentes das dialéticas,...)(ibid, p.38). O autor ainda diferencia a erística de Aristóteles e a de Schopenhauer, pois para o primeiro, “a manipulação hábil das circunstâncias psicológicas, dificilmente poderia ser objeto de uma ciência, sendo as circunstâncias particulares indefinidamente variáveis; talvez fosse mesmo difícil reduzi-las a um simples formulário técnico. A erística, no sentido em que viria a entendê-la Schopenhauer, seria para Aristóteles mero repertório de experiências pessoais mais ou menos fortuitas.”(id)

Olavo de Carvalho reconhece que o sentido de erística atribuído por Schopenhauer gera confusões, por parecer com a dialética e com a retórica, em alguns pontos, e com a sofística e a erística aristotélica em outros pontos. Assim, explica a erística schopenhaueriana na forma de quatro comparações:

1. Da retórica, ela se aproxima em parte por ser uma arte do debate – de um debate onde, como na retórica forense, haverá sempre um vencedor e um perdedor; mas distingue-se por admitir vencer por artifícios psicológicos que nada tem à ver com a verossimilhança dos argumentos, objeto precípua da retórica.
2. Com a dialética ela tem em comum o confronto de argumentos contraditórios, mas separa-se dela porque não busca arbitrar esses argumentos por um critério de razoabilidade suficiente – objeto precípua da dialética – mas simplesmente obter a vitória de um deles, *per faz et per nefas*. Ela não é, portanto, um instrumento de investigação, uma *lógica inveniendi*, lógica da pesquisa, nem muito menos um treinamento do intelecto para as ocupações científicas, mas, bem ao contrário de um empreendimento meramente contencioso onde o que menos interessa é descobrir a verdade.
3. Ela se aparenta à sofística por ser uma arte de enganar, mas se diferencia dela porque não exclui os argumentos válidos (sempre que possam ser úteis à causa), nem se limita aos esquemas formais

tenuamente sugerido, é difícil de identificar, e permanece como hipótese. Contudo, permanece como umas das hipóteses mais plausíveis para se entender a enxurrada de rótulos e o acirramento da dualidade determinismo/possibilismo. De fato, os possibilistas foram acusados algumas vezes de apenas criticarem, sem buscar provar minimamente sua argumentação. O objetivo era apenas “fazer barulho” e ser ouvido.

da argumentação, entrando fundo no campo puramente material dos fatores psicológicos envolvidos na situação de discurso. 4. Finalmente, ela se aproxima da erística aristotélica (da qual pouco sabemos, se é que Aristóteles chegou algum dia a desenvolvê-la), mas se afasta dela por não abranger todos os temas dialéticos de Aristóteles e por incluir alguns que, para o estagirita, não seriam dialéticos propriamente, mas só impropriamente. (ibid, p.40)

Na sequência, sintetiza essas observações explicando que *“A erística, em suma, é uma arte da discussão contenciosa, que, utilizando os instrumentos da dialética, da sofística, da erística e da retórica aristotélicas, abrange também os aspectos psicológicos do duelo argumentativo, ao mesmo tempo que deixa de lado as regras de ordem ética que faziam da dialética aristotélica um instrumento confiável de investigação.”* (ibid, p.41)

Olavo de Carvalho conclui seu prefácio da obra de Schopenhauer com afirmações de máxima importância para aqueles que se aventuram pelo território da Filosofia, do debate, da história das idéias, e assim, também aos geógrafos em geral. Essas afirmações demonstram preocupações essenciais que todos os que querem pensar de modo mais autônomo e que buscam mais do que vencer um debate, devem considerar como um imperativo intelectual. Com essas idéias compartilho total afinidade e simpatia:

No entanto, se a redução da dialética a uma erística pode levar às consequências filosóficas – e não só filosóficas – mais temíveis, também seria impossível excluir da dialética, considerada como meio de investigação, todo aspecto erístico, pelas simples razões de que a refutação das proposições errôneas é uma preliminar indispensável de toda investigação filosófica ou científica. A erística de Schopenhauer no quadro da concepção tradicional da dialética, com a condição de que abdique de sua pretensão de constituir toda a dialética [essencial no discurso argumentativo da Geografia] e se contente com ser um capítulo dela; capítulo utilíssimo [e especialmente útil na análise das críticas e dos argumentos ideológicos e rotuladores], que ensina a desbastar, na investigação, as primeiras e mais

grosseiras dificuldades, criadas pela tagarelice generalizada que, em toda cultura, e principalmente na moderna, cerca de obstáculos artificiosos a discussão de toda questão filosófica. [e de toda questão filosófica e geográfica na Geografia] Não é preciso dizer que nesses vinte e quatro séculos que decorreram desde Sócrates, as disputas intelectuais foram, de modo geral, se afastando mais e mais do ideal socrático: cada vez menos a discussão é uma meditação, cada vez menos o intelectual que disputa o faz como quem dialoga consigo mesmo[talvez o problema mais grave de toda a ciência], no espírito de sinceridade em que ‘*quien habla solo espera hablar a Dios un día*’ (Antônio Machado) e cada vez mais os procedimentos em uso no debate letrado – e mesmo nas discussões acadêmicas – tendem a imitar a persuasão retórica e cair na erística pura e simples. Diante desse panorama, o estudo da técnica erística se torna uma precaução saudável para quem não deseje se perder no labirinto das argumentações capciosas e da influência psicológica sutil sob as quais se esconde a armadilha do absurdo. Se no tempo de Aristóteles o filósofo podia recusar-se altivamente a debater com quem não reconhecesse os princípios, hoje seria suicídio tentar defender a honra da filosofia apenas mediante um silêncio desdenhosos e aristocrático ante a tagarelice e a patifaria; pois a tagarelice e a patifaria invadiram a cidadela mesma da filosofia e nela ocupam, não raro, os lugares de comando. [Se na filosofia “cognomater”, terreno da reflexão e da autocrítica por excelência, ela invadiu para assumir comando, imagine-se o estrago que não tem gerado nas ciências humanas e na história das idéias!⁶⁶] É preciso uma luta ativa e sem descanso para expulsá-las. Nesse momento, a erística assume a dignidade de uma arma indispensável no combate filosófico [e no combate a qualquer forma de deslealdade e reducionismo em ciências humanas] e todos os estudantes de filosofia devem reconhecimento ao pioneirismo e à ousadia de Schopenhauer. (CARVALHO IN SCHOPENHAUER, 1997, P. 92)

Para Schopenhauer, devemos distinguir entre entre “*a verdade objetiva de uma proposição e sua validade na aprovação dos contendores e ouvintes.*”(SCHOPENHAUER, 1997, p.96). A dialética erística se refere a esta última,

⁶⁶ Na geografia a tagarelice impera solta, aos coices e grunhidos.

mas Schopenhauer se pergunta de onde provém esse comportamento de ignorar a verdade para sair vencedor. Sua resposta é simples, clara, e via de regra, fulminante (como todo argumento claro, honesto e simples):

Da perversidade natural do gênero humano. Se esta não existisse, se no nosso fundo fôssemos honestos, em todo debate teríamos que fazer a verdade aparecer, sem preocupar-nos com que ela estivesse conforme a opinião que sustentávamos no começo ou com a do outro; isto seria indiferente ou, em todo caso, de importância muito secundária. No entanto, é isto o que se torna o principal. Nossa vaidade congênita, especialmente suscetível em tudo o que diz respeito à capacidade intelectual, não quer aceitar que aquilo que num primeiro momento sustentávamos como verdadeiro se mostre falso, e verdadeiro aquilo que o adversário sustentava. Portanto, cada um deveria preocupar-se unicamente em formular juízos verdadeiros. Para isto, deveria pensar primeiro e falar depois. Mas, na maioria das pessoas, à vaidade inata associa-se a verborragia e uma inata deslealdade. Falam antes de ter pensado, e quando, depois, se dão conta de que sua afirmativa era falsa e não tinham razão, pretendem que pareça como se fosse ao contrário. O interesse pela verdade, que na maior parte dos casos deveria ser o único motivo para sustentar o que foi afirmado como verdade, cede por completo o passo ao interesse da vaidade. [da polítia, do compadrismo] O verdadeiro tem de parecer falso e o falso, verdadeiro. (Schopenhauer, 1997, p.97)

Enquadram-se nessa incômoda verdade, exposta por Schopenhauer, muitas teses renomadas, artigos, palestras e livros; esses circulam pela “doutorosfera”, e suas inverdades ocasionalmente assumem a aura de verdades geniais quando não são confrontadas. E essa é a regra da academia no Brasil. Repito: no Brasil. Nos EUA o jogo acadêmico funciona de outra forma:⁶⁷ um artigo, livro ou tese, vinte quatro horas após a publicação, recebe críticas que abundam em sala de aula e nos círculos informais. Uma semana depois, já aguarda na fila das revistas científicas no mínimo um artigo revisando e criticando o outro artigo. Não menos rápida seria a resposta do autor a essas críticas, e pelo menos durante alguns meses fica na “berlinda”, e vários

⁶⁷ devido ao gosto pelo debate sério, e ao incentivo à produção (quantidade e qualidade) e ao mérito.

“reviews” pipocam em revistas científicas e congressos, todos eles gravitando em torno do polêmico artigo. Quanto maior o fôlego das obras, maior a voracidade da crítica, e mais se ganha em discussão e reflexão. Quem ganha? Todos ganham, autor, seus críticos e, principalmente, todos os leitores. Assim, verdades e inverdades não se sacralizam, não se legitimam pela mera autoridade.⁶⁸

Esse hábito, essa cultura de se comentar, resenhar ou mesmo criticar criteriosamente e honestamente é algo muito raro no Brasil. E trata-se de um mal nacional e disseminado em todas as áreas. O máximo que se vê são algumas críticas no boca a boca, no estilo telefone-sem-fio, baixando minha censura do linguajar vulgar: fofoca. Essa forma de crítica, que não se pode chamar de resenha (mesmo porque não se lê o que se critica), nem de reflexão (porque não se pode refletir sobre uma caricatura, mas apenas rir dela), nada tem de útil e genuinamente científico, é dispensável, e um recurso ao mesmo tempo covarde e desonesto, para dizer o mínimo, pois em alguns casos evidencia ignorância, inteligência questionável e autoestima em frangalhos.

Assim exposto o problema-tabu, várias conseqüências emergem: artigos, teses, quando são lidos, o que é raro, são “apenas” lidos. Cada leitor guarda suas impressões para si, e no máximo critica pertinentemente num círculo restrito, ou oralmente, ou, o que é ainda mais problemático, não tece nenhuma crítica, simplesmente ignora. A priori, nenhuma tese é ignorável, nenhum escrito acadêmico tão inútil, nenhum corpo de idéias totalmente infundado, a ponto de não merecer atenção e crítica. Assim, mesmo uma tese que sequer mereça esse status não deveria ser ignorada. Se depois de constatada a falência múltipla dos órgãos, nada for feito, dois personagens do conto da academia saem em desvantagem: o autor da boneca de trapo mal costurada e com agulhas soltas que espetam o leitor⁶⁹, e principalmente seus leitores, que podem cair no conto do vigário, tanto maior esse risco quanto maior a “autoridade” e o “pergaminho lattes” do autor que não foi criticado e avaliado pela academia. As obras daqueles que, além de bem pontuados nesses quesitos, se transformaram em “mitos”, “pais”,

⁶⁸ Os autores mais brilhantes despertam mais críticas.

⁶⁹ O autor não cresce devido ao silêncio em torno de sua obra.

“fundadores” e “*honoris causa*”, deveriam ser alvo de escrutínio e análise aprofundada com ainda mais afinco e dedicação, pois pela autoridade e por serem tomados como “modelos” e “padrões” a serem seguidos, cada vírgula ou metáfora por eles mal empregada pode ter consequências desastrosas no plano didático (que acarreta danos no plano científico indiretamente) e também no plano científico da pesquisa e dos avanços da disciplina.⁷⁰

Grandes obras da Geografia brasileira e mundial caíram em esquecimento, enquanto outras grandes obras chegam a causar náuseas na comunidade, não pela baixa qualidade necessariamente, mas também pela repetição. Obras menores ganham notoriedade por falarem diretamente a um público específico, cuja preferência por modos de narrativa e por figuras de linguagem é a mesma do autor. Assim, uma relação de total empatia entre autor e obra é estabelecida, e como os “gurus” desse público são mais influentes (panfletos populares, pocket books, manuais “best-sellers”, aparições na Rede Globo), logo, as obras que caem no seu gosto são as que desfrutam de maior prestígio. Não quero aqui desmerecer as dezenas de livros, artigos e teses que merecidamente são aplaudidas todos os anos, mas apenas apontar para um tabu que ninguém discute senão oralmente e que é contracientífico: a falta de diálogo e o medo e incompetência para a crítica produtiva e justa. A meritocracia chinesa e estadunidense precisa fecundar o Brasil irreversivelmente, sob pena de continuarmos a representar com docilidade o histórico papel de escravos científicos babões no palco darwinista-social do cenário internacional.

O contrário do problema anteriormente exposto também é contraproducente: o de desdenhar autores “mitos”, que muito justamente receberam esse título. A pergunta que emerge de toda essa discussão é: é possível ser justo ao avaliar um autor com base em seus comentadores? É possível diferenciar as obras quanto a sua qualidade, sua importância, sua utilidade⁷¹, com base nesses comentadores? Resposta: parece pouco

⁷⁰ É o velho abacaxi da responsabilidade acadêmica do autor e de seus críticos, que não deveriam se calar por medo de isolamento e pela política da boa vizinhança.

⁷¹ Aprendi que o utilitarismo é “feio”, que não se assume isso em público (em não sendo político), assim como não se faz em público atos relacionados às necessidades fisiológicas do corpo. A visão

provável. Seria possível apenas se todos na academia estivessem certos de que todos os demais são minimamente imparciais no seu julgamento e que possuem o mínimo de discernimento, de cultura, de bom senso, de perspicácia, de honestidade científica. Como não imperam esses valores e esses atributos, cada um fica entregue à própria sorte, sem referências seguras, acreditando, por comodismo, no *mainstream*, nos discursos falaciosos, e sem poder ao menos ter à sua disposição um amplo leque de pontos de vista, de análises de outras obras, de resenhas críticas de cada artigo. Ao menos as obras mais polêmicas e as de maior qualidade poderiam ter essa contribuição dos leitores. Como não há nada disso, quando lemos uma obra, temos tão somente ela e nossa capacidade de crítica e tais ingredientes raramente bastam. É essencial que seja fundamentalmente isso, esses dois ingredientes, mas isso não é sempre possível e suficiente, nem desejável e produtivo.

Capacidade de análise crítica é algo que acompanha o indivíduo indefinidamente, e que em alguns casos aprimora-se lentamente, sem limites, do que se infere que em muitos momentos da vida precisamos de referências para nosso crescimento dialético, referências tanto seguras quanto principalmente variadas e conflitantes. Isso não é possível num país no qual estamos abandonados à nossa própria capacidade, flutuando num vazio repleto de obras e idéias abandonadas às traças, desconectadas, separadas por galáxias inteiras, faltando comunicação, troca, compreensão, repreensão, diálogo, crítica (áspera ou moderada), dialética, lógica e retórica. O que tem de sobra é o talento para o silêncio estéril ou para a erística desonesta, a crítica ao rótulo, a simplificação e a fofoca invejosa e /ou auto comiserante.

utilitarista pode ser uma monstruosidade, em algumas áreas (nas artes ela é geralmente um acinte e uma humilhação para o artista quando sua arte é vista apenas sob esse prisma), mas no terreno científico é uma forma necessária e útil de pensar as obras. Que valor teria esta tese se não passasse de mero exercício do vício-mor (vaidade) da academia? Ela não precisa ter alguma utilidade para sua existência fazer algum sentido? Enquanto arte, certamente não tem nenhum valor, e se como um manualzinho de alertas epistemológicos-metodológicos-filosóficos não tem nenhuma utilidade, por acaso o autor teria que se contentar que essa longa ópera das idéias não passa de cantoria de peru com vistas a um diploma e a um upgrade do papelzinho lattes?

Terminada a sessão de descarrego, vamos voltar a Schopenhauer, pois não convém interromper tamanho filósofo com três páginas de exorcismo acadêmico. Usemos da diplomacia aplicada à filosofia. Schopenhauer segue sua própria sessão de purificação budista afirmando que:

No entanto, até mesmo essa deslealdade, a insistência em manter uma afirmação que já parece falsa para nós mesmos, tem ainda uma desculpa. Muitas vezes, no princípio da discussão, estamos firmemente convencidos da verdade de nossa tese; mas agora a argumentação do adversário parece derrubá-la e, se renunciamos de repente a defender nossa causa, com frequência acabamos depois notando que, apesar de tudo, tínhamos razão. Nossas provas não eram verdadeiras, mas podia existir uma que fosse adequada à nossa afirmação, só que o argumento salvador não nos veio à mente no momento. Por este motivo, firma-se em nós a máxima segundo a qual, mesmo quando o contra-argumento do adversário pareça justo e convincente, devemos atacá-lo, confiantes em que sua retidão é apenas aparente e em que, no curso da discussão, nos ocorrerá algum outro argumento capaz de demolir a tese contrária ou de reforçar a nossa de algum modo. Somos, assim, quase obrigados ou pelo menos facilmente levados à deslealdade no discutir. Deste modo, a fragilidade de nosso entendimento e a tortuosidade de nossa vontade apóiam-se mutuamente. Daí vem que, em regra geral, aquele que entabula uma discussão não se bate pela verdade mas por sua própria tese *pro ara et focus* (no interesse próprio) e procede *per faz et per nefas* e, como acabamos de demonstrar, não poderia fazê-lo de outra maneira. (ibid, p.99)

Enfim, os estratagemas dialético-erísticos⁷² de Schopenhauer. Dentre os 38 estratagemas, 18 possuem relação com as críticas direcionadas aos deterministas e

⁷² A citação dos estratagemas, apesar de serem longas e demandar o estilo da citação direta, com recuo, será feita com itálico e sem recuos, por motivos estéticos, afinal, a arte está infinitamente acima de normas científicas cegas e insensíveis. Quase todas as demais escolhas que ignoraram algumas regras da ABNT foram feitas com base no critério estético. Nem todas as normas são perfeitas. Além disso, há grandes e renomadas empresas (incluindo-se aí escolas e universidades) ostentando com orgulho impecáveis e prestigiosos selos de qualidade, como a famosa ISO noventa e nove mil e um

certamente possuem a mesma função nas mãos dos próprios deterministas e inclusive na argumentação dos que criticam a crítica. Alguns desses 38 estratagemas só são praticáveis no debate oral, sendo de impossível aplicação nos debates travados nos textos presentes em artigos, resenhas e livros.

1. Ampliação indevida
2. Homonímia sutil
3. Mudança de modo
4. Petição de princípio oculta
5. Uso intencional de falsas premissas
6. Manipulação semântica
7. Várias modalidades do argumentum ad hominem
8. Fuga do específico para o geral
9. Preferir o argumento sofisticado
10. Falsa alegação de petitio principii
11. Impelir o adversário ao exagero
12. Falsa reductio ad absurdum
13. Falsa instância
14. Argumento ad auditores
15. Desvio
16. Argumentum ad verecundiam
17. Rótulo odioso
18. Tomar a prova pela tese

1. Ampliação.

(99001), contudo, sem que esse selo investigue a inteligência, a sensibilidade e a moral dos funcionários e do próprio diretor. Ou seja, a empresa está perfeitamente dentro das normas técnicas, mas viola covardemente a ISO moral do espírito humano, representando assim um atentado à estética dos sentimentos.

“Levar a afirmação do adversário para além de seus limites naturais, interpretá-la do modo mais geral possível, tomá-la no sentido mais amplo possível e exagerá-la. Restringir, em contrapartida, a própria afirmação ao sentido mais estrito e ao limite mais estreito possíveis. Pois quanto mais geral uma afirmação se torna, tanto mais ataques se podem dirigir a ela. O antídoto é a exposição precisa dos puncti (os pontos que se debatem ou status controversiae, a maneira de apresentar a controvérsia).” (SCHOPENHAUER, 1997, p. 128)

2. Homonímia sutil

“Usar a homonímia para tornar a afirmação apresentada extensiva também àquilo que, fora a identidade de nome, pouco ou nada tem em comum com a coisa de que se trata; depois refutar com ênfase esta afirmação e dar a impressão de ter refutado a primeira.” (ibid, p. 124)

3. Mudança de modo

“A afirmação que foi apresentada em modo relativo, GREGO, relative, é tomada como se tivesse sido apresentada em modo absoluto, universalmente, simpliciter, GREGO, absolute, ou pelo menos é compreendida em um sentido totalmente diferente, e assim refutada com base neste segundo contexto.” (ibid p. 132-133)

4. Uso intencional de premissas falsas

“Podemos também, dizer para comprovar nossas proposições, fazer antes uso de proposições falsas, se o adversário não quiser aceitar as verdadeiras, seja porque percebe que delas a tese será deduzida como consequência imediata. Então adotaremos proposições que são falsas em si mesmas mas verdadeiras na hominem, e

argumentaremos ex concessis, a partir do modo de pensar do adversário. Pois o verdadeiro também pode seguir-se de premissas falsas, mas não o falso de premissas verdadeiras. Deste modo, podemos também refutar teses falsas do adversário por meio de outra tese falsa que ele aceite como verdadeira. Devemos adaptar-nos a ele e usar o seu modo de pensar. Se, por exemplo, ele é militante de alguma seita com a qual não estamos de acordo podemos adotar contra ele, como principia, as máximas dessa seita. Aristóteles, Tópicos, Livro VIII, cap. 9.”(ibid, p. 136-137)

5. Petição de princípio oculta

“Ocultamos uma petitio principii, ao postular o que desejamos provar: 1) usando o nome distinto, por exemplo, “boa reputação” em vez de “honra”, “virtude”, em vez de “virgindade” etc., ou ainda usando conceitos intercambiáveis: “animais de sangue vermelho” em vez de “vertebrados”; 2) fazendo com que se aceite um modo geral aquilo que é controvertido num caso particular; por exemplo, afirmamos a incerteza da medicina postulando a incerteza de todo saber humano; 3) se, em contrapartida, duas coisas são conseqüências uma da outra, demonstraremos uma postulando a outra; 4) se precisamos demonstrar uma verdade geral e fazemos que se admitam todas as particulares (o contrário do número 2). (ARISTÓTELES, Tópicos, Livro VIII, cap. 11.) (ibid, p. 137-138)

6. Manipulação semântica

“Quando o discurso é sobre um conceito geral que não tem um nome próprio e que deve ser designado figurativamente por uma metáfora, é preciso escolher a metáfora que mais favoreça a nossa tese. Assim, por exemplo, na Espanha os nomes com que são designados os dois partidos políticos, serviles e liberales, foram, certamente, escolhidos por estes últimos.” (SCHOPENHAUER, 1997, p. 142-143)

7. Várias modalidades do *argumentum ad hominem*

“Argumenta ad hominem ou ex concessis. Se o adversário faz uma afirmação, devemos perguntar-lhe se não está, de algum modo – ainda que seja só em aparência – em contradição com algo que anteriormente disse ou aceitou, ou com os princípios de uma escola ou seita que ele elogie ou aprove, ou com o comportamento de membros dessa seita (ainda que se trate de membros não autênticos ou só parentes), ou com a conduta do adversário mesmo. Se, por exemplo, defende o suicídio, logo gritamos: ‘Por que você não se enforca?’ Ou, se afirma que Berlim é uma cidade incômoda, gritamos de imediato: ‘Por que você não vai embora na primeira diligência?’ ‘De uma maneira ou de outra sempre estamos sujeitos a nos deixar apanhar por semelhante tramóia.’ (ibid, p. 148-149)

8. Fuga do específico para o geral

“Se o adversário solicita expressamente que apresentemos alguma objeção contra um ponto concreto de sua tese, mas não encontramos nada apropriado, devemos enfocar o aspecto geral do tema e atacá-lo assim. Por exemplo, se temos de dizer por que uma determinada hipótese física não é crível, falaremos da incerteza geral do saber humano, ilustrando-a com toda a sorte de exemplos.” (ibid, p. 150-151).

9. Preferir o argumento sofístico

*“Quando nos vemos diante de um argumento adversário que é meramente aparente ou sofístico, podemos liquidá-lo ao desvendarmos seu caráter capcioso e ilusório. Mas é ainda melhor se o combatemos e despachamos com um argumento igualmente sofístico e aparente. Pois aqui não se trata da verdade, mas da vitória. Se, por exemplo, ele apresenta um *argumentum ad hominem*, é suficiente tirar sua força com um contra-argumento *ad hominem* (ex concessis). E, acima de tudo, será mais*

rápido, utilizar um argumento ad hominem, se isto for possível, em lugar de uma longa explicação sobre a verdadeira natureza das coisas.” (ibid, p. 151-152)

10. Falsa alegação de *petitio principii*

*“Se o adversário exigir que admitamos algo do qual derivaria imediatamente o problema em discussão, nos recusaremos a fazê-lo, considerando tal exigência uma *petitio principii*. De fato, nosso adversário e os ouvintes facilmente enxergarão como sendo idêntica ao problema uma proposição que lhe seja muito afim. Deste modo, lhe subtrairemos seu melhor argumento”. (ibid, p. 152-153)*

11. Impelir o adversário ao exagero

“A contradição e a luta impelem a exagerar as afirmações. Por isso, podemos provocar o adversário contradizendo-o e induzi-lo assim a exagerar para além do que é verdade uma afirmação que, em si e em certo contexto, pode ser verdadeira; e, uma vez refutado o exagero, é como se tivéssemos refutado também a proposição original. Em contrapartida, quando o adversário nos contradisser, deveremos prestar atenção para não exagerar ou estender nossa tese. Com frequência o adversário buscará também estender nossa afirmação para além do que havíamos exposto. Neste caso, é preciso detê-lo imediatamente e reconduzi-lo aos limites de nossa afirmação com um: ‘eu disse Isto e nada mais’.” (ibid, p. 153-154)

12. Falsa *reductio ad absurdum*

“A arte de criar conseqüências. Da proposição do adversário tiram-se à força, através de falsas conseqüências e distorções dos conceitos, outras proposições que não estão ali contidas e que de fato não correspondem à sua opinião e que são, e, em contrapartida, são absurdas ou perigosas. Como agora parece que tais proposições, que estão em contradição entre si ou com verdades geralmente admitidas, procedem

de suas afirmações, isto equivale a uma refutação indireta, apagoge. É um novo uso da fallacia non sausae ut causae.” (ibid, p. 154-155)

13. Falsa instância

*“Refere-se à apagoge baseada numa instância, exemplum in contrarium. A GREGO, inductio***, necessita de um grande número de casos para assentar o princípio geral; a GREGO, ao contrário, basta que apresente um caso único para o qual o princípio não seja valido, para que este seja demolido. Um caso deste gênero chama-se instancia, GREGO, exemplum in contrarium, instantia. Por exemplo, a proposição “todos os ruminantes têm chifres” é demolida pelo único exemplo de camelo. A instancia é um caso de aplicação da verdade geral sob cujo conceito é preciso assumir algo com respeito ao qual aquela verdade não é valida; por conseguinte, fica completamente demolida.” (ibid, p. 155-156)*

14. Argumento ad auditores

“Em geral, adota-se este estratagema quando uma pessoa culta discute com um auditório inculto. Se não dispomos de nenhum argumentum ad rem e nem mesmo de um ad hominem, formulamos um ad auditores, isto é, uma objeção inválida, mas cuja invalidade só um conhecedor do assunto pode captar. E, ainda que o adversário seja um conhecedor do assunto, não o são os ouvintes. Aos olhos destes, ele estará derrotado, tanto mais se nossa objeção conseguir que sua afirmação apareça, de algum modo, sob um aspecto ridículo. As pessoas são inclinadas ao riso fácil, e os que riem estão do lado daquele que fala. Para demonstrar que a objeção é nula, o adversário deverá entrar numa longa discussão e remontar aos princípios da ciência ou a qualquer outro recurso. Mas não é fácil encontrar um auditório interessado nisso.” (ibid, p. 158)

15. Desvio

*Se percebemos que vamos ser derrotados, recorremos a um desvio, isto é, começamos de repente a falar de algo totalmente diferente, como se fosse pertinente à questão e constituísse um argumento contra o adversário. Isto se faz com alguma modéstia se tal desvio ainda se mantém no campo do thema questionis; e de modo bastante insolente, quando vai simplesmente contra o adversário e nada do tema.*⁷³

16. Argumentum ad verecundiam

“O argumento ad verecundiam (dirigido ao sentimento de honra). Em vez de fundamentos, utilizamos autoridades, segundo os conhecimentos do adversário. Diz Sêneca: Unuscuisque mavult credere quam judicare (“qualquer um prefere crer a julgar por si mesmo”)⁷⁴. Portanto, o jogo nos é mais fácil quando temos de nosso lado uma autoridade respeitada pelo adversário. E para este haverá tanto mais autoridades válidas quanto mais limitados sejam seus conhecimentos e suas capacidades. Se estas capacidades são de primeira ordem, haverá para ele muito poucas autoridades ou quase nenhuma. Quando muito, ele respeitará a autoridade de pessoas competentes numa ciência, arte ou profissão que para ele sejam pouco

⁷³ O desvio insolente é Vício-mor generalizado entre alguns dos assim chamados intelectuais brasileiros, o que já basta para mostrar de que tipo de gente se trata. Exemplo recente: o poeta Ferreira Gullar, acusado por Carlos Heitor Cony de cumplicidade no “patrulhamento” comunista a intelectuais (O Globo, 20 e 21 de março de 1997), não refutou as afirmações do romancista, preferindo recorrer ao expediente de insultá-lo com rotulações estereotipadas (“mccarthysta”, “mitômano”, “recalcado”) e exercícios de psicologia pejorativa (“ressentimento”, “inveja”, etc.). (Nota de Olavo de Carvalho in Schopenhauer, adaptada)

⁷⁴ O motivo é evidente. A mera crença, além de ser menos trabalhosa, tem a vantagem de dar ao crente um sentimento de participação e solidariedade grupal, indispensável para manter de pé as personalidades frágeis. (Nota de Olavo de Carvalho)

conhecidas ou de todo ignoradas; e mesmo assim com desonfiança. Em contrapartida, as pessoas comuns têm profundo respeito ante os especialistas de todo gênero.” (Schopenhauer, 1997, p.171).

Segundo Olavo de Carvalho, a obra “Ação humana. Um tratado de Economia”, de Ludwig von Mises (1995, p.49), traz uma pertinente definição de homem comum:

O homem comum não especula sobre os grandes problemas. Ampara-se na autoridade de outras pessoas, comporta-se ‘como um sujeito decente deve comportar-se’, como um cordeiro no rebanho. É precisamente esta inércia intelectual que caracteriza um homem como um homem comum. Entretanto, apesar disso, o homem comum efetivamente escolhe. Prefere adotar padrões tradicionais ou padrões adotados por outras pessoas porque está convencido de que esse procedimento é o mais adequado para atingir o seu próprio bem-estar. E está apto a mudar sua ideologia e, conseqüentemente, o seu modo de ação, sempre que estiver convencido de que a mudança servirá melhor a seus interesses.

Para Olavo de Carvalho, *“Essa definição destaca dois traços: a passividade intelectual e a sujeição das idéias à comodidade pessoal ou à busca do conforto psicológico. [problema comum na Geografia] Quando se dá ao jovem a ilusão de que ao aderir às modas e crenças de sua geração ele está se libertando e se individualizando, em vez de adverti-lo de que o faz por inércia e por busca de segurança psicológica, o resultado que se obtém é incutir nele o mais perverso dos conformismos. O homem não se liberta do espírito de rebanho’, de que falava Nietzsche, simplesmente por passar de um rebanho mais velho a um mais novo.”*

O argumento Ad verecundiam é o estragema que mais empolgou Schopenhauer, e o único a ser explicado longamente, ocupando várias páginas. Extraímos o que julgamos ser mais apropriado para se entender esse grave problema que afeta todas as instâncias do conhecimento humano, e que é particularmente nociva à pesquisa e à busca de esclarecimento. Assim, a explicação desse estratagema por Schopenhauer continua da seguinte forma:

“No entanto, para o Vulgus há muitas autoridades que gozam de seu respeito; portanto, se não encontramos nenhuma autoridade adequada, ou citamos o que alguém disse. E são as autoridades que o adversário não entende aquelas que, geralmente, mais efeito obtêm. Os ignorantes têm um respeito muito particular pelos floreios retóricos gregos e latinos. Pode-se também, caso necessário, não só deformar o sentido dessas autoridades, mas diretamente falsificá-las e inclusive citar algumas que são pura invenção. Geralmente o adversário não tem o livro à sua disposição nem tampouco sabe consultá-lo. O mais belo exemplo disto nos é dado pelo cura francês que, para não pavimentar a rua em frente à sua casa, como tinham de fazer os demais cidadãos, citou uma frase da Bíblia: *paveant illiegi non pavebo* (“eles que se apavorem; eu não me apavorei”, mas, para os ouvintes de língua francesa, soava como paver, “pavimentar”). Isto convenceu o Conselho da comunidade. Também podemos usar os preconceitos gerais como autoridade. A maior parte das pessoas pensa, com Aristóteles, que “as coisas que parecem justas a muitos, dizemos que são”. De fato, não existe nenhuma opinião, por absurda que seja, que os homens não se lancem a torná-la sua, tão logo se tenha chegado a convencê-los de que é universalmente aceita. O exemplo vale tanto para suas opiniões quanto para sua conduta. São ovelhas que vão atrás do carneiro-guia aonde quer que as leve. Para eles, é mais fácil morrer do que pensar. É estranho que a universalidade de uma opinião tenha para eles tanto peso, pois basta-lhes observar a si mesmos para constatar como eles mesmos aceitam opiniões sem julgar, pela força do mero exemplo. Mas, na realidade, não o vêem porque estão desprovidos de todo conhecimento de si mesmos. Só os melhores dizem, com Platão: “os muitos têm muitas opiniões”, isto é, o Vulgus tem muitas lorotas na cabeça, e quem desejar livrar-se delas terá muito trabalho pela frente. A universalidade de uma opinião, se falamos a sério, não é uma prova nem um indício de veracidade. O que se chamam opinião geral reduz-se, para sermos precisos, à opinião de duas ou três pessoas; e ficaríamos convencidos disto se pudéssemos ver a maneira como nasce tal opinião universalmente válida. Então descobriríamos que, num primeiro momento, foram dois ou três que pela primeira vez as assumiram e apresentaram ou afirmaram e que os

outros foram tão benevolentes com eles que acreditaram que haviam examinado a fundo; prejulgando a competência destes, outros aceitaram igualmente essa opinião e nestes acreditaram por sua vez muitos outros a quem a preguiça mental impelia a crer de um golpe antes que tivessem o trabalho de examinar as coisas com rigor. Assim crescem dia após dia o número de tais seguidores preguiçosos e crédulos. De fato, uma vez que a opinião tinha um bom número de vozes que a aceitavam, os que vieram depois supuseram que só podia ter tantos seguidores pelo peso concludente de seus argumentos. Os demais, para não passar por espíritos inquietos que se rebelam contra opiniões universalmente admitidas e por sabichões que quisessem ser mais espertos que o mundo inteiro, foram obrigados a admitir o que todo mundo já aceitava. Neste ponto, a concordância torna-se uma obrigação. E, de agora em diante, os poucos que forem capazes de julgar por si mesmos se calarão, e só poderão falar aqueles que, totalmente incapazes de ter uma opinião e juízo próprios, sejam o eco das opiniões alheias. E estes, ademais, são os mais apaixonados e intransigentes defensores dessas opiniões. Pois estes, na verdade, odeiam aquele que pensa de modo diferente, não tanto por terem opinião diversa daquela que ele afirma, quanto pela sua audácia de querer julgar por si mesmo, coisa que eles nunca poderão fazer, sendo por dentro conscientes disto. Em suma, são muito poucos os que podem pensar, mas todos querem ter opiniões. E que outra coisa lhes resta senão tomá-las de outros em lugar de formá-las por contra própria? E, dado que isto é o que sucede, que pode valer a voz de centenas de milhões de pessoas? Tanto, por exemplo, quanto um fato histórico que se encontre em cem historiadores, quando se constata que todos se copiaram uns aos outros, com o que, enfim, tudo se reduz a um só testemunho.”
(SCHOPENHAUER, 1997, p.171)

*“Dico ego, tu dicis, se denique dexit et ille:
Dictaque post toties, nil nisi dicta vides.*

(“Eu digo, tu dizes e, no fim, o diz também ele; depois de dar-lhe tantas voltas, ninguém mais vê aquilo que se disse.”)⁷⁵ (Segundo Bayle, Pensées sus lês Comètes, vol. 1, p.10)”(id)

“Não obstante, quando se discute com pessoas comuns pode-se fazer uso da opinião geral como autoridade. Em geral, veremos que, quando duas cabeças comuns disputam entre si, a arma comum que escolheram é a autoridade: é com isto que eles combatem um ao outro. Se uma cabeça mais refinada tem de enfrentar-se com alguém deste tipo, o melhor será lhe aconselhar que se resigne a utilizar também esta arma, escolhendo-a conforme os pontos fracos de seu adversário. Pois contra a arma dos fundamentos, este é, ex hypothese, um Siegdried com chifres, imerso na maré da incapacidade de pensar e julgar.” (Schopenhauer, 1997, p. 165-172)

17. Rótulo odioso

“Um modo rápido de eliminar ou, ao menos, de tornar suspeita uma afirmação do adversário é reduzi-la a uma categoria geralmente detestada, ainda que a relação seja pouco rigorosa e tão só de vaga semelhança. Por exemplo: “Isso é maniqueísmo”, “É arrianismo”, “É pelagianismo”, “É idealismo”, “É panteísmo”, “É brownianismo”, “É naturalismo”, “É ateísmo”, “É racionalismo”, “É espiritualismo”, “É misticismo”, etc. Com isto, fazemos duas suposições: 1) que aquela afirmação é efetivamente idêntica e essa categoria ou, ao menos, está compreendida nela e estamos dizendo: “Ah, isto nós já sabemos!”; e 2) que esta categoria já está de todo refutada e não pode conter nenhuma palavra verdadeira.”(ibid, p. 174)

18. Tomar prova pela tese

⁷⁵ Isso ocorreu com falsa dualidade determinismo/possibilismo.

“(O qual deveria ser um dos primeiros). Se o adversário tem de fato razão e felizmente escolheu, para defender-se uma prova ruim, será fácil refutarmos essa prova, e daremos isto como uma refutação da tese mesma. No fundo, isto reduz-se a apresentar um argumentum ad hominem por um ad rem. Se ao adversário ou aos ouvintes não lhes vem à mente uma prova melhor, vencemos. Por exemplo, se alguém emprega, para provar a existência de Deus, o argumento ontológico que é fácil de refutar.”(ibid, p.180)

2.2.4. Fá: A crítica ao rótulo e as disputas acadêmicas (ou de como a “coisa-em-si⁷⁶” pode desfilas de “coisa-criticada” na Marquês de Sapucaí”)

Bumbum paticumbum prugurundum,

Determinismo é voodoo do Haiti

Bumbum paticumbum prugurundum

o nosso samba minha gente é isso aí, é isso aí

Bumbum paticumbum prugurundum, contagiando a Marquês de Sapucaí

Adaptado do samba da Império Serrano

O objetivo desta tese não é expor e justificar uma intenção de banir a crítica ao determinismo ambiental, nem de julgá-la desnecessária e totalmente impertinente. Não se pretende dizer que a crítica não deva ser feita, mas sim, de que não tem sido feita devidamente e seguindo os cânones mínimos da análise clara, precisa, elucidadora, imparcial, dialética, sintetizadora e honesta. Assim, uma crítica que faça jus ao nome e à etimologia da palavra ainda está para ser realizada e, longe de ser um mero “tiro no cavalo morto”, muito teria a contribuir para a compreensão da história do pensamento geográfico, no que tange à compreensão dos paradigmas fundadores da Geografia

⁷⁶ O termo coisa-em-si não passa de recurso retórico, pois seu uso não significa acreditar que a razão pode alcançá-la, e que fique entendido pelo termo não mais que o fenômeno, o que aparece, ou seja, numa clara visão kantiana e schopenhaueriana, para quem os fenômenos navegam sobre o leito eternamente incognoscível da “coisa-em-si”. (parafraseando Olavo de Carvalho).

moderna, das nuances da relação homem-meio, da atualidade do tema das influências ambientais, da importância científica do erro, dentre outros.

No que concerne o problema das disputas acadêmicas, Morin, ao falar da redução trivializante sobre o conhecimento científico, cita Bordieu, concordando que *“O campo científico é um campo social como qualquer outro, com suas relações de força e seus monopólios, suas lutas e suas estratégias, seus interesses e seus ganhos”* (BORDIEU apud MORIN, 2002, vol. 4, p.94). HAGSTROM apud MORIN (2002), acredita que a notoriedade é a motivação primeira do cientista. Morin endossa essas assertivas, apesar de reconhecer que o interesse científico não pode simplesmente ser reduzido ao interesse econômico e que a sede de conhecimento não se reduz à sede de poder, enfatizando que *“Por seu lado, os estudos de etnografia dos laboratórios mostram-nos como se estabelecem o “crédito” dos pesquisadores, em função de posição ou status, as lutas pelo reconhecimento, pelo prestígio ou pela glória, as negociações necessárias ao estabelecimento de uma prova, os ritos de iniciação na pesquisa e na universidade.”*(id.).

Essas características do fazer acadêmico e da vida de pesquisador são em parte responsáveis pelos excessos da crítica em geral e, especificamente, pela crítica ao rótulo, pelo interesse em sustentar insistentemente falsas dicotomias e generalizações, e por parir rótulos estigmatizantes. Não é difícil imaginar que para se ganhar notoriedade, para realizar eficazmente a maratona lattes (no caso brasileiro), para exhibir erudição, ou com o intuito de cumprir ritos de passagem ao longo da carreira, muitos pesquisadores possam apelar para a tarefa fácil e desonesta de realizar críticas infecundas, e tecer análises baseadas em falsas premissas, fantasiosas dualidades, obstruindo a devida compreensão de teorias, conceitos, escopos, métodos e natureza da Geografia.

Se por um lado essa questão da vida acadêmica e dos interesses nela embutidos é parcialmente responsável por tantas incompreensões, por outro lado restam algumas palavras a se dizer sobre os outros motivos em jogo. Esses motivos resumem-se no grave desconhecimento do tema debatido, e principalmente, dos temas correlatos que lhes servem ou de necessário complemento, ou de fundamentação

teórica. Esse desconhecimento implica no abuso de um ou mais dos vinte e dois pecados capitais da pesquisa teórica em Geografia. As obsessões intelectuais podem levar o pesquisador, seja ele o determinista ou seu crítico, a descartar aprioristicamente outros paradigmas, outras premissas, e outras evidências que não as que servem como alimentos a sua obsessão. A cegueira paradigmática e a obsessão intelectual são de fato problemas sérios e reais que poderiam ser dirigidos a alguns deterministas, mas principalmente aos seus críticos mais descuidados, que observaram uma suposta trombose terminal num corpo de idéias marcado por meras micro verrugas retóricas e descuidadamente generalizantes. Assim, são comuns as críticas que atribuem aos “deterministas” (sem nunca especificar a quem) a ingênua intenção de “positivamente tudo prever”, de se apoiar na visão teleológica da natureza, de desentranhar o livre-arbítrio do cérebro humano, de servir aos anseios capitalistas e imperialistas, dentre outras assertivas que raramente são de fato atribuíveis aos deterministas.

A crítica ao rótulo, por sua vez, opera do seguinte modo: primeiramente confecciona-se um vistoso balaio opaco e rígido, trançado e retrançado. Depois, cola-se, no seu entorno, uma faixa com os seguintes apelidos: “positivista”, “determinista”, “teleológico”, “mecanicista”, “organicista”, “darwinista”, “lamarckista”, “ideológico”, etc. Daí parte-se para o preenchimento do balaio, que recebe em seu interior uma fauna incrivelmente heterogênea (todos devidamente acorrentados e amordaçados): Geógrafos, historiadores, biólogos, sociólogos, antropólogos, cientistas políticos, diplomatas, economistas, filósofos, padres, feiticeiros, macumbeiros, todos eles tendo em comum, em princípio, apenas a ênfase conferida ou a mera menção à idéia das influências ambientais.

Pelos mais diversos motivos; como abusar de alguma generalização apressada, usar certa licença poética, exibir evidências falaciosas ou não exibir nenhuma, construir longa teoria explanatória da preponderância da influência de fatores ambientais, ousar roubar aos humanos seu livre-arbítrio, endeusar o todo-poderoso fator climático, teorizar dialeticamente a influência conjunta de três fatores ambientais, afirmar que estações bem definidas tornam o povo mais guerreiro, explicar a diferença de sonoridade entre línguas nórdicas e latinas com base no clima, esmerar-se em

demonstrar a dialética presente nas influências recíprocas sociedade-natureza, não mencionar o papel da cultura nas ações humanas, citar hereticamente Ellen Semple ou Ratzel, não atacar obcecadamente os defensores do “desvio determinista”⁷⁷, forjar a idéia de probabilismo, insinuar influência climática sobre a agricultura, reconhecer que clima e saúde estão intimamente relacionados, demonstrar as vantagens do clima temperado em relação ao clima tropical, lembrar a influência de altas temperaturas sobre alguns vetores de doenças, explicar o sucesso e fracasso econômicos das civilizações por meio da inicial vantagem em termos de elementos naturais⁷⁸, reclamar do mal estar causado pelo tempo úmido e quente, e até mesmo ser declaradamente possibilista, por todos⁷⁹ esses motivos, uma gama variadíssima de autores são colocados sob o mesmo rótulo geral de “deterministas” e sob alguns rótulos dele derivados.⁸⁰

O desdobramento lógico dessa rotulagem é que ninguém poderia escapar ao confinamento nesse balaio-estigma, exceto os próprios críticos. Em contrapartida, diante da falta de critérios para classificar autores e obras, e desse “vale-tudo”, é fácil encontrar razões para também rotular esses críticos de rotuladores.

Além do problema do rótulo, há o grave erro da redução e simplificação descontextualizada e conseqüente banalização ao ridículo de um autor ou obra. Considerar uma afirmação como “reducionista e insuficiente”, ou “simplista e banalizadora” não significa pressupor que seja totalmente falsa, pois o que define esses adjetivos é seu caráter descontextualizado e sem pontes com o conjunto do pensamento (sempre complexo e por vezes contraditórios) do autor, na forma de ressalvas, comparações e alertas. Assim, tanto os deterministas quanto seus críticos⁸¹

⁷⁷ Termo usado por Stalin.

⁷⁸ Enquanto potencialmente recursos exploráveis.

⁷⁹ Os que consideram a existência de um Deus-todo-poderoso que decide o curso de tudo que há na terra também seriam jogados nesse balaio determinista?

⁸⁰ Derivados segundo a visão desses mesmos críticos, pois nem todos esses rótulos (fatalista, necessitarista) necessariamente se seguem ao rótulo central, o “determinismo”.

⁸¹ Os autores deterministas também cometem todas essas falhas, mas esse não é o tema desta pesquisa, ainda que ocasionalmente seja mencionado algum problema de seus textos.

cometem, em muitos casos, o erro crasso de tirar conclusões precipitadas a partir de obras que não leram ou com base em qualquer comentador. Os danos são maiores ao entendimento do assunto quando, frivolamente e no estilo jornalista-de-almanaque⁸², exibem citações de efeito e de caráter metafórico ou irônico selecionadas com o tendencioso propósito de denegrir uma idéia, teoria, obra ou autor. Ou seja, é uma questão de conscienciosidade.

O leitor consciente e experiente, mais iniciado nas armadilhas da linguagem, do discurso e dos perigos vários que gravitam em torno da leitura e interpretação de autores – principalmente quando não se recorre às fontes primárias, ao original (sem tradução, de preferência) e à tradição - raras vezes é seduzido pelo canto dessa sereia semântico-filosófica e é dever dos pesquisadores e pensadores da Geografia buscar esse discernimento como alicerce insubstituível do edifício do conhecimento – se é que se pode fazer essa analogia ingênuo-pedagoga, posto que alcançar o conhecimento, após mínima atenção à “amiga da Sofia”, no mínimo depende de outros vários atributos que aqui jamais se esgotariam. Isso sem contar o risco de nos enredarmos num “cognoniilismo”, posto que até mesmo a possibilidade de conhecimento da coisa-em-si, no que concerne os entes mais mensuráveis como são os da física, química e biologia, é questionada pela tradição filosófica.

Quanto ao termo “rotuladores”, não seria o mesmo equívoco rotular esses críticos dessa forma? Seria. Prefiro chamá-los de “comentadores”, “especialistas”, “críticos”, “pesquisadores”, “geógrafos” que realizam críticas infundadas. E é dessa forma que os deterministas deveriam ter sido chamados ao longo da história do pensamento geográfico, e não exatamente de “deterministas”. Imagine-se a tal

⁸² Optou-se nesta tese pelo uso de um estilo mais vivo e metaforicamente visceral, pois se trata de um estilo complementar e não contraditório com a suposta objetividade científica, que pode servir como uma aspirina – todavia possivelmente também cansativa - para a “dor asséptica” da linguagem academicista, considerada como a única válida e aceitável. Assim, optou-se por esse contraponto de estilos, cujas melodias se sobrepõem sem dissonâncias. O uso desse estilo jornalístico-literário - não sei como chamá-lo e isso pouco importa - difere daquele abusado pela crítica aos “deterministas” em três pontos: não faz recortes descontextualizados, não simplifica o alvo criticado e evita a rotulação de autores e obras. Ou seja, o uso desse estilo não significa abusar de uma retórica desonesta.

impertinência de reduzi-los por meio de rótulos, caso a eles sempre se referisse como “rotuladores”. Haveria frases e comentários como: Sauer comungava da “rotulagem geográfica”, Boas era implacável na sua doutrina do “rótulo geográfico”, a Epistemologia da Geografia no Brasil padece de “rotulismo geográfico”. Ou seja, apesar de haver inúmeras críticas ao determinismo, esses autores “antideterministas não foram reduzidos a essa faceta, e da mesma forma autores que de algum modo, pra mais ou pra menos, argumentam a importância dos fatores ambientais, não poderiam ter sido jamais simplificados, rotulados e incompreendidos pela crítica. Assim como não há registro de geógrafos que tenham gasto toda sua carreira com uma mera rotulagem de teorias, autores e obras, também nunca houve um geógrafo cuja vida acadêmica tenha sido apenas uma busca por comprovar suas “idéias deterministas”. Aliás, mesmo que houvesse tal caso, não se pode afirmar que é pouco uma busca tão desafiante como esta de comprovar e argumentar em favor da primazia das influências ambientais sobre o homem, sociedade e cultura.

Ainda sobre a questão do rótulo, note-se que ao longo da tese tenho usado de vários efeitos retóricos para se referir aos críticos do determinismo, num sentido de condenação irônica, mas alerto que quando assim procedo, não estou me referindo a todos os críticos, embora por vezes possa parecer. Quando falo em “os críticos histriônicos, fantasiosos e arlequinescos do determinismo ambiental”, estou especificando que alguns se encaixam nesses adjetivos, e em nenhum momento pretendo generalizar e chamar todos os críticos de equivocados. Mesmo um crítico fanfarrão pode ter acertado em algumas objeções, afinal, os brutos também amam!

A idéia das influências ambientais (vulgo determinismo ambiental) não se constitui na única idéia a sofrer com a fantasia fetichista dos críticos. Seus amigos de senzala, de cárcere e de manicômio, para citar os mais ilustres, são o positivismo, o darwinismo, o lamarckismo, o neolamarckismo, o mecanicismo, o marxismo, dentre outros⁸³. Do que pude notar nas leituras feitas nessas searas da ciência é que em si

⁸³ Não é preciso ter uma imaginação aguçada para se imaginar uma conversa de bar meio sujo, meio de esquerda, uma espécie de bar-prisão, onde confinam os algemados ideológicos, que nada tendo a fazer de mais útil, desandam a falar de como vestiriam seus inimigos-teorias com os trajes mais

mesmas, elas nada parecem ter de “maligno” ou “fantasioso”, ou “falacioso”, ou “puramente ideológico”, ou “ilógico”. Esses adjetivos ajustam-se com muito mais ergonomia na mente fértil da ala circense da crítica, cujo ápice da carreira acadêmica e científica parece fundar-se na exposição dessas teorias ao ridículo, como o apresentador circense que exhibe para a atônita platéia, ávida pelo grotesco e bizarro, um macaco com duas cabeças ou, como no “freak show” que encantou multidões, onde seus idealizadores exibiam como um troféu rentável (as críticas caricaturais vendem bem e se disseminam rápido) ilustres personagens como o “menino polvo”, e o lendário “homem-elefante”, ícone mais famoso do circo dos horrores que sacudiu os EUA no início do século XX, curiosamente na mesma época de máxima disseminação da “Geografia-determinismo” ou “Geografia-do-homem-marionete”. Stalin, personagem digno de um “historic freak show”, não por acaso, criticava aqueles que comungavam do “pecado determinista”, como se fossem os pecadores à época do Brasil colônia dos “pecados nefandos”, tão bem discutidos por Gilberto Freyre e Luiz Mott, quando discutem a sodomia nos “matinhos” e “sacristias” do Brasil.

“excêntricos” e vulgares, de modo a divertir a platéia (que nunca os viu sem as vestes) e podar-lhe a faculdade da razão e do juízo (Quem precisa de Kant?, diriam). Note-se bem que não se pode comparar tal episódio ao mito da caverna de Platão, pois neste a sombra ainda guarda algumas características essenciais do ser humano, como as partes do corpo, mas, sim, convém comparar aos “discursos deterministas”, das quais o essencial é removido pela crítica, e em seu lugar colocam-se “falsas verdades” caricatas, que desviam a análise e impedem a real compreensão. Uma segunda cena plausível para representar o problema da segregação de algumas teorias e autores, com consequente isolamento numa solitária à espera da pena capital, é a conversa entre três famosos “ismos-estupradores” na “cela nefanda”: - Ei, diz o primeiro estuprador ao segundo, qual foi seu crime? - cochichando diz: “darwinismo”! Replica em seguida, com olhar de quem espera crime pior do vizinho de cela, para se sentir menos escória: - e você? Com ar grave e olhar constrangido, vacila: - “marxismo”! Em seguida, já se sentindo o último dos mortais, se dirige ao terceiro e repete três vezes: - confessa aí, ô mosca morta! Com jeito molambo, e aparentando um leproso bíblico, ergue-se fraco e débil, e balbucia: - “determinismo”!, ao que se segue em coro: - Deus te proteja da pena de morte! Replica o terceiro estuprador com sorriso sarcástico de canto de boca: - Pena de morte como? Já me declararam morto os possibilistas!

2.2.5. Sol: Alguns apontamentos em torno da questão dos discursos e da história das idéias

In every serious philosophical question uncertainty extends to the very roots of the problem. We must always be prepared to learn something totally new.

Ludwig Wittgenstein, Remarks on Colour

Ao longo do século XX, alguns métodos de análise textual foram construídos, tais como o estruturalismo (que inclui a semiótica), e o pós-estruturalismo (desenvolvido por Derrida, Lacan, Deleuze, Foucault, Baudrillard, dentre outros), que comporta a análise do discurso e também o método desconstrutivista de Guérilla. De acordo com Mills (1997), diferentes campos do saber possuem distintas concepções do que vem a ser um discurso e na Geografia Humana em geral é tido como uma série específica de representações, práticas e performances por meio das quais o significado é produzido, conectado em redes e legitimado. Essa definição desdobra-se, por seu turno, em quatro características, nem todas aceitas, em seu conjunto, pelos autores pós-estruturalistas franceses:

1. São heterogêneos. Dessa forma, não são o produto de um único autor e não estão confinados a um texto literário ou à alguma teoria científica em especial, posto que, ao contrário, perpassam diferentes domínios e registros, carregando consigo múltiplos significados e implicações.
2. São regulados. Assim, em geral demonstram coerência, ainda que possam ser contraditórios, e se sustentem sobre uma espécie de regime de verdade próprio.
3. São contextualizados. Discursos sempre geram um conhecimento parcial da realidade, posto que se encontram num contexto particular de poder, estando por esta razão sempre susceptíveis à contestação. Logo, jazem sob ideologias sempre atuantes.
4. São performativos. Como tais, possuem significado, força e efeito variáveis, fazendo parte, assim, da constituição do social e do ser.

Tomadas em conjunto, essas características nos permitem entender “*how what is said fits into a network that has its own history and conditions of existence*” (BARRET, 1992, p.32). Elas também têm sido particularmente úteis para uma

reconstrução da história da Geografia, uma vez que seus estudiosos não têm mais se contentado em acatar uma historiografia tomada por uma verdadeira récita de fundadores, pais e genros da Geografia, por uma listagem de escolas de pensamento em sucessão linear e progressista ou por uma passeata de (cegos e falsos) paradigmas, antagonismos inconciliáveis (tênuos, na verdade) e dicotomias simplistas. Por outro lado, os geógrafos que pesquisam a história do pensamento geográfico têm, mais recentemente, principalmente na Europa e nos EUA, interpretado a produção do conhecimento geográfico como discursos, permitindo uma concepção muito mais heterogênea e multidirecional da história do pensamento geográfico.

As características acima são totalmente aplicáveis ao que veio a ser rotulado de “determinismo ambiental”, assim como se aplicam também às críticas a esse rótulo. Entretanto, encará-los como discursos, não implica em diminuir-lhes a importância ou o status científico, e também não significa que não contenham em sua essência ou hipótese fundadora inúmeras verdades. Apenas significa que devem ser estudados por outro prisma e sem os equívocos tão em voga entre os que fazem história do pensamento geográfico.

Nesta tese, dado seu caráter inicial, abrangente, quase amador, e que se pretende apenas um prolegômeno e um canal de reflexão para produzir um número máximo de indagações, essas estratégias de análise do discurso, assim como as sete estratégias de análise que constituem este capítulo, apenas serviram como inspiração e nenhuma delas foi empregada sistematicamente e com profundidade. Elas servem mais como lentes que ajudam o leitor a compreender os pontos defendidos e o auxiliam na sua própria análise dos deterministas e de seus críticos. Por essa razão não se vê nesta tese o uso de metodologia específica e unidirecional, levemente baseada nas sete lentes expostas neste capítulo. O direcionamento dado à análise da crítica foi espontâneo, multidirecional, nascendo com a própria tese, afinal, o caminho se faz ao caminhar. Ou seja, usei dos artifícios que cada momento demandou, e na impossibilidade de empregar com intensidade algum artifício em especial, por desconhecimento dele ou por dificuldades próprias, ou me calei, ou deixei as questões no ar, pois nem todos os questionamentos foram deixados à deriva e ao sabor da curiosidade do leitor por mero

capricho, por falta de espaço ou por pura intenção de colaborar com a reflexão do assunto, mas muitas vezes tratou-se de um impedimento cognitivo, fruto de minhas próprias limitações. A busca pelo conhecimento deve causar medo e espanto, do contrário, trata-se não de um cientista, mas sim de um bobo da corte sofista.

Uma última palavra a respeito da análise crítica adotada nesta tese deve esclarecer minha visão do que vem a ser um “texto”. Não pretendo veicular a idéia de que um texto deva ser analisado sob uma perspectiva maniqueísta, como se ele fosse auto-explicativo ou comportasse uma única interpretação. Pelo contrário, minhas maiores dificuldades nesta pesquisa estão relacionadas à possibilidade de ambigüidade dos textos utilizados, de meio-termo, de nuances, de ideologias embutidas e da intertextualidade tanto do texto, quanto do trabalho empírico que deu origem a alguns deles. Waswo critica um certo maniqueísmo das idéias em seu opositor e revela um problema central e controverso sobre a análise textual:

I know of no body of thinking nor of any scholarly account of one that is "either wrong or right." At no level of serious work above that of the freshman essay, and often not even there are "right" or "wrong" attributable in this blanket and rudimentary fashion. Any argument about the meaning, diffusion, and consequences of ideas will inevitably provoke agreement here and disagreement there, will have strengths and weaknesses, will present, to the different viewpoints of different critics, an inevitable (and seldom the same) mixture of "right" and "wrong." But not to Monfasani, whose "either/or" view of the interpretation of a text postulates a far simpler (and non-existent) world of discourse where he can find comfort in the detection of fictitious "errors" and delight in the diagnosis of fictitious diseases. I am pointing out that Monfasani's polemically implied characterization of a text (as something nice, simple, straightforward, something quite clearly there in order to be danced around and distorted by the invalids) is falsified in his own practice. The characterization makes possible the whole tone of his reproaches, the bluff heartiness, the no-nonsense, plain-as-the-nose-on-your-face attitude that is designed to make the invalids ridiculous. The falsification emerges from the necessary effort to read the text, for which some context is required. Monfasani perforce supplies one, a far too narrow

one. No text can read itself. No text that has syntactical coherence greater than that of, say, a telephone directory, declares its own meaning. What is "under, between, around, and behind" it are whatever contexts we as readers bring to its interpretation. (WASWO, 1989, p.326)

Nesse sentido do que vem a ser a verdade ou a melhor interpretação de um texto pode-se afirmar que Waswo acredita que a verdade do texto é a que “aparece”, no sentido pré-socrático do termo. A verdade seria uma construção que faz aparecer, que traz à tona, conferindo existência verdadeira e sentido.

Resta considerar que uma análise do discurso, se aplicada extensivamente à análise dos discursos críticos ao determinismo, revelará uma série de temas recorrentes, principalmente aqueles relacionados com os dogmas iluministas, ou seja, a crença num homem livre, racional, dotado de poder para fazer da natureza o que bem lhe convier, senhor de seu destino.

2.2.6. Lá: Edgar Morin: a fragilidade do conhecimento e a teoria da complexidade

“Sabemos bem que toda a obra tem que ser imperfeita, e que a menos segura das nossas contemplações estéticas será a daquilo que escrevemos. Mas imperfeito é tudo, nem há poente tão belo que o não pudesse ser mais, ou brisa leve que nos dê sono que não pudesse dar-nos um sono mais calmo ainda. E assim, contempladores iguais das montanhas e das estátuas, gozando os dias como os livros, sonhando tudo, sobretudo, para o converter na nossa íntima substância, faremos também descrições e análises, que, uma vez feitas, passarão a ser coisas alheias, que podemos gozar como se viessem na tarde. Não é este o conceito dos pessimistas, como aquele de Vigny, para quem a vida é uma cadeia, onde ele tecia palha para se distrair. Ser pessimista é tomar qualquer coisa como trágico, e essa atitude é um exagero e um incômodo. Não temos, é certo, um conceito de valia que apliquemos à obra que produzimos. Produzimo-la, é certo, para nos distrair, porém não como o preso que tece a palha, para se distrair do Destino, senão da menina que borda almofadas, para se distrair, sem mais nada.”

Cabe esclarecer que minha visão das limitações do conhecimento e dos limites de uma tese que lida com a história das idéias encontra sua melhor tradução na obra de Edgar Morin, intitulada *“O Método”*, composta de cinco volumes, dos quais os mais essenciais são *“O conhecimento do conhecimento”*, *“A natureza da natureza”*, e *“As idéias”*. Nesta última obra, assim como nas anteriores, Morin realiza uma introdução ao problema e à necessidade de um pensamento complexo, porém realizando uma investigação que não parte do mundo questionado e apreendido por nossas idéias, mas de uma interrogação e de uma apreensão incidindo sobre as próprias idéias, a sua natureza, organização e condições de existência. Assim, acreditamos que toda investigação em torno da história das idéias ou que pretenda analisar o conhecimento produzido sobre determinado assunto, deve considerar, nas palavras de Morin, que *“As idéias e, mais amplamente as coisas do espírito, nascem dos próprios espíritos, em condições socioculturais que determinam as suas características e as suas formas, como produtos e instrumentos do conhecimento.”* (MORIN, 2002, v.4, p.131)

Dado que concebo a crítica dos autores deterministas como um conjunto de idéias veiculadas na forma de discurso, cabe-me a tarefa, ousada e por essa razão não plenamente alcançável, de refletir sobre a pertinência dessas críticas, sobre o modo como foram sendo alimentadas ao longo da história e sobre as condições políticas, científicas, sociais e históricas que lhe permitiram existir enquanto discurso socialmente veiculado e com vida própria, adentrando a noosfera a que alude Morin, e daí imiscuindo-se perigosamente nas ciências humanas, em particular na Geografia nascente da virada do século XIX/XX.

Sobre a noosfera, considero bastante intrigante e pertinente a discussão filosófica em torno da concepção da idéia como entidade dotada de uma atividade própria. Popper (1977) dividiu o universo humano em três mundos: o das coisas materiais exteriores, o das experiências vividas e a noosfera, ou seja, o mundo constituído pelas coisas do espírito, produtos culturais, linguagens, noções, teorias,

inclusive os conhecimentos objetivos. Para Popper, as coisas do espírito, embora produzidas e dependentes, adquirem uma realidade e uma autonomia objetiva.

Bateson (2002), por sua vez, chega a cruciais questionamentos que poderiam ser aplicados à história do determinismo ambiental enquanto corpo de idéias em perpétua reciclagem: *“Como as idéias agem umas sobre as outras? Há uma espécie de seleção natural que determina a sobrevivência de certas idéias e a extinção de outras? Que tipo de economia limita a multiplicação das idéias em uma região do pensamento? Quais são as condições necessárias para a estabilidade (ou a sobrevivência) de um sistema ou subsistema desse gênero?”* (Bateson apud Morin, 2002, v.4, p.135) Sobre essa questão, diversos autores refletiram sobre o que veio a ser chamado “ecologia das idéias”, advogando que estas possuem uma existência própria dentro de um ecossistema cultural. O trecho transcrito abaixo da obra “As idéias” de Morin, é revelador e mostra com clareza um problema que se aplica às teorias ambientalistas e seu histórico: o fato das idéias ou construções intelectuais, ao reagirem dialeticamente com outras idéias e espíritos humanos, gerarem consequências em geral imprevisíveis para seus mentores:

Para Wojciechowski, o *Knowledge construct* não é a soma dos conhecimentos individuais. Diferentemente do inconsciente coletivo junguiano, é o produto de todos os processos de conhecimento. Embora construído pelos homens e inseparável deles, constitui uma entidade que se tornou distinta na sua natureza, existência e causalidade própria: *“Knowledge is man made and man dependant but the body of knowledge is an entity distinct from man”*(Wojciechowski, 1978, p.98-99). Uma vez formadas, as construções intelectuais vivem uma vida própria, engajam-se em relações dialéticas com as outras “construções” e espíritos humanos. Geram consequências com frequência imprevistas para seus autores...”tornam-se conhecimentos públicos e, desse modo, propriedade pública. *Transcendem assim o espírito individual...*”. O desenvolvimento dos conhecimentos aumenta o poder do edifício do saber sobre o homem: *“Assim, aquilo que era concebido, na origem, para servir o homem, ameaça tornar-se seu senhor”*. Wojciechowski observa, além disso, que *as idéias são menos biodegradáveis que o homem.* (MORIN, 2002, v.4, p.135)

Em sua obra, Morin reconhece a pertinência de uma ciência das idéias (noologia), cuja noosfera está povoada de entidades “vivas”, *“emergindo com sua vida própria a partir do conjunto das atividades antropossociais, reconhecendo, ao mesmo tempo, nessa própria emergência, o seu caráter irreduzível”*. Para o filósofo, *“uma noologia considera as coisas do espírito como entidades objetivas. Mas isso não exclui de modo algum que se considerem igualmente essas “coisas” do ponto de vista dos espíritos/cérebros humanos que os produzem e do ponto de vista das condições culturais de sua produção.”* Essa constatação bastante lúcida, essencial ao estudo da história das idéias, é um dos motivos pelo qual a teoria do “determinismo” vem sendo incompreendida ao longo da história.

Morin também é esclarecedor para se analisar a incompreensão histórica do determinismo ambiental quando fala, em seu terceiro volume de “O Método, o Conhecimento do conhecimento”, do problema da incerteza enquanto risco e possibilidade.

Quanto às condições de emergência e ao contexto epistemológico de nascimento das ciências humanas, Foucault avalia que:

Certamente, não resta dúvida de que a emergência histórica de cada uma das ciências humanas tenha ocorrido por ocasião de um problema, de uma exigência, de um obstáculo de ordem teórica ou prática; por certo foram necessárias novas normas impostas pela sociedade industrial aos indivíduos para que, lentamente, no decurso do século XIX, a psicologia se constituísse como ciência; também foram necessárias, sem dúvida, as ameaças que, desde a Revolução, pesaram sobre os equilíbrios sociais e sobre aquele mesmo que instaurara a burguesia, para que aparecesse uma reflexão de tipo sociológico. Mas se essas referências podem bem explicar por que é que foi realmente em tal circunstância determinada e para responder a tal questão precisa que essas ciências se articularam, sua possibilidade intrínseca, o fato de que, pela primeira vez, desde que existem seres humanos e que vivem em sociedade, o homem, isolado ou em grupo, se tenha tornado objeto de ciência – isso não pode ser considerado nem tratado como um fenômeno de

opinião: é um acontecimento na ordem do saber. (FOUCAULT, 2007, p.476 - 477)

Um momento da Geografia em que o homem claramente emerge como um objeto de estudo, pelo prisma das influências ambientais, é o da antropogeografia positivista a que se refere Boas. No caso da Geografia, a emergência histórica aludida por Foucault não pode ser dissociada dos estudos do “problema do ambiente”, ou seja, da questão das relações entre homem e natureza pelo prisma das influências ambientais. A exigência da qual fala é na Geografia a busca por um estudo mais científico do homem, baseado nas suas características enquanto favorecidas pelos “fatores geográficos”. Os obstáculos de ordem teórica são a complexidade da relação mútua homem-ambiente, cultura-natureza, e os de ordem prática são os de observar, analisar, mensurar e avaliar essa relação. Sobre os motivos da “precariedade” das ciências humanas, aponta magistralmente que:

O que explica a dificuldade das “ciências humanas”, sua precariedade, sua incerteza como ciências, sua perigosa familiaridade com a filosofia, seu apoio mal definido sobre outros domínios de saber, seu caráter sempre secundário e derivado, como também sua pretensão ao universal, não é, como freqüentemente se diz, a extrema densidade de seu objeto; não é o estatuto metafísico ou a indestrutível transcendência desse homem de que elas falam, mas, antes, a complexidade da configuração epistemológica em que se acham colocadas, sua relação constante com as três dimensões que lhes confere seu espaço. (FOUCAULT, 2007, p.481)

Essa matriz epistemológica complexa na qual se inserem as ciências humanas consiste em três dimensões que representam o domínio da episteme moderna: as ciências matemáticas e físicas, *“para as quais a ordem é sempre um encadeamento dedutivo e linear de proposições evidentes ou verificadas”*; as ciências, como biologia a economia e a lingüística, *“que procedem ao estabelecimento de relações entre elementos descontínuos, mas análogos, de sorte que elas pudessem estabelecer entre*

elas relações causais e constantes de estrutura”; a da reflexão filosófica, “com a dimensão da lingüística, da biologia e da economia, ela delinea um plano comum: lá podem aparecer, e efetivamente apareceram, as diversas filosofias da vida, do homem alienado, das formas simbólicas; (...) mas lá também, apareceram, se se interrogar de um ponto de vista radicalmente filosófico o fundamento dessas empiricidades, ontologias regionais, que tentam definir o que são, em seu ser próprio, a vida, o trabalho e a linguagem, enfim, a dimensão filosófica define com a das disciplinas matemáticas um plano comum: o da formalização do pensamento.” (ibid, p.482)

Para Foucault, as ciências humanas são excluídas desse “triângulo epistemológico”, no sentido de não serem encontradas nem dentro nem à superfície deles, mas ao mesmo tempo elas são incluídas por ele, pois se acham inseridas no interstício desses saberes, como “*perigosos intermediários no espaço do saber*”, postura essa que lhe confere uma essência de instabilidade. A Geografia toda, principalmente em seus temas mais atrelados à Geografia humana, padece dessa essencial instabilidade e incerteza, cuja força já era notada claramente pelos antropogeógrafos e por Huntington, Ratzel e Semple, que ao reconhecer as limitações, audaciosamente lançaram-se a uma epopéia que buscava desafiar essas limitações, e embora não lograssem muito mais que um palmo na direção de uma ciência “respeitável” nos moldes das ciências naturais e da matemática, conseguiram avançar nas incertezas que tanto ansiavam combater, logo, é na incerteza, nos questionamentos e no reconhecimento de suas limitações, que reside sua importância para as ciências e para a Geografia.

O problema da incerteza foi exhaustivamente exposto por Morin, e permeia toda sua obra nas questões da teoria da complexidade. Optou-se por transcrever essa lista de incertezas de modo a destacar aquelas que dizem respeito em especial aos temas e problemas abordados nesta tese, dentre eles a natureza da relação homem-natureza, a

incerteza dos discursos deterministas e as incertezas da crítica que estigmatizaram seus proponentes⁸⁴:

II. Limites, incertezas, cegueiras, misérias do conhecimento

O conhecimento dos limites do conhecimento.

A unidade das possibilidades do conhecimento é indestrutível. Aquilo que permite o conhecimento também o limita; o que limita o conhecimento também o possibilita.

A descoberta dos limites do conhecimento é muito mais do que uma descoberta dos limites. Constitui uma aquisição capital para o conhecimento. Indica que o conhecimento dos limites do conhecimento faz parte das possibilidades do conhecimento e realiza essa possibilidade. Supera os limites do conhecimento restrito que se acreditava ilimitado. Faz-nos detectar uma realidade que excede as nossas possibilidades de conhecimento. Leva-nos a construir um ponto de vista. O do conhecimento do conhecimento, de onde o espírito pode, como de um miradouro, considerar-se a si mesmo nos seus princípios, regras, normas e possibilidades, considerando a sua relação dialógica com o mundo exterior. Percebemos desde então que o inconsciente dos limites do conhecimento era o maior limite do conhecimento. A idéia de que o conhecimento é ilimitado não passa de uma idéia limitada. A idéia de que o conhecimento é limitado tem conseqüências ilimitadas.

As relações de incerteza

Como o dos limites, o problema das incertezas depende das condições fundamentais do conhecimento e pesa em todos os níveis e em todas as formas de conhecimento. As fontes da incerteza são múltiplas; vamos lembrar algumas delas.

A. Incertezas inerentes à relação cognitiva (separação/comunicação/tradução)

⁸⁴ O formato do texto em tópicos inviabilizou colocar o texto nos moldes da citação direta longa. As incertezas que estão em negritos, por mim destacadas, são as que considero essenciais para se relacionar com os problemas em torno dos discursos deterministas e de suas críticas indevidas.

Essas incertezas vêm:

- 1. Da nossa incapacidade para conhecer de outra forma que não pela computação de signos/símbolos, o que torna incerta a natureza profunda da realidade (podemos determinar a objetividade da realidade, não a realidade, não a realidade dessa realidade);*
- 2. Dos riscos de erro ligados a qualquer comunicação. De acordo com a teoria shannoniana, toda comunicação comporta o risco da degradação da mensagem sob o efeito do “ruído”, ou seja, o risco de incerteza e de erro (cf. Méthode 1, p. 354). O conhecimento necessita de inúmeras comunicações não somente entre os receptores sensoriais e o mundo exterior, mas, sobretudo no interior do aparelho neurocerebral, assim como comunicações entre indivíduos, o que multiplica os riscos de incerteza e de erro;*
- 3. Riscos de erro e de deformação ligados a toda tradução.*

B. Incertezas relativas ao meio

O meio comporta acontecimentos aleatórios, desordenados, ambíguos para um observador e é difícil (ou impossível) decidir se um fenômeno aleatório obedece ou não a um determinismo escondido e se um determinado fenômeno diz ou não respeito a uma origem aleatória.

C. Incertezas ligadas à natureza cerebral do conhecimento

Essas incertezas decorrem:

- 1. Do fechamento relativo ao aparelho cognitivo;*
- 2. Dos nossos limites sensoriais;*
- 3. Da multiplicidade das intercomunicações e das intertraduções cerebrais (os estímulos, sensoriais são traduzidos e retraduzidos em mensagens interneuronais, traduzidas em representações, traduzidas em palavras, discursos, idéias...);*
- 4. Da natureza da representação,*
 - a) Dadas as subtrações e adições realizadas pela percepção em relação às mensagens sensoriais;*

- b) Dado o componente alucinatório da percepção (que nos faz ver o que não vemos);*
- c) Dado o componente alucinatório de percepção (que dá realidade ao imaginário);*
- d) Dada a unidade do real e do imaginário na representação,*
- e) Dadas as atenções seletivas e as racionalizações de origem cultural na própria representação;*
- f) Das infidelidades, esquecimentos e deformações da memória.*

D. Incertezas relativas à hipercomplexidade da máquina cerebral humana

Essas incertezas decorrem:

- 1. Das instabilidades dialógicas entre os dois hemisférios (especialmente na relação análise/síntese, abstrato/concreto) e entre as três instâncias (“pulsões”, “paixão”, “razão”);*
- 2. Dos riscos inevitáveis que devem enfrentar as estratégias cognitivas nas situações complexas comportando inúmeros riscos e inter-retroações sobrepostas;*
- 3. Da dificuldade de dosar a necessidade de simplificar (para atingir rapidamente um objetivo) e de complexificar (para considerar todos os aspectos de uma situação).⁸⁵*

E. Incertezas decorrentes da natureza espiritual do conhecimento

Essas incertezas decorrem:

- 1. Da natureza mesma das teorias, inclusive científicas: toda teoria é incerta, não poder excluir a possibilidade da refutação, por uma nova teoria, mas também por basear-se em postulados indemonstráveis e em princípios inverificáveis, relativos à natureza profunda do real e à relação entre o espírito e o real;*

⁸⁵ Simplificar pode ser difícil num contexto que impele o pesquisador para o abismo da complexidade, mas em geral, desafio muito maior é complexificar o que é aceito inadvertidamente como simples. Aliás, mais desgastante ainda é convencer os adeptos da “teoria da simplicidade e banalidade” de que o que chamam de simples é exatamente o contrário disso, de que o que tomam por certo e óbvio, é desconcertantemente incerto e até mesmo insondável. A teoria da “não-complexidade” encontra terreno fecundo no ambiente escolar, catedral fundadora de metade dos males do mundo. A outra metade dos males emanam das instituições que posteriormente encarceraram esses alunos. De um cárcere para o outro, só muda a cela e a fechadura.

2. *Da ignorância do preço do conhecimento teórico (desencarnação do real);*
3. ***Dos limites e das insuficiências da lógica (problema que será examinado no livro sobre a Organização das idéias, noosfera e noologia);***
4. *Das apostas que nenhum pensamento poderia evitar de fazer;*
5. *Dos conflitos que sempre renascem entre o empírico e o racional (quando uma observação ou uma experiência contradizem a idéia racionalmente garantida, é a razão contra uma racionalização?);*
6. *Das tendências que sempre renascem, ao idealismo (tomar a idéia pelo real), à racionalização (encerrar o real num sistema coerente) e à mitologização;*
7. *Das interações e interferências inconscientes entre o pensamento empírico/racional e o pensamento simbólico/mitológico.*

F. Incertezas decorrentes das determinações culturais e sociocêntricas inerentes a qualquer conhecimento

O conhecimento comporta, no seu princípio mesmo, relações de incerteza e, no seu exercício, riscos de erro. Pode, certo, adquirir inúmeras certezas, mas não poderá jamais eliminar o problema da incerteza. Para fazê-lo, teria de abolir a separação entre o cognoscente e o conhecido, o que, pela abolição da sua própria organização, aboliria o próprio conhecimento.

A incerteza é ao mesmo tempo risco e possibilidade para o conhecimento, mas só se torna possibilidade se esta o reconhece. A complexificação do conhecimento é justamente o que leva a esse conhecimento, permitindo melhor detectar as incertezas e corrigir os erros.

Enquanto a ignorância da incerteza conduz ao erro, o conhecimento da incerteza conduz não somente à dúvida, mas também à estratégia. A incerteza não é apenas o câncer que rói o conhecimento, mas é também o seu fenômeno: leva-o a investigar, verificar, comunicar, refletir, inventar. A incerteza é ao mesmo tempo o horizonte, o câncer, o fermento, o motor do conhecimento. Trabalha e progride em

oposição/colaboração com a incerteza. (texto extraído de “O método 3: o conhecimento do conhecimento”, de Edgar Morin, 2005, p. 247 - 248)

O conhecimento aparece como incerteza, que é, dessa forma, seu fenômeno. À nossa razão, o conhecimento se apresenta sob a forma de incertezas, e quem nega a incerteza ou ousadamente a pretende extirpar como se fosse a solução final, é porque não entende a natureza da pesquisa científica.

Morin também fala de um conceito que considero bastante adequado para se ponderar os prós e contras dos debates e controvérsias nos “Jet-Streams” do conhecimento: a noção de calor cultural.

O calor é uma noção que invadiu o universo físico. Em toda a parte onde há calor, isto é, agitação de partículas ou átomo, o determinismo mecânico deve abrir espaço para um determinismo estatístico, e a estabilidade imutável deve ceder lugar a instabilidades, turbulências ou turbilhões. Assim como o calor se tornou uma noção fundamental no devir físico, é preciso dar-lhe um lugar de destaque no devir social e cultural, o que nos leva a considerar, onde há “calor cultural”, não há um determinismo rígido, mas condições instáveis e movediças. Do mesmo modo que o calor físico significa intensidade/multiplicidade na agitação e nos encontros entre partículas, o “calor cultural” pode significar intensidade/multiplicidade de trocas, confrontos, polêmicas entre opiniões, idéias, concepções. E, se o frio físico significa rigidez, imobilidade, invariância, vê-se então bem, que o abrandamento da rigidez e das invariâncias cognitivas só pode ser introduzido pelo “calor cultural”. (MORIN, 2002 – p. 35)

Se onde há calor cultural não há um determinismo, uma rigidez do conhecimento, e se esse calor permite intensas trocas, debates, confrontos, conceitos, dialéticas, então o que dizer dos debates em torno do determinismo ambiental? Teria sido um vulcão ou uma fornalha cultural?

Morin discute também a idéia da dialógica-calor-efervescência cultural e a resume:

A dialógica cultural favorece o calor cultural que a favorece. A conjunção da pluralidade, do comércio, do conflito, do diálogo, do calor, constitui uma alta complexidade cultural. Em consequência, a plena utilização de uma enorme diversidade, em uma dialógica em que idéias antagônicas e concorrentes se tornam ao mesmo tempo complementares⁸⁶, a intensidade e a riqueza do próprio debate criam condições de autonomia para o espírito. Essa autonomia se desenvolve com o desenvolvimento da dialógica e desenvolve esse desenvolvimento. Assim, a dialógica é, simultaneamente, jogo e regra do jogo do desenvolvimento da autonomia do espírito. (Morin, 2002 – p. 35-36)

Ao expandir essa idéia da dialógica e sua função de abrandar o rótulo favorecendo o dinamismo dialógico, Morin toca diretamente na questão do estereótipo e das críticas rasas e infecundas, afirmando que *“É, antes de tudo, em nível de estereótipos que o exame crítico e a livre discussão exercem a sua ação corrosiva; [ou seja, sem se aprofundar] quando a dialógica se aprofunda, a corrosão atinge as doutrinas. Ao aprofundar-se e intensificar-se ainda mais, a problematização atinge o próprio núcleo das doutrinas e pode mesmo terminar por questionar o poder oculto e supremo dos paradigmas.”* (MORIN, 2002 – p. 35-36)

Como o determinismo tem sido frequentemente considerado em seus rótulos, ele raramente é atingido pela dialógica aprofundada. Assim, nota-se que predominou uma dialógica rasa, que sequer arranhou as doutrinas e crenças mais fundamentais dos autores deterministas.

O abrandamento do estereótipo da crítica corrosiva (Morin chama esse estereótipo de imprinting) possibilita o que o autor chama de “possibilidade de expressão de desvios”. No trecho a seguir ele explica a questão do desvio e do pensamento desviante, e menciona os espíritos desviantes confessos que dissimuladamente a título de sobrevivência - existem no universo acadêmico:

⁸⁶ Isso tem sido raro nas ciências humanas, excessivamente fundada e ancorada na muleta das dualidades e dos antagonismos, seguindo o grande paradigma do ocidente: o da separação cartesiana sujeito/objeto.

Em qualquer sociedade, qualquer comunidade, qualquer grupo, qualquer família, existem diferenças muito grandes de um indivíduo para outro quanto à aceitação, integração, interiorização da Lei, da Autoridade, da Norma, da Verdade estabelecidas. Por isso, há em qualquer lugar uma minoria de desviantes potenciais e, dentro dessa minoria, uma minoria pode marginalizar-se ou, eventualmente, rebelar-se. Da mesma forma, em nossas sociedades urbanas, constituem-se margens de anomia e subterrâneos de delinquência. Além disso, espíritos desviantes, por vezes confessos, na maior parte dos casos semidisfarçados, ou mesmo francamente dissimulados, existiram e existem no interior do sacerdócios, das cortes principescas, das rodas mundanas, das academias. (MORIN, 2002, p. 37)

Morin afirma que o desvio vira tendência por meio de uma microefervescência cultural de um “grupúsculo apaixonado” de cinco a quinze pessoas, num processo que se amplia até consolidar-se a tendência. Como já foi discutido anteriormente nos estratégias de Schopenhauer, é relativamente fácil, pelo telefone-sem-fio-sem-critério-sem-honestidade, transformar qualquer impropério em verdade aplaudida com entusiasmo. A ecologia das idéias é uma loucura, verdadeira filha do hospício.

Quanto à questão do paradigma fundador da ciência moderna, Morin faz uma elucidadora análise e após formular o conceito de paradigma e listar suas características, evoca o “grande paradigma do ocidente”, e acredito que é nesse grande paradigma que a falsa dualidade determinismo ambiental e possibilismo está fundada, especificamente no paradigma dele derivado, o da natureza/sociedade. Morin define assim esse grande paradigma:

Vamos propor a seguinte definição: um paradigma contém, para todos os discursos que se realizam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias mestras de inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos e categorias. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem conforme os paradigmas neles inscritos culturalmente. Os sistemas de idéias são radicalmente organizados em virtude dos paradigmas. *Essa definição de paradigma caracteriza-se ao mesmo tempo por ser semântica, lógica e ideo-lógica.* Semanticamente, determina as operações

lógicas centrais. Ideo logicamente, é o princípio primeiro de associação, eliminação, seleção, que determina as condições de organização das idéias. É em virtude desse triplo sentido generativo e organizacional que o paradigma orienta, governa, controla a organização dos raciocínios individuais e dos sistemas de idéias que lhe obedecem. (Morin, 2002 – p. 261)

A seguir, enumera os traços característicos de todo paradigma. Esses traços apontam para a impertinência de se considerar o determinismo ambiental um paradigma da Geografia. Ademais, Boas afirma que o verdadeiro paradigma por trás do determinismo versus possibilismo é aquele estabelecido entre a antropogeografia historicista (alemã) e a antropogeografia positivista francesa e estadunidense.⁸⁷

- 1. O paradigma é “não falsificável”, isto é, encontra-se fora do alcance de qualquer refutação-verificação empírica, embora as teorias dele dependentes sejam “falsificáveis”.*
- 2. O paradigma dispõe do princípio de autoridade axiomática. Ainda que se confunda com os axiomas, é o fundador destes, sendo que a autoridade do axioma legitima retroativamente o paradigma.*
- 3. O paradigma dispõe de um princípio de exclusão; exclui não apenas os dados, enunciados e idéias divergentes, mas também os problemas que não reconhece. Assim, um paradigma de simplificação (disjunção ou redução) não pode reconhecer a existência do problema da complexidade.*
- 4. O paradigma cega, pois o que exclui passa a não existir. Assim, conforme o paradigma estruturalista, o sujeito e o devir não têm qualquer realidade; segundo o paradigma epistemo-estruturalista de Foucault, o homem não passa de uma invenção epistêmica. A partir daí, todo discurso “humanista” desqualifica aquele que o faz.*

⁸⁷ Esse assunto será abordado mais detalhadamente em outro momento.

5. *O paradigma é invisível. Situado, como dissemos, na ordem inconsciente e na ordem supraconsciente, é o organizador invisível do núcleo organizacional visível da teoria, onde dispõe de um lugar invisível. É assim invisível na organização consciente que controla. (Os nossos discursos conscientes são tanto menos conscientes do seu conteúdo quanto mais se julgam totalmente conscientes). É invisível por natureza, porque é sempre virtual; o paradigma nunca é formulado como tal; só existe nas suas manifestações. É o princípio virtual que se manifesta constantemente e encarna-se no que gera. Só se pode falar dele a partir das suas atualizações, as quais, como se diz o sentido do termo grego, o exemplificam: ele só aparece através dos seus exemplos.*

6. *O paradigma cria evidência auto-ocultando-se. Como é invisível, quem está submetido a ele, pensa obedecer aos fatos, à experiência, à lógica.*

7. *Além disso, um paradigma é co-gerador do sentimento de realidade, pois o enquadramento conceitual e lógico do que é percebido como real deriva da determinação paradigmática. Assim, quem obedece ao paradigma da Ordem-Soberana crê que todos os fenômenos deterministas são fatos reais, enquanto os fenômenos aleatórios seriam apenas aparências.*

8. *A invisibilidade do paradigma torna-o invulnerável. Contudo, ele tem o seu calcanhar de Aquiles: em qualquer sociedade, em qualquer grupo, há indivíduos desviantes, anônimos em relação ao paradigma reinante. Além disso, e sobretudo, por raras que sejam, existem revoluções de pensamento, isto é, revoluções paradigmáticas.*

9. *Há incompreensão e antinomia entre os paradigmas, isto é, entre pensamentos, discursos, sistemas de idéias comandados por paradigmas diferentes. Assim, quem quer se que se situe no quadro da oposição paradigmática capitalismo/socialismo percebe como ilusório ou enganador tudo o que inscreve os dados políticos do Oeste e do Leste no quadro de uma oposição paradigmática democracia/totalitarismo e vice-*

versa. O pacto Hitler/Stálin, de 1939, parece puramente circunstancial nos limites do primeiro paradigma, o qual estabelece uma relação consubstancial entre capitalismo e nazismo. Em contrapartida, para o segundo paradigma, o pacto é altamente significativo do parentesco entre dois totalitarismos. O modo de raciocínio derivado de outro paradigma parece: “exótico”, segundo a expressão de Maruyama, isto é, estranho e esquisito. As idéias saídas desse paradigma estranho contradizem as evidências e, em conseqüências, parecem infundadas, delirantes ou mentirosas. Chocam, e o choque provoca o processo imunológico da rejeição que assinalamos acima. Enfim, os argumentos contrários voltam-se contra o contraditor pelo seu caráter escandaloso, profanador, absurdo, incoerente. Na própria comunidade científica, as dificuldades para se compreenderem uns aos outros são tanto maiores quanto os da polêmica Piaget/Chomsky (Piattelli-Palmarini, 1979), na qual os combatentes eram incapazes de integrar em seus sistemas de inteligibilidade os argumentos dos adversários. Com efeitos, as dificuldades de compreensão de um sistema de pensamento a outro, observadas de maneira diferente por Quine e Maruyama, derivam da intraduzibilidade e da incomunicabilidade dos paradigmas.

10. O paradigma está recursivamente ligado aos discursos e sistemas que gera. É como a arcada que mantém unido o conjunto de pelas da abóboda, mas que é mantido pelo conjunto de peças que mantém. Sustenta, em suma, o que o sustenta. Como em qualquer organização viva recursiva, o gerador tem, incessantemente de confirmação, de prova, etc., demonstrando a verdade do sistema ao qual serve de sustentáculo. Deve, sem trégua, atualizar-se em conhecimentos, reconhecimentos, verificações. Assim, o determinismo tem necessidade de confirmar constantemente os determinismos adquiridos e de descobrir novos determinismos. É o esgotamento da confirmação e a irrupção não reprimida de dados ou argumentos contradizendo as suas leis que criam as condições prévias para uma revolução paradigmática. Assim, hoje, a ordem soberana absoluta está em crise, mas procura salvar-se tornando-se um soberano constitucional; tolerando aqui e ali desordens menores, estatisticamente passíveis de absorção ou localmente isoláveis.

11. Um grande paradigma determina, através das teorias e ideologias, uma grande mentalidade, um mindscape, uma visão de mundo. Por isso, uma mudança no paradigma ramifica-se pelo conjunto do nosso universo. Uma revolução paradigmática transforma o nosso mundo. O mundo submetido ao paradigma da oposição capitalismo/socialismo não é o mesmo da oposição democracia/totalitarismo, confirmando que todas as nossas visões de mundo têm um componente quase alucinatório. Mais amplamente, como bem observou Maruyama, um grande paradigma comanda a visão da ciência, da filosófica, da razão, da política, da decisão, da moral...

12. Invisível e invulnerável, um paradigma não pode ser atacado, contestado, arruinado diretamente. É preciso que apareçam frestas, fissuras, erosões, corrosões no edifício das concepções e teorias subentendidos, visto que as restaurações e reformas secundárias fracassam; é preciso, enfim, que surjam novas teses ou hipóteses não mais obedecendo a esse paradigma e, depois, multiplicação das verificações e confirmação das novas teses onde fracassam as antigas; é preciso, em suma, um vaivém corrosivo/crítico entre dados, observações, experiências nos núcleos teóricos, para que, então, possa acontecer o desabamento do edifício minado, arrastando, na sua queda, o paradigma cuja morte poderá, como a sua vida, manter-se invisível. (MORIN, 2002 – p. 265-268)

Sobre o grande paradigma do ocidente, explica que:

“Já evoquei muitas vezes “o grande paradigma do Ocidente” formulado por Descartes e imposto pelos desenvolvimentos da história europeia desde o século XVII. O paradigma cartesiano separa o sujeito e o objeto, cada um com a sua esfera própria, a filosófica e pesquisa reflexiva, de um lado, a ciência e a pesquisa objetiva, de outro. Essa dissociação se prolonga, atravessando o universo de um lado a outro:

<i>Sujeito</i>	<i>Objeto</i>
<i>Alma</i>	<i>Corpo</i>
<i>Espírito</i>	<i>Matéria</i>
<i>Qualidade</i>	<i>Quantidade</i>
<i>Finalidade</i>	<i>Causalidade</i>
<i>Sentimento</i>	<i>Razão</i>
<i>Liberdade</i>	<i>Determinismo</i>
<i>Existência</i>	<i>Essência</i>

Segundo Morin, o determinismo filosófico é um conceito “soberano”, e não um paradigma, pois ele é determinado pelo grande paradigma de separação sujeito/objeto, que implica na disjunção “determinismo x livre arbítrio”. Note-se que se trata aqui do determinismo geral, filosófico, e não do que veio a ser chamado determinismo ambiental. Se o determinismo geral é um conceito e não um paradigma, o determinismo ambiental, que não se configura numa doutrina⁸⁸ e não nega a liberdade humana, muito menos pode ser considerado como um paradigma.

Trata-se realmente de um paradigma: ele determina os conceitos soberanos e prescreve a relação lógica, a disjunção. A desobediência a essa disjunção só pode ser clandestina, marginal, desviante. Esse paradigma determina uma dupla visão de mundo, de fato uma duplicação do mesmo mundo; por um lado, um mundo de objetos submetidos a observações, experimentações, manipulações. Por outro lado, um mundo de sujeitos que colocam a si próprios problemas existenciais, de comunicação, de consciência, de destino. Como indicamos, a disjunção entre ciência e filosofia realiza-se nos séculos XVIII e XIX; uma cultura científica se destacará da cultura das humanidades

⁸⁸ Em alguns raros autores, aqueles menos científicos e mais radicais em suas proposições, é que se pode falar, talvez, numa possível “nuance doutrinária”, principalmente os que advogaram o chamado “determinismo teleológico”, baseado numa visão da natureza enquanto parte de um plano divino, dada para o fruimento do homem, que deve nela reconhecer as intenções e a perfeição do criador, seguindo os caminhos nela indicados.

e obedecerá a regras completamente diferentes. Do ponto de vista cognitivo, a ciência faz do homem um objeto determinado cada vez menor em um universo cada vez maior. Mas, do ponto de vista prático, dá ao homem o poder e a potência que lhe permitem domesticar, esmagar, arrasar o seu próprio universo. A ciência, por um lado, elimina o sujeito; por outro lado, torna-se o seu braço secular. O humanismo é uma mitologia que tenta articular a ciência que nega o homem, com o homem que procura ser todo-poderoso. Assim, sob o efeito da ciência, o homem tende cosmicamente para o zero, mas, sob o efeito do humanismo, tende antropologicamente para o infinito. (MORIN, 2002 – p. 270)

Morin fala de uma esquizofrenia típica de nossa cultura, gerada por esse paradigma cartesiano, e que nos faz buscar nas artes, nas paixões, na metafísica, o desejado e necessário complemento ao mundo burocrático, pragmático e árido:

Mais amplamente, o universo da religião, da mística, da poesia, da literatura, da ética, da metafísica, da vida privada, da exaltação, do sentimento, do amor, da paixão, tornam-se o complemento *de facto*, o necessário contrapeso ao universo hiperobjetivo, pragmático, empírico, prosaico, técnico e burocrático. Os indivíduos passam cotidianamente de um a outro, através de numerosos saltos que lhes são invisíveis, mas que os fazem literalmente mudar de universo. Um pesquisador científico é objetivista e cientista com o seu material de laboratório, sendo que todas as suas comunicações nos congressos e revistas obedecem aos critérios de cientificidade. Contudo, mesmo no seu laboratório, a sua subjetividade irrompe em excitações, simpatias, atrações, nas relações com os colegas, com os mestres, com os assistentes, com as mulheres que ali trabalham. Ele salta, constantemente, de um estado objetivista centrado no objeto para estados afetivos egocêntricos. Saltará para um estado familiocêntrico ao voltar para casa e, depois, para um estado etno e sociocêntrico olhando as informações políticas. Ouvirá talvez música e será invadido pela subjetividade. (id)

Essa disjunção esquizofrênica gera no indivíduo uma pulsão alma/corpo, espírito/matéria, e determinismo/liberdade, fazendo o indivíduo parecer contraditório,

numa brincadeira de esconde-esconde entre sujeito e objeto, numa dupla vida, “existencial e moral” amparada na subjetividade, e “determinista e mecanicista”, amparada na objetividade. É por essa razão que nos textos dos autores deterministas e de seus críticos aparecem argumentos que insinuam pouca liberdade, seguidos imediatamente de argumentos que declaram grande liberdade nas ações humanas. Para agravar essa situação de contradição, a crítica deu a entender um maior “determinismo” do que realmente pode ser encontrado nos autores rotulados.

Ele, que sabe que tudo está determinado no universo, inclusive o ser humano, vive entre seres humanos que considera como sujeitos responsáveis por seus atos. Ele, que não pode crer na liberdade, repreenderá severamente o seu filho por ter feito uma má escolha. Em resumo, o tipo de cultura que se criou na e pela disjunção entre sujeito e objeto necessita de saltos de um estado a outro, saltos que, constantemente, cada um dá natural e inconscientemente. Assim, por serem disjuntos, o sujeito e o objeto brincam de esconde-esconde, ocultam-se reciprocamente, manipulam-se. Assim, a esquizofrenia particular à nossa cultura dá a cada um ao menos uma dupla vida. Por um lado, uma vida existencial e moral, com a presença e a intervenção da experiência interior, uma visão das coisas e dos acontecimentos segundo a subjetividade (qualidades, virtudes, vícios, responsabilidade), a adesão aos valores, as impregnações e contaminações entre juízos de fato e juízos de valor, os juízos globais; por outro lado, uma vida de explicações deterministas e mecanicistas, de visões fragmentadas e disciplinares, de disjunção entre juízos de fato e juízos de valor. Assim, a própria vida cotidiana de cada um é determinada e afetada pelo grande paradigma...(Morin, 2002, p. 271-273)

Ao falar da Geografia, Morin, em seu livro “A religação dos saberes”⁸⁹, explica que a Geografia, diante do desafio de se deparar com uma ensurdecadora

⁸⁹ Curiosamente, graças às suas obras mais “digeríveis”, Morin tem virado moda entre os pedagogos (Os sete saberes necessários à educação do futuro e “A religação dos saberes”), uma espécie de “selo de certificação”, “ISO Morin 3001”. Mas a complexidade e as incertezas ficam apenas no selo e aprisionadas no idioma de Morin que, definitivamente, não é o pedagogo.

generalização dos ritmos planetários, uma crescente mundialização da cultura, tem na dificuldade de apreender essa nova realidade sua verdadeira crise, e não numa suposta querela entre escolas do pensamento: *“Eis, portanto, a verdadeira crise da Geografia, que é muito menos uma querela entre diferentes escolas do que uma dificuldade maior para apreender uma nova realidade. (MORIN, 2002, p. 142-143) “Ora, o objeto geográfico muda a ponto de furtar-se sob a mobilidade, sob a estandardização, a mundialização, para tornar-se mais um “sistema” do que uma “combinação”, como na época de Vidal.”(id)*

Em consonância com minha preocupação com a fuga desbaratinada dos geógrafos em relação às geografias clássicas, afirma que:

Pessoalmente, parece-me que é preciso, então, *ensinar a dúvida*, mais do que a certeza. Nem a certeza de um passado de enumerações e de explicações sumárias, muitas vezes obsoletas; nem a certeza de uma mundialização tão generalizada que, diante dela, a própria Geografia teria se tornado arcaica. Num mundo complexo, a Geografia pode dar uma contribuição para o deciframento das combinações e dos sistemas, abrindo-se para novas exigências sem esquecer totalmente o passado. A Geografia na escola, em relação com a história, pode ser uma abertura para o conjunto das ciências humanas e sociais, conservando uma relação privilegiada com as ciências naturais. (MORIN, 2002, p. 143)

Sobre a complexidade, Morin a concebe não como uma resposta, mas como desafio e como problema, e o pensamento não-complexo do ideal do conhecimento científico até o alvorecer do século XX e que ainda hoje persiste, buscava a revelação das leis simples que regem os fenômenos aparentemente confusos, por quatro grandes meios, o princípio da ordem, o princípio da separação, o princípio da redução, e o princípio indutivo-dedutivo-identitário:

1. O primeiro era o princípio de ordem. Por que digo ordem, e não determinismo? Porque a idéia de ordem engloba a idéia de determinismo, porque ela é mais ampla, ela contém tudo o que é estável, tudo o que é constante, tudo o que é

regular, tudo o que é cíclico. Então, esse princípio de ordem regia a natureza e o mundo e, na manhã dessa jornada, Lecourt nos falou de Laplace, que via o mundo como uma máquina determinista perfeita, uma máquina da qual um demônio dotado de bom senso e da inteligência excepcionais poderia conhecer todos os acontecimentos do passado e prever todos os acontecimentos do futuro. Essa máquina determinista é que era o ideal do conhecimento. E, se não era possível chegar nisso, não era devido a desordens ou eventualidades, mas sim à insuficiência dos conhecimentos, ao passo que o Onisciente, o famoso demônio, seria capaz de ver a ordem perfeita da natureza. Mas ninguém jamais se perguntava por que essa imagem perfeita de ordem era, na verdade, de uma extrema pobreza, posto que era a imagem da repetição, incapaz de dar conta do novo e da criação.

2. O segundo meio era o princípio de separação, muito bem formulado por Descartes. No que diz respeito ao conhecimento objetivo, ele separa as matérias umas das outras, e ele separa o objeto conhecido do sujeito conhecedor. Ele leva ao princípio da especialização, que adquiriu uma dimensão extraordinária pela organização das disciplinas e revelou-se fecundo para numerosas descobertas. Mesmo que, muitas vezes, não se tenha sabido ver que as grandes descobertas seriam feitas em domínios intermediários, vagos, não separados, tal como recentemente a biologia molecular ou a genética, nascidas na fronteira da química e da biologia, numa espécie de no man's land. Não se soube ver que muitas idéias nascem nas fronteiras e nas zonas incertas e que grandes descobertas ou teorias nasceram muitas vezes de forma indisciplinar.

3. O terceiro meio é o princípio de redução, segundo o qual o conhecimento das unidades elementares permite conhecer os conjuntos dos quais elas são os componentes.

4. O último princípio era, de alguma forma, a validade absoluta da lógica clássica, que se pode chamar de “dedutivo-indutivo-identitária”, e que atribuía um

valor de verdade quase absoluta à indução, um valor absoluto à dedução e pelo qual toda e qualquer contradição deveria ser eliminada. O aparecimento de uma contradição num raciocínio assinalava o erro e obrigava a abandonar tal raciocínio. É claro que um princípio de causalidade linear reinava nessa visão. (MORIN, 2002, p. 559-560)

Esses quatro princípios foram sistematicamente combatidos e ao longo do século XX foram sucumbindo aos golpes dos críticos, principalmente por meio de duas revoluções.

Com tudo isso, o século XX viveu duas revoluções científicas. A primeira originou-se da irrupção da desordem, especialmente com a física quântica, e levou à necessidade de tratar a desordem e de negociar com a incerteza. Essa primeira revolução teve conseqüências epistemológicas decisivas, pois foi a partir daí que Bachelard, que Popper passaram a refletir sobre a ciência e tiraram dela um de seus caracteres que, até então, era considerado como consubstancial: o de certeza absoluta. A segunda revolução científica manifesta-se na segunda metade do século XX, com a emergência das ciências que operam recomposições polidisciplinares, como a cosmologia, as ciências da Terra, a ecologia, a nova pré-história, mas essa segunda revolução ainda não desencadeou um movimento epistemológico tão importante e profundo quanto o que foi provocado pela primeira revolução científica. (Morin, 2002, p. 564)

Diante dessa amostra do pensamento de Morin, acredito ser este autor, bem como aqueles nos quais ele se baseia, algumas das vias para lapidar as lentes costumeiramente usadas para se contar a história das idéias na Geografia.

2.2.7. Si: A entrada triunfal de uma inesperada personagem: a “diva psicanálise” e os críticos no divã de Doctor Freud

“Nasci em um tempo em que a maioria dos jovens haviam perdido a crença em Deus, pela mesma razão que os seus maiores a haviam tido — sem saber porquê.

E então, porque o espírito humano tende naturalmente para criticar porque sente, e não porque pensa, a maioria desses jovens escolheu a Humanidade para sucedâneo de Deus. Pertenço, porém, àquela espécie de homens que estão sempre na margem daquilo a que pertencem, nem veem só a multidão de que são, senão também os grandes espaços que há ao lado. Por isso nem abandonei Deus tão amplamente como eles, nem aceitei nunca a Humanidade. Considerei que Deus, sendo improvável, poderia ser, podendo pois dever ser adorado; mas que a Humanidade, sendo uma mera idéia biológica, e não significando mais que a espécie animal humana, não era mais digna de adoração do que qualquer outra espécie animal. Este culto da Humanidade, com seus ritos de Liberdade e Igualdade, pareceu-me sempre uma revivescência dos cultos antigos, em que animais eram como deuses, ou os deuses tinham cabeças de animais.”

Fernando Pessoa, Livro do Desassossego

A explicação provavelmente mais perspicaz e oculta, para a cruzada crítica ampla e radical contra o determinismo ambiental “inimigo” da liberdade, parece provir do campo psicanalítico, principalmente com Freud. O sociólogo Norbert Elias, profundo conhecedor do pensamento freudiano, fala que o individualismo moderno alicerça-se no recalque de todas as dimensões coletivas que determinam o sujeito. (ELIAS apud KEHL, 2002)

Duas separações civilizadoras ocorrem nesse processo, “a separação entre cada homem e os outros homens ...) e (... a separação instituída pelos processos civilizadores, entre cada homem e seu próprio corpo: seus impulsos, suas mais diversas fomes, seus processos fisiológicos (...), cuja expressão deixou de ser admitida no espaço de convivência com os outros homens e foi apartada da cena pública, relegada ao espaço da intimidade, de uma privacidade cada vez menos compartilhada e cada vez mais compreendida como o lugar da “verdade” do indivíduo, separadas do espaço público pela adoção de máscaras de recato, civilidade e cortesia. (ibid, p.61)

O determinismo ambiental toca numa questão muito delicada: o reconhecimento de que dependemos da natureza, e de que ela pode até mesmo definir nosso futuro, interferir em nossas escolhas, impedir nossos sonhos, estabelecer limites

para nossa ganância, oferecer obstáculos para a consecução de nossos caprichos. Assim, sendo a natureza algo que pode, nesse sentido mencionado, determinar o sujeito, essa mera idéia é vista como algo a ser recalcado, conforme aponta Elias. Basta lembrar as notícias que sempre causam algum espanto e comoção (muito embora todos no fundo as enxerguem como naturais e inevitáveis), como as que relatam morte e destruição devido à desastres naturais. Mais forte ainda é o impacto cotidiano das doenças, da deterioração, do envelhecimento, que sempre foram alvo de uma preocupação que levou as pessoas a buscar refúgio (artes, religião, ciência etc) sublimatórios para fugir à consciência da finitude e de nossa extrema vulnerabilidade às leis da vida e às ações aleatórias, imprevisíveis e “impiedosas” das forças naturais.

Esse processo de recalque, segundo Elias, inicia-se no fim do século XIV e se completa nas cortes já “limpinhas e decentes”⁹⁰ da ilustração. Nesse período *“cada homem se considera isolado de todos os outros e responsável pelo controle soberano de seu corpo, seus impulsos, desejos e afetos. Um homem sujeito, portanto, a vivenciar através do processo de pensamento seus conflitos e culpar, desconhecendo cada vez mais grande parte do que determina seus tormentos.”*(id) Não deve ser coincidência que as primeiras contundentes críticas aos deterministas ambientais e ao determinismo filosófico tenham ocorrido no século XVII, ou seja, momento em que a emancipação do homem racional e independente o predispõe a se revoltar contra qualquer forma de determinação, daí Montesquieu e seus seguidores terem sido tão amplamente debatidos, pelo fundamental motivo de terem sugerido, segundo a visão dos seus críticos, pouca liberdade aos homens. Posteriormente será mostrado que essa falácia é apenas uma dentre as tantas que gravitam em torno do determinismo ambiental e da história das idéias das influências ambientais.

⁹⁰ A expressão não é de Elias e sim, de minha autoria.

Assim, fica lançada a hipótese do recalque das forças externas e naturais como umas das possíveis explicações para se entender a ferocidade e constância dos ataques direcionados aos deterministas.⁹¹

2.2.8. Sinfonia ConSertante “Dois patinhos na lagoa”: Os vinte e dois pecados capitais da pesquisa em história das idéias

*Genial não sou – mas, às vezes, genioso
Modesto – mas com certa segurança;
Mutável, sim – mas voluntarioso;
Paciente – sem querer perseverança;
Jovial – mas à lamúria tendencioso;
De boa paz – mas propenso a desprezar.
Chego a pensar, se às vezes me concentro:
Sou dois por fora e cada um por dentro.*

Lord Byron

O desafio de se fazer uma história das idéias envolve inúmeros problemas e desafios que podem ser sintetizados, sem a pretensão de esgotar as possibilidades⁹², no que considero os 22 pecados capitais da pesquisa teórico-epistemológica em Geografia:

1. Ler apenas as obras geográficas estrangeiras que foram traduzidas para o português, sem se atentar para o fato de que algumas das melhores e mais importantes obras não foram traduzidas ainda.

⁹¹ O argumentos em favor do determinismo despertaram também fortes críticas da Igreja Católica, que via na teoria determinista uma ameaça pra sua arma moral do livre-arbítrio, pois acatando-se as influências do meio, ficavam parcialmente justificadas, ao menos, toda e qualquer barbárie.

⁹² Muito provavelmente, cada um desses 22 pecados capitais pode se desdobrar em outros, ou como correlatos um tanto distintos, ou essencialmente o mesmo, mas exposto em seus detalhes, por outros ângulos. Alguns formam um grupo coerente, pois são similares, e fruto de um mesmo problema central. Por isso, há vários pecados que giram em torno de rótulos e crítica equivocada, e outros vários que giram em torno de recorte indevido, e outros que resultam de pesquisa bibliográfica errônea e falha, só para citar alguns exemplos.

2. Recorrer muito pouco aos clássicos (muitas vezes por preconceito),
3. Justificar argumentação com base em comentadores não especializados e de qualidade questionável.
4. Espancar autores e teorias usando as bengalas dos chavões, dos slogans, das generalizações e das clássicas e robustas “mentiras que viram verdades depois de contadas 20 vezes”. Uma consequência grave desse equívoco é a de levar o leitor a rejeitar princípios e hipóteses meramente pelo fato delas serem perseguidas pelas sombras distorcidas e exageradas que resultam da não observância desse pecado capital.
5. Ancorar no alto-mar do conhecimento por meio de bibliografia insuficiente e/ou inadequada (o que é ainda mais grave), que deixa o barco à deriva, ao não alcançar a crosta oceânica.
6. Utilizar indevidamente e excessivamente a “citação da citação da citação” sem consultar fonte original, ficando à mercê dos equívocos alheios e das visões tendenciosas que possam pairar entre os autores que fizeram as citações⁹³.
7. Confiar em demasia no próprio poder de análise, seleção e interpretação, usando excessivamente, ou em momentos inadequados, a citação indireta por meio de resumo e paráfrase.
8. Recortar frases, descontextualizadamente, deixando ao leitor dúvidas que comprometem a apreensão dos principais pontos da tese.
9. Evitar o uso de dicionários diversos e enciclopédias, por puro preconceito ou porque “cheira à Geografia tradicional”.

⁹³ Não me furtarei da necessidade de comungar, ao menos em algum grau, do pecado seis, com o devido cuidado para não incorrer em recortes descontextualizados, mas ciente de que contextualizar cada mínima afirmação é inviável e indesejável, porquanto deixaria a tese realmente prolixa, tomada por digressões, repetitiva e cansativa. Apesar de apelar para esse indesejado problema, houve em contrapartida uma insistente preocupação em olhar para os comentadores com desconfiança, ou seja, procurando identificar neles alguns desses 22 problemas, pois assim se pode ter uma medida mais exata de quão confiável são seus argumentos e de quão pertinentes são as citações que escolheram para suas análises dos autores “deterministas”.

10. Falhar, pretensiosamente, em reconhecer a complexidade das idéias e dos problemas de estudo, inclusive dos que aparentam ser simples.

11. Exercer parco domínio sobre a arte das quatro ciências do discurso: a dialética, a retórica, a lógica e a analítica, fazendo uso tendencioso e desonesto, em contrapartida, de esquemas argumentativos enganosos, como a erística e a sofística, que não passam de caricatura e falsificação da retórica e da dialética.⁹⁴

12. Deixar-se parasitar por paradigmocentrismos ou cegueiras paradigmáticas que impedes novos olhares, novas abordagens.⁹⁵

13. Análisar com foco unidirecional, ou seja, fazer análises e rotular sem se aprofundar no assunto e sem ler a obra completa do autor alvo ou ao menos boa parte dela. Essa análise enfoca apenas um ou dois aspectos tendenciosamente selecionados, de forma a manipular a visão que o leitor terá do autor criticado⁹⁶.

14. Adotar espessas “lentes-ideológicas-fundo-de-garrafa-alientantes” que mantêm o pesquisador mais fiel a elas do que à análise justa e rigorosa dos autores e teorias.

15. Dar como resolvido ou ignorar a existência de problemas milenares, incertezas desafiantes, dramas metafísicos, angústias ontológicas e impasses diversos.

16. Fingir que não há incoerências, contradições, e incompletudes no processo de pesquisa e na obra resultante.

⁹⁴ Segundo Olavo de Carvalho, em seu prefácio à obra Schopenhaueriana “como vencer um debate sem precisar ter razão”, cuja leitura é obrigatória aos que desejam ser desonestos ou se precaver contra a desonestidade alheia.

⁹⁵ Sobre os pecados 11 e 12, tratam-se dos mais problemáticos, os de alcance mais improvável, e os que mais demandam um constante preparo do pesquisador. As áreas de filosofia, em particular filosofia da linguagem e teoria do conhecimento, são extremamente úteis para os que desejam embrenhar-se pelas veredas da filosofia e epistemologia da Geografia e pelos aspectos teórico-conceituais dos temas geográficos.

⁹⁶ Essa artimanha da crítica é particularmente evidente em alguns comentadores de Montesquieu e Semple.

17. Ignorar a freqüente vaguidade e imprecisão de palavras em geral, governadas mais pelo uso do que pela pureza semântica, e descuidar-se dos possíveis emaranhados semânticos que subjazem aos problemas e temas discutidos.

18. Centrar excessivamente em um tema, sem contextualizá-lo minimamente num quadro mais amplo, como se as idéias pudessem ser isoladas numa estufa como perigosas plantas carnívoras ou como testáveis ratos de laboratório.⁹⁷

19. Buscar a compreensão do tema meramente por meio de obras geográficas, como se houvesse um tema sequer que pudesse prescindir de outras áreas do saber.

20. Recortar citações, de maneira tendenciosa, distorcer, picar e repicar, mastigar com pressa e regorgitar um jato de idéias alheias, intencionalmente, apenas para defender as hipóteses propostas e impressionar e convencer a platéia. Em apenas duas palavras, esse é o pecado capital da desonestidade científica.⁹⁸

21. Fugir de uma crítica justa e criteriosa, ao se deixar aprisionar em seus próprios tentáculos multidirecionais e inespecíficos. Ao se elaborar uma crítica, é preciso indicar claramente de quem se está falando, qual a idéia em jogo, em qual página, em qual obra, em qual contexto e sob quais lentes de análise.

22. Exibir e desfilar, para enfeite e por obrigação, grandes nomes (pais e avós da área), suculentas teorias, metodologias-biotônico-fontoura, frases-de-efeito e citações bombásticas, olvidando já nas linhas seguintes, de que a obra deveria seguir fundamentada nessa rave psicodélica.⁹⁹

⁹⁷ Os únicos ratos que funcionam em pesquisa noosférica é o rato de bibliotecas e sebos, e o rato de seu próprio cérebro, pois no arfã de tudo ler e tudo pesquisar, na ânsia de escolher bibliografia segura repleta de “autoridades”, esquece-se de pesquisar e visitar a fonte-mater e a mola-mestra de todo conhecimento: o próprio intelecto. Como máquina que é, o intelecto enferruja quando não utilizado, ou seja, quando a obra surge apenas às expensas de muletas bibliográficas.

⁹⁸ Esse problema é tão grave quanto o 11 e 12, mas ao contrário deles, parece não ter cura.

⁹⁹ Assim, mesmo quando bem escolhidas, essas artimanhas, plumas e paetês, confetes e serpentinas, devem ser usadas intencionalmente, com algum propósito cientificamente honesto, nos locais apropriados, dentro de contextos coerentes, e os autores vedetes, quando citados, não podem ser abandonados logo após, ficando órfãos subitamente, após serem usados e abusados pela autoridade que denotam. Tese não é show desproposital, arte pela arte, e universidade não é Broadway. (Ou é?) Esse pecado capital é muito cometido pelos chamados “pseudointelectuais”, ou pesquisadores

Sobre as arapucas a que estão submetidos aqueles que pretendem realizar uma justa e perspicaz história das idéias, pode-se listar exatamente os mesmos pecados capitais expostos anteriormente, pois longe de serem problemas exclusivos da pesquisa teórica em Geografia, são armadilhas de alta periculosidade para pesquisadores de qualquer área científica. Talvez uma ampla reflexão sobre os pormenores do fazer científico possa nos levar à constatação de que muitos deles são inevitáveis, dada a natureza do sujeito cognoscente, das peculiaridades do tema escolhido e do tipo de pesquisa demandada. Entretanto, creio ser possível extirpar alguns deles por completo, enquanto que outros podem ao menos ser minimamente rejeitados, de modo a diminuir-lhes a influência sobre o processo de pesquisa. Outros ainda, mesmo que mandatórios, podem pelo menos ser reconhecidos pelo autor como inevitáveis e até mesmo justificados, com base em critérios de falta de tempo e espaço, fuga ao tema, e talvez até mesmo com base em critérios mais idiossincráticos do sujeito e sua relação com o processo de pesquisa.

Finalizando este capítulo de exposição de teorias, métodos, reflexões e filosofias necessárias ao aprimoramento da análise dos temas desta tese, gostaria de esclarecer que idealizei ao longo da elaboração desta tese, principalmente em seu início, o máximo de fidelidade em relação às propostas teórico-metodológicas propostas anteriormente, o máximo de observância quanto aos vinte e dois pecados da pesquisa teórica em Geografia, e o máximo de proveito das sete lentes que ampliam o olhar. Esse máximo revelou-se um discreto e vencedor mínimo e com ele dialoguei. Contudo, pretende-se com essas ferramentas do espírito científico levar o leitor, ao mesmo tempo e de maneira complementar, ver esta tese pelos olhos do autor e, principalmente, fazer sua leitura pessoal com base nessas ferramentas. Sem dúvida que

“avoados” (eufemismo educado). A Geografia é uma órfã carente de mãe teórico-epistemológica, de pai filosófico-linguístico e de avô metodológico-conceitual. (Ao menos nas teses e dissertações em geral, ainda que recentemente tenham saído do forno broas filosoficamente crocantes, aeradas com vapores literários e bem temperadas com ervas finas da epistemologia). Mas bem que anda faltando uma tia mais maluca, mais poética, mais abusada, mais histérica, mais sarcástica, para nos estimular a quebrar alguns cânones ensinados por pai e mãe, e pelo avô ranzinza dos métodos e conceitos caducos e esclerosados.

essa proposta ambiciosa e idealizada não encontra exato paralelo na realidade, no fazer humano da ciência, e no fazer incerto e vulnerável da história das idéias, cuja eterna não-essência bamboleia dialeticamente no além-mundo inconstante da linguagem e da noosfera. E isso explica as deficiências que emergem a cada página. Sim, só não morrem pela boca os que não a abrem, mas isso é uma impossibilidade vital, posto que se morre de fome.

3. DO ESTADO DA ARTE DO DETERMINISMO AMBIENTAL E DOS VENTOS DA INCOMPREENSÃO: REFLEXÕES TEÓRICO-CONCEITUAIS E ANÁLISE DA CRÍTICA AO DETERMINISMO

*Os Franceses dizem: é necessário uivar com os lobos.
Eu digo: é útil bailar com os carneiros; ganha-se a
estima dos nédios, as cortesias dos chapéus do Roxo,
palmadinhas doces no ombro, de manhã à noite uma
pingadeirazinha de glória. Mas ir sacudir, incomodar o
repouso da velha Tolice Humana, traz desconfortos; vêm
as calúniazinhas, os ódiozinhos, os sorrisos amarelos, a
cicuta de Sócrates às colheres*

Eça de Queiroz – “Notas Contemporâneas”

*Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.*

*Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.*

*Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.*

*Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não
eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.*

*É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras,
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.*

*Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;
Senão não era a Natureza.*

*Alberto Caeiro (Fernando Pessoa), em “O guardador
de Rebanhos”*

Por meio de uma reflexão teórico-conceitual, o presente capítulo pretende esclarecer o emaranhado semântico que permeia o tema do determinismo ambiental, resgatar algumas críticas a ele, e analisá-las em termos de sua pertinência e precisão. Serão expostas as principais críticas aos autores deterministas, por meio de citações extraídas dos principais comentadores, não sem evitar, a título de contraponto, algumas citações, de autores deterministas e de outros críticos, que se opõem a essas críticas, ou que simplesmente revelam aspectos positivos e válidos do determinismo ambiental.

São inúmeros os autores que discorreram sobre o determinismo ambiental. Fazer um inventário sobre eles seria inventariar grande parte das obras científicas já escritas. Assim, foram selecionados alguns autores de maior proeminência na Geografia, e também alguns intelectuais de áreas correlatas, principalmente da antropologia. As citações escolhidas versam sobre a natureza, o objetivo, a existência, a importância e as propostas lançadas pelo chamado determinismo ambiental. A intenção é mostrar inúmeros equívocos, imprecisões, exageros e contradições a respeito do determinismo ambiental na história do pensamento geográfico. Ao longo deste capítulo aparecerão também comentários que não cometeram esses lapsos e que se prestaram a esclarecer o tema com propriedade, a estabelecer contrapontos com outras teorias, a contextualizar historicamente e a observar as limitações e possibilidades do estudo das influências ambientais. No texto de um mesmo autor aparecerão com frequência comentários pertinentes, críticas levianas, observações esclarecedoras e até mesmo exageros cômicos. É notável, entretanto, a diferença entre dois grupos de comentadores¹⁰⁰, pois realmente há os que se penduram no cabide da qualidade, em contraste com os que pretendem desfilar na passarela da vaidade acadêmica ou que apenas querem treinar suas habilidades retóricas e erísticas.

Muitos dos assuntos abordados neste capítulo não esgotarão nesse momento, mas serão retomados, quando conveniente, no capítulo quatro, que delineia um breve histórico da idéia das influências ambientais. Por essa razão, podem aparecer já neste

¹⁰⁰ Fica a critério do leitor, identificar esses dois grupos, ao sabor de suas lentes, e atentar para as diferenças qualitativas.

capítulo menções e breves análises de alguns autores estudados no capítulo quatro, que por sua vez, exibirá uma continuação e repetição de alguns temas deste capítulo, como o problema semântico, e os erros cometidos pela crítica, dentre eles a falsa dualidade possibilismo/determinismo. Esses temas centrais da tese, que já foram apresentados com bastante detalhamento no capítulo dois, serão o alvo específico deste capítulo e continuarão a ser esmiuçados ao longo do capítulo quatro, para alcançar uma síntese no capítulo cinco.¹⁰¹ Ou seja, constituem-se no *Leitmotif* que emerge constantemente ao longo da tese.

A palavra *Leitmotif*, que em seu emprego musical remonta à Mozart, é bastante usada no universo da música erudita para se referir a temas, breves melodias, progressões harmônicas ou ritmos que surgem insistentemente ao longo de uma obra, costurando-a, transformando-a num todo coerente, e sendo também empregada como um tema que deve evocar no espectador, a cada vez que aparece, a mesma emoção e a mesma evocação de uma específica situação das falas e sentimentos anteriores. Em Wagner, por exemplo, encontram-se vários *leitmotiv* usados com insistência, principalmente nos momentos de maior expressão dramática, ou seja, nos clímax de grande intensidade emocional, como ocorre sublimemente em “Tristão e Isolda”. Na ópera *Carmem*, de Bizet, os leitmotive são de tamanha força melódica e dramática que espectadores que a assistem pela primeira vez conseguem lembrar-se perfeitamente das cenas e das melodias temáticas.

¹⁰¹ A divisão da tese em vários capítulos e subcapítulos é puramente artificial para fins de organização mínima da explanação e da exposição dos argumentos, pois os temas e subtemas tratados estão conectados de tal forma que significaram uma grande dificuldade para o autor, ao ter que decidir em qual gaveta colocar cada meia. Por exemplo, em qual subcapítulo colocar algumas citações de críticos que tocam na questão semântica e na questão da falsa dualidade, no 3.1 ou no 3.2? Onde colocar críticas específicas a certos equívocos deterministas, no 3.2, 3.3 ou 3.4? Procurou-se colocar no 3.3 e no 3.4, todas as críticas e problemas que não tinham direta relação com a falsa dualidade e com a questão semântica, pois há subcapítulos específicos para eles, mas isso nem sempre foi possível, dada a necessária implicação dos temas desta tese entre si. Como dito anteriormente, os leitmotif do tema aparecem em todos os capítulos, ora expostos por um novo ângulo, ora apresentados com outros termos, ora exatamente repetidos para fins de ênfase, ora resumidos ou parafraseados para realizar uma síntese final.

No universo das artes, quando um apreciador da platéia lembra-se apenas dos leitmotives em detrimento do todo e dos temas secundários, isto não compromete as artes nem a desqualifica, e não se pode falar que tal indivíduo “reduziu a obra”, fragmentou-a, incompreendeu-a, mas num texto científico, olhar estreitamente apenas para alguns traços marcantes, repetitivos, contundentes, “melódicos”, “dramáticos”, polêmicos, pode ser desastroso para a compreensão do texto, das idéias que se pretendem veiculadas, e para a avaliação da obra em sua totalidade.¹⁰² Muitas obras deterministas são perpassadas por momentos esporádicos de expressão dramática, de frases poéticas, de “arroubos metafóricos”, e de “eloquências hiperbólicas”, similarmente ao que ocorre numa tragédia grega, numa comédia ou em uma ópera dramática. As similaridades entre a linguagem artística e a científica¹⁰³ são surpreendentes e a suposta cisão dicotômica entre essas duas áreas da expressão humana é menos nítida do que sugerem.

¹⁰² Esse é um dos deslizes da crítica em geral, em particular a crítica endereçada aos deterministas. Talvez o mais grave deles. Sugere-se ao leitor especial atenção a esse problema da crítica ao proceder a leitura deste capítulo e do número 4.

¹⁰³ Considero Fernando Pessoa mais “científico”, esclarecedor, autocrítico, sagaz, e objetivo que metade do que já li em ciência. Ao mesmo tempo considero Morin e Gilberto Freyre mais literários, poéticos, dramáticos e líricos, do que muitos poemas e canções de grandes artistas. Os Livros “O sujeito à flor da pele”, de Edgar Morin, e “Casa Grande e Senzala”, de Gilberto Freyre, revelam a maestria com que esses poetas-em-prosa fazem ciência das mais sérias e complexas sem a assepsia e a monotonia da típica paisagem analítico-científica. Essa mesma qualidade de texto, guardadas as devidas proporções, se vê em Ellen Semple e imagino que Ratzel seja caso similar. Que me confirmem os alemães.

3.1. Do Determinismo Ambiental na literatura: caos semântico e rótulo estéril

Os limites de minha linguagem são os limites de meu mundo

Ludwig Wittgenstein

De modo a sintetizar a discussão sobre os conceitos em torno do determinismo ambiental, optou-se por elaborar uma conceituação prévia para facilitar a compreensão deste capítulo. O esquema seguinte foi ancorado na sistematização feita por Lewthwaite (1966, p.22-23) nos apêndices de seu artigo “Environmentalism and determinism: a search for clarification”. Alguns conceitos do autor foram complementados, e outros conceitos foram acrescentados.

A. Ambiente

1. Todas as condições externas que rodeiam e influenciam um dado objeto
2. Em Geografia: o complexo total de condições biológicas, físicas e locais influenciando a sociedade humana ou a soma total das condições externas excluindo aquelas diretamente ou indiretamente criadas pela ação humana.

B. Ambientalismo

1. Determinismo Ambiental: a visão de que o ambiente físico, natural ou geográfico rigidamente controla a ação humana.
 - a) Ambientalismo: é sinônimo de determinismo ambiental atenuado: raramente implica um grau de controle ambiental equivalente ao do determinismo ambiental.
 - ambientalismo extremo ou estrito (extreme or strict environmentalism): segundo Platt (1948), é a idéia de que tudo na vida humana é causado pelo ambiente natural.

- ambientalismo suave: segundo Platt (1948), é a idéia de que a vida humana deve ser vista como estando sob direta influência do ambiente natural (mild environmentalism, citado, dentre outros, pelos Sprout). Aparece também como sinônimo de probabilismo.
 - Ambientalismo físico (Physical environmentalism, segundo Sprout)
 - Ambientalismo livre-arbítrio (Free Will environmentalism, segundo Sprout, 1965)
- b) Ambientalismo é às vezes usado num sentido mais crítico do que descritivo para se referir a uma visão exagerada da importância do ambiente.
2. O conceito ambientalista: a definição de Geografia como o estudo das relações entre o ambiente e o homem.

C. Determinismo

1. No sentido geral, metafísico, é a visão que concebe tudo, inclusive a vontade humana, como determinado pelo total complexo de condições presentes e passadas, não restando qualquer livre arbítrio ao ser humano.
2. Determinismo monocausal, particular ou fator-único: crença de que alguma força ou fator em particular, como a economia ou o clima, é o controle predominante na vida humana. Algumas vezes este fator selecionado é considerado a força primária ou originária que faz surgir fatores secundários e derivados, mas em outros casos este fator particular é simplesmente apresentado como o mais importante dentre inúmeros fatores.
3. Determinismo teleológico: afirma que tudo que ocorre no planeta faz parte de um grande plano divino, no qual existe uma natureza pronta e destinada para o homem.
4. Determinismo, em Geografia, é freqüentemente uma abreviação de um determinismo particular que seleciona o ambiente geográfico como o controle fundamental na vida humana.

- a) Determinismo “stop-and-go” ou “científico”. Conceito criado por Griffith Taylor, afirma que a natureza fixa a direção do desenvolvimento econômico racional, enquanto que o homem escolhe o ritmo e o movimento, assim como controlador de tráfego controla apenas o ritmo e não a direção do tráfego. É um tipo de determinismo ambiental atenuado.
 - b) Neodeterminismo: sinônimo de probabilismo, teoria criada por Spate, que advoga a influência fundamental do ambiente não como determinando um padrão ou ação humana, mas como tornando algumas dessas ações mais prováveis e outras menos prováveis. É um outro tipo de determinismo ambiental atenuado.
5. Determinismo cultural: a visão de que a atividade humana é determinada pelas condições culturais em detrimento das condições ambientais
 6. Determinismo científico: é a abordagem metodológica que assume que, independentemente de ser verdadeiro o “determinismo geral metafísico” (também chamado de estratégico), uma variedade de sistemas determinísticos táticos são úteis, ou até mesmo essenciais, como ferramentas analíticas em ciências.
 7. Sistemas determinísticos: Constructos ou abstrações intelectuais, baseados em sequências legítimas, padrões, ou associações que permitem previsão, e extrapolação dentro de seus próprios limites. Eles podem até presumir um encadeamento de causa e efeito, porém encontram nesse encadeamento apenas uma conexão existencial.

D. “Possibilismo”

O conceito de que o ambiente físico é passivo, e de que o homem o agente ativo e livre para escolher dentre uma ampla gama de possibilidades ambientais.

E. Probabilismo

1. Um termo geral que indica que qualquer desenvolvimento em particular ou padrão, embora não postulado como certeza absoluta, é todavia provável.
2. Em Geografia é frequentemente usado para se referir ao conceito de que ainda que o ambiente não necessariamente determine a ação humana, ele torna algumas ações, desenvolvimentos e padrões mais prováveis do que outros, especialmente se condições sociais e econômicas em particular forem assumidas.

Dando início ao desemaranhamento dos nós semânticos que permeiam a crítica ao determinismo ambiental, gostaria de esclarecer o uso do termo “determinismo” e mostrar sua total impertinência. A objeção geral ao seu uso é o fato de sua definição se dar no *mindscape* filosófico. Assim, uma vez que a palavra “determinismo” possui um sentido sobretudo metafísico para sua definição, é absolutamente equivocado seu uso fora dos limites da filosofia para se referir a causas e influências. Dessa objeção geral desdobra-se uma objeção específica: o determinismo enquanto conceito filosófico é absoluto e não admite o livre arbítrio, mas as teorias deterministas da Geografia jamais negaram este livre-arbítrio.

Antes de partir para a discussão do conceito de determinismo ambiental, é preciso alguns esclarecimentos do conceito de determinismo em seu sentido geral, ou seja, filosófico e científico. Serão transcritas algumas passagens extraídas de quatro dicionários de filosofia que são referência mundial. O objetivo não é discutir essas passagens, por falta de espaço e por ir demasiadamente além dos temas principais, além do que uma análise cuidadosa demandaria um estudo filosófico de fôlego. Assim, serão feitos brevíssimos apontamentos dentro das citações, bem como grifos que pretendem alertar para questões que ajudam a ver os excessos e equívocos da crítica que serão expostos no decorrer da tese. Assim, o enorme abismo existente entre os conceitos filosóficos de determinismo e as idéias propostas pelos deterministas ambientais pode ser visto pela comparação das definições listadas a seguir, em

contraste com as definições e sentidos que aparecem nas análises dos autores rotulados de deterministas e que serão analisados no capítulo quatro.

1. A Dictionary of Philosophical Terms and Names, Britannica online encyclopedia: *Belief that, since each momentary state of the world entails all of its future states, it must be possible (in principle) to offer a causal explanation for everything that happens. When applied to human behavior, determinism is sometimes supposed to be incompatible with the freedom required for moral responsibility. The most extreme variety of determinism in this context is fatalism.* [Essa definição não se relaciona com as teorias dos que advogaram o “determinismo” ambiental, pois estes não falam em fatalismo e não negaram o livre-arbítrio]

2. Importance of philosophy dictionary: *Everything in the universe is predetermined directly by previous events. This is often used as a method of denying free will, but that denial is a dropping of context.* [Essa definição é incompatível com o “determinismo” ambiental, pois seus defensores não falam apenas em causas diretas e não assumem que os traços de uma sociedade é pré-determinada por eventos anteriores, mas afirmam que alguns traços foram, de algum modo, influenciados por fatores ambientais.]

3. Dicionário de filosofia – J. Ferrater Mora: *Numa acepção geral, o “determinismo” sustenta que tudo o que houve, há e haverá, e tudo o que aconteceu, acontece e acontecerá, está de antemão fixado, condicionado e estabelecido,...)(...ele é entendido como um condicionamento prévio de todos os fenômenos do universo. Por isso, é considerado ‘universal’. Além disso, ele está quase sempre, se não sempre, associado à idéia de uma causalidade que rege todo o universo. Distinguiu-se o “determinismo” enquanto “causalismo” de teleologia enquanto “finalismo”. (...ambos afirmam que há um encadeamento rigoroso de todos os fenômenos e, portanto, nem numa doutrina nem na outra se pode afirmar a existência da criação e da liberdade.* [Para a Geografia em geral e suas subáreas, esse questionamento filosófico sobre o encadeamento de fatos fixados de antemão não tem importância específica e foge aos escopos da disciplina, a menos que se trate especialmente da epistemologia da

Geografia, que como toda epistemologia, costuma se ocupar com especulações em torno de temas dessa natureza.]

4. Dicionário de filosofia – Nicola Abbagnano: *Esse termo relativamente recente (Kant é um dos primeiros a empregá-lo em Religion, I, Obs.ger., nota) compreende dois significados: 1º ação condicionante ou necessitante de uma causa ou de um grupo de causas; 2º a doutrina que reconhece a universalidade do princípio causal e portanto admite também a determinação necessária das ações humanas a partir de seus motivos. No primeiro sentido, fala-se, por exemplo, de ‘determinismo das leis’, determinismo social’ etc, para indicar nexos de natureza causal ou condicional. No segundo sentido, fala-se da disputa entre “determinismo” e indeterminismo, entre quem admite e quem nega a necessitação causal no mundo em geral e, em particular, no homem. “determinismo” é a crença na extensão universal do mecanicismo ao homem. Como Kant já viu (na nota citada), o determinismo autêntico é na verdade um pré determinismo, a crença de que o motivo determinante da ação humana está no momento precedente, de tal modo que não está em poder do homem no momento em que se efetua. O determinismo, como mecanicismo, é na realidade predeterminação da ação em seus antecedentes.* [essas definições não se aplicam aos deterministas ambientais, cujas teorias raramente comportaram um determinismo mecanicista]

5. Vocabulário técnico e crítico de filosofia – André Lalande: A. *Sentido concreto: conjunto das condições necessárias para a determinação de um dado fenômeno.* B. *Sentido abstrato: característica de uma ordem de fatos na qual cada elemento depende de certos outros de tal maneira que pode ser previsto, produzido ou impedido com certeza conforme se conheçam, se produzam ou se impeçam estes últimos.* C. *Doutrina filosófica segundo a qual todos os acontecimentos do universo, e em particular as ações humanas, estão ligados de tal forma que, sendo as coisas o que são num momento qualquer do tempo, apenas existe para cada um dos momentos anteriores ou ulteriores um estado e um só que é compatível com o primeiro.* D. *ImproPRIAMENTE, fatalismo: doutrina segundo a qual certos acontecimentos são fixados previamente por uma potência exterior e superior à vontade, de maneira que faça-se o que se fizer eles acontecerão infalivelmente.* [mais uma vez, essas definições

não são compatíveis com as idéias presentes nas obras “deterministas”, exceto pela primeira, no sentido concreto e genérico, que ao falar em conjunto de condições necessárias, abre espaço para a influência de fatores ambientais e de vários outros fatores de natureza distinta, como a cultura e a ação política.]

6. Dicionário de filosofia de Cambridge – Robert Audi: *opinião segundo a qual todo evento ou estado de coisas é provocado por eventos ou estados de coisas anteriores, de acordo com leis causais universais que governam o mundo. Assim, é o estado do mundo em qualquer instante que determina um futuro único, e é de conhecimento de todas as posições das coisas e das forças naturais dominantes que permitirá a uma inteligência prever o estado futuro do mundo com uma precisão absoluta. Assim, os deterministas negam a existência do acaso, embora admitam que é a nossa ignorância das leis ou de todas as condições antecedentes relevantes que torna certos eventos inesperados e, por isso mesmo, aparentemente “por acaso” [argumento sedutor]. O termo ‘determinismo’ ainda usa-se[sic] de maneira mais geral como o nome para toda doutrina metafísica que implica a existência de uma única história do mundo.*

Outro problema semântico que gera uma cadeia de incompreensões é o abuso do verbo “determinar” em detrimento de “influenciar.” O verbo condicionar é usado como um “primo ameno” de “determinar”, contudo o verbo influenciar é o mais apropriado, pelo seu significado anti-determinístico. Além do uso excessivo do verbo determinar, há também o uso do verbo influenciar numa variada gama de sentidos, que vai do mais severo e determinante aos mais suave e libertário. Sobre essa questão, Kriesel afirma que “*The shades of meaning of the word ‘influence’ have ranged from the severe ‘determine’ to the mild ‘suggest’*”. (KRIESEL, 1968, p.557). Esse uso indevido é cometido tanto pela crítica ao “determinismo” quanto pelos próprios “deterministas”. Para esclarecer esses usos é necessário trazer algumas definições dos substantivos que lhe subjazem, extraídas de dicionários de filosofia, para as palavras influenciar, condicionar e determinar:

1. Influência: “*Ação de uma circunstância, de uma coisa ou de uma pessoa sobre outra, no sentido mais vago desta palavra. A palavra influência comporta quase sempre a idéia de que a ação de que se trata se exerce de*

uma forma gradual, contínua, quase insensível e coopera com outras causas na produção dos seus efeitos. [ou seja, falar em “influências ambientais” não significa excluir outras causas, mas apenas enfatizar um determinado grupo de causas, ou, melhor dizendo, de condicionantes. Interessante notar que os fatores ambientais evocados pelos “deterministas” são em geral forças da natureza, como o clima, que por natureza são contínuos, atuando perenemente e muitas vezes de forma imperceptível, geralmente indireta, o que aproxima os deterministas da palavra influência, e os afasta de “determinar e determinação”. O Conceito de determinação implica em que o elemento determinado deve ser precedido pelo fator determinante, que tendo uma vez atuado, determinou o estado atual do elemento determinado. Isso está fora da explanação dos deterministas, que em geral falam em influências constantes que se dão sobre a sociedade e sobre o homem ao longo do tempo e que demandam variadas estratégias de adaptação, exercendo influências diretas e indiretas, lentas ou rápidas, contornáveis ou não, temporárias ou constantes. A atuação dessas influências é imensurável e empiricamente indemonstrável, problema este que deixou os argumentos desses autores totalmente indefensáveis contra as objeções dos críticos.] *Diz-se, neste sentido, que aquilo que age exerce uma influência.* (LALANDE, 1999, p.568)

2. Condição: *“Asserção da qual uma outra depende de tal maneira que se a primeira for falsa a segunda também o é.* [Esta definição é assaz radical para que se proponha o emprego do termo ao se referir a deterministas] *Circunstâncias nas quais uma coisa se faz, enquanto elas agem sobre a sua produção, enquanto, por exemplo, elas a facilitam, ou a entram ou lhe modificam o caráter. (...) Crítica – Parece que no uso comum se chamam sobretudo condições certas circunstâncias muito gerais que concorrem mais passiva do que ativamente para a produção de um fenômeno, ou cuja ação, pelo menos, é considerada como secundária (como tal tempo, tal lugar, tal temperatura, tal pressão atmosférica).*[tomado nesse sentido, “condicionar”

emerge como um verbo brandíssimo em comparação com seu primo hardcore “determinar”. Uma vez aceita essa definição de “condição” como “circunstâncias gerais que concorrem passivamente para a produção de um fenômeno”, pode-se afirmar que todos os autores possibilistas e a maioria dos autores deterministas quando falam em fatores ambientais, concebemos, ainda que inconscientemente, apenas como condicionantes e não exatamente como causas absolutas, causas eficientes ou causas suficientes. São raros os casos de influências ambientais que atuam ativamente sobre o homem¹⁰⁴. A maior parte delas atua passivamente, ou seja, meramente existem, e sua existência, se percebida, leva o homem a definir suas ações com base na existência desses fatores da natureza. Nesse caso, note-se que o fator ambiental não necessariamente age de maneira direta sobre o homem, alterando seu ambiente ou causando-lhe mudança física ou psíquica, mas apenas coloca-se a ele como mais um fator a ser considerado na tomada de decisões.] *Um fenômeno é produzido por causas sob condições.* (grifo do autor) (*J. Lachelier*)” (Ibid, p.188). *Condição: Em geral, o que possibilita a previsão provável de um evento* [uma vez que “determinismo” e “possibilismo” parecem confluir para o probabilismo, o termo “condição” é mais preciso para se referir ao determinismo ambiental, pois as condições nas quais um fenômeno é produzido é que vão permitir a previsão da probabilidade de um evento ocorrer.]. (ABBAGNANO, 2007, p.201). *Condição: Estado de coisas ou de ‘como as coisas são’, mais comumente referido como estando em relação com algo que implica ou é implicado por ele.* (AUDI, 2006, p.169) *Pierre-Michaud Quantin enfatizou a riqueza semântica do termo latino conditio. (...) Por fim, entendeu-se por conditio o*

¹⁰⁴ Essas se resumem basicamente nas influências episódicas, provenientes de fenômenos climático severos, por exemplo, e nas determinações básicas de elementos da natureza sobre a constituição e fisiologia humanas, como a alimentação, a luz solar etc. Essas influências se dão diretamente ou indiretamente, de maneira ativa, e exercerão influência sobre os povos, independentemente de seu nível tecnológico. O que muda é apenas a consequência final, sempre mais severa, num cômputo geral, nos países menos avançados economicamente e mais frágeis em termos sociais.

que em grego se denominou hipótese. Este sentido é principalmente lógico: os chamados “silogismos hipotéticos” são “silogismos condicionais”. (MORA, 2004, p.525)

3. Determinação/Determinar: *Relação entre dois elementos de conhecimento tal que se o primeiro é dado o segundo também o é. Existe, pelo contrário, indeterminação se, sendo o primeiro dado, o segundo puder ser de diferentes maneiras ou mesmo não ser. (LALANDE, p. 244). Este conceito é usado, na literatura filosófica, em duas acepções [nenhuma delas possui qualquer relação com o determinismo ambiental]: 1) Como a ação e o efeito de tomar uma resolução; neste sentido, ‘determinação’ e ‘resolução’ são freqüentemente usados como sinônimos; 2) como a ação e o efeito de estabelecer ou fixar os termos de uma coisa; neste sentido, a ‘determinação’ é uma forma da, ou equivale à, ‘definição’. (MORA 2004, p.690) Determinar: “Provocar, desencadear. (...) Ao falar de fenômenos físicos: causar, no sentido mais forte; produzir e não simplesmente condicionar ou preceder de maneira constante. ‘Esta simplificação’ (reduzir a idéia de causalidade à idéia de lei) despoja a noção de causa na medida em que intervém nas ciências positivas ‘de toda a idéia de determinação, de eficácia, resto e testemunha da sua origem psicológica, para a reduzir apenas àquilo que pode ser constatado pela observação, a saber, as simples relações de sucessão’. Rabier, logique, p. 117.” (LALANDE, p. 244)*

Aqueles que falam em determinismo filosófico enquanto incompatível com livre arbítrio e baseado numa causação rígida e mecanicista, estão se referindo ao extremo idealizado do espectro determinista, ou seja, no qual se verifica uma determinação máxima e impiedosa que permite a previsão dos eventos, sendo então compatível com o fatalismo. Na prática, ao se analisar a visão que cada filósofo e cientista tem do determinismo, nota-se uma assombrosa diversidade de concepções, inclusive algumas que afirmam que o determinismo não implica em negação do livre-

arbítrio. O uso do termo não foi abandonado (tal fato é um dos responsáveis pela grande confusão da crítica ao analisar o determinismo ambiental), mas seu conteúdo foi alterado, para comportar influências, condicionamento e probabilidade. Nas palavras de Abbagnano, *“Portanto, a palavra ‘determinismo’ não foi abandonada, mas sofreu uma transformação radical na linguagem científica e filosófica contemporânea. Não designa mais o ideal de causalidade necessária e de previsão infalível, mas o método de conexão condicional e de previsão provável.”* (ABBAGNANO, 2007, p.289).

A crítica ao determinismo ambiental tem freqüentemente atribuído aos autores rotulados e suas teorias qualificativos que não foram extraídos da leitura das obras, mas sim, que foram aceitos como pressupostos inevitáveis, pelo mero fato desses qualificativos serem comumente relacionados ao determinismo filosófico e ao termo “determinismo”. Então, o crítico leviano pensa: se é um tipo de “determinismo” (ancorado no ambiente), então necessariamente comunga dos pecados de todo e qualquer determinismo: fatalismo, pretensão de tudo prever, negação do livre-arbítrio, ideal de causalidade necessária, necessitarismo e mecanicismo. Esta associação simplista e automática não sobrevive à tradição crítica da filosofia da ciência que mostra a complexidade das diversas concepções de determinismo.

Quanto à possível compatibilidade do determinismo filosófico com o livre-arbítrio, Abbagnano aponta para duas posições clássicas a esse respeito:

Incompatibilismo (se o determinismo é verdadeiro, então não somos livres, como sustenta p. Van Inwagen, *An Essay on Free Will*, 1983), que também pode assumir a forma do chamado libertarismo caso se afirme como verdadeiros tanto o incompatibilismo quanto a nossa liberdade e se, de tais premissas, for deduzido que o determinismo é falso; Compatibilismo (se o determinismo é verdadeiro, isso não exclui a possibilidade de que possamos agir livremente), que às vezes se apresenta com formas imprecisas (que levam em conta, por exemplo, algumas variáveis de comportamentos compulsivos ou em estado de coerção, como nas influentes teses incompatibilistas de Gerald Dworkin), algumas das quais negam o conflito entre livre-arbítrio e determinismo sem afirmar que ambos são verdadeiros.

(ABBAGNANO, 2007, p.289)

Toda a complexidade da questão do determinismo sob o prisma da filosofia da ciência foi em geral ignorada por aqueles que se prestararam a analisar os supostos autores deterministas. Um dos motivos para isso, faça-se justiça, é que essas críticas foram tecidas anteriormente a alguns avanços na compreensão do determinismo filosófico. Apenas a partir da década de 60 é que alguns especialistas vão questionar a vinculação inevitável de “determinismo” e livre-arbítrio.

As definições de determinação, condição e influência, expostas anteriormente, claramente apontam para a pertinência desses dois últimos termos para se referir aos fatores ambientais e sua relação com os homens. Ellen Semple, reconhecendo o equívoco e imprecisão no uso do termo determinação, explica já em seu prefácio¹⁰⁵ que falará apenas em “influências”. O uso do verbo “condicionar”, desde que não ancorado no seu sentido mais absoluto e radical, é bastante elucidador do modo como os deterministas concebiam os fatores ambientais em sua relação com a humanidade, pois tal verbo está relacionado ao probabilismo.¹⁰⁶ Outro fato que torna mais leve o uso do termo “condição” é sua adoção por autores “possibilistas” como Febvre.

Sobre o uso do verbo influenciar, os Sprout afirmam que é o verbo mais utilizado no vocabulários dos deterministas e que seu sentido na forma em que é geralmente empregado não tem nada de radical, e é usado *“to conote that the ‘influenced’ person perceived the environmental factor in question; that he evaluated it with reference to his purposes; and that he acted in the light of the conclusions reached.”*

¹⁰⁵ O prefácio de Semple será transcrito em grande parte e analisado no capítulo quatro.

¹⁰⁶ O probabilismo tem sido visto como uma alternativa moderada aos extremos do determinismo e do possibilismo. Contudo, alguns comentadores argumentam que o determinismo e o possibilismo não são tão antagônicos e que na verdade seus defensores convergiram na direção do probabilismo, porém, com uma diferença de ênfase e retórica. Esses assuntos serão amplamente analisados no subcapítulo 3.2.

Sobre as definições do que vem a ser o determinismo ambiental, a lista abaixo¹⁰⁷ mostra a diversidade de concepções e de termos usados, o que indica uma profunda confusão em torno do tema:

1. (Lewthwaite, 1966, p.3) – *“The first and perhaps the most generally accepted meaning of the term, the one that leaps directly to the mind, is the concept that the environment controls the course of human action.”*
2. (Platt, 1948, p. 126) – *“Determinism ... refers to the idea that everything in human life is caused inevitably by previous events or conditions. Extreme environmentalism refers to the idea that everything in human life is caused by the natural environment; and mild environmentalism refers to the idea that human life should be vowed as under the direct influence of the natural environment.”*
3. (Febvre, 1925, p.171) – *“Some speak of natural regions – climatico (sic)-botanical regions – as reservoirs of forces which act directly on man with a sovereign and decisive power, and leave their mark on every manifestation of their activity, from the smallest to the most important and complicated, and in a great measure are at the same time the cause and the subject of these manifestations. This is the determinist theory.”*
4. (Sprout, 1967, p.48) – *“In practice, strict environmental determinism has generally referred to the thesis that some set of environmental factors, less than the total milieu, is sufficient to account for, or to provide a firm basis for predicting, both the psychological behavior of human beings and the empirical outcomes of their undertakings. Applied rigorously, this philosophical posture envisages man as a sort of chip in the stream of history. He is borne along by a current which he is incapable of resisting, within a channel from which he cannot escape. Man may imagine himself to be free to choose. But in the view of the strict environmental determinism, environing conditions actually dictate his so-called choices; and hence man really has no capacity for choice in any meaningful sense.”*

¹⁰⁷ Todos os grifos nas citações são de minha autoria.

5. (Wallis, 1931, p.561 – “*Environmentalism* [sinônimo de determinismo ambiental] *is the tendency to stress the importance of physical, biological, psychological or cultural environment as a factor influencing the structure or behavior of animals, including man.*”

O Probabilismo, o possibilismo e as várias nuances de determinismo ambiental podem ser encontrados em praticamente todos os autores que tratam da dialética entre fenômenos e da relação entre binômios. Ou seja, todo pensador que escreva e disserte sobre qualquer assunto com a pretensão de melhor compreendê-lo, não poderá se furtar de discorrer sobre causa e efeito, sobre influências, sobre condicionamento, ou até mesmo sobre determinação. Se nesses autores cabe ou não esses rótulos, vai depender do que o crítico entende como suficiente para receber tais rótulos. Não é preciso uma mente fértil e uma lente tão tendenciosa para ler em qualquer autor da Geografia e das demais áreas, algum traço de alguns desses rótulos ou discursos. Até mesmo em Morin, um dos grandes defensores da teoria da complexidade e crítico mordaz de reducionismos e generalizações, há um claro reconhecimento da força de fatores culturais e sociais na produção do conhecimento, aos quais ele se refere como “determinismos”.

Na obra “O método 4: as idéias”, Edgar Morin afirma que a simplificação redutora do determinismo que concebe o conhecimento como produto trivial de uma máquina trivial consiste num grave vício. O autor critica esse determinismo redutor, mas ao mesmo tempo nega que esteja atentando contra os “determinismos culturais, sociais e históricos, pois “*Ao contrário, destacamos os determinismos culturais, ainda mais profundos que os “determinismos sociológicos de situação (classe social, status profissional, habitus)*”(MORIN, 2002, vol.4, p. 92-93). Na defensiva, enfatiza que “(...) *não se trata de modo algum de um determinismo mecânico, semelhante ao da física clássica, que seria, como este, inelutável tanto quanto inalterável.*” Para Morin, nem o indivíduo nem a sociedade podem ser vistos como “*uma máquina trivial mecanicamente determinista*”, mas reconhece que essa sociedade em geral exerce influências na forma de limitações e determinações aos indivíduos, que obedecem e se

submetem na maioria das vezes. Essa matriz de raciocínio é a mesma encontrada em muitos autores deterministas, e é exatamente a base do pensamento probabilista. A matriz probabilista de Morin aparece claramente quando, dando sequência à sua argumentação, justifica sua crítica ao determinismo mecânico, distinguindo-o do determinismo que advoga, pois *“com efeito, à diferença da máquina trivial cujos outputs podemos prever a partir dos inputs, os processos reprodutivos não estabelecem infalivelmente a invariância, as causas sociais não produzem infalivelmente efeitos previsíveis, as normas não são infalivelmente obedecidas.”*(MORIN, 2002, vol.4, p. 93)

Diante do exposto, os críticos do determinismo ambiental, caso se voltassem contra o determinismo cultural, rotulariam Morin de “determinista atenuado”, ou simplesmente, o que é ainda pior, de “determinista”. Alguns poucos críticos o rotulariam de “probabilista”, e outros, ainda, de “possibilista”. Se Morin ainda não foi jogado na fogueira determinista¹⁰⁸, é porque seu determinismo não é ambiental, pois tem sido contra este tipo especial de determinismo que quase todas as críticas antideterministas têm se voltado. Ademais, não se pode afirmar que nenhum de seus comentadores já não o tenha rotulado, bastando para confirmar essa especulação uma mera leitura desses autores.

Sobre a questão do esvaziamento de sentido de alguns termos usados indiscriminadamente, Morin constata que *“As palavras-chaves esvaziaram-se e tornaram-se signos sem sentido; as significações abandonaram as suas antigas carapaças e não encontram novos invólucros.”* (MORIN, 2002) É por esta razão que se pode afirmar que, na verdade, não existem termos apropriados para se referir às significações envolvidas nos estudos sobre as influências ambientais na esfera humana. Resultado: um festival de sopa de letras sem sentido, que eficazmente se prestam à má compreensão do tema. Esse problema afeta, logicamente, o conjunto das ciências humanas, e não é exclusivo dos estudos teóricos em Geografia.

¹⁰⁸ Fogueira do determinismo humano (cultural e social), pois, em princípio, não expressa em algumas de suas obras uma forte tendência à teoria das influências ambientais.

Quanto ao emprego de termos para se referir ao determinismo ambiental, Platt é um ótimo exemplo da diversidade de usos, mas seus artigos confundem os não iniciados no assunto e traz definições irreais. No seu artigo “environmentalism versus geography”, Platt usa o termo “environmentalism” como sinônimo de “environmental determinism”, e não no outro sentido de “conceito da Geografia como estudo da relação homem-meio”. Platt, nesse artigo, não usa o termo “determinismo”, provavelmente porque acredita que ele deva ser abandonado, pela má impressão e pela imprecisão.

Se Platt usa o termo “environmentalism” como sinônimo de “environmentalism”, Warntz faz o oposto, e concebe-os distintamente. Assim para ele, “environmentalism” sugere influências ambientais, e “environmental determinism” sugere controle ambiental. Contudo, Warntz não explica de onde extraiu essa diferenciação, ao mesmo tempo que dá a entender que não a criou. Parece que com essas definições está se referindo à determinismo ambiental moderado e à determinismo ambiental radical, respectivamente.

Em seu outro artigo “determinism in Geography”, também não usa “determinismo ambiental”, mas apenas “determinismo”, para se referir ao determinismo geral, filosófico. Nesse texto usa e define os seguintes termos: “determinism”, “Environmentalism”, “extreme environmentalism” e “mild environmentalism”. Platt define esses termos da seguinte forma: “*Determinism, in the sense used here, refers to the idea that everything in human life is caused inevitably by previous events or conditions. Extreme environmentalism refers to the idea that everything in human life is caused by the natural environment; and mild environmentalism refers to the idea that everything in human life should be viewed as under the direct influence of the natural environment.*” (PLATT, 1948, p.126)

A primeira definição é um grande desafio metafísico e não há sentido em procurar tal determinismo nos estudos da Geografia. O segundo conceito também não se aplica à Geografia, pois nenhum geógrafo adotou esse inexistente e idealizado “ambientalismo extremo”. Resta então o “ambientalismo suave”, ou “determinismo ambiental atenuado”. Platt o define como “*idéia de que tudo na vida humana está sob*

a influência direta do ambiente natural”(id). Essa definição não se sustenta nos discursos reais da literatura. Muitos autores falam também em influências indiretas, principalmente Huntington, quando fala em clima indiretamente influenciando a civilização. Este autor não quis sugerir que o clima age diretamente sobre a civilização fazendo-a migrar. Para isso ocorrer teria que haver no corpo humano um órgão que ao sofrer a ação da temperatura gerasse na pessoa uma necessidade incontável de migrar para outro lugar. Semple reserva parte inteiras de seu livro para trabalhar separadamente os efeitos diretos e indiretos. Os deterministas também não afirmaram que tudo na vida está sob influência do ambiente, e os poucos que assim se expressaram, o fizeram sem provas, sem muita convicção e para defender seus argumentos usando hipérboles.

Assim, essa definição de Platt, além de irreal, é ao mesmo tempo, talvez excludente e certamente includente. Excludente, por nela não caber os deterministas que advogaram também as causas indiretas. Includente, por se constituir num balaio único no qual se acomodam os deterministas que não são do “extreme environmentalism”, ou seja, todos! Onde colocar Ratzel, Semple, Huntington e Spate (probabilista)? A qual daquelas três definições de Platt seria possível associar Febvre, La Blache e Boas? A definição um é inútil e ultrapassada¹⁰⁹, a dois é demasiadamente genérica, e a terceira é bastante específica e excludente.

Esses termos não possuem um significado preciso, tampouco foram conceituados e usados por meio de um consenso. Assim, cada autor tem a sua “impressão” de cada um dos deterministas que lê, e assim com base nessa impressão, classifica-o de “determinista atenuado” (que costuma se referir a alguns autores classificados de probabilistas e de possibilistas), “determinista radical” (que costuma se referir aos autores que fizeram afirmações exageradas, ou a todos os autores deterministas de Huntington para trás, ou aos autores que abusaram da licença poética). Não há, então, uma definição precisa do que vem a ser um “determinista radical” e não está claro na literatura quais os critérios usados para se chamar um autor

¹⁰⁹ Basta lembrar a concepção probabilística da causalidade e seu entendimento enquanto baseado não nos eventos, mas em processos, com o advento da mecânica quântica e da teoria relativista.

de “determinista atenuado”. Onde estaria a fronteira, é possível delimitá-la nessa noosfera descontrolada? O primeiro passo para resolver o problema é descartar o termo determinismo, conforme já apontado no capítulo um. O termo usado por Platt, “ambientalismo”, seria preferível, mas já está totalmente impregnado do sentido determinista, ao menos no mindscape anglófono. O segundo passo é explicado mais detalhadamente a seguir.

A manutenção dos dois extremos do espectro determinismo/possibilismo, apesar de equivocada, pode servir de balizamento para se analisar a obra de um autor, que poderia ser analisado pelo número de crenças e objetivos compartilhados com esses dois pólos extremos. Mas sequer houve uma teorização mais precisa sobre as “gradações determinísticas”¹¹⁰ nas obras geográficas desde os gregos antigos. Comparar os autores deterministas com um suposto modelo idealizado de determinismo absoluto pode ajudar a esclarecer que nenhum geógrafo jamais se aproximou desse rigor metafísico, e isso é fácil de observar, muitos críticos apontaram nesse sentido. Contudo, tentar classificá-los e separá-los em diferentes patamares ao longo do amplo espectro determinismo absoluto/livre arbítrio é certamente uma tarefa ingrata, de impossível precisão, e de certa inutilidade se tomada per se. Assim, é pertinente que se avance no foco de estudo, independentemente de ignorar ou não essa classificação. O estudo que traria maior contribuição para a história do pensamento geográfico, para a história das idéias em geral e para o estudo teórico e prático da relação homem-meio deveria tomar outro rumo e se basear não nos questionamentos “quão deterministas foram”, “quem está com a razão: possibilistas ou deterministas?”, mas sim nos inúmeros questionamentos relacionados às idéias sobre a relação homem-meio verificadas nesses autores deterministas, ou seja, questionamentos baseados nas abordagens que emergem na obra desses autores, nas evidências levantadas, na riqueza

¹¹⁰ Como toda tarefa no campo das idéias, das teorias, da linguagem, esse tipo de estudo sofre com a falta de critérios mais rígidos, modelos-guia e portanto está sujeita às qualidades, preconceitos e idiossincrasias do pesquisador. As possibilidades, o alcance da pesquisa e a qualidade geral dependem então dos méritos do pesquisador ao assumir tal desafio.

de reflexões e sugestões, e na ousadia frutífera das explicações “ambientais” para a diversidade do espaço geográfico.

Lewthwaite (66), que considero o mais formidável e lúcido comentador da falsa dualidade determinismo/possibilismo, do lamaçal semântico que os envolve e das críticas equivocadas ao determinismo ambiental, perfilou nuances mais sofisticadas do determinismo ambiental, revelando uma astúcia de precisão cirúrgica no que concerne a crítica da crítica ao determinismo. O autor escreveu um artigo no qual se dedica a desemaranhar a confusa rede de termos que envolve o determinismo ambiental. Escrito em 1966, muitas décadas após a grande efervescência “determinista do início do século XX, o artigo traz logo no início a citação de Carter, que em 1964 anunciava a tendência dos geógrafos a fugirem desesperadamente de molduras deterministas, enquanto que na escola, na história e na ciência política predominava uma visão fortemente determinista. Assim, parecia ter previsto que na economia e nas ciências políticas o determinismo gozaria de uma consideração mais longa que chegaria até o momento presente¹¹¹. Em suas palavras, *“Although geographers have now turned from environmentalism to a more balanced view, allied fields of knowledge are all too often still following along in the deterministic paths marked out fifty years ago. When history, economics, and political science, even on the college level, refer to geographic factors, all too often they take strongly physical environmental determinist view. In lower-level schools, one seldom meets anything but determinism.”*(CARTER apud LEWTHWAITE, 1966, p. 1)

Contudo, essa afirmação contém imprecisões, pois os profissionais dessas áreas correlatas à Geografia não diferem muito dos próprios geógrafos em termos de importância conferida aos fatores ambientais. Além disso, Carter sugere um verniz determinista exagerado, que não tem sido advogado por economistas, historiadores e geógrafos. Lewthwaite parte do pressuposto de que os críticos estão equivocados

¹¹¹ Esse “revival” da idéia das influências ambientais (chamado mais uma vez erroneamente de determinismo ambiental) encontra eco nas obras do biólogo e geógrafo Jared Diamond, do economista David Landes, e de alguns economistas de Harvard, como Ricardo Hausmann, Jeffrey D. Sachs e John L. Gallup.

quando afirmam que o determinismo ambiental está morto. Na verdade, está e não está simultaneamente. Esclareçamos. Está morto quando se pensa no determinismo ambiental enquanto um determinismo estrito, radical, que ignora as influências de fatores humanos e o papel do livre-arbítrio. Na verdade, também é impreciso dizer que está morto, pois de fato nunca existiu, senão na retórica de alguns críticos. Entretanto, a idéia ou hipótese que deu sustentação a esses estudos rotulados de deterministas, são perenes, constituem uma busca constante da ciência¹¹², e é tema central de todas as ciências, sejam mais físicas ou mais humanas. A idéia das influências ambientais, juntamente com a idéia do antropismo na natureza formam o alicerce dos estudos da relação homem-meio. Nesse sentido, parece pertinente e nítida a afirmação de Spate de que o determinismo ambiental, em sua essência última, é um *“Immortal bird not born for death”*. (SPATE, 1952)

Antes de continuar a discussão sobre os problemas semânticos do tema, é preciso algumas palavras sobre o conceito ambientalista na nascente Geografia moderna. É nessa fase que emerge o “environmentalism”, significando o conceito da Geografia como ciência primordialmente ocupada com explicar as relações homem-meio. Em pouco tempo notou-se uma diferença de ênfase entre os geógrafos que adotaram o conceito ambientalista da Geografia. A abordagem da análise geográfica, para uns, colocava o homem em evidência, procedendo do homem para o ambiente, e para outros, do ambiente para o homem, com a natureza em evidência. A primeira abordagem é atualmente infinitamente mais apreciada e utilizada, sendo considerada mais favorável à objetividade na análise do fator ambiental. Essas duas abordagens, diferindo apenas, e muitas vezes levemente, em termos de ênfase e ponto de partida¹¹³, é que foram rotuladas respectivamente de “possibilismo” e “determinismo”. Independentemente do tipo de abordagem, a distintiva e primeira função da Geografia era elucidar as relações ambientais. Essa foi a preocupação tanto de Ratzel, Huntington

¹¹² A psicologia agoniza em suas tentativas de explicar o comportamento humano e frequentemente apela, talvez não sem razão, para fatores físicos, como hormônios, genética etc.

¹¹³ Relembrando que ambas as abordagens reconheciam tanto as influências ambientais, como a influência da cultura e do livre-arbítrio.

e Semple, quanto de La Blache, Brunhes e Febvre. Esse princípio unificador (relações ambientais) dessas supostas dicotomias foi muito mais importante para a história da Geografia científica do que as abordagens deterministas e possibilistas que nele se firmaram, e cujos equívocos e importância conjunta indicam que não se pode falar em “melhor” ou “pior”.

Lewthwaite sintetiza o contexto epistemológico e metodológico de emergência do determinismo ambiental, apontando o conceito ambientalista da Geografia (estudo da relação homem-meio) como um grande avanço sobre a Geografia anterior mais descritiva (supostamente uma fundamental mudança paradigmática) e que a empolgação dessa constatação pelos geógrafos da época os levou a declarar a Geografia como a ciência que investiga as relações do homem com seu ambiente. Assim,

(...) This environmentalist concept reflected the search for definable limits and a coherent focus for the discipline. As compared with other fields of learning, certain approaches to geography seemed only to present a loose and encyclopedic conglomeration of facts, and this at a time when the sciences in general were intensifying their specialization and formulating firm and unifying principles. Not only was an aggressive intellectual enclosure movement threatening the existence of the former common, but many geographers instinctively sought to crystallize their studies around a theme which was both psychologically satisfying and logically unifying. Under these circumstances many responded to the affirmation that their peculiar task, their *raison d'être*, was the study of relationships between man and his environment. Thus David contended that 'it is essentially the factor of relationship of earth and inhabitants that characterizes geography as a subject apart from other sciences, and that gives an essential unity of content and discipline to all its varied parts' and reiterated that this was 'the most definite, if not the only, unifying principle' that he could find. In similar fashion, Peattie asserted that neither a map of wheat nor a map of rainfall could be considered geographic: a geographic fact emerged only when the maps were combined to show the relationship. And both Vidal de la Blache and Brunhes affirmed that this idea of relationship 'must dominate every complete study of geographical facts'. (LEWTHWAITE, 1966, p.3-4)

Os distintos usos do termo anglófono “environmentalism”, entendido como “ambientalismo”, em português, é outro grande nó semântico que atrapalha a compreensão de algumas críticas feitas ao determinismo ambiental. O termo ambientalismo, segundo Lewthwaite (1966), aparece na literatura com três significados: um deles, como “determinismo ambiental” radical (A) ou extremo (nas palavras de Platt, 1948), o segundo, como “determinismo ambiental atenuado” (B) ou suave (Nas palavras de platt, 1948), e o terceiro, aparentemente bastante distinto desses, como “environmentalist concept” ou conceito ambiental de Geografia, que implica na definição da Geografia como o estudo da relação homem-meio (environment and man) (C). Assim, é preciso muita cautela na leitura para identificar quais dessas três idéias são advogadas pelos autores rotulados de “ambientalistas”. Esse uso do termo com triplo significado pode deixar o leitor na dúvida sobre o que de fato o autor considera como “ambientalismo”. Nem todos os autores explicitam esse conceito, e partem rapidamente para o rótulo.

Quanto ao termo “environmental determinism”, ou “determinismo ambiental”, este é também é usado para rotular A, B e até mesmo C. Ou seja, para qualquer autor que cite ou enfatize alguma influência ambiental (de maneira radical ou atenuada) ou meramente considere a Geografia como essencialmente o estudo das relações recíprocas homem-meio, caberia o rótulo de “deterministas”. Aliás, a palavra “determinismo” em Geografia, significa determinismo ambiental, ou seja, são usados como sinônimos, muito embora existam vários tipos de determinismos. Por qual razão o determinismo cultural não é abreviado como “determinismo”, e o determinismo ambiental o é? A resposta poderia estar na idade avançada dessa sênior controvérsia pecaminosa, que data da Grécia antiga. Sendo o primeiro determinismo específico¹¹⁴ a ser formulado na história, passou a ser abreviado de “determinismo”. Contudo, para repetir uma cansativa afirmação que venho repetindo ao longo da tese, nenhum dos autores deterministas pode ser considerado porta-voz do determinismo filosófico na

¹¹⁴ O determinismo geral e metafísico já era debatido na então nascente filosofia grega.

Geografia, pois esse determinismo radical de interesse metafísico nunca encontrou espaço nas teorizações de grandes autores das ciências humanas.

Quanto ao uso desses termos, a maioria dos autores usa “ambientalismo” e “determinismo ambiental” como sinônimos, tais como Platt, Taylor, Spate, Martin, William e Montefiori. Outros, como Jones¹¹⁵, Lewthwaite e Sprout, explicitam a distinção entre “determinismo ambiental”, enquanto formas radicais do “ambientalismo”), e “ambientalismo”, usado para se referir ao “ambientalismo atenuado”.

Nesta tese rejeita-se o uso do termo “ambientalismo”, primeiramente devido à sua pertinência ter sentido apenas no “mindscape” anglófono, e em segundo lugar, devido ao seu sentido ecológico em língua portuguesa e que geraria ainda mais confusão, comprometendo meu objetivo de iluminar o emaranhado semântico.

Também me parece claro que o uso de todos esses termos supracitados são impróprios e apenas servem como fermento para uma massa confusa de incompreensões. No lugar de teoria simplistas que seguiam um suposto cânone de fatalismo e ingênua ignorância dos fatores humanos na explicação da relação homem-meio, o que existe de fato é um grande número não rotulável de estudos e abordagens que tinham como traço em comum apenas a ênfase nos fatores ambientais como agentes causais de fenômenos humanos (por meio de influências diretas ou indiretas), mas que se distinguiam em todos os demais aspectos. Como agrupar todas essas distintas abordagens sob o mesmo rótulo? É simplesmente impossível. Se foram agrupadas, é por conta de má-fé e/ou desconhecimento da crítica. Quanto aos rótulos, o máximo aceitável é se referir a essa diversidade de estudos como uma busca da confirmação da hipótese básica das influências ambientais e como uma das possíveis abordagens para se estudar a relação homem-meio que na primeira metade do século XX era considerado o objeto de estudo da Geografia.

Avançando na discussão do emaranhado semântico, lewthwaite questiona se na verdade o conceito de “determinismo ambiental” e “conceito ambientalista” não são no

¹¹⁵ Para Jones, “environmentalism unlike determinism provides an escape hatch for man”. (JONES, 1956, p.32)

fundo a mesma coisa ou ao menos similares e enraizados no mesmo princípio. Para ele, são muitos os que respondem sim a essa questão, colocando ambos os conceitos sob o mesmo genérico termo de “ambientalismo”, ou afirmando que o princípio de relação ambiental (conceito ambientalista) é o “guilty father” do determinismo ambiental. Na mesma direção vai a crítica de Sauer, que considera o conceito ambientalista de Geografia uma ameaça à objetividade por depositar muita atenção na demonstração de ajuste ambiental. De maneira mais radical e injusta, Schluter na Alemanha insiste que o determinismo ambiental tem como paternidade a definição de Geografia que instrui o geógrafo a encontrar relações. (HARTSHORNE, 1959) Com essa afirmação, absolve-se em parte o determinismo pelos seus pecados, depositando a culpa em seu progenitor, o conceito ambientalista que propõe como objeto de estudo da Geografia as relações homem-meio. Assim, a crítica insensata não desaparece, apenas muda de endereço e de foco.

Essa crítica, contudo, não sobrevive à observação de Clark, segundo o qual *“the essential postulate of environmentalism, namely the assumption that human phenomena are best comprehended by correlation with their natural setting, is all too readily reduced to a crudely deterministic form especially when simplified for teaching purposes, (...)and Cumberland alleged that the search for environmental correlations precluded scientific objectivity.”*(grifo do autor) (CLARK, 1950 p.16). Ou seja, para Clark, o conceito ambientalista não é necessariamente nocivo e determinista, mas pode ser caso seja simplificado, inclusive com repercussões negativas na esfera do ensino.

Clark não concebe o estudo da relação homem-meio como o “pai” do determinismo, mas apenas como uma hipótese que não pode ser lida meramente como um determinismo extremo. De sua afirmação, emerge um problema que persiste em todas as críticas, e que pode ser sintetizada com a seguinte pergunta: o que cada crítico entende como “crude determinism, extreme determinism”? Ou, por outro ângulo: que ingredientes seriam necessários e suficientes para rotular uma teoria dessa forma? Conceber as influências ambientais como os únicos condicionante dos fenômenos humanos? Sustentar um determinismo monocausal, baseado no clima apenas? Negar o livre arbítrio? Não apresentar evidências convincentes? Tentar prever tudo? Afirmar

que ambientes similares dão origem a sociedade semelhantes? Como estabelecer uma separação entre o que é determinismo brando e determinismo rigoroso? Esta tese não tem a pretensão de responder a essas perguntas, mas pretende mostrar a diversidade de determinismos, apontando para a impertinência do rótulo que encobre distintas abordagens das influências ambientais. Diga-se de passagem que essas perguntas não são exatamente aquelas consideradas cruciais para a Geografia, não sendo recompensante nelas investir. A importância desses questionamentos é meramente evidenciar o caos semântico e a injustiça do rótulo, ao mostrar a imprecisão conceitual da abordagem do determinismo ambiental e a incongruência das críticas quando confrontadas entre elas e com as obras criticadas.

Lewthwaite é um dos poucos comentadores do determinismo ambiental que se esforça realmente em mostrar os excessos da crítica e sua falta de compromisso com a verdade. Segundo ele, “(...) *the anti-environmentalists have overstated their case.*” (LEWTHWAITE, 1966, p.5). Explica que não há evidência de que a busca pelas relações homem-meio é em si tendenciosa na direção do “determinismo”, pois “(...) *neither strict logic nor a balanced view of the history of the discipline warrants the charge that the search for relationships was loaded with the original sin of inherent bias.*” (id). Adiante também afirma a necessidade e inevitabilidade do estudo das relações homem-meio, incluindo as relações ambientais e explica que esse estudo é válido desde que seus mentores sejam guiados pela busca da verdade e pela observância do grande complexo de fatores e relações dentro da realidade geográfica, sem ignorá-los. Em suas palavras, “*No matter what our concept of the geographer’s role, the comprehension of a variety of relationships, including environmental relationships, will remain an essential part of the field: all that may legitimately be required is that the scholar be guided by the desire for truth rather than by special pleading, and that the selective abstraction of one single thread from the complex fabric of geographical reality should not involve the denial of other and perhaps more significant strands.*” (ibid, p.5-6)

Ainda sobre as críticas negativas ao conceito ambientalista da Geografia, Lewthwaite afirma que “(...) *no principle should be rejected just because it is trailed*

by its exaggerated and distorted shadow.”(id). Esse argumento considero essencial e pode ser tomado como um dos primeiros mandamentos dos que estudam a história do pensamento geográfico e dos que querem realizar críticas ponderadas e precisas. O princípio a que alude o autor é o conceito ambientalista da Geografia (Geografia enquanto estudo da relação homem-meio), e sua sombra desfigurada é o determinismo geográfico. Mas a própria idéia das influências ambientais, que é apenas uma parte do conceito ambientalista (a outra parte é a idéia das influências antrópicas), pode ser tida como o princípio, e sua sombra seria, então, um “determinismo” mais radical. Arriscaria dizer que até mesmo esse radical determinismo, ou qualquer outra forma de determinismo pode ser visto como o princípio cuja sombra é o rótulo impresso pela crítica, que o radicaliza ainda mais. De qualquer forma, é possível entender o termo “distorted shadow” como o rótulo e a simplificação de um determinado princípio.

Na sequência, Lewthwaite lança uma das melhores objeções contra os que criticam os geógrafos por enfatizar as influências dos fatores ambientais (geográficos), questionando da seguinte forma: *“Does medical science forbid câncer research to isolate and follow the scent of tobacco, even with deliberate disregard for other potential causes? Is an economist or historian forbidden to concentrate his attention on the economic factor because this may tempt him toward economic determinism? Why then need any geographer be embarrassed by our time-honored concern with ‘the geographic factor’?”*(id). Ainda não satisfeito, defende a Ecologia Humana, questionando *“And is human ecology, for all its willful vagaries, inherently less worthy of dispassionate study than plant or animal ecology?”*(id), e explica que há apenas duas justificativas para objeções da crítica ao determinismo, pois *“Legitimate objections arise only if such selected themes be erected into exclusive principles which govern and define our field, or if the role of environment is exaggerated to the detriment of other factors.”*(id)

Conforme já mencionado em outro momento, o termo “determinismo ambiental” desperta preconceitos e condenações imediatas e tem causado constrangimentos em várias ciências, inclusive é tido como responsável pela má

reputação da Geografia nas primeiras décadas do século XX. Conforme elucida Lewthwaite,

But why should environmental determinism be denounced? The mere mention of the term is likely to invoke a chorus of condemnation, and if the theme of the chorus [a crítica] may be summarized without too much distortion, it would run as follow [aqui Lewthwaite resume o cansativo corobordão da crítica ao determinismo ambiental]: determinism made man a mere creature of his environment, predestined to civilization or savagery, wealth or poverty, by the sovereignty of the geographic factor. The effectiveness of tradition and culture and the free will of man was thus denied or minimized by a concept which allegedly dominated geographic thought in the late nineteenth century, bringing the discipline into ill repute as the supposed advocate of a “single-factor heresy” a naively monocausal approach which was bound to crumble before a touch of intellectual sophistication and a multiplicity of incompatible facts. (LEWTHWAITE, 1966, p.7)

Na sequência de suas idéias, o autor mostra alguns mitos ao citar que em sua época (década de 50 e 60), vendia-se a idéia de morte do determinismo ambiental e de supremacia do tão desejado e justo possibilismo, pois “*As many a fledgling geographer, therefore, learns at his academic peril, determinism is now presumed to be as dead as the Dodo, deservedly replaced by possibilism which puts the environment back in its place and gives due recognition to the free will of man.*” (id)

Outra incompreensão que tem permeado a crítica ao determinismo é o equívoco de associar o determinismo ambiental com o determinismo geral ou metafísico e o possibilismo com a crença no livre-arbítrio. De acordo com Lewthwaite,

Indeed, it seems quite commonly assumed that environmental determinism was largely an extension into geography of the metaphysical concept of universal or general determinism, whereas possibilism was an analogous projection of belief in free will. Spate, though not necessarily assuming the identity of the concepts, affirmed that our attitude to the fundamental problem of free will and necessity is bound to affect our thinking on ‘the

restricted question of geographical determinism versus possibilism' and that 'environmentalism can legitimately be recognized as one component in a general determinism'. (ibid, p.9)

Para Sprout “*one of the attractions of possibilism seems to have been its explicit assumption of freedom of choice*” (SPROUT, 1950, p.48). O próprio Huntington se equivoca ao separar a Geografia entre os que acreditam no determinismo, e os que pactuam com o possibilismo ou livre-arbítrio.

Para Lewthwaite, essas presumidas conexões não podem ser aceitas sem prévio escrutínio. Primeiro, o autor exhibe um conceito de determinismo metafísico, para mostrar como é brutalmente distinto do conceito de determinismo ambiental, embora alguns críticos tendam a conceituar tudo da mesma forma, sem distinções. Ao se referir aos conceitos do determinismo metafísico ou filosófico, conclui que “*Quite obviously this all-inclusive determinism bears a family resemblance to geographical determinism, but whereas the former may postulate any factor or any combination of factors, the latter presumes, in Platt’s words that it is ‘the natural environment’ which causes ‘everything in human life’*”. (...). “*Geographical determinism, by contrast, is what Schaeffer termed one of ‘the various determinisms with an adjective, such as economic determinism’, for it attributes sovereign control to one factor and one factor only.*” (id)

Há nessa citação, uma imprecisão e um equívoco. A imprecisão é que para Lewthwaite, há certa familiaridade entre os dois determinismos, e isso é bastante questionável. Se existe alguma similaridade, está certamente apenas no fato de ambos os conceitos pressuporem uma cadeia causal entre todos os fenômenos. E isto é bastante complexo de identificar e de provar. Não é um defeito do determinismo ambiental, e constitui-se, pelo contrário, numa qualidade, posto que é uma busca legítima da ciência, uma hipótese explanatória dos fenômenos. Causas, todos os cientistas buscam¹¹⁶, até mesmo muitos dos cientistas das humanidades que costumam olhar com preconceitos para o determinismo ambiental. A similaridade reconhecida por Lewthwaite pouco se sustenta, pois além da diferença no número de possíveis

¹¹⁶ Mesmo aqueles que advogam a causalidade probabilística.

determinantes, há forte distinção quanto à atribuição de liberdade, possível para o determinismo ambiental, e impossível para o determinismo metafísico.

O erro, proveniente de Schaeffer e Platt, é o de afirmar que o determinismo ambiental atribui o controle das ações humanas exclusivamente a um fator, o ambiental e que é o ambiente que causa “tudo na vida humana”. No capítulo 4, ficará claro que quase nenhum determinista jamais afirmou que apenas o ambiente exerce controle “único” ou “soberano” sobre “tudo”. Esses termos absolutos e dogmáticos aparecem mais na crítica do que nas próprias obras deterministas. Sobre esses termos, permanece uma questão: o que significa “controle soberano”? Nesse conceito há espaço para outros fatores conflitantes que não sejam “soberanos”? Se há, então não se assemelha ao determinismo filosófico, pois este é implacável e nega qualquer liberdade de escolha ao ser humano. Ser “soberano” é ser exclusivo e não permitir compartilhar influência com nenhum outro fator, nem com o livre arbítrio? Nesse caso, é tão dogmático e radical quanto o determinismo filosófico, pois nega a atuação dos demais fatores. Uma afirmação como a de Schaeffer mostra um estado de forte alucinação, pois o que ele quer significar quando fala que os deterministas atribuem aos fatores ambientais a causa de “tudo da vida humana”¹¹⁷? Que até mesmo o desejo de uma pessoa escrever um poema ou a habilidade para tocar piano seja fruto da ação de fatores ambientais? Ou seja, supondo que estes geógrafos não poderiam estar acreditando nesses exageros fantasiosos e fetichistas, resta concluir que esses críticos ou agem de má-fé, ou gostam de brincar com joguetes de palavras, o famoso “lego-sofístico-erístico” do pensamento geográfico, usado para impressionar a platéia incauta nos mesmos moldes excessivos de alguns deterministas.

Lewthwaite mostra que, ao se idealizar um determinismo radical, ele passa a conflitar com o possibilismo e com qualquer outro determinismo monocausal (econômico, cultural). Afirma que “*geographic determinism is competitive with every other monocausal determinism.*” (...). (...) *is irreconcilable not only with possibilism*

¹¹⁷ Que inclusive a causa de uma unha encravada seria a brisa da manhã e o nevoeiro da tarde? Que a decisão das cariocas de usarem fio-dental em Ipanema é fruto da declividade da eclíptica no dia do solstício de verão no Hemisfério Sul e da atuação de massas tropicais?

but with every other form of determinism.”(idib, p.8). Mais adiante, no subcapítulo 3.2, será demonstrado que o possibilismo e o determinismo diferem em muito pouco, sendo praticamente idênticos. O determinismo ambiental, se considerado no real discurso de seus proponentes, e não como modelo fiel a premissas rigorosas, é compatível com qualquer outra forma de determinismo. Usando os devidos termos, a idéia das influências ambientais não exclui outras influências, pois se excluísse, seria um mero e raso determinismo, que é inexistente. Ou seja, existe apenas na idealização de alguns críticos. Logicamente que se esses críticos partem desse modelo, dessa fantasia idealizada, acreditando-a real, seus discursos estarão pontuados de equívocos.

Lewthwaite reconhece que o determinismo ambiental radical é difícil de ser identificado, talvez inexistente, e pergunta *“Has the geographic factor ever been absolutized into such a universal and exclusive control?(...). The question here is whether any school of geographers ever maintained that physical conditions were so compelling as to mold the course of history with irrevocable precision and form the one and only determinant of human action.”* (ibid, p.9). Logo após, tenta responder a pergunta sugerindo que *“This question can only be resolved by resort to the statements of those who avowed themselves determinists, and it must be admitted that some hint of this view (though in a remote and indirect form) appeared whenever man was assumed to be purely a by-product of natural and material forces, of the earth earthy.”*(id). Há um equívoco em acreditar que basta recorrer aos autores que se auto declaram deterministas. É necessário ler todas as obras de autores que tentam explicar a humanidade pelas influências ambientais, tarefa que pelas dimensões precisaria de um mega projeto com dezenas de pesquisadores, para chegar à mera conclusão provável de que não existe nenhum autor advogando determinismo totalmente absoluto e implacável.

Após citar a tão recortada e vilipendiada frase de abertura de “influences of geographic environment” de Semple¹¹⁸, marcada por impactante licença poética, Lewthwaite mostra o que ele chama de “Dilution of determinism”, e com lucidez e

¹¹⁸ “Man is a product of the earth’s surface”, frase que será discutida posteriormente, e que foi seqüestrada desajeitadamente para ser exibida como troféu de caça ao determinismo.

precisão expõe ponderada visão sobre os autores deterministas em geral, reconhecendo suas falhas e suas considerações ponderadas de uma gama de fatores não-ambientais:

But rhetoric apart, it was scarcely the main purpose of the geographical determinisms to derive man and his culture solely from an earthly womb. To anticipate a conclusion, they conceded both the interdependence and effectiveness of nonevironmental factors, thus hedging their creed with reservation. Either explicitly or implicitly other factors were introduced, the brashness of determinism was softened into mere conditioning¹¹⁹, and significant areas of human thought and action were admitted to lie outside the sphere of environmental control. Thus, levels of culture and the advance of technology were invariably (if not always obtrusively) recognized, and the controlling leash was progressively lengthened and padded¹²⁰. [referência à magistral idéia de Semple]. Even primitive man was conceded the right to start a forest fire, and civilized man the ability to cut the panama canal. Although features such as population distribution and land use were pressed into the environmental framework, and even so spiritual a principle as monotheism traced to the lonely monotony of the desert, there were whole realms of human achievement such as philosophy, art, and science which were usually excluded or subjected only to a vague and peripheral conditioning. Such dilutions of environmental determinism were clearly evident in the works of its alleged exponents. Among sociologists, Le Play invoked the geographical determinant of “place” as the decisive molder of “word” and “people”, yet Sorokin’s opinion his work took into consideration “almost all essential factors of human behavior and of social processes and organization” and remained notably “free of one-sidedness”. Le Play’s disciple Demolins developed the related theme of the role of migration routes in sharpening racial character, but even his determinism, “bold and

¹¹⁹ Segundo o dicionário Houaiss, Condicionar significa “sujeitar a vontade humana a um “determinismo”; suggestionar, convencer, persuadir, impor condição ou amoldar-se e habituar-se a novas condições. Nessa citação, o sentido usado para condicionar parece ser o de “suggestionar”, pois é o sentido mais brando, e assim, foi contraposto ao determinismo severo. Como se vê, condicionar pode ser o mesmo que determinar. Daí a necessidade de se explicar o sentido da palavra que se usa, e não meramente a usar e deixar o leitor à deriva.

¹²⁰ Coleira alargada e estofada pelo avanço da ciência.

quite unqualified” as it was, conceded that if history were relived in the same environments, it would develop many secondary differences.¹²¹ (id)

Sobre a questão da retórica e da licença poética, os Sprout reservaram algumas relevantes páginas, e questionam: *“How is one to construe the teleological environmentalistic imagery that recurs so frequently in discussions of human affairs? Manifestly, not literally! Mountains do not ‘push’; seas do not ‘beckon’; geography does not ‘demand’; insularity does not lead ‘inevitably’ to anything or anywhere.”* (Sprout, 1965, p.75). Afirmam que uma hipótese para explicar esse uso é que os oradores que empregam tal retórica não são de fato crentes ingênuos num ambiente não-humano pleno de personagens animistas e de comportamento humano, mas sim, adeptos de uma retórica que dá a entender uma teleologia talvez inexistente. *“Read in context, however, even the most extreme teleological statements rarely appear to justify the conclusion that the author intended to ascribe human-like purposes and actions to the nonhuman environment”* *Another possible hypothesis is that environmentalistic rhetoric is simply a sort of fanciful poetic license.*

Os Sprout observam que a licença poética não está confinada à poesia e que ela invadiu áreas do conhecimento nas quais a precisão léxica é essencial para a comunicação. *“Such rhetoric is a fanciful and imprecise mode of expression. We have heard it defended, by editors and publishers as well as by authors of serious works of scholarship. They assert, among other things, that poetic license infuses prose with a sense of struggle and drama, and is necessary in order to capture readers and hold their attention – and to sell books, no doubt! Be that as I may, poetic license in any context of man-milieu relationship is likely to foster teleological imagery at the very least, and in addition to constitute an obstacle to precise description and explanation.”* (ibid, 76-77)

Retomando as análises de Lewthwaite, este segue com suas críticas às críticas, apontando para o uso impreciso do termo determinismo ambiental: *“ Thus there is equivocation enough and many a shadow of turning in environmental determinism, if*

¹²¹ Isso mostra que até mesmo Demolins, considerado um dos mais radicais deterministas, concedeu espaço a outros fatores que não os ambientais.

indeed the term may legitimately be used to describe a thesis which admits a plurality of causes and allows supposedly rigid controls to be relaxed into flexibility.” (ibid, p.11). Realizando uma constatação infelizmente verdadeira, observa que “*But presumably the meaning of the term will be governed by usage and context rather than by devotion to semantic purity.*” (id). Aqui reside um grave problema nas ciências, em especial nas ciências humanas e na filosofia. Se o significado de um termo é com frequência governado pelo uso, e se esse uso é equivocado, dá margem a confusões e compromete a compreensão de conceitos e teorias, então o touro está solto, e parece não haver peão e laço que possam amenizar as guinadas e coices que atordoam aqueles que desejam compreender o tema. A devoção à pureza semântica é algo que poderia ser buscado ao se fazer pesquisa em teoria e filosofia da Geografia, ainda que nem sempre ela seja de fato possível. Não é pela dificuldade em assim proceder que se deve ser leniente com esse pecado capital da pesquisa científica.

Lewthwaite, ao constatar que sobre o emaranhado semântico pouco há o que se fazer, e que esse pouco já foi realizado, expõe uma fundamental constatação, que em parte coincide e relaciona-se com minha principal hipótese, e assim reconhece que “*(...) for the present purposes it is more significant to isolate the core-meaning of this generally accepted concept.*” (id).

Lewthwaite reconhece que o termo determinismo ambiental tem sido usado imprecisamente para se referir a uma infinidade de abordagens do papel do ambiente na vida humana. Como será visto no capítulo seguinte, estudos que sugerem discretas influências e estudos que propõe inevitáveis, perenes, diretas e indiretas influências são todos colocados sob o mesmo rótulo. Alguns deterministas advogaram um certo “determinismo teleológico”, muito distinto de um “determinismo probabilista”. Outros, acreditavam que o clima era soberano dentre as influências ambientais, como Huntington, mas outros enfatizavam o conjunto variadíssimo de influências do ambiente. Alguns, ainda, reconheceram que a influência ambiental por si não importa, pois ela passa pelo filtro psíquico do indivíduo influenciado. Outros, reconhecem explicitamente o papel da cultura. Para uns, o campo de atuação humana é restrito, para outros, é amplíssimo e quase irrestrito.

Sobre a diversidade do determinismo ambiental, Lewthwaite entende que:

At times, admittedly, the context indicates that the environmental determinant is nothing more than some minor factor which acquires temporary but critical value and tilts an otherwise indecisive balance, like the insignificant nail for want of which a battle was lost, or the storm that took the pilgrim fathers to Massachusetts, rather than Virginia. But more commonly such a determinative power is attributed to a permanent or crucial element which may shape basic policy or govern the long-term progress of a nation: as Spykman phrased it ‘minister come and minister go...but mountain ranges stand unperturbed’ and Zimmermann confessed that localizing effect of coal on industrial power seemed so significant that it was ‘difficult to escape the lure of one-sided-determinism’. (...) Sometimes it is assumed to have an originating and governing power analogous to that which Marx attributed to the material forces of production, reducing the forms of social and political life, art and religion, to secondary and derivative status. Thus Ridgway affirmed that ‘social institutions and religious ideas are no less (than physical characteristics) the product of environment’, and Huntington placed many of the imponderables of civilization as well as the tangible thrust of economic life under the aegis of the climatic factor. (ibid, p.11)

Lewthwaite finaliza a idéia concluindo que *“But the accepted connotation of geographic determinism as a general concept involves more than this: it involves the presumption that the natural environment is the most important factor in human life.”* Posto de outra forma, *“At other times the claims may be less sweeping and the environment stressed as controlling rather than creating the flow of activity, but the root assumption remains: physical geography counts for more in human life, in the main and in the long run, than any other factor.”* (ibid, p.12)

Para Lewthwaite, a suposição mestra e central do determinismo é a de que os fatores ambientais são os mais relevantes para a vida humana. A importância desta afirmação para o fazer científico é evidente. Uma pergunta interessante nesse caso é se essa proposição não constitui de fato um axioma. Não pretendo estender o assunto e

gerar polêmica. Entretanto, que se reconheça que o ser humano precisa apenas da natureza para sobreviver e de mais nada. Desse axioma de fato, pode-se partir para refletir sobre a veracidade da suposição mestra e central dos deterministas. Nesta tese, não se busca extrair a essência dos discursos deterministas como sendo essa suposição - ainda que ela possa sim ser a premissa comum a todos os autores rotulados de deterministas - pois demandaria ler todos esses autores, tarefa inviável. Desse modo, alternativamente, constatou-se que após o terremoto de incompreensões por parte da crítica, o que restou foi a certeza de que entre os deterministas há em comum apenas o desejo de colocar em estudo a “hipótese da idéia das influências ambientais”. Sim, é uma obviedade esta afirmação, mas é surpreendentemente uma obviedade nova e que faz justiça aos erros cometidos por muitos geógrafos da área epistemológico-conceitual da Geografia.

Especificamente falando, a maneira como os deterministas abordaram essa hipótese, o que entendiam por ambiente, quais fatores foram computados, que evidências foram selecionadas e em quais aspectos falharam ou não sob o ponto de vista teórico-metodológico-conceitual-filosófico, constitui interessante tema de estudo, e as supracitadas questões podem e devem ser alvo da crítica, desde que esta seja direcionada precisamente para os pontos falhos, sem generalizações precipitadas e, principalmente, após leitura da obra toda, sem deixar de especificar o exato alvo do argumento e, de preferência, sugerindo alternativas e apresentando evidências dos erros cometidos. A questão é que os críticos do determinismo não sabiam sequer para onde estavam dirigindo suas críticas. Elas foram para todos os lados, balas perdidas, inclusive para lados inventados por eles mesmos. Na impossibilidade de escrever uma obra completa e exaustiva capaz de contestar as obras deterministas que jazem na poeira secular de algumas bibliotecas por aí, contentei-me em contestar a própria crítica, que sendo em geral fundada em erros primários, são mais fáceis de serem rebatidas. Essa empreitada de crítica da crítica foi escolhida, também, para contribuir com o desamarranhamento de conceitos e desconceitos, pertinências e impertinências, mitos e fatos em torno do tema. Evidentemente, sem querer passar por contraditório, foi preciso ter alguma base de leitura dos autores rotulados de deterministas, mas isso

é muito mais simples do que dirigir a eles centenas de críticas, essa sim uma tarefa que exige um profundo mergulho nesses autores e uma cultura geral bastante ampla.

Sobre essa hipótese da idéia das influências ambientais, Lewthwaite a ela se refere usando o termo “*debate concerning the degree of environmental control*” e pertinentemente alerta que “*But if the study of environmental relationships be admitted, as it must, to even a secondary role in geography, it is impossible to exclude the time-honored debate concerning the degree¹²² of environmental control: thrown out the door, it will climb back through the window.*” (ibid, p.20)

Esta analogia com a saída pela porta e o retorno pela janela é ideal pra mostrar o que de fato ocorreu com a idéia das influências ambientais, que tem sido presença perene nas explanações dos fenômenos humanos e que cada vez que emerge, gera, por parte de alguns, as mesmas críticas equivocadas de há um século.

Sobre os motivos pelos quais os geógrafos fugiram do “determinismo” a partir da década de 30, fato considerado deplorável por Wooldridge, Lewthwaite esclarece que a fuga do determinismo pela Geografia é apenas parte de uma fuga mais ampla por parte da ciência em geral e da filosofia, pois “*(...)this flight from determinism is fully congruent with more general trends affecting the whole range of science and philosophy.*”(LEWTHWAITE, 1966, p.12). Especifica o problema do descrédito determinista na física e aponta para o problema da causalidade, um dos aspectos mais criticados do determinismo: “*Even the physicists have abandoned the nineteenth century presupposition that scientific laws operated with undeviating rigor and accepted instead the principle of indeterminacy, whereas the metaphysical concept of total determinism is conceded to be an article of faith much less confidently held in the*

¹²² Por grau não se pretende dizer que a influência é mensurável e colocada numa escala “Semple” de determinismo, ou numa escala “Ratzel”, ou como no caso de furacões com escala F1 a F5. Simplesmente significa que há uma busca por compreender até que ponto as influências existem e realmente controlam alguns aspectos da vida humana. Ou seja, trata-se de entender como se dá a relação homem-meio partindo-se da contatação de que a natureza atua com diversas influências em variados aspectos da vida humana e que essa influência precisa ser entendida em sua origem, força, persistência, alvo e possibilidades de ser amenizada ou sumprida, ou simplesmente aceita a partir de estratégias de adaptação.

context of twentieth century science: even the presumption of causality is challenged.”(id). Em acordo com minha visão da importância do determinismo ambiental, prossegue com um questionamento cuja resposta dada pelos críticos lhe parece equivocada, “*And when whole schools of philosophy have abandoned consideration of such meaningless issues as determinism* [segundo alguns críticos, não é a visão do autor], *why should geographers be troubled with this ghost from their past? With entire propriety, it is alleged, they have abandoned a theme that is flat, stale, and unprofitable,* [esses adjetivos se aplicam sim ao determinismo, mas ao seu rótulo, não ao que realmente veio a ser] *and turned to fresh fields and pastures new.*”(id)

Para Lewthwaite, não houve um abandono do tema, pois “*many geographers have misread the signs of the times, and that the fresh fields which they now cultivate are largely deterministic, though in a different sense of that much-abused term.*” (id). Para ele, a querela metafísica determinismo versus livre-arbítrio foi banida por muitos filósofos, mas a ciência continua aplicando princípios deterministas. Ao falar sobre o problema do determinismo nas ciências sociais, o filósofo Thompson (1961) aponta para uma necessária distinção entre o que chama de “determinismo estratégico” (filosófico) e “determinismo tático” (científico). O primeiro é uma afirmação metafísica que, suscitando afirmação e negação mediante argumentos pró e contra, coexistirá para sempre nas idéias dos homens, na forma de controvérsias insolúveis. O segundo, o “determinismo tático” é uma abordagem metodológica da ciência que tem invadido o domínio das ciências sociais. (THOMSON apud LEWTHWAITE, 1966)

Esse determinismo tático é empregado por meio de sistemas determinísticos¹²³. Sistemas determinísticos são menos radicais e parecem ser uma versão mais “científica” do probabilismo na Geografia. Segundo Sorokin apud Lewthwaite (1966, p.14), “*Scientific determinism [determinismo tático] states only that, on the basis of the theory of probability, the appearance, connection, or disappearance of such and such phenomena is probable or improbable with such and such a degree of*

¹²³ Explicações mais detalhadas sobre sistemas determinísticos são encontradas em Lewthwaite, 1966, e em Russel, 1957.

probability, and that is all. All terms like 'inevitable', 'necessary', and so on, are not a part of science, or of the scientific conception of determinism."(id). Allix chega ao ponto de afirmar que *"the only true determinism is statistical determinism"*. (Allix apud Hartshorne, 1978, p.157).

Ao contrário do que se pensa, a Geografia quantitativa que se seguiu à Geografia ambientalista (relação homem-meio) do período da falsa dualidade determinismo/possibilismo abusou do determinismo, pois a busca por padrões implica num reconhecimento de que um conjunto de certas influências determinam como será o padrão de uma certa área. Spate apud Lewthwaite (1966, p.15) explica que *"The formulation of laws and patterns inevitably implies at least a measure of determinism."* Lewthwaite fala, ainda, das palavras relacionadas ao determinismo e usadas pelos "quantitativistas", como "laws, lawful processes, patterns and models". Essas palavras são usadas ainda hoje, e não é por essa razão que todos os geógrafos são rotulados de deterministas. É preciso coerência: ou todos os geógrafos são deterministas (culturais, ambientais, etc), ou nenhum o é, pois todos partem de premissas e usam metodologias que guardam algo em comum com as características do determinismo científico.

Se por um lado Brunhes afirmou que *"the unrelating power of natural agents reigns in the physical world alone"*, (BRUNHES apud LEWTHWAITE, 1966, p.15) um século mais tarde Stewart discordou pois *"There is no longer any excuse for anyone to ignore the fact that human beings, on the average and at least in certain circumstances, obey mathematical rules resembling in a general way some of the primitive laws of physics. 'Social physics' lies within the grasp of scholarship that is unprejudiced and truly modern"*(STEWART apud LEWTHWAITE, 1966, p.15). Para Lewthwaite esse reconhecimento de regras matemáticas naturalmente sugere que se expressem em fórmulas matemáticas e não é por acaso que sistemas determinísticos e quantificação¹²⁴ avançaram conjuntamente na Geografia.

¹²⁴ Sobre a Geografia quantitativa sempre ouvi afirmações que provavelmente são reduções, e assim como o determinismo ambiental não se resume ao determinismo metafísico, a Geografia quantitativa

Lewthwaite cita em seu artigo algumas idéias que mostram a importância que alguns geógrafos da Geografia quantitativa conferiram aos fatores ambientais. Contudo, cita um autor que observa que a contribuição da Geografia quantitativa não foi avaliar o papel do ambiente nos padrões encontrados, mas sim buscar a diferenciação de áreas e analisar os padrões de ocupação humana. Ullman, geógrafo do período quantitativista citado por Lewthwaite (1966), falava que havia forças responsáveis pela concentração de cidades em alguns lugares e o crescimento dessas cidades nos lugares mais favoráveis. “Lugar favorável” pode ser entendido, dentre outras possibilidades, como sendo um ambiente com condições naturais favoráveis para ocupação e exploração.

Contudo, Lewthwaite observa que o sistema utilizado por Ullman era probabilista. Nas palavras do próprio “quantitativista probabilista”, *“Neither [the central place or concentric zone] theory is to be thought of as rigid framework fitting all locations facts at a given moment. Some, expecting too much, would jettison the...theory, others, realizing that it is an investigative hypothesis of merit, regard it as a useful tools for comparative analysis[as obras dos deterministas em geral, principalmente Semple e Huntington, são precisamente isso e aí reside sua importância, dentre outras razões]”* (ULMANN, apud LEWTHWAITE, 1966, p.16) . Assim, da leitura de Leithwaite, constata-se que tanto quantitativistas quanto deterministas enfatizaram a influência de fatores ambientais na explicação de padrões espaciais, Contudo, os geógrafos quantitativistas que buscavam identificar e explicar padrões por meio da influência de fatores ambientais passaram despercebidos pela crítica e não foram tão rotulados de “deterministas”.

Spate também enfatiza o determinismo ambiental dos quantitativistas e explica que :

Los supuestos básicos de las nuevas escuelas cuantificadoras tienen fuertes resonancias deterministas, si no mecanicistas, como sugiere el próprio título,

provavelmente não se resume à matemática e estatística. A crítica da crítica à Geografia quantitativa renderia outra tese para contribuir com a história do pensamento geográfico.

de física social. Por lo menos, estas escuelas son acusadamente probabilísticas, como há puesto de manifesto Burton (1963). Pretenden ser nomotéticas más que idiográficas, como eram el posibilismo y gran parte de las obras de tipo corográfico de la época de Hartshorne. Buscam abiertamente Leys com L mayúscula, al igual que Semple. Trabajan en general sobre modelos, y consideran como ideal um alto grado de predicción. Una culminación de esta actitud es la de Isard (1956), en su deseo de establecer uma verdadera serie de regiones apropiada para todos los fines. Es frecuente la tendência, (...) a hacer abstraccion de todos los factores, salvo uno o dos que se juzgan determinantes; pero también estos son uma espécie de condensación de la essência del médio total. (SPATE, 1952)

Sem acrescentar uma sílaba, todas essas características são partilhadas com a soma dos geógrafos deterministas. Principalmente a busca por leis, a intenção de prever (tal qual os deterministas mais radicais) e abstração de todos os fatores que não eram tidos como determinantes.

Todo esse emaranhado semântico exposto ao longo do capítulo, assim como os excessos da crítica tão bem evidenciados por Lewthwaite, também aparece nos autores deterministas, conforme a opinião dos Sprout, *“when one come to analyze discourse which appears at first glance to reflect environmental deterministic thinking, he uncovers a semantic state of affairs that can fairly be called chaotic.”* Prosseguem listando seis variantes de discursos que indicam quão diversificados são os autores deterministas e quão heterogêneas são suas idéias:

1. *A varied assortment of loosely impressionistic, generally teleological interpretations, in which human history is explained in terms of physical environmental “causes”* (aparece em Taylor, Ritter, Semple)
2. *Interpretations of history derived from rather more rigorous correlation observed in space and through time between social patterns and certain nonhuman factors.* (Huntington e Diamond)
3. *Innumerable exhibits of deterministic and near-deterministic rhetoric which do not, when read in context, appear to confirm a philosophical commitment to*

environmental determinism. [é o caso dos autores que usaram de licença poética e hipérboles]

4. *Explicit assertions of such a commitment in contexts which simultaneously appear to posit freedom of choice in particular cases*. [maioria dos autores deterministas se enquadram nessa variante]
5. *Discourse in which the hypothesis of environmental determinism is asserted to posit 100 per cent predictability, and hence inferentially a denial of volition* [Só foi encontrado o de Victor Cousin, ainda assim, isso é o que dizem seus críticos, que podem estar equivocados. A confirmação dessa assertiva só poderia vir da leitura da obra completa do autor e da análise criteriosa e clara das idéias de Cousin.]
6. *Discourse in which determinism is conceived in statistical terms as a degree of regularity, in large aggregates of events, sufficient to formulate rules for predicting on the average within some calculable margin of error*. [deterministas do “período quantitativista” e posterior]

Sobre a selva de termos possíveis para a palavra “ambiente”, os Sprout afirmam que *“as soon as one leaves the general concept of environment, he encounters a veritable jungle of technical terms: for example, natural environment, nonsocial, physical, nonhuman, geographic, social, ecological, preperceptual, nonpsychological, objective, subjective, behavioral, psychological, and still others terms.(...) No one can straighten out this semantic tangle to everyone’s satisfaction. (Sprout, 1965, p.27).* Parafraseando, ninguém pode endireitar a tortuosidade semântica dessa selva de “termos técnicos” usada para o conceito de ambiente.

Finalizando essa discussão em torno dos problemas teórico-conceituais e semânticos da crítica ao determinismo ambiental, gostaria de trazer um apanhado de citações de diversos autores e que vão ao encontro das hipóteses desta tese, centradas em torno dos equívocos no entendimento da questão do determinismo ambiental e temas correlatos, como o problema do rótulo, do emanhado semântico, falsas dualidades, e algumas outras más concepções em torno do tema.

“The terms ‘environmentalism’ and ‘determinism’ have been used in varying fashion, and no harm will come of this if only context and connotation stand clear. [Os que escrevem sobre o “determinismo” e principalmente os que o criticam devem contextualizar o uso dos termos, esclarecer em que conotação estão empregando-os.] The environmentalist controversy entangled one argument about the nature of geography with another debate about the nature of man and his relationship with his physical environment.” (LEWTHWAITE, 1966, p.21)

“(...) the study of relevant relationships between the earth and man will not be excluded, nor will the old issue of environmental determinism and possibilism be wholly expelled from the field.” (id) [se um se mantém, o outro necessariamente também permanece, uma vez que são muito semelhantes]

“(...) a geographical determinism which falls short of total determinism may still leave wide areas open for human freedom, [no determinismo ambiental - não existe um determinismo absoluto na Geografia - há sempre lugar para a ação humana e jamais se negou o livre-arbítrio] and that not even the strongest affirmation of possibilism guarantees the freedom of the will. (id)

“Instead of being ground out by the one millstone of environment, human choice may be ground out between the upper and the nether millstone of cultural and natural forces: free will may go in either case. [tanto a determinação ambiental quanto a cultural ou econômica pode implicar na negação do livre-arbítrio] But this seems, in practice, irrelevant to our work. Whether or not the metaphysical question will ever be settled we may not know; what we do know is that it lies outside the range of geographical analysis.” (id)

“Nor need a continuation of the old environmentalist-possibilist controversy be unduly disturbing if it be realized that neither represents an absolute, in practice or in theory”. (id) [a dualidade referida não deveria incomodar ninguém, nem suscitar críticas, e nem necessitar ser alvo de muita análise e debates, pois ela inexiste, do que se infere que especular sobre ela é fazer variações sobre um tema fantasma.]

“In not a few ways and places, and to a significant degree, human activity is affected by external environment – that is all that neo-environmentalism claims, and it does not rule out causative effects of human effort.”(SPATE, 1952, p.380)

“Possibilists do not, nor have they ever claimed, that man can free himself from all environmental influences”[reconhecer essa verdade – a de ser impossível superar todas as influências ambientais - não deve ser motivo de vergonha, nem de crítica à Geografia, e não se pode deixar esse fecundo campo de pesquisa (o estudo das influências ambientais) no fundo de um baú de heresias].(TATHAM, 1951, p.155)

““Geographical determinism is as dead as the dodo”, remarks Dickinson. Yet, if it indeed be true that crude determinism or environmentalism is dead, [O autor usa os dois termos como sinônimo, mas o primeiro, determinismo “cru” e radical, não existe, e “environmentalism” possui vários sentidos, e o mais equivocado deles é exatamente o de “crude determinism”.] Martin’s paper provides evidence enough that the possibilist-determinist controversy remains in some form or the other obstinately alive. Perhaps the most difficult thing about this controversy, at any rate in its new form, is to discover just what is about. (WILLIAMS e MONTEFIORI, 1955, p.1)

“Is this latter sense of the term, [as intellectual constructs, representative of many deterministic systems which rarely if ever fit the complicated facts of the earth’s surface but which may nevertheless prove to be useful tools for geographical analysis], determinism has not retreated from geography”(LEWTHWAITE, 1966, p.21)

“In fact, the surface of the earth bears the imprint of many forces both natural and cultural, and no determinant may be excluded on a priori grounds.” (id). [muitos geógrafos que criticam o determinismo ambiental poderiam ser criticados com base em seus próprios argumentos, pois ao criticarem a exclusão de fatores culturais pelos deterministas, eles próprios, em seus trabalhos, parecem incorrer no mesmo erro, de excluir a priori, um dos dois grupos de fatores, no caso, os fatores ambientais. Todavia, antes de se acusar esses críticos de determinismo cultural, é preciso averiguar até que ponto esses autores reconhecem, explicitamente, que os fatores ambientais são irrelevantes e radicalmente ausentes]

“There is ample room for analyses of environmental and cultural factors, quantitative laws and artistic synthesis, and to blame fellow geographers for following any of these interests is about as sensible as blaming a man for not being a women.” [essas análises são inevitáveis e constituem o fazer geográfico, do que se infere ser ilógica a crítica direcionada ao geógrafos que se dedicam a essas abordagens, pois não se poderia esperar que se dedicassem a abordagens que não fazem parte do arsenal geográfico](id)

“Nor should geographers, exasperated with the lingering legacy of environmental determinism, seek to correct the matter by falling into the opposite error.” (id)

“It could well be maintained that in a deliberate and self-conscious effort to retrieve a reputation deemed to be sullied by youthful excesses, some geographers have understated the environmental factor and exaggerated the role of cultural determinants or even sheer accident” But what is the point of driving out one devil to make way for the others”. [diminuir fatores ambientais para exagerar influências de fatores culturais e da ação humana não seria cair em outra armadilha?] *All that may legitimately be required is an objective search for truth, an effort to see life steady and see it whole’.* (id)[Uma pesquisa geográfica que enfoca as influências ambientais e que pauta-se pela busca honesta da verdade e pela visão de conjunto, sob o paradigma da complexidade, estaria cometendo algum grave pecado?]

“Whether or not was the climatic pulse of Asia which controlled the surges of migration [referência à obra de Huntington “The pulse of Asia”, em que advoga inúmeras decisivas influências climáticas em fenômenos humanos] *is surely a question of fact rather than of principle. Such hypothesis [que baseia-se numa hipótese-guia genérica e perene] may be refuted (or confirmed) by the evidence but not by levelling a charge of environmental determinism:[É incrível como pesquisadores podem não se constranger ao se permitir um rebaixamento intelectual tão grassante quanto o de contestar uma hipótese sem oferecer provas de que é falsa, e ainda pior, justificando a falsidade meramente declarando não passar de “determinismo ambiental grosseiro”, como se um rótulo fosse dotado de poderes científicos que o permitissem comprovar*

todas as mentiras e desvarios dos deterministas e de qualquer outro “feiticeiro”.] *such name-calling evokes distorted images and congeals thought. The appropriate query to be placed against the conclusion is not ‘is this possibilism? or is this determinism? But ‘is this true?’*.”(id) [O determinismo ambiental pode ser visto como um palavrão, um xingamento que evoca, quando enunciado, congelamento do pensamento, imagens distorcidas, julgamentos precipitados. Na falta de argumentos para refutar as idéias de alguém, o crítico covarde, ao não reconhecer sua incapacidade para argumentar, ou ao sentir-se incomodado com os achados e a ousadia de seu “adversário” ou “colega”¹²⁵, apela para dois estratagemas dialéticos erísticos bem conhecidos: rótulo odioso, e encolerização do adversário, diretamente relacionados ao problema do rótulo.]

“The environmental determinists conceded that other factors played at least a secondary role and allowed man at least enough rope to hang himself, and thus determinism deliquesced into probabilism.” (ibid, p.16)

“Nor were the possibilists quite so banal as they seemed: the mere fact of existence on a planet was admitted to impose some limits on humanity and, since environments varied, the small matter of human effort and economic cost loomed on the horizon” (id)

“Occasionally in the writings of the greek and roman thinkers, statements were made regarding the effects of place and situation in forming the character of a people, ideas which were partly environmentalistic, partly cultural in their emphasis: the effect of physical isolation in producing the bravery and hardness of rude and uncultivated peoples distant from the influences of civilization; the harmful influences of a maritime location with the ease of entry of undesirable foreign customs; the effects of government, of religion, of law, and of social institutions.”[essa afirmação mostra quão desatualizados estavam alguns críticos do determinismo ambiental, pois há milênios já se reconhecia a importância dos dois fatores, ambientais e culturais] (GLACKEN, 1967, p. 7)

Como última citação, optei pela transcrição do registro de um encontro britânico na Royal Geographical society, entre sete proeminentes geógrafos e

¹²⁵ Ou cada colega é visto como adversário?

historiadores, em 1952, para discutir um artigo de forte impacto na época, intitulado “Toynbee and Huntington: a study in determinism” do geógrafo assumidamente neodeterminista Spate, que contrasta as obras do grande historiador com o controverso geógrafo. Nesse encontro discutiram importantes questões, como a dualidade falsa, o lamaçal semântico, a importância de autores deterministas para os estudantes, o contexto de elaboração das obras deterministas, a importância dessas obras enquanto ambição que reuniu ricos materiais e significativas fontes. Dada a importância das questões discutidas, esse debate será transcrito na íntegra:

Dr. Spate then read his paper.

Professor E. G. R. TAYLOR: *As the first speaker it falls to my lot to congratulate Dr. Spate on his paper and to regret the more that some foreign potentate has been over here and is going to whisk him off into another part of the world. There are only two slight remarks I can make now because one cannot discuss such a paper impromptu. May I remind you that **much faulty thinking on the part of historians, philosophers and others is due to the fact that they always will set man against nature as if they were two distinct categories, Man versus Nature, instead of man and his environment being regarded as a single complex.** Dr. Spate used the word "altogetherness" and then he criticized Professor Toynbee for making the mistake of the analogy between the Jordan and the Nile. But no historian does more than "glance at a map"-that is the historians' favourite phrase. My own memory as to determinism goes back forty-five or more years. When we were at Oxford as young people we were thrilled with the idea that there was a pattern anywhere, so we were enthusiasts for determinism. **That is one of the words which have emotional overtones.** And then we found that **we angered the historians because determinism was mixed up with religious matters, the problem of free will and the opposite of it**¹²⁶, so that some of us*

¹²⁶ O preconceito dos cientistas humanos contra a visão teleológica da natureza (“master plan” “design argument”), associado às resistências à negação do livre-arbítrio (por envolver questões morais e supor uma absolvição do indivíduo pela falta de liberdade), e ao recalque do natural (segundo Freud), são

scuttled away behind that wishy-washey term "possibleness." Then all was quiet for a while because we made no progress. Unfortunately, **determinism has come up again and it is not religion now**; you are not irreligious if you talk about determinism; you are something much more dangerous: you **are likely to be called a Marxist** or a fellow-traveller! It is going to be difficult to follow up Dr. Spate's suggestion and look into this matter a little more closely. Bertrand Russell has made a good suggestion, namely, that **for names or words which have these strong emotional overtones we should substitute in our arguments the letters of the alphabet**. And now a word or two to the young oncoming people. In regard to the question of geographical causation, taking a rather narrower view than has been taken so far this afternoon, you probably know what happens if you suggest, for example, that there is a connection between geography and history. I remember an eminent industrialist saying: "**Of course I know you cannot launch ships if there is no water and you cannot fly without having something on which to land again, but I do not see where else geography comes into it at all.**"¹²⁷ And there is the person who absolutely clinches your argument by referring you to the coalfields. I advise any young economic geographer to read the modern historians. Let them read the current number of the *Economic History Review* and there they will find a careful analysis of how, despite the free human spirit, the shipbuilding industry did migrate away from the Thames.

Professor W. G. EAST: I think you will agree that it is most fortunate that we have had this meeting, and although perhaps I am exaggerating when I say it is an epoch-making session of the Royal Geographical Society, I think we shall come to think of it as such when we ponder over the highly suggestive discourse to which we have listened. We tend as geographers in reading, writing and teaching to range the

algumas das principais explicações para os ataques constantes e radicais contra o determinismo ambiental.

¹²⁷ Esse é o comentário de incrível estupidez que foi proferido por um eminente industrial, ou seja, desconhece a natureza da ciência geográfica e reduz as influências de fatores naturais à base natural óbvia para as atividades humanas, como se a natureza não fosse formada por relações complexas e por inúmeros fenômenos que afetam severamente o rumo das civilizações.

whole world, making our subject appear almost hopelessly extensive when at times we have a very tentative approach to it. Looking at it in relation to the history of the time, which is one general theme behind the paper, **I was impressed in particular by the very moderate and judicious way in which Dr. Spate criticized these two eminent men.** We will all agree that Toynbee's geography was bad, and that Huntington simply did not have the real touch or the knowledge he should have had in handling his theme of historical pattern. And the historical pattern, of course, starts a line of thought on which I dare not enter now. In Toynbee the convention of the historian did not exist at all, because the his-torian has to be careful that the pattern which he creates does square with all that is known of the relevant facts. That is where Toynbee breaks down, because he sometimes appears to ignore some most important and relevant facts. Nevertheless **I think you would agree that both Huntington and Toynbee provide the most valuable texts that any student of geography could read; he should read them for the excitement that their books convey and, it is to be hoped, for the critical reaction that they produce¹²⁸.** So that in drawing attention to their shortcomings I am quite sure Dr. Spate is not in any sense detracting from their real value. In the latter part of Dr. Spate's address he used what I believe to be a new word "probableism"; a somewhat ugly word. Looking back on my past I wonder if I was included in his strictures towards the end of his lecture. At any rate, if so I think I come out all right. When I look back, I discover that I said firmly of the Bavarian alps that it was impossible to cross them with an army coming from Bohemia towards the Danube. And so it was at that time. It is not so now. I was quite right to be emphatically determinist in that particular instance. In so far as one is concerned with the human element of any country-side, it is only men who can determine it, because nothing which is of the human order can spring out of Nature except by man's

¹²⁸ Para Spate, as obras deterministas de Huntington e Toynbee são valiosas leituras para estudantes, pela leitura estimulante e pelas críticas que tais obras são capazes de despertar, e aqui creio que reside a importância central dessas obras, o poder fenomenal de despertar no seu leitor indagações e objeções de diversas ordens, obrigando-o a usar todo o arsenal de conhecimentos que possui na área geográfica. Reflitamos: quantas obras atuais da Geografia brasileira têm esse poder?

determination. But the freedom with which he will determine what he wills for a particular area is made possible or probable by the particular environmental facts.

Mr. R. CRONE: Dr. Spate has certainly given us much to think about. As Professor Taylor has emphasized, historians have frequently shown little knowledge of geography, but to counterbalance this, we have heard this afternoon of the errors in history committed by geographers. Looking back at the development of modern geographical thought, particularly to Karl Ritter and his school, one cannot help feeling that the influence of history upon geography has not been altogether happy. **This question of determinism was introduced by the historians at the beginning, when geographical knowledge was insufficiently advanced to afford a sound basis for generalization.** While the collection and interpretation of geographical material has made great strides, historians like Toynbee have not kept abreast of it. Do we even now know sufficient to indulge in these sweeping generalizations ?

Dr. p. R. CROWE (Queen Mary College): It seems to me, in the first place, that we are trying to do something which is virtually impossible. We have to keep that clearly in our minds in order to understand the work of either of these men. I think Spengler is greater than both of them, although probably a little more wrong than either of them. **They are trying to look at a culture in full perspective; to get outside themselves; outside their own human and geographical environment.** I consider Spengler superior to either Huntington or Toynbee because he states very clearly indeed that it is extremely difficult, but ignores the fact that he is trying to do it himself. He does emphasize how one cannot even begin to appreciate cultural values if they are values of another culture. I find myself in a difficult position about the two men who have been pilloried this afternoon. The works of Toynbee I have read; the works of Huntington I have mostly found unreadable. Asking myself why that is so, it seems we have had an explanation partly by Dr. Spate and partly by a later speaker. Dr. Toynbee makes the poetic approach and, not being a poet, the poetic approach appeals to me and I enjoyed Toynbee. I found him stimulating and I think some of his comments are a definite step forward. Huntington attempts to be a scientist, to tackle the problem statistically, and what rather annoys me is that he deals with statistical

matters not too fairly. What is this probableism ? I cannot think it is a great advance upon possibilism. I listened to the argument about island sites particularly carefully and it seems that the possibilism can be probableism. Admittedly that was not carried out in any great detail in the analysis.

The CHAIRMAN:** I would like to draw attention to two particular points. It was brought out again and again from Dr. Spate's analysis how both the great men suffered because of the lack of sympathetic understanding of the other person's point of view. **I feel that many of us have worked within rather narrow spheres and have failed to try to put ourselves into the other man's shoes and to see things from his standpoint.¹²⁹ *Secondly, it is noticeable how both men fell into error through the use of secondary sources. Instead of going back to primary sources they used secondary material, like a student who comes and says he saw it in such-and-such an encyclopaedia. **That is dangerous. I was a little shocked,** Dr. Spate, when you fell into the same error yourself a little later by quoting a recent book, of which I think parts should be banned- 'New Worlds Emerging' by Earl Parker Hanson. Because of the sympathy we want from both points of view, I hope there are historians present who will state their own, and we shall welcome contributions from them as well as from geographers.*

Mr. R. BOWEN:** It is easy to criticize Toynbee's work in detail, but in my view it does not matter if you criticize all his work; **his general law still remains true. We all know that there are laws governing life and behaviour of human beings in this world;** we know there is not one human being who made all those laws, yet the laws are still there. **We also know that there are exceptions to that.** In the same way Dr. Toynbee has tried to discover the laws and behaviour of civilization. **The fact that examples he quotes can often be shown to be more or less wrong does not matter, because one can often sit down and quote out of one's memory other things which

¹²⁹ Aqui os debatedores tocam na questão dos modos de narrativas e nas figuras de linguagem preferidas da platéia, dos leitores, conforme bem analisou Smith, cujo artigo foi analisado no capítulo dois. Assim, Dr. Crowe achou a obra de Huntington impossível de se ler, pois o modo de narrativa e as figuras de linguagem usados por Huntington não coincidem com as preferências de Crowe.

*Dr. Toynbee has not mentioned but which fulfil today the laws he has enunciated.*¹³⁰
It seems to me that that is rather important.

*Professor G. MANLEY: I should like to make a suggestion. It is that we as geographers do appreciate both Toynbee and Huntington inasmuch as we are always prepared to agree that facts are better than no facts, and that we can thoroughly appreciate the effort on the part of two exceptionally accomplished authors to put together a vast amount of material, both in space and time, in such a way as to make an adequate picture.*¹³¹ *Yet, on the other hand, I can also agree with Dr. Crowe's view that there is a great deal to be said now that we have a rough picture, even though it may be faulty. We want to pay more attention to rates of change and do more field work. I believe most of us were brought up on Huntington's doctrine that we get an enormous stimulation from the fact that about 80 B.C. there was a heavy rainfall throughout Europe and a lot of people started invading Greece. Now the rainfall is put at 500 B.C., when I do not think there were any invasions of Greece at all. It seems to me that while the generalized picture may be reasonable, there is an extraordinary amount of detail which would be needed before we can produce the generalization. There is another point of view: one is contemplating something which is not inherent in modern thought. We have gone through what I should describe as the Spengler epoch, in which the course of human history was represented as a series of waves; the waves increased in force and the big one came at the end and down went your civilization, inevitably doomed. Toynbee, on the other hand, makes a picture which is much more like the ebb and flow of a stream: there are a large number of elements in the stream which are bobbing up and down, and there are some civilizations which are also bobbing about very happily. Toynbee has done a*

¹³⁰ Ou seja, os exemplos de toynbee falharam, não convenceram, não foram bem selecionados, mas sua proposição geral, a hipótese com a qual trabalha, das influências ambientais, encontrava na época da reunião em questão, alguns exemplos que a confirmavam, segundo Bowen.

¹³¹ Manley reconhece que Huntington e Toynbee têm o mérito de ter reunido impressionante quantidade de material, de fontes de pesquisa, e que é melhor ter fatos, ainda que questionáveis, do que não ter nenhum.

phenomenally difficult job in that he has tried to map the course of the evidence which determined the stream.

*The CHAIRMAN: If no one else wishes to speak I must say that it seems that Dr. Spate has been let off very lightly with the number of questions which he has had to answer. Therefore I wind up by asking one or two myself. Do you, Dr. Spate, find evidence of evolution in the work of the two authors you have quoted? I do not know my Toynbee sufficiently well to be sure how far one can trace evolution of thought there, but it brings me back to a view of my own: **I always wish there was some way in the scientific world of retracting what one has said in the past. I had hoped that some speaker would have quarreled with Dr. Spate over his curious concept of environment, suggesting that environment did not exist apart from man, who was the environment.***

Surely if you like to substitute the word "habitat," which is what we mean by environment, the habitat is there whether being used by human beings or not. Surely there is a habitat for man environmentally and a habitat for all the other animals. If you kill off all the men, the animals' habitat is still there to be considered by geographers-not, as Dr. Spate suggested, in little bits, but as a whole. I hope you will not insist upon that position, which to me is a somewhat curious one

*Dr. SPATE: I should like, first, to thank Professor Taylor for her remarks, and also Professor East. As for yourself, Mr. Chairman, let me assure you that in mentioning Hanson's book I made a repudiatory note. **It is true that although many of Toynbee's geographical details may be wrong, this fact does not necessarily invalidate a good deal of his general theory, which is based upon independent premises. But those premises themselves are often questionable.** I would further say that Toynbee's concept of scientific methodology is more than a little dubious. Undoubtedly some of the concepts of Toynbee are useful to the geographer. The way in which he deals with the concept of old and new ground is enormously stimulating and generally accurate, and even when not accurate the idea can be used again in another context. Dr. Crowe confessed to an admiration for Spengler. If one takes literally the idea that we cannot possibly understand anything more than the mere*

shell or outside of other cultures, I think that is a gross overstatement. And how did Spengler know that there was more to other cultures than he knew? (Taylor et al, 1952, p.424-428)

Convém admitir que, como comentário final do debate realizado na Royal Geographical Society, é importante frisar que as idéias de Stamp, que comandou o debate, evocam¹³², dentre outras questões, um problema gravíssimo e da máxima importância para a pesquisa e para o debate de idéias ao longo da história: a impossibilidade de estarem todos juntos, leitores e autores, e de se poder dirigr questões aos autores que hoje nos causam tantas dúvidas por suas idéias, cuja complexidade ou obscuridade impedem o leitor de alcançar um sólido entendimento. Assim, ficamos apenas no “interpreto assim”, “ele entende isso”, “fulano descobriu tais traços”, “parece que há”, e dessa forma as dúvidas podem crescer e fantasias podem se criar em torno das idéias originais.¹³³ Isso é tanto mais grave quanto mais recuamos na linha do tempo: os gregos podem escassamente ser compreendidos com precisão, posto que muito do que se fala deles são opiniões oriundas de um telefone sem fio que já completa 2500 anos e os originais passaram por traduções diversas, em várias línguas, e pelo filtro cultural de vários tradutores. Quando lembro dos meus tempos de laboratórios, fórmulas, leis gerais e guarda-pó branquinho e limpinho do curso de Farmácia, vejo o abismo entre esse universo e aquele outro em que fui afundando, o das especulações retóricas, dos debates flutuantes pairando sobre os ventos da semântica e da filosofia, da liberdade de opinião, do relativismo cultural e moral (sempre ameaçador), das crenças (sim, as ciências humanas estão repletas de

¹³² Apenas evocam, ou seja, me fizeram lembrar, pois Stamp não explicita esse problema que me ocorreu ressaltar.

¹³³ Essas idéias fantasiosas ganham vida e ocupam seu cativo espaço na noosfera, como bestas mortíferas e selvagens que escapam ao chicote de seus criadores e adestradores, como um Frankenstein ao seu criador. Destarte, é preciso reconhecer que essa diversidade de interpretações, ainda que fantasiosas e capengas, estimulam o debate e enriquecem a ciência, além de serem um grande motivo para a diversão na academicosfera. Se em ciências humanas tudo fossem teoremas e $2+2=4$, seus “scholars” morreriam de depressão.

crenças, haja vista que em única página de tese, reparem bem, podem marchar, em fila indiana, uma dezena delas, num sentido humeano ou até mesmo num sentido popular).

3.2. Do possibilismo eufemista e do Probabilismo conciliador: a falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de pólos antagônicos

Antes de me concentrar na falsa dualidade determinismo/possibilismo, é importante trazer um breve panorama dos conceitos contrastantes identificados por Lewthwaite¹³⁴, e também de conceitos que na verdade são falsamente contrastantes.

Alguns conceitos contrastantes:

1. <i>Environmental determinism*</i>	1. <i>Possibilism*</i>
2. <i>The environmental definition of geography</i>	2. <i>Other definitions of geography, e.g., areal differentiation</i>
3. <i>Universal determinism or necessitarianism¹³⁵</i>	3. <i>Free will or libertarianism</i>
4. <i>General, complex determinism</i>	4. <i>Particular single-factor determinisms</i>
5. <i>Geographic or environmental determinism</i>	5. <i>Particular nonenvironmental determinisms</i>
6. <i>General "strategic" determinism</i>	6. <i>Particular "tactical" deterministic systems</i>

Fonte: Lewthwaite, 1966.

*Conceitos contrastantes, falsamente tidos como “pólos antagônicos”

A partir da idéia de lewthwaite em esquematizar alguns conceitos contrastanes, resolvi propor uma nova esquematização, que na verdade lista apenas as falsas

¹³⁴ Lewthwaite reconhece que o possibilismo e o determinismo são contrastantes apenas em suas versões idealizadas.

¹³⁵ Segundo o vocabulário técnico e crítico de filosofia de LALANDE, “necessitarismo” é um termo antiquado para designar “determinismo” termo esse reprovado por J. S. Mill. De acordo com LALANDE, Necessidade é a “Pressão exercida sobre os desejos e as ações do homem pelo encadeamento inevitável dos princípios e das consequências, dos efeitos e das causas. Muitas vezes personificada neste sentido, e por vezes, confundida com a fatalidade.” (LALANDE, 2007, p. 728).

dualidades, cujos binômios guardam entre si semelhança ou simplesmente são conceitos totalmente distintos, que não se opõem, não se excluem e não são contraditórios. Esses conceitos falsamente contrastantes são analisados por Lewthwaite, e sobre o contraste determinismo ambiental/possibilismo, Lewthwaite acredita que são, sob certo ângulo, contrastantes, mas sob outros, complementares.

Falsas dualidades

1. Determinismo ambiental	1. Possibilismo
2. Determinismo ambiental	2. Probabilismo
3. Conceito ambientalista da Geografia	3. Possibilismo
4. Princípio corológico	4. Determinismo ambiental
5. Princípio corológico	5. Conceito ambientalista da Geografia

Fonte: esquema formulado pelo autor com base nas idéias de Lewthwaite, 1966

Sobre esses conceitos falsamente contrastantes, Lewthwaite comenta que “*Definition of geography as the study of man-environment relationships is by no means the same thing as environmental determinism, indeed most of those who held the former concept vigorously repudiated the latter. They are false antitheses which place the environmentalist concept of geography in opposition to possibilism, and which envisage the chorological (or areal-differentiation) principle as logical contrary to environmental determinism.*”(ibid, p.19) Segue afirmando que o correto é entender que “*The real contrasts are those which divide the environmentalist definition of geography from other definitions, and separate environmental determinism (as usually conceived) from possibilism.*” (id). Lewthwaite é bastante preciso e perspicaz em suas críticas, e não é surpresa que esclareça que o determinismo ambiental, conforme concebido (erroneamente pela crítica) é contrário ao possibilismo, pois, modelos à parte, o que realmente veio a ser o determinismo ambiental (ou seja, o real determinismo, aquele que foi advogado e teorizado por seus defensores) não é de

modo algum contrário ao possibilismo, que por seu turno também foi mal compreendido por seus críticos.

Quanto ao problema da relação entre determinismo ambiental e probabilismo, Tatham afirma que este último é um determinismo mascarado, invertendo a lógica de Lewthwaite, Sprout e Spate, para quem é o determinismo que consiste num probabilismo mal compreendido e por vezes um pouco radical, ou seja, um probabilismo “mascarado” por exageros da crítica e dos próprios deterministas. Assim, no momento em que surge o termo probabilismo na Geografia, com Spate, tem-se a falsa impressão de que se tratou de um “avanço”, ao não radicalizar nem a influência do ambiente nem a ação e a liberdade humana. Mas deterministas e possibilistas já agiam dessa forma ponderada, e o probabilismo então pode ser considerado como algo muito próximo do que realmente pensavam os advogados da falsa dualidade.

Lewthwaite, apesar de não ver no conceito ambientalista de Geografia um comprometimento cego com o determinismo ambiental ou com o possibilismo, enxerga o que considera o real problema, o fato desse conceito ser muito inclusivo e ao mesmo tempo, exclusivo. Inclusivo, por sugerir que qualquer tipo de relação homem-meio estaria na mira do geógrafo, ou, ao menos, por falhar em especificar que tipos de relações cabem ao geógrafo. Admitindo que a Geografia é o estudo da relação homem-meio, (dezenas de ciências também tem esse foco), então o geógrafo teria que estudar inclusive a obra sinfônica de Richard Strauss “Das alpen simphonie” (Sinfonia Alpina), colosso sinfônico que representa as impressões do compositor alemão ao passar um dia de verão nos Alpes Suíços. Há menções a fenômenos climáticos, a períodos do dia, animais, plantas, ou seja, seria um prato cheio para o geógrafo estudar as influências da natureza sobre a percepção e sensibilidade do compositor. Não se quer aqui negar que isso pudesse render bons frutos, pois certamente seria assunto instigante para a Geografia cultural e da percepção, mas como pesquisa, foge bastante aos objetivos da Geografia física, por exemplo, e às habilidades do geógrafo em geral, que raramente são especialistas e estudiosos de música erudita. O referido tema serve, antes, como exemplo da relação música-espaco geográfico (no caso, ambiente físico, especificamente), mas não se constitui num campo de trabalho necessariamente ideal

para o geógrafo, considerando-se que pode haver profissionais mais competentes, em tese, para realizar tal estudo. Inúmeras áreas do conhecimento humano estão relacionadas ao ambiente, como a pintura e a poesia, e isso não significa que o geógrafo tenha que estudar os quadros de Monet ou os poemas de Goethe pelo mero motivo de terem relação com a natureza.

Ao mesmo tempo, essa visão de Geografia pelo viés homem-meio é excludente, pois implica em ignorar uma série de temas, tanto da Geografia física, como o estudo de micro climas de cavernas, de modelagem do relevo pelas forças naturais, de aspectos meteorológicos e climáticos de furacões, como da Geografia humana, como o estudo da ideologia na Geografia escolar, das relações políticas na formação do território, ou da relação entre crescimento populacional e políticas econômicas. Lewthwaite, em sua crítica, não mencionou os temas da Geografia humana que não tratam da relação homem-meio, citou apenas alguns exemplos da Geografia física, como o estudo de montanhas na Antártica. Ao ser excludente, a Geografia estaria ignorando as relações natureza-natureza e cultura-cultura.¹³⁶

¹³⁶ Nos encontros e simpósios da Geografia tenho ouvido com frequência que analisar a relação entre mesmos binômios não é fazer Geografia. Basta um olhar rápido nos anais dos congressos para constatar que a Geografia tem sido qualquer coisa que se bem argumente ser Geografia. Retórica é caprichada? Ganhará a crença do rebanho e tudo milagrosamente se transforma em Geografia. Mencionou, uma vez que seja, palavras como “relação”, “sociedade-natureza”, “evolução da paisagem” “produção do espaço”, “organização do território”, “meio-ambiente”? Ah, então é Geografia. Há uma infinidade de abordagens, digna de impressionar áreas amplas como as ciências sociais e a as ciências biológicas. Existem, ainda, trabalhos que inclusive prescindem de focar qualquer tipo de relação. No atual “vale-tudo-da-maratona-lattes”, todo tipo de tema e abordagem vale como muleta para currículo, e não me espantaria ver que até mesmo os antigos trabalhos descritivos e poéticos de Geografia pudessem ser retomados, fato que, aliás, seria muito bem vindo, desde que feito por aqueles que possuam habilidade em descrever e poetizar a paisagem e a relação sociedade-natureza. Mas a Geografia, ao excomungar esses “trabalhos ingênuos e acríticos”, mergulhou de ponta na obsessão pela relação, pela luta, pela dialética, pelo materialismo histórico, pelas influências e pela “síndrome de ver ideologia em tudo”, e alguns desses temas, principalmente o último, apesar da riqueza e pertinência, têm cansado parte da platéia, ou, no caso de se argumentar que a platéia se cansa facilmente e não deve ser levada em conta, eu diria que esses temas algumas vezes percutem as

Uma vez que Lewthwaite escreveu seu artigo na década de 60, com comentários que se referem também a década anterior, persiste em seu texto uma contínua referências às duas visões de Geografia na época: a corologia (diferenciação de áreas) e o conceito ambientalista (relação homem-meio). Sobre a corologia explica que havia muita incompreensão dos que achavam que ela implicava uma não observância do estudo da relação homem-meio ou que dissolveria a distinção homem-natureza. O conceito corológico apenas acreditava que a relação homem-meio não definia a Geografia, ou seja, não podia restringir a Geografia. Assim, as relações ambientais eram consideradas apenas como explicação das diferenças areais. Para os que fizeram estudos corológicos, o conceito ambientalista foi pretensioso em colocar sua “carruagem ambiental” na frente do “cavalo corológico”.

Sobre a querela determinismo/possibilismo, esta parece ter sido uma espécie de “guerra fria” do pensamento geográfico nas primeiras décadas do século XX. As críticas trocadas parecem ter raramente tocado nas principais fraquezas de ambas as teorias, e por vezes resvalaram para deboches improdutivos e críticas superficiais. Ou seja, a guerra de fato, que seria a elaboração de críticas contundentes, extensas e detalhadas, de fato não houve. Críticas mais perspicazes, ainda que breves, emergiram na década de 50 e 60¹³⁷, quando alguns autores como Lewthwaite, Martin, Speth, Spate, Peet e Montefiori escreveram artigos para defender suas posições e suscitar novas nuances na crítica ao possibilismo e ao determinismo. Glacken, também da

mesmas cordas, isoladamente, na escala de dó maior da geoharpa. Onde estão o ré menor, o mi bemol maior, os acordes dissonantes, os glissandos, os arpeggios, as modulações harmônicas, as polifonias, as operetas, e as sinfonias?

¹³⁷ Em menor escala na década de 70. As décadas de 80 e 90 constituem períodos em que não houve nada relevante em termos de avanços epistemológicos e conceituais na compreensão do determinismo geográfico na história do pensamento geográfico. No alvorecer do século XXI são publicadas algumas obras de Jared Diamond, e o debate sobre o determinismo ambiental tem emergido, timidamente ainda, com algumas críticas pouco convincentes, e que pela cegueira paradigmática e preconceito, pecam pelo excesso.

década de 60¹³⁸, escreveu imensa obra na qual reserva uma longa parte para discutir a idéia das influências ambientais, mas não se refere ao determinismo, usa, em seu lugar, os termos “teoria ambiental” e “teoria climática”. É o autor da Geografia que mais e melhor escreveu sobre as teorias deterministas, enquanto que Lewthwaite elaborou a maior e melhor crítica à crítica.

Determinismo ambiental não deve ser concebido como um rótulo dado a uma teoria que advoga determinação absoluta e única de fatores ambientais. Assim, é preciso esclarecer que o emprego do termo comporta todas as nuances possíveis entre um inexistente determinismo fatalista e absoluto e uma igualmente inexistente visão ingênua de que o livre arbítrio humano é total, contrapondo-se a uma natureza passiva. Esses extremos representariam uma versão metafísica idealizada do determinismo e do possibilismo. Essas duas teorias, na realidade, estão longe de serem pólos totalmente antagônicos, pois seus discursos por vezes se aproximam e diferem apenas na linguagem e às vezes na ênfase dada ao peso da influência ambiental. Além disso, o possibilismo simplesmente não é incompatível com outros determinismos que não o ambiental, e dessa forma, ao reconhecer algum grau de determinismo psicológico, econômico ou social, está colocando em cheque a tão venerada liberdade humana que permite a escolha dentre as possibilidades oferecidas pela natureza.

Assim como um determinismo ambiental absoluto jamais existiu - senão nas esquinas das fantasias da criticosfera, restando do desmoronamento dessa crítica um determinismo atenuado, ou probabilismo (rótulos menos imprecisos para se referir à hipótese explanatória básica da idéia das influências ambientais) - o determinismo filosófico¹³⁹ absoluto também existiu apenas como modelo metafísico especulativo, enquanto que na ciência, esse determinismo absoluto tem sido gradualmente abandonado desde o advento das teorias revolucionárias de Albert Einstein, Max

¹³⁸ As décadas de 50 e 60, principalmente entre o período 1948 – 1957, se mostrou a mais profícua quanto à discussão do determinismo na Geografia, seguida por outro produtivo período entre 1965-1978. As razões para isso serão discutidas mais adiante.

¹³⁹ Chamado de “determinismo total ou geral” por Lewthwaite

Planck e Heisenberg. Sobre esse abandono que tem dado lugar ao probabilismo e à noção de condição, Abbagnano esclarece que:

Primeiro a teoria da relatividade e depois a mecânica quântica puseram em xeque a noção de causalidade necessária e, por conseguinte, a de determinismo absoluto.(... Max Planck, descobridor do *quantum* de ação, escrevia que, para poder salvar a hipótese do determinismo rigoroso, era necessário pensar num *espírito ideal*, capaz de abranger todos os processos físicos que se desenvolvem simultaneamente e, portanto, de predizer com certeza e em todos os detalhes qualquer processo físico. (... o abandono da causalidade necessária e da doutrina do determinismo absoluto, que transformara a causalidade necessária em princípio universal do conhecimento científico, parece sancionado pelas maiores autoridades científicas de nosso tempo. Todavia, esse abandono não é, automaticamente, a aceitação do indeterminismo, ou seja, do reconhecimento do acaso e do arbítrio absoluto nos fenômenos naturais. Assim como o abandono da noção de causa coincide com o uso cada vez mais amplo e consciente da noção de *condição*, também o abandono da noção de determinismo absoluto, paralela à primeira, coincide com a aceitação de uma forma de determinismo que se vai esclarecendo paralelamente ao esclarecimento do conceito de condição. Ao declarar inutilizável o conceito de causa, a física contemporânea insistiu na possibilidade de previsão provável; e ao declarar, por isso mesmo, a queda do determinismo absoluto, tende a adotar um determinismo restrito [Transposto ao universo do determinismo ambiental, esse termo é sinônimo de probabilismo] ou, como diz o próprio De Broglie, “fraco” ou “imperfeito”, fundado no reconhecimento de que “nem todas as possibilidades são igualmente prováveis” e de que “todo estado de um sistema microscópico comporta certas tendências que se expressam pelas diferentes probabilidades das diversas possibilidades nele contidas” (...). Portanto, a palavra “determinismo” não foi abandonada, mas sofreu uma transformação radical na linguagem científica e filosófica contemporânea. Não designa mais o ideal de causalidade necessária e de previsão infalível, mas o método de conexão condicional e de previsão provável. (ABBAGNANO, 2007, p.289)

A confusão semântica que tem permeado a crítica ao determinismo ambiental encontra um paralelo na “oscilação semântica” que, segundo Abbagnano, tem sido notada na atual filosofia da ciência e no passado: *“Se a oscilação semântica do termo ‘determinismo’ é perceptível na filosofia da ciência contemporânea, sobretudo em relação à diferente ontologia pressuposta pela física do século XX (em particular a quântica) em relação à física newtoniana ou em relação aos diferentes níveis de aplicação – físico, social e psíquico -, não é menos verdade que o termo teve diferentes significados também no passado, a ponto de torna-se extremamente problemático e equivocado”*.(id)

Sobre a dualidade determinismo/possibilismo, Lucien Febvre, historiador francês, em seu livro “A Terra e a Evolução Humana”, foi um dos grandes colaboradores na criação e disseminação dessa falsa dualidade, que é fruto de uma redução do conflito teórico-ideológico de sua época, estabelecida entre as enclausuradas geografias nacionais da Alemanha e da França. Assim, cada uma dessas escolas ficou impregnada com os rótulos: Determinismo e Possibilismo. Essa estigmatização contribuiu para criar imagens errôneas sobre os dois autores, e por muito tempo Ratzel foi rotulado como um “voraz determinista geográfico” e La Blache como um “inocente possibilista geográfico”. Hoje essa concepção foi superada e o recorte abstrato de Febvre foi relativizado, afinal, nenhum dos dois Geógrafos enquadrava-se completamente nas “escolas” a eles atribuídas.

Sobre a falsa dualidade determinismo/possibilismo, Lewthwaite expressa sua visão afirmando que *“It is, therefore, a Gross simplification to pit environmental determinism against possibilism (or indeed any other determinism) as discrete and incompatible alternatives. They may be at opposite poles in the long continuum of man-environment relationships, but their positions merge and blend into complementarity.”* (LEWTHWAITE, 1966, p.17) Para Freeman (1962), alguns fatos da experiência humana demandam aceitação da tese determinista, enquanto outros fatos simplesmente só podem ser entendidos ao se enfatizar a iniciativa humana. Referindo-se ao sistema determinista usado por Taylor e ao sistema cultural usado por Carter em seus respectivos estudos, Lewthwaite elucida que *“In essence, at least,*

these are scarcely as contradictory as their exponents seem to have thought, and each may yet be invoked as contributing some valuable insights to the overall interpretations of man-land relationship.” (id)

A exacerbação da dualidade determinismo-possibilismo só ocorreu por questões acadêmicas já analisadas anteriormente, e também porque se fixou em demasia nos seus conceitos-modelo, que não passam de abstrações que fazem sentido apenas num contexto metafísico, como explica Lewthwaite ao conceituar como “*Environmental determinism, pure and undiluted, provides a conceptual model with culture reduced to uniformity and human action varying only in response to environmental limitations and opportunities.*” Por sua vez, “*Possibilism, pure and undiluted, may be conceived as a different deterministic system with the environment reduced to uniformity and human will and culture introduced as the sole variables. Of course such situations do not exist on the earth – nobody ever thought they did!* [há sim, críticos, principalmente no Brasil, que atribuíram essas ingenuidades a alguns deterministas, como Demolins, Montesquieu e Semple]. *But they may be assumed for analytical purposes.*” (id)

Daí decorre que determinismo e possibilismo devem ser vistos mais como modelos úteis para propósitos analíticos ou como rótulos ideologicamente impostos a dois discursos enquanto meras abordagens do mesmo problema - cada qual baseado em suas próprias e apressadas premissas e devaneios – discursos esses que têm mais aspectos convergentes e semelhantes do que seus interlocutores e respectivos leitores fizeram parecer ao longo dos debates travados na primeira metade do século XX. Para Lewthwaite, os dois termos são alçados em alguns discursos de seus opositores a um elevado patamar de polêmica e de estereotipagem, fato que nos faz acreditar que estavam em jogo nas controvérsias outros interesses, como disputas acadêmicas, políticas, nacionalistas, além de partidarismos científicos e até mesmo rusgas pessoais.¹⁴⁰

Em algumas obras de Febvre, Brunhes e La Blache, a importância dada aos fatores ambientais é tamanha que por alguns momentos já não sabemos se estamos lendo uma obra possibilista ou determinista. Febvre e Semple, tidos como uns dos

¹⁴⁰ Que não podem ser descartadas como fatores influenciantes.

principais representantes do possibilismo e do determinismo, respectivamente, chegam a expressar as mesmas idéias com palavras distintas, conforme se pode observar nas duas citações abaixo: *“Men can never entirely rid themselves whatever they do of the hold their environment has on them”* (A Geographical Introduction to history, p.315). *“Civilization has lengthened his leash and padded his collar so that it does not gall; but the leash is never slipped”* (Influences of geographic environment, p.70). A frase de Semple lembra a idéia possibilista que reconhece a permanência das influências ambientais e a capacidade dos humanos em fazer escolhas e amenizar essas influências. Febvre usa o termo “hold” para se referir ao domínio que o ambiente tem sobre o homem. A esse domínio¹⁴¹ Semple também se referiu, porém fazendo a analogia com a coleira (coleira que segura e que se torna mais larga, estofada e confortável, porém sempre presente. Febvre também afirma a inevitabilidade da influência dos fatores ambientais ao dizer que *“o homem, independentemente do que possa fazer, nunca pode se livrar completamente do domínio que o ambiente exerce sobre ele.”* Semple, ao falar do alargamento e estofamento da coleira, reconhece que um maior nível de desenvolvimento de uma civilização leva-a a uma maior independência dos fatores naturais, o que abre um amplo leque de possibilidades. Tatham, assumidamente possibilista e crítico de Taylor, afirma que além dos fatores científicos, outros como ganância, vontade, desejo e capricho alargam a tal coleira aludida por Semple.

As similaridades entre possibilistas e deterministas são tantas, que levaram o antropólogo Franz Boas, na década de 20, a chamar inúmeros autores possibilistas de deterministas. Segundo Speth (1978), *“Boas named or implied Ritter and Ratzel, Vidal de La Blache and Brunhes, and Guyot, Semple and Huntington as carriers of the environmentalist banner”*. O fato de Boas não ter incluído na lista o grande expoente

¹⁴¹ “To hold” significa, dentre outros sentidos, “segurar”. Segurar significa dominar, ter controle sobre. O termo “coleira”, usado por Semple, também se refere ao controle, domínio, ao segurar quem está por ela envolto. Assim, fica claro que ambos os autores expressaram a mesma idéia com palavras distintas e retórica pessoal

da Geografia evolucionista William Morris Davies permanece uma intrigante questão (Speth, 1978).

O falso antagonismo possibilismo/determinismo que tem se arrastado por quase um século parece falso e pode ser diluído quando abordamos o estudo da relação homem-meio na Geografia levando em consideração três premissas lógicas e inevitáveis:

- a) A natureza atua inexoravelmente dentro de circunstâncias
- b) O ser humano atua inexoravelmente dentro de circunstâncias
- c) Essas circunstâncias comportam fenômenos humanos e naturais, ou seja, envolvem sociedade e natureza, em perpétua dialética, comportando ordem, desordem, leis e acaso.¹⁴²

Assim, fenômenos humanos e fenômenos naturais acontecem inscritos num contexto de influências de diversas naturezas, do que se infere que se torna impossível isolar causa e efeito. Separar as influências ambientais das não-ambientais mostrou-se inviável na maioria dos casos, e tais impossibilidades constituem-se num dos principais alvos da crítica à teoria ambientalista.

Sobre a dualidade determinismo/possibilismo, Moreira (2006) afirma que “*A intervenção do historiador Lucien Febvre introduziu na história do pensamento geográfico um contraponto, inexistente, entre La Blache, e Ratzel envolvendo uma dissonância das respectivas abordagens da relação homem-meio, em que La Blache seria possibilista e Ratzel determinista*”, e reconhece que a consequência disso é um obscurecimento do verdadeiro contraponto que desponta no ocaso do século XIX, “*aquele estabelecido entre o olhar regional fracionário de La Blache, inspirado numa concepção isolacionista de região, um caso de singularidade, e o olhar diferencial e corológico de Hettner, inspirado na região como uma diferenciação de áreas, bem analisado por Hartshorne (1978)*”

Vimos que o possibilismo não é uma teoria, e sim, um discurso que tampouco pode ser oposto e concorrente ao determinismo, visto que dele difere apenas quanto à intensidade do foco ou ênfase, uma vez que comporta a pergunta: até que ponto o

¹⁴² Acaso, ao menos na aparência, segundo o que nosso limitado intelecto pode nos confirmar.

homem pode atuar sobre a natureza para seu benefício e para amenizar ou suprimir suas influências?¹⁴³ Ou seja, a ênfase não seria o grau de influência do ambiente, mas sim o grau de influência humana sobre o ambiente. Todavia, ao reconhecer que a ação humana tem limites, o possibilismo comporta, ainda que nem todos os seus interlocutores reconheçam isso, uma grande consciência das forças ambientais influenciando a sociedade em diversos aspectos. Assim, poderíamos conjecturar que ambas as idéias, determinista e possibilista, comportam uma expressiva preocupação com as influências ambientais, mas que certos interlocutores de cada lado pecaram, por vezes, ao exagerar em seus argumentos e utilizar exemplos indevidos e polêmicos.

Lewthwaite explica que nenhuma das duas “teorias” (que devem ser vistas de fato como sistemas determinísticos) pode ser ignorada, e argumenta sobre a importância dessas abstrações da seguinte forma¹⁴⁴:

¹⁴³ A única resposta segura a esse questionamento é a de que ao homem sempre cabe atuar diante das influências do ambiente ou sobre elas, nem que essa atuação ocorra apenas na forma de adaptação a determinados efeitos da natureza. Ou alguém pode negar que ao construir casas com telhados inclinados para evitar seu desabamento pela neve acumulada, o gênio humano não estaria anulando essa faceta da força climática (efeito de desabamento) por meio de uma estratégia de adaptação? Ou seja, na impossibilidade de impedir as nevascas (apenas nesse sentido é possível afirmar que a natureza é imperativa e impõe aos humanos a necessidade de adotar certas estratégias, pois as nevascas vão acontecer queiramos ou não), adota-se uma série de estratégias em relação aos transportes, à arquitetura e à agricultura, anulando ou amenizando outros efeitos da força climática nevasca. Advogar um determinismo absoluto e radical seria estabelecer uma lei geral que afirma que em todas as regiões de intensas nevadas a ocupação humana é e será sempre impossível. Mesmo quando se afirma que certo tipo de relevo ou vegetação dificulta seu povoamento, ainda assim existe margem para a ação humana, uma vez que “dificultar” difere enormemente de “impedir”. Por exemplo, uma determinação implacável, com verdadeiro impedimento, pode ser atribuída às longas distâncias oceânicas entre os povos dos primórdios da humanidade. Os oceanos não dificultavam o intercâmbio e a disseminação dos povos que desconheciam a navegação, mas impediam-no totalmente ao menos durante certo período, já que em climas passados havia supostamente uma ligação entre Ásia e América no estreito de Bering congelado, e em séculos recentes a navegação superou, em grande parte, o obstáculo das distâncias oceânicas.

¹⁴⁴ Provavelmente um dos mais lúcidos aglomerados de palavras do texto de Lewthwaite.

Thus environmental determinism and possibilism may both be viewed as valid if given their proper place within a necessarily broader framework and used with discernment and discretion as constructs which cover some but not all of the facts. [Os autores “deterministas” jamais propuseram suas teorias como capazes de explicar e prever “all of the facts”, e esta é uma das falhas da crítica, que lhes atribuíram essa ousadia.] Viewed from this angle, determinism and possibilism represent the opposite poles of a total spectrum which includes every possible position. As the Sprout concluded ‘random guessing in neither a fruitful nor a necessary alternative to determinism. Between the extremes of predictable certainty and total unpredictability...lie the concepts of possibility and probability, the latter in many gradations of uncertainty...these concepts, and the man-milieu relationship hypothesis into which they are incorporated, constitute useful and widely used general premises for calculating within some range of uncertainty the boundaries and patterns of things to come’. Sometimes it is the deterministic pole which will be approached and at other times it is possibilism which will be approximated, but to oppose these as mutually contradictory positions is not only unrealistic but obscures the element of value in each. It is better to view them as abstractions, conserve the truths idealized in each system, and apply these principles to the real situations which are bound to vary with culture, time, and place. There is no need to assume that any one of these constructs or even all of them together will cover all of the facts and exclude the random play of contingent factors. But each may perhaps qualify as a deterministic system covering enough of the facts to be a useful analytical tool permitting a measure of extrapolation, retrodiction¹⁴⁵, and prediction. (id)

Para demonstrar a cegueira de alguns críticos em relação à similaridade entre determinismo ambiental e possibilismo (diluindo convergentemente ao probabilismo), gostaria de citar alguns exemplos de Lewthwaite, que ironicamente mostra o erro da crítica, ao contar que:

¹⁴⁵ A explanação ou interpretação de eventos ou ações passadas, inferida a partir de leis que se assumem governá-las. Os autores deterministas se preocuparam muito mais com retrodição do que com previsão.

Over and over again, geographers have sought to refute determinism by elaborating on the fact that America would have been a different country if settled by Chinese, or that the aboriginal hunters of Australia used their continent in very different fashion than did the Europeans settlers. Of course! But this obvious fact need infer nothing more than the intersection of one system with another. [o que o ingênuo crítico possibilista pensa ser um forte argumento em favor do “absurdo do determinismo”, não passa de evidência que mostra exatamente que não contraditam, pois a verdade que apresentam é óbvia e reconhecida por todos. Ou seja, essa crítica não diz nada, não aponta para as falhas reais dos deterministas, e sim, parte do pressuposto ilusório de que deterministas ignoram essas influências da cultura]. No more would the concentric-zone theory of urban land use be refuted if a predicted urban pattern were obliterated by an atomic bomb! [Ou seja, o acaso não impede um modelo ou um padrão de existir e poder ser previsto como provável! O padrão vai se repetir onde quer que haja as condições necessárias, logicamente assumindo-se que nenhuma obra do acaso o impeça. No caso citado, a bomba, ao destruir uma cidade, não está destruindo a validade do modelo enquanto previsão do padrão predominante para as cidades e não o invalida.¹⁴⁶] (id)

¹⁴⁶ Da mesma forma, se um político destinasse bilhões de dólares para os agricultores afetados por uma seca severa, para que não tivessem prejuízo, isso não iria recuperar o prejuízo físico, a destruição das lavouras e perda de alimentos. Assim, os fatores culturais ou qualquer obra do acaso jamais serão motivo para se invalidar o cerne da questão: os fatores ambientais influenciam, e podem determinar perdas, ganhos, enfim, pode alterar a realidade sem que se possa fazer algo para reverter as perdas já ocorridas. No caso da seca, não se pode rezar para rescussitar animais e plantas. Por mais que o governo reponha as perdas financeiras dos agricultores, ainda assim houve diminuição de dinheiro dos cofres públicos que seriam destinados para outros fins se não fosse a tragédia da seca. Se o fenômeno climático ocorreu, logo, necessariamente haverá perdas irreversíveis. Cada seca que ocorre no Nordeste brasileiro representa dezenas ou centenas de milhões de reais desviados de outros fins importantes para aliviar um problema grave causado por uma força natural (e agravado por fatores humanos). Países que “recepcionam” dezenas de ciclones ou tempestades tropicais a cada ano, possuem um gasto “extra” na ordem das centenas de milhões de reais por ano (incluindo os EUA, pois não há potência econômica que possa desviar a rota de um furacão), e esse gasto não ocorre em países que estão fora da faixa de atuação dos ciclones tropicais. Nesse sentido o ambiente é mandatório, e ao “*homo poderosus*” cabe apenas duas respostas: canaliza (“desperdiça” parte do Pib do país, desejável

Lewthwaite finaliza sua discussão sobre a dualidade determinismo/possibilismo resumindo suas idéias da seguinte forma: *“The scientific laws are of varied character, deterministic systems and freedom may be simultaneously operative at different levels, and lawfulness and caprice are not to be posed as mutually contradictory and exclusive. (Ibid, p.19). Fecha sua idéia com importante conclusão, pois “It may be suggested, then, that solutions already indicated by the environmentalist-possibilist controversy are equally applicable to the issue of quantification and the humanistic tradition. Again, each may be viewed as occupying the extreme pole a continuum which includes every gradation between regularity and randomness, and each and every one of these positions may be invoked whenever appropriate.” (id)*

Gaille e Willmont também fazem uma observação que reforça minha preocupação com as críticas levianas e animosidades impertinentes entre diferentes “escolas”¹⁴⁷ ou “paradigmas”, ou, sem usar rótulos, entre distintas abordagens. Ele não

e danoso), ou deixa milhões de pessoas em condições desumanas (indesejável e ainda mais danoso, pois são vidas humanas, além da infraestrutura). Quem pode mais, furacões ou “*homo poderosus*”? Um fato, milhões de homens, duas opções, ambas custosas. Who is the boss?

¹⁴⁷ Essas reações de uma corrente em relação a outra trazem sempre um fator positivo, mas algumas, pela sua natureza equivocada, gera efeitos colaterais graves em geógrafos que encaminham essas “misconceptions” a uma enorme platéia de futuros geógrafos. Não basta selecionar bons textos para recheiar uma ementa de disciplina bem intencionada: é preciso construir uma matriz intelectual, uma estrutura de pensamento na platéia, e fazer emergir um conflito verdadeiro e produtivo, resultando então num novo patamar cognitivo, permitindo aos estudantes a possibilidade de aprimorar as lentes existentes, ou substituí-las por outras, sendo essencial que entrem em contato com a lista mais abrangente possível de possibilidades e impossibilidades do conhecimento em Geografia, em especial com as limitações e possibilidades da pesquisa em história do pensamento geográfico. Pode ser visto como questão de opinião, ponto de vista, questão de preferência ou mera preferência retórica, mas para nos prepararmos com os devidos cuidados para a pesquisa na história das idéias, é bastante útil um devido envolvimento com alguns assuntos e autores, como a obra de Edgar Morin (Os cinco volumes de “O Método), ou ao menos com as questões por eles levantadas; com algum domínio dos clássicos e de fontes primárias de pesquisa histórica, com estudos em torno da teoria do discurso nas acepções estruturalistas e pós-estruturalistas; e também com questões relacionadas à retórica, erística ou qualquer outra área do estudo das idéias e dos discursos. Essas últimas áreas do conhecimento têm conhecido maior disseminação na Geografia dos EUA e principalmente da França, onde vários autores

menciona o determinismo por estar se referindo às três revoluções¹⁴⁸ do “corpo intelectual” da Geografia na segunda metade do século XX, ou seja, posteriormente ao “trem fastasma”¹⁴⁹ dos deterministas do início do século.

“These three intellectual revolutions bear some striking similarities. All were reactions to weakness in the mainstream practice of geography at the time, and all acquired converts from the pool of successful mainstream practitioners, a number of whom became the champions of the revolution. All also spawned active cadres of “true believers” who, at times, denigrated the work of other geographers as irrelevant, wrong, or counter-productive. The three revolutions and challenges to orthodoxy have all waned, but each has made an indelible imprint on American geography. “(id)

como Derrida, Deleuze e Foucault demonstraram profundo interesse na crítica das categorias binárias, levando seus estudiosos a uma preocupação com a reavaliação dos termos subestimados desses binários, como corpo/máquina, cultura/natureza/, masculino/feminino, humano/animal, etc.

¹⁴⁸ Revolução quantitativa, marxista e pós-moderna. A palavra revolução deve ser tomada como uma metáfora, ou seria muito exagero usar tal termo. Atualmente vemos todas essas geografias, incluindo as anteriores às três revoluções. O problema não é qual tipo de Geografia “caduca” ainda persiste, mas sim a qualidade das novas geografias que foram aparecendo depois. Ainda prefiro ler fantásticos tratados descritivos a ter que me aborrecer com estudos moderninhos e supostamente “críticos” e revolucionários, mas sem a devida consistência (ciência) e beleza (arte). A estética tem sido uma preocupação humana em todos os quesitos da vida e é possível falar em “estética das idéias”, “estética do conhecimento” e “estética da Geografia”. O desafio é não sacrificar a “ciência” (o conhecimento “sério” e “objetivo”) diante da busca pelo seu matiz artístico. Que não me confundam com um saudosista e ingênuo apreciador das coisas antigas, das geografias “lúdicas” e “mágicas”, avesso à dialética, à objetividade, às contradições do espaço geográfico ou à dimensão política e social dos estudos geográficos. Somente argumento em favor de uma Geografia que não perca de vista as qualidades das geografias antigas, que faça uma ciência menos desonesta e pautada em rótulos e simplificações convenientes, além de menos árida e asséptica. Assepsia é bom no banheiro. Na vida acadêmica, de pesquisa e escrita, um quê de “sujeira” tem seu charme.

¹⁴⁹ Ratzel: locomotiva esfumaçada, Semple: vagão parafraseante 1, Huntington: vagão sobrecarregado 2.

Os autores reconhecem, em seguida, que apesar dos dolorosos turbilhões paradigmáticos forjados pelas três revoluções da Geografia, o saldo final na Geografia a tornou muito mais robusta. Eles reconhecem que a verificabilidade empírica promovida e expandida pelos quantitativistas, ainda que não explique todas as questões-chaves, geralmente foi capaz de aumentar e fortalecer nosso conhecimento de vários assuntos; que a abordagem dialética da revolução marxista, assim como o questionamento do sistema no qual operamos, apesar de nem sempre prover soluções práticas, pode satisfatoriamente jogar luzes sobre a relação fundamental entre economia e poder; a revolução pós-moderna, por sua vez, ainda que tenha deixado os geógrafos sem uma forma adequada para seguir em frente, ensinou-lhes a decifrar os profundos e ocultos significados dos textos geográficos, examinar os problemas da disciplina e inquirir sobre o próprio modo com que eles têm produzido conhecimento. O autor conclui seu panorama geral da Geografia dos EUA¹⁵⁰ afirmando que *“If there is one thing that we have learned, it is to be tolerant of alternative or even revolutionary thought as, in the end, it may be good for us.”* (ibid, p.3)

Partindo-se da constatação da inexistência da dualidade determinismo/possibilismo apresentada neste capítulo, e sendo ambos os discursos basicamente os

¹⁵⁰ Em certo ponto, a análise desses autores vale para a Geografia brasileira, pois, dada as devidas diferenças, boa parte das tendências dos EUA também se verificaram na Europa, cuja influência faz com que essa Geografia nos EUA chegue ao Brasil, ainda que numa versão que é o reflexo num espelho quebrado, ou de outro tamanho, ou distorcido, ou simplesmente, num espelho feito com outros materiais. Assim, se meio pirateada, ou apenas “distinta” e “com sabor local”, importa considerar que a Geografia brasileira presenciou mudanças e “revoluções” que foram praticamente as mesmas que se originaram nesses países-referências, não sem algum atraso. Reconhecer esse fato não significa sofrer de colonização acadêmico-mental ou de baixa auto-estima tropical, já que reconhecer a excelência de algumas obras geográficas de outros países é um dever do pesquisador honesto, assim como também convém reconhecer a prata da casa. Um problema sério é o caso típico daqueles que se nutrem 24 horas por dia da produção estrangeira para em seus discursos de efeito criticar o imperialismo intelectual europeu e norte-americano e diminuí-lo, pretendendo originalidade de linhas de pesquisa quando de fato suas pesquisas encontram-se – em versão mais palaciana e lustrosa - do outro lado do Equador. Se quisermos copiar e inserir algum sabor tropical às teorias e pesquisas que se fazem do outro lado do equador, façamos, mas sem a pretensão de total originalidade.

mesmos, com apenas uma diferença na ênfase dada à influência ambiental e na retórica usada no discurso, seria possível brincar com a questão e trazer para análise alguns matizes deterministas das obras possibilistas e alguns matizes possibilistas das obras deterministas. Esses matizes mostram-se por meio dos termos empregados, das relações sugeridas e da explicitação dos fatores ambientais que influenciam o ser humano e a sociedade. Dessa forma, com o intuito de demonstrar que podemos imprimir a uma obra o tom que bem queremos dela, selecionei alguns trechos de obras reconhecidas pela crítica como “deterministas” e alguns trechos de obras possibilistas, de tal forma que trechos de obras possibilistas parecem traduzir o pensamento de um autor tipicamente determinista ao passo que trechos de obras deterministas podem soar tão brandas a ponto de parecerem um bordão clássico de obras possibilistas, ou seja, o circo da crítica equivocada pega fogo, pois seus rótulos simplesmente não resistem a um simples escrutínio baseado na leitura imparcial das rotuladas obras.

Os seres humanos, em si mesmos e por si mesmos, são fenômenos de superfície e, portanto, fatos geográficos. Vivem sobre a terra. Estão submetidos às condições atmosféricas e terrestres. Pertencem a certos climas, a certas altitudes, a certas zonas. Além disso, eles vivem na terra: subordinando-se aos fatos naturais é que assegurarão a seus corpos o cuidado indispensável e a suas faculdades o desenvolvimento e o florescimento.(brunhes, 1962 p.26)

(...), determinadas condições geográficas fundamentais (situação topográfica, altitude, orientação, proximidade do mar, dimensões do espaço conquistado ou ocupado, etc.)desempenham tal papel nos destinos das cidades, das províncias ou dos países, que a história desses fatos não pode estar livre de toda consideração geográfica. Mais do que isso: a história humana mergulha, por todas as suas raízes, (...) na sua realidade material terrestre.” (Brunhes, 1962, p.52)

(...) dessa forma, propositadamente evitei definições, fórmulas e a enunciação de regras rápidas e rasteiras. (...) Por essa razão falo de fatores e influências, evito o termo determinante geográfico e refiro-me com extrema cautela ao controle geográfico. (Semple, 1911, p.vii)

As sociedades humanas, assim como o mundo vegetal e animal, são compostas de diferentes elementos sujeitos às influências do ambiente natural. Sobre as pessoas,

apesar de tudo que podem fazer, condições circundantes deixam sua marca, e na Austrália, na província do Cabo ou na América, essas pessoas estão lentamente ficando saturadas com a influência das regiões onde seus destinos serão revelados. (La Blache apud Tatham, 1951, 156)

A analogia dos climas fornece o fio condutor. Favorece a infiltração, dirige a força do hábito. (...) Acima de todos estes fenômenos, vivendo e agindo à nossa vista nas diversas partes da terra, paira a influência soberana dos meios. Vemo-la, exercer-se, a pouco e pouco, em quadros naturalmente apropriados.(...) A rudeza das exigências cotidianas da vida, deixando apenas subsistir os melhor adaptados¹⁵¹, tendia a eliminar as diferenças no interior dos grupos. (La blache, 1946, p.161-162)

Contudo, hereditariedade é apenas um dos fatores no desenvolvimento das civilizações. Religião, educação, governo, e todas as diversas ocupações humanas, costumes e instituições – sua cultura herdada como dizem os antropólogos -, formam uma segunda grande parte de influências sociais cujo poder parece quase imensurável. (Huntington, 1915, p.1)

According to Lewthwaite (1966, p. 6), *“It was Vidal de la Blache who stated that his aim was “to bring into relief the geographical factor” and Brunhes who urged that geographical studies must be dominated by the theme of relationship, but these were the very founding fathers of possibilism*. Ou seja, esses autores possibilistas comungam da mesma idéia central do determinismo. Os argumentos em torno da falsidade da referida dualidade são inúmeros, e no capítulo 4, este equívoco de longa data perpetuado, ficará ainda mais evidente com a discussão das obras centrais de Semple e Huntington.

Sobre a eterna controvérsia determinismo & liberdade, em todas as obras dos grandes filósofos há alguma apreciação sobre ela. Para o fazer geográfico essa questão é dispensável, apesar de ser digna de estudo em outras áreas. Na prática, essa distinção não entra no cômputo, e para a Geografia não importa provar e entender a existência ou não de liberdade em face das restrições ambientais. Entre os geógrafos menos

¹⁵¹ Darwinismo social em La Blache? Esta afirmação de La Blache o colocada lado a lado com Ellen Semple. Ainda não vi sequer um comentador afirmar que La Blache é “partidário” do evolucionismo ou da analogia orgânica. Contudo, sua obra, assim como a dos deterministas, é filha de sua época. Nenhum espanto nisso, e nada a criticar.

contaminados por rótulos e slogans já há razoável entendimento de que as influências ambientais são inevitáveis, que afetam todas as sociedades independentemente de seu nível de desenvolvimento, que suscitam em cada sociedade diferentes reações, oferecendo uma variedade de caminhos, alguns dos quais mais prováveis, e cuja quantidade e qualidade dependem da base natural de que dispõe e de vários outros fatores não-naturais, como cultura, economia, política, etc.¹⁵²

Um olhar na direção das especulações em torno dessa controvérsia revela que o temor dos críticos do determinismo ambiental, de que esta teoria pudesse solapar e por em cheque a volição, o livre arbítrio, é totalmente ingênuo e irracional. O filósofo disposto a argumentar contra a liberdade humana poderia levantar um número tão avassalador de condicionantes a interferir em nossas escolhas, que os tão propalados fatores geográficos ou influências ambientais, seriam apenas mais um ingrediente a compor a “matriz determinante”. Ou seja, reconhecer apenas um fatorzinho ambiental como responsável pela nossa falta de escolhas e pela ação condicionada do cotidiano, ao mesmo tempo que é logicamente insustentável (e por essa razão não foi advogado por ninguém), não pode ser encarado como ameaça ao livre-arbítrio, nem como prova e insinuação de que não cabe ao ser humano fazer suas escolhas.

Um determinismo ambiental absoluto e radical jamais existiu senão em tergiversações filosóficas e nunca foi advogado por ninguém. Do que se infere que parte das controvérsias determinismo/possibilismo e determinação/livre-arbítrio não se sustenta senão num patamar metafísico. (Lewthwaite, 1966, Martin, 1951, Sprout, 1965). Como as controvérsias tiveram em geral um caráter bastante desvinculado das

¹⁵² Fosse esta tese um tratado filosófico, seria possível estender a mencionada querela metafísica por meio de um estudo que se centrasse em torno da seguinte “hipótese”: “Em última instância, ninguém jamais agiu livremente, pois entre o desejo de agir e a ação consumada, sempre haverá a interposição de um caótico sistema de condicionantes, cuja natureza pode ser cultural, ambiental, social, psicológica ou indiscernível.” Além disso, o próprio desejo de agir livremente pode ser, ele mesmo, condicionado por inúmeros fatores. O livre-arbítrio pode ser determinado, e o próprio desejo de querer ser livre e decidir os rumos da própria vida parece ser fruto de uma algema ideológica veiculada pela filosofia, pela Hebe Camargo...e reféns de mordanças sociais e ideológicas parecem não estar agindo com esse livre-arbítrio tão requisitado pelos utópicos.

discussões em nível metafísico, nota-se que uma parte delas estava fundamentada em um devaneio que alimentava a idéia de que deterministas ambientais negavam a liberdade humana. Tal fantasia ainda atribuía aos deterministas a capacidade de considerar o ser humano o elemento passivo de uma relação com um ambiente ativo e imperioso.

Dessa forma, procede indagar se algum autor acusado de ser determinista de fato advogou que o ambiente natural era tão determinante a ponto de moldar o curso da história e constituir-se no único e grande determinante das ações humanas. Segundo alguns comentadores, até mesmo os deterministas bradados como radicais (Montesquieu, Buckle, Cousin e Demolins) se mostraram em suas obras um tanto maleáveis ao abrir algum espaço para a liberdade humana e para a influência de fatores não-ambientais. Os autores deterministas que mais parecem se aproximar de um determinismo cru e radical parecem ser, talvez com alguma ressalva, Demolins (sociólogo), Le Play (sociólogo) e Victor Cousin (filósofo), dos quais nenhum pode ser considerado geógrafo embora estudassem ocasionalmente alguns temas relacionados à Geografia. Digno de nota é o fato de que escreveram suas obras antes de 1882, data da publicação da *Antropogeografia* de Ratzel. Assim, esses deterministas mais radicais não podem ser considerados discípulos de Ratzel e seguidores de suas supostas idéias deterministas.

Considerando que nenhum deles é geógrafo, o determinismo “geográfico” não deveria ser associado mais prontamente com a teoria política, história, filosofia e sociologia, respectivamente as áreas desses autores? Mais uma vez, o uso do termo “geográfico” e “ambiental” é o problema em questão. Em todas essas áreas do conhecimento se fala do papel exercido pelo “determinismo” geográfico na sua história, reconhecem que houve autores deterministas, mas ao mesmo tempo, por criticarem esse “passado sujo” se referindo ao termo “determinismo geográfico”, veiculam para a comunidade, científica e leiga, uma falsa impressão de que a origem do determinismo é na Geografia, e que é essa ciência que deve responder por sua disseminação. O termo ambiental também evoca a Geografia, basta lembrar da origem

da disciplina na Alemanha e na França, fortemente marcada pela presença de estudos da natureza.

Pode parecer contraditório, mas o determinismo ambiental, por comportar dois significados bem distintos, pode ser avaliado da seguinte forma: 1. Ou o determinismo ambiental enquanto hipótese básica sempre existiu, desde que concebido como uma visão sobre a relação homem-meio com foco nas influências ambientais sem atribuir a elas nenhum controle exclusivo e fatalista. 2. Ou ele nunca existiu, considerando sua versão dogmática e rígida enquanto abstração no plano metafísico e considerando que sua precária existência na “críticosfera” não passou de um rótulo, de um discurso, de uma cisão ideológica e de um joguete intelectual nos embates acadêmicos dos últimos dois séculos.

Hartshorne (1978) explica que a teoria do determinismo ambiental pressupõe uma irreal e abstrata dicotomia natural/humano, e argumenta em sua principal obra “perspectives on the nature of geography”, que essa distinção só pode ser sustentada com base na prática corrente. Todavia, a Geografia e demais ciências continuam a se referir, em seus estudos, às distinções humano/natural, sociedade/natureza, homem/meio, ser humano/ambiente, natural/cultural. Essas distinções têm sido empregadas ao longo da história da moderna ciência e continua a ser largamente utilizada por geógrafos, tanto pela necessidade teórica de simplificação e sistematização da realidade complexa e indivisível, quanto pela necessidade prática de pesquisa. O uso de tal dicotomia não deve causar nenhuma surpresa, diante da impossibilidade de se negar na prática e no fazer científico tal distinção, conforme aponta Martin (1951). Este autor afirma ainda que

“The man-environment distinction seems in practice to be inherent and unavoidable in parts, at any rate, of the geography of man. To bar the distinction would be to rule out a considerable and fascinating field of human geography, for one can scarcely examine the whole ‘man *plus* environment’ without some analysis into ‘man’ and ‘environment’, this analysis being necessary as a method of procedure, without any reference to its validity as a real difference. The man-environment distinction is, it seems,

inescapable in human geography, and to advocate its rejection is to advocate the impossible.” (MARTIN, 1951)

Dessas colocações conclui-se que é infundada a crítica ao determinismo ambiental enquanto baseado numa abstrata dicotomia. Fosse o abstrato e a imprecisão motivos para se invalidar uma teoria ou ciência, e todo o campo das ciências humanas e da filosofia deveria ser colocado à parte do mundo “verdadeiramente” científico, de preferência num baú de incertezas e imprecisões reservado às “pretensas ciências”.

Apesar das inúmeras críticas ao determinismo, em geral superficiais e breves, Hartshorne muito lucidamente ressalta um dos méritos dos autores deterministas ao defender que:

“Um estudo das relações do homem com o meio natural será manifestamente incompleto se não procurar responder à pergunta que indaga em que grau as atividades do homem são determinadas pelas condições desse meio natural. Deverá ser reconhecido que Ratzel e Semple e aqueles de seus discípulos acusados de estrema defesa do “determinismo” tiveram o mérito de haver procurado alcançar uma meta científica. Podemos escapar à censura de defender teorias indemonstráveis, mas dificilmente será lícito reivindicar o caráter científico dos nossos trabalhos se nos contentarmos com uma afirmação de propósitos tão vagamente expressa, que nos oriente para o estudo de relações entre a natureza e o homem sem a obrigação de procurarmos medir essas relações.” (HARTSHORNE, 1978, p. 60)

Assim, parece concordar com Wooldridge and East (1951), que chamam de “cômoda fórmula” a idéia, tanto verdadeira como inútil e pouco profunda, de que são mútuas as relações do homem e da terra.

Tatham defende o “possibilismo” do ponto de vista ecológico-ambiental afirmando que *“‘The ideal of science must be harmony not force’, writes Schrader, and in human geography the possibilist would suggest the maxim should be not conquest of, nor submission to, but co-operation with nature”*. (Tatham, 1951, p. 162)

Heffernan (1999), em artigo sobre as diferentes concepções de progresso humano entre os iluministas franceses, enfoca três autores que ele considera precursores do “possibilismo”, pela ênfase na ação humana e seu poder de controlar a natureza. Em suas palavras *“It must immediately be acknowledged that these three names, though widely discussed by historians of ideas, are rarely accorded much space in the major histories of geography. This may be because all three writers belong to a strand of eighteenth-century thinking which was strongly opposed to environmental explanations of the human condition and particularly towards any form of deterministic reasoning.”* (Heffernan, 1999, p.126). O termo “environmental explanation” é usado de maneira confusa pela literatura. Em princípio significa não mais que uma explanação que faz uso de argumentos em favor da importância de fatores ambientais enquanto influência sobre aspectos humanos. Contudo, por vezes aparece como sinônimo de determinismo ambiental¹⁵³, como nessa última citação. Em outra passagem, Heffernan revela desconhecer a teoria do determinismo ambiental e faz uma comparação entre os três autores estudados com o rótulo do determinismo: *“Rather than interpret human societies as trapped by their physical environments, [Os autores deterministas não usam o termo “trap”, (armadilha, ficar preso) e não afirmam que a sociedade está presa a uma armadilha do seu ambiente físico.] these three commentators emphasized the dynamism of the human mind and its power to overcome, and ultimately to control, the forces of nature.”* (ibid, p.127) Esse “dinamismo da mente humana” e seu poder de superar e controlar as forças da natureza são atributos humanos jamais negados por qualquer pensador. Ao insistir a crítica no uso desses falsos contrastes entre determinismo e possibilismo, fica cada vez mais sedimentada uma dualidade que pouco se sustenta.

A ênfase na liberdade humana e nas possibilidades de alterar a natureza em seu favor conferida por Voley, Saint-Simon e Turgot, no final do século XVIII indica que o possibilismo que viria 100 anos mais tarde não constitui uma novidade, ou seja, é uma teoria que apenas ganhou um nome nas mãos de geógrafos como La Blache e

¹⁵³ E aqui mais uma orelha de porco é jogada na indigesta feijoada semântica da crítica ao determinismo ambiental.

Brunhes. Seu conteúdo já havia sido plenamente formulado durante o iluminismo, e posteriormente foi discutido por inúmeros antropólogos, como Franz Boas. Ao falar sobre Volney, Heffernan explica que *“The relationship between human society and the physical environment is a central theme. Volney insisted on the enormous complexity of this interaction, a view which clearly foreshadows the ‘possibilism’ of French regional geography under Paul Vidal de la blache a century later.”* (ibid, p.138).

Condorcet, pensador iluminista citado por Glacken, é um ótimo exemplo de como certos exageros possibilistas já existiam nas teorias de iluministas, muito antes do suposto surgimento do possibilismo: *“Nature has set no term to the perfection of human faculties...the perfectibility of man is truly infinite; and...the progress of this perfectibility, from now on independent of any power that might wish to halt it, has no other limit than the duration of the globe upon which nature has cast us.”* Essa afirmação que tão ingenuamente confere aos homens um poder quase divino, ignorando, aparentemente, o papel obstaculizador da natureza (incluindo a genética), deve ser considerada mais como uma licença poética ou empolgação do momento, do que de fato uma crença sincera do seu propositor. Afirmar que o fim do planeta seria o único limite para a melhoria indefinida das faculdades humanas é de uma implausibilidade impossível de ser atribuída a grandes pensadores. Ademais, reflete um otimismo típico do iluminismo antropocêntrico.

Sobre Condorcet e Turgot, Heffernan bem pondera que *“The fact that neither could offer a convincing nonenvironmental explanation as to why some peoples had advanced further and more quickly than others from a common starting point*¹⁵⁴ *was a serious flaw in their argument.”* (ibid, p.134). De fato, Heffernan tocou no ponto mais fraco das teorias possibilistas, pois ao enfatizarem os grandes feitos humanos como exemplos da capacidade humana em amenizar ou suprimir as influências do ambiente, esquecem de dar conta dos contrastes verificados entre culturas em termos de nível de

¹⁵⁴ O que nos garante que dois povos desenvolveram-se a partir de uma mesma base? O que significa falar em “mesmo ponto de partida”? O ponto de partida de cada povo não seria sempre minimamente distinto dos demais? De qualquer modo, os deterministas sabiam que povos diferentes lidavam diferentemente com o mesmo tipo de ambiente.

desenvolvimento sócio-econômico. Para Heffernan, entre os pensadores iluministas, *“Many were convinced that external environment exerted a pervasive influence and that human development was ultimately limited, whether by god, nature or both.”* (ibid, p. 134)

Ao trazer a discussão de Turgot sobre Montesquieu, Heffernan entende que *“Turgot was convinced by Montesquieu’s socioeconomic materialism but was repelled by his environmental materialism, the latter running counter to a Lockean position on the potential of the human mind. In an important ‘digression on climate’, Turgot attacked the notion that a region’s climate determines the nature of its human inhabitants, insisting on the ‘need to have exhausted all moral causes before asserting the physical influence of climate’.”* (ibid, p. 130). A questão que deve ser colocada aqui é quantos séculos, se que é possível, seriam necessários para se esgotar todas as causas morais para se entender as diferenças entre os homens. Estão em questão duas hipóteses, uma que advoga causas ambientais, e outra que busca causas morais, e uma não precisa ser inteiramente estudada para se poder finalmente esmiuçar a outra¹⁵⁵, são ambas complementares, necessárias, e fazem parte de qualquer relação homem-meio que se queira melhor compreender.

Ao rejeitar os métodos e conclusões de Montesquieu, Heffernan afirma que Volney *“dismissed all forms of environmental determinism with simple historical and geographical observations: if climate and environment were determining factors, how could a single region (The middle East) experience such dramatically changed fortunes over recorded history with no evidence of comparable environmental transformations? And how could regions with similar environments in the present exist in so many different economic, social, political, and moral circumstances?”* (ibid, p. 138)

Na mesma direção, a de trazer falsas objeções que não resolvem o problema, Heffernan relata que *“As to Montesquieu’s ‘axiom [termo usado para denotar rigidez*

¹⁵⁵ Isso denota certa pretensão em priorizar o estudo de um fator até esgotá-lo (impossível esgotar o estudo de um fator amplo como a natureza), fazendo vistas grossas ao outro fator, tratado como uma “sobra em caso de emergência”.

e dogmatismo de pensamento]...that inhabitants of hot countries must necessarily be indolent, inert of body; and from as analogy, likewise inert in mind and body...and hence unable to resist despotic government', Volney offered a radical political alternative. Inertia and laziness were not caused by climate but by the possession of excess wealth: 'it is not as inhabitants of hot, but as inhabitants of rich countries that nations are inclined to indulgence'. (ibid, p. 138) Aqui tem-se uma resposta evasiva que cria uma outra questão, cuja resposta é complexa e polêmica: o que constitui uma natureza rica? Não seriam os fatores ambientais (elementos naturais)? O clima não favorece a abundância de flora e fauna?

Sem se dar conta da fragilidade da dualidade determinismo/possibilismo, Heffernan insiste que *"Yet without an environmental causation, how could one explain the 'decline' of the civilizations of the middle east? The reasons, he claimed, were 'more general and compelling than the nature of the soil or the climate: they lie in the various social institutions which we call government and religion'"* Autores deterministas reconhecem a complexidade dos fenômenos que estudam, e reconhecem que as influências ambientais estão sempre presentes, em todos os lugares e em todos os tempos. Huntington reconheceu o papel da hereditariedade, Montesquieu, da religião, Comte, um dos mais pensadores mais surrados, reconhece a ação política como um importante fator, isso só para citar alguns dentre uma interminável lista.

Heffernan discute a idéia da ambivalência na obra de Saint-Simon e suas explicações servem de ótimo exemplo do problema do rótulo e da simplificação de autores. Assim, sobre Saint-Simon diz: *"His philosophy has been variously interpreted as utopian socialism, radical bourgeois conservatism, and a forerunner of modern totalitarianism. The ambivalence is neatly summed up by Eric Hobsbawn: Saint-Simonianism 'can be assigned neither to capitalism nor to socialism, because it can be claimed by both'."* Esses qualificativos atribuídos a Saint-Simon, se tomados isoladamente, são apenas uma das facetas do autor, e até mesmo podem não passar de equívocos ou leituras tendenciosas. Assim como tanto o capitalismo quanto o socialismo podem invocar uma relação com o Saint-Simonianism, mesmo sendo

contraditórios em suas propostas de sociedade, tanto teorias racistas quanto anti-racistas podem alegar uma íntima relação com o determinismo ambiental.

Spate também traz colaboração essencial para a desmistificação da famosa dualidade. Mostrou o determinismo no possibilista Toynbee, e o possibilismo no determinista Huntington, e conclui afirmando que:

So far I have examined, in what may seem an unduly critical spirit, two antithetic philosophies of history which have yet a common significant character in that they both seek to establish a pattern and so are broadly determinist. Toynbee, on the whole at least, may seek to minimize, Huntington to stress, physical factors; yet even here they are but two sides of the same coin. The link between them I think is this: that however much they differ as to the role of environment, they both fall into the fallacy that there is or can be such a thing as environment "taken by itself." (Spate, 1952, p. 418-419.)

Spate (1968) também esclarece que na década de 50 havia muitas reações contra o possibilismo. Esses textos evitavam a rudeza do primitivo conceito de controle do meio, assim como negava o beco sem saída do possibilismo, acentuando qualquer situação que girasse em torno da probabilidade, como tantas vezes fizeram, sem admitir, deterministas e possibilistas. Nesses autores nota-se que o ambiente físico não é mais do que uma parte do ambiente total e que as atividades humanas introduzem nele modificações. As influências ambientais atuam através da sociedade e a tradição cultural tem certos efeitos autônomos e recíprocos. Evita o dogmatismo ao mesmo tempo em que sustenta que há um mínimo irreduzível de influência do ambiente.

Quanto ao probabilismo, já foi conceituado como a teoria intermediária entre determinismo e possibilismo, e sobre ele, Martin explica que é similar ao possibilismo e que também é auto-contraditório:

Probabilism. Professor O. H. K. Spate has recently (in a paper entitled 'Toynbee and Huntington: a study in determinism', *Geographical Journal*,

118 (1952), 406-28 proposed to replace Possibilism by a doctrine of Probabilism. This would differ from Possibilism in postulating that while the environment provides a number of possibilities between which man is to choose, some among these possibilities are more probable than others. The most probable of these possibilities would presumably be that which is easiest, as it were, for man to follow, while to follow any of the other less probable courses a progressively greater effort of will would be needed. As a logical basis for a scientific human geography Probabilism differs little from Possibilism, for it maintains that human phenomena are in part determined (in order to decide the order of probabilities) and in part not (in order to allow man to choose between them). The position, as has already been shown, is self contradictory. As an empirical account of the situation as we apprehend it when decisions are made it is debatable whether Probabilism is any improvement on Possibilism (see note c). Possibilism seems to give a better subjective account of the situation of making up one's mind or of advising someone who is doing so. Probabilism seems appropriate when we are, as we often are in geography, objectively and dispassionately considering the choices of other people. To judge from his paper Professor Spate appears to be a practising determinist, and that is, in effect, as much as this paper is contending for. (Martin, 1952, p. 11)

Spate afirma que há uma maré da opinião geográfica (que eu chamaria de “palpiteiros ideológicos” contra a possibilidade de compatibilizar o determinismo com a idéia de que não existe ambiente sem homem (ambiente per se). Assim aponta que:

The danger is in setting up a false duality and so involving ourselves in insoluble or unnecessary questions of the chicken-and-egg order. There is also the danger, shared by possibilist and determinist alike, of anthropomorphizing Nature; those who talk glibly of 'cooperation with Nature's plan' do not often face up to the teleological implications of this phrase. Insistence that there is no human environment without man is not in itself incompatible with the strictest determinism of physical controls. It is not necessary to demonstrate formally the error of that view; it is patent in our examination so far, and indeed the tide of geographical opinion is still running strongly against it. Perhaps too strongly, since it does not seem certain that

'possibilism' as often understood (or misunderstood) is the automatic alternative to a rigorous environmentalism. There may be a middle term, which one might call 'probablism'; nor do I think that more than this is really implied by the original French masters, Vidal de la Blache and the rest. It must be remembered that they worked in an atmosphere steeped in precise methodological thought; English empiricism and American pragmatism may sometimes miss its undertones. Let us take Febvre's famous assertion 'there are no necessities but everywhere possibilities.'¹⁵⁶ I agree with what I take to be the meaning of this sentence; yet there are times when I feel that no single dictum has had a more disastrous influence on modern geographical thought and work. There could be no confusion if Febvre had added 'of which some are more possible than others'; probabilities, that is, rather than a vague assortment of free choices. Febvre himself mentions the negative necessity of not trying to grow pineapples in Greenland, and the much more important matter of commitment by one's choice: 'all possibilities are not compossibilities.' Clearly he did not mean to say that any possibility is present anywhere at any time, and Tatham is right in pointing out that sniping at possibilism on the pineapples-in- Greenland line is futile. Put so bluntly this is a truism; but in practice the emphasis on human initiative, correct in itself, has sometimes been given its head and has landed in thinking which is as intolerably woolly and vague as rigorous environmentalism is intolerably narrow and crude. (Spate, 1952, p.419-420)

Com esse artigo, Spate toca em sua teoria probabilista, por ele lançada no universo geográfico. O probabilismo não despertou as famigeradas críticas lançadas ao deterministas, mas não imperou incólume, pois nenhuma teoria jamais alcançou esse status em ciências humanas. As críticas à Febvre são um tanto partidárias, dada a animosidade histórica entre franceses e ingleses, principalmente no plano das idéias, mas Spate supera partidarismos ao reconhecer que Febvre, na verdade, não acredita num infinito rol de possibilidades, logo, como ele, advoga o probabilismo. Aliás, de minha leituras, ficou a impressão de que todos, desde a idade da pedra lascada, sempre falaram em probabilidade ou em algo próximo a isso. Essa dualidade

¹⁵⁶ Essa frase é a mais recortada e espalhada da obra de Febvre, assim como Semple também tem a sua “frase-estigma”, que será analisada em outro momento.

determinismo/possibilismo parece ter como melhor finalidade propiciar lazer retórico-dialético-sacástico, para uns, e temas para teses de doutorado, para outros.

Segundo os Sprout, havia duas tendências dentre os geógrafos com respeito ao possibilismo: *“1. That the vogue of possibilism divided geographers over the issue of weather choices and decisions were their proper concern at all, and (2) that most geographers in their empirical work, felt a need for some escape from the narrow confines of possibilism. Many resolved this felt need by explaining and predicting choices by means of (generally implicit) assumptions of normally expectable behavior in the milieu under consideration. This seems to us the essence of Spate’s idea of probabilism,...)”* Os Sprout afirmam que um dos motivos para rejeição do possibilismo e a subsequente adoção do probabilismo é a incapacidade do possibilismo em explicar decisões e escolhas. O modelo comportamental do probabilismo permitiu entender melhor essa questão.

3.3. E continua o desastre da crítica: altos e baixos na sua montanha russa

Os críticos saqueiam muitas vezes as vítimas que esfaquearam. Prestai atenção para ver se pouco depois não aparecem, cobertos das vestes e jóias da mediocridade que eles executaram publicamente

Joaquim Nabuco

Neste subcapítulo objetiva-se apontar algumas críticas e objeções direcionadas ao determinismo ambiental, com ênfase no período que se inicia com a contundente cruzada boasiana, cujas críticas são mais bem fundamentadas e lógicas do que muitas que se seguiram, e pontuando alguns problemas nas críticas rasas das obras panfletárias e dos almanaques de epistemologia e pensamento geográfico, que costumam propor uma ponte demasiadamente estreita entre determinismo ambiental e ideologia, reduzindo o primeiro ao segundo, e lançando-o num labirinto de rótulos alienantes, estereótipos improdutivos e generalizações grosseiras que demonstram o desconhecimento de suas origens, disseminação, assimilação, falhas, méritos, importância para Geografia, e relação com as demais ciências.

Neste subcapítulo 3.3, as críticas a autores deterministas específicos serão excluídas, já que fazem parte da análise feita no capítulo quatro. As questões semânticas serão contempladas apenas quando aparecerem mescladas em meio às críticas de outros assuntos, uma vez que já foram suficientemente abordadas no subcapítulo 3.1

No subcapítulo 3.4 as críticas levantadas ao longo da pesquisa serão sistematizadas na forma de 44 afirmações extraídas do conjunto de diversos autores, ou de autores específicos, cujas objeções foram direcionadas ao determinismo ambiental em termos de seus pressupostos, princípios, crenças, falhas metodológicas, generalizações e impactos sobre a ciência e sobre a Geografia da época e da posteridade. De início, é bom lembrar que muitas dessas críticas têm uma mínima fundamentação, e que todas oferecerem alguma contribuição para o esclarecimento do

tema. O determinismo ambiental, enquanto soma de centenas de autores e distintos pontos de vista, e enquanto fruto de uma gama variadíssima de teorias, hipóteses e idéias, inegavelmente incorreu em todos esses equívocos apontados, contudo, trata-se aqui de uma visão aérea, deveras abrangente e assaz perigosa. O “determinismo ambiental” que aparece em autores e obras específicas, não comporta todas essas críticas, e é esse cuidado que proponho a todo instante. Esse cuidado é fundamental para vôos rasantes, para pousos forçados, e principalmente, para desembarques exploratórios.

O geógrafo britânico Spate, em sua obra “Toynbee and Huntington: A study in Determinism” traz contundentes argumentos em favor de seu determinismo, chamado por Martin de determinismo prático, por Freeman de Neodeterminismo e por Hartshorne de Probabilismo.¹⁵⁷ Um estudo detalhado de sua obra possivelmente lhe renderia o título de “Possibilista”, mas segundo Freeman Spate é um neodeterminista assumido. Spate e Taylor são provavelmente os expoentes anglófonos do determinismo pós-segunda guerra, mas já andam esquecidos pela crítica, que encontrou em Jared Diamond um novo brinquedinho para suas tergiversações elocubrantas. Após analisar Toynbee e Huntington e ponderar as nuances deterministas e possibilistas de ambos, Spate parte para uma síntese que revela suas visões a respeito do determinismo e de sua crítica.

Quanto à fuga extremada e enrubescida dos geógrafos que sofriam de “environmentalfobia”, Spate explica que

At bottom the extreme trend away from environmentalism seems to have an odd psychological motivation, a feeling that determinism means philosophical materialism, which is not necessarily so, and that it is thus disreputable or even immoral, which is even less so. To speak of 'controls' is doubtless nearly always illegitimate, but not, I think, quite always. This fear of controls seems to lead to a horror of admitting quite reasonable 'influences.' [aqui há uma objeção que se dirige à idéia de materialismo filosófico, considerado como imoral. Nesse contexto, falar em “condição” e

¹⁵⁷ Viva a diversidade terminológica!

“controle” é praticamente pecaminoso, pois são termos que mexem com tabus, ou seja, há um componente psicológico na explicação da resistência severa ao fato de que a natureza nos impõe, severamente, condições várias, e nos limita cotidianamente em nossos desejos e ambições. Tal constatação está relacionada com uma das lentes musicais (a psicanálise) que propus no subcapítulo 2.7. Spate conclui afirmando que o medo das pessoas em relação à idéia de “controle”, as leva a negar influências ambientais razoáveis, ou seja, fortes e inquestionáveis]. One almost suspects a kind of terrorism of what the French might say; but what if French possibilism were itself geographically determined? It would not be difficult to work out a plausible case, beginning with the Franco-German antagonism after 1870 and the obvious element of reaction against the suspected ulterior motives of Ratzelian political geography; and for that too there are excellent reasons along the lines of old-style historical geography.¹⁵⁸

¹⁵⁸ Com sua criatividade de praxe, Spate brinca, quase seriamente, afirmando que é bastante plausível o fato do possibilismo ter sido determinado pela Geografia alemã. Vamos aos fatos: lá na escola geográfica de terceiro grau, nos contam que a Geografia francesa “nasceu, emergiu, despontou, veio, surgiu, cresceu, resultou” da Geografia alemã que servia aos interesses do estado maior alemão. Assim, corre por aí que a escola francesa de Geografia foi se constituindo na medida em que a Alemanha recém unificada ameaçava seus interesses, ou seja, foi uma reação à política expansionista e à antropogeografia ratzeliana. Também é idéia corrente nas cartilhas e manuais da história da Geografia que o pensamento geográfico francês nasceu com o objetivo de combater as atitudes imperialistas do estado de Bismarck, legitimado pelas teorias de Ratzel. Logo, se a Alemanha imperialista suscitou na França a criação de um escola de Geografia, pode-se falar, simplificando um pouco, em ação e reação. Então, poder-se-ia falar no surgimento da Geografia francesa em termos de estímulo e resposta, e aqui sinto um aroma da “determinista” Ellen Semple, e do bode expiatório do organicismo. Em outros termos: se a “tradição” de comentadores afirmou que a Geografia francesa foi uma reação à Geografia alemã, sem colocar no caldeirão os demais fatores, então não deveriam admitir que a Geografia francesa teria sido “determinada” pela Geografia alemã, pelo contexto imperialista pós-unificação? Uma Geografia determinando a outra? Isso sim seria um determinismo geográfico de pura cepa, *ipsis literis*.

Spate desafia a lógica possibilista com um argumento que considero o mais essencial para acalmar (ou irritar, vai depender do temperamento do crítico) os críticos do determinismo¹⁵⁹:

More important, and indeed something of a test-case for possibilism, as Islam is for determinism, is the question raised by Gauld in these terms: 'we might argue that a plantation economy based on slavery had much more to do with cotton-growing in the United States than any particular group of physical conditions.' This claim merely shifts the problem one stage backwards; it is justified as a protest against a direct determinism of 200 frost-free days automatically producing cotton-growing-if anyone but examinees ever thought on those lines; but as an explanation of the distributions it raises or begs more questions than it solves. Why did this plantation economy fix where it did, and not in New England or New York; or even near at hand in the Appalachians? Factors of social tradition the aristocratic origins of the great grantees against the yeoman, trading or artisan stocks of New England-play their part, and an important one; but no less important, surely, is the actual physical differentiation. On the one hand, in the Appalachians small-scale subsistence farming was at least favored by the dissection and general isolation of the country; one might compare it with the dispersed settlement of highland Britain. On the other hand, in the tide-water counties, terrain-and water transport-favored production of bulk cash crops. To get the best returns from such quasi-monopolies as tobacco and cotton, on rapidly expanding markets, large-scale working was clearly indicated. At this point the social factors enter decisively; given the social climate of the times, plantations and the rest follow. But these social factors after all operate only within given, if sometimes elastic, physical limits. [Isso é afirmado por Brunhes, La blache, Boas, Febvre, etc] To ascribe the dominant and initiatory role to plantation economy as such, is to mistake contingent effect for cause. There is no merely social answer to the question: why a plantation economy in the tide-water and not the upland? (ibid, p.421)

¹⁵⁹ O argumento não é de Spate, é de todos os que criticam o possibilismo. O exemplo utilizado também não é dele, mas o mérito é, por trazer essa lanterna ao leitor.

Spate traz com essa argumentação um desafio, um caso teste, aos possibilistas. Seu argumento é o de que houve um encobrimento da causa anterior, uma fuga. Ao afirmarem que houve escravidão no sul dos EUA devido à demanda da plantations de algodão, não resolvem o problema, apenas criam outro, pois qual o motivo que explica a localização dessas plantações? Sem querer me atirar nessa lama, é melhor dizer apenas que o clima é um fator básico e necessário e que, nesse caso, jamais poderia ser ignorado. Spate segue sua análise precisa:

I do not think, therefore, that the question of environmentalism is as yet finally closed, or is ever likely to be, except in the obvious sense that environment is not the answer to everything. This discovery should not blind us to the fact that in some ways and places it may still be a useful guide. The upshot seems to be that neither environmentalism nor possibilism is adequate without large qualification. As regards environmentalism, two things must be borne in mind: first, the appeal to geographical influences is safest by way of social structures. The direct psycho-physiological effects of climate on individuals after all work themselves out through social life, and in so far as there is an environmental influence on thinking, it is largely subsumed in antecedent tradition, which is a social matter. (...as Febvre says, the idea formed of the environment which matters as much as the brute fact: the facts are as approached. Failure to allow for this leads directly to the major fallacy of projecting backwards present knowledge. But the approach to the facts can never entirely escape the actual facts; this is the qualification of possibilism, at least as too often presented. (ibid, p.422-423)

Spate alerta que nem determinismo nem possibilismo possuem qualquer adequação sem uma abordagem precisa e qualificada. Reconhece, assim como Boas, Sprout e os possibilistas, o papel das estruturas sociais intermediadoras e do psycho-milieu na relação homem-ambiente, e insiste que o determinismo não está morto, não enquanto guia para compreensão das interações homem-ambiente.

Martin¹⁶⁰, em artigo que explica os quatro problemas principais inerentes ao determinismo ambiental, fala do problema do livre-arbítrio e aponta para a inevitabilidade de se pensar o universo e as influências ambientais por outro prisma que não uma causalidade universal e que nosso conhecimento empírico dos fenômenos e da causalidade conflita com nossa experiência moral do livre-arbítrio, criando um dilema que não admite meio termo e que não pode ser resolvido na Geografia meramente substituindo a palavra causa por termo vagos como influência, fatores, condição:

(...the problem of free will. Here is an example, familiar to most of us, of the implications of one side of our experience apparently contradicting another equally valid side of it. On the one hand our experiential knowledge of phenomena appears to demand the category of cause and effect. We can scarcely think of the universe except in terms of causation. Now if we are to believe at all in cause and effect we must believe in their absolute rigorousness. There can be no exceptions. The same cause, if it really is identical and not merely similar, must always be followed by the same effect, without any room for doubt or choice. Similarly every phenomenon must have its cause; there can be nothing uncaused. If we believe that mental phenomena are likewise at all subject to causal laws, we must by implication believe that they too are all rigorously determined, just as the material phenomena are. Yet on the other hand our moral experience seems to tell us equally clearly that we can deliberately influence our states of mind and through these affect not only mental but physical phenomena too. That is the dilemma, and it admits of no middle way. We cannot maintain that causes sometimes operate and sometimes not, that events are sometimes determined and sometimes the results of the free-acting will of man. Geographically speaking, if man's environment ever influences human action at all, it must do so universally, or alternatively, if we maintain our belief in any element

¹⁶⁰ Segundo Spate (1968), Martin (1952) é o primeiro geógrafo a fazer uma reafirmação realmente vigorosa do determinismo ambiental ou, melhor dizendo, da idéia das influências ambientais. Isso mostra que durante as décadas anteriores, havia um grande tabu que soava o alarme ao menor sinal de “fumaça determinista”, inibindo qualquer geógrafo a se pronunciar a respeito, exceto para criticar o determinismo ambiental.

of human choice the whole case for the determination of actions by environment falls to the ground. We do not get out of the difficulty by substituting vague words like factor or influence for the word cause, for these vague words simply indicate partial or continuing causes, equally implying universality and inevitability. (ibid, p.6)

Martin faz afirmações sobre incompatibilidades diversas na questão do determinismo versus livre-arbítrio, mas, segundo a tradição científica e filosófica no assunto, esse complexo assunto não se revolve de forma alguma e o determinismo não é exatamente incompatível com alguma forma de livre-arbítrio. Martin fala muito genericamente, seus argumentos valem para a versão idealizada no lados opostos do espectro, mas pouco ajuda a entender o caso real das teorias ambientalistas. Ao continuar suas objeções, realiza interessante crítica ao possibilismo, mas que é dirigida a uma suposta incongruência e que não vale para o terreno prático do determinismo ambiental. Contudo, Martin quer mostrar o fracasso do possibilismo em tentar conciliar determinismo e livre-arbítrio, mas encara a dualidade no plano abstrato, distante da pesquisa, e não é papel da Geografia resolver esse dilema. Assim, não é lícito atribuir ao possibilismo uma fraqueza por não ter resolvido algo que nem as mais elaboradas filosofias puderam desvelar. O trabalho da Geografia “must go on”.

Moreover the middle way proposed by the peculiarly geographical doctrine of Possibilism will not bear scrutiny either as a solution to the philosophical difficulty, or as a basic hypothesis for human geography. Possibilism is in essence an attempt to place a limit on the causal category, to say that environment rigorously limits man to a certain number of choices, but stops short at that point and leaves him quite free to decide between them. Philosophically this is unsatisfactory because it is illogical. (id)

Filosoficamente, essa crença do possibilismo é ilógica, mas a realidade tem alguma obrigação de se ajustar a lógica filosófica ou científica? Na impossibilidade de se compreender o problema do livre-arbítrio e solucionar seu dilema pelas vias do intelecto e da razão, resta aos seres humanos, pela experiência, acreditar numa possível atuação conjunta de determinismo e liberdade, conforme destaca Martin:

The same environmental forces which narrow man down to a few alternatives must tend to impel him to choose a certain one among the few rather than the others. On the other hand, if man is really free to choose between a few alternatives, then by what force can he be confined to those few only? The answer can only be a sort of limited determinism, and determinism cannot be limited. Possibilism therefore contradicts itself and is not tenable. It affords no way out of the dilemma of determinism and libertarianism, and like all facile solutions is not merely wrong but is mischievous because it inhibits thought. The search for an answer to the 'philosophical' problem of environmental determinism thus ends in a dilemma which admits of no solution. It is probable that all or most people accept the evidence of both sides of our experience and believe, or would like to believe, in the universal and thorough validity of causation and also in human freedom of action, i.e. they subscribe to both of two contradictory philosophical dogmas. (id)

Martin sugere que a saída para esse dilema é possível se abandonarmos o problema da verdade filosófica do determinismo ambiental, para entrar no problema de sua validade como hipótese básica na Geografia humana. *“There can be no doubt that most human geographers in the last twenty-five years have claimed to reject determinism as a fundamental hypothesis and to base their work on Possibilist principles.”* (id). Diante desse abraço a uma teoria que considera insustentável, Martin reage: *“We would do well to rid human geography of this rather ludicrous encumbrance, ludicrous in the unlikelihood that geographers would so easily solve one of the oldest intellectual problems. Some years ago Professors Wooldridge and Linton stigmatized Possibilism as banal. We must go further than calling it names, we must abandon it altogether; and if we do abandon it, we can only replace it either by a complete libertarianism, which would make a scientific geography of man impossible, or by that determinism which they in the same sentence characterized as crude.”* (Ibid, p.7)

Martin segue seu texto demonstrando que o determinismo na Geografia humana foi solapado em duas frentes: a empírica e a filosófica, para então levantar o seguinte

questionamento: a Geografia pode adotar uma hipótese básica metafisicamente injustificável? Para ele, tanto podemos quanto sequer temos outra escolha:

Determinism in human geography, it may well be objected, appears to be undermined from two angles: *first, philosophically*, as has been shown, both because of the difficulty of comprehending the interaction of mind and matter at all, and because of man's presumed freedom of choice which seems to imply the possibility of an exception to, and therefore the invalidity of, the category of cause and effect; second, empirically, by the discrediting of many of the instances put forward by earlier writers in support of the deterministic view. Putting aside for the moment the second, empirical, attack, can we build a self-respecting, scientific geography of man on this insecure metaphysical foundation? [A questão é interessante, mas eu responderia não termos de podemos ou não podemos, mas sim, em termos de “já estamos fazendo, e outras ciências também”.] Or, even though we cannot disprove our philosophical doubts, can we reasonably banish them for practical purposes? Can we adopt as a basic hypothesis a proposition we are unable metaphysically to justify? A logical examination of the basis of all sciences suggests not only that we can but that we really have no alternative but to do so.

Essas constatações de Martin, no que elas têm de “belamente filosóficas”, também têm de “inutilmente óbvias” e “pragmaticamente estéreis”. Saber de tudo isso que o autor explica esmeradamente não alivia as dificuldade de se estudar as influências ambientais, nem desenlaça os grandes nós da teoria determinista. Seu valor parece residir na defesa dos exageros da crítica e na dissolução dos antagonismos em voga na época. Já no final de seu artigo reduz a Geografia a uma ciência que, somente prezando por um determinismo capaz de formular leis, pode ser verdadeiramente científica. Mas a Geografia não-científica da atualidade vai bem, obrigado. Confira:

Geography must assume a deterministic answer to both philosophical difficulties - that mind and matter do influence each other, and that environment does influence man - if it is to be in any sense scientific [a Geografia pouco se sustentaria se negasse a hipótese básica das influências e

condicionamentos dos fatores ambientais]. For without determinism the formulation of any laws, the explanation of any phenomenon is impossible. All sciences are based on assumed hypotheses, and the category of cause and effect is basic to them all. Just as the economist assumes that men are actuated by economic motives (although he may not himself accept this as the whole truth of the matter), so the geographer must assume that men are affected by environment. [convém assumir, para não excluir do espectro geográfico um amplo e fecundo campo de estudos, ou seja, as influências ambientais, mas elas de modo algum definem a Geografia e não devem obrigatoriamente ser estudadas apenas pelo geógrafo.] If geography is to rank as a respectable science it must have a determinist basis: and this determinism, it should be emphasized, must be quite uncompromising. The causal relations that human geographers seek to establish are quite rigorous and ineluctable, not in the sense that everything has a purely geographical cause, but that every geographical cause inevitably and invariably exercises its influence in accordance with the laws or tendencies we seek to expound. [reconhece outros fatores além dos geográficos, mas insiste que há “causas geográficas” (fatores naturais) que exercem inevitavelmente suas influências de acordo com as leis ou tendências que os geógrafos procuram expor e explicar] (ibid, p.8)

Martin finaliza seu artigo criticando o possibilismo e afirmando que se pudermos “limpar” o determinismo ambiental do estigma a ele impresso devido a esses problemas puramente superficiais, como exemplos indevidos, indistinção entre as causas e entre os efeitos e simplificação do mundo humano e do mundo natural, poderemos trazê-lo para sua posição central na disciplina:

We would have to recognize, too, that stated in the guarded though uncompromising terms suggested, determinism would no longer be an exciting doctrine, indeed it would almost rank as a platitude. After all, many other social sciences have in the past been likewise guilty of claiming too absolute and overriding a necessity for their laws, that is to say of underestimating the complexity of the phenomena with which they were dealing. Economics is a particularly clear example of this. All these other sciences have, like geography, been forced to moderate their claims, but

none have gone so far as to renounce the necessary validity of the laws they seek to discover, by adopting so stultifying and so patently weak a metaphysical foundation as this impossible Possiblism. (id)

Ao final de sua ampla reflexão sobre os problemas metafísicos que confrontam geógrafos na busca pela compreensão da interação homem-ambiente, Martin realiza uma síntese na qual enfatiza a idéia de que os deterministas não afirmaram que o ambiente é o fator mais importante, mas tão somente asseveraram que sua função como geógrafos é examinar esse tipo de influências em vez de outras. Também lucidamente exorta os geógrafos a não levarem o determinismo ambiental tão “a sério”, ou seja, enquanto real natureza das coisas, mas sim concebê-lo como uma hipótese básica de trabalho que no todo funciona, apesar de não ser uma verdade absoluta da realidade:

After all this speculation, some practical conclusions may be summarized. **First**, and most important, the basic problems facing geographers are common to the whole of human inquiry, and their solution is not to be found along purely geographical lines. **Secondly**, other sciences dispose of some of these difficulties by assuming the validity of cause and effect and of other relevant notions. Geographers should recognize that they must follow suit and postulate the influence of geographical environment, simply as a basic hypothesis, not as a metaphysical assertion concerning the real nature of things. **Thirdly**, in making this basic assumption geographers do not assert that the geographical environment is the only or even the most important determinant of human activity, they merely state that their particular business is to examine this group of determin-ants rather than the others. **Fourthly**, it is perhaps worth emphasis that in accepting this conclusion geographers do not thereby exclude themselves from believing either or both of two things. (i) They may and probably do, as geographers, believe that this fundamental hypothesis, although only a hypothesis, is one which if not in fact absolutely true of reality, is at any rate a part of the truth about it, and that it is a hypothesis which on the whole works. (ii) They may, as philosophers, believe that although the postulated causal law, which is the working faith of all sciences, may not be reconcilable at the scientific level

with a belief in human freedom, yet it is possible the contradiction may be re-solved at a metaphysical level. (ibid, p.9)

Sobre a falácia de que as restrições impostas pelos fatores ambientais podem ser resolvidas pela tecnologia, ou seja, que é uma questão de “preço a ser pago”, Spate é impiedoso: *“Em cierto sentido se puede salvar el escollo diciendo que todo es posible en todas as partes siempre que se este dispuesto a pagar el precio; pero entonces el pago del precio es una adaptación obligada al médio ambiente. Rechazar los controles para caer en una negación de las influencias no nos lleva a parte alguna, o si a alguna nos lleva, es al solipsismo.* (Spate, 1968, p.63) Assim, Spate é forçado a declarar o que é evidente, ou seja, o próprio fato de que um país tenha que dispendir uma fortuna para superar uma limitação natural é ele mesmo fruto de uma influência do ambiente, pois sem o fator ambiental limitante, esse país não precisaria gastar uma fortuna, ou seja, devido ao papel exercido pelo clima, ou pelo solo, ou outro fator, uma sociedade é forçada a enormes gastos para se proteger, ou para saciar suas ambições, básicas ou supérfluas. Dessa forma, as influências ambientais dificultam ou facilitam aos homens a consecução de suas ambições e a realização de seus caprichos, sonhos e fantasias. E nesse sentido então se pode falar em influências ambientais sobre a psique desses seres que buscam tais realizações. Ainda sobre a “idéia do preço a ser pago”, Martin cita o exemplo do pólo sul, extraído de Bowman, para evidenciar a ingenuidade do argumento de Tatham, num dos momentos mais convincentes da crítica aos excessos possibilistas:

In modern circumstances the determining influence of environment has, as Mr. Tatham says (Geography in the twentieth century, p. 162), been largely translated into terms of price. But price is simply the reflection of a relative and ultimately an absolute limitation of natural and human resources. It is true, as the late Isaiah Bowman said (Geography, in relation to the social sciences (1934), 164), that man 'can build a comfortable and well-lighted city and provide education, opera and games at the South Pole', but this city could only be built with the aid of a surplus of industrial and agricultural

wealth accumulated from the more favored zones. Should all mankind attempt to live at the poles and abandon the warmer latitudes, an absolute environmental prohibition would be encountered. Price as it were softens the impact of environment, for it allows exchange and substitution of resources to meet different difficult situations, but behind price lies not only the relative but ultimately the absolute limitation of the means of livelihood. We are faintly conscious of this absolute limitation only in the case of agricultural land, but in the last analysis it characterizes every resource. (Martin 1952, p.11)

Platt, apesar de pesadas críticas ao deterministas, reconhece que nenhuma objeção convincente foi dirigida aos seus estudos e que estes foram importantes para o avanço do entendimento da vida na terra, mas que sua importância é histórica, pois devemos avançar para abordagens mais complexas:

So an environmental interpretation has been attached to history from epoch to epoch, as well as to human life from region to region. And this interpretation has not been completely exterminated by any objection which can be easily stated. Probably environmentalism has served a good and useful purpose in the advance of knowledge toward practical understanding of life on the earth. But, similarly, ideas of the earth as a flat body or of racial differences due to mental capacity have served a practical purpose in their time and now are superseded by other concepts more nearly in accord with the present range of known facts. Natural environment, important though it is, does not have the simple correlation with human life that environmentalism suggests. For further advance, more valid lines of approach have become available to replace environmentalism not only in extreme forms, already recognized as false, but also in mild forms, which are, at best, misleading. (id)

Esta última idéia não pode ser tomada como uma crítica a todos os autores deterministas, pois Platt entende por “mild environmentalism” uma teoria que afirme que os fatores ambientais exercem uma influência direta sobre a vida humana e isso não é válido para os vários autores que defendem, sobretudo, as ações indiretas dos

fatores. Platt não especifica se esse determinismo suave defende que há influência ambiental direta em tudo, ou apenas em algumas características do homem e da economia, por exemplo. Essa vaguidade da crítica ao determinismo impede uma precisa análise da história da idéia das influências ambientais e de seus críticos.

Platt argumenta que as escolhas feitas no passado e que hoje limitam as pessoas às suas atividades não foram impelidas pelo ambiente natural, mas sim pelo jogo da história, por sua vez incorporado na cultura. Para justificar-se, usa o seguinte exemplo:

For example, in the Great Lakes region farmers have been limited agriculturally to a certain range of possibilities, mainly involving cereals and livestock. But if some of our ancestors at the dawn of civilization had not chosen to domesticate certain grasses as cereals and certain four-footed animals as livestock but, instead, had chosen to develop fungus growths or edible insects as a basis of productive culture, our mode of life might be now utterly different in ways which the natural environment might support as well as it does our present agriculture, or conceivably better. (ibid, p.352)

Com isso, quer dizer que a natureza oferece alternativas e que nunca força o ser humano a seguir um caminho único e inevitável. Dentre essas alternativas, segundo ele, os habitantes dos grandes lagos escolheram a agricultura de cereais e a pecuária, mas poderiam ter escolhido a criação de fungos e de insetos comestíveis¹⁶¹, o que tornaria a vida atual dessa população totalmente diferente. Assim, seria “modo de vida” (La Blache) da população (suas atividades econômicas e tudo que gira em seu entorno) que explicaria suas diferenças em relação a outra região, que no caso se distinguiria por adotar outra atividade econômica.

Mas novamente, a pergunta fica suspensa: quais as razões que levaram à escolha da agricultura e pecuária e não outras atividades? Não foi respondida. Em outras palavras, se a natureza dos Grandes Lagos tem condições favoráveis à agricultura, porque razão os homens escolheriam outras atividades numa época que

¹⁶¹ Por que escolheriam criar fungos e insetos comestíveis se havia solo e clima adequados para a agricultura, que rende mais, e se havia demanda apenas por produtos agrícolas?

sequer havia a opção de instalar indústrias? Considerando hipoteticamente que todos os povos da terra, naquele período, tinham domínio das técnicas agropecuárias, e considerando a obviedade que todos eles precisavam de alimento para sobreviver (e em alguns casos, para comercializar), porque razão ou capricho ou teimosia não “leriam” na natureza da região a possibilidade de implantar a agropecuária? Ou seja, nesse caso, tudo parece apontar para os fatores solo e clima, como explicações cruciais e fatores iniciais ¹⁶² para se entender a atual presença da atividade agrícola na região.

Platt, e vários possibilistas simplificam a complexidade das motivações em jogo nas escolhas humanas, pois acreditam que é uma questão simples a de que, basta querer, para que se ignore o potencial agrícola de uma área e se parta na direção da criação de “insetos comestíveis”. Para ele, esse querer parece pairar no ar, como se o querer não proviesse de um homem que sabe, muitas vezes, identificar as potencialidades de uma região natural, reconhecer que depende dela, e adaptar-se às demandas econômicas do momento. Se o ser humano conhece as potencialidades, e se necessita da natureza para suas atividades, irá usá-la e nesse sentido, a existência de solo e clima adequados é a causa inicial, juntamente com a vontade e a necessidade humana, de tudo que foi se desenvolvendo posteriormente. Clima e solo não “causaram” tudo que veio após seu uso, antes, foram o estopim, o fator inicial, impulsionador, sem o qual os rumos teriam sido radicalmente diversos. Sem as condições naturais propícias, não haveria agricultura no oeste paranaense a um custo viável para a econômica brasileira da época. Fosse um deserto, a sua transformação em um celeiro apenas seria colocada em prática caso se pagasse um preço elevadíssimo, ele mesmo tão proibitivo quanto a aridez da região.

No Chile, país economicamente menos desenvolvido que os países do “norte rico”, vi pequenas ilhas de plantações de milho em pleno deserto do Atacama, mas por qual motivo há extensas áreas improdutivas? Primeiramente porque não podem pagar

¹⁶² Ou seja, inicial no sentido de que não é suficiente para explicar o atual uso da natureza, pois após seu aproveitamento inicial, na época colonial, vários fatores poderiam comprometer a agricultura da região como, problemas ambientais, decisões políticas e até mesmo variabilidades e oscilações climáticas, que não podem ser descartadas na explicação do declínio de áreas agrícolas.

pelo custo de torná-las produtivas¹⁶³, pois em Israel, que pode bancar os elevados custos, áreas maiores são cultivadas no deserto. Assim, o clima não impede a agricultura, mas a torna caríssima, e dessa forma, o clima é responsável pelos elevados gastos de Israel com agricultura. Se o clima não determinou esses gastos, então quem o fez? Partimos do princípio que Israel precisa desenvolver agricultura, ou no mínimo, quer produzir, sem depender demasiadamente de importações. Assim, o clima ou impede a agricultura (quando o país quer produzir e não pode pagar pela amenização das limitações), ou gera custos elevados (quando o país quer produzir, quer pagar, e pode pagar). Aqui os fatores humanos foram considerados, vontade, intenção, recursos financeiros, e mesmo assim o clima permanece como uma condição para a agricultura com baixos custos, ou, por outro ângulo, como causa dos elevados gastos.

Sobre a influência decisiva e implacável dos fatores ambientais, Chappel Jr apresenta um exemplo banal, mas que mostra que as influências ambientais distribuem-se por uma ampla gama de situações, algumas das quais são determinantes e não admitem escapatória: “(*...As when a man crouching in a ditch in the middle of an open field during an unexpected thunderstorm gets hit by a lightning bolt, the environmental influence is strictly a one-way street, with no reasonable alternatives and no conscious response.*” (Chappel, 1971, p.199). Ou seja, nesse caso não importa a percepção da pessoa, a renda, a cultura da sociedade na qual se insere, e não se pode falar em adaptação, pois é simplesmente um ato rápido e violento da qual não se pode escapar. E a natureza, em particular o clima, é plena dessas “performances”.

Os escritos de Sprout, de grande importância para o tema desta tese, contém uma cuidadosa análise semântica das hipóteses correspondentes às categorias “determinismo ambiental”, “Ambientalismo livre-arbítrio” (que equivale ao “determinismo ambiental atenuado”, “possibilismo”, “probabilismo” e “behaviorismo cognitivo”. Esses autores, supostamente possibilistas, expuseram os resíduos lógicos do pensamento determinista que se acham explícitos no enfoque possibilista, e aceitam com reservas o probabilismo, ainda que seu possibilismo pareça aos olhos do geógrafo

¹⁶³ Em muitos casos entram em cena também os feitos colaterais da radical transformação da natureza, que pode não valer a pena, impedindo-a de ser transformada para abrigar certa atividade econômica.

um mero probabilismo, ao passo que seu probabilismo contém, por sua vez, um elemento preditivo mais evidente que o “permitido” pelos possibilistas.

Esses autores são do campo da ciência política e mostram a relação dessa área com o determinismo ambiental por meio da exposição de termos frequentemente empregados pelos teóricos políticos, cujos discursos estão impregnados de termos e idéias ambientais:

“all contemporary textbooks give attention to the “factors” that “influence” or “condition” the “policies” and “affect” the “capabilities” and “relations” of international nations. These “foundations” or “elements” of national Power are expounded under such rubrics as “geography” [fatores geográficos], “natural resources”, “industrial capacity”, “population”, “national character”, “national morale”, “military preparedness”, and “quality of diplomacy” and of “govern”. (Sprout, 1965, p.5)

Falam também que os teóricos políticos empregam termos ambientais de maneira vaga e imprecisa e que raramente demonstram preocupação com a conotação dos termos que usam. Além disso, são ainda menos competentes para compreender os mecanismos envolvidos na relação homem-ambiente, que são tomados como certos. *“Few theorists and still fewer interpreters of political events seem to be even dimly aware of the semantic and conceptual puzzles that lurk in their vocabulary and rhetoric, or of the historic controversies that have raged around different modes of connecting up environmental conditions and events with human endeavours and achievements.”*(ibid, p.6)

Esses diferentes modos de conectar as condições ambientais com as empreitadas e conquistas humanas são o tema do livro dos Sprout chamado “Ecological perspectives on human affairs with special reference to international politics”, que procura examinar a ecologia humana (um ramo da sociologia bastante semelhante ao seu primo geográfico “determinismo ambiental”), e o uso de seus conceitos e terminologias feito pelos teóricos políticos. Por isso os Sprout falam da “perspectiva ecológica” nos assuntos humanos. A ecologia humana é a extensão dos conceitos emprestados da ecologia para o domínio social, e isso foi feito pelo

determinismo ambiental e pelo possibilismo, daí a proximidade desses dois membros de uma mesma família. A ecologia humana estuda as relações entre o homem e seu ambiente físico e social.

Human ecology, one of the latest arrivals on the social science scene, has borrowed its conceptual frame-work and methods from plant and animal ecology. Malthusianism, Darwinism, the social survey movement, and human geography [Entenda-se aqui a nascente Geografia humana de fortes nuances deterministas] are among the precursors of human ecology, which first received systematic formulation by Park and others about 1915. It strives for the objective depiction and analysis of the spatial, temporal, physical, and technological bases of social life. [Isso coincide com os estudos da Geografia] The capacity for symbolic communication, rationality, relatively great mobility, and formal organization and control and the possession of a technology and culture distinguish human beings from plants and animals; the recognition of these differences makes human ecology a unique social science discipline. It is concerned with localized, or territorially delimited, social structures and phenomena, the community being the core concept. [com exceção do conceito de comunidade, da biologia, essa preocupação é bastante geográfica, ao relacionar delimitação territorial e localização com fenômenos e estruturas sociais.] The definition of natural, as distinguished from administrative, areas and of regions has been one of its chief theoretical and practical contributions. The discovery of the patterns into which social phenomena group themselves and of the coincidence of the patterns has had important implications for social control and planning. Ecological facts, not being self-explanatory, [aqui ele se refere a um defeito atribuído ao determinismo ambiental] must be understood in the light of sociocultural and psychic phenomena. (Wirth, 1945, p.483)

Wirth afirma que *“Whatever else men are, they are also animals, and as such they exhibit the effects of physical aggregation and of their habitat. Much of what subsequently became human ecology had already been studied in a less systematic and scientific manner by geographers, historians, and philosophers under the general theme of “environmentalism.”* Aqui o autor mostra que estudos deterministas

(ambientalistas) feitos por historiadores e geógrafos se antecederam aos estudos da ecologia humana¹⁶⁴. Wirth relaciona ecologia humana com a Geografia e explica em que aspecto dela difere:

Human ecology, as Park conceived it, was not a branch of sociology but rather a perspective,[é nesse sentido que os Sprout a analisam] a method, and a body of knowledge essential for the scientific study of social life, and hence, like social psychology, a general discipline basic to all the social sciences. He recognized its kinship to, and derivation from, geography and biology. But he emphasized that, unlike the former, human ecology was less concerned with the relationship between man and his habitat than with the relationship between man and man as affected, among other factors, by his habitat. (ibid, 484)

On the contrary, as has been adequately demonstrated through numerous investigations, types of attitudes, personalities, cultural forms, and social organizations and institutions may have as significant an effect in shaping ecological patterns and processes as the latter have in conditioning social and social-psychological phenomena. Indeed, in view of our present-day knowledge concern-ing social causation, we might well be predisposed to follow the general principle that physical factors, while by no means negligible in their influence upon social life and psychological phenomena, are, at best, conditioning factors offering the possibilities and setting the limits for social and psychological existence and development. In other words, they set the stage for man, the actor. We are not yet far enough advanced to say with confidence what importance shall be ascribed to any one factor operating in the complex sphere of the social and the psychological, much less to evaluate the rela-tive importance of physical as distinguished from social and psychological factors. (ibid, 488)

¹⁶⁴ O termo ecologia humana chegou à Geografia por meio da sociologia, quando Barrow, da universidade de Chicago, definiu a Geografia como a ciência da ecologia humana. (Barrows, 1923) Hoje é pouco difundido e usado pois é visto como um termo vago que aparece em várias ciências, e além disso é associado com idéias populares no início do século XX, dentre elas a de determinismo ambiental.

Este importante trecho do texto de Wirth, em poucas palavras, diz que a cultura influencia o ambiente tanto quanto este influencia a cultura, e que essa influência ambiental se dá na forma de condicionamento que oferece possibilidades, ao mesmo tempo em que estabelece alguns limites para a existência e o desenvolvimento psicológico e social. Assim, a ecologia humana se aproxima do possibilismo.

Há nuances específicas no determinismo ambiental, possibilismo, probabilismo, ecologia humana, determinismo stop-and-go, mas basicamente, em suas idéias principais, são bastante semelhantes, porém distinguir as exatas diferenças se torna tão mais difícil quanto mais se lê sobre eles por meio de seus críticos. Pelas leituras feitas dos próprios autores dessas teorias seria possível entender melhor as diferenças, mas se já é difícil ler as principais obras do determinismo ambiental e analisá-las, imagine então compará-las com centenas de outras obras das teorias correlatas. Por esse motivo é que tudo continua caoticamente mal explicado e tantas controvérsias e contradições emergem em torno do tema. Ninguém ainda se propôs a desemaranhar esse novelo-mundo do tamanho de todas as ciências humanas. Os que tentaram, com seus artigos breves, pouco conseguiram elucidar.

Para complicar um pouco mais essas obscuras e controversas relações entre “teorias-irmãs-que-pensam-serem-primas”, Freilich escreve um artigo para mostrar que a abordagem ecológica (chamada pelos Sprout de perspectiva ecológica) na antropologia a aproximava do determinismo ambiental. Isso não deve causar surpresa, pois na antropologia os estudos afins ao determinismo ambiental foram tão ou mais freqüentes que na Geografia. Sobre a febre ecológica na antropologia, Freilich afirma que *“June Helm (1962: 630-640) wrote of the “rise in emphasis on ecology that is evidenced jointly in studies by archaeologists and by ethnologists and social anthropologists” and in the same paper provided an extensive bibliography, listing a great variety of ecological studies in anthropology. Paul Baker (1962: 20) wrote similarly: “Within the last 10 years an increasing emphasis on the role of environment may be noted, and this has proved a productive approach to culture historical problems.”* (Freilich, 1967, p.31)

Note-se que Baker vê a ênfase no papel do ambiente como algo produtivo para se compreender problemas histórico-culturais.

No referido livro dos Sprout, apesar do capítulo três chamar-se “environmental determinism”, eles precisamente referem-se ao “strict environmental determinism”. No capítulo quatro, explicam que, em face da quase não existência de um determinismo rigoroso, e que por ser freqüente o emprego de verbos que sugerem ou implicam em alguma liberdade de escolha entre alternativas, é melhor falar em “free-will environmentalism”, ao qual eles dedicam o capítulo quatro. A variedade, algumas vezes confusa, de termos, é levantada pelos autores: *“This posture is variously called mild environmentalism, physical environmentalism, or simply environmentalism. A more apt label would be free-will environmentalism.”*

Norgaard, assim como outros críticos descuidados, faz críticas ao rótulo determinista e ao rótulo possibilista, direcionando seu ataque às versões idealizadas desses dois binômios:

People in the first category rely on the supposition that environmental factors ultimately determine what people can and cannot do. People in this group, the environmental determinists, emphasize the individual facts we have learned about nature by studying it apart from people. Taking nature as “given and fixed”, they argue that people must learn to conform to her laws. They cite all of the surprising and unfortunate side effects of our attempts to manipulate nature as evidence of their position. People in the second group assume we are learning how to manipulate nature to do our will and that any problems we experience in doing so today will be overcome by the advance of science sufficiently soon to avoid any ultimate catastrophes. People in this group, the cultural determinists, cite the long history of successful technologies, the corresponding improvements experienced in the well-being of people in the industrial nations, and our ability to overcome problems thus far. (NORGAARD, 1994, p. 75)

E continua sua análise com alguns equívocos e com a constatação acertada de que houve batalhas improdutivas entre determinismo e possibilismo e que por conta disso, problemas referentes à relação homem-meio foram se acumulando:

Environmental determinists have emphasized that particular environments force people to behave in predetermined ways and that people are similar in comparable environments. Cultural determinists have argued roughly the opposite, that people transform, and thereby determine, their environments and that culture are surprisingly varied within similar environments. [Huntington também pensava assim e norgaard desconhece isso] While many scholars have tried to synthesize the two lines of reasoning into a more sophisticated explanation [probabilismo] of the relationships between people and their environment, members of each school of thought have had a strong proclivity toward their respective simple, extreme positions. Environmental problems continue to accumulate in part because of the effort wasted in unproductive battles between these two positions. (ibid, p. 76)

Finalizando a análise da crítica ao determinismo, convém trazer a contribuição boasiana para o tema. A primeira consistente crítica ao determinismo ambiental parece provir não de um geógrafo, mas de um antropólogo, Franz Boas, que ao longo dos 50 anos de carreira na Columbia University, escreveu artigos e promoveu seminários para discutir o papel dos fatores ambientais e históricos na cultura. Boas, 7 anos após a publicação da Antropogeografia de Ratzel, lança o que parece ser as primeiras críticas ao determinismo ambiental, em sua obra “The aims of ethnology”, publicada em 1889, muitos anos antes das principais obras de Semple e Huntington e mais de 20 anos antes dos “possibilistas” Febvre e Brunhes.

Boas, ao longo de sua carreira, não deixou de atribuir aos fatores ambientais algum poder de influenciar a cultura:

An isolated community that remains subject to the same environmental conditions, and without selective mating, becomes, after a number of generations, stable in bodily form. As long as there are no stimuli that modify the social structure and mental life the culture will also be fairly permanent. Primitive, isolated tribes appear to us and to themselves as stable, because under undisturbed conditions the processes of change of culture are slow. (...) It is obvious that in all these cases we are comparing groups of the same descent, but living in distinct geographic, economic, social and other

environmental conditions. If we find differences among them, they can only be due, directly or indirectly, to environment. Thus the fundamental problem presents itself, in how far are human types stable, in how far variable under the influences of environment?" (BOAS, 1939, p. 132 e 87)

Boas, no trecho abaixo, reconhece vários tipos de influências dos fatores geográficos:

Culture has also been interpreted in other ways. Geographers try to explain forms of culture as a necessary result of geographical environment" It is not difficult to illustrate the important influence of geographical environment. The whole economic life of man is limited by the resources of the country in which he lives. The location of villages and their size depends upon the available food-supply; communication upon available trails or waterways. Environmental influences are evident in the territorial limits of tribes and peoples; seasonal changes of food-supply may condition seasonal migrations. The variety of habitations used by tribes of different areas demonstrate its influence. The snow house of the Eskimo, the bark wigwam of the Indian, the cave dwelling of the tribes of the desert, may serve as illustrations of the way in which in accordance with the available materials protection against exposure is attained. Scarcity of food may condition a nomadic life, and the necessity of carrying household goods on the back favors the use of skin receptacles and baskets as substitutes for pottery. The special forms of utensils may be modified by geographic conditions. Thus the complex bow of the Eskimo which is related to Asiatic forms takes a peculiar form owing to the lack of long, elastic material for bow staves. Even in the more complex forms of the mental life, the influence of environment may be found; as in nature myths explaining the activity of volcanoes or the presence of curious land forms, or in beliefs and customs relating to the local characterization of the seasons." (BOAS, 1939, p.189-190)

Boas explica que o ambiente pode modificar a cultura, mas que não é capaz de criar a cultura, algo, todavia, que Semple e Huntington também concordariam plenamente:

However, geographical conditions have only the power to modify culture. By themselves they are not creative. This is clearest wherever the nature of the country limits the development of culture. A tribe, living without foreign trade in a given environment is limited to the resources of his home country. The Eskimo has no vegetable food supplies to speak of; the Polynesian who lives on an atoll has no stone and no skins of large mammals; the people of the desert have no rivers furnishing fish or offering means of travel, these self-evident limitations are often of great importance. (BOAS, 1939, p.190)

As críticas boasianas agrupadas na citação seguinte, também são críticas feitas por Semple e Huntington:

It is another question whether external conditions are the immediate cause of new inventions. We can understand that a fertile soil will induce an agricultural people whose numbers are increasing rapidly to improve its technique of agriculture, but not, how it could be the cause of the invention of agriculture. However rich in ore a country may be, it does not create techniques of handling metals; however rich in animals that might be domesticated, it will not lead to the development of herding if the people are entirely unfamiliar with the uses of domesticated animals. If we should claim that geographical environment is the sole determinant that acts upon the mind assumed to be the same in all races of mankind, we should be necessarily led to the conclusion that the same environment will produce the same cultural results everywhere. This is obviously not true, for often the forms of cultures of peoples living in the same kind of environment show marked differences. Environment always acts upon a preexisting culture, not on an hypothetical cultureless group. Therefore it is important only insofar as it limits or favors activities.” (BOAS, 1939, p.190 -191)

Garavaglia, assim como Boas, assume a cultura como um fator essencial na relação dos humanos com seu ambiente e explica que os mexicanos preferiram desenvolver a agricultura e suas cidades sobre as águas por não conhecerem alguns inventos como a roda e por não usarem animais para transporte. Assim, reconhece que a cultura, enquanto conhecimento acumulado, pode direcionar os rumos tomados por

uma civilização em relação ao uso de seu ambiente. Nesse caso, poderia se objetar, como o fez Semple e outros ambientalistas, que alguns inventos são estimulados por fatores ambientais, como a existência de algum aspecto da natureza que propicie a concretização do invento. Assim, é lúcido lembrar que por mais que se assuma que a natureza antecede o *homo sapiens* e que por essa razão foi a base primeva de sua cultura, ao longo da evolução humana a natureza foi cedendo espaço para uma participação cada vez maior da cultura em nossas vidas.

W. D. Wallis, geógrafo que foi fortemente influenciado por Boas e Sauer, tece algumas ponderadas críticas, e outras também infundadas, que serão discutidas a seguir. Suas críticas centraram-se em torno da incapacidade dos deterministas em perceber que as influências ambientais são mediadas pela cultura e dela dependentes. Assim, para Wallis, assim como todos os culturalistas boasianos e da escola cultural de Berkeley, as particularidades de um dado ambiente não se figuram necessariamente numa vantagem ou desvantagem, pois esse status é conferido por cada cultura, com seu modo particular de conceber seu ambiente, e com suas técnicas que permitirão fazer ou não uso desses elementos da natureza transformando-os em vantagens para a sociedade. Daí ser equivocado, para o autor, afirmar que o ambiente determina ou condiciona o desenvolvimento de uma sociedade, haja vista que esse desenvolvimento não é uma simples função do que está à disposição na natureza, mas sim, está na dependência da cultura e sua capacidade de olhar para a natureza e nela enxergar vantagens aproveitáveis segundo a tecnologia disponível. Assim, mesmo num ambiente muito favorável aos homens, a cultura ali instalada deve ser avançada o suficiente para tirar desse ambiente algum proveito.

Em questões climáticas, Wallis reconhece que não se deve subestimar os efeitos das condições climáticas sobre a mentalidade e força física, em acordo, portanto, com autores como Huntington e Semple. Contudo, explica que o clima afeta civilizações diferentes e pessoas diferentes de maneira distinta. E aí reside outra crítica, direcionada à não observância determinista de que civilizações e pessoas não consistem numa tábula rasa que recebe passivamente e de maneira idêntica as influências ambientais. Assim, nota-se que as críticas de Wallis não trazem nada de

novo ao já abarrotado arsenal antideterminista, pois nada mais fez que reavivar as antigas críticas de Boas, de Sauer, e de alguns possibilistas franceses.¹⁶⁵ Essas duas críticas são pertinentes, mas são válidas apenas para alguns deterministas, pois os gregos, assim como Montesquieu, Semple e Huntington já tinham em mente estes alertas e não eram ingênuos a ponto de desconsiderar essas idéias.

O melhor exemplo de análise leviana e crítica infundada encontrada na bibliografia dessa tese, dentre as obras estrangeiras, está presente em Johnston, na obra *Geografia e Geógrafos*, que peca por certo tratamento em passant da história da Geografia (anglo-americana a partir de 1945) e cuja disseminação foi enorme no Brasil, pois a obra foi traduzida do seu original em inglês e é vista desfilando em inúmeras teses na forma de citações de suposto efeito, mas que obscurecem a complexidade do assunto relacionado à citação. Ler essa obra e se contentar com ela é conhecer a história do pensamento geográfico em terceira mão, por um prisma tendencioso do autor, e fragmentada em partes sem qualquer profundidade de análise. Os méritos da obra são outros que não o de aprofundar assuntos tão caros à Geografia, como o da idéia das influências ambientais. Após afirmar erroneamente que “as origens do determinismo ambiental estão no trabalho de Charles Darwin”¹⁶⁶, mostrando desconhecimento dos antecedentes iluministas, positivistas e mecanicistas e até mesmo, diga-se de passagem, dos antecedentes na teoria médica e na teoria dos humores da antiguidade clássica¹⁶⁷, rotula Ratzel de “o principal, entre os deterministas ambientais do início do século XIX”, e resume uma autora da magnitude de Semple em 4 linhas, citando uma única frase de sua obra: “*O homem é o produto da superfície terrestre*”. Com esta frase está lançada toda uma obra, toda uma escola de Geografia, nas fogueiras do rótulo e da citação descontextualizada, caso que evidencia a intenção do autor de estigmatizar a autora por meio de uma frase que,

¹⁶⁵ Hipócrates já afirmava que instituições podiam alterar as qualidades induzidas pelo ambiente físico, ou seja, já reconhecia a cultura como um agente que interferia nas influências ambientais. Polybius também reconhecia a influência da cultura, e dessa forma se esvaziavam muitas críticas injustamente direcionadas aos deterministas.

¹⁶⁶ Frase inclusive utilizada em uma tese de doutorado em Geografia.

¹⁶⁷ Glacken atribui à teoria médica o surgimento da idéia das influências ambientais.

recortada assim tão grotescamente, nada tem a contribuir para a real compreensão do tema. Certas levandades, ora mais graves do que as verificadas em obras estrangeiras, ora menos graves, mas ambas igualmente danosas para os leitores, principalmente para estudantes de graduação, foram observadas em obras de autores Brasileiros, mas não será o caso de analisá-las nesta tese por questão de espaço e propósitos.¹⁶⁸

Ainda sobre o primeiro problema da falta de embasamento e contextualização necessárias para se julgar autores, obras e teorias, cabe alguns questionamentos. Desde quando procurar leis universais na natureza é uma heresia? A crítica ao determinismo endereçada à ousadia de procurar leis universais na esfera cultural e humana parece ter deixado alguns geógrafos tão traumatizados que estes acabam criticando até mesmo os cientistas que procuram (e encontram) leis universais na natureza!

Chamo atenção mais uma vez para o fato de que os pesquisadores, em geral alunos de pós-graduação, fazem citações justamente de obras que realizam leituras questionáveis dos autores estudados, pois esses pesquisadores esquecem de usar alguns critérios para reconhecer quais autores são autoridade sobre determinado assunto, em outras palavras, o levantamento bibliográfico é desordenado e pouco pertinente e seleciona-se apenas o que está um passo a frente e ao alcance do olhar, ao passo que as obras essenciais e de referência máxima estão muito distantes, do outro lado do oceano ou em meio ao grande número de artigos hoje disponíveis em meio virtual. O excesso de artigos na atualidade é um grande desafio para os que precisam garimpar nessa “Serra Pelada”, pois a quantidade é valorizada em detrimento da qualidade. Isso sem falar nos recortes descontextualizados de autores consagrados que abundam nas dunas do deserto da crítica, e cuja genialidade é facilmente transformada em chacota sob insinuações de imprudências científicas várias. Com esse alerta pretendo exatamente mostrar que predomina na pesquisa brasileira em Geografia (nas demais ciências deve ser o mesmo, mas não me cabe analisar) um telefone sem fio que impede o jovem pesquisador de ir às fontes, aos originais e aos clássicos. Ao recorrer à

¹⁶⁸ Esta tese discute o tema do determinismo ambiental conforme apareceu nos discursos e críticas da Geografia anglófona e, secundariamente, francesa, e por essa razão não trouxe para o debate obras da Geografia brasileira, até mesmo porque sua contribuição ao tema foi menos relevante.

estratégia do “x disse que y disse que z disse que alpha disse determinada tolice”, arremessam-se os méritos de um pensador no calabouço da imprudência em pesquisa científica, gerando como subprodutos idéias e teorias deformadas que pouco lembram os originais, formando uma noosfera povoada de slogans, generalizações e rótulos que se disseminam pela comunidade científica, afetando principalmente os menos aptos¹⁶⁹, ou seja, os que não possuem o preparo crítico-conceitual e filosófico-epistemológico necessários à leitura de obras complexas e polêmicas.

Retomando a análise das críticas de Johnston, o autor observa, acertadamente, sobre a dualidade determinismo/possibilismo, que:

“Muitos debates começam com duas posições opostas extremas e terminam com um compromisso aceito por todos, menos pelos mais fervorosos devotos de cada uma das posições polares. Assim, a longa discussão entre os geógrafos sobre se o homem é um agente livre em seu uso da terra, ou se há um plano da ‘natureza’, dissolveu-se lentamente, na medida que os antagonistas perceberam a existência de méritos em cada uma das posições. (E alguns geógrafos prosseguiram, independentemente, o estudo das interações homem/meio ambiente, fora dos limites colocados por esses debates: veja-se Fleure, 1919.)” (JONHSTON, 1986, p.61)

Adiante em seu texto, Jonhston afirma que o determinismo ambiental continuou como um ponto de vista sobre o status do homem quanto à sua liberdade de ação em relação à natureza, e que isso resultou num declínio do respeito conferido pelas demais ciências, que rejeitava o “paradigma”. Já apontei anteriormente sobre a imprecisão de se referir ao determinismo ambiental como um paradigma. O que parece bastante claro é que tanto o possibilismo quanto o determinismo fundam-se e fundem-se num paradigma (ou hipótese básica) mais amplo, perpétuo e eternamente atual na pesquisa em Geografia: a relação homem-meio, ou homem-natureza, ou sociedade-natureza.

¹⁶⁹ Não, não estou aqui defendendo ou advogando algum tipo de darwinismo social, apenas lembrando uma máxima pedagógica, a de que as pessoas menos esclarecidas são as mais suscetíveis de cair no “conto do vigário”. O termo aptidão foi usado como provocação, no sentido de “mais bem preparado”, e não no sentido de “mais bem presenteado pela genética”.

Esse paradigma geral ou hipótese básica pode se desdobrar em outras três, chamados por Glacken de idéias¹⁷⁰ sobre a relação homem-ambiente. A primeira, a idéia de homem em harmonia com a natureza, a segunda, de homem influenciado pela natureza, e a terceira de homem alterando a natureza. Dessa forma, convém chamar o determinismo ambiental enquanto exposto pela crítica e por deterministas mais radicais, de discurso e de rótulo, ao passo que sua “essência”, a idéia das influências ambientais, deve ser encarada como uma hipótese específica básica da Geografia, cuja mãe é a hipótese básica genérica ou paradigma perene da relação homem-meio. Logicamente que essas hipóteses básicas (geral e específica) não mantêm suas características originais, mas ela vem sendo aparada, trocada em suas peças, polida, acrescida, e recentemente tem sido incrementada e complexificada pela Geografia cultural, pela Geografia histórica, pela teoria da complexidade, pelos avanços das ciências da terra e pode se beneficiar de teorias e avanços em psicologia e psicanálise.

Em tese, qualquer hipótese está sujeita a revisões diante dos avanços de várias ciências. Porém, dada a generalidade, abrangência e complexidade da hipótese básica genérica da relação homem-meio, chamada por alguns de paradigma ambientalista, ela representa para a Geografia seu desafio máximo e intrínseco, por se tratar de sua hipótese mor, central, inexorável e complexa, e por essas razões, essa hipótese básica geral (ou total) está submetida a inúmeros ajustes na medida em que suas hipóteses básicas específicas¹⁷¹ (ou parciais) vão se sofisticando e incorporando novos problemas e novas reflexões. Ou seja, é engano acreditar que a hipótese básica específica (idéia das influências ambientais) “morreu”, ou que foi “substituída”. Ela sempre será parte de uma hipótese igualmente inabalável e perene, a da relação homem-meio (sociedade/natureza). A realidade atual, com o mundo em incessante transformação, com o espaço geográfico cada vez mais dialético e mais complexo em

¹⁷⁰ Serão apresentadas com mais detalhes na introdução do capítulo quatro.

¹⁷¹ Constituída pelas duas idéias às quais alude Glacken: homem enquanto influenciado pelo ambiente (idéia das influências ambientais) e homem influenciando o ambiente. (idéia das influência antrópicas)

suas interações, é que torna esta hipótese (ou paradigma) cada vez mais atual e necessária¹⁷², aumentando sua pertinência e demandando seu estudo.

Encarar a idéia das influências ambientais como paradigma dá a entender que tem data de validade, que pode ser substituído e superado. Alguns conceitos de paradigma, como o de Thomas Khun, apontam para isso. Assim, como se trata de uma idéia perene que subjaz a diversas ciências, julguei por bem chamá-la de hipótese básica, em consonância com autores como Martin e Lewthwaite. Todavia, a hipótese básica genérica da relação sociedade/natureza (paradigma ambientalista) pode ser interpretada e conceituada como um paradigma, desde que concebida como base primeira ou corpo de princípios, ou conjunto de crenças metafísicas e científicas que guiam a pesquisa de uma comunidade científica e permitem a avaliação de suas teorias. Dito de outra forma, o termo paradigma pode ser aplicado à relação sociedade/natureza, caso esta seja entendida como uma crença na relevância da relação recíproca entre natureza e sociedade, servindo como guia nas teorizações, metodologias e temas de estudo. Enfatizando uma vez mais, seria um paradigma que não está sujeito a revoluções, pois ao se tratar da relação sociedade-natureza, é perpétuo, posto que constituído pela própria lógica da vida, ou seja, não é possível pensar no mundo como algo aquém ou além de uma relação inevitável entre o homem e a terra, e que prescindia da idéia de causalidade¹⁷³. Finalizando, para que a hipótese/paradigma da relação homem-meio ou sociedade-natureza deixe de existir, ou de constituir a ciência, é preciso que, ou o homem, ou a natureza, deixe de existir.

As relações homem-meio são de tamanha primazia na Geografia atual que na imensa obra de referência da Geografia estadunidense, chamada “*Geography in America at the Dawn of the 21st Century*”, a Geografia é definida como “*Geography*

¹⁷² Há linhas de pesquisa que praticamente prescindem desse paradigma, como por exemplo aquelas voltadas ao estudo da natureza per se, e as de natureza teórica, política ou filosófica que não abordam a relação homem-natureza. Para os que lidam com o espaço geográfico, suas dinâmicas e contradições, o “paradigma ambientalista” é naturalmente necessário, afinal, estivemos, estamos e estaremos em contínua e complexa interação com nosso meio, num sentido mais amplo do termo, incluindo nele todos os componentes naturais.

¹⁷³ Que para Kant está no sujeito como uma das categorias do entendimento.

*is the study and science of environmental and societal dynamics and society-environment interactions as they occur in and are **conditioned** by the real world.*” (GAILE e WILLMONT, 2003, p.1) Esse “mundo real” envolve todos os fatores, independentemente se são naturais ou culturais e a palavra “condicionado” geraria um terremoto crítico se fosse inadvertidamente trocada por “determinado”. *“Geographic investigations into these are influenced by the character of specific places, as well as by spatial relationships among places and processes at work over a hierarchy of geographical scales.”* (id)

Da mesma forma, o paradigma perpétuo ou hipótese básica genérica a que aludimos anteriormente está incorporado e entranhado na caracterização que fazem da disciplina:

Reciprocal influences, i.e. of environmental and societal dynamics of geographic places and regions, are of commensurate importance within geography. Appreciation for and understanding of the interplay between societal and environmental dynamics within and across the myriad of geographic contexts is a recurring theme, as are field research and efforts to improve the quality of the human experience and the environment through informed intervention. Geographers, at an increasing rate, are investigating how processes and resultant patterns vary over the range of geographic scales from the local to the global. (...) Geography is a discipline dedicated to the understanding and appreciation of environmental and societal processes and their interaction. (ibid, p.2)

Basta uma olhada nas linhas de pesquisa atuais para se notar o predomínio desse eterno e útil paradigma: estudos regionais sobre turismo rural e potencial natural e cultural da região, influência do clima em epidemias, surtos e doenças em geral, impactos da precipitação sobre o espaço geográfico, influência sócio-econômicas do relevo e das chuvas e muitos outros. Na Universidade Federal de Santa Catarina, por exemplo, há uma interessantíssima linha de pesquisa cujo objetivo é *“analisar a gênese e a evolução da formação catarinense, considerando os elementos naturais e humanos nas determinações internas e externas responsáveis por sua trajetória*

histórica.”¹⁷⁴ Tal linha de pesquisa nada tem de determinismo, mas sua grande âncora é o paradigma da relação homem-meio, e seu objetivo não é aquele normalmente buscado pelos deterministas mais rotulados. A palavra determinação, quando usada sem a intenção de se propor um determinismo absoluto, não deveria ser alvo de críticas. Contudo, diante dos preconceitos que ainda pairam na Geografia, substituí-lo por “influência” e “condicionamento” poupa seus autores de críticas impertinentes por parte de geógrafos não esclarecidos sobre o tema das influências ambientais na história do pensamento geográfico.

Sobre a importância do estudo das influências ambientais, muito se disse que pela complexidade, passou a ser alvo constante de desprezo e críticas que injustamente rotulavam-na de determinismo, fatalismo, teleologismo. Sobre a imaturidade dessa atitude, Chappel afirma que *“Admittedly the physical environment side may be easier to ignore, since its generally greater weight puts it at the bottom where its message is hidden and cannot be so easily read, but maturity does not mean learning how to do what is easiest.”*(Chapel, 1971, p. 199).

Retomando a impertinência de se considerar o determinismo ambiental como um paradigma da Geografia, conforme aponta Johnston (1986), nota-se também que ele não se encaixa completamente no conceito de teoria científica, ao menos segundo Popper. E aqui vale lembrar que foi chamado por seus críticos pelas mais diversas denominações: doutrina, paradigma, filosofia, teoria, conceito, corrente, escola, tendo faltado apenas denominações como “quartel”, “hospício” e “presídio”. O termo mais pertinente, “hipótese”, é o único que não aparece entre os críticos, com exceção de Lewthwaite e Martin, que extraíram desse fantasma sua idéia mestra, e a denominaram “hipótese básica”. Segundo Merton (1970), *“Nas ciências sociais, a palavra teoria tem sido empregada de forma bastante diversa, incluindo quase tudo, desde as menores hipóteses de trabalho, as amplas mas vagas e desordenadas especulações*¹⁷⁵*, até os sistemas axiomáticos de pensamento, daí o cuidado que se deve ter no uso da*

¹⁷⁴ Não é fácil encontrar outras linhas de pesquisa tão genuinamente geográficas quanto essa.

¹⁷⁵ Seria a idéia das influências ambientais uma hipótese ampla de trabalho, muito próxima dessas vagas e desordenadas especulações às quais alude Merton?

palavra, posto que frequentemente, obscurece a compreensão ao invés de suscitá-la.” (Merton, 1970, p.51)

Segundo Popper (1963), uma teoria científica deve atender à várias demandas que listamos a seguir, acompanhadas de comentários que pretendem mostrar quanto distante está o discurso do determinismo ambiental desse status:

1. *“It is easy to obtain confirmations, or verifications, for nearly every theory — if we look for confirmations.”* Sempre foi tarefa difícil e desafiante aos deterministas encontrarem confirmações que convencessem seus opositores, talvez também pelo fato desses críticos não aceitarem as evidências, uma vez que estas abalariam suas convicções, o mesmo sendo válido para os possibilistas cujos argumentos eram sempre refutados pelos deterministas. Contudo, deterministas sempre souberam defender suas idéias, e para isso encontraram evidências, o que concorda com esse primeiro critério de Poppe.

2. *“Every “good” scientific theory is a prohibition: it forbids certain things to happen. The more a theory forbids, the better it is.”* Mais uma vez, os autores deterministas não utilizavam termos como “proibição”, apenas afirmavam ser, por exemplo, altamente improvável que uma região industrial se formasse em áreas muito distantes das jazidas de carvão, afirmação que já foi verdadeira e que diante do aprimoramento tecnológico, já não condiz com o padrão atual de distribuição das indústrias, muito embora não seja um fator totalmente negligenciável.

3. *“A theory which is not refutable by any conceivable event is non-scientific. Irrefutability is not a virtue of a theory (as people often think) but a vice.”* Nesse sentido, o determinismo ambiental talvez se qualifique para ser encarado como uma teoria, posto que é, em alguns aspectos, refutável, e essa refutabilidade se verifica nas obras dos críticos bem fundamentados e ponderados. Irônico é observar que os críticos mais contumazes do determinismo ambiental pretendem rebaixá-lo afirmando que ele é refutado pelos seus argumentos - tão frágeis quanto os dos deterministas - sem lembrar de que a refutação é uma virtude e não um vício, conforme aponta Popper. O que se pode distinguir é que algumas afirmações isoladas dos deterministas são

refutáveis pela observação dos fenômenos, mas o seu núcleo gerador, a afirmação de que os fatores ambientais influenciam, às vezes de modo inexorável e preponderante, a cultura, é de uma complexidade atordoante, logo, de difícil refutabilidade.

4. *“Every genuine test of a theory is an attempt to falsify it, or to refute it. Testability is falsifiability; but there are degrees of testability: some theories are more testable, more exposed to refutation, than others; they take, as it were, greater risks.”* Seguindo-se a idéia de Poppe, o determinismo ambiental, por ser de difícil testabilidade e falsificabilidade, seria uma teoria mais forte no sentido de estar pouco vulnerável à testabilidade, daí sua presença “incômoda” nos meios acadêmicos.

5. *“Confirming evidence should not count except when it is the result of a genuine test of the theory; and this means that it can be presented as a serious but unsuccessful attempt to falsify the theory. (I now speak in such cases of “corroborating evidence.”)”* Nesse ponto há que se reconhecer que o determinismo foge bastante do que seria uma teoria, pois sequer se pode falar em “teste” da teoria, posto que não podemos tomar a terra como laboratório e clonar uma mesma sociedade e colocá-las em ambientes naturais distintos para se provar uma suposta influência dos distintos meios sobre uma mesma sociedade. Esse seria um teste genuíno (em versão abstraída, idealizada), contudo implausível, e as teorias deterministas, neste ponto, foram muito corajosas, pois diversas outras ciências, com suas teorias, têm ao seu dispor uma infinidade de possibilidades de teste, verificação, etc, do que se infere que os grandes autores deterministas, apesar da ênfase na retórica, em metáforas e floreios poéticos, basearam suas conclusões em fatos, observações e análises complexas que, embora astutas, não permitiam teste, ao passo que os deterministas mais radicais e rasos basearam-se exclusivamente em figuras de linguagem de efeito, devaneios e relações forçadas e superficiais que “observavam”(com a imaginação, diga-se de passagem). Dessas idéias, emerge a mais complicada questão metodológica para quem estuda as influência ambientais sobre o desenvolvimento, sobre fatos históricos e sobre a psique humana: que tipo de evidência, se é que existe, pode ser considerada válida como corroboração das premissas?

6. “Some genuinely testable theories, when found to be false, are still upheld by their admirers — for example by introducing *ad hoc* some auxiliary assumption, or by reinterpreting the theory *ad hoc* in such a way that it escapes refutation. Such a procedure is always possible, but it rescues the theory from refutation only at the price of destroying, or at least lowering, its scientific status. (I later described such a rescuing operation as a “conventionalist twist” or a “conventionalist stratagem.”)”

Mais uma vez, as teorias deterministas não são genuinamente testáveis, e apesar de muitas de suas proposições serem inverificáveis, algumas ainda podem ser estudadas e mais bem fundamentadas – ou até mesmo provadas - com base nos atuais conhecimentos científicos e nos seus avanços teóricos e tecnológicos.

Retomando a discussão de Jonhston, o autor curiosamente afirma que o paradigma seguinte ao do determinismo ambiental e ao do possibilismo (sic) é o paradigma de região, “*que tinha fortes raízes*¹⁷⁶ *no determinismo ambiental, era em grande parte introspectivo e conservador.*¹⁷⁷ (Jonhston, 1986, p.62). Essa opinião só revela seu equívoco alguma linhas depois, quando afirma que :

Este, o terceiro paradigma [sic], dominou [sic] a Geografia britânica e americana durante a maior parte do século atual. [XX][sic] Como o determinismo ambiental, também era uma tentativa de generalização [sic], mas uma generalização sem uma explicação estruturada e, então, de um tipo

¹⁷⁶ Desconheço, e não pude procurar com cuidado, se esta afirmação é verdadeira. A princípio, a Geografia regional, como qualquer outra Geografia (quantitativa, marxista, corológica), nunca ignorou a relação homem-meio, e cada “escola” dava sua ênfase e apresentava seu ponto de vista, mas todas têm em comum o fato de que atribuíram algum papel às influências ambientais na formação da sociedade e sua cultura. Apenas sobre essa afirmação genérica é que se pode ter certeza, mas afirmar que certo “paradigma”(o regional) tem forte raiz determinista, é simplesmente impossível sem realizar sobre esse assunto um estudo que respeite a maioria das estratégias metodológicas e epistemológicas elencadas no capítulo dois.

¹⁷⁷ Um estudo introspectivo e conservador não é necessariamente descartável, nem de baixa qualidade, nem indesejável. Depende de a quem se dirige, com qual finalidade. Além do mais, estudos com essas características podem ser, ao menos, esteticamente interessantes e historicamente reveladores e pertinentes.

diferente das tentativas desacreditadas de elaboração de leis científicas [sic] do paradigma anterior.(...) Na escala geral houve esforços, como o de Herbertson (1905), de dividir a terra em grandes regiões naturais, usualmente com base em parâmetros climáticos e, portanto, mantendo ligações com o determinismo inicial. [sic]. Na escala menor, a intenção era identificar áreas individuais com características particulares. (id)

É verdade que a Geografia regional buscou como um dos seus enfoques a interpelação e interdependência entre fatores naturais e humanos, mas isso não nos deveria autorizar a ver nela “traços do determinismo”. Há seis equívocos num único parágrafo: primeiro: considera a Geografia regional o terceiro paradigma, pois inadvertidamente considera o possibilismo e o determinismo como o primeiro e o segundo paradigmas. (Seguindo essa lógica, porque o probabilismo não se constitui no terceiro ou quarto paradigma?) Segundo: como resultado do primeiro engano, concebe o determinismo e possibilismo como suficientemente antagônicos para constituírem dois paradigmas¹⁷⁸ conflitantes. Terceiro: O domínio do paradigma regional não se deu segundo sugere Johnston. Seu papel é menor do que o afirmado, pois na segunda metade do século XX, a Geografia crítica, e inúmeras vertentes que se acumularam ao longo do século, estavam em pleno curso, ocupando boa parte dos geógrafos. Ainda, parece haver uma incoerência temporal, pois se o paradigma regional veio após aos do determinismo e possibilismo, então é impossível que tenha ocupado a maior parte do século XX, pois tal “paradigma” não tem dominado os estudos britânicos e americanos nas últimas três décadas, se assim o fosse teríamos que chamar a Geografia desses países de conservadora e introspectiva, rótulos que simplesmente não dão conta das infinitas abordagens geográficas que foram emergindo a partir dos anos 60, principalmente da década de 80 em diante.

Quarto equívoco: Reduziu o determinismo a uma tentativa de generalização, pois não explica em outras partes do texto no que consiste, segundo sua ótica, o determinismo ambiental e quais são suas principais características, bem como não realiza uma breve análise crítica e contextualizada do tema. Quinto: dividir a terra em

¹⁷⁸ Como é possível que algo que nunca existiu seja considerado um paradigma da Geografia?

grandes regiões naturais é válido, compreensível historicamente, necessário cientificamente e não significa, em hipótese alguma, qualquer tipo de ligação com o determinismo ambiental. Isso passa a impressão de que o autor considera muitos geógrafos físicos deterministas por excelência. Acusar a Geografia humana de determinista é que seria menos equivocado, posto que até os críticos do determinismo ambiental afirmar que ele representou um tumor no seio da nascente Geografia humana, já no alvorecer da Antropogeografia de Ratzel. O sexto e último equívoco é que os deterministas não buscaram leis da maneira que Johnston sugere. Alguns até ambicionavam, mas num plano especulativo, apenas do desejo, pois na prática reconheciam a impossibilidade e a necessidade de se ponderar as diferenças entre a natureza e a sociedade.

3. 4. A matriz da criticosfera: breve análise sintética das 44 críticas ao determinismo ambiental

Os críticos sofrem de saturação e de tédio intelectual. Nada é mais falso que o ar de frescura e de juventude que eles assumem, fazendo crer que a leitura ainda lhes pode dar sensações verdadeiras

Joaquim Nabuco

“Não temos que respeitar coisa nenhuma, porque a atitude do “respeito” deriva da esfera do sagrado, onde não existe nenhuma argumentação; temos, isso sim, que tratar nossos interlocutores como seres racionais, e a melhor maneira de prestar homenagem à dignidade humana desses seres racionais é incluí-los na esfera da argumentação, em vez de mantê-los num santuário extra-argumentativo, como os animais ameaçados de extinção.”

Sérgio Paulo Rouanet

Neste tópico, pretendo trazer uma lista com as 44 principais críticas e objeções endereçadas ao determinismo ambiental. De modo algum se afirma que todas essas críticas foram infundadas, posto que de fato minha argumentação é construída em torno da ingenuidade da crítica, da sua ineficácia em rebaixar a necessidade e importância de se reconhecer as influências ambientais, e algumas vezes, de fato, dos equívocos grassantes que só poderiam emergir de análises rasas e de estudos tendenciosos fruto de ingenuidade científica ou cuja intenção era não mais que cumprir um jogo acadêmico de embate de egos ou exercitar a arte da dialética erística. Essas quarenta e quatro críticas foram numeradas e listadas numa ordem que as apresenta conforme as afinidades entre elas, uma vez que muitas críticas se parecem, ao tocarem em problemas de mesma natureza. Inúmeros traços do determinismo foram alvo de crítica, desde sua suposta base positivista baseada na busca de leis gerais, até as suas

contradições no plano filosófico, passando por falhas na concepção de natureza e cultura, pelo viés ideológico, pelo problema do livre-arbítrio e da teleologia, e pelo problema de causação. Essas quarenta e quatro objeções foram reunidas em sete grupos, segundo suas afinidades quanto aos problemas criticados.

I - Problema da formulação de leis gerais na tentativa de explicar e prever tudo.

1.1. Tentativa de explicar tudo é uma grande pretensão e ingenuidade. (Platt)

Sim, é pretensão e ingenuidade, assim como é pretensão e ingenuidade tentar entender pelo intelecto qualquer mínimo aspecto da realidade. Para Ortega y Gasset, podemos compreender algo pelos sentidos, pela razão e pelo intelecto. Pelo intelecto não alcançamos nada. Pela via da razão a ciência continua sua incansável busca, e se a ciência desse ouvidos à Platt e outros críticos do determinismo, ficaria paralisada. Assim, a tentativa de explicar tudo é característica da ciência. Contudo, alguns deterministas, principalmente os mais ambiciosos e de maiores habilidades, de fato exageraram nos seus alvos, pois pretenderam explicar, pela via climática, respostas físicas e morais dos homens, nível de desenvolvimento dos países, formas de governo, migrações espaciais dos centros de civilização, e isso levantou suspeitas, até mesmo porque não eram especialistas em todas as áreas na qual eram forçados a pisar.

Contudo, Harstshorne diferencia o determinismo ambiental de outras áreas da ciência, ao afirmar que mesmo as obras deterministas mais sofisticadas não têm progredido muito na direção da certeza e da precisão:

Nenhuma pesquisa geográfica há de pretender realizar uma investigação completa de todas as relações entre os diversos fatores. Para destrinçar de maneira completa os elementos humanos e não-humanos, numa situação particular, o pesquisador poderá ter necessidade de remontar através de séculos da história do homem, até mesmo a épocas anteriores à invenção da escrita. Todavia, se um estudo for realizado com o propósito de determinar as relações entre os fatores humanos e os naturais, ele não poderá chegar a

qualquer conclusão válida enquanto essa pesquisa não estiver completamente terminada, o que, regra geral, será impossível. Por conseguinte, até mesmo estudos de problemas relativamente simples e elementares lograram apenas formular hipóteses de baixa fidedignidade. [logo, a Geografia atual em boa parte se enquadraria nessa ala das hipóteses de baixa fidedignidade, pois estuda as relações sociedade/natureza. Além disso, várias são as áreas do conhecimento que se sustentam sobre hipótese de baixa fidedignidade, como por exemplo a psicologia, psicanálise, antropologia, dentre outras, o que não significa que tenham que ser invalidadas ou excluídas da ciência.] Investigações sucessivamente mais penetrantes revelam os erros daquelas que as precederam, mas não estabelecem um maior grau de fidedignidade porque também introduzem, mesmo em nível elementar, incertezas que lhe são próprias. Desse modo, a soma das pesquisas realizadas pelos geógrafos segundo o conceito ‘determinista’ não tem progredido no sentido de crescentes aproximações de precisão e certeza. [Considerando o verdadeiro sentido do conceito determinista, ou seja, sua hipótese básica de influências ambientais, então tem havido sim avanços com esses estudos, na área de Geografia da saúde, de climatologia aplicada, estudos de desastres naturais, etc.] O máximo que se pode afirmar dos estudos mais meticolosos é que parecem mais convincentes. Entretanto, verifica-se posteriormente que pesquisas ainda mais completas podem chegar a conclusões em tudo diferentes. [natural e esperado em qualquer seara da ciência, isso não é um “defeito” das “pesquisas segundo o conceito determinista”]. (Hartshorne, 1959, p.57-58)

É praticamente impossível entender com exatidão os argumentos de Hartshorne, pois ele não esmiúça, de antemão, o que entende por “pesquisas segundo o conceito determinista”. Afinal, qual é o tipo de pesquisa a que ele alude, e que tanto tem patinado numa areia movediça de incertezas?

- 1.2. Ao tentar explicar tudo pelo viés das influências ambientais, as teorias deterministas exigem do geógrafo uma aventura que, demasiadamente e perigosamente, vai além da própria Geografia.

Ao falar nas teorias deterministas de Bodin e de alguns iluministas, Febvre objeta que *“The ambition of our scholars was to go further both in extent and depth. But if we leave generalities altogether and continue with the analysis, are we not venturing out of the domain of geography? Yes, indeed, and entering on that of anthropology, or even at times of pathology?”* (FEBVRE, 1925, p.100). Ao se referir a estudos feitos por Semple com certo sarcasmo, se pergunta *“Will it fall to them to study the distribution of the pigment in man, and to connect the lighter coloring of the ventral side of the body with a stronger action of light? Will it be their business to unravel the general causes which explain the variations in its length, manner of growth, and thickness, its marked regression in the tropical regions, its very obvious persistence in the cold ones?”* (id) Ao lembrar os vários temas raciais dos estudos deterministas, Zimmerman acaba por reconhecer que temas que implicam em estudos de distribuição e localização de fenômenos são inquestionavelmente geográficos. Este autor, citado por Febvre, afirma que

And what of the whole problem of the human races, not only of their origin but of their different aptitudes, of their different habitants, of all that assemblage of facts which Zimmermann enumerated some time ago in his critical survey of Brunhes’s book? No doubt, as Zimmermann said, geography cannot but be interested in all these facts, since they imply considerations of distribution and localization which are unquestionably geographical – since, for example, at the present time there are no ubiquitous races, but all appear attached to a definite domain which constitutes the zone best suited for their development and expansion, and the zone of least resistance.” (Ibid, p.101)

Febvre, ao se referir a estudos dos autores deterministas que enfocam o problema da mudança de zona latitudinal na saúde dos povos, argumenta que a Geografia certamente ajuda a levantar o problema e a providenciar ao menos um dos dados essenciais para sua análise, mas afirma que a Geografia é incapaz de encontrar uma solução para o problema. Para Febvre, esses problemas encontram na Geografia

médica um local apropriado para serem levados adiante. O autor também aponta para a questão em torno da possível formação de uma nova raça nas Américas a partir das influências ambientais que supostamente aliviaria as diferenças originais resultando num novo tipo físico e conclui que *“But it is not geographers who have to state the problem, because it is not geographers who can solve it.”* (ibid, p.103).

De fato, é impossível negar que esses dois temas pertençam primordialmente à medicina/Geografia médica e à antropologia, respectivamente. Entretanto, algumas questões podem ser levantadas: negar esse estudo à Geografia não seria subestimar sua abrangência e dinamitar algumas das pontes que ela mantém com ciências afins? Não se trata de uma visão que generaliza os geógrafos, ao sugerir que nenhum deles teria competência para tal tarefa? Não seria uma ingenuidade acreditar que um problema tão complexo como o da transformação de “raças” pelo ambiente deva pertencer trancado a sete chaves nos cofres antropológicos? Acatar essa idéia de Febvre não significaria excluir dois temas do amplo leque de áreas afins que oferecem à Geografia novas possibilidades em sua área de máximo domínio, a espacialização de fenômenos (localização, distribuição, relações)? Não seria um lapso de Febvre ignorar o fato de que a maioria das complexas hipóteses de trabalho não são exclusividade de uma única área do conhecimento? Dada a natural interdisciplinaridade do conhecimento, esses temas complexos não poderiam ser estudados por um grupo de pesquisadores de distintas formações? Esse problema dos autores deterministas levantado por Febvre não me parece muito pertinente, e não se constitui num problema de fato, até mesmo porque, com essa objeção, quase todos os temas de deterministas e não-deterministas, inclusive as pesquisas contemporâneas, seriam para Febvre um estudo que foge ao escopo da Geografia. As críticas aos deterministas devem ser concentradas em outras questões, pois esta não se constitui exatamente numa falha, nem tampouco é uma exclusividade de deterministas.

Todavia, há um grande fundo de verdade nessas afirmações, pois se considerada a nascente Geografia humana da segunda metade do século XIX, houve de fato uma ambição muito grande, que não deixa de ter seu mérito, mas que despertou forte objeção da sociologia, primeiramente com Émile Durkheim, que nos “Année

Sociologique” direcionou sua reflexão crítica da nascente moderna Geografia e sua tentativa de cooperação no estudo racional do homem sobretudo à Antropogeografia de Ratzel, que para Febvre constituiu-se na época numa típica e representativa obra de Geografia humana. Febvre alerta para o perigo da ambição, uma vez que predominava em sua época uma idéia de Geografia enquanto ciência que deveria responder a questão das influências ambientais: *“What are the influences which the geographical environment exercises on the different ways in which human societies manifest themselves?” That is an immense question. It can be broken up into a multitude of secondary questions all of which belong to quite distinct sciences. How then could a single man, unskilled in each one of these sciences, be found, under the name of geographer, skilled in them all?*”(FEBVRE, 1025, p.34)

Como já disse anteriormente, de fato a questão é deveras ampla para ser monopolizada pela Geografia, mas ao mesmo tempo, Febvre a quis monopolizada pelas ciências sociais, especificamente pela antropologia. Menciona brevemente a economia, mas atribui à “morfologia social” o papel de estudar as influências ambientais sobre a cultura. Contudo, parece esquecer que para se estudar as influências ambientais, é preciso, primeiramente, conhecimentos da própria natureza, seus ciclos, fluxos, elementos e interações, e esse conhecimento não é da área da economia nem da sociologia. Assim, tenta resolver um problema criando outro em seu lugar. De fato, o estudo das influências ambientais sobre a sociedade parece demandar conhecimentos de todas as áreas imagináveis do saber, mas me parece imprudente descartar *a priori* a Geografia da partilha dessa pizza desafiadora e multi-ingrediente. A pergunta de difícil resposta seria: até que ponto e em que aspectos a Geografia pode contribuir? Quais subquestões dessa grande questão genérica cabe ao geógrafo? Algumas já são de seu domínio e atualmente se vê muitas pesquisas sobre clima e saúde, clima e agricultura, clima e transportes, variabilidade climática e impactos sócio-espaciais, ambiente e nível de desenvolvimento, ambiente físico e história das primeiras civilizações, mas a pesquisa não poderia ir além? A pesquisa interdisciplinar, com colaboração de várias áreas, não poderia render mais frutos no desvendamento dessa questão milenar? No trecho citado a seguir, Febvre argumenta em favor da sociologia e cita Mauss, que

atribui à morfologia social uma série de temas de estudo que despertariam muitas objeções de geógrafos da atualidade:

Geography regarded in this light is only an impudent interloper on ground reserved to economists and sociologists. All its conclusions belong to the domain of some special sociological science. [morfologia social] It vanishes and ought to vanish qua distinct science. It can logically claim for itself only, so to speak, an “appendicular” existence. The sociologist alone [!!] has the right to consider methodically and cautiously questions geographers have hitherto rashly claimed as their own...(...) At the most, we can conceive that from the accumulated results obtained by the labor of sociologists a new study will spring up, a sociological study, one of those which, taken as whole, constitute “sociology”. It will be Social Morphology. “It is known,” writes M. Mauss, at the commencement of the interesting memoir already mentioned, “that under this name we designate the science with a view not only to describing, but also to explaining them – that is to say, the form which they assume when they are establishing themselves on the land, the number and density of their population, the manner in which it is distributed and the ensemble of the things which serve as a seat of collective life.” (ibid, p.35)

Febvre opina que a morfologia social é a antropogeografia renascida, porém menos ambiciosa, menos radical, ocupando posição mais favorável e com uma tarefa mais precisa e relativamente fácil. (sic). Em sua palavras:

Thus is reborn from its ashes, but under a different name, anthropogeography, previously sacrificed on the altar of confusionism. More modest, we are assured, better regulated in its aims, less rash in its methods, social morphology will occupy a favourable position. There is no risk that it will wander off into blind alleys or dissipate itself in futile endeavours, for the morphologist will follow in the wake of a science with a limited scope and well-defined aims. Its tasks will be precise and relatively easy (sic). And nothing will be sacrificed with which human geography either deals, or would consider it useful to deal, or could reasonably wish to elucidate. (id)

1.3. Há uma busca de leis gerais absolutas e universais e uma incapacidade de alcançá-las

Contra essa crítica infundada, convém trazer a definição de determinação e sua crítica: *“É de se notar que se pode definir a determinação sem apelar para a noção de lei. Nada impõe ou rejeita a priori a hipótese segundo a qual pode haver uma ligação de necessidade entre essências particulares, sem que esta determinação resulte de uma proposição geral.* (LALANDE, 1999, p. 244)

Assim, se até mesmo a determinação em seu sentido estritamente filosófico não implica necessariamente na noção de leis gerais, o determinismo ambiental pode ser advogado pelos seus proponentes sem apelar pela busca de leis, e sem implicar em determinação absoluta. Ainda que nos deterministas mais radicais essa intenção de buscar leis seja mais explícita, essa busca não passou de forte tentação inalcançável, ficando os deterministas presos ao terreno da polêmica e da tergiversação.

Hartshorne, apesar de criticar o que considera como “determinismo radical”, afirma que o Geógrafo deve analisar as relações das características terrenas com o homem *“regardless of whether these interrelations can be described in terms of “natural laws” or “social laws”.* (HARTSHORNE, 1978, p.80). Isto é, não nega a existência de leis naturais regendo alguns comportamentos humanos, mas explica que o geógrafo deve estudar a relação homem-ambiente sem se preocupar com a existência ou não de leis governantes.

1.4. Erro indutivo em extrair do estudo da relação ambiente-cultura de um local, um princípio geral aplicável a qualquer situação.

De fato, a empolgação dos achados e análises locais por parte dos pesquisadores deterministas muitas vezes os seduziu, impelindo-os a tecer comentários genéricos e abrangentes. Não obstante, é possível extrapolar o “efeito enervante” do calor, uma vez que o comportamento do corpo humano segue um padrão predominante, mas essa

extrapolação nem sempre é possível em outras relações do clima com o homem. Algumas influências não são tão decisivas, e se dão sobre aspectos humanos que podem sofrer influências de inúmeras variáveis culturais e, portanto, em cada país um determinado efeito do clima pode adquirir diferentes aspectos segundo particularidades dessa cultura. Convém lembrar que os deterministas raramente elaboravam suas teorias com essa finalidade, a de extrair princípios gerais. Montesquieu, com sua insistência no papel do clima sobre a cultura e em relação com a lei, buscou na compreensão da influência dos fatores culturais e naturais sobre o homem, com vistas à elaboração de leis¹⁷⁹, um princípio geral que guiasse o legislador que quisesse bem legislar. Assim, não buscou um princípio geral simplisticamente determinista, e a intenção era válida e nobre. Buscar um princípio geral é científico, necessário e útil, e é uma das razões de ser da ciência moderna, ainda que sob fortes críticas. Convenhamos, o que são os modelos usados na Geografia, senão tentativas de generalização, de extrapolação do particular para o geral, expondo princípios gerais na forma de modelos, padrões e teorias?

1.5. Leis gerais são inaplicáveis à sociedade humana (Boas, Speth)

Nem mesmo os mais radicais deterministas chegaram ao ponto de invocar a possibilidade de prever tudo e de ser possível identificar leis rigorosas na sociedade. O máximo que sugeriram foi a possibilidade de comparar a sociedade com a natureza (analogia orgânica) de modo a ver possíveis similaridades em termos de processos, ações e respostas, para que pudessem formular uma espécie de matriz de comportamentos prováveis. É perfeitamente possível falar em probabilidade, e o comportamento humano é muitas vezes previsível. Sendo apenas provável, comporta o o acaso e o caos.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Leis no sentido jurídico.

¹⁸⁰ Até que ponto um comportamento aparentemente caótico e imprevisto não segue padrões e lógicas complexas, inapreensíveis, incognoscíveis, indiscerníveis ou ocultas?

- 1.6. Incapacidade de prever o futuro. Pensavam que conhecendo o ambiente, era possível prever que tipo de cultura iria ali vicejar.

Essa crítica é muito genérica, pois afinal, o que significa prever o tipo de cultura? Se significa que tentavam delinear, a grosso modo e de maneira geral, que tipo de cultura teria mais probabilidade de se formar num certo ambiente, então muitos deterministas de fato tentaram prever a cultura com base nos fatores ambientais. Contudo, se prever a cultura significa apontar um caminho único e inevitável, e dar detalhes dessa cultura, então a crítica não se aplica aos deterministas, pois ninguém jamais tentou tamanha ousadia.

A intenção de prever o futuro não é uma preocupação ou objetivo dos autores rotulados de deterministas, com exceção do filósofo Victor Cousin que, segundo Febvre, exclama num determinismo poético que “ *Yes, gentlemen, give me the map of a country, its configuration, its climate, its waters, its winds, and all its physical geography; give me its natural productions, its flora, its zoology, and i pledge myself to tell you, a priori, what the man of that country will play in history, not by accident, but of necessity; not at one epoch, but in all epochs; and, moreover, the idea which it is destined to represent!*”(COUSIN apud FEBVRE, 1925). Contudo, uma licença poética, fruto de uma exaltação momentânea de um filósofo possuidor de peculiar retórica, não deve servir de referência para a crítica ao determinismo. Outro alerta é a redução desse autor por meio dessa frase que apareceu em cinco obras da bibliografia desta tese, como em Spate (1968) e Glacken (1967), assim como ocorreu também com o famoso “lema” de febvre “*there is no necessities but everywhere possibilities*”.

2. As críticas ao mecanicismo à conseqüente simplificação determinista do problema da causação.

- 2.1. A natureza mecânica do determinismo subestima a complexidade do problema de causa e efeito

Anuchin apud Matley (1966) afirma que o principal problema do determinismo está em sua natureza mecânica que subestima a complexidade do problema de causa e efeito, levando os deterministas a acreditar que certas influências produzem certas conseqüências, como se cada efeito tivesse uma causa única a ser encontrada na natureza e como se cada causa produzisse um tipo específico de efeito, permitindo extrapolá-la para o universal, elevando-a ao status de lei.

Claude Bernard, que ainda acreditava no caráter necessitante da causa, dizia: ‘A obscura noção de causa deve ser confinada à origem das coisas: só tem sentido quando se fala da causa primeira ou da causa final. Na ciência, deve ceder lugar à noção de relação ou de condição.’ Por outro lado, Stuart Mill, observando que a sucessão invariável em que consiste a causalidade raramente se encontra entre um conseqüente e um único antecedente, mas, na maioria das vezes, entre um conseqüente e a soma de diversos antecedentes, todos necessários ‘para produzir o conseqüente, isto é, para serem seguramente seguidos por ele’, acrescentava: ‘Nestes casos é coisa bastante comum pôr em evidência um só dos antecedentes sob a denominação de causa, chamando os outros apenas de condições’. A condição seria, assim, o que não basta, por si só, para produzir o efeito, ou seja, não garante a verificação do efeito. (... a esta palavra está vinculado o significado de uma limitação de possibilidades, de tal modo que aquilo que esteja fora das possibilidades assim limitadas elimine ou torne não-possível o objeto condicionado. (ABBAGNANO, 2007, p.202)

“Um passo ulterior na mesma direção foi dado por Max Weber, [sua proposta parece muito próxima a dos deterministas que de fato são probabilistas] em sua busca do significado do princípio de causalidade para as ciências históricas (1905). Embora Weber empregue de preferência a palavra causa e fale de explicação causal, o que ele diz se refere mais precisamente à noção de condição [como ocorre com os deterministas em geral] e serve para unir essa noção à de ‘possibilidade objetiva’, que, segundo ele, é indispensável ao conhecimento histórico. ‘O juízo sobre a possibilidade objetiva’, diz weber, ‘por essência admite gradações; é possível representar a relação lógica nele implícita com o auxílio dos princípios utilizados na análise do cálculo das probabilidades. Os

componentes causais, cujo ‘possível’ efeito se refere o juízo, podem ser concebidos como isolados em relação a todas as condições que, em geral, podem ser concebidas como cooperantes com ele. Poder-se-ia perguntar então de que modo esse complexo de condições, em conjunto com as quais os componentes isolados estavam previsivelmente aptos a produzir a consequência possível, se comporta em relação às outras condições, em conjunto com as quais não teriam previsivelmente produzido.’ O que Weber chama aqui ‘componente causal’, que seria conceitualmente isolado para formular um juízo de possibilidade objetiva, um juízo sobre o curso que os eventos poderiam ter tomado se aquele componente causal tivesse intervindo, nada mais é do que uma condição de possibilidade, no sentido Kantiano do termo. Weber acrescenta: ‘Podemos enunciar juízos geralmente válidos sobre o fato de que uma maneira de reagir idêntica, em certas características, por parte de pessoas que enfrentam determinadas situações, é favorecida em grau maior ou menor e podemos estimar o grau em que certo efeito é favorecido por certas condições. [Huntington e Semple fazem isso, mas Weber não foi chamado de determinista, pois não se expôs da mesma maneira que aqueles autores, e também não usou exemplos indevidos. A refutação das provas não pode ser tomado como refutação da própria tese, conforme a dialética erística de Schopenhauer. Um exemplo mal escolhido não invalida as premissas, a hipótese. Mas isso não foi observado pelos críticos em geral.] Nessas palavras exprime-se claramente o conceito da condição como limitação de possibilidades objetivas e, portanto, como previsibilidade provável do evento. (ABBAGNANO, 2007, p.202)

Os progressos da física, que marcaram a queda da noção de causa, exigem a substituição do determinismo causal clássico pelo determinismo condicional. No campo biológico, é fácil observar que só o conceito de condições é capaz de exprimir as relações funcionais consideradas por essa ciência: por exemplo, entre estímulos e resposta, que hoje não pode mais ser traduzida em termos de causalidade como previsão infalível, podendo ser expressa em termos de condicionalidade, isto é, de previsão provável. Além disso, o conceito de condição é muito usado em sociologia, em teoria da informação, em cibernética e, em geral, na teoria da organização dos sistemas, pois permite conciliar a noção de ordem com certo grau de contingência ou de casualidade nas relações entre os elementos que o compõem. (...W. Ross Ashby considerou essencial a idéia de condicionalidade, segundo a qual no

espaço de possibilidades de interação, dado por um conjunto de elementos, cada organização real dos elementos é forçada a algum subconjunto de interações. (...) Assim, nas disciplinas mais díspares, o conceito de condição está tomando o lugar do conceito de causa. (ABBAGNANO, 2007, p.202)

Mora, no verbete “condição” de seu Dicionário de Filosofia, explica que:

Dados um antecedente e um conseqüente, o primeiro exprime uma condição do segundo. Essa condição é formal quando se atenta apenas ao seu aspecto lógico, e é “material”, ou real, quando se atenta a aspectos não-lógicos. Do ponto de vista “material”, ou real, a relação entre antecedente e conseqüente pode ser de vários tipos, especialmente dos seguintes: fundamento-fundado, meio-fim, causa-efeito. Na maioria dos casos, enfatiza-se a terceira classe de relação, mas se debate se todas as relações condicionais podem ou não equiparar-se à casual. Alguns autores afirmam que há uma distinção fundamental entre causa e condição: a causa, dizem eles, tem um sentido “positivo”, porque é aquilo em virtude do que se produz um efeito, enquanto a condição tem um sentido “negativo” porque é simplesmente aquilo sem o que não se produziria o efeito. Desse ponto de vista, a condição é um *sine qua non*. Outros autores sustentam que a distinção entre causa e condição é ou tema de debate ou assunto de convenção; dados vários antecedentes, escolhe-se um que é o mais importante e destacado para os efeitos que se tem em vista, e dá-se a ele o nome de causa. Outros autores, por fim, acentuam que não há nenhuma distinção apreciável entre condição e causa, já que esta é apenas uma série ou conjunto de condições. A distinção seguinte entre dois tipos de condição é clássica: dados dois elementos, a e b, condicionalmente ligados, diz-se que a é uma condição necessária de b quando, embora não houvesse b sem a, continuaria a haver a sem b; por outro lado, diz-se que a é condição suficiente de b quando há b sempre que haja a. A noção de condição pode ser aprimorada no âmbito de uma lógica da indução e da probabilidade, introduzindo-se então outras distinções. [A noção de “condição” dentro de uma moldura probabilística parece ser bastante próxima do que realmente foi o *modus operandi* dos autores deterministas. E se assim é, associar, então, o determinismo ambiental à causalidade e ao determinismo é um claro equívoco]. Entre as mais importantes, figuram as de condição suficiente, máxima suficiente, mínima

suficiente e total. Usam-se amiúde as expressões ‘condição’ e ‘condicionado por’ num sentido principalmente epistemológico quando se trata de averiguar se, e até que ponto, o sujeito cognoscente contribui para formar ou determinar o objeto, ao menos como objeto de conhecimento. Este é o sentido em que se usou muitas vezes o termo ‘condição’ a partir de Kant, em expressões como ‘condições da possibilidade da experiência’. [Esse sentido do termo condição nos remete a insistência possibilista em se entender o ambiente não em si mesmo, mas em função da construção mental desse ambiente pelo homem, ou seja, trata-se do psycho-milieu enfatizado pelos Sprout e do ambiente intermediado pela cultura, de Sauer e Boas. Ou seja, um dos principais alvos da crítica aos deterministas foi essa falha em esmiuçar melhor essas “condições da possibilidade da experiência”, ou seja, pecaram em não se perguntar sobre o papel do sujeito cognoscente sobre o objeto de estudo, no caso, sobre a visão construída do ambiente.] Franz Grégoire é de opinião, porém, de que há um significado geral de ‘condição’ do qual podem destacar-se os vários significados. De acordo com esse autor, o significado mais geral se exprime dizendo que um termo é condição de outro quando este depende daquele em alguma medida e em qualquer aspecto. O termo condicionado seria, pois, num sentido muito amplo, função do termo condicionante. Ora, a condição pode ser entendida de vários modos. O primeiro termo pode envolver ou implicar necessariamente o segundo. Temos então a chamada *condição suficiente*. Essa condição suficiente pode ser *absoluta* (quando um termo, implica, por si só, o outro) e *relativa* (quando o primeiro termo implica o segundo uma vez pressupostas outras condições). Se a dependência entre os dois termos é tal que o primeiro é forçosamente necessário como condição do segundo, chama-se *condição necessária*. (MORA, 2004 526)

Sobre essa distinção entre condição suficiente absoluta e relativa cabem algumas considerações. A crítica ao “determinismo” frequentemente insiste em afirmar que as teorias deterministas cometem grave erro ao considerar o clima, por exemplo, uma condição suficiente absoluta, ou seja, que em havendo um certo clima, a implicação necessária é haver certa atividade econômica. Contudo, não é esse o *modus operandi* do pensamento determinista. Esses autores costumam tomar os fatores ambientais como uma condição suficiente relativa. Ou seja, em havendo o clima A,

haverá o desenvolvimento da atividade B, desde que haja outras condições. Ou seja, o clima condiciona a atividade econômica somente com a condição de que haja outras condições suficientes para isso. Assim, a atividade B pode não se seguir ao clima A, caso outra condição C ou D não entrasse no cômputo da relação causal. Desconheço qualquer autor que tenha afirmado um determinado fator ambiental como a condição suficiente única e absoluta, e além disso, necessária, numa simplista relação, haverá B sempre que houver A, como se um país, ao ter o clima A, necessariamente presenciasse o desenvolvimento da atividade econômica B. Neste cômputo entra a tecnologia C e a intenção da sociedade D. Alguns autores deterministas não explicitaram as outras causas, mas isso não quer dizer que não a concebiam como parte de suas teorias.

Do mesmo modo, o ambiente natural também raramente é visto como uma condição necessária (não existe B sem A), pois isso significaria que determinados traços culturais, alegadamente consequência de alguns fatores ambientais, não existiriam em nações ausentes desses fatores. Isso é falso, pois os deterministas jamais afirmaram que os traços culturais que tentam explicar somente ocorrem em regiões onde há certos fatores ambientais atuantes. Assim, para muitos tipos climáticos distintos podem levar a uma mesma situação, ou seja, a de dificultar a inventividade e o progresso tecnológico.

2.2. Incapacidade de reconhecer causa e efeito de maneira completa. (Platt)

O erro dos deterministas frequentemente foi o de isolar em seus discursos o ambiente enquanto causa de fenômenos humanos. Como viam nessa causa a explicação do porque certo efeito se produziu, supuseram que a causa podia ser também a razão ou motivo da produção do efeito. Em sua obra *Metafísica*, Aristóteles classifica a causa em: eficiente, material, formal e final, e assim para ele não há apenas uma causa na produção de algo, e sim várias, que podem ser recíprocas. O emprego ingênuo da causa eficiente é atribuída aos deterministas por ser críticos, e segundo Mora, “Quando Aristóteles afirma que *‘tudo o que ocorre tem lugar a partir de algo’*,

que 'é preciso que todo movimento se mova a partir de algo', ele sustenta, com efeito, que não há movimento sem causa, mas isso não equivale a afirmar um determinismo do tipo mecânico ou puramente eficiente. Os deterministas também enxergam em todos os fenômenos humanos uma causa ou, melhor dizendo, um conjunto de condições nas quais o ambiente é quase sempre ou sempre uma condição necessária. Uma única causa é uma condição insuficiente, em geral reconheceram isso, e portanto viam os fatores ambientais como condições necessárias de um conjunto de condições suficiente. Essa era a visão de possibilistas e de todos os seus críticos, e a própria ontologia da natureza não permite que se negue os fatores ambientais como condições necessárias a inúmeros fenômenos humanos. O perigo frequentemente esteve no não reconhecimento de que o conjunto de condições necessárias que defendiam não formavam inevitavelmente uma condição suficiente, ou seja, não contavam com a possibilidade de que poderia haver outras condições necessárias. A crítica também poderia alegar que alguns deterministas não se deram conta de que o fator ambiental poderia simplesmente não fazer parte do conjunto de condições suficientes, que seria constituído apenas de fatores humanos.

Sem adentrar conceitos e discussões filosóficas em torno do problema da causação, é necessário aceitá-lo como inerente à ciência em geral, e de modo algum pode ser invocado para se rebaixar as teorias deterministas, pois seguindo essa lógica teríamos que invalidar e simplesmente rir de toda a psicologia, psicanálise, sociologia e de toda Geografia humana.

- 2.3. Incapacidade de demonstrar com maior precisão a cadeia de causas que levam a uma característica ou escolha da sociedade, devido às diversas ligações na cadeia de causa e efeito. (Martin 1951 p. 8)

Martin explica esse problema ao falar dos critérios usados pelos geógrafos na distinção entre relações causais e meras coincidências:

This criterion seems to include some sort of continuity or homogeneity between cause and effect. In particular both ordinary thought and scientific

practice normally demand contiguity in both space and time between cause and effect. To be fully convinced that a is the cause of b we demand, and science normally attempts to show, that the terms a and b shall be such that we can trace, or consider it possible to trace, a chain of subordinate causes and effects leading gradually and continuously from a through ab to b. The more minute the links in the chain and the more nearly imperceptible the gradual transition from a to b, the more satisfied are we that the causal relation is firmly established. Consider, for example, the suggested influence of forests on rainfall. Most of us when first confronted with the statistical evidence are still inclined to be sceptical simply because we can see no link or common ground between the proposed cause and effect, or, as we would say, we cannot see how the forests (a) can affect the rainfall (b). It is only when a connecting link is provided, in the shape of the rising air currents due to the obstruction of the trees, or the increase of atmospheric humidity by transpiration from the trees (ab), that the theory takes on an air of respectability, even though the scale of the proposed influence is thereby reduced to insignificance. On the other hand we do not believe that the moon (a) affects the weather (b) because we cannot find any adequate middle term (ab), no mechanism by which the suggested influence could be brought to bear. This account of the presuppositions of the term cause and effect may be adequate as an exposition of what is in our minds when we normally use the words; but whether this attitude of mind is justified in reality is another matter. One can only point out that if causation in reality does not comply with these demands, then it is a rather different thing from what we mean when we normally speak of it. It must be admitted on the other hand that we cannot directly perceive the necessary links between causes and effects, and that almost the only method we have of discovering causes and effects is by noting and searching for concomitances or invariable sequences of events or conditions. [isso foi o que deterministas fizeram, ou seja, é o que todos os cientistas fazem e nem por isso são desmerecidos por conta dessa limitação] What is the position when we apply this idea of causation in geography? In physical geography it is fairly straightforward. The trouble is that we cannot find sequences regular enough to justify the causal relations we would like to establish. (Ibid, p.2)

Esse problema da incapacidade e impossibilidade de se identificar elos necessários entre a causa e o efeito é particularmente limitante nos estudos da interação homem-natureza, pelo número de variáveis envolvidas e pela complexidade da natureza, do homem, e da relação recíproca.

Martin nota também a ausência de fatores intermediários na teoria climática de Huntington, que considera exagerado: *“Secondly, the older determinism was apt to over-simplify by skipping several links in the chain of cause and effect. From climate to civilization direct is too big a jump [Huntington não usou metodologia “canguru”], but we would all recognize that through its control of agriculture climate does have a considerable indirect effect on civilization”*. (Martin 1952, p. 8)

O trecho a seguir, que foi extraído de “Civilization and Climate”, mostra que Huntington não “pulou” magicamente de clima para civilização, pois os efeitos climáticos eram vistos como atuantes por intermédio da política, da econômica, migração, recursos naturais, saúde, seleção natural e mutação:

The next step is obviously a study of the relation of climate to mutations and thus to the origin of the new types among which natural selection makes its choice, but that is as yet impossible. Beyond this lies the synthesis of the effects which climate produces through economic and political conditions, through war and migration, food and natural resources, energy and health, and through natural selection and mutations. And all these results of the climatic environment must be put into due relation not only with the results of the other factors of physical environment, but with the opposite side of the shield, that is, with the purely human factors such as institutions, customs, ideas, and all man's passions, ideals, and aspirations. (HUNTINGTON, 1939, p.29)

Semple reconheceu esse problema da deficiência em se demonstrar com mais detalhes a cadeia causal, assim, não pode ser criticada por ingenuidade em relação a esse problema: *“owing to the multiplicity of the underlying causes and the difficulty of distinguishing between stronger and weaker factors on the one hand, as between*

permanent and temporary effects on the other. We see the result, but find it difficult to state the equation producing this result. “(SEMPLE, 1911, p.14)

Essa crítica que aponta para a incapacidade dos deterministas em demonstrar com maior precisão a cadeia de causas abre espaço para a seguinte questão mestra: Influências operam por meio de quais mecanismos e processos? Para Martin, em seu artigo “the necessity for determinism – a metaphysical problem confronting geographers”, o problema da causa e efeito está na raiz das dificuldades dos geógrafos em lidar, debater e entender o “ambientalismo” ou determinismo geográfico e que esse problema se apresenta em dois estágios, ou duas questões, que devem ser respondidas de maneira mutuamente consistentes, a resposta da A provendo a base da resposta de B, contudo não sendo necessária para se responder a B, cuja resposta independe, dessa forma, da resposta de A: “(A) *What is the ‘philosophical’ truth of the matter? Are men’s action really governed by their environments? In this question we must all be interested as human beings and as crypto-philosophers. (B) What is the proper working belief of geographers? What assumption or hypothesis, if any, must geography adopt, in its nature as a science, for working purposes? This question is what primarily concerns us as geographers.* (Martin, 1951, p.1)

Martin indica que para lidarmos com a primeira questão, primeiramente deve-se ter em conta as quatro mais relevantes dificuldades em torno da questão determinista: A definição de causa; o problema da interação entre mente e matéria; a dificuldade de isolar causas e efeitos individuais; e a aparente contradição entre o princípio da causação e a liberdade de escolha ou livre arbítrio.

2.4. Dificuldade e incapacidade em isolar causas parciais e efeitos. (Martim e Montefiori)

Essa dificuldade é um dos grandes fantasmas de toda pesquisa científica, e é especialmente grave nos estudos das influências ambientais. Não há possibilidade de experimentos, ou seja, o empirismo não se aplica. Nunca existe apenas uma causa em

jogo. Nas palavras de William e Montefiori, “*the impossibility of tracing ‘the cause’ of a given event may frequently spring from the fact that more than one of its sufficient conditions are known to have been present.*”(Montefiori e Williams, 1955, p.8)

Para esses autores, explicar um evento por meio das condições necessárias é mostrar como ele “foi possível”¹⁸¹, enquanto que explicá-lo pelas vias das condições suficientes é mostrar como ele “poderia ter sido previsto.” Apontar as condições necessárias não foi o grande erro dos deterministas¹⁸², que realmente perderam credibilidade ao apontar para as causas suficientes de fenômenos complexos que jamais seriam explicáveis por uma argumentação dessa natureza. Para piorar sua imagem, muitas vezes ignoraram, ou ao menos não explicitaram, que além das causas eficientes que apontavam, havia também em jogo as causas materiais, e que entre uma e outra havia a intermediação de fatores culturais, conforme apontavam seus críticos da antropologia. Sobre a questão das condições necessárias, os críticos dos deterministas apontam para um excessiva confiança numa condição necessária absoluta, enquanto que deveriam ter argumentado levando em conta as condições necessárias alternativas.

Sobre o problema em isolar causas e efeitos, Martin dedica um tópico de seu artigo:

Once we consider the complexity of most causal situations in nature it becomes questionable whether such a thing as a single cause or a single effect can exist. Material causes operate in both space and time, and in both space and time it seems impossible strictly to isolate them. To take space first: no material cause can operate in space without affecting not only what is called the effect but also many other phenomena. Likewise no material cause acts in isolation; innumerable other causes are acting simultaneously with it and their reactions may materially influence the effect of our particular cause, making it deviate from the usual rule. (...) It will be clear that there is no calling a halt to this process of extending the scope of the cause until one arrives at the conclusion that only the whole state of the universe at a given moment can be the adequate cause of any effect; and

¹⁸¹ E essa explicação foi a predominante entre os deterministas mais cautelosos.

¹⁸² Pelo contrário, foi seu maior trunfo.

similarly it would seem that only the whole state of the universe at a subsequent moment can be the total effect of any cause. Material causes also operate in time, and in similar manner it is impossible to isolate individual causes and effects. By analogous arguments we cannot place a limit to the duration of the effect of a given cause, nor can we call a halt to our backward progress through past time in an attempt to discover the full or ultimate cause of any effect. We cannot, that is to say, find the beginnings of individual causes nor the ends of individual effects in time. This conclusion has the advantage of allowing us to use the idea of interacting part-causes to explain the exceptions to our causal laws, but apparently at the cost of showing that a full causal explanation of a single event would involve reference to all the events in the universe. The search for restricted causes and effects seems to be a wild-goose chase. But it is noticeable that the difficulty is not a purely geographical one, for it derives from the first principles of experience: and it would seem on the face of it that there must be some way out, for one notices that all the sciences which seek for causal relations or laws are unconcernedly going ahead with their job, and it is precisely the most respectable and 'scientific' of the sciences which proclaim the most rigorous laws. The way out of the difficulty must be to resort to the distinction made at the outset of this paper between the 'philosophical' truth of the matter and a working assumption as a basis for science. We may accept as philosophical truth the indivisibility of the universe and the complicated interrelation of all causes and all effects, but for scientific purposes we must divide or isolate in thought what cannot be divided or isolated in reality. No one science is competent to deal with the whole universe, and each must content itself with one part or aspect only of the whole causal complex isolated theoretically, but not really, from the rest.

Dessa forma, nada resta ao determinismo ambiental senão procurar isolar suas causas, seus fatores ambientais, e procurar evidências de suas influências. O problema está em identificar a influência, e ainda pior, em encontrar evidências mais convincentes que meramente a associação e a coincidência de fenômenos. Martin complementa que:

Likewise no science can deal at one blow with the whole even of its restricted share of the causal complex but must divide it into further sub-part-causes, which for its purposes it can treat as individual causes. At the scientific level we can then try and state the laws according to which each particular part-cause takes its share in the effect of the whole causal complex. The consideration in mechanics of the effects of two or more forces, and the extraction of a net effect by means of the triangle of forces is a typical example. Geography and the social sciences, however, cannot, like the experimental sciences, arrive at quantitative mathematical expression of their laws, owing to their inability to isolate one partial cause at a time in experiments. The social sciences must therefore express their causal laws or generalizations simply as tendencies, [probabilidades] the exact value of which in any circumstances is not known. Thus our old friend, the 'iron law' of supply and demand, can be correctly stated only as a tendency. Similarly with geographical 'laws' or generalizations. Even in physical geography quantitative results are still rare, and very tentative; the geostrophic wind is an example, and even that we know to be only an approximation to, or tendency on the part of, the actual wind. The nature of our subject matter is so complex that we must always be prepared for normally predominant tendencies to be on occasion completely outweighed by other contrary tendencies which may usually have an insignificant effect only. We can, however, by close study of the action of a part-cause or tendency learn something of its behavior in different circumstances and the degree of influence it is likely to have within the limits of our necessarily imperfect knowledge. (Martin, 1951, p.4-5)

Essa última idéia de Martin justifica e legitima o esforço dos geógrafos acusados de deterministas e mostra que a busca pela influência de uma causa parcial é perfeitamente científica na essência, em termos da proposta metodológica e em relação à consciência da imperfeição inerente do conhecimento.

Martin usa um excelente exemplo para mostrar a impossibilidade de isolar as causas de um fenômeno: *“Thus if I stand on the floor and push at a table, the table will move. But if I were to wear roller skates and stand and push in exactly the same way the result might be entirely different. Yet the immediate cause, my push, is apparently*

the same in each case. It is clear that we may not isolate the action of my arm from the nature of my stance on the ground. My push cannot be considered to be the whole cause; the whole cause must include all the circumstances of my action.”(id)

Esse exemplo permite uma analogia com a questão do papel do ambiente e da ação humana sobre o desenvolvimento. Martin fala em empurrão como causa imediata (eficiente), e reconhece outra causa (material), que seria a natureza da posição sobre o chão. Essa causa eficiente pode ser comparada ao clima, e a posição sobre o chão seria as condições tecnológicas ou a cultura. Assim sendo, o clima não atua sozinho, não pode ser isolado, mas ele “empurra” o homem não por meio de uma ação solitária logicamente, isso é impossível, pois o homem possui técnicas, conhecimentos, cultura acumulada. Conseqüentemente, o clima “empurra” (atua sobre) o homem, mas seu efeito depende da posição do homem sobre o chão, ou seja, seu nível tecnológico, suas percepções, seus desejos. Assim, não se pode falar que o clima define um caminho a ser seguido pelo homem, pois isso depende da existência ou não de um calçado nos pés desse homem, do tipo de solado, ou da existência de um skate, patins, ou do tipo de chão em que se apóia, se liso, áspero, limpo, ou sujo. Todos esses fatores simultaneamente concorrem para o referido efeito. Por esse prisma, o clima pode ser a causa eficiente, mas jamais a causa material.

O contrário também pode ser proposto: a cultura, enquanto ação humana, seria o empurrão, mas esse empurrão, ainda que magistralmente e fortemente dado, não é suficiente para levar ao desenvolvimento da sociedade, posto que este empurrão é dado por um homem que está sobre um “tipo de chão”, ou seja, em um ambiente com suas limitações e potencialidades. Claro que dentro desse conceito de ambiente podem ser elencados fatores não-naturais, como a qualidade dos recursos humanos. Com essas reflexões, chega-se ao probabilismo e distancia-se do possibilismo, pois ao se reconhecer limitações do ambiente, naturais ou culturais, nega-se um amplo rol de possibilidades e com base nessas restrições e dificuldades pode-se elencar as poucas possibilidades restantes. Ou alguém diria que a natureza no Paraguai oferece tantas

possibilidades¹⁸³, no seu conjunto, quanto no Brasil?¹⁸⁴ Acontece que essa frase que acabou de ser dita seria prontamente rotulada pelos críticos desonestos.

¹⁸³ Seria mera especulação-delírio imaginar que um país do norte desenvolvido passasse a valorizar, como que por encanto, uma certa palmeira do Chaco, e que os milionários de Hollywood pagariam qualquer preço por elas, multiplicando, como consequência, o Pib do Paraguai por 1000. Assim, quero alertar para a necessidade de se considerar fatores humanos e forças do acaso. No futuro não sabemos qual será o valor da água e dos recursos em geral. Assim, países hoje em “desvantagem ambiental” podem no futuro se encontrar na “crista da onda”. A recente descoberta do pré-sal tem gerado ações políticas que não teriam ocorrido sem ele, e suas consequências para o Brasil são pouco previsíveis, na verdade são em grande parte totalmente imprevisíveis, mas a certeza que quer se pronunciar é a de que este fator ambiental (a existência de petróleo) “determinou” (condicionou, impulsionou, iniciou, estabeleceu, incentivou) uma mudança nos rumos do Brasil no cenário internacional. Ou melhor, tem sido e será uma influência constante nas políticas públicas, no nível de desenvolvimento, no balanço de poder mundial, nas condições ecológicas do litoral brasileiro, ou seja, os efeitos são impossíveis de serem elencados na sua totalidade.

¹⁸⁴ Sim, Cingapura não precisou de natureza multiuso para atingir ao atual patamar de desenvolvimento, mas os ingleses, chineses e norte-americanos que lá investiram, só o fizeram porque enriqueceram no passado e isso se deve, em parte, aos recursos naturais de que dispunham, sejam eles os de casa, ou aqueles saqueados do quintal das colônias. Assim, o enriquecimento de Cingapura se deu pelo transplante de parte da riqueza de grandes potências para seu pequeno território e pelo esforço de chineses empreendedores e “ocidentalizados” que fugiram da China comunista na década de 50. Cingapura não precisou de recursos naturais para se desenvolver. No caso de Paraguai e Brasil, estamos comparando dois países exportadores de matéria prima e dela dependentes, e nesse caso o país de maior extensão e concentração de recursos, em tese, possui mais oportunidades. Um país como o Afeganistão, mesmo que fosse o país com maior riqueza de recursos naturais no mundo, ainda assim talvez sofresse com algum nível de pobreza, se ao lado dessa riqueza natural houvesse os atuais obstáculos tecnológicos e humanos. Todavia, pode-se especular que o Afeganistão estaria em vantagem potencial, pois a grande quantidade de recursos poderia vir a ser explorada quando o contexto sócio-político-tecnológico fosse favorável. Tomemos também o caso hipotético de duas áreas selvagens, uma com abundantes recursos prontos para serem coletados, e outra em área desértica, desprovida de jazidas minerais e de água subterrânea. Colocando-se nessas áreas dois grupos humanos sem nível técnico para extrair da terra seus mais valiosos recursos, qual desses grupos poderia obter maior lucro vendendo sua terra a um suposto comprador? É nesse sentido básico que a natureza é imperativa, do contrário, em todos os casos reais a análise é de uma complexidade estonteante e não admite simplificações como essa.

2.5. Separar as influências ambientais das não-ambientais mostrou-se inviável na maioria dos casos

Essa separação é inviável nas ciências em geral e como dualidade é irmã gêmea da clássica cisão entre ambiente e cultura, entre sociedade e natureza, entre fatores humanos e naturais. Essas distinções não são necessariamente mandatórias para se fazer Geografia e ciências correlatas, e o correto é falar que elas são inexoráveis, e especificamente importantes para estudos teóricos.

2.6. Não reconhecimento de que o estado total do universo num dado momento pode ser a causa adequada de qualquer efeito. (Martim e Montefiori)

Ter essa consciência é algo que não ajuda na pesquisa científica, ao menos na prática, pois se até um bater de asas de uma borboleta constitui-se num fator explicativo da ascensão de uma civilização, então convém sentarmos comovidos e estupefatos numa confortável poltrona, e ficar assistindo à teoria do caos e seus fogos de artifício. Nada restará a fazer, e nesse caso, qualquer pergunta sobre a causa de um fenômeno será respondida em coro: “É a soma total do universo”.¹⁸⁵

2.7. Crença equivocada de que o foco da ciência deve ser uma relação causal particular. (Grossman p. 128)

Sauer faz essa crítica e propõe como foco científico da Geografia “certo fenômeno”, pelo estudo de áreas e diferenciação areal (corologia). A relação causal particular é um dos focos das ciências, dentre muitos outros, mas os deterministas de

¹⁸⁵ - Pai, por que o beija-flor bate as asas tão rápido? – Filhinha, não complique, ele bate as asas porque a soma total do universo assim o quis! – E por que o papai se separou da mamãe? – Ora, já disse, porque a soma total do universo assim o quis! – hmmm, então vou lá conversar com esse tal de “soma total do universo”, e dar uma bronca nele!

fato tenderam a esse foco, fato que não invalida a pertinência da busca em compreender e iluminar essa relação causal particular. Ademais, autores como Huntington, Semple e Diamond adotam uma postura multicausal e não se restringem a apenas um fator.

2.8. Um mesmo fator ambiental pode ter consequência diferente entre pessoas diferentes.

O determinismo não descarta explicitamente essa afirmação. Assim, reconhecem que o ambiente pode ser apenas a causa eficiente, agindo por meio da causa material, ou seja, pelas características do sujeito. Hipócrates já reconhecia isso, ao falar que pessoas com humores diferentes não sofriam as mesmas influências dos fatores ambientais, ou seja, enfatiza a importância da causa material, a própria constituição do sujeito. Desse modo, nota-se que alguns críticos-tartarugas estão um pouco desatualizados, algo como 2500 anos. Cabe também lembrar, mais uma vez, que apesar de cada indivíduo reagir de uma forma particular, há padrões predominantes nas reações do homem e da sociedade às influências ambientais.

2.9. Não reconhecem o problema da interação mente-matéria nas influências ambientais sobre o caráter humano

Esta crítica se aplica aos autores deterministas em geral, e realmente é um problema instigante que a medicina, a física e os estudos da mente humana têm tentando desvendar. Mais uma vez, trata-se de um problema universal, e que não é específico aos deterministas. Martin faz uma claríssima e pertinente apresentação e reflexão do problema:

For the geography of man deals not only with causes and effects in *pari materia*, but with material causes which seem to have mental effects and vice versa. The distinction between mind and matter is one of the fundamental distinctions at the root of our very consciousness and indeed implied in it. It

seems, moreover, to be a rigid and unblurrable distinction allowing of no transitional forms. If this be so, there is no hope of finding that middle term or common ground necessary to establish a causal relation between mind and matter. When I deliberately move my hand, there is a mental cause and a material effect. We can refine or subdivide or analyse the two terms in this relation indefinitely, but can never remove the unbridgeable gap between them. The only solution seems to be to deny the real existence of either mind or matter; and either to reduce matter to mere appearance (Idealism) or mind to a series of conditioned reflexes (Materialism). If we embrace neither of these tempting solutions we are left with the difficulty that, although we cannot understand how mind is able to affect matter, we do perceive every minute of our lives that it does, and is as frequently affected by matter. We have therefore only the evidence of repeated unmediated mind-matter sequences to show the existence of this type of causation, and we cannot do other than assume that they constitute a form of causation we are not able to 'understand', in the sense in which we 'understand' the relation between material cause and material effect. If then we can assume that material things can act as causes to mental effects, there is no reason why geographers should not recognize the influence of environment on the mind, and through the mind on the actions of man. Difficulties occur, as in physical geography, for the sequences of the alleged causes and effects in human geography and in the social sciences are even less strict and uniform. This lack of reliability, even though it could be explained on the same lines as in physical geography, is of greater logical significance, because the interaction of mind and matter seem less 'understandable' than that of matter and matter or mind and mind. Repetition and regularity of mind-matter sequences form therefore the only basis for a belief in the possibility of such causal relations, and when the regularity of the concomitances is weakened by exceptions, as it normally is in human geography, this type of causal relation as a whole inevitably comes under suspicion. Unless the general principle of interaction of mind and matter can be taken for granted the causal generalizations of human geography must rest on an insecure foundation. But if we can assume this hypothesis, as perhaps we can for reasons to be given later (p. 8) the exceptions to any particular causal law in human geography can, as in physical geography, be consistently explained as due to the interference of

other partial causes. These other causes may also be environmental or they may have quite a different nature. (Martin, 1952, p.3)

2.10. Isola organismo e ambiente e subestima interação eterna entre ambos. Como separar hereditariedade de influências ambientais? (Freilich)

Sobre a dificuldade e os perigos do conceito de ambiente, Bates (1960), em sua obra “Ecology and Evolution”, reconhece que apesar de despertar problemas, é possível continuar a pesquisa em ecologia cultural e em qualquer área que estude a interação homem-ambiente, e que isso deve ser feito com extrema cautela por meio da abordagem ecológica em antropologia, cuidando para não resvalar num determinismo ambiental simplista, conforme aponta Freilich (1967). Assim, Bates descreve que:

The idea of environment seems obvious and easy; it covers the surroundings, the setting, of an organism; it is the sum of the forces acting on the organism from the outside, in contrast with the forces that arise from the inside, from the nature of the organism itself. But when we start to work with this contrast between inside and outside, we soon get into difficulties. The old "nature versus nurture" controversy is an example of one kind of difficulty. We cannot sort traits into two separate pigeonholes, one labeled 'hereditary' and the other 'environmental.' Everything about the organism is a consequence of the interaction of both. Another kind of difficulty with the organism-environment contrast is illustrated in an extreme form by the human animal. When we investigate the environmental relations of the human species, what do we do about culture? Is culture an attribute of the man or of the environment? The environment concept is thus a constant source of trouble, but I know of no way of getting along without it. One must go ahead and use it confidently but also somewhat warily, keeping alert to the dangers. (Bates, 1961, 552-3)

Mais uma vez, Semple e Huntington mostram ciência das complexas interações entre forças hereditárias e ambientais. Entretanto, não centraram seus estudos sobre essa desafiante relação.

- 2.11. Não explicam processos e mecanismos pelos quais as influências operam.
(Sprout, 1965)

Muito se fala sobre influência da distância, localização, clima, configuração das terras e águas, solo, etc. Contudo, Sprout argumenta que o significado de “influência” nunca é explicitado. *“Those who attribute ‘influence’ to factors of the nonhuman environment are rarely prepared, it would seem, to describe at all precisely the mechanisms and processes by which such ‘influences’ either become operative in the decisions of statemen or in the states of affairs that result from their undertakings.”* (Sprout, 1965, p.82).

III - Problema da metodologia

- 3.1. Base empírica é fraca e metodologia é inexistente ou inadequada. (Anuchin in Matley p.97)

Anteriormente ao advento do século XX não se pode, de fato, esperar uma metodologia apurada, pois esta ainda hoje é precária em diversas áreas da ciência. Os conhecimentos da atmosfera e os estudos climáticos, que ainda hoje engatinham e patinam em lama grossa, eram praticamente inexistentes durante o iluminismo, e ínfimo, quando muito, na época de Huntington, Ratzel e Semple. Surpreende, todavia, que alguns métodos usados por Huntington no seu estudo da relação entre tipos atmosféricos e eficiência do corpo humano, e entre saúde e parâmetros meteorológicos sejam tão questionáveis quanto alguns métodos usados pelos moderninhos do século XXI. Assim, ou Huntington foi pioneiro, ou os moderninhos em nada avançaram.

- 3.2. Deterministas adotaram algumas teorias no momento em que elas já estavam desacreditadas.

Febvre elaborou essa crítica genérica usando apenas dois exemplos da biologia. Muitos autores deterministas foram influenciados por teorias como Positivismo lógico, darwinismo, lamarckismo, mecanicismo, e todas essas teorias eram mal vistas pela comunidade científica da época, apesar de que o darwinismo ganhou novas leituras recentemente e continua a vigorar como a mais completa e convincente teoria da evolução já escrita. O lamarckismo, por exemplo, foi uma dessas teorias que inspiraram alguns autores deterministas num momento em que já estavam desacreditadas, mas para se saber os efeitos de uma teoria como essa na obra de autores deterministas é preciso um estudo detido e centrado apenas nesse aspecto.

3.3 Basearam-se muito em fontes secundárias, o que conduz a conclusões ingênuas. (Merren in Koelsch)

É praticamente impossível basear-se em fontes secundárias de maneira mais abusada do que os próprios críticos do determinismo e do que a Geografia brasileira em geral, havendo casos extremos que se escoram em fontes terciárias, quaternárias ou em qualquer telefone-sem-fio que esteja facilmente ao alcance das mãos.

Essa crítica feita por Merrens, dirigida a Semple, Brighan e Barrows, é colocada por Koelsch da seguinte forma:

One other misunderstanding of Barrows's method in historical geography may arise out of Merren's generalization concerning the use of primary sources by the three early writers he considered. He found that "a tendency to draw facile conclusions was especially strong because with the possible partial exception of Barrows, the trio derived most of their understanding of history from secondary sources and spent little time in examining primary source materials". Merren's summary evaluation of the historical geography done in the early twentieth century as "more of a negative than a positive contribution" is based on his conclusion that "it was marked by a preoccupation with environmental determinism and a lack of any rigorous or

systematic use of primary source materials. Inevitably, these features led to naïve conclusions...” (Koelsch, 1969, p.644).

Koelsch, assim como Martin, Spate, Glacken e Lewthwaite, é um comentador que se empenha em amenizar os estragos da crítica desonesta. Assim, ele afirma que Merren criticou o uso de fontes predominantemente secundárias feita por Barrow com base em apenas uma fonte, a publicação de uma aula, e para Koelsch não se pode esperar que uma aula seja inteiramente elaborada com base em fontes primárias. Em suas palavras “ *The use which Barrows made of primary sources is indicated in part by references in his lectures, but the footnote references supplied by the editor of the published version were identifications only of the more accessible of these. Others sources are indicated as assigned readings for students in the sample lists at the end of the published versions.* ”(id). A crítica de Merren é paradoxal, pois para criticar o uso de fontes secundárias por Barrow, ele próprio usou apenas uma fonte que, sendo apenas uma aula ministrada por Barrow, mal se constitui, de fato, numa fonte suficiente e pertinente.

Koelsch alerta que o julgamento das fontes usadas pelos escritores da Geografia histórica pode ser apropriadamente feito, desde que baseado nos trabalhos monográficos do período e não em meras publicações de aulas. Fica aqui a pergunta: qual a intenção de Merren em inventar esse defeito na obra de Barrows?¹⁸⁶

3.4 Houve uma simplificação da esfera humana e da esfera natural.

A esse respeito afirma Martin que:

(...it over-simplified the physical as well as the human world. It failed to draw fine enough distinctions among its causes and effects. Thus in examining the effects of a mountain environment we court disaster if we fail to distinguish, for example, old mountains from young, high latitude from

¹⁸⁶ Problemas pessoais? Rugas acadêmicas? Inveja? Desatenção? Para adicionar um tempero na maratona lattes versão Macdonalds?

low, glaciated from non-glaciated, limestone from granite, plateaux from serrated ridges, maritime from continental, and so forth. The earlier writers were too apt to group all mountains together and propose laws about their effect on human beings. Determinism need not be crude. It is in the smaller details of environment and human behavior that are to be found the best examples of environmental influence. (Martin, 1952, p.8)

Esta última afirmação de Martin sugere que os deterministas correm grandes perigos ao procurar em esquemas gerais, padrões naturais e grandes contrastes as causas de fenômenos igualmente genéricos. Assim, para ele, explicar as civilizações por meio do clima não produziria os melhores exemplos, a menos que se procure as influências de detalhes e nuances climáticas, de preferência sobre padrões locais.

Em consonância com Martin, creio que convém, ao se estudar as influências ambientais sobre o espaço geográfico, partir do estudo de influência locais e específicas, para chegar gradualmente às influências mais gerais, que devem ser extrapoladas cautelosamente e correr os anos para ser alvo de confirmação e aprofundamento por outros cientistas. Se Montesquieu, Ratzel e Semple podiam contar com poucas evidências, parca tecnologia e menor bibliografia sobre o assunto, os futuros cientistas do século XXI poderão estudar as influências ambientais com muito mais detalhamento e também com maior abrangência, e o tempo confirmará ou não algumas das hipóteses ousadamente levantadas por esses autores.¹⁸⁷

3.5 Exemplos é que foram contestados, mas seus princípios não foram reprovados, exceto pelos críticos radicais que imprudentemente “jogaram o bebê saudável juntamente com a água suja”.

Como bem colocado por Martin:

¹⁸⁷ Outras hipóteses podem posar eternamente de alvo para meras especulações, lado a lado com as grandes questões metafísicas.

“Many human geographers will be shocked, no doubt, by this attempt to put the clock back, and it is as well to say that this is not an attempt to return to the precise views of Montesquieu, Ratzel or Miss Semple. The older determinism was discredited not because its principles were disproved, but empirically, because its examples were disputed. This could be done because it was a crude determinism” (id)

3.6 Ao pré-selecionar causas físicas para fenômenos humanos os deterministas restringem o amplo campo de fatores que podem estar em jogo. Assim, dogmaticamente recusam-se a examinar outras hipóteses e outros dados que não aqueles que defendem e que os convém.

Culturalistas costumam fazer essa restrição tendenciosa de fatores, e há casos em que sequer mencionam os fatores ambientais, como se a sociedade pairasse num tapete mágico cultural acima de qualquer influência do ambiente em que vivem. Não obstante, é preciso uma hipótese para ser seguida, um recorte para nele se concentrar as energias e, tanto a hipótese que afirma as influências ambientais, quanto a que enfatiza as culturais, são válidas, o único problema é quando ambas as partes se recusam a ver que as evidências contrárias pesam mais, aí tem-se uma falsa sensação de hipótese confirmada, mas na verdade houve um olhar seletivo que ignorou outras possibilidades. Para Sprout, nesse caso a pesquisa se transforma na busca por correlações entre causas pré-selecionadas e os eventos a serem explicados ou previstos. Huntington é um exemplo contrário a essa crítica, pois, além do ambiente, examinou cultura e hereditariedade, ainda que com menor ênfase.

Semple alerta para os perigos do problema em se focar apenas um ou dois fatores geográficos e diz: *“But the important thing is to avoid seizing upon one or two conspicuous geographic elements in the problem and ignoring the rest.”* (SEMPLE, 1911, p.14). Contudo, Semple confere menor atenção aos demais fatores quando comparada a Huntington.

3.7 A tese determinista envolve uma pré-seleção dos tipos de influências que serão considerados significativos.

Nota-se que nas obras deterministas os autores não iniciam a pesquisa com mente aberta para identificar, primeiramente, quais as causas que são mais significativas, pois já se parte da premissa de que o ambiente físico é a causa parcial mais relevante. Clark (1950) reconhece que essa abordagem tendenciosa e apriorística ocorre em outras áreas que não a Geografia. Assim posto, tal crítica deveria ser direcionada à ciência em geral, e não apenas ao determinismo ambiental com o intuito de invalidá-lo.

IV - Problema da incompreensão da natureza da relação natureza/cultura

3.1 Não houve reconhecimento de que a cultura pode tornar dispensáveis ou insuficientes certos fatores ambientais e requisitos. Ou seja, a percepção de um mesmo ambiente não é a mesma para diferentes culturas.

Esse argumento, apesar de pertinente em muitos casos, não invalida certos tipos de influências. Exemplo: baixas temperaturas exercem uma influência sobre o corpo que independe da cultura, ou por acaso na cultura chinesa o frio causa vasodilatação enquanto que na cultura mapuche causa vaso constrição? A força de um terremoto e a conseqüente destruição material causada seria menor entre os árabes, porque eles o conceituam de outra forma? A reação aos desastres naturais, por exemplo, varia com a cultura, mas seus impactos e conseqüentes perdas ocorrerão necessariamente em todas as culturas, independentemente de seus valores e hábitos, ou seja, haverá destruição em ambos os casos, mesmo que se possa falar em diferenças no grau e na forma de

destruição. Assim, as influências ambientais, em alguns casos, estão acima de qualquer percepção ambiental ou conjunto de técnicas, costumes e crenças.¹⁸⁸

Entretanto, quando se fala em minérios, água e plantas, a influência desses fatores depende primeiramente da cultura, da forma que uma sociedade olha para esses fatores, das necessidades particulares dessa sociedade, do nível tecnológico para fazer uso desses elementos. Sem negar o papel dos fatores ambientais sobre a cultura, White afirma que

Every cultural system exists and functions in a natural habit, a collocation of flora, fauna, topography, altitude, meteorologic conditions and forces, and so on. And every culture is of course affected by these environmental factors. But the relationship between culture and environment is not a one-to-one correlation by any means. [não se pode falar, então, que para cada ambiente, há uma única cultura possível.] Environment vary, and their influence and effect upon cultures vary likewise. Some habitats are suitable for agriculture, a pastoral economy, or fishing, manufacturing, etc.; others are not; they may even render certain types of cultural adjustment to nature impossible. (WHITE in HAENN, 2005, p.142)

White escreveu seu texto em 2005, e seus textos não lembram o daqueles deterministas radicais ou ingênuos, como nos moldes antigos. Ainda assim, ela vê no tipo de ambiente uma questão de probabilidade, pois se é adequado à agricultura, provavelmente haverá a formação de uma região agrícola, a menos que algum fator inusitado, social ou cultural, possibilite a criação de outra tendência. Inclusive reconhece que a natureza pode impedir completamente alguns tipos de ajustes culturais. White segue afirmando que: *“But the relationship of culture to environment is determined to a very great extent by the degree of cultural development.”* Ela cita

¹⁸⁸ Antes de fazerem seu devido trabalho cotidiano, um terremoto ou tornado não pergunta à população prestes a ser fulminada: de que forma você me percebe? Ah, sua percepção sobre mim é sofisticada então? Ok, serei bonzinho com vocês. A percepção aguçada e consciente de um desastre natural ajuda no preparo e na mitigação dos efeitos, mas não evita a ocorrência do próprio evento nem sua magnitude, e nesse sentido, mais uma vez, a natureza manda, e o ser humano assiste, fotografa, estuda, faz documentários, escreve poemas (Voltaire e o terremoto de Lisboa), pesquisa, especula, corre, chora...há uma ampla gama de possibilidades!

que a região do Kansas não era adequada à agricultura para seus primeiros habitantes que desproviavam das técnicas necessárias. Também exemplifica que o carvão na Europa só se torna relevante em certos níveis de desenvolvimento cultural, assim como os riachos e rios da Inglaterra só vieram a ser importantes fatores naturais com o advento da revolução industrial, sendo anteriormente relativamente insignificantes.

É preciso cautela, todavia, com a seguinte afirmação generalizante de White: *“Features of the natural habitat become significant only when and as they are introduced into cultural systems and become incorporated in them as cultural elements.”* Traços naturais podem se tornar significativos e exercer grande influência mesmo quando não são incorporados pelos sistemas culturais, conforme exemplos que apresentei anteriormente. White, quando afirma que as influências ambientais são intermediadas pela cultura, parece se referir a elementos inertes, incapazes de atuar dinamicamente sobre o homem. Assim, parece falar apenas de elementos naturais com o potencial de serem vistos como recursos, ou seja, minérios, plantas e qualquer tipo de elemento natural que possa ser utilizado e alterado pelo gênio humano.

White¹⁸⁹ finaliza afirmando algo que, ainda que pareça uma ótima dica possibilistas aos deterministas, já é uma forma moderada de pensar de muitos deterministas, *“Thus we see that although natural habitat exerts an influence upon culture, we can learn more about this influence from a consideration of the culture and its degree of development than by a mere inventory of environmental features.”* Nesse caso, a tarefa de Hércules é encontrar algum determinista que tenha se ancorado num mero “inventário de traços ambientais”. Isso certamente não se aplica à Ratzel e aos deterministas posteriores.

Wallis também insiste que a análise das influências ambientais não pode falhar em considerar que o ambiente é de certa forma passível e que influencia o homem apenas na medida em que este reage a ela: *“Man can work only in and upon his*

¹⁸⁹ White entende a cultura como um sistema sociocultural, material e termodinâmico, portanto deve ser analisada em termos de energia, ferramentas e produtos. Ela analisa o papel do ambiente, da energia e das ferramentas na elaboração dos produtos. Contudo, falha em observar que energia, ferramentas e produtos são todos eles dependentes, de alguma forma, em algum grau, com certa frequência, do ambiente, dos fatores naturais.

environment, but the tools with which he shapes his civilization are not the creations of the physical environment.[as ferramentas não são criadas pela natureza, mas são criadas por meio dela] *Every utilization of environment is needed a culture achievement, an assertion that man to that extent is master of his environment; for the environment influences man only when and in so far as man reacts to it*”(Wallis, 1931, p.564)

Wallis esqueceu de observar que as influências ambientais são mais amplas do que ele sugere, e que elas não se reduzem apenas a situações nas quais ocorre uma reação humana a elas. Povos neolíticos que vivem em regiões com a árvore X, não poderiam ter em sua dieta frutos da árvore Y, existente apenas em outra região localizada do outro lado do oceano. Assim, o isolamento geográfico e os recursos alimentares “determinam” a dieta. E nesse caso, não há reação humana a uma influência percebida, há apenas o uso humano de determinado recurso natural. Da mesma forma, é inimaginável que toda a população da Capadócia, há milhares de anos, construísse suas casas com mármore dos Alpes. Povos antigos usavam os produtos disponíveis em seu entorno, e com o passar dos tempos é que produtos cada vez mais distantes da área habitada foram sendo incorporados à cultura. Diamond, para horror dos críticos anti-deterministas, mostra magistralmente em sua obra “Armas, Germes e Aço”, de que forma os recursos naturais disponíveis em cada região ajudou no desenvolvimento e hegemonia de cada uma das grandes civilizações da história. Cavalos selvagens e sementes de trigo podem fazer milagres...

- 3.2 Incapacidade de reconhecer que ambiente não cria cultura e que não atua sobre sociedade sem cultura, uma vez que suas influências são exercidas sobre uma cultura pré-existente. A influência ambiental não existe per se, pois é direcionada ou trazida pelo tipo de cultura. Em outras palavras, a cultura intermedia as influências ambientais sobre a sociedade.

Afirmar que algum pesquisador possa ignorar que o ambiente atua sobre uma cultura pré-existente é o mesmo que afirmar que ele vive em outro planeta ou que

gosta de dar murros em verdades auto-evidente. Essa aparentemente poderosa crítica, a priori ameaçadora, não sobrevive a uma análise paciente, pois os autores “deterministas” (ao menos aqueles dos últimos dois séculos) raramente ignoraram a intermediação da cultura e jamais afirmaram a leviandade inconcebível de que o ambiente, o clima, os solos, “criam” cultura, como se fossem cérebros pensantes e intencionais. Alternativamente, esses autores tão somente advogaram que a cultura, ao ser forjada e desenhada, desenvolve-se sob várias influências ambientais que evidentemente ocorrem inseridas numa cultura. Se as influências ambientais se dão sobre a sociedade (premissa “determinista”), como poderia ser “extra cultural”? Tudo que se refere à relação homem-meio ou sociedade-natureza está necessariamente inscrito num contexto cultural e não entendo o motivo de tanta polêmica em torno de uma dualidade que não existe, ou seja, a oposição entre “influências ambientais extraculturais” x “influências ambientais intraculturais”.

Em outras palavras, os autores que concebem a natureza como um fator que também delinea a cultura, entendem que isso se dá por meio da reação humana à natureza ou de seu uso como recurso, portanto, essa concepção não significa negar o reconhecimento de que alguma cultura sempre pré-existe às influências ambientais. O único contexto que contraria essa máxima da antropologia é aquele da terra pré-humana, tão curiosamente descrita pelas teorias do sopão protéico que originou a vida no planeta, no qual as influências ambientais reinavam absolutas sobre a própria natureza, sem intermediações e sem seres humanos para lhes dar significados.

Steward (2005) afirma que essa concepção relativística e neo-evolucionista da relação ambiente-cultura, na qual se introduz o ambiente local como um fator extracultural, assumindo que a cultura vem da cultura, é uma crença infrutífera. Grossman concorda com Steward, e ao contrastar o papel da sociedade e da cultura na análise da relação homem-meio na concepção geográfica e antropológica, ambas anti-deterministas, afirma que *“Although the limiting potential of environmental variables was sometimes stressed, anthropology gave prime consideration to social and cultural variables. This resulted in part from the conviction that culture was a ‘superorganic’ phenomenon, to be understood only in terms of other cultural factors”* (Grossman,

1977, p. 130). Grossman contrasta a Antropologia com a Geografia e afirma que *“Geographers neglected the analysis of culture and society and instead preferred to concentrate on the visible artifacts of societies”* (id). Speth aponta na mesma direção, ressaltando a falácia da idéia de “cultura proveniente da cultura”.

3.3 Ambiente não explica cultura, pois em ambientes semelhantes há culturas muito distintas.

Esse bordão tão cansativo quanto raso e impensado, é um dos grandes motes do “possibilismo geográfico” e foi usado exaustivamente por inúmeros críticos, ainda que Huntington o tenha reconhecido plenamente, conforme será visto no capítulo quatro. Uma proposição tão vaga e genérica como essa apenas abre espaço para mal-entendidos e julgamentos precipitados. Pois bem, cabe aqui algumas interrogações: qual determinista, se há algum, pretendeu explicar a cultura pelo ambiente? Antes dessa pergunta, é necessário esclarecer o que significa explicar cultura pelo ambiente! Advogar passividade de um pela tirania de outro, ou tão somente entender o papel do ambiente na formação da cultura e no desenvolvimento das civilizações? Quais critérios podem ser usados para se definir um ambiente como sendo semelhante a outro, e uma cultura como sendo distinta de outra? Não me parece sensato conceber um ambiente como sendo igual a outro, mas no máximo, como semelhantes. Entretanto, como são ambientes semelhantes, com suas particularidades, as influências ambientais serão únicas e distintas. Assim, em ambientes semelhantes as influências ambientais ainda são um fator relevante, e no mínimo explicam “parcialmente” as diferenças culturais. Não obstante, quando há grandes diferenças culturais em ambientes semelhantes, é mandatório explicá-las, em grande parte, pelos traços culturais e históricos de cada povo e pelo intercâmbio com outros povos. Contudo, não se pode ignorar que essas culturas já distintas, antes de ocuparem o ambiente atual em que vivem, podem ter se originado e passado por diferentes ambientes que influenciaram seu longo processo de criação e delineamento.

Em suma, afirmar que ambiente não explica cultura é uma fantasia possibilista e boasiana que esconde inúmeros equívocos em relação ao que de fato propuseram os deterministas. O determinismo afirma, em geral, que o ambiente influencia a cultura. E nisso não há motivo para desassossego, pois se trata meramente de um recorte científico da dialética da relação sociedade-natureza. Não há mal algum, nem deveria haver constrangimentos morais, em se dedicar especialmente ao estudo da influencia cultural sobre o ambiente, ou ambiental sobre a cultura. O único requisito é que se considere ambos os lados sem deixar-se poluir por ideologias e partidarismos acadêmicos, e que se tenha como viga mestra a complexidade da relação natureza-cultura e todas as dificuldades e limitações de se investigar um assunto tão central da ciência e tão pertinente à Geografia e ciências afins.

Sobre toda essa polêmica, resta dizer que embora haja culturas muito distintas em ambientes semelhantes, é simplesmente improvável que essas culturas não tenham sequer um detalhe em comum devido às influências do ambiente. Esse detalhe, ou muitos outros, podem ter sido originados e moldados por fatores ambientais em comum nessas diferentes culturas e sobre essa possibilidade os deterministas eram muito curiosos.

Na antropologia da primeira metade do século XX, particularmente em Boas, acreditava-se que, uma vez que a cultura variava dentro de ambientes relativamente uniformes, não se podia explicar essa variação com base no ambiente. Segundo Freilich (1967), o antropólogo Steward golpeou o aparentemente devastador ataque dos anti-deterministas, de que ambientes similares não conduzem a culturas similares, e de que culturas similares existem em ambientes diferentes, e lançou a seguinte pergunta básica: *“What does similar environment mean? Is the criterion of similarity to be climate, topography, florau, fauna, all of these, or a particular grouping of them?”* Wallis também aponta que os deterministas também tinham dificuldade em responder as perguntas feitas pelos anti-deterministas, como a que pergunta pelo sentido de “ambiente geográfico” na concepção determinista. Há falhas em reconhecer que o ambiente é inerentemente mutante.

- 3.4 Deterministas são tentados a ver em algumas regiões certa homogeneidade e indiferenciação do ambiente físico que resulta em seres humanos (indivíduo e grupos) igualmente homogêneos e indiferenciados. (Febvre, p.102)

Febvre não especifica a quem se aplica esta crítica, mas logo ao proferi-la, fala de Semple, citando exemplos dos povos “homogêneos” por ela analisados. Contudo, essa idéia simplista cabe mais em Hipócrates, que não explicou como se dá esse processo. Considere-se também que esses autores consideravam os povos mais ou menos homogêneos para fins de generalização, do contrário, não sairiam do lugar com seus estudos. Mais da metade de cada livro didático e até mesmo de cada livro acadêmico de Geografia teria que ser incinerado se proibíssemos os geógrafos de fazer o que Semple e Hipócrates fizeram, ou seja, generalizações. Entretanto, considero que existe uma tendência obsessiva na Geografia pela generalização, e isso deveria ser repensado e corrigido. Vejo mais generalização e descuidados metodológicos em algumas obras atuais do que nas surradas obras de Semple e Huntington.

- 3.5 Indiferenciaram e generalizaram cultura e ambiente. Não especificaram quais traços culturais são afetados pelas adaptações e não se detiveram às características ambientais realmente relevantes em cada caso.

Essas características eram muito comuns entre os autores deterministas que viveram em períodos em que o conhecimento da natureza e da sociedade era ainda rudimentar, como nos séculos anteriores ao XVIII. A partir do século XIX a natureza e a cultura eram mais bem entendidas em sua complexidade e apenas nos tempos atuais seria possível fazer um estudo das influências ambientais sem cair nas armadilhas tão freqüentes que comprometiam as obras de Ratzel, Montesquieu, Bodin e Hipócrates. Em Semple e Huntington essas exigências de maior precisão e reflexão encontraram melhor observância.

3.6 Excessiva naturalização do homem.

Ao se referir aos deterministas, Febvre explica que tem sido um hábito nos últimos anos falar que *“Nas grandes regiões climato-botânicas a sociedade humana é um elemento que, ao lado da fauna e flora, são estritamente dependentes dos fenômenos meteorológicos.”* (FEBVRE, 1925, p.172). Contudo, em termos biológicos/fisiológicos, o ser humano é exatamente isso, não difere, e em alguns aspectos é até mesmo mais vulnerável, tanto é que não sobrevive ao frio sem vestimentas, ao contrário de muitos animais. Em sociedade, o ser humano não só é fisiologicamente vulnerável aos fenômenos da atmosfera como também é economicamente, socialmente, culturalmente e psicologicamente sujeito a uma série de impactos.¹⁹⁰

3.7 Baseia-se numa distinção/separação entre homem e ambiente

Martin afirma que a distinção homem/ambiente é inevitável na prática e consiste num campo fascinante de estudos da Geografia:

The man-environment distinction seems in practice to be inherent and unavoidable in parts, at any rate, of the geography of man. To bar the distinction would be to rule out a considerable and and fascinating field of human geography, for one can scarcely examine the whole 'man plus environment' without some analysis into 'man' and 'environment', this analysis being necessary as a method of procedure, without any reference to its validity as a real difference. The man-environment distinction is, it seems, inescapable in human geography. and to advocate its rejection is to advocate the impossible. To do justice to this criticism, however, let it be said that geography as a whole, and regional geography in particular, do aim at an eventual description and understanding of the whole 'man plus environment',

¹⁹⁰ Parafraseando Carlos Augusto Figueiredo Monteiro, em conferência durante um simpósio de climatologia no Rio de Janeiro: a climatologia é a grande vedete da Geografia!

and are not, as is sometimes suggested, concerned solely with the relations between man and environment. (MARTIN, 1951, p.10)

Para Martin, o estudo da relação entre sociedade e natureza pressupõe uma separação, uma diferenciação, e isso seria um problema nos estudos deterministas. Alternativamente, afirma que a Geografia, e a Geografia regional em particular, eventualmente procura descrever e entender o conjunto “sociedade+natureza” e que não está preocupada somente com as relações entre sociedade e natureza, ou, em outros termos, entre homem e meio (man and environment). Todavia, quando se fala em relação sociedade/natureza na Geografia atual, advoga-se exatamente um estudo integrado, não separativo e dialético, concebendo essa relação como um todo do qual as partes não podem ser tratadas isoladamente. Assim, qual o problema em se falar que a Geografia atual está “ainda” preocupada com a relação sociedade/natureza? É o mesmo que se dizer que está preocupada em estudar o conjunto “sociedade+natureza”. Assim, o sentido do termo “relação sociedade/natureza”, que implicava um estudo mais separativo, menos dialético, e até mesmo mais descritivo, em décadas passadas ao longo do século XX, principalmente em sua primeira metade, mudou consideravelmente, e sua essencial pertinência existirá enquanto houver sociedade e natureza em contínua interação.

No mesmo sentido aponta Spate, quando afirma que:

But the facts of geography are the facts as they are approached; there is no other geographical way of looking at them. This does not for one moment deny the objective existence of the world altogether apart from man. Before man was, the hills in order stood and earth received her frame, and his exit from the stage may not be a very important incident in the cosmic drama. But this world without man is not environment, is not our world. The earth abstracted from man is a proper object of study - of the studies geology, geodesy, seismology, geomorphology and so on. These have the most intimate relations with geography; there should be no question of ‘taking the ge out of geography. But at least since Humboldt, if not Strabo, geographers have looked on earth not simply as a physical body but also as the home of

man. The frame of earth, then, is not in itself environment. It was there before man was, but then it was not human environment, because there was nothing human to environ. "Environment taken by itself" is a meaningless phrase; without man environment does not exist. But we are fully entitled to make abstracts or isolates of the physical factors for study; it is obviously essential to do so. (SPATE, 1952, p. 419)

Platt afirma que os fatores ambientais não devem ser tomados pelo prisma da causação, mas sim como uma condição da vida humana "*all pervasive e all-enveloping*". Além disso, não apenas o termo, mas o próprio determinismo ambiental deve ser descartado, e isso não significa negar as influências ambientais ou não computá-las na análise da construção do espaço geográfico e na relação homem-ambiente, mas implica apenas em máxima cautela com a maneira de conceber a relação homem-meio. Ao contrário de outras idéias de Platt, bastante descuidadas em relação às obras deterministas, essa parece ser a mais sóbria. Sobre a separação homem-natureza alerta que

It is not only environmentalism that should be discarded as a misleading approach to understanding but also the conventional concept of natural environment as a separate phenomenon clearly distinguished from cultural environment and from human beings themselves. Our natural environment can be understood by us only in terms of our life, history, and culture; and, conversely, our life, history, and culture can be understood fully only in our natural environment. Separate studies of natural environment may have analytical value, but only as abstractions made in full view of the indivisible totality. Thus the rejection of environmentalism is based not on a simple denial of relationship between natural environment and human life but on a complex denial of the implications and impressions that necessarily accompany the orthodox environmentalist approach. The rejection is of a particular line of thought, leading too often to faulty conclusions, and not of the meaningful relations of environment and life, seen better from another angle. Human life and environment are intimately interwoven in every aspect of their being, biologically and culturally, from the beginning of life on earth. (id)

Muitos autores deterministas eram conscientes dessa abordagem integrada e complexa, mas em seus estudos queriam apenas mostrar influências diretas e indiretas da natureza sobre a cultura, de modo a enfatizar a complexa relação homem-ambiente por esse viés das influências ambientais, ou seja, avaliar essas influências foi o objetivo desses autores, mas qualquer outra influência poderia ter sido alvo de estudos, pois nenhuma era conscientemente excluída a priori. Se ao lermos as obras deterministas temos a impressão de que alguns fatores foram descartados sem prévio escrutínio, é pelo motivo desses autores terem elencado alguns fatores ambientais como alvo de investigação, e terem se centrado neles de tal forma, que mal nos recordamos do prefácio no qual eles explicam que não estudarão os demais fatores, por fugir ao objetivo e por ser demasiadamente complexo e metodologicamente inviável lidar com todos os fatores ao mesmo tempo. É impossível abarcar todas as causas, todas as influências, colocar em análise todas as instâncias da realidade ao mesmo tempo, do que se infere totalmente natural e legítimo que se isole os fatores de interesse, como qualquer outro cientista faz. O economista quando se centra na economia, e o antropólogo quando se centra na cultura, não sofrem tantas críticas quanto os geógrafos que no passado procuraram identificar nas estratégias de adaptação humanas e em sua cultura algum traço que pudesse ser atribuído às influência de fatores ambientais. Platt finaliza sua idéia com dicas valiosas, mas ainda falha em reconhecer que o ambiente exerce de fato influências diretas, mais mensuráveis e analisáveis, além das desafiantes influências indiretas e complexamente intermediadas e abrangentes :

The more obvious manifestations of this all-embracing relationship appear deceptively to spring from a direct influence of the environment and response of life. But actually these are not good evidences of direct and simple interaction but merely superficial symptoms of profound, complex, and indirect interrelationship. [aqui se coloca uma questão espinhosa aos deterministas: até que ponto as influências supostamente diretas não são de fato apenas os sintomas de uma interrelação indireta e profunda? Semple e Huntington enfatizam em suas obras as influências indiretas, ou seja,

colocaram o pé na jaca, ajoelharam, e tiveram que rezar. Tentaram, ao menos.] Therefore, we cannot rightly concentrate attention on these superficialities and thus misinterpret their meaning but must use other lines of approach, not through absolute principles of environmental influence, but through spatial correlations in a certain pattern of life. (PLATT, 1948, p.354)

3.8 Determinismo ambiental não levou em conta o psycho-milieu. Fatores ambientais em si não têm influência, pois quem exerce influência é o ambiente apercebido.

Esse problema já foi debatido anteriormente. Reafirmando, é preciso lembrar que muitas influências ocorrem de maneira mais direta e contundente, como é o caso da ação da temperatura e da umidade em ambientes externos. A atmosfera que influencia o corpo e seus atributos, os raios solares que queimam são os mesmos para todos que a ele estão expostos. Assim, a diferença física das pessoas altera a influência, mas o modo que ela percebe essa influência não exerce efeito algum. Sprout (1967) não notou esses poréns, e cita Collingwood, para quem o fato de um povo viver numa ilha não gera nenhum efeito em sua história, pois apenas tem efeito sobre esse povo o modo pelo qual eles concebem e interpretam essa posição insular. A insularidade seria apenas uma matéria-prima para a atividade histórica, cujo caráter depende de como esta matéria-prima é usada. Contra esse argumento, Spate (1952) afirma que um povo não é capaz de conceber e avaliar sua posição insular a menos que eles vivam numa ilha, ou seja, o mero fato de viver numa ilha é um fator que os levará a pensar a respeito e, portanto, sofrerão influência dessa condição insular, independentemente de como pensam essa condição. Seguindo essa lógica, basta considerar o exemplo de povos que, meramente por estarem numa ilha, ficam mais bem protegidos contra ataques de outras nações, quando comparados a outros povos não-insulares. Nas palavras de Spate:

This I think is overstated. It has its truth: a raw material is only a raw material if it is used, and it may be used in one way or another, or not used at

all. Nevertheless if it is not there, it cannot be used at all; there is a material datum to which the concept refers (it may be erroneously). The people cannot conceive of their insular position in any way unless they live on an island. In any event, whether the sea is barrier or highway it enforces special adjustments. Febvre also proves a little too much: “England remains an island” not only as a matter of psychology, but also as a matter of logistics [Febvre diz] -the logistic problem provided by a 21 - mile wide anti-tank ditch for which we have had cause to be grateful since Febvre wrote, and unfortunately may again. [Spate ironiza] (Spate, 1952, p.423)

Aqui jaz um dos mais criativos golpes irônicos dos deterministas contra os possibilistas. Febvre afirma que a insularidade da Inglaterra é uma questão de psicologia, mas também de logística. Spate, britânico, e opositor de Febvre, aproveita o que considera uma argumento que nada prova e que não refuta os seus próprios, para dizer que logística mesmo se vê no canal da mancha – 21 miles anti-tank ditch¹⁹¹ – da qual ele agradece por separar a Inglaterra da França. Spate, após a licença irônica, conclui que *“The use, of course, is largely a matter of social environment; but indirectly through society and technology there is an “influence,” the challenge or stimulus of the object as well as of the subjective concept.”*(id)

Os críticos parecem se irritar com afirmações óbvias como essas de Spate, mas deterministas e possibilistas nunca falam das mesmas coisas, apenas pensam que estão ambos falando da mesma coisa, daí ocorrer tanto desentendimento, pois parece um diálogo de surdos, e a surdez aos argumentos alheios ocorre por intrigas acadêmicas e necessidade de vencer o debate, e mesmo quando um lado nota a coerência do discurso do adversário, ainda assim o rejeita, para fins de debate desonesto. Quando os possibilistas falam nas influências ambientais intermediadas pela mente humana e pela cultura, estão se referindo aos tipos de influências que só se efetuam por meio do ambiente tal qual é apercebido. Assim, se uma sociedade não percebe determinado minério como útil e/ou valioso, este fator ambiental não exercerá nenhuma influência. Mas quando os deterministas falam em influências ambientais diretas que independem

¹⁹¹ Trincheira anti-tanques de 21 milhas. Ou seja, o canal da mancha.

da cultura e da percepção das pessoas, estão se referindo ao grupo de influências que assim procedem, e não estão rejeitando a existência de influências que operam por intermédio da cultura, de maneira mais passiva.

Uma população que vive junto à encosta de uma montanha pode não ter consciência de que se trata de um vulcão adormecido que pode entrar em erupção a qualquer instante, logo, o vulcão que mora ao lado, não exercerá qualquer influência na imaginação desse povo até o momento em que entrar em erupção.¹⁹² A própria erupção, ou seja, uma força natural, é que vai “determinar” uma mudança na percepção dos moradores, pois aquela elevação gigantesca passará de montanha à vulcão em questão de segundos, isso se a cidade não amanhecer petrificada por fluxos piroclásticos. Nesse sentido específico, se pode falar, mais uma vez, em “natureza mandatária e determinante”. Esse ponto de vista, concreto e possível, é mais lembrado por autores mais tolerantes à massacrada idéia das influências ambientais.

Mas existe outro ponto de vista, o dos “possibilistas”, que poderiam argumentar da seguinte forma, igualmente correta, pois não conflita com a verdade “determinista”: o vulcão só representa ameaça à população se estiver inserido em sua matriz/sistema cultural, e estar inserido na cultura significa que, no mínimo, essa população assentou-se ao lado dele, ainda que sem saber que se tratava de um vulcão. Assim, corre o risco de ser por ele afetada¹⁹³. Argumentariam também que o vulcão não causaria os mesmos estragos em cidades de diferentes níveis de desenvolvimento social e

¹⁹² Contudo, na condição de montanha, de alta elevação, afetará o clima local, e nesse aspecto também será “diretamente determinante” de algumas características climáticas do local. Indiretamente, por meio de sua influência sobre o clima, será responsável, em parte, pela incidência mais pronunciada de alguma patologia. Nenhum determinista disse que o clima “causa” alguma doença, nem que montanhas impedem o desenvolvimento de uma sociedade. Elas podem, sim, afetar a imaginação, inspirar poetas e fotógrafos, aumentar o tempo de percurso entre duas áreas que não podem construir um túnel, servir como pólo de desenvolvimento turístico, gerar renda, emprego, ou minérios, mas não “determina” nada no sentido de forçar a população a alguma atividade ou estilo de vida ou lhes cegar para outras possibilidades, ou seja, não é uma fatalidade que tolhe o “livre-arbítrio”, ou que permite ao geógrafo prever o futuro daquela sociedade para toda eternidade...

¹⁹³ Essas obviedades são necessárias para se iluminar as rixas entre deterministas e possibilistas e mostrar que ambos trazem contribuições à reflexão sobre as influências ambientais.

econômico. No caso de um vulcão sabidamente ativo, explicariam que o homem está cada vez mais preparado para lidar com esse desastre natural em termos de prevenção, previsão e mitigação pós-impacto. Explicariam também que as perdas financeiras têm aumentado por que há cada vez mais pessoas vivendo à sombra dos vulcões, mas que as perdas humanas têm diminuído devido aos avanços científicos na previsão, monitoramento e estratégias de fuga e minoração de impactos (Homem está mais “livre”). Todos esses argumentos “possibilistas” são fatos consumados e aceitos por qualquer autor que tenha sido rotulado de determinista. Do mesmo modo, as determinações básicas e inevitáveis expostas pelos deterministas também são fortes demais para serem refutadas pelos “possibilistas”. Problemas podem acontecer quando esses argumentos “possibilistas” são questionados (às vezes eristicamente) pelos “deterministas” e vice-versa. Nesse caso, a batalha está iniciada, e haverá tiros indignados para todos os lados. Ao final, as conclusões são as mesmas anteriores à batalha, mas no íntimo, ambos os lados reconhecem a validade de algumas explicações adversárias.

3.9 As mudanças naturais são lentas e as mudanças sociais são mais rápidas, logo, a natureza não pode ser a causa das mudanças sociais.

Stalin afirma que o determinismo ambiental, ao propor a natureza como a causa determinante (sic) das mudanças e desenvolvimento da sociedade, falha em reconhecer que se assim fosse, a sociedade se desenvolveria lentamente, em ritmo igual ao da natureza. Portanto, se a sociedade passa por inúmeras mudanças fundamentais em poucos séculos, o ambiente geográfico não pode ser o fator determinante, que seria, na verdade, o modo de produção, ou seja, os métodos de buscar os meios de vida necessários para a existência humana.

Com essa afirmação, Stalin evidencia um equívoco em relação ao determinismo ambiental, pois seus supostos advogados, principalmente a partir de Ratzel, não ignoravam fatores culturais e forças econômicas e sociais como atuantes sobre ao desenvolvimento da sociedade e jamais consideraram a natureza como “causa

determinante” das mudanças da sociedade. Também há um grande erro na concepção stalinista quanto à natureza da natureza. A natureza, apesar de agir lentamente na maioria dos casos, é persistente, implacável e contínua de modo a produzir imensas mudanças. O melhor exemplo disso é a sabedoria popular: “água mole em pedra dura, tanto bate até que fura.” (JARDIM DE CARVALHO apud POVO BRASILEIRO, 2011). Além disso, Stalin simplifica a temporalidade das mudanças na natureza e na sociedade, ou um traço ambiental qualquer não pode engendrar rápidas mudanças na sociedade? Uma epidemia como a gripe espanhola não seria um claro exemplo de mudança ambiental rápida que pode gerar consequências devastadoras, imprevisíveis e abrangentes? E o que dizer do Tsunami que atingiu, em dezembro de 2004, toda a bacia do Índico? A descoberta de uma jazida de valiosíssimo metal num determinado país não pode gerar¹⁹⁴ mudanças bruscas na economia (e em várias outras áreas), jamais imaginadas por economistas? O ritmo das sociedades também varia muito, e algumas delas ficaram durante séculos com praticamente o mesmo nível técnico e com crenças que mudaram muito pouco. A sociedade chinesa tem passado pela mais rápida transformação sócio-cultural-econômica da história da humanidade e não está assentada sobre uma natureza que muda camaleonicamente a cada segundo. Isso não significa que a economia chinesa não dependa de recursos naturais ou que essas mudanças bruscas não sejam em parte fruto de influências ambientais acumuladas ao longo da história chinesa.¹⁹⁵ Lembrando: o rio amarelo é a alegria e a desgraça da China.

O “torpor Stalinista” foi, a título de argumentação especulativa contra o “determinismo”, o de imaginar um mundo surreal invocado por deterministas, no qual teria que haver uma sociedade ausente de meios de produção como condição para que se desenvolvesse em ritmo igual ao da natureza, como se não houvesse sociedades “lentas” mesmo dispondo de inúmeros meios de produção. Seria absurdo imaginar que

¹⁹⁴ Desde que esse país possa, logicamente, fazer uso desse recurso com a tecnologia disponível.

¹⁹⁵ A China já foi a nação mais rica do mundo e por que razão espantam-se alguns quanto ao fato dela voltar a ocupar esse status? O país reúne condições históricas, populacionais, naturais e políticas que são favoráveis a sua emergência como potencia hegemonia global.

uma sociedade pudesse desenvolver-se tão lentamente quanto a formação do Grand Canyon, por exemplo, ou seja, é simplesmente impertinente e inútil a comparação dos ritmos de desenvolvimento da natureza e da sociedade.¹⁹⁶ Na verdade, as sociedades parecem ter sempre estado num ritmo maior que o da natureza.¹⁹⁷ O erro mais grave, todavia, consiste na contradição estupenda de se ignorar que os próprios “meios de produção”, enquanto “métodos de buscar os meios de vida necessários para a existência humana”, conforme a própria definição marxista, dependem, em boa medida, da natureza e suas potencialidades.¹⁹⁸ Ou os meios de produção brotam de enciclopédias?

Cabe ainda uma ressalva, pois se quando fala em fator determinante, Stalin está se referindo ao fator que “engendra”, que move e impulsiona as mudanças da sociedade, rápidas e opostas à dinâmica mais lenta da natureza ¹⁹⁹, então de fato, a natureza não engendra nada no sentido de agir diretamente e tornar o desenvolvimento veloz, pois realmente quem move e age diretamente sobre o desenvolvimento são os

¹⁹⁶ Parece mesmo que Stalin não tinha outra coisa pra fazer numa Rússia congelada, além de perseguir seus adversários, daí ter surtado em criar uma crítica infundada dos autores deterministas.

¹⁹⁷ Ao homem, basta ter mãos, para alterar a natureza num ritmo maior que o dela própria. Mesmo as sociedades tradicionais mudam num ritmo superior ao das mudanças da natureza.

¹⁹⁸ Inclusive, fatores ambientais podem desencadear uma rápida mudança nos meios de produção, e indiretamente, na sociedade.

¹⁹⁹ Ao cometer tamanha imprudência, de contrapor lentidão da natureza à rapidez dos câmbios sociais, Stalin não considerou os eventos rápidos, de natureza espasmódica e às vezes cíclica, como fenômenos atmosféricos na forma de eventos extremos, como furacões, tornados, secas e enchentes periódicas, e outros “natural hazards”, como terremotos, pragas e epidemias. Ignorar a influências dessas forças naturais sobre a pretensa “sociedade-hércules” (termo que sou forçado a usar diante da ingênua crença atual no ‘controle’ da natureza pela tecnologia, disseminada pelos tecnocratas e cientistas tendenciosos e ideologemáticos) é algo inconcebível para qualquer cientista que olhe atentamente para a relação natureza-sociedade. Absolutizar os tão propalados “meios de produção” como determinantes, é um erro de igual magnitude aos cometidos por aqueles deterministas radicais que pecaram pela licença poética ou pela necessidade de chamar atenção e causar polêmica, pois não se pode imaginar outra razão para algumas brilhantes mentes simplificarem tanto a complexa relação natureza-sociedade a ponto de quase ignorar o papel do gênio humano e de sua cultura sobre o desenvolvimento das civilizações.

meios de produção, a força braçal humana, as técnicas, os conhecimentos aplicados, a vontade humana e a necessidade do homem enquanto animal e enquanto “*homo luxurius*”.

- 3.10 O erro não é acreditar nas influências ambientais, mas sim achar que elas se dão sobre a psicologia e a fisiologia dos vários grupos humanos. (Mechnikov apud Plekanov in matley, p.98.)

Esta observação é bastante pertinente, pois absolve a hipótese em si das influências ambientais, apontando que o problema seria acreditar numa suposta ação da natureza sobre a psicologia, sobre o caráter coletivo. Todas as relações estabelecidas entre ambiente e aspectos psíquicos do indivíduo e da sociedade foram ignoradas pelos críticos, pois em princípio, sempre aparentaram banais e fantasiosas, contudo, nenhum estudo até o momento provou o contrário, ou seja, que os fatores ambientais não têm nenhum efeito sobre a psique humana. Contudo, é freqüente se ouvir relatos de pessoas que afirmam se sentir mais calmas, mais concentradas e mais produtivas sob determinados tipos de tempo. O efeito do calor úmido sobre o conforto humano também é considerado um fator que de algum modo pode afetar o estado da mente. Alguém disposto a contra-argumentar com evidências disporia de um considerável arsenal de provas a favor da influência do clima sobre a psicologia. Os estudos em renomadas revistas científicas a respeito da depressão sazonal na Escandinávia (devido à pouca luz solar e às baixas temperaturas) são umas das evidências a favor da real existência de efeitos psíquicos do clima. Contanto que não sejam estudados isoladamente como causas únicas de uma série de fenômenos, os fatores climáticos podem e devem ser estudados em todo seu potencial de afetar o ser humano. A questão é até onde pode ir o geógrafo e o climatólogo nesses estudos. Mechnikov fala também em efeitos fisiológicos, mas estes geram menos polêmicas, ao contrário dos efeitos psíquicos, estes sim bastante questionáveis e de impossível mensuração.

Contudo, apesar dos estudos sobre as influências ambientais sobre a fisiologia e até mesmo sobre a psicologia serem válidos, Mechnikov estava de fato afirmando que os estudos deterministas deveriam direcionar seu foco de estudo das influências dos fatores ambientais sobre o desenvolvimento da sociedade com base nas influências da natureza sobre os tipos e formas sociais. A esse respeito Matley afirma que

However, many of them had erred in their interpretation of the effect of the environment on the development of human society because they had looked for traces of the influence of the environment in the psychology or even physiology of various human groups rather than in social life. 'In order to assess correctly the influence of the geographical environment on the historical destiny of mankind it is necessary to trace how the natural environment acts upon the type and nature of the social environment which in the closest way determines the character and proclivities of man'[afirmação de Plekhanov]. (Matley, 1966, p.98)

Ou seja, Plekhanov apenas propõe que a pesquisa dos deterministas não deveria sugerir influências diretas do ambiente sobre a psicologia, mas sim, que deveriam olhar para a influência ambiental sobre o elemento intermediário, ou seja, sobre a vida social, numa tentativa de enquadrar a teoria determinista na moldura marxista e ir além dela, acrescentando ao modo de produção os fatores ambientais, para assim melhor explicar as bases da vida social e do desenvolvimento histórico. Assim, sua reputação de marxista o salvou de ser tachado pelos comunistas como “*guilty of the sin of 'geographical deviation'*”²⁰⁰ (Matley, 1966, p.99)

V - Problema da influência no caráter

5.1 Deterministas tentaram explicar o caráter da nação, sem especificar o que entendem por caráter, e, mais grave, sem se dar conta de que o tal caráter da

²⁰⁰ Frase de Stalin.

nação é uma abstração que simplifica e generaliza o ingeneralizável. (Febvre p.108)

Febvre, ao se concentrar nessa específica falha dos deterministas, elabora uma crítica de teor irônico e bastante convincente, porém esquece de mencionar que esses arquétipos são freqüentes nos estudos realizados nas ciências humanas, e que é bastante controversa a questão do quão pertinente e útil é a tentativa de encontrar traços psíquicos predominantes nos povos. Em viagens, principalmente para países de culturas bastante díspares da cultura ocidental européia, como China e Tailândia, pude notar a diferença de comportamento e de valores entre os indivíduos que conheci, e as pessoas que conheço no Brasil e em países europeus. Logicamente que não posso de maneira leviana extrapolar essa constatação para o conjunto todo da população e afirmar que os chineses são A, B e C, enquanto os brasileiros são D, E e F, mas em ciências humanas, na impossibilidade de se avaliar cada indivíduo do grupo que se quer estudar, apela-se para a amostragem, e conta-se de boa fé com a perspicácia, erudição e imparcialidade do pesquisador. Assim, ao mesmo tempo em que um questionário aplicado a uma amostra pode revelar traços psíquicos/morais em comum entre os diferentes povos, também revelará, inegavelmente, traços totalmente sócio-sincráticos que existem somente naquela cultura ou em culturas semelhantes. Esse problema é até pequeno quando comparado com o abismo que separa influências climáticas e traços psíquicos das pessoas e, principalmente, da “nação”.

Assim, não me parece tão óbvio que o problema dos deterministas foi o de considerar como dado e certo alguns arquétipos dos povos que compararam em seus estudos, mas sim, o problema parece residir em três pontos: primeiro, no conhecimento insuficiente desses povos para se criar um “tipo coletivo síntese” o mais apurado possível; segundo, na tentativa desastrada e carente de metodologia epistemologicamente bem alicerçada que impediu alguns “deterministas” de elaborar uma teoria mais complexa da relação ambiente natural/caráter coletivo que envolvesse em sua formulação um maior número de fatores de diversas naturezas; terceiro, na incapacidade de explicar de que modo o ambiente pode agir diretamente ou

indiretamente sobre o caráter, que aparentemente parece depender apenas de fatores não-ambientais.

Sobre esse problema do caráter coletivo, Febvre elabora sua crítica na seguinte direção:

A French character, an English character, a German character... Have not these popular data been used – and abused – to a sufficient extent, and for interested purposes? Has not the invariable type of Frenchman, American, or German – even the Latin or Anglo-Saxon – of all times and of all ages, been sufficiently reconstructed, more than ever by the aid of pseudo-historic erudition? And have not many admirable collective portraits been produced, based upon Geography? This verbiage is somewhat ridiculous when it is not dangerous. Has the “French” character remained stabilized since the times of Caesar and Vercingetorix? (...) [Semple não afirma que o caráter coletivo, da nação é imutável, pelo contrário, que pode mudar conforme a história, a evolução cultural e os diferentes fatores ambientais que vão assumindo forças variáveis ao longo da história.] The delusion is eternal, and the snare of words identical. Hence so many false ideas, the fruit of words insufficiently or inexactly defined, run through the whole course of history. In the same way, throughout the whole modern epoch, then circulates an indistinct and confused notion of the “bourgeoisie”, that redoubtable scourge of all social history. [aqui emerge na verdade uma preocupação com o rótulo dado a um conjunto heterogêneo e supostamente mais complexo do que o rótulo sugere] (...) Thus is the problem admirably stated by that forcible writer, Paul Lacombe, who seizes with a firm and courageous grip the subterfuges and seductive but vain guesses of Hippolyte Taine. And when he adds: “Whence have we drawn our idea of character? From observation of individuals. We have then applied that idea to a people – which has no real individuality”, perhaps he shows a rather excessive pessimism in place of his usually somewhat optimism. Does he not, however, go to the root of the matter when he says: “‘The Frenchman’ is no more real than ‘man’. He is an abstraction, an extract, in the same way as man... Taine’s remark, which has been supposed unanswerable, has often been quoted: ‘I see many men, I do not see “man”’. (...) We may say, in conclusion, that the analysis has not been made. “Ethology is not yet established, and will not be yet awhile.” We are

still in the lisping stage. Under these circumstances, to speak of the influence of geographical environment, or, more precisely, of climate, on the character of peoples is to try arbitrarily to explain the unknown.

5.2 Extrapolação da unidade/pessoa influenciada para grupos humanos, sociedade, civilização e entidades abstratas como desenvolvimento, caráter da nação, humanidade, estado, sistema político e corporações. (Sprout, 1965 p.36)

Para os Sprout, muitos deterministas assumem que há uma influência sobre esses conjuntos heterogêneos e imprecisos com base na premissa de que cada uma das unidades que a constituem sofrem comprovadamente influência do ambiente. Entidades abstratas como estado, sistema político, e desenvolvimento, não podem ser tratados como uma unidade influenciável capaz de responder da mesma maneira que uma pessoa. Para os Sprout, há erro em atribuir a entidades abstratas e coletivas os atributos individuais de organismos humanos, e de fato esse é um problema que considero entre os mais graves nas obras deterministas.

Entretanto, alguns deterministas falam apenas em influência individuais, e que a soma desses indivíduos influenciados resulta numa conseqüente influência geral sobre a nação. Quando se fala que os fatores ambientais afetam o desenvolvimento de um país, nessa idéia está implícita, para os deterministas - e isso se nota quando lemos suas obras com cuidado - que a natureza afeta as atividades econômicas em particular, que afeta as pessoas individualmente, que coloca limites para várias atividades, que gera perdas humanas e econômicas por meio de desastres naturais, que representam uma nova fonte de renda, que favorecem uma ampliação da matriz econômica, enfim, que há uma série de influência particulares que em sua soma são significativas o suficiente para causarem no país uma aceleração ou retardamento do desenvolvimento. Raramente se falou que a soma dessas influências específicas determina os rumos da nação, ou que forma uma barreira intransponível que condena o país à pobreza ou à riqueza.

VI - Problema das ideologias

6.1 Determinismo Geográfico foi uma arma científica da revolução burguesa.

Segundo Witfogel não só isso é verdade como devem ser condenados Montesquieu, Hegel, Herder e Ritter. Segundo Matley, Wittfogel escreveu um artigo (tendencioso) que pretendia apenas atacar Graf, “ambientalista” que apontou o erro de Marx e seus alunos como sendo o de transferir todo o centro de gravidade para as forças sociais e econômicas e perder de vista os fatos primários da natureza. Segundo Matley, “*Graf elsewhere criticized Marx’s inability to think in geographical terms and his neglect of questions of relationship between earth space and the development of culture*’”. (Matley, 1966, p.100)

Essas proposições das críticas ao viés ideológico do determinismo ambiental não devem ser levadas ao pé-da-letra. São forças de expressão e licença retórica, pois o determinismo não se constitui numa mera ideologia, ainda que alguns de seus críticos pareçam não ver um palmo adiante de seus folhetins revolucionários.

Nessa direção da leviandade em se avaliar o determinismo apenas pelo prisma ideológico, Bassin afirma que

The movement toward a more ‘contextual’ history of geography is a positive, indeed a necessary one...). Consequently, it is only by appreciating the development of the field fully in its context that it can properly be understood at all. At the same time care must be taken to avoid falling back upon an overly rigid reductionist analysis, which mechanically identifies geographical ideas, concepts, and theories as ultimately nothing more than direct and unambiguous expressions of particular political programs. [Isso ocorreu com o determinismo ambiental, mecanicamente identificado com toda sorte de flagelo ideológico, conforme apontei em subcapítulo anterior. O determinismo ambiental não deu origem, nem deu intencionalmente sustentação a essas ideologias, pois foram elas que procuraram gravitar em torno deles]In fact, this relationship between ideas and politics - between science and context – is enormously subtle and nuanced. Ideas may be and are used toward explicit ideological ends, but this must not be construed to

mean that they are necessarily ideological in and themselves. (Bassin, 1992, p.17)

6.2 É usado para legitimar a dominação de povos “inferiores”, para legitimar a inferioridade de algumas raças e naturalizar a diferença entre elas com base nas influências do clima. (Frenkel, Peet etc)

Segundo Diamond, a mera pergunta sobre as condições que permitem um povo dominar o outro já ofende muitas pessoas. A objeção de Diamond a esse tabu dirigido às teorias explicativas do desigual desenvolvimento das civilizações e do domínio de umas sobre outras é colocada da seguinte forma:

Se conseguimos explicar como um povo pode dominar o outro, isso não parece uma justificativa para a dominação? Não daria a impressão de que o desfecho era inevitável e que, portanto, seria inútil tentar mudar o resultado? Esta objeção baseia-se na tendência comum de confundir uma explicação das causas com a justificativa ou aceitação dos resultados [!!] O uso que alguém faz de um explicação histórica é diferente da explicação em si. [Diamond chega a esse ponto de estabelecer diferenciações óbvias para se proteger contra a crítica ensandecida] A compreensão é mais freqüentemente usada para tentar alterar o resultado do que para repeti-lo ou perpetuá-lo. É por isso que os psicólogos tentam entender as mentes de assassinos e estupradores, historiadores sociais tentam entender os genocídios e médicos tentam entender as causas das doenças humanas. Eles não pretendem justificar o assassinato, o estupro, o genocídio ou a doença. Ao contrário, tentam usar a compreensão de uma cadeia de causas para interrompê-la. (Diamond, 1997, p.26)

Diamond encerra esse trecho de seu livro explicando, ainda, que seu trabalho não é um tratado eurocêntrico e que não vê a civilização como algo necessariamente bom. Ao contrário de Diamond, em muitas obras deterministas se vê um fundo de eurocentrismo lado a lado com uma visão que contrasta a Europa civilizada com os povos selvagens das novas terras. São frutos da época, e não se trata de um problema

exclusivo dos deterministas, pois havia uma conjuntura favorável a essa mentalidade e que perdura até hoje entre os mais conservadores. Ademais, as obras deterministas não foram encomendadas para fins imperialistas e se alguns grupos dela fizeram uso para justificar suas atrocidades, os deterministas não devem responder por isso e nem ser julgados nessa base.

6.3 Há algo de intrinsecamente conservador e reacionário na lógica da perspectiva determinista. Há nessa lógica uma qualidade de explicações em especial que serve como uma capa para encobrir uma profunda ânsia imperialista. (Peet, Quaini)

Bassin afirma que Peet, Quaini e outros críticos do determinismo, sugerem essa idéia ao descreverem a origem e contexto do determinismo, mas que tal afirmação não suporta escrutínio. Bassin afirma que não há claras evidências mostrando que a teoria determinista em si é capaz de contribuir para a formação de ideologias imperialistas e que tanto a esquerda quanto a direita usaram os discursos deterministas para mover seus interesses na direção de variados fins ideológicos, e essa complexidade contradiz a visão de Peet que associa o determinismo ambiental com extrema direita (vício esquerdopata de associar tudo que existe de “mau” com a direita).

A análise de Bassin sobre o determinismo ambiental na Rússia mostra que ao longo de todo o espectro político houve suporte das idéias deterministas. Apesar de reconhecer que Ratzel e Mackinder de fato eram atores com grande influência nas políticas colonialistas, insiste que *“None of this, however, provides any bases whatsoever for the claim that environmentalism per se possessed an inherent ideological bias that led in this direction. Such a claim is belied by the fact that environmentalist notions were warmly embraced quite across the political spectrum the the reactionary left and were embraced moreover toward a highly complex variety of ideological ends.”* (Bassin, 1992, p.5) Evidência disso, para Bassin, é o determinismo ambiental no trabalho de anarquistas como Reclus e Mechnikov, além de inúmeros discípulos de Marx, que incorporaram algumas idéias ambientalistas em

suas teorias sociais. Sobre Marx, Bolshaya apud Matley afirma que *“However, according to Marx, the geographical environment acts on man not directly but through the agency of the social environment; in this neither the degree nor the direction itself on this action remain constant but change according to their subordination to the changes in the social environment itself.”* (Matley, 1966, p.100) Essa idéia de Marx a respeito das influências ambientais encontra semelhança com a visão de Boas, de Sprout, dos possibilistas, ou seja, o ambiente atua sobre uma cultura pré-existente, por intermédio dela, na dependência do meio social, que para Marx, interage dialeticamente com o ambiente.

VII - Problema da liberdade e da teleologia

7.1 Há um fatalismo paralisante no “determinismo” geográfico.

O dicionário de Filosofia de Abbagnano traz três doutrinas com o nome de necessitarismo, e as duas primeiras são ótimos exemplos de fontes de confusão por parte da crítica. É por conta da primeira doutrina que se faz uma indevida associação entre fatalismo e determinismo ambiental, enquanto que a segunda doutrina foi invocada para se atribuir ao determinismo ambiental um rigor que ele jamais invocou ou defendeu²⁰¹:

1ª. A doutrina que admite o destino, a ordem finalista ou providencial do mundo como ordem que determina necessariamente todas as coisas se a cada coisa garante o melhor resultado. Esta doutrina pode ser chamada de providencialismo ou fatalismo, mas este último termo é empregado apenas

²⁰¹ A segunda doutrina fala da causação como maneira de pensar o mundo, e para Martin, o ser humano não consegue pensar o mundo por outro prisma. Para Kant, a causalidade é uma das categorias do entendimento, uma categoria de relação, juntamente com substância e comunidade. Para Hume, a causalidade é um hábito, uma ilusão. Kant afirma que a causalidade está no sujeito, e não na natureza. Assim, é difícil negar a inevitabilidade do pensamento causal na ciência e em nossas vidas cotidianas, do que se infere que essa segunda doutrina necessitarista não constitui em pecado mortal na ciência, e tampouco é um “defeito” exclusivo de deterministas.

por quem a combate ou pelo menos se opõe a alguns de seus aspectos. [ou seja, ocorre o mesmo com o “determinismo”, que só é confundido com fatalismo apenas por aqueles que o combatem] O significado do necessário ao qual tal doutrina faz referência é o de Aristóteles e São Tomás de Aquino. 2ª A doutrina segundo a qual a ordem do mundo consiste no nexos causal universal; faz referência ao necessário no significado de Aristóteles, São Tomás de Aquino, Leibnitz, Wolf e Kant. Trata-se do determinismo rigoroso ou clássico. [Frequentemente e erroneamente relacionado ao determinismo ambiental]. (ABBAGNANO, 2007, p.823)

Segundo o autor supracitado, a Terceira doutrina é a que mais faz jus ao nome de necessitarista. Ao final de sua definição, Abbagnano revela a extensão da influência do aparato conceitual do necessitarismo sobre a ciência e a filosofia, do que se infere que a Geografia, em geral, e os autores deterministas em particular, apesar do equívoco em associar estes últimos simplisticamente a essas doutrinas necessitaristas, foram de algum modo influenciados por elas:

3ª. A doutrina segundo a qual a necessidade constitui o significado primário e fundamental do ser, utilizando-o como critério para a avaliação e a análise de todas as coisas existentes. Esse significado de necessitarismo é certamente o mais importante e fundamental, ao qual o termo deveria referir-se de preferência. Para essa doutrina, o necessário é a categoria fundamental, o horizonte geral que abrange todos os instrumentos de investigação e explicação que é possível utilizar. Frequentemente essa doutrina não admite a necessidade no mesmo sentido da 1ª. e da 2ª., Aristóteles e Tomás de Aquino, por exemplo, que podem ser considerados exemplos importantes dessa doutrina, embora admitindo a necessidade do destino, não admitem a necessidade causal absoluta; no entanto são necessitaristas no sentido de que, para eles, o significado fundamental do ser é a necessidade, e de que esse significado está presente na construção de todos os conceitos fundamentais de sua filosofia. No mesmo sentido, é necessitarista a doutrina de Hegel e são necessitaristas todas as doutrinas que se inspiraram no idealismo romântico. Mas o aparato conceitual do Necessitarismo difundiu-se muito além desta ou daquela doutrina: conceitos como os de causa e substância, com todas as suas inferências, que são numerosíssimas, dominam ainda

vastas zonas do discurso comum, científico e filosófico e induzem seu sentido necessitarista nas análises da ciência e da filosofia. (ibid, p. 823)

7.2 O determinismo ambiental nega o livre-arbítrio humano.

Essa fantasia da crítica é talvez a mais popular dentre os opositores do determinismo filosófico. Até mesmo no determinismo filosófico há os que afirmam não ser incompatível com o livre-arbítrio, então seria natural esperar do determinismo ambiental que concedesse plenos poderes ao tão exaltado livre-arbítrio. Esta crítica ao determinismo é talvez a que mais se afasta da realidade e deve ser vista como uma crítica ao determinismo ambiental absoluto e de base dogmática, que jamais existiu fora das mentes férteis.

7.3 A idéia de causação natural, ao enfatizar noções místicas como natureza dirigida por Deus ou natureza tendo consciência, leva o homem à passividade, à reza, à meditação, deixando a situação social intacta, e com base nisso, uma certa classe legitima o seu controle e efetiva suas vontades com base na crença de pertencerem a uma raça superior. Peet 1993 p.157 “determinismo” teleológico

Essa crítica tem relação com a teleologia, que será discutida na crítica seguinte. Saliente-se que acreditar ou investigar causas não implica necessariamente em ver Deus e intenções na natureza, nem em atribuir vontade e consciência aos elementos da natureza. Contudo, personificar a natureza, como se fosse repleta de personagens com intenções e inteligência, é um interessante recurso retórico de convencimento, e uma estratégia irônica de brincar com as críticas infundadas aos deterministas. Outra objeção a essa crítica de que a idéia de causação natural leva o homem à passividade é que ainda não encontrei um ser humano sequer, nem uma sociedade inteira, brincando eternamente de estátua e

congelada num canto abandonada, de joelhos, rezando e esperando levar o óbolo ao barqueiro sombrio²⁰².

7.4 Eventos humanos são apresentados como se fossem fenômenos naturais num ambiente pronto para sua consumação. (Platt, 1948, p.351)

Há muitas críticas das ciências humanas, não sem razão, contra aqueles que têm a mania de olhar para decisões humanas e eventos humanos como se fossem inevitáveis, e que cabe ao homem, ao olhar para natureza, se dar conta disso, ou seja, de que existem possibilidades na natureza prontinha e impecável, que as guardava para serem um dia colocadas em prática, e de meras possibilidades passarem a ser um fato consumado pelo homem atento a uma suposta natureza feita para ele, numa típica visão teleológica que se aglutina harmoniosamente com o destino manifesto citado por Platt na citação seguinte:

Mild forms of environmentalism have gained and held support not only from current examples of appropriate relationships between natural environment and human life-of savages in the jungle, port cities on sheltered harbors, etc.- but also support from apparent implications of history-the rise of civilization in the Nile Valley, the development of sea power by Great Britain, the expansion of the United States across the North American continent in accordance with an apparent "manifest destiny." These events and others throughout the course of history appear to be natural phenomena occurring in an environment made ready for their consummation. It seems natural for the Battle of Waterloo to have been fought on the plains of Belgium and for Napoleon to have been defeated. It seems natural for the United States to have acquired the Panama Canal Zone and to have dug the canal. (Platt, 1948, p.351)

Sobre o canal do Panamá, mesmo os EUA podendo pagar o preço de sua construção em uma parte mais larga do grande istmo da América Central, optaram

²⁰² Metáfora pessoana para “morte”.

pelo trecho mais estreito, numa clara demonstração que “ouviram” as dicas da natureza, ou seja, após estudos das possibilidades, optaram pelo caminho mais fácil, em concordância com as condições naturais favoráveis. Nesse sentido, foi “natural” a escolha do Panamá²⁰³, pois além de mais estreito, não possui cadeia montanhosa significativa no seu interior, ao contrário da Costa Rica. Esse tipo de exemplo parece pueril, mas optei por elencá-lo, além de outros ao longo da tese, para mostrar que nesses aspectos é que se pode falar em influência ambiental, mas que na maioria dos exemplos usados pelos deterministas mais radicais, a situação é mais complexa, o que invalida esses exemplos e os torna ineficientes na comprovação dos argumentos desses autores. Esses exemplos indevidos e pouco convincentes são usados pela crítica para invalidar as premissas, mas exemplos equivocados não destroem, por magia, as premissas que pretendiam ilustrar, conforme diz Herr Schopenhauer.

7.5 Acreditam em um plano mestre da natureza a ser seguido, cabendo ao homem identificar esse plano para que ele cumpra sua finalidade²⁰⁴

Esta é a descrição do determinismo teleológico, e o argumento teleológico aparece em Aristóteles, Heródoto, Kant, Taylor, Ritter, e segundo alguns críticos, em Semple.

²⁰³ É como se a estreiteza do istmo no qual veio a se formar o Panamá, tivesse “condenado” esse país a ser “invadido” pela potência vizinha, para fins de facilitação das trocas comerciais (desiguais). Nesse sentido, houve a determinação do país a ser feito o canal, pois haja “macheza possibilista” para ousar dizer que os EUA poderiam ter feito o canal, se quisessem, no México, esgotando os estoques mundiais de dinamites para bombardear a Sierra madre (ocidental e oriental), e desperdiçando bilhões de dólares. A própria inteligência humana proíbe, na prática, a adoção da idéia extrema de que há muitas possibilidades e que somos “masters of nature”, ou seja, curiosamente, é pela razão que nos entregamos a algumas “determinações” da natureza. Sem aceitar os limites impostos pela natureza, a vida custaria muito caro. Isso, se houvesse vida que resistisse a essa não aceitação dos limites. Como diz Bacon, “*Nature can be conquered only by obeying her*”.

²⁰⁴ Esta é a última crítica dentre as 44, mas poderiam ser listadas também as críticas direcionadas ao organicismo e neolamarckismo das idéias deterministas, que serão comentados no subcapítulo 3.5. Preliminarmente, pode-se afirmar que as obras deterministas nem sempre compactuaram de todas as teorias associadas ao evolucionismo e organicismo.

3.5. Alguns apontamentos sobre temas afins ao determinismo ambiental

Nada facilita mais uma civilização que um bom clima

Eça de Queiroz “Notas contemporâneas”

3.5.1. Do clima refém do determinismo ambiental ao clima vilão do futuro da humanidade

Na condição de climatólogo e entusiasta dos estudos climáticos em Geografia, não posso deixar de tecer algumas considerações e esclarecimentos acerca das incontestáveis influências climáticas que estão a exigir do ser humano constantes adaptações, ajustes e transformações da natureza. Muitas delas têm permeado a tese, ou no corpo do texto, ou em polêmicas notas de rodapé, contudo, neste breve item do capítulo 3, serão tecidas mais algumas reflexões e insights relacionados, além dos capítulos 4 e 5, que continuarão a enfatizar o clima/determinismo climático.

Do clima como vilão determinista ao clima refém do “homo-faber”, transcorreram-se apenas pouco mais de cinco décadas. Hoje, o quase-dogma do aquecimento global tem, paradoxalmente, desviado o foco dos pesquisadores para além das influências climáticas, ao mesmo tempo em que revela, sem que muitos desses pesquisadores se dêem conta, a nossa vulnerabilidade a essas influências climáticas. Ou seja, a ciência, ao sublinhar a influência humana sobre o clima, reforça a tese de que as influências climáticas são fundamentais no cotidiano das sociedades mundiais, sejam elas mais, ou menos desenvolvidas tecnologicamente. Assim, erro fatal seria admitir que o debate em torno das influências do clima e do tempo sobre o ser humano está superado e não faz mais sentido, merecendo ficar relegado a mero artigo de luxo dos determinismos de um passado já remoto. Com esta afirmação quero ressaltar o fato de que todo esse barulho em torno do aquecimento global revela que esses mesmos cientistas acreditam que as influências climáticas sobre a humanidade são de grande magnitude e que representam uma ameaça para o futuro do planeta,

ameaça num sentido fatalista que nem os “deterministas de chifres” chegaram a sugerir.

Assim, nessa preocupação dos cientistas pró-aquecimento global encontra-se um ponto em comum com os deterministas rotulados pela literatura, que também consideram o clima uma força com a qual se deve ter a máxima cautela. De tudo que os chamados deterministas advogaram, pouco permanece, mas esse pouco é fundamental, é inexorável, e demanda uma preocupação constante da ciência. Evidência disso é a situação atual de desenvolvimento das ciências da natureza, das quais as ciências atmosféricas, em que pese seu estágio menos avançado, é a que mais desesperadamente avança, pois “caiu a ficha” da humanidade toda, ao se darem conta de que o clima é a “diva-papão” dentre as influências ambientais.

Essa velocidade na aquisição de conhecimentos climáticos deve-se, grosso modo, a dois fatores: primeiro, por ser uma área relativamente nova, o que significa que muito há para ser desvendado, e que só recentemente a tecnologia tem permitido alguns avanços. Segundo, pela crescente tomada de consciência, por parte de cientistas e leigos, de nossa grande e perene vulnerabilidade às forças climáticas. Digno de crítica, porém, e bastante lastimável, é o fato de ter sido necessário um grande alarde (de contornos messiânicos) sobre um suposto aquecimento global de consequências “apocalípticas”, para que a academia e a população em geral se desse conta da força e do alcance das influências ambientais, como se não fosse suficiente o transtorno cotidiano causado por mudanças bruscas nas condições atmosféricas, principalmente os problemas causados pela excepcionalidade climáticas e desastres ambientais em geral, em cujas áreas de influência vivem populações crescentes em ambientes artificiais cada vez mais complexos e por essa mesma razão, mais vulneráveis à catástrofe, além das áreas ocupadas pela população mais pobre e sem recursos para se proteger.

Não menos grave, é a situação atual digna de um filme de Buñuel, na qual se pensa e se gasta mais com eventos especulativos, políticos e com teor às vezes panfletários, e em pesquisas infrutíferas e desonestas, do que em projetos de efeito imediato ou de médio prazo para amenizar os impactos de furacões, enchentes,

tsunamis, deslizamentos, secas²⁰⁵, tornados e outros desastres naturais. Os efeitos sociais, ambientais²⁰⁶ e econômicos desses eventos são mais que suficientes para se justificar um constante e minucioso estudo das influências ambientais e das ciências atmosféricas, o que não significa retomar uma leitura determinista da relação homem-meio, mas sim, de preservar algumas premissas valiosas e incontestáveis utilizadas no discurso dos autores deterministas. Dessa forma, parafraseando Sprout (1950) “não se joga a água suja da bacia juntamente com o bebê saudável e limpo”.

3.5.2. O aumento das influências ambientais, a vulnerabilidade crescente da humanidade às forças naturais, e o mito da tecnologia “libertadora”

Let us not...flatter ourselves overmuch on account of our human conquest over nature. For each such conquest takes its revenge on us...we by no means rule over nature like a conqueror over a foreign people, like someone standing outside nature.

Friederich Engels – “The Dialect of Nature”

Em relação ao grau de influência exercido pela natureza sobre a sociedade parece haver um paradoxo intrigante: as possibilidades de atuarmos dentro das amarras da natureza têm aumentado sensivelmente, principalmente ao longo do século XX, mas ao mesmo tempo há a constatação/hipótese de que quanto mais complexa é uma civilização, mais complexos são seus mecanismos de funcionamento e mais complexos e maiores são os impactos de forças naturais de grande magnitude, principalmente no caso dos desastres naturais (natural hazards). Essa hipótese traz à tona outro matiz das influências ambientais, tornando-a um tema sempre atual e necessário aos grandes dilemas e questionamentos relacionados à Geografia.

²⁰⁵ O Fenômeno das secas comporta um componente humano maior que o dos desastres naturais anteriormente listados, mas raramente é considerada um desastre natural.

²⁰⁶ Para alguns geógrafos, os impactos ambientais já envolvem os impactos sócio-econômicos.

A ilusão de querer se tornar independente da natureza aprofunda a dependência, posto que a independência exige maior exploração da natureza, aumentando e fortalecendo, dessa forma, os vínculos com a natureza e estreitando a relação homem-meio, numa espécie de feedback positivo que aumenta a vulnerabilidade da sociedade até que o ponto de saturação seja ultrapassado.

Esse paradoxo que muitos geógrafos ainda insistem em não vislumbrar já é bastante antigo. Foi reconhecido por Rousseau, há mais de 200 anos, e por Engels, há mais de um século, e por analogia pode ser comparado ao paradoxo do conhecimento, que tanto atormentava Fernando Pessoa, que em seu “Livro do Desassossego”, explica que *“dizia Spencer que o que sabemos é uma esfera que, quanto mais se alarga, em tantos mais pontos tem contacto com o que não sabemos”*²⁰⁷ (PESSOA, 2006)

Assim, substituindo alguns termos teríamos a seguinte máxima: Nosso conhecimento tecnológico é uma esfera que, quanto mais se alarga, em tantos mais pontos tem contato com a natureza (da qual ainda pouco sabemos), gerando mais respostas da natureza em face dessas intervenções do “meio-técnico-científico-informacional”.²⁰⁸ A consequência inevitável dessa maior complexidade tecnológica e

²⁰⁷ Essa afirmação de Spencer é de uma verdade tão dilacerante (atingiu fulminantemente a espinha dorsal da natureza do conhecimento e da natureza da relação sociedade/natureza), e tão incontestável pelas vias da razão e da lógica, que considero suficiente como argumentação em favor da tese de que tem havido um aumento na vulnerabilidade da humanidade às influências ambientais e forças naturais (eventos extremos).

²⁰⁸ No caso do Brasil a esfera se alargou tanto que a iluminação de metade do país depende da não ocorrência de um simples raio. É questionável até que ponto o governo e a tecnologia podem de fato evitar alguns problemas decorrentes de fenômenos naturais severos, pois isso demandaria uma atitude perfeita dos homens, uma vez que a falha humana muitas vezes coincide com a ocorrência de fenômenos naturais adversos, e um problema potencializa o outro. Apenas numa sociedade com um sistema complexo de torres, cabos e hidrelétricas é possível que 100 milhões de pessoas sofram as consequências da falta de luz em plena madrugada. Se cada um tivesse seu lampião, um raio jamais “determinaria” a falta de luz. Assim, pode-se afirmar que o clima é o fator primeiro, condição essencial, causa “eficiente”, dado que a causa “material” seria a tecnologia e seus componentes, e também a vulnerabilidade do sistema. Pode-se admitir que várias causas poderiam levar à interrupção de energia de Itaipu, até mesmo um atentado ou uma pane no painel de controle, ou qualquer outra

social da civilização atual é, sem sombra de dúvida, e em acordo com o que já pensava Rousseau no século XVIII, uma maior vulnerabilidade das diversas sociedades diante das forças naturais, vulnerabilidade essa que no mínimo tem se traduzido na perda de maiores somas econômicas e de maiores contingentes humanos. Essa afirmação, isoladamente, é suficiente para justificar uma atenção especial às influências ambientais, em especial aos fatores climáticos, que são soberanos quando comparados a outros fatores ambientais. Isso é visível quando lembramos que os fatores climáticos exercem forte influência sobre todos os demais fatores ambientais.

É realmente incrível, para não dizer lastimável, a desconfiança e desdém direcionados aos que bem argumentam a tese do aumento da vulnerabilidade da humanidade à natureza²⁰⁹, tese esta já bastante antiga e sólida, mas de pouca disseminação no meio “técnico-científico-ingenuacional”, que ainda acredita estar “domando” a “mother beast nature”, como se isso fosse possível “E” desejável. Esclareço que acreditar numa impossibilidade de “domar” a natureza completamente não significa atribuir à mesma um poder determinante na cultura e nas nossas escolhas como indivíduo e como sociedade, mas tão somente implica em acatar uma assimetria de forças entre natureza e homem que a nós revela que há muito espaço de manobra, mas com muitas limitações, e que toda ação humana sobre a natureza tem um custo em termos de impactos ambientais (e sociais, embutidos no conceito amplo de ambiente) que acaba por manter e aumentar a situação de dependência em relação à natureza, o que significa, em última instância, um aumento das influências ambientais e da vulnerabilidade social em face das forças naturais.

causa improvável, mas a mais comum, a que mais vive “à espreita”, é a causa climática. Num país com o maior número de raios do mundo, o clima é o fator mais provável de ocasionar problemas de interrupção de energia. Fosse o Brasil um deserto ausente de ventos, e a causa climática para interrupção de energia seria irrelevante.

²⁰⁹ Na aparência, tão-somente na aparência é que se nota certo “controle” da natureza pelo gênio humano, aparência esta que não enganou Pascal, Rousseau, Fernando Pessoa e uma lista infindável de cientistas e filósofos da atualidade.

Sobre Rousseau em particular, sua crítica à revolta voltairiana despertada pelo terremoto de Lisboa²¹⁰ em 1755 antecipa em alguns séculos a discussão atual em torno da vulnerabilidade crescente da humanidade às forças naturais. Rousseau, ao desmentir a revolta ingênua de Voltaire contra Deus que o levou a refletir a respeito do bem e do mal, explica que a culpa pelo desastre de Lisboa é do próprio homem, pois os Berberes do Marrocos, que também foram atingidos pelo tremor de quase 9 graus na escala Richter, nada sofreram, enquanto que Lisboa, pela complexidade das edificações, rede de transportes, sistemas de gás canalizado e proximidade do mar, foi totalmente destruída, foi atingida por um Tsunami e teve um terço de sua população morta pela queda de edifícios, por incêndios e inundações. Assim, para Rousseau não há um mal na natureza, desencadeado por Deus, como na visão de Voltaire e seus contemporâneos, mas sim, o mal está na própria ganância e na luxúria dos homens que se colocam à mercê de forças da natureza. Assim, Rousseau, há 260 anos já entendia as razões para o “aparente” aumento dos desastres naturais, enquanto que hoje predomina no jornalismo e até mesmo entre alguns geógrafos a idéia de que o mundo está à beira do colapso devido ao “aumento” descontrolado dos desastres ambientais, enquanto que na verdade, o que aumentou foi a visibilidade, a medição, o registro e a divulgação desses desastres, além do vertiginoso aumento no número de pessoas em

²¹⁰ O terremoto de Lisboa, ironizando, “determinou”, no sentido de causa necessária, que Voltaire escrevesse um poema intitulado “Poème sur Le desastre de lisbonne”, cuja intenção era criticar a filosofia otimista “Tout es bien” do poeta inglês Alexander Pope (cujos poemas são belíssimas peças de arte) e de Leibniz. O terremoto de Lisboa, e nesse sentido se pode falar em influência ambiental sobre a cultura, em particular sobre a filosofia e sobre as artes, levou artistas a pintar o desastre, a escrever poemas e histórias a seu respeito, e ascendeu um amplo e acirrado debate sobre causas finais, teleologia, otimismo, pessimismo e principalmente, sobre o antigo e insolúvel problema do mal moral (A obra “o mal”, de Paul Ricoeur, fruto de uma conferência na universidade de Lausanne, sintetiza o problema do mal na filosofia). Sobre o terremoto de Lisboa e suas conseqüências para a teologia, filosofia e ciência, Glacken comenta que “Complacent attitudes toward the earth as habitable planet were seriously undermined by the Lisbon earthquake of 1755. This frightful catastrophe and the accompanying tsunami dramatized the problem of evil and the role of physical catastrophe affecting living things indiscriminately; it also raised questions about the order and harmony on earth and the fitness of the environment, and the validity of final causes in nature.”

áreas de risco. Se Rousseau pudesse dar uma conferência de abertura num congresso de Geografia, certamente chocaria a platéia com “tatara-obviedades” prestes a comemorar o trigentésimo aniversário.

Quando se consideram os impactos de desastres naturais sobre diversas sociedades, dependendo do impacto considerado, é o país mais rico que apresentará o pior cenário, como, por exemplo, os custos de reparação do desastre natural, que serão maiores em sociedade que tem mais o que perder; e também a natureza dos impactos, que será mais complexa em sociedades mais avançadas do ponto de vista tecnológico e econômico. Essa falácia de que os impactos das forças da natureza diminuem na mesma proporção em que o mundo torna-se tecnologicamente mais avançado não passa de um mito daqueles cientistas que resistem, por vaidade, em reconhecer que a natureza da natureza parece tão mais complexa e indecifrável quanto mais a ciência patina no gelo das tecnologias acreditando que sua coreografia resolverá todos os problemas derivados das forças da natureza e de sua antropização. De um mundo no qual havia basicamente problemas gerados pelas forças naturais sobre uma sociedade com incipiente poder de antropização da natureza, passou-se a um mundo no qual, além dessas forças naturais, há o impacto das forças humanas sobre a natureza.

A ação antrópica pode amenizar as influências ambientais diretas e indiretas sobre as atividades humanas, mas pode em sentido inverso induzir novas influências ambientais até então desconhecidas. Assim, podemos falar numa espécie de “poder latente de influência da natureza”. Nesse caso, a ação humana pode simplesmente desencadear a ação combinada de inúmeros elementos naturais que geram um fenômeno natural que, por sua vez, exercerá influência sobre o homem. Nesse sentido, pode-se afirmar que certo grau de “determinismo” sempre permanece, mesmo quando há livre espaço para a ação humana. Em outras palavras, elementos da natureza em combinação podem determinar a ocorrência de fenômeno natural desconhecido, desde que haja indução humana.²¹¹ Exemplo disso é relatado no artigo “*Human beings and*

²¹¹ Para ilustrar tal situação, ocorreu-me de súbito apresentar o famoso ditado “cutucar a onça com a vara curta”. Refletindo logo após, creio que para esclarecer esse problema da indução humana desencadear uma influência ambiental latente, múltipla e complexa, ampla e imprevisível, convém a

the environment in America: on 'determinism' and 'possibilism'”, de Garavaglia, no qual é estudado o antropismo no vale do México.

Sobre os estudos geográficos das ações antrópicas sobre a natureza, e sobre as pesquisas ambientalistas com foco nas ações humanas, concebo-os como centrais e de valor inestimável para a Geografia e ciências afins, e apesar do grande progresso e de sua relevância e necessidade, entendo que a preocupação com as mudanças climáticas e com o aquecimento global de causas antrópicas já alcançou um patamar de paranóia, principalmente quando consideramos os debates travados entre os que apóiam e os que refutam o aquecimento global. Enquanto se discute quantos prováveis milésimos de graus a temperatura da terra tem aumentado nos últimos milhões de anos, (e enquanto crianças canadenses bojudinhas e “bem alimentadas” saem às ruas chorando e empunhando imagens do amigo urso polar), desastres naturais causam uma cadeia de impactos de diversas naturezas, em efeito dominó, gerando perdas espacialmente desiguais, ao causar prejuízos mais irreparáveis em países menos desenvolvidos, resultando em milhões de mortes, em epidemias, e em destruição generalizada.

Acredito que é nesse sentido que as influências do clima deveriam ser hoje mais estudadas, ou seja, um enfoque nos desastres naturais, nas perdas humanas e econômicas, e na resposta humana a esses desastres, em termos de monitoramento, previsão, preparação, evacuação e reconstrução. Outras searas que, a partir dos estudos já iniciados em algumas universidades, demandam mais pesquisas das influências ambientais são as relacionadas à questão do conforto térmico em ambientes fechados e

seguinte analogia: seria como cutucar uma onça com a vara curta, sair ileso, para dias ou meses, ou anos depois (ou séculos, aí os netos sofreriam as conseqüências), ser súbitamente perseguido e atacado por inesperados animais da selva, ou por todos eles em conjunto, até mesmo pelas plantas que pareciam não ter nada a ver com o pato, mas que agora ficaram todas carnívoras! Pior que isso, significa que poderia sair da onça um animal desconhecido, jamais visto pela ciência, pela mera cutucada! Assim, desastres naturais inovadores podem ocorrer a partir da indução humana e da intervenção no desconhecido. Cada elemento da natureza pode ser uma caixa-de-pandora, quando mal administrado ou por mera alteração de suas características originais. A natureza dorme silente, mas quando acorda de repente, o homem acorda estridente. E isso não é ecobobismo para comover a quinta série na aula de educação ambiental.

nas cidades, e à relação clima-saúde. Alguns assuntos que costumam ser ignorados, mas que se beneficiariam da hipótese das influências ambientais são: infra-estrutura e clima, turismo e clima, agricultura e clima²¹², dentre outros. Não queremos com isso sugerir uma restrição da pesquisa em climatologia, mas apenas reafirmar a urgência e relevância desses estudos que enfocam as influências climáticas, logicamente sem desconsiderar que o clima alterado pela ação antrópica também causa impactos severos sobre a sociedade. O que tenho notado é que a moda do antropismo trouxe em seu estrado algum esquecimento do clima enquanto influência constante, perpétua, e independente da alteração humana, ou seja, é como se o clima pudesse impactar a sociedade apenas por meio dos poluentes atmosféricos, smogs fotoquímicos e microclimas urbanos e rurais, ficando em segundo plano as múltiplas influências dos episódios extremos e do clima sobre a saúde²¹³, e caindo em completo esquecimento as influências do clima como um todo e de seus diversos parâmetros meteorológicos sobre o desenvolvimento da sociedade, sobre a cultura²¹⁴, etc.

²¹² Apesar de já bastante estudada entre agrônomos, carece de abordagem geográfica. Além disso, esses estudos geográficos devem ir além de mera aplicação de técnicas e estudos locais na microescala de uma horta.

²¹³ No Brasil, tem crescido a área de clima e saúde, cujas pesquisas têm sido desenvolvidas por Mendonça e Danni-oliveira, em projetos vinculados à UFPR. O clima também foi discutido em sua relação com a criminalidade, em obra de Francisco Mendonça intitulada “Clima e Criminalidade”.

²¹⁴ A Geografia cultural pode trazer interessante contribuição no desvendamento das influências climáticas sobre as manifestações culturais, as formas de arte, as representações, as simbologias dos elementos naturais em uma determinada cultura, aproximando a Geografia da antropologia cultural, da história das artes, da literatura e do universo psicológico da percepção ambiental.

3.6. Os fundamentos e ideologias do Determinismo Ambiental: o *background* científico e filosófico do determinismo ambiental e as ideologias a ele subjacentes

Um radical é um homem que tem os dois pés firmemente plantados... No ar.

Franklin Roosevelt

Este subcapítulo pretende apenas apresentar um quadro geral dos fundamentos e ideologias associadas ao determinismo ambiental. A leitura da crítica ao determinismo permitiu identificar dez fundamentos e dez ideologias, sem a pretensão de finalizar o assunto, e deixando em aberto a possibilidade de complementação por meio de leituras adicionais. Optou-se, contudo, por explicar algumas ideologias e fundamentos com mais detalhe, para indicar de que forma esses temas correlatos ao determinismo ambiental devem ser abordados.

O ambiente intelectual de desenvolvimento das idéias deterministas é bastante diversificado e de uma complexidade compatível com a abrangência da hipótese das influências ambientais. Assim, o contexto científico e filosófico associado ao determinismo ambiental envolve o essencialismo, o mecanicismo, o iluminismo, o positivismo, o naturalismo, o darwinismo, o racionalismo, o lamarckismo, o neolamarckismo e o darwinismo e lamarckismo social, muito embora não haja consenso sobre quais desses constructos do saber mais impingiram seu conteúdo sobre os chamados autores deterministas e suas idéias. Muito embora a literatura tenda a afirmar a primazia do positivismo, em primeiro lugar, e também do iluminismo e do darwinismo, comentadores mais perspicazes têm, nas últimas décadas, afirmado que o lamarckismo e o neolamarckismo, assim como o darwinismo/lamarckismo social de Spencer, exerceram maior influência sobre a Geografia do que o darwinismo propriamente dito, formando uma espécie de “mãe científica” da Geografia anglófona da virada do século XIX/XX.

Sobre o positivismo e o darwinismo, cabe ressaltar que a crítica determinista freqüentemente os trata como encarnações do mal na ciência²¹⁵, associando-os automaticamente ao determinismo ambiental. É por essa razão que se nota nos seus críticos uma intenção deliberada em elencar as piores facetas do positivismo e do darwinismo e atribuir a elas os excessos e os despudores das teorias deterministas mais radicais. Contudo, alguns traços das teorias deterministas foram, sim, influenciados por Comte e Darwin, (principalmente em Semple) mas isso não deveria impedir a literatura de tratar do assunto com a devida profundidade e cautela, sem recortes tendenciosos e rasos, nos quais se abre amplo leque de equívocos e distorções.

A literatura, ainda, costuma ignorar o essencialismo e o mecanicismo como pressupostos, porém mais antigos, utilizados pelos que advogaram a causa determinista. Além disso, há algumas falácias em torno da associação positivismo-determinismo ambiental, uma vez que o positivismo foi uma base menos relevante do que se imagina. A relação iluminismo-determinismo ambiental também exige cuidados pela facilidade com que nos conduz a conclusões precipitadas. Os que invocaram essa relação se baseiam principalmente na obra influente de Montesquieu, mas isso não é suficiente para se falar em influência iluminista nas obras de deterministas posteriores.

Sobre o positivismo, sua ênfase no estudo dinâmico das sociedades humanas, por um prisma evolucionista e orgânico, muito influenciou autores como Ratzel, Semple e Huntington. Este último, assim como Comte, concebe o clima e a raça como dois fatores essenciais na explicação das variações sociais.

Em relação ao determinismo ambiental, o positivismo é em geral tido como sua principal base filosófica. Entretanto, tal generalizante afirmação esconde uma série de nuances. Comte jamais em sua obra advogou qualquer forma de determinismo absoluto ou monocausal. Para ele, a evolução da humanidade, inalterável e inevitável, comporta três fatores modificadores: o clima, a raça e a ação política. Para ele, o clima é um fator importante, mas menos relevante que a raça. Esses fatores podem acelerar

²¹⁵ Ao lado do “primo pitboy”, o marxismo.

ou retardar a evolução humana e não são fundamentais, mas apenas modificativos. Sobre os três fatores de variação social afirma que:

As três fontes gerais de variação social me parecem resultar: 1) da raça; 2) do clima; 3) da ação política propriamente dita, considerada em toda sua extensão científica. Não convém, de modo algum, pesquisar agora se sua importância relativa é verdadeiramente conforme a esta ordem de enunciação ou de outra diferente. (...) Tal ordenação deve ter hoje tanto menos interesse prático quanto, sendo a influência das combinações políticas, destas três causas modificadoras, a única suficientemente acessível à nossa intervenção, é necessariamente para ela que deverá, sobretudo, dirigir-se a atenção geral, ainda que houvesse um grave inconveniente científico a supor de antemão, por este único motivo, que sua extensão real é de fato preponderante, conjecturando, segundo um vicioso arrebatamento, o resultado final duma exata comparação direta, cujo exame deve ficar reservado para depois. (...) Se, sob este aspecto, dei a impressão de ter em vista, sobretudo, a ação política propriamente dita, é unicamente por causa da irracional preponderância que se costuma lhe atribuir ainda e que tende hoje a impedir diretamente qualquer verdadeira noção das leis sociológicas. (Comte, 2005, p.210)

Nota-se que Comte reconhece a necessidade de se dirigir a atenção ao fator ação política, devido à constatação preliminar e inevitável de ser o único fator suficientemente acessível à intervenção humana, porém exalta uma possível análise comparativa entre os três fatores para se definir a ordem de importância. Ao final, afirma haver na nascente sociologia, uma irracional preponderância do fator ação política que inibe a formulação de verdadeiras leis sociológicas. Todavia, com isso Comte não está propondo que a evolução da humanidade deva ser estudada a partir da influência do clima e da raça. Assim, não se pode afirmar que autores deterministas são nesse aspecto positivistas; aliás, a leitura do “Curso de Filosofia Positiva” indica o contrário, pois nessa obra Comte se refere ao clima afirmando que (...) *“exerce, sem dúvida, uma ação muito real e muito importante, que deve ser conhecida, sobre os fenômenos políticos. Mas essa ação é somente indireta e secundária. Limita-se a*

acelerar ou a retardar, até certo ponto, a marcha natural das civilização, que não pode, de modo algum, ser desnaturada por essas modificações.”(Comte, 2005, p.107-108)

É interessante notar que, se para Comte, o clima influencia apenas a velocidade da marcha natural da civilização, Taylor, em sua teoria do “stop-and-go determinism”, inverte esse papel e afirma que a ação humana é que vai influenciar essa velocidade, tal qual um controlador de tráfego direciona a velocidade do tráfego e não sua direção. Para Taylor, o clima não influencia a velocidade do desenvolvimento da civilização, mas, conjuntamente com outros fatores ambientais, determina qual o melhor caminho deve ser seguido por uma nação.

As idéias comtianas a respeito do papel do clima aproximam-se, antes, das teorias possibilistas e deterministas atenuadas do que de fato das teorias deterministas mais rigorosas, conforme se observa no espaço reservado por Comte às influências da ação humana:

Esta marcha permanece efetivamente a mesma, no fundo, em todos os climas, com variações de velocidade, porque depende de leis mais gerais, as leis da organização humana, que são essencialmente uniformes nas diversas localidades. Dado então que a influência do clima sobre os fenômenos políticos é apenas modificadora no tocante à marcha natural da civilização, que conserva seu caráter de lei suprema [sic], é claro que esta influência somente poderia ser estudada com proveito e convenientemente apreciada depois da determinação dessa lei. (...) A reflexão precedente sobre a influência do clima é, evidentemente, aplicável à de todas as outras causas quaisquer que podem modificar a marcha da civilização em sua velocidade, sem alterá-la essencialmente” (Comte, 1934, p.107)

Comte atribui não apenas ao clima um papel secundário e “acessório” no que tange suas influências sobre a marcha da civilização, mas também à raça, que por sua vez é considerada como mais relevante que o fator climático:

Sem haver, de modo algum, estabelecido em que consiste a progressão social, nem quais são as suas leis essenciais, é evidentemente impossível formar-se a menor idéia justa das perturbações mais ou menos secundárias que podem resultar do clima, ou de qualquer outra influência acessória, mesmo mais poderosa, como a das diversas raças humanas. (...) Todas essas diversas perturbações apenas podem afetar a velocidade da progressão, da qual nenhum termo importante poderia ser suprimido nem deslocado. Assim, qualquer que seja o interesse que possa oferecer sua análise especial, não pode ela comportar nenhum sucesso racional, enquanto as leis [o mero uso desse termo demonizado pela crítica fez Comte ter as orelhas fervendo quando lido por esses críticos] fundamentais do desenvolvimento social não estejam previamente desvendadas. (Comte, 1934,. V.IV, p.130-131)

A idéia é levada adiante, em parágrafo esclarecedor, cujo argumento central foi usado por todos os autores deterministas cautelosos e cuja atualidade é inegável:

(...) Não se pode perceber, assim, de maneira alguma, esta nota geral, que ressalta, entretanto, com tamanha evidência do conjunto das observações, e que deve dominar toda a teoria política dos climas, a saber: que as causas físicas locais, muito poderosas na origem da civilização, perdem sucessivamente sua força, à medida que o curso natural do desenvolvimento humano permite cada vez mais neutralizar sua ação”²¹⁶ (Comte, 1934,. V.IV, p.130-131)

Semple e Huntington, além de um sem-número de pensadores da idéia das influências ambientais, também concordam com Comte.

Como afirmamos anteriormente o fator climático é tido por Comte como menos relevante que o fator racial, cujo papel é reconhecido não sem algumas fortes ressalvas:

²¹⁶ Será que Comte reconhece em suas obras que várias outras influências têm aumentado e que nem todas têm diminuído?

A mesma tendência viciosa manifesta-se também, em grau ordinariamente mais pronunciado, no que concerne às diferentes raças humanas. Porque essas comparações sociológicas simultâneas devem efetuar-se muitas vezes, sobretudo nos casos mais importantes, entre populações pertencentes a variedades distintas da espécie humana; visto que essa modificação fisiológica parece ter sido, em muitos casos, uma das causas essenciais da evolução sempre necessariamente comum. Fica-se, pois, completamente exposto a confundir a influência da raça com a do estágio social, quer se exagere, quer se desconheça uma ou outra. (Comte, 1934, v.IV, p.235)

Assim, Comte reconhece e alerta sobre a grande dificuldade em se discernir entre as influências da raça e aquelas provenientes do estágio social, porque o cientista se vê forçado a escolher variedades humanas muito distintas entre si, e que, portanto, encontra-se em diferentes estágios sociais. Então como estar seguro que as diferenças observadas entre as “raças” se deve aos seus traços intrínsecos, se elas encontram-se em diferentes estágios sociais? Para Comte, este último fator prevalece sobre a raça, o que nos leva a crer que os pensadores com explicações raciais para a desigualdade das civilizações não podem ser rotulados de “positivistas”, pois Comte não pactuava com o racismo enquanto teoria explicativa das diferenças entre os povos.

Ainda sobre a questão das raças como teoria explicativa da desigualdade de desenvolvimento dos povos, Comte tece pesadas críticas:

Esta segunda fonte de modificações sociais [estágio social] é, pois, em geral, superior à primeira [raça]. Todavia, não deve causar surpresa que seja ainda menos conhecida, segundo sua íntima subordinação diante desta, tão mal estudada até o presente. Com efeito, as mais pronunciadas e as mais fixas dessas diferenças vitais, das quais se origina a irracional noção de raças, parecem ser devidas a influências locais, lentamente acumuladas por hereditariedade, até produzir o máximo correspondente de variação orgânica. [esta hipótese aparece em Semple] (...) Seu conjunto é hoje confusamente entrevisto pelo vago princípio das raças, como o outro o foi outrora pelo dos climas. Mas essas duas noções permanecem igualmente desprovidas de um verdadeiro caráter positivo. Os pretensos pensadores, que querem pronunciar-se em sociologia sem saber aritmética, servem-se agora das raças

como seus predecessores o faziam com os climas, para darem a si mesmos, sem grandes sacrifícios, uma aparência científica. (...) Nossos pretensos pensadores fazem universalmente prevalecer esta estranha explicação no mesmo instante em que tende a não mais representar do que influência significativa. Embora a diversidade das raças tenha apenas podido afetar a velocidade de nossa evolução comum, sem alterar de modo algum sua natureza e sua marcha, sua reação social foi outrora maior do que hoje. (Comte, 1929, V. II, p.449-50 e 461)

Sobre o fator ação política, Comte também expressa fortes objeções, e assim, diante de sua visão da influência relativa de cada um dos três fatores (raça, clima e ação política), nota-se que o positivismo não serviu de base essencial a autores deterministas mais radicais, porquanto estes atribuíam papel essencial ao clima, e por vezes ao clima e à raça conjuntamente. Para Comte há uma evolução espontânea da humanidade que não é interrompida nem alterada em sua essência por nenhum fator, seja ambiental, ou não.²¹⁷ Assim, apenas a velocidade desse progresso pode ser alterada por esses fatores, alteração essa que se torna cada vez mais incipiente à medida que progride o conhecimento, as técnicas, enfim, a cultura.²¹⁸

Apesar de Comte não defender a primazia imperiosa de fatores ambientais como explicações para os padrões de ocupação humana, acreditava que era possível descobrir as leis que governam a sociedade, assim como as ciências naturais procuravam as leis que regiam a natureza. Parece ser mais nessa direção que o positivismo exerceu influência sobre alguns autores deterministas modernos, como Ellen Semple.

Dessa forma, as discussões anteriores, assim como a tradição crítica do assunto, abrem espaço para constatar que o determinismo ambiental exerceu importante papel na construção de uma ciência ainda incipiente, tendo servido como tentativa científica

²¹⁷ Essa afirmação é mais objetável do que a afirmação contrária dos deterministas. E bastante mais ingênua e crédula. “Ordem e progresso, Brasil!”, diria Comte. Se a natureza colaborar!, diria Semple.

²¹⁸ A idéia de ordem e progresso e de evolução espontânea tem sido muito criticada desde sua formulação por Comte, porém não é do escopo desta tese tratar dessas críticas, por fugir às necessidades demandadas pelo estudo do tema.

de se explicar as diferenças nos padrões de ocupação humana, ainda que questionável e também utilizada para a legitimação do ideário imperialista-colonialista.

Em brilhante e esclarecedor artigo intitulado *“Neo-lamarckism and the development of Geography in the United States and Great Britain”*²¹⁹, Campbell e Livingstone (1983) afirmam que há amplo consenso sobre a existência da influência do pensamento naturalístico sobre o desenvolvimento inicial da Geografia moderna, mas que há muito menos acordo no que concerne ao peso atribuído às fontes de tais influências. Assim, para os autores, as duas fontes mais reconhecidas são o positivismo de Comte e o darwinismo. Todavia, alertam para o fato de que tem sido ignorada a influência até mesmo mais incisiva do neolamarckismo, por eles definido como um *“selective revival of lamarckian doctrine which, when used in evolutionary theory to supplement, rather than to supplant, darwinian natural selection came to be known as Neo-lamarckism.”* (Campbell e Livingstone, 1983, p.267)

Para esses autores, o forte apelo da teoria lamarckista pode ser atribuída às respostas aparentemente seguras às incertezas de Darwin, e também por reforçar o pensamento social desenvolvimentista formulado anteriormente ao grande debate entre os historiadores naturais.

Assim, explicam a maior plausibilidade da teoria lamarckista aos olhos dos geógrafos afirmando que ela concebia os seres não como indiretamente e sim, como diretamente modificados pelo seu ambiente, e que tais modificações seriam herdadas por seus descendentes. Em seu artigo, os autores detalham as características neolamarckistas que congregaram autores deterministas ao seu redor, e contrastam com o menor apelo exercido pelo darwinismo. Além dessa análise comparativa das influências evolucionistas, também criticam o uso impreciso do termo darwinismo social, pois a biologização do pensamento social pode se dar de outras formas, o que evoca a necessidade do uso do termo “lamarckismo social”. Adiante, explicitam as

²¹⁹ O título em si já é forte evidência para se atribuir à Geografia estadunidense e britânica o papel de principais propulsoras do determinismo ambiental. Tal papel foi tão proeminente a ponto de exigir dos autores uma análise amplamente contextualizada dos efeitos do neolamarckismo sobre a consolidação da Geografia como estudo da relação homem-ambiente por um viés ambientalista que propunha explicações naturalísticas para a nascente “Geografia do homem”.

intenções e as visões de mundo de tal teoria, que claramente serviu de suporte ao determinismo ambiental, e bebeu do progressismo comtiano:

In contrast to the non-interventionism of a modish social Darwinism, social Lamarckism held that *laissez-faire* was tantamount to a denial of human creativity – a travesty of past experiences and a fatalistic rejection of future possibilities. Rather, they considered civilization as the cumulation of useful social acquisitions by cultural transmission. [tese também advogada pelos autores difusionistas. De acordo com Sauer, Ratzel foi o fundador dos estudos da difusão de traços culturais, presente no seu quase esquecido segundo volume de Antropogeografia] Social Lamarckism, therefore, could and did act as a stimulus to movements for improving the condition of humanity, wheter educational, eugenic, or environmental.

Finally, the teleology inherent in Neo-lamarckian evolution was easily accommodated to the progressivist models of contemporary historicist historians, and, when construed in terms of the doctrine of providence, could also help to reconcile scientific evolution and Christian belief. By unreservedly presuming that European civilization, and its lusty American offshoot, were in the vanguard of social evolution, and reconstructing the history of the western world accordingly, such historians as Buckle and Taine, and their American counterparts, anticipated and corroborated the motifs of orthogenetic evolutionism, drawing further ideological support from the prevailing spirit of optimism. Meanwhile, the moral basis of society in established religion could be saved from the apparently fatal onslaught of Darwinism, with its unadorned naturalistic cosmology, by natural selection to an orthogenetic impulse, and assuming that the adaptive characters under the influence of this impulse were inherited. (Campbell e Livingstone, 1983, p.269-270)

Diante do exposto, pode-se inferir que tais concepções e visões neo-lamarckistas nutrem-se de, ao mesmo tempo em que legitimam, uma série de

ideologias associadas, tais como progressivismo, imperialismo, eurocentrismo e cristianismo.²²⁰

A riqueza do referido artigo ainda comporta uma análise mais detalhada do neolamarckismo presente em obras de autores estadunidenses e britânicos, assim como o reconhecimento da relevância de seu principal expoente, Herbert Spencer, que, segundo os autores, acreditava, da mesma forma que Comte, que a natureza humana se desenvolveu de acordo com uma lei universal de desenvolvimento. Nas palavras de Spencer (1851, p.80) apud Campbell e Livingstone (1983, p.269), *“Progress, therefore, is not an accident, but a necessity. Instead of civilisation being artifact, it is part of nature, ... The modifications mankind have undergone, and are still undergoing, result from a law underlying the whole organic creation; and provided the human race continues, and the construction of things remains the same, those modifications must end in completeness.”* Assim, a dinâmica do evolucionismo social spenceriano está toda ancorada na teoria evolucionista lamarckiana.

Sobre a questão ideológica, é assunto recorrente na crítica o fato de que inúmeras ideologias permeiam alguns dos discursos deterministas. Contudo, não se pode afirmar que essas ideologias foram advogadas por todos os autores deterministas, visto que esses diferem grandemente quanto ao teor ideológico de suas obras, e haja vista que alguns autores deterministas sequer podem ser vinculados a alguma ideologia supostamente embutida no discurso. Do mesmo modo, não se verifica todas as ideologias num mesmo autor.

Ao contrário do que estabelece o pensamento corrente, o determinismo ambiental foi muito mais que um mero conjunto de discursos criados para legitimar algumas ideologias em voga no século XIX, uma vez que seu surgimento não se dá para esta finalidade, pois enquanto hipótese das influências ambientais remonta aos primórdios da civilização. O que se pode afirmar é que o determinismo ambiental foi apropriado intencionalmente por algumas mentes burocráticas e imperialistas de

²²⁰ Aqui o termo cristianismo é usado em sua acepção ideológica, como um corpo de saberes e crenças que legitimam uma moral imposta universalmente.

anglo-saxões²²¹, num momento de máxima fragilidade da teoria, no período 1889 (publicação da áspera crítica boasiana na obra “the aims of ethnology”) – 1925 (dez anos depois da publicação das obras marcantes de Semple e Huntington), e por essa razão - a saber, a coincidência temporal entre apropriação deturpada e tendenciosa da teoria, publicação de obras mais radicais e ousadas e período de fortes críticas ao imperialismo e ao determinismo - o determinismo ambiental, injustamente, passou a ser automaticamente vinculado aos anseios imperialistas da época, e foi prontamente reduzido ao rótulo de falsa teoria com o único propósito de legitimar as ideologias vigentes.

As leituras dos críticos do determinismo permitiram identificar 10 ideologias relacionadas aos discursos, mas minha leitura dos deterministas não se concentrou nesses aspectos, portanto, fica aqui lançada a hipótese de que essas ideologias existiram, em alguns autores, e como componentes subjacentes aos discursos, mas que são menos relevantes do que se pensa, e não podem ser tomados como a essência desses discursos. As ideologias identificadas foram:

1. Capitalismo imperialista (legitimado pelo viés do darwinismo e do lamarckismo social)
2. Darwinismo e lamarckismo social
3. Naturalismo cristianizado e destino manifesto
4. Imperialismo Anglo-saxão e Francês
5. Etnocentrismo/Eurocentrismo
6. Ideal Burguês
7. Eugenia/Racismo

²²¹ Logicamente que o determinismo ambiental já era utilizado como legitimação imperialista muito antes da virada do século XIX e XX, mas nesse período o determinismo ambiental continuava a ser evocado em nome da “civilização contra a barbárie” e coincidia com a efervescência de sua popularidade ao mesmo tempo em que sua impopularidade e crítica disparavam no cenário acadêmico. As atitudes imperialistas anglo-saxãs começavam a encontrar forte resistência dos povos autóctones ao mesmo tempo em que aumentava a oposição de intelectuais aos mandos e desmandos das potências hegemônicas.

8. Capitalismo e Sociedade Tecnológica
9. Positivismo
10. Climatocentrismo e insalubridade dos trópicos

Além de Campbell e Livingstone, que discutem o papel científico e ideológico do neolamarckismo, Richard Peet traz fundamental discussão a respeito das ideologias subjacentes à ciência em geral e especificamente aos discursos deterministas, no período que se estende do final do século XIX ao início do XX. Em seu artigo “The social origins of environmental determinism”, Peet examina três elementos do final do século XIX: o imperialismo enquanto necessidade sociopolítica, o darwinismo social em sua roupagem ideológica para um capitalismo imperialista, e o determinismo ambiental na condição de primeira versão da Geografia moderna. Nesta obra, o autor analisa o contexto sócio-político e intelectual da emergência do determinismo ambiental nos EUA, correlaciona-o à biologia evolucionista e ao darwinismo/lamarckismo social de Spencer, além de tecer importantes críticas à Ratzel, e principalmente a Semple, de quem faz uma análise mais pormenorizada, sem deixar de esmiuçar as críticas ao determinismo ambiental providas da Geografia cultural de Sauer e do Marxismo.

Peet resume as condições sócio-políticas e intelecto-científica de emergência do determinismo ambiental nos seguintes termos:

A disciplinary interest in human-environment relations predates Ratzel and Semple, as does the use of organismic analogies in geography. However, the definition of geography as the science of human-environment relations, with the use of organismic analogy to illuminate this relation scientifically, belongs to the late nineteenth and early twentieth centuries. This approach did not result exclusively or even primarily from the internal dynamic of geography's development but from the discoveries of evolutionary biology and from the urgent need for a theory legitimating capitalist social relations, intersocietal strife, and geopolitical expansion in an age of imperialism. (Peet, 1985, 326)

Sobre a questão ideológica, Peet a resume da seguinte forma, enfatizando a naturalização do imperialismo estadunidense como consequência inevitável das leis da evolução, que pressupõe a sobrevivência dos mais aptos:

The need to be socially and politically functional directs inquiry in direction productive of ideology but not necessarily productive of scientific principles.(...) Determinism attempted to explain the imperial events of late nineteenth and early twentieth century capitalism in a scientific way [Exagero, não foi o objetivo das obras deterministas]. Yet, to gain prominent position in the mass reproduction of ideas, geography had also to legitimate intersocietal competition and the conquest of some societies by others. [foi antes “usada” para essa finalidade, do que construída por geógrafos com essa intenção.] The discipline borrowed from evolutionary biology, the leading science of the day, in formulating its main principles, using the device of the organismic analogy. This analogy proved incapable of capturing the essential, differentiating features specific to human society. It therefore skewed geography in a scientifically unproductive direction. [questionável, mas é certo que apenas fazer críticas é ainda mais improdutivo] Yet, it continued to be used because of its legitimation function – that is, allowing imperialism to be legitimated as a necessary stage in the evolution to a higher order of existence. “the survival of the fittest had once been used chiefly to support business competition at home: now it was used to support expansion abroad” (Hofstadter 1995, 202-203). The gaps in this “science”, were filled through the retention of (prescientific) religious and mystical ideas, especially in the areas of human consciousness and social purpose. Scientific failure occurred at the moment of its modern emergence [essa é a principal razão, talvez, para as críticas pesadas e por vezes infundadas aos autores rotulados de deterministas, uma vez que a eles foi atribuída a má reputação de uma Geografia supostamente pseudocientífica que, em seus primórdios, já estaria fadada ao limbo dos conhecimentos vulgares]. This has had drastic consequences for the subsequent trajectory of the discipline of Geography.(...) Environmental determinism, I argue, was geography’s contribution to social Darwinism ideology, [reduz determinismo ambiental à uma contribuição geográfica a uma ideologia] providing a naturalistic explanation of which societies were fittest in the imperial struggle for world domination. (Peet, 1985, p.310)

O estudo dos temas propostos anteriormente (10 teorias e 10 ideologias), se levados a cabo com a devida profundidade, pode esclarecer alguns mitos em torno dos contextos filosóficos e científicos que influenciaram o determinismo enquanto pretensa teoria, de forma a evidenciar esse complexo de contextos e repensar o papel relativo de cada um deles na elaboração das teorias deterministas sem, contudo, subestimar aquelas filosofias e ciências meramente pelo fato de terem servido de fundamento para uma teoria com suas falhas e excessos. Da mesma forma, um estudo detalhado pode precisar quais ideologias de fato constituem, se é que constituem, os discursos dos autores deterministas, separando os mais ideológicos daqueles que desenvolveram suas teorias simplesmente com a intenção de fazer ciência e avançar na compreensão da relação homem-ambiente.

4. DOS PRIMÓRDIOS DAS IDÉIAS DAS INFLUÊNCIAS AMBIENTAIS E DE SEUS PRINCIPAIS AUTORES: BREVE ANÁLISE DOS SUPOSTOS DISCURSOS DETERMINISTAS

“Nature can be conquered only by obeying her.”

Francis Bacon

O ambientalismo, enquanto estudo das relações homem-ambiente ou humano-ambientais, é tão antigo quanto a própria sociedade humana. No ocidente, Glacken²²² (1967) afirma que as preocupações com as relações homem-ambiente remontam à Grécia antiga e identifica três maneiras de caracterizar essas relações, cada uma delas ancorada em um questionamento, formando três questionamentos essenciais e persistentes na história do pensamento ocidental. Abaixo estão listadas as três maneiras de caracterizar a dualidade homem/ambiente, acompanhadas pela citação dos questionamentos, conforme Glacken (1967):

²²² “Traces on the Rodian Shore”, de Clarence Glacken, eminente Geógrafo estadunidense da Universidade de Berkeley, é considerado um dos melhores e mais importantes livros já publicados por um geógrafo no mundo anglófono, e seu alcance, como ocorre com obras geniais, ainda não foi totalmente avaliado. Em quase 800 páginas de erudição ímpar e discreta (como convém a um “british scholar”), Glacken demonstra uma grande consciência da vasta complexidade da história daquelas idéias tão intimamente associadas ao entendimento do homem sobre si e sobre o significado de sua existência. Por meio de uma moldura realmente interdisciplinar (sem ser mero modismo), Glacken relaciona fenômenos naturais e culturais com uma suposta dicotomia homem-natureza. As influências ambientais na cultura são discutidas de um ponto de vista original, com o uso de dados riquíssimos, somados a uma abordagem nova e provocante da história do desenvolvimento da sociedade humana que preza pelas fontes clássicas e pelas obras originais, e evita chavões, escolas, passeatas e rótulos. Martin reconhece que muito pouco tem sido feito por historiadores da Geografia americana pré-século XIX desde a publicação em 1967 de *Traces on the Rodian Shore*. Outros autores que realizaram uma história extensa datando da antiguidade foram Preston James, George Kish, Curtis Machester e Fred Lukermann. Martin critica as obras “building blocks”, como as de Dunbar, Livingstone, Stoddart e Wright, cujo formato é o de coleção de ensaios desacompanhados de uma tentativa de síntese. São os típicos livros cuja autoria é do “organizador”, cuja participação resume-se em um artigo e às vezes, também num prefácio. O mérito desse tipo de obra é outro que não propor uma síntese integradora.

1. Humanidade em harmonia com seu ambiente. *“Is the earth, which is obviously a fit environment for man and other organic life, a purposefully made creation?”*

2. Humanidade sendo influenciada pelo seu ambiente. *“Have its climates, its relief, the configuration of its continents influenced the moral and social nature of individuals, and have they had an influence in molding the character and nature of human culture?”*

3. Humanidade como agente modificador de seu ambiente. *“In his long tenure of the earth, in what manner has man changed it from its hypothetical pristine condition”?*

A terceira visão da relação homem-ambiente tem sido predominante no pensamento popular (via imprensa, sem reflexão prévia), no acadêmico (com alguns exageros), no capitalista (sem piedade de homem e de natureza) e em especial no tecnocrata (para quem a idéia trêz é o “Imortal Beloved”), o que tem levado muitos ecologistas a reivindicar a necessidade de uma mudança na direção da primeira idéia, a da harmonia com o ambiente. É importante notar que alguns desses ecologistas têm, segundo Hardin (1996), argumentado que se a humanidade não alterar seu modo sócio-econômico de apropriação da natureza, esta reagirá com uma “vingança”, e mais uma vez, assim como nos tempos pré-industriais, dominará a humanidade. A emergência dessa idéia tem reascendido o tema das influências ambientais sobre a humanidade, e mostra quão pertinente é a idéia de se conceber um mundo passado no qual a influência da cultura (entendida como conhecimento) era menor que a das influências ambientais, que se faziam sentir com variados graus de condicionamento, sem quase nunca serem anuladas ou até mesmo amenizadas. Até mesmo Wallis, crítico do “determinismo” ambiental, juntamente com outros críticos, reconhece que “In early stages of social development nature may determine man’s activities; (...)” (WALLIS, 1926, p.708).

Essas três indagações, que podem ser consideradas em conjunto como o grande “leitmotif” de todas as ciências com alguma preocupação ambiental, têm exercido,

segundo Glacken, um papel fundamental na compreensão do ser humano, sua cultura e o ambiente natural onde vive, além de constituir os alicerces do moderno estudo da Geografia do homem. O autor argumenta, ainda, que as respostas a essas questões têm sido tão freqüentes e contínuas que é pertinente reafirmá-las na forma de três idéias gerais:

1. *“The idea of a designed earth”*
2. *“The idea of environmental influence”*
3. *“The idea of man as a geographic agent”*

Segundo Glacken, essas três idéias foram freqüentemente modificadas e enriquecidas por outras teorias relacionadas ao crescimento da cultura e à natureza da terra. *“The most important of them were the principle of plenitude, interpretations of cultural history, ideas regarding the effects of human institutions (such as religion and government), and the organic analogy applied both to the growth and decline of nations and peoples and to the earth itself”* (Glacken, 1967). A teoria da analogia orgânica, emprestada de Darwin e Lamarck e viga mestra do darwinismo social, foi um dos principais alvos da crítica ao “determinismo”, principalmente aquelas feitas pela antropologia Boasiana de Colúmbia, e por Carl Sauer, da escola de Geografia Cultural de Berkeley, Califórnia. A mera influência dessas tão diversas teorias sobre a idéia da influência ambiental (tomada erroneamente como “teoria do determinismo ambiental”), já seria suficiente para se demonstrar a impertinência do rótulo determinista e da visão ingênua de um “determinismo” absoluto contraposto a um “possibilismo” radical. A história das idéias que deram origem a essas duas teorias aparentemente contraditórias, quando analisada mais de perto, revela os excessos da crítica, a fragilidade dos rótulos e o pouco discernimento no pesar dos aspectos positivos e os possíveis exageros das obras e autores intitulados de deterministas.

Essas três idéias sistematizadas por Glacken encontram uma analogia com as três abordagens geográficas da relação homem-ambiente propostas por Taylor (1967) e que, segundo ele, resultaram em três diferentes tipos de Geografia (embora mais

semelhantes do que fizeram parecer seus críticos). A primeira, Geografia “theocratic” (governada pelo propósito divino), busca entender vários tipos de fenômenos observáveis na superfície da terra, em relação aos seus propósitos subjacentes, e relaciona-se ao determinismo geográfico teleológico de Ritter, influenciado pelo idealismo de Hegel e pela teleologia de Aristóteles.²²³ Ritter combinou uma abordagem teleológica (do grego, teleos = propósito) com a Geografia “geocratic”, resultando na explicação de que tudo que ocorre na superfície da Terra é direcionado a algum propósito cujas forças controladoras são estabelecidas por Deus. A segunda, Geografia “geocratic” (governada pela Terra), sugere que a própria Terra (natureza) possui um grande papel na determinação do tipo de vida que se desenvolve numa determinada área e relaciona-se ao determinismo geográfico. O terceiro tipo é a Geografia “we-ocratic” (governada por nós, humanos), que se desenvolveu em oposição às outras duas e relaciona-se ao possibilismo, procurando demonstrar que o ambiente oferece uma gama de possibilidades cuja utilização depende quase que exclusivamente da ação humana.

Quanto à origem dessas três idéias, Glacken explica que elas surgem a partir do pensamento geral e experiência cotidiana do ser humano. A primeira, da idéia de uma terra designada, deve muito à Mitologia, Filosofia e Teologia, a segunda, das influências ambientais, relaciona-se à Medicina, Ciência Farmacêutica e observação do tempo, enquanto que a terceira, do homem como agente geográfico, emerge das atividades, planejamentos e habilidade do cotidiano, como tecelagem, carpintaria e cultivo da terra. As duas primeiras idéias foram expressas com frequência, na antiguidade clássica, enquanto que a terceira era menos debatida, ainda que estivesse implícita em muitas discussões que reconheciam o óbvio fato da mudança do ambiente pelas artes, técnicas e ciência. (GLACKEN, 1967)

Não só a segunda idéia, mas também a primeira, possuem estreitos vínculos com o determinismo ambiental, pois ela assume que o planeta é construído

²²³ Aristóteles acreditava que tudo na natureza estava em contínuo processo de mudança física conduzindo, dessa forma, a um estado final de perfeição. Considerado o pai do conceito teleológico, via o universo como planejado por seu criador.

especialmente para o ser humano enquanto a mais alta criação divina no topo da hierarquia das formas de vida. Assim, essa concepção pressupõe que a terra ou partes dela constituem um ambiente adequado tanto para a vida em geral quanto para a alta civilização, e essa pressuposição aparece como um dos pilares do pensamento determinista. Mesmo considerando que a segunda idéia cresceu independentemente da primeira, elas foram usadas constantemente como parte do argumento do desígnio ou plano divino no sentido de que todas as formas de vida são vistas como se adaptando às condições harmônicas propositadamente criadas. A compatibilidade da primeira idéia com a segunda é expressa por Glacken quando aponta que *“Theories of environmental influence are compatible with design arguments because adaptation of life to environment is assumed in both cases; both provided answers to the question why men were living where they were, how they prospered, why and how they lived in inhospitable and bleak environments.”*.

Quanto à segunda idéia, que constitui o cerne da teoria determinista, e que em sua essência nada tem de determinista, no sentido atribuído a este termo pelos críticos do determinismo ambiental, esta germina com a teoria médica²²⁴, e contrariando Glacken, lê-se por aí, em teses de doutorado e obras de Geografia-folhetim do tipo “O pensamento geográfico em 80 páginas”²²⁵, que o determinismo ambiental se origina com Darwin (SIC), ou seja, o determinismo ambiental é apenas um púbere modernoso em vez de um ancião respeitável de tradição helênica. Assim, as conclusões extraídas pelos que advogaram a idéia das influências ambientais basearam-se em comparações de inúmeros fatores ambientais como águas, situação geográfica e condições atmosféricas com as características das pessoas desses ambientes, na forma de correlações entre essas duas variáveis. Não obstante, Glacken observa que, estritamente falando, é incorreto se referir a essas antigas especulações como uma teoria de influências climáticas, posto que não havia na época uma teoria do tempo e

²²⁴ Sobre esta origem da segunda idéia, Glacken afirma que “It probably grew out of medicine; travel and voyaging have both helped it along, for men apparently lived everywhere (...). (GLACKEN, 1967, p.709)

²²⁵ Claro que não existe tal título de obra geográfica, mas circulam por aí (obras brasileiras e estrangeiras também) obras que fariam imenso jus ao título.

do clima propriamente dita como nos moldes atuais. Para ele, é mais pertinente referir-se a elas como teorias das águas, ares e lugares no sentido hipocrático dos termos.

A terceira idéia, do homem como agente geográfico, apesar de mais acanhadamente formulada na antiguidade em comparação às outras duas, teve suas plenas implicações reconhecidas apenas a partir dos escritos de Buffon, e só foi esmiuçada em profundidade e detalhes com o advento das idéias de Marsh, na obra “Man and Nature”, em 1864. Não deveria ser uma surpresa, mas costuma ser diante de nossas idéias tão dissecadas pelo rótulo e estigma nosso de cada dia, o fato de que essa terceira idéia pode muito bem ser acomodada no ventre materno e sereno do argumento do plano divino, já que o homem, com suas artes e invenções, é concebido como um parceiro de Deus, cultivando e melhorando uma terra criada para ele.

Ao analisar essas três idéias e traçar um seu histórico, Glacken pretende demonstrar que elas dominaram (não de maneira exclusiva, todavia), na história do pensamento ocidental, os conceitos referentes à relação da cultura humana com o ambiente natural. Esses conceitos eram dominados por uma, duas, ou até mesmo as três idéias em conjunto, haja vista a compatibilidade das três idéias, conforme já apontado pelo autor. Aqui nesse ponto está uma questão crucial e muito mal compreendida pela crítica ao determinismo, leia-se principalmente, a dos possibilistas, de Sauer e da tradição boasiana: o determinismo ambiental, em sua essência (e não em seu rótulo que lhe estigmatizou), não é de modo algum incompatível e irreconciliável com a idéia do homem como agente geográfico, posto que sua essência é nada mais que a própria idéia das influências ambientais, que segundo Glacken, é perfeitamente compatível tanto com a primeira quanto com a terceira idéia.

Glacken mostra que foi possível para alguns autores sustentarem as três idéias como sendo complementares e não contraditórias, e dessa forma a explicação do sentido e funcionamento da vida na terra poderia ser resumida com a seguinte explicação: “*Man, for example, lives on a divinely created earth harmoniously devised for his needs; his physical qualities such as skin and hair, his physical activity and mental stimulation are determined by climate; and he fulfills his god-given mission of finishing the creation, bringing order into nature, which god, in giving him mind, the*

eye, and the hand, had intended that he does.” (GLACKEN, 1967, p. viii). O autor segue afirmando que essas idéias também foram, juntamente com outras idéias subsidiárias, parte da matriz que propiciou a emergência das ciências sociais, que logicamente tem raízes profundas também na história da teologia, filosofia e teoria social e política.

Febvre, em sua elucidativa e densa obra “A Geographical Introduction do History”, explica que há dois problemas essenciais que confrontam os interessados em história: O problema da raça, e o problema do ambiente. Sobre este último, seu alvo de estudo, sumariza dizendo que

The problem is centuries old. Need we recall the work of Hippocrates *On Airs, Waters, and Places*, and the contrast which this contemporary of Socrates draws between the inhabitants of hilly countries, beaten by rain and wind – people of lofty stature, gentle but at the same time brave – and the inhabitants of the light, open, dry lands with sharp climatic changes – a lean, sinewy race, blond rather than dark, and of a masterful and intractable nature? Hippocrates is the ancestor or rather the patriarch; and after him what a succession! First come the company of the ancients: Plato in book V of his *laws*; Aristotle in Books IV and VII of his *Politics*; Galen, who as physician follows the lead of Hippocrates; Polybius; and Ptolemy, the author of the *De Judiciis Atrologicis* dear to Bodin; and all the latin philosophers, moralists, scientists, or poets like Lucretius in Book VI of his *De Natura Rerum*. Then come all the moderns who seized at first on the ideas of the ancients and developed, enriched, and enlarged their uncertain and dogmatic conclusions in the light of wider experience. There is Bodin, in his *Rèpublique*, endeavoring in the powerful and remarkable first chapter of Book V... (....) A Century and a half later – we quote the more important writers only – and we have, thirty years before Montesquieu, the Abbé Dubos, the ingenious and rhetorical author of the *Réflexions critiques sur la Poésie et la Peinture* (1719). (...) There is Malebranche, in the *Recherche de la Vérité*, in the chapter intituled “That the air breathe causes some change in the mind also”. Not to go so far afield, we have Boileau in the *Art Poétique* (Canto III, v.114). And still more distant, La Bruyère, and the *Entretiens d’Ariste et d’Eugène* of p. Bonhours, the *Digression sur les anciens et les*

moderns of Fontenelle, and the *Lettre à l'Académie* of Fénelon. [Febvre menciona ainda, ao longo da obra, e isso não significa que todos eles de “deterministas”, Victor Cousin, Buffon, Ritter, Humboldt, Richtofen, Ratzel, Taine, Buckle, Tourville, Reclus, Demolins, La Blache, Sorre, Demangeon, Valleaux, Varenius, até culminar em Semple e Huntington.] (FEBVRE, 1925, p.2)

Finalizando esta introdução, esclareço mais uma vez que esta tese, em especial este capítulo, pretende esboçar um histórico – muito aquém do ideal - da segunda idéia (the idea of environmental Influences), ou seja, do segundo tipo de Geografia (geocratic) sem excluir breves menções às demais quando necessárias à comparação e à contextualização. O objetivo deste capítulo é fazer um resgate histórico da idéia das influências ambientais desde a Grécia antiga ao ocaso da Geografia Tradicional/Clássica, “escola de pensamento” ²²⁶ que foi especialmente influenciada pelas teorias ambientais/mesológicas.

²²⁶ O uso do termo “escola de pensamento da Geografia tradicional” comporta rótulos e imprecisões e traz consigo um arsenal-miríade de levianismos, pois tal termo deveria, no máximo, significar um período de tempo mais ou menos delimitado entre o advento da Geografia acadêmica na Alemanha e o advento da Geografia teórica (teorética ou quantitativa). Ou seja, ao usar tal termo, não acato de modo algum que haja de fato uma escola com paradigma único ou com certa homogeneidade na concepção dos escopos, desafios e limitações da Geografia, mas quero apenas referir-me a um período em especial que ficou rotulado como tradicional, palavra que - destituída de sua conotação habitual e negativa - revela a extrema importância do período da Geografia que considero o mais essencial, fundador e reflexivo da Geografia, pois, com raríssimas exceções, o que se vê atualmente, a começar por esta tese, sem sombra de dúvida e sem falsa modéstia, são releituras (em geral empobrecidas), conjecturas poéticas, tergiversações instigantes em becos sem saídas, quando não se reduzem, o que é muito pior, a “supostas novidades”, ou seja, diamantes brutos de lustres encontrados nos antiquários das esquinas da Geografia “tradicional” e que, mal polidos, incrivelmente conseguem iludir um público (e estou me referindo ao público de Geógrafos!) sempre ávido pela novidade, por rótulos enfáticos, por palavras de efeito, por certezas persuasivas, por velhas teorias pintadas de novas para impressionar os crédulos, e também sempre ávido pelos “últimos lançamentos” (Blockbusters) da Geografia e da ciência. Em outras palavras, temos, de um lado, um desfile teórico-epistemológico bonito (preferível), com alas variadas e sempre limpinhas, porém estéril em termos de aplicação prática (Estéril segundo os “Homens de Ação”, de Fernando Pessoa), e do outro, desfiles muitas vezes

rasos, ideológicos e tendenciosos dos “Geógrafos de ação” (possuem sua finalidade e são úteis), aqueles das ONGs, das burocracias alienantes, dos panfletos de esquina, das cartilhas de movimentos sociais, da defesa da periferia e sua “cultura” – que acreditam mudar a sociedade com 100 páginas de trabalhos monográficos sobre minúcias da realidade, sem que haja de fato (pois há apenas a pretensão) alguma aplicação prática e “transformadora”, e, igualmente grave, sem qualquer contribuição histórico-filosófica e teórico-conceitual para a Geografia.

Sem pretender emigrar para uma digressão em eterno espiral, mas não posso deixar de citar algumas evidências claras dos desavanços das ciências e da Geografia em particular, como: a “crença” já fanatizada num aquecimento global apocalíptico e sem evidências baseadas em pelo menos centenas de anos com registro seguro, preciso e constante, e cujos oponentes são prontamente rotulados de “ultradireita da chaminé”; o estágio baixíssimo de compreensão (por descaso e às vezes por falta de condições tecnológicas que, em alguns casos, estão muito aquém das necessidades) dos desastres naturais, ou “natural hazards”, em termos de sua gênese, intensidade, distribuição, frequência, recorrência, impactos e respostas humanas; e, não sem ressalvas e sem precipitar-me em julgamento tendencioso, o tabu “determinista” que paralisa e impede que se lance como hipótese certas influências ambientais sobre questões econômicas, de desenvolvimento, de saúde, de traços culturais, e até mesmo de comportamento e outras questões aparentemente sem nenhuma conexão com as influências ambientais. Em relação ao desenvolvimento teórico da Geografia, fatos agravantes são: a ignorância em relação aos clássicos, o preconceito com algumas teorias e autores, o tímido trânsito pela filosofia, em particular, a filosofia da linguagem e a filosofia da ciência, a aversão a teorizações que são prontamente taxadas de esnobes e “pseudo-eruditas”, o monolinguismo, a tendência ao rótulo, a parca leitura em geral, e a excessiva confiança em comentadores e nas citações de citações de citações de citações, sem que se recorra minimamente aos originais. Finalizando, cabe esclarecer que não há ingenuidade que conceba uma nota de rodapé como uma tentativa de esgotar os problemas atuais da Geografia e áreas afins, posto que apenas citei as que mais se relacionam com o tema da tese e com minha formação na Geografia Física (Climatologia) e em Epistemologia. A lista completa, se refletida, extrapolaria as páginas desta tese.

4.1. Da Antiguidade Clássica aos primórdios da idade moderna

Tempo: o clima do momento. Um tópico de conversa permanente entre pessoas a quem isso não interessa, mas que herdaram essa tendência de antepassados que andavam nus e para os quais o assunto era de extrema importância

Ambrose Bierce – “Dicionário do Diabo”

Todos os pensadores da antiguidade deram alguma contribuição à idéia das influências ambientais. Todavia, serão analisados aqueles autores que mais se preocuparam com a idéia que exerceram grande influência no pensamento ambientalista²²⁷ posterior ou que apresentaram uma contribuição original, como é o caso do romano Estrabão (pela obra “Geografia”), e dos gregos, Aristóteles (pela obra “Meteorológica”), Polybius e Hipócrates (pela obra “Airs, Waters, Places”), com ênfase neste último, pela contribuição eclética e original à teoria ambientalista, que influenciou desde os autores da época quanto os da modernidade, e em Aristóteles, devido ao uso das idéias ambientais em teoria social e teoria política, e por causa do profundo impacto de seus procedimentos indutivos que favoreciam a formulação de conceitos a partir de generalizações de fatos empiricamente observados, método amplamente empregado pelos autores rotulados de deterministas. Outros autores gregos menos relevantes para o tema, como Posidonius, Tucídites, Agatharchides, Diógenes, Heráclito, Platão, Sócrates e Ptolomeu, e alguns pensadores romanos como Cícero, Cesar, Vitruvius, Servius, Plínio, Sêneca, Florius, Lucrecius, e Virgil não serão estudados, apesar de terem contribuído com tema. Em face do objetivo desta tese e das limitações de tempo, e também por não se dispor da obra original desses autores, considera-se suficiente lembrar que todos eles deram sua contribuição ao estudo das influências ambientais.

²²⁷ Por “pensamento ambientalista” (ou “teoria ambiental”) estamos nos referindo ao estudo da relação homem-meio e às três idéias levantadas por Glacken, especialmente à segunda, sobre a idéia das influências ambientais.

Também não serão estudadas, apesar de oferecer contribuição ao tema, as mitologias de gregos e de sumérios. Nelas, há o reconhecimento das influências ambientais sobre o homem, uma vez que tais mitos são considerados os antecedentes da especulação científica e racional das relações humanas com seu ambiente.

Sobre os gregos, suas teorias filosóficas e científicas são reconhecidas como os mananciais da idéia das influências ambientais, ou seja, como primeira tentativa de teorizar sobre as influências da natureza sobre a cultura, teorizações estas baseadas na observação cotidiana e na vida prática. Para Glacken, *“There is some evidence for the belief that the Greeks ascribed to the climate – or perhaps to temperature – the distinctive characteristics of their civilization.”* (Glacken, 1967, p.80). Para o autor, desde os primórdios tem predominado dois tipos de teorias ambientais; uma baseada na fisiologia (influência do clima sobre a saúde), que se desenvolveu a partir da noção do balanço dos humores²²⁸ gerando saúde e doença e a partir das observações empíricas como as vantagens de certas altitudes, ventos, lugares de habitações e umidade; e uma segunda baseada na posição geográfica (influência do clima sobre a cultura e caráter do povo).

Cabe mencionar que já na antiguidade clássica houve autores que, como Polybius, consideravam a existência de um meio cultural que também exercia

²²⁸ Sobre a teoria dos humores, Glacken fala sobre a sua importância para a Geografia, uma vez que esta teoria se baseia nas influências ambientais, e também sugere que ela permite maior generalização, por depender primordialmente do clima, (pois atua localmente, mas também em escala regional ou zonal). Em suas palavras *“The humor theory made possible a greater degree of generalization than did the ideas of influence of situation, relief, or the quality of soils, because these influences were applied to local situations. The importance of the humor theory from a geographic point of view, as we have seen, was that the dominance of one or another humor in the human body might be ascribed to environmental conditions. Attention was thus called to the problem of mixtures of the humors in their effects both on the body and on peoples as a whole. The humor theory also presupposes a sympathy between body and mind, the good or bad humors of the body working on the mind, the passions and disturbances of the mind influencing the body. The humors – with the mind-body relationships – in combination with the influences of airs, waters, and places, thus could explain not only physical and mental health, but the physical and cultural characteristics of peoples as a whole.* (GLACKEN, 1967, p.81).

influência conjuntamente com o ambiente físico, e Hipócrates, que afirmava que instituições podiam alterar as qualidades induzidas pelo ambiente físico, constatação também feita por Semple e Huntington vinte quatro séculos mais tarde.

O Primeiro autor analisado será Hipócrates, pois é a ele e à sua época que Glacken atribui o surgimento da idéia das influências ambientais na história do pensamento ocidental, ao menos enquanto surgimento de uma hipótese e tentativa de teorizá-la, posto que anteriormente aos gregos já havia preocupação com as influências ambientais. Hipócrates, considerado como o “pai da medicina”, foi um médico grego que viveu no século V a.C, e seus estudos e conclusões, embora sejam olhados ceticamente pelos médicos da modernidade, são reconhecidos como de um grande valor em termos dos seus princípios ambientalistas que associavam saúde e doenças com as condições geográficas, em particular com as influências climáticas.

A convicção de que o ambiente natural tem alguma influência direta sobre a constituição física e sobre a saúde do ser humano provavelmente emerge no momento em que ele deixa de acreditar em causas sobrenaturais e passa a buscar as causas na própria natureza. Saber que o conforto pessoal e os modos de vida são alterados pelas mudanças do tempo é algo que pertence à experiência humana em termos universais. Viajantes que percorrem diferentes climas freqüentemente observam que ocorrem modificações das funções fisiológicas normais, e que elas não são causadas por uma mera mudança de hábitos ou de dieta. Também é suficientemente óbvio que o ritmo recorrente das formas de vida coincida com as mudanças recorrentes das estações do ano e das mudanças no tempo.

Considerando-se o que se sabe do mundo clássico por meio dos escassos registros que chegaram até os dias atuais, as primeiras tentativas de dar uma explicação racional para as características físicas e psíquicas dos seres humanos foram aquelas feitas pelos filósofos gregos pré-socráticos. Em torno de 500 a.C, fatores ambientais como a água e a localização foram incluídos por Alcmaeron of Croton em sua definição de saúde e doença, já antes de Hipócrates:

Health is the equality of rights of the functions, wet-dry, cold-hot, bitter-sweet and the rest; but single rule among them causes diseases; the single

rule of either pair is deleterious. Disease occurs sometimes from an internal cause such as excess of heat or cold, sometimes from an external cause, such as excess or deficiency of food, sometimes in a certain part, such as blood, marrow or brain; but these parts are also sometimes affected by external causes, such as certain waters or a particular site or fatigue or constraint or similar reasons. But health is the harmonious mixture of the qualities. (FREEMAN, 1948, p.41-41)

Segundo Freeman (1948), Democritus de Albera, um contemporâneo de Hipócrates, compilou um calendário do tempo para o norte da Grécia, indicando as horas pelo nascente e poente de certas estrelas, que por seu turno foi associado com as mudanças das estações e do tempo atmosférico.

Contudo, a primeira completa proposição sobre as influências de fatores ambientais, em particular das mudanças sazonais e atmosféricas, é encontrada no tratado de Hipócrates intitulado “Airs, Waters and Places”. Esses escritos, ao contrário de muitas obras da antiguidade, são de uma autenticidade²²⁹ raramente duvidada entre os críticos da modernidade, mas não se pode afirmar que haja integridade e fidelidade ao original, atributos improváveis para obras da antiguidade, pois ao longo de milênios foram sendo feitas cópias, em cada uma ocorrendo erros que se acumulavam, tornando alguns trechos quase incompreensíveis. Um agravante no caso desta obra é que ela tem como versão mais antiga a que foi escrita 13 séculos após confecção do original, e foi comparada com outras mais recentes de modo a completar possíveis lacunas por meio de comparações e conjecturas.

Glacken afirma que Friedrich, em 1889, apontou para a existência de duas partes claramente distintas, a primeira (capítulos I a XI) lidando com os efeitos do clima e da localização sobre a saúde, e a segunda (capítulos XII a XXIV) com as

²²⁹ A autenticidade da obra “Airs, Waters and Places” é questionada por Edelstein, em Glacken (1967), capítulo 2. Considere-se também que apesar de ser relativamente pouco questionada quanto à sua autenticidade, a obra de Hipócrates, assim como várias outras da antiguidade, não possui autoria certa, e dúvidas sempre permanecerão na ampla margem lodosa de especulação do rio científico.

influências climáticas sobre a constituição física e sobre o caráter²³⁰. As duas partes formam uma unidade, ainda que a primeira seja mais exclusivamente médica que a segunda, que abre espaço para uma abordagem etnogeográfica. Em ambas se nota a fala do médico, e a constante referência à fisiologia, aos humores, à compleição e a saúde em geral. A segunda parte é considerada por Glacken (1967) como o mais antigo²³¹ tratado relativo às influências ambientais sobre a cultura humana²³², é foi ela que se perpetuou mais, influenciando as ciências humanas, em particular as teorias ambientalistas (idéia das influências ambientais) e o determinismo ambiental/geográfico. O tom da obra é estritamente dogmático e as conclusões são muitas vezes enunciadas sem as evidências que as serviram de âncoras, o que significa que desfilam pela obra inúmeras premissas tomadas como verdadeiras sem prévio escrutínio.

²³⁰ As influências ambientais sobre o caráter serão esmiuçadas e aprofundadas por Montesquieu e seus seguidores no século das luzes.

²³¹ Apesar de ser a obra de Hipócrates a mais antiga, Glacken adverte que “Fragments of the writings of heraclitus and Diógenes of Apollonia reveal the antiquity of the belief that moisture is unfavorable to thinking, a belief possibly suggested by the state of drunkenness. (GLACKEN, 1967, p.82). ‘A dry soul is wisest and best’, says Heraclitus and, ‘A man when he is drunk is led by an unfledged boy, stumbling and not knowing where he goes, having his soul moist. (KIRK AND RAVEN, *apud* GLACKEN, 1967)

²³² Salta aos olhos que Glacken não se refira à obra de Hipócrates como “o mais antigo tratado determinista” da história, como fazem muitos comentadores e críticos desatentos. Usa, em seu lugar, a expressão “tratado sobre as influências ambientais na cultura”, que não comporta esse determinismo fetichista que alimenta as fantasias críticas anticientíficas de sociólogos, historiadores, antropólogos e geógrafos. Reconhecer que existem influências ambientais sobre a cultura não é nada mais do que afirmar que existem influências ambientais sobre a cultura, do mesmo modo que existem influências culturais sobre o ambiente natural. Ainda que o foco recaia sobre as influências ambientais em detrimento das culturais, isso não implica em determinismo, mas tão somente num estudo das influências ambientais sobre a cultura, sem priorizar a relação cultura-cultura ou cultura-ambiente. Apesar do termo “tratado sobre as influências ambientais na cultura” ser pertinente quanto à natureza da pesquisa hipocrática, não é tão esclarecedor quanto ao foco da pesquisa, que se centrou apenas no caráter, e não na cultura mais ampla, envolvendo costumes, tradições, vestuário, habitação, religião, etc.

Esclareço que não se pretende aqui realizar análise original e exaustiva da obra de Hipócrates, ademais, muito tem sido dito a respeito dessa obra na literatura concernente, obra esta que foi eleita pela contribuição pioneira e original ao estudo das influências ambientais sobre o homem físico e cultural, e por revelar a relação estreita entre os aspectos geográficos, médicos e antropológicos da ciência grega.

Após a leitura na íntegra da obras “Ares, Águas e Lugares”, notou-se que o termo “ares” refere-se ao elemento meteorológico vento e às mudanças das estações e do tempo, pois não há nenhuma outra menção que enfoque a temperatura em sua marcha anual, diária e sazonal, ou especificamente a umidade relativa do ar conforme concebida atualmente. Após breve introdução nos capítulos I e II, Hipócrates dedica ao estudo das influências do vento os capítulos de III a VI, nos quais há inúmeras menções aos ventos de sul e de norte e às estações em que sopra. Por águas deve-se conceber o conjunto de precipitações (pluvial e nival), as condições de umidade do solo e do ambiente em geral, e as nascentes quanto à origem e exposição ao sol e aos ventos.

Por lugares, finalmente, o autor entende, em termos de ambiente natural, apenas a face de exposição em que se encontra o sítio da cidade, se leste, sul, oeste ou norte. Ressalva necessária, diga-se que, mesmo que não explicitado por Hipócrates, “lugar” comporta também questões culturais, pois ele reconhece a importância das instituições (quando fala na influência de governos despóticos) e dos hábitos, como quando fala na influência do vestuário egípcio sobre o formato do corpo, devido à técnica de enfaixamento. Já na primeira página, lista os fatores que devem ser considerados para um estudo eficiente do ser humano, e dentre ele deixa claro que o modo de vida (cultura) é um fator a ser considerado. O fato de que sua ênfase, como médico, não recaiu sobre a cultura, não significa que para ele a cultura não importa. Em nenhum momento da obra Hipócrates afirma ser a cultura irrelevante, ainda que se possa deduzir de suas afirmações a respeito das influências ambientais, que o clima (mudança das estações e do tempo, exposição aos ventos), as águas e o solo sejam para ele os fatores que mais definem as características físicas. Não se pode afirmar, diante

da escassez de evidências em seu texto, que Hipócrates considerava os fatores ambientais como os grandes ou únicos formadores dos traços de caráter²³³.

Apesar de Hipócrates mencionar outros fatores que não o clima como importantes influências ambientais, um olhar climaticamente atento notará que a teoria de Hipócrates é no fundo essencialmente climática, posto que umidade, face de exposição e precipitações estão todos diretamente relacionados ao clima. Todavia, conforme aponta Glacken (1967), Hipócrates não elaborou uma teoria de influências climáticas propriamente dita, posto que na época não havia a concepção de clima que passou a existir no século XIX. Assim, o médico grego não estudou as influências de determinadas temperaturas, nem de sua variabilidade nas diversas escalas temporais e espaciais, assim como ignora completamente as influências dos eventos meteorológicos e climáticos extremos, como respectivamente episódios de precipitação intensa e de secas. Inclusive, essas influências não despertaram a atenção do autor, dentre outros motivos, por este estar interessado apenas no que concerne os aspectos físicos e mentais das pessoas, e não nas influências ambientais sobre a economia, produção do espaço (arquitetura, áreas cultivadas, etc) e no nível de desenvolvimento dos lugares. Por não conhecer o clima de todos os continentes, não pôde conceber uma teoria ampla produtora de generalizações a respeito dos climas e das características físicas e psíquicas do homem, conforme fez Montesquieu, bem como alguns antecessores e sucessores. Diante das limitações da época, se restringiu em comparar alguns poucos povos da região de contato entre Europa e Ásia, o que possibilita afirmar que não houve de fato um estudo comparativo entre a Europa e Ásia em termos gerais e abrangentes.

Analisando a obra, brevemente, por capítulos, tem-se que Hipócrates inicia sua polêmica obra afirmando que os que desejam buscar conhecimento na área médica devem observar uma série de características ambientais ao chegar numa cidade com a

²³³ Confesso que hesito em grande medida em afirmar que Hipócrates tenha lançado uma teoria ambientalista etnogeográfica, haja vista que sua ênfase é na saúde e nos traços físicos, e também pelo fato de tratar, na parte sobre caráter, basicamente sobre a dualidade covardia/coragem, ou, em outras palavras forte e fracos, ou guerreiros e pacíficos. No iluminismo é que as teorias etnogeográficas tornam-se mais sofisticadas.

qual não é familiar. Se o conhecimento priorizar todas as características por ele apontadas, o médico não permanecerá em ignorância das doenças locais e da natureza das doenças prevalentes. Assim, primeiramente, deve considerar quais efeitos são produzidos por cada estação do ano. Em segundo lugar, deve observar a atuação de ventos frios e quentes, especialmente aqueles universais, mas também os que são peculiares a cada região. Em terceiro lugar, deve levar em conta as propriedades da água (gosto e peso). Em quarto, deve notar a posição da cidade em relação aos ventos²³⁴ e ao poente e nascente, pois cada face possui suas propriedades individuais. Em quinto, as condições naturais (o tipo) das nascentes que originam a água consumida. Em sexto, o tipo de solo quanto à umidade, profundidade e temperatura. Em sétimo, o médico deve analisar também o modo de vida local (cultura), em termos de nível de atividade física, alimentação, dentre outros.

Com essa última colocação, ao atentar para a participação da cultura, Hipócrates mostra que não é um radical determinista ambiental e qualquer proposição nessa direção é mero fetiche dos anti-deterministas tendenciosos que pecam pela leitura já contaminada pelo rótulo que se criou em torno do estudo das influências ambientais, equivocadamente chamado de determinismo ambiental ou geográfico. Mais adiante na obra, ele inclusive menciona que em áreas onde a natureza não determina certa característica psíquica, a cultura pode o engendrar.

No capítulo 2, o autor observa que o conhecimento dessas sete características do local permitem ao médico fazer previsões de quais doenças epidêmicas podem surgir em cada estação e reconhece que mesmo que essas características (as seis primeiras) possam pertencer à meteorologia, descobre-se logo após essa constatação que a contribuição da astronomia é imensa quando se tem em conta a importância da marcha das estações e de suas variabilidades.²³⁵

²³⁴ Supostamente, Hipócrates se refere, ao falar de “posição com respeito aos ventos”, à orientação da encosta, dada a natureza montanhosa da Grécia. Por conseguinte, em uma estepe plana, essa variável “posição com respeito aos ventos”, perde seu significado.

²³⁵ Apesar de Hipócrates não falar especificamente e diretamente da influência da variabilidade da temperatura e da precipitação, reconhece-a, como quando afirma que um verão nunca é igual ao outro,

Os próximos quatro capítulos, de III a VI, são dedicados, cada um, a uma das faces de exposição aos ventos, o que representa o grau de importância a eles atribuído. Era de se esperar (para a alegria dos críticos simplistas), que a face sul, na qual está a maior parte das cidades gregas, fosse considerada a mais benéfica à saúde e ao caráter, mas tal fato não se observou. Pelo contrário, as faces menos saudáveis são a oeste²³⁶ e a sul, seguidas pelas de norte e leste, esta considerada a mais saudável e ideal. Assim, para Hipócrates, as faces sul e norte, são, surpreendentemente, as faces intermediárias, enquanto que as faces leste e oeste são consideradas, respectivamente, a melhor e a pior, propiciando extremos de saúde e insalubridade. Sobre a face leste, Hipócrates expressa-se da seguinte maneira:

V. The effects of hot winds and of cold winds on these cities are such as i have described; the following are the effects of winds on cities lying exposed to those between the Summer and winter risings of the Sun, and those opposite to these. Those that lie towards the risings of the sun are likely to be healthier than those facing the north and those exposed to the hot winds, even though they be but a furlong apart. In the first place, the heat and the cold are more moderate. Then the waters that face the risings of the sun must be clear, sweet-smelling, soft and delightful, in such a city. For the sun, shining down upon them when it rises, purifies them. The persons of the inhabitants are of better complexion and more blooming than elsewhere, unless some disease prevents this. They are clear-voiced, and with better temper and intelligence than those who are exposed to the north, just as all things growing there are better. A city so situated is just like spring, because

ou seja, reconhece que as estações não se repetem e que os padrões comportam nuances e variabilidades em torno de uma situação habitual.

²³⁶ Em Hipócrates já havia uma forte oposição em relação aos climas muito úmidos (no caso é o da encosta oeste, voltada para os ventos úmidos e tormentas do Atlântico), considerados os mais insalubres, como é o caso das cidades situadas na face oeste das encostas, como já analisado pelo autor na parte um da obra. Ainda hoje a literatura climatológica aponta para um número maior de obstáculos impostos pelos climas super úmidos em relação aos climas semiáridos e até mesmo os propriamente áridos.

the heat and the cold are tempered; the diseases, while resembling those which we said occur in cities facing the hot winds, are both fewer and less severe. The women there very readily conceive and have easy deliveries. (HIPPOCRATES, 1984, p.80-81)

Esse trecho revela que na primeira parte da obra também há referências a questões etnogeográficas, e não apenas médicas, quando se reporta à inteligência e temperamento do povo. Nota-se também que em nenhum momento se justificam as razões pelas quais os habitantes da face leste possuem as características citadas. Fica ainda mais difícil conceber de que forma e por qual razão a face oeste possa ser o oposto em termos de salubridade, ainda que na Europa a face oeste signifique estar exposto o ano todo aos ventos do atlântico e aos sistemas frontais, cujas influências são bem conhecidas. Sobre esta face insalubre por excelência, Hipócrates se expressa nos seguintes termos:

VI. Such are the conditions in these cities. Those that lie towards the setting of the sun, and are sheltered from the east winds, while the hot winds and the cold north blow past them – these cities must have a most unhealthy situation. In the first place, the waters are not clear, the reason being that in the morning mist is generally prevalent, which dissolves in the water and destroys its cleareness, as the sun does not shine upon it before it is high on the horizon. In the summer cold breezes blow in the morning and there are heavy dews; for the rest of the day the sun as it advances towards the west thoroughly scorches the inhabitants, so that they are likely to be pale and sick, subject to all the diseases aforesaid, for none are peculiar to them. They are likely to have deep, hoarse voices, because of the atmosphere, since it is usually impure and unhealthy in such places. For while it is not clarified much by the north winds, which are not prevalent there, the winds that do prevail insisently are very rainy, such being the nature of westerly winds. Such a situation for a city is precisely like autumn in respect of the changes of the day, seeing that the difference between sunrise and afternoon is great. (Ibid., p. 82-83)

Os capítulos VII a XIX tratam da influência das águas. As águas das nascentes são tratadas no capítulo VII, as águas pluviais e nivais no VIII, e o IX lida especificamente com algumas doenças causadas pela água, como cálculo renal. Para Hipócrates, as águas derivadas do degelo²³⁷ são todas insalubres, ao contrário das águas pluviais, que são as mais leves, doces, claras e saudáveis. Sobre as águas de nascentes, estas são classificadas segundo uma hierarquia de salubridade que estabelece como mais adequadas as de terras altas e colinas, seguida pelas que se originam em áreas rochosas (com excesso de minerais), e findando com a pior das nascentes, aquelas situadas em baixadas pantanosas. Aqui neste ponto encontra-se uma constatação de Hipócrates que condiz com a realidade atual do consumo de água, uma vez que as águas de melhor qualidade provêm de fato de terras altas e regiões montanhosas. Suas observações a respeito da qualidade dessas águas de distintas nascentes são bastante procedentes e suas justificativas estão de acordo com os conhecimentos modernos. Contudo, não se pode afirmar que as afirmações sobre as doenças e problemas de saúde atribuídos aos três tipos de nascentes estejam corretas segundo os conhecimentos da medicina atual, visto que foge à nossa competência.

Sem esquecer a primazia do fator climático, Hipócrates explica que a orientação da encosta da nascente é um fator essencial na qualidade de sua água, e lista as faces das encostas da seguinte forma, em ordem decrescente de salubridade de suas nascentes: Leste, Norte, Oeste e Sul²³⁸.

Além dessa observação perspicaz, Hipócrates também não se entrega à ingenuidade tão esperada pelos críticos histriônicos do “determinismo” ambiental, pois entende que um homem saudável possa beber de qualquer tipo de água, sem distinção, mas que aqueles que sofrem de certa doença, devem procurar a água mais adequada.

²³⁷ Hipócrates, ao tentar justificar a má qualidade das águas provenientes do degelo, constrói uma explicação que só viria a ser experimentalmente discutida por Arquimedes, quase dois séculos mais tarde. Por essa razão, Hipócrates ingenuamente afirma que um dos problemas com a água do degelo é que ela perderia massa, pois ele observou uma perda de volume.

²³⁸ Essa ordem é similar àquela estabelecida para os ventos, mas neste caso, a oeste, e não a sul, foi considerada a mais insalubre.

Dessa forma, relativiza o conceito água salubre/água insalubre, concentrando-se no estado de saúde prévio do homem como uma variante fundamental.

Finalizando a primeira parte da obra, os capítulos X e XI tratam exclusivamente da parte astronômica das influências ambientais, ou seja, das estações do ano, sua marcha anual e sua variabilidade interanual²³⁹. Para o autor, um ano saudável ocorre quando as estações acontecem de maneira habitual, tal qual costumam se repetir. Um ano insalubre surge quando as estações se misturam, ficam menos previsíveis, quando uma estação experimenta as características de outras estações. Hipócrates, interessadamente, mais uma vez relativiza a força de um fator ambiental, no caso a variabilidade das estações do ano, ao afirmar que “*Such cities as are well situated with regard to sun and winds, and use good waters, are less affected by such changes*”. (Ibid., p.103). Ou seja, a orientação da encosta face ao sol e aos ventos, e a qualidade das águas correntes e de nascentes, são fatores que, quando bons, amenizam a força deletéria da marcha “desordenada” das estações e, quando impróprios, agravam a influência dessa sucessão “anômala”.

Hipócrates, mais uma vez mostrando-se menos ingênuo do que dão a entender os críticos levianos do determinismo, faz uma bárbara ressalva, ao explicar que pessoas com humores diferentes (fleumáticos e biliosos), reagem distintamente às mesmas condições atmosféricas, e isso é tudo que os críticos estereotipadores do determinismo ambiental não suportariam ouvir. Um determinista, para que faça jus ao rótulo que emprega maliciosamente este termo tão dogmático, pesado e historicamente carregado de conotações negativas, não pode conceder relativizações, pois a força que determina deve ser absoluta, sem concessões a diferenças entre os homens ou a qualquer outro fator. Hipócrates reconhece a influência da cultura, e também o papel das idiossincrasias humanas no tipo de resposta às influências ambientais. Nas palavras do pensador grego “*If the Summer and the autumn be rainy and southerly, the winter must be unhealthy; phlegmatics and men over forty are likely to suffer from*

²³⁹ Este termo não era usado na Grécia, mas a inconstância das estações, verificada ano a ano, era de conhecimento dos pensadores e dos que dependiam diretamente dessas variações interanuais, como por exemplo os agricultores.

ardent Fevers, bilious people from pleurisy and pneumonia. (...) But if the weather be northerly and dry, with no rain either during the Dog Star or at Arcturus, it is very beneficial to those who have a phlegmatic or humid constitution, and to women, but it is very harmful to the bilious. (ibid, p. 103)

Na segunda parte da obra, Hipócrates segue fazendo um estudo médico, porém com mais ênfase na etnogeografia. O tema principal dessa parte é o estudo comparativo de europeus e asiáticos (ele se refere somente à Ásia menor e ao Cáucaso) em termos de compleição física e moral, com ênfase na primeira. Os capítulos de XII a XVI discutem os egípcios e líbios, bem como outros povos asiáticos (atualmente considerados europeus), os de XVII a XXIII, os sármatas (europeus), e o capítulo final traz um apanhado geral das influências ambientais sobre os traços físicos e morais de um povo. Por uma questão de limitação de espaço, a segunda parte da obra não será esmiuçada como a primeira, mas os principais traços serão discutidos adiante.

No Capítulo XII, quando fala do clima asiático benéfico, de paisagem exuberante onde tudo floresce e onde tudo é mais belo, o médico grego não especifica de que região especificamente está falando²⁴⁰, traço este o mais irritante na obra, e que frustra as necessidades de um geógrafo, posto que é essencial, uma espécie de dever número um. Contudo, Glacken afirma que essa região se trata da Jônia, região asiática que na verdade, ao fazer parte da civilização grega pode, por essa razão, ter sido tendenciosamente admirada e elogiada por Hipócrates quanto às benesses climáticas e às qualidades do seu povo, “alto e bonito”.

Nos capítulos XII a XXIV, os povos asiáticos analisados e comparados são os egípcios e líbios, os habitantes a leste do mar de Azov²⁴¹, os “cabeças-longas”²⁴² e os moradores das margens do rio Phasis²⁴³, enquanto os Sármatas da Cítia (onde viviam os “Scythians”) são os únicos representantes dos Europeus. Hipócrates não faz referência

²⁴⁰ Uma possível causa da falta de clareza é o que os tradutores e comentadores reconhecem como lacunas no texto, ou seja, trechos que se perderam.

²⁴¹ O mar de Azov era conhecido pelos gregos como Lago Maeotis, e está ligado ao Mar Negro em sua extremidade nordeste, no atual sul da Rússia.

²⁴² Povo semilendário que viveu provavelmente na costa sudeste do Mar Negro.

²⁴³ O rio Phasis nasce nas montanhas do Cáucaso e desemboca no Mar Negro.

a nenhum outro povo, e curiosamente não explicita os próprios povos da península balcânica.²⁴⁴ Assim, dentre os povos descritos e estudados não se encontram os gregos. Ademais, em nenhum momento se afirma explicitamente a superioridade de gregos sobre outros povos, ainda que esta superioridade esteja embutida no discurso que insiste na braveza e coragem dos “europeus guerreiros”. Saliente-se, ainda, que a obra não se reduz simplesmente a uma comparação entre europeus e asiáticos, pois a primeira parte da obra enfoca a relação entre os fatores ambientais e a saúde do povo grego. Por todas essas razões, não se pode afirmar reducionista que esta obra de Hipócrates é uma mera “cartilha helenocêntrica despudorada”, ainda que se note, de fato, uma tentativa de contrapor o europeu rude, bravo e corajoso, a um asiático gentil²⁴⁵, dócil, fraco e menos guerreiro, com base nas influências ambientais. Porém, Hipócrates não faz uma mera simplista comparação generalizante entre um europeu guerreiro e corajoso e um asiático fraco e dócil, pois dentre os quatro povos asiáticos analisados reconhece uma grande diversidade de tipos físicos e de caráter, além do que tanto alguns povos asiáticos quanto alguns europeus são tidos por ele como fracos, covardes, inférteis e doentes.

²⁴⁴ É uma grande perda para a historiografia do tema das influências ambientais o fato de que Hipócrates tenha escolhido apenas alguns povos. Ele argumenta que “*The races that differ but little from one another I will omit, and describe the condition only of those which differ greatly, whether it be through nature or through custom.*” (ibid, p.111). Hipócrates, assim como Heródoto e muitos outros pensadores da antiguidade, tinham como mola propulsora de seus estudos o interesse pelo diferente, pelo exótico, traço este que acompanhou e ainda acompanha a ciência em geral.

²⁴⁵ Hipócrates demonstra, por vezes, certa simpatia aos asiáticos, quando fala que tudo cresce mais bonito e maior, que os asiáticos são altos e bonitos e, principalmente, quando contrasta o europeu insociável, selvagem e rude, com o asiático gentil e dócil. Isso não mascara suas idéias que afirmam serem os asiáticos mais covardes e preguiçosos em face de europeus mais guerreiros e corajosos. É preciso cuidado ao se pesar o significado dos termos insociável, selvagem e rude, visto que foram atribuídos aos europeus em seu sentido positivo de braveza, convicção e coragem. Em nenhum momento da obra sente-se um sentido negativo dos adjetivos atribuídos aos europeus. Por europeu, Hipócrates não explica a quem se refere, mas considerando que a Europa “civilizada” em sua época resumia-se à estreita franja mediterrânea no sul da Europa, não se pode entender que seria algum outro povo que não os gregos.

A primar pela precisão deste ensaio analítico, há que se afirmar que Hipócrates, ao pretender uma comparação entre europeus e asiáticos, acaba por não realizar tal intento²⁴⁶, posto que apenas comparou um único povo Europeu, os sármatas, com asiáticos do atual sul da Europa (Cáucaso, região que não é tipicamente asiática) e com egípcios e líbios, que são africanos e culturalmente árabes, e cuja cultura é apenas uma das muitas predominantes na Ásia. Assim, Hipócrates concentrou sua análise de fato numa região pequena, mais ou menos de norte a sul, entre a atual Ucrânia e a Armênia, passando pela Turquia até o Egito.²⁴⁷ A parte da obra que trataria de descrever líbios e egípcios foi perdida, assim como há várias outras lacunas no texto, dificultando enormemente sua leitura e entendimento.

Agravando sua pretensão de um estudo comparativo Ásia-Europa, tem-se que egípcios e líbios viviam em climas muito similares ao do Sul da Grécia e ilhas gregas para que o clima pudesse ser um fator importante na explicação das acentuadas diferenças de caráter e de saúde. Do mesmo modo, os povos do Cáucaso são uma infeliz escolha como exemplos asiáticos, devido à sua localização entre Europa e Ásia, ponto de contato entre três civilizações, e à sua característica multicultural. O clima dessa região é temperado (continental, de montanha, de vales, e semi-oceânico), ou seja, um mosaico concentrado de climas bastante semelhantes ao de grande parte da Europa.

Dessa forma, as diferenças de caráter e de compleição física entre Europeus e Asiáticos do Cáucaso não pode se sustentar em bases climáticas, primeiramente pelo simples motivo de haver entre os climas dessa região e de grande parte da Europa uma similaridade que jamais explicaria as fortes diferenças culturais entre essas duas regiões. O clima do Cáucaso, segundo as crenças de deterministas do iluminismo e dos séculos XIX e XX, deveria ser uma vantagem para seu povo e ser motivo de se atribuir a eles inúmeras qualidades, pois no clima temperado é que há “maior estímulo da mente e do corpo, facilitando a engenhosidade, a criatividade e o desenvolvimento da

²⁴⁶ Ao menos nos moldes do que se concebe atualmente por Europa e Ásia.

²⁴⁷ Glacken equivocadamente considera que a área estudada por Hipócrates se entendia num eixo leste-oeste.

razão”. Contrariando essa expectativa, Hipócrates enxerga no clima caucasiano “defeitos” que levariam o povo a ser fraco, obeso e infértil. Em suma, Hipócrates não realizou de fato uma comparação entre Europa e Ásia que tomasse minimamente alguns exemplos emblemáticos de cada um desses continentes para tornar possível a realização de uma análise profunda, diversificada e minuciosa.

Na direção do etnocentrismo da obra, observa-se também a clássica tendência de considerar os outros sempre mais homogêneos, e no caso os europeus são inúmeras vezes considerados mais diversificados em traços físicos e psíquicos quando comparados aos asiáticos. Assim, o interesse se volta sempre para o “distinto”, ou seja, povos curiosamente homogêneos em seus traços, ou com características distintivas e pitorescas, como os “cabeças-longas” que habitam a região caucasiana. Sobre os Europeus, considera os Sármatas homogêneos e inférteis, e esta atitude mostra que Hipócrates, respeitada a etimologia da palavra, não pode ser chamado de “Eurocêntrico” propriamente dito, mas sim de “helenocêntrico atenuado”, já que Hipócrates reconhece qualidades nos asiáticos, e se dirige aos povos estrangeiros sem a típica retórica cínica e racista dos eurocêntricos de peso que rastejaram venenosamente entre o período das grandes navegações e a segunda guerra mundial.

Em outros termos, Hipócrates insiste numa suposta aparência uniforme do *ethnos* estrangeiro (europeu ou asiático). O povo sármata, por exemplo, é considerado diferente de outros povos, sejam europeus ou asiáticos, e por possuírem clima mais homogêneo sem variações bruscas, são eles próprios mais homogêneos nos traços físicos. Nas palavras de Hipócrates, “*As to the physique of the other scythians, in that they are like one another and not at all like others, the same remark applies to them as to the Egyptians, only the later are distressed by the heat, the former by the cold.*” (ibid, p.119). Além de afirmar que o povo cício é homogêneo, e único em suas distinções, também menciona os extremos de frio e calor como desvantagens. Nessa última idéia nada há de “determinismo”, além do que os extremos de frio e calor são cientificamente vistos como desfavoráveis para as atividades e o bem estar humano em geral.

Sobre os cinco povos estudados, ao localizá-los nos mapas, vê-se que foram elegidos para análise apenas os europeus que viviam em áreas próximas à Ásia e os povos asiáticos nas proximidades da Europa, ou seja, que habitavam áreas euroasiáticas com climas não tão díspares entre si em comparação com a diversidade mundial. O autor aponta profundas diferenças físicas e de caráter entre Sármatas ao norte do Mar Negro e Habitantes do Cáucaso ao longo do rio Phasis. Entretanto, essas duas regiões, bastante próximas, não possuem atualmente diferenças climáticas severas que possam servir de explicação para as diferenças sócio-econômicas e culturais. Sendo a Ásia, e em menor grau a Europa, continentes de imensa diversidade climática, esta incipiente tentativa de Hipócrates não pode ser considerada de fato uma primeira teoria ambientalista com pretensões a compreender as diferenças entre asiáticos e europeus pelo viés das influências ambientais.

Todavia, Hipócrates não foi ingênuo a ponto de comparar a Europa com a Ásia, como se fossem homogêneos, pois dentro desses continentes reconhece que há diferenças essenciais entre os dois principais grupos populacionais, os que habitam áreas montanhosas, e os que ocupam planícies, vales e depressões. Assim, trata da região da Scythia-Sarmatia²⁴⁸ (atual região ao norte do mar negro, englobando metade

²⁴⁸ A Cítia engloba uma ampla região de estepe que se estende do centro da Ucrânia à Mongólia. Na parte oeste dessa ampla região vivem os Sármatas ou Sauromatae, povo de origem iraniana que migrou da Ásia central para os montes Urais no século V antes de Cristo, assentando-se mais tarde no sul da Rússia européia, Ucrânia e leste dos Balcãs. Nota-se que o eurocentrismo na Grécia antiga ainda não havia adquirido a dimensão que assumiu na Idade Média e durante as grandes navegações, quando, diante da supremacia econômica e cultural da Europa Ocidental (do sul, e posteriormente no norte), foi aos poucos sendo criada a noção de Europa como sinônimo de alta civilização detentora dos melhores valores e do conhecimento artístico e científico, noção esta vinculada ao poder político, à hegemonia militar e colonizadora e à sofisticação das ciências e das artes. Como os povos da estepe russa eram considerados por Hipócrates e outros pensadores gregos como povos europeus, chamar um grego de eurocêntrico seria ignorar que Hipócrates via mais defeitos do que qualidades no povo europeu Sarmata. Corroborando esta idéia, é interessante notar que Hipócrates também atribui aos asiáticos o termo “superior”, quando afirma que “*You will find that Asiatics also differ from one another, some being superior, others inferior. The reason for this, as I have said above, is the changes of the seasons.*” Aqui não cabe a clássica crítica ideológica de que autores deterministas tecem suas

leste da Ucrânia e Cáucaso russo) como parte do continente europeu, e muito distinta da Europa ocidental, que não foi descrita e analisada no texto, mas apenas considerada como “muito diversificada” e com grande alternância de tipos de tempo.

Hipócrates explica as diferenças entre asiáticos e europeus essencialmente em termos climáticos, pois *“The cause of this is the temperate climate²⁴⁹, because it lies towards the east midway between the risings of the sun, and farther away than is Europe from the cold.”* (Ibid, p. 109). Nota-se que ao se referir à Europa, talvez não esteja pensando na Grécia costeira, posto que seu clima é mediterrâneo também, assim como o da costa líbia e egípcia, portanto o clima não poderia explicar as diferenças culturais e de caráter entre os povos dessas regiões e os gregos. Assim, Hipócrates parece estar apenas comparando os Cítios-Sármatas, considerados por ele europeus, e os povos do norte da África. Inclusive a visão dele tem alguma semelhança com a visão dos Espanhóis e Portugueses a respeito dos mouros, assunto este muito bem estudado por Freyre, em “Casa Grande e Senzala”.

“Growth and freedom from wildness are most fostered when nothing is forcibly predominant, but equality in every respect prevails.” (Ibid, p. 109). Com isso quer dizer que na Ásia, por haver um clima com menos extremos e menos mudanças bruscas de tempo, seus habitantes são mais encorajados a se manterem livres da natureza, obtendo um crescimento econômico supostamente de maneira mais fácil.

Não obstante, segue constatando perspicazmente que *“Asia, however, is not everywhere uniform; the region, however, situated midway between the heat and the cold is very fruitful, very wooded and very mild; it has splendid water, whether from rains or from springs. While it is not burnt up with the heat nor dried up by drought and want of water, it is not oppressed with cold, nor yet damp and wet with excessive rains and snow.”* (Ibid, p. 109). Essa descrição da Ásia, nos leva a acreditar que

teorias com interesses políticos em vista e tendo necessariamente por horizonte uma suposta legitimação de atitude imperialista, como apontam Peet, Frenkel, Richardson e Williams, ao se referirem aos deterministas nos EUA, Alemanha e Inglaterra. Afinal, que interesse político teria Hipócrates em justificar a superioridade de alguns povos asiáticos?

²⁴⁹ Não no sentido atual de temperado, quatro estações bem definidas, e predomínio de baixas temperaturas, mas significando maior distância das regiões polares e do frio europeu.

Hipócrates estava neste momento se referindo apenas à Ásia menor mediterrânea, o que exclui áreas desérticas. Aliás, a obra toda do pensador grego peca pela falta de clareza nas comparações das regiões, e fica-se na dúvida sobre qual região de cada um dos continentes ele exatamente estava se referindo (o conceito de Ásia e Europa era distinto do atual), como fica claro na analogia que faz do clima “asiático” como sendo uma eterna primavera, bastante propícia à agropecuária, “*Here the harvest are likely to be plentiful, both those from seed and those which the earth bestow of her own accord, the fruit of which men use, turning wild to cultivated and transplanting them to a suitable soil. The cattle too reared there likely to flourish, and specially to bring forth the sturdiest young and rear them to be very fine creatures. The men will be well nourished, of very fine physique and very tall, differing from one another but little either in physique or stature. This region, both in Character and in the mildness of its seasons, might fairly be said to bear a close resemblance to spring.*”

Diante dessas condições ambientais da Ásia menor²⁵⁰, segue afirmando, para horror dos indeterministas²⁵¹, e de fato sem embasamento empírico mínimo, e sem riqueza de evidências, como o fazem Ratzel, Huntington e Semple, que “*Courage, endurance, industry and high spirit could not arise in such conditions either among the natives or among the immigrants, but pleasure must be supreme...wherefore in the beats they are of many aspects.*” (Ibid, p. 109). Assim, qualidades essenciais para o sucesso, ao menos em termos sócio-econômicos, não podem florescer em regiões nas quais predominam “climas dóceis” que pouco estimulariam e desafiariam o gênio

²⁵⁰ O tradutor da obra de Hipócrates explica que por Ásia deve-se entender a Ásia menor, que englobava principalmente a costa turca e outras regiões do oriente médio próximas ao mediterrâneo. Contudo, regiões da Turquia não são mencionadas na obra, e a única menção ao continente asiático envolve apenas Egito e Líbia.

²⁵¹ “Indeterminista” é outro termo usado pela literatura (principalmente pelos geógrafos russos) geográfica para se referir aos antideterministas e críticos do “determinismo” em geral, também chamados pelos simpatizantes mais ferrenhos da idéia das influências ambientais, de “nihilistas geográficos” (que são, muitas vezes, deterministas econômicos ou culturais), ou seja, aqueles que negam e ignoram brutalmente o importante papel exercido pelo fator ambiental ou geográfico na explicação da cultura e do desenvolvimento dos povos.

humano. Quando fala em imigrantes, Hipócrates se refere aos colonizadores gregos que, estando sujeitos às mesmas condições climáticas, também ficariam privados de um espírito corajoso e industrioso (laborioso). Esta idéia pode ser considerada como um provável germe da idéia subsequente, e popular entre os colonizadores brancos, de uma tal “degeneração” dos trópicos²⁵², que levaria o europeu branco (superior por conta de seu ambiente natural), a uma degeneração que o aproximaria em caráter e afecções ao “selvagem”.

Sobre a palavra *season*, alguns esclarecimentos são essenciais para a compreensão da “teoria climática” de Hipócrates. Nesta tradução da obra de Hipócrates do grego para o inglês, ora *season* comporta um sentido de estações do ano, o que é mais raro, ora o de “weather” (tempo), sentido este mais frequente ao longo da obra. Quando o autor fala em mudança das estações, está se referindo não a mera passagem de uma estação à outra; pois esta é mais ou menos gradual em qualquer clima²⁵³, ainda que seja mais definida em alguns climas, mas sim à mudança do tempo atmosférico, que para Hipócrates é o principal fator explicativo da diversidade de tipos físicos e psíquicos.

Como o texto em inglês de Hipócrates é acompanhado da versão original em grego clássico, foi possível constatar que em torno de 7 diferentes palavras foram traduzidas igualmente como “season”, e nenhuma delas foi traduzida como

²⁵² Freyre discute com propriedade essa questão da degeneração dos brancos nos trópicos, assim como o fazem Levi-Strauss e Sérgio Buarque de Holanda.

²⁵³ A mudança de uma estação para outra nunca é tão rápida quanto uma mudança de estado atmosférico, que ocorre na escala dos segundos, minutos, horas e dias. Essa é a razão pela qual Hipócrates, reconhecendo a vulnerabilidade do corpo humano às mudanças bruscas do tempo, fala menos de mudança entre as estações e enfatiza a alternância dos tipos de tempo. Todavia, ele não deixa de reconhecer que as estações do ano, quando não ocorrem da maneira habitual e esperada, incitam inúmeras doenças e comprometem a saúde da população em geral. Nesse caso, aí sim, a passagem de uma estação para a outra pode gerar fortes impactos. Mas não é a passagem em si, mais gradual ou menos gradual, que causa as doenças, mas sim o encadeamento sucessivo de estações do ano “desordenadas”, ou seja, com tipos de tempo não típicos e não esperados para aquela época do ano.

“weather”²⁵⁴, muito embora o sentido que mais aparece é esse de “tempo atmosférico”, no sentido de estado momentâneo da atmosfera. Assim, muito se fala de “change of the seasons”, que na verdade significa, na maioria das vezes, alternância de tipos de tempo, que para Hipócrates era maior na Europa do que na Ásia, com exceção do Cáucaso, que era mais heterogêneo do que Egito e Líbia.

Assim, palavras como *ωρέων*, *ωραι* e *ωρας*, foram traduzidas sob o mesmo impreciso termo “season”. Curiosamente, a palavra *ωρέων* foi empregada por Hipócrates para se referir ao tempo atmosférico ao longo das estações, enquanto que *ωραι* também foi usada neste sentido. Infelizmente, não cabe aqui um estudo pormenorizado dos significados detalhados desses dois termos, e fica-se na incerteza sobre se de fato são sinônimos, ou se significam conceitos bem distintos.

Ao longo do texto, apesar de predominar a idéia de mudança brusca de tipos de tempo ao longo do ano e das estações, por vezes fica difícil alcançar o significado do termo “change of the seasons”, que pode também comportar as mudanças reais verificadas entre as estações (por reais, quero dizer que não se tratava das mudanças astronômicas das estações, menos relevantes, mas sim das mudanças dos tipos de tempo predominantes em cada uma delas). Nesse caso, a mudança brusca a que alude Hipócrates poderia ser a passagem, por exemplo, de um verão tórrido a um inverno gélido e longo com transição outonal curta e já bastante fria em relação ao verão que findou. Brusco, nesse caso, não pode ser entendido como o “brusco” em termos de alternância de tempo. Para os padrões sazonais, haver apenas 4 semanas de transição entre 2 meses quentes e 5 meses frios, é suficiente para se denominar essa mudança de “brusca”. A palavra *ωρας*, também foi traduzida como season, mas se refere apenas ao período do ano, não especificamente aos solstícios e equinócios.

Em alguns momentos da obra, porém raros, o pensador grego, ao falar em *season* se refere de fato à mudança das estações em termos astronômicos, como no

²⁵⁴ Contudo, na introdução da obra, o tradutor W.H.S.Jones afirma que Galen notou na obra de Hipócrates que o termo “change of weather” (em grego) possui dois significados, um deles, a mudança real de estação para estação, e o outro, mais comum, os fortes contrastes de tempo ao longo das estações.

trecho que diz “*One should be especially on one’s guard against the most violent changes of the seasons (...). The following are the four most violent changes and the most dangerous: - both solstices, especially the Summer solstice, both the equinoxes, so reckoned, especially the autumnal. One must also guard against the risings of the stars, especially of the Dog Star, then of Arcturus, and also of the setting of the Pleiades. For it is especially at these times that diseases come to a crisis*”. (Ibid, p. 105). Em nenhum momento da obra o autor explica a razão de serem os equinócios e solstícios as mudanças mais bruscas e perigosas, nem tampouco demonstra como essas mudanças podem comprometer a saúde a um ponto crítico.

No capítulo XIII, em contraste com a exposição feita sobre asiáticos no capítulo XII, são analisados os habitantes da margem nordeste do Mar Negro, apontados como menos homogêneos fisicamente e em termos de caráter, devido à maior heterogeneidade da paisagem e das estações do ano, caracterizadas por mudanças bruscas do tempo.

O capítulo XIV traz uma discussão de qualidade duvidosa e eivada por um lamarckismo cru, ao tentar explicar o longo pescoço desses habitantes como sendo fruto da cultura que passou a ser transmitida geneticamente para as gerações seguintes. Entretanto, cabe ressaltar que Hipócrates não atribui ao clima essa característica física, e sim, ao contato cultural, ao costume e à hereditariedade de características adquiridas.

O capítulo XV traz uma breve descrição das condições de vida dos phasians, de sua compleição física, apontando como causas a terra pantanosa²⁵⁵, quente e úmida, e as chuvas copiosas que caem em cada estação. Os habitantes moram em palafitas sobre águas estagnadas, putrefadas pelo sol, e as frutas que lá nascem são todas imperfeitas, lássidas e mirradas, devido ao excesso de água. Uma neblina constante envolve a região, assolada por ventos úmidos. Por todas essas razões, os phasians são distintos de todos os outros povos, sendo altos e com corpos grotescos, ainda que não tenham veias e articulações visíveis. Possuem tez amarelada, uma vez que sofrem de icterícia.

²⁵⁵ As regiões pantanosas aparecem, nos autores gregos em geral, como uma das piores para se viver, e isso se deve principalmente ao predomínio da Malária, e não a uma suposta inferioridade intrínseca e mística do ambiente pantanoso.

Possuem a voz mais grave dentre todos os povos, devido ao ar turbido e úmido. Hipócrates, contudo, não explicou o caráter desse povo, que considerou “by nature disinclined for physical fatigue”.

Após tratar das diferenças físicas e em termos de saúde, entre asiáticos e europeus, Hipócrates, no capítulo XVI, passa a analisar as diferenças psíquicas. Ao explicar a falta de espírito e coragem entre asiáticos propõe que “(...) *the chief reason why Asiatics are less warlike and more gentle in character than europeans is the uniformity of the seasons which show no violent change frontogênese either towards heat or towards cold, but are equable.*” (*ibid*, p.115) Essa uniformidade das estações, na verdade, só pode ser entendida na comparação com os climas do norte da Europa (no caso das áreas estudadas por Hipócrates, com o clima da Cítia), pois a Grécia e áreas vizinhas no mediterrâneo possuem, grosso modo, a mesma “relativa suavidade” de mudança entre as estações do ano, com temperaturas inverniais mais baixas, e temperaturas de verão um pouco mais baixas. Considerando que não há registros de que o clima da bacia do mediterrâneo tenha passado por mudança significativa nos últimos 3000 anos, conclui-se da análise de Hipócrates que os próprios gregos (ao menos os do litoral) seriam fracos e pouco inclinados ao belicismo. Ou, ainda, conclui-se que ao falar em uniformidade das estações, só poderia estar se referindo às áreas mais ao sul da Líbia e do Egito, situada em torno do paralelo de 30 graus norte, com estações do ano tão bem marcadas quanto as das regiões mais frias do Sul do Brasil.

Adiante, afirma sem explicar e convencer que “*For there occur no mental shocks nor violent physical change, which are more likely to steel the temper and impart to it a fierce passion than is a monotonous sameness. For it is changes of all things that rouse the temper of man and prevent its stagnation. For these reasons, I think, Asiatics are feeble*” (*id*).

Contudo, apesar da ênfase nas mudanças das estações, reconhece a força das instituições como fator explicativo da suposta fraqueza asiática ao apontar que “*Their institutions are a contributory cause, the greater part of Asia being governed by kings. Now where men are not their own masters and independent, but are ruled by despots,*

they are not keen on military efficiency but on not appearing warlike. For the risks they run are not similar.” (id).

Em seguida, o autor reconhece certa supremacia do fator cultural, “*Subjects are likely to be forced to undergo military service, fatigue and death, in order to benefit their masters, and to be parted from their wives, their children and their friends. Moreover, the land of man like these must be desert, owing to their enemies and to their laziness, so that even if a naturally brave and spirited man is born his temper is changed by their institutions.*” (id) Logo após, explica que os habitantes asiáticos, gregos ou não gregos, que não são governados por déspotas, são os mais guerreiros entre todos os homens, pois nesse carro correm riscos por em seu próprio benefício e não para agradar a um tirano. Há na obra o reconhecimento de que os povos asiáticos diferem entre si, uns mais superiores que outros, e a razão para isso é, mais uma vez, a mudança das estações, entendida como alternância do tempo que, quando brusca, gera povos superiores, e quando suave, gera povos inferiores, fracos e menos guerreiros.

O capítulo XVII e XVIII traz a descrição dos costumes e modos de vida dos Cítios Sármatas, por Hipócrates considerados um povo tão homogêneo e peculiar quanto o povo Egípcio, uma vez que vivem num clima com monotonia voltada ao frio. O frio extremo daria a peculiaridade desse povo, enquanto que o calor extremo tornaria os egípcios também incomparáveis.

O capítulo XIX traz a caracterização climática da região sármata, nas estepes ao norte do Cáucaso. Nela, nota-se um conhecimento preciso e uma observação perspicaz, culminando com a afirmação de que “*And the changes of the seasons are neither great nor violent, the seasons being uniform and altering but little*”(ibid, p.123). Essa frase parece errônea ao mesmo tempo em que é imensamente esclarecedora. Se “seasons” significasse estação do ano, a afirmação de Hipócrates teria que ser totalmente invertida para ser verdadeira, uma vez que o clima do norte do Cáucaso apresenta mudanças muito bruscas quando se compara as quatro estações do ano. Todavia, uma vez que se inicia uma estação do ano, como o inverno, por exemplo, um tipo de tempo predominante se repete por várias semanas, intercalando apenas dois tipos principais de tempo, mais frio e seco, sob a atuação da massa

continental ártica, menos frio e nevoso sob atuação das ondas úmidas de oeste. Uma vez coberta pela neve, a região fica com este aspecto invernal durante vários meses, o que confere à região o status de “uniforme” em termos de tipos de tempo e paisagem nevada. Pela continentalidade e grande distância das baixas pressões do atlântico norte, e também devido a pouca exposição aos ventos quentes do sul, a região da Sarmácia foi vista por Hipócrates como uniforme em tipos de tempo, sem mudanças rápidas e intensas.

Na direção dessa hipótese principal de Hipócrates, a de que a natureza da mudança dos tipos de tempo (se rápida e forte ou lenta e fraca) é o fator que mais define o tipo físico e psíquico predominante em um povo, encaixa-se o trecho que afirma que *“For neither bodily nor mental endurance is possible where the changes are not violent”*. Adiante no texto, há uma curiosa menção à influência da uniformidade dos tipos de tempo sobre a variedade da formação de embriões *“For as the seasons are alike there takes place no corruption or deterioration in the coagulation of the seed, except through the blow of some violent cause or some disease”*. Ou seja, clima com grandes variações no tempo produziriam embriões mais variados, dando um aspecto mais heterogêneo e diversificado à população, tanto em aspectos físicos quanto nos de caráter.

No Capítulo XX, há um exemplo entre o povo Cítio de adaptação cultural às influências ambientais. Os nômades cílios tinham por hábito cauterizar algumas partes do corpo devido ao seu corpo ser flácido e aquoso (o ambiente também era tomado por neblina, chuva, neve, degelo, etc), e tal prática tornava o corpo mais saudável. Uma afirmação como essa, independente de sua veracidade, não constitui de forma alguma um determinismo ambiental, pois as ações diretas da natureza sobre o corpo, sobre a saúde e sobre o bem-estar humano são indiscutíveis, e o determinismo ambiental de fato, o que costuma ser criticado, é aquele que advoga influência ambiental sobre caráter geral de um povo, sobre seu nível de desenvolvimento, sobre sua cultura, e também sobre a disseminação das civilizações e sobre os rumos da história. Entre afirmar que um clima úmido força o homem a adotar estratégias de adaptação para que viva melhor e afirmar que o deserto leva ao surgimento de religiões monoteístas há um

grande e imprudente salto. Da mesma forma, na obra de Hipócrates aparecem afirmações de maior procedência, como as que falam com pertinência sobre a qualidade dos tipos de águas e a saúde, e sobre a influência das estações desordenadas sobre os surtos de doenças; assim como após esse grande salto, pipocam afirmações ligeiras, infundadas e infecundas, como a que afirma que o clima monótono de poucas e fracas variações atmosféricas produz um povo fraco e pouco afeito à guerra.

Nos capítulos XXI e XXII, também dedicadas aos Sármatas, surgem as apreciações mais fantasiosas e bizarras do médico grego, pois ele pretende estabelecer uma influência direta do clima sobre o corpo, para então, (e aí vem a parte mais perigosa), mostrar que a constituição física desses povo leva à infertilidade e à impotência. Para o autor, não apenas o fator ambiental é atuante, como também o cultural, quando afirma que *“A constitution of this kind prevents fertility. The men have no great desire for intercourse because of the moistness of their constitution and the softness and chill of their abdomen, which are the greatest checks on venery. [restrição no ato sexual]. Moreover, the constant jolting on their horses unfits them for intercourse. Such are the causes of barrenness in the man; in the women they are fatness and moistness of their flesh, which are such that the womb cannot absorb the seed.”* Adiante Hipócrates explica o processo que vai desde o ato de cavalgar à impotência e infertilidade masculina.²⁵⁶

Nos capítulos finais, XXIII e XXVI, há uma retomada das causas das diferenças principais entre Europeus e Asiáticos e uma explicação mais detalhada das razões da diversidade dos povos europeus. Sobre os porquês da maior diversidade física dos europeus, esclarece que:

Such is the condition of the Scythians. The other people [gregos?]²⁵⁷ of Europe differ from one another both in stature and in shape, because of the

²⁵⁶ Nas páginas 129 e 130 Hipócrates escreve sua mais curiosa e divertida página, que eu chamaria até mesmo de “hilário terror dos antropólogos e sociólogos”, pois que há uma tentativa de explicar que a infertilidade predominante entre os mais ricos, por cavalgarem mais, deveria afetar, para ser coerente com os deuses, os mais pobres.

²⁵⁷ A questão sobre quem seriam esses outros Europeus será discutida adiante.

changes of the seasons, which are violent and frequent, while there are severe heat waves, severe winters, copious rains and then long droughts, and winds,[esta é a única menção feita ao longo da obra aos extremos climáticos e “natural hazards”] causing many changes of various kinds. Wherefore it is natural to realize that generation too varies in the coagulation of the seed, and is not the same for the same seed in summer as in winter nor in rain as in drought. It is for this reason, I think, that the physique of Europeans varies more than that of Asiatics, and that their stature differs very widely in each city. For there arise more corruptions in the coagulation of the seed when the changes of the seasons are frequent than when they are similar or alike.(ibid, 133)

Na próxima citação nota-se uma tentativa, sem evidência e provas, de associar clima com caráter, e pela primeira vez aparece a palavra “clima”²⁵⁸. Hipócrates, ao contrário de Montesquieu e seus antecessores, não afirma que o clima favorece o despotismo, mas indica que tanto o clima quanto o despotismo podem engendrar a covardia de um povo:

The same reasoning applies also to character. In such a climate arise wildness, unsociability and spirit. For this reason, I think, Europeans are also more courageous than Asiatics. For uniformity engenders slackness, while variation fosters endurance in both body and soul; rest and slackness are food for cowardice, endurance and exertion, for bravery. Wherefore Europeans are more warlike, and also because of their institutions, not being under kings as are Asiatics. (...) So institutions contribute a great deal to the formation of courageousness. [Quem diria que um suposto “bisavô” do determinismo faria uma afirmação de tamanho agrado aos cientistas sociais e historiadores?] (IBID, p.133)

²⁵⁸ Quanto ao sentido exato em que foi empregada, só é possível saber com razoabilidade consultando um estudioso de grego clássico, pois o termo aparece, estranhamente, apenas uma vez. Não é possível saber ao certo se a palavra clima que aí aparece traduzida diz respeito à declinação da terra e às estações, ou aos tipos de tempos, ou ao tipo de clima com seus elementos temperatura, chuva, umidade.

Sobre a diversidade dos europeus em forma, estatura e caráter, Hipócrates, em seu último capítulo, explica essa diversidade em termos de duas regiões com características ambientais²⁵⁹ marcadamente distintas, e que se aplicam aos dois sítios mais comuns e contrastantes das cidades “européias” (gregas?):

Inhabitants of a region which is mountainous, rugged, high, and watered, where the changes of the seasons exhibit sharp contrasts, are likely to be of big physique, with a nature well adapted for endurance and courage, and such possess not a little wildness and ferocity. The inhabitants of hollow regions, that are meadow, stifling [abafadiças], with more hot than cool winds, and where the water used is hot, will be neither tall nor well-made, but inclined to be borad, fleshy, and dark-haired; they themselves are dark rather than fair, less subject to phlegm than to bile. Similar bravery and endurance are not by nature part of their character, but the imposition of law can produce them artificially. (ibid, p.135)

O autor continua, diferenciando duas áreas quanto às suas águas e solos:

Should there be Rivers in the land, which drain off from the ground the stagnant water and the rain water, these Will be healthy and bright. But if there be no rivers, and the water that the people drink be marshy, stagnant, and fenny [paludoso], the physique of the people must show protruding bellies and enlarged spleens. Such as dwell in a high land that is level, windy, and watered, will be tall in physique and similar to one another, but

²⁵⁹ Cabe lembrar que o sentido de ambiental nesta tese é o de natural, referentes aos fatores da natureza que influenciam o homem. Isso não significa que determinismo ambiental possa ser chamado de determinismo natural, pois “determinação natural”, tem outro significado e inclusive é usado em Mendonça (2000), para esclarecer a diferença básica e crucial entre o determinismo ambiental/geográfico que resvalou muitas vezes em terrenos anti-científicos e polêmicos, causando polêmica e críticas, e “determinação natural”, que se refere tão somente à ação dos elementos da natureza que permitem a vida na terra, influenciando-a continuamente, como a água e a energia solar alimentando animais e plantas.

rather unmanly[efeminado] and tame in character. As to those that dwell on thin, dry, and bare soil, and where the changes of the seasons exhibit sharp contrasts, it is likely that in such a country the people will be hard in physique and well-braced, fair rather than dark, stubborn and independent in character and in temper.(ibid, p.135)

E termina o parágrafo com uma das afirmações que mais se repetem na obra, ao insistir que *“For where the changes of the seasons are most frequent and most sharply contrasted, there you will find the greatest diversity in physique, in character, and in constitution.”* Na sequência, explicita que o fator mais importante na diferenciação física do homem é a alternância das estações e do tempo atmosférico, depois o lugar em que é criado e a água. *Em sua palavras, “These [change of the seasons] are the most important factors that create differences in men’s constitutions; next come the land in which a man is reared, and the water.”*(ibid, 137)

Para finalizar a análise da obra hipocrática “ares, águas e lugares”, gostaria de trazer algumas afirmações no que concerne dois tipos básicos de lugares, em que o pensador grego afirma, concluindo a obra, que:

For where the land is rich, soft, and well-watered, and the water is very near the surface, so as to be hot in Summer and cold in winter, and if the situation be favorable as regards the seasons, there the inhabitants are fleshy, ill-articulated, moist, lazy, and generally cowardly in character. Slackness and sleepiness can be observed in them, and as far as the arts are concerned they are thick-witted[estúpido], and neither subtle nor sharp. But where the land is bare, waterless, rough, oppressed by winter’s storm and burnt by the sun, there you will see men who are hard, lean, well-articulated, well-braced, and hairy; such natures will be found energetic, vigilant, stubborn and independent in the arts, and in war of more than average courage. The things also that grow in the earth all assimilate themselves to the earth. Such are the most sharply contrasted natures and physiques. Take these observations as a standard when drawing all other conclusions and you will make no mistakes.
(id)

Sobre os comentadores de Hipócrates, Thomson (1948) afirma que um assunto muito debatido na Grécia clássica foi a influência do Clima e de que havia uma teoria afirmando que a situação e as condições de um país largamente determinam sua flora e fauna e até mesmo as pessoas e seus modos de vida. O autor afirma que esta teoria ambientalista “*It is carried very far in an essay ‘On Airs, Waters, and Sites’*”. O autor coloca as limitações do conhecimento grego e hipocrático da seguinte forma, chamando atenção para as três áreas climáticas²⁶⁰ estudadas por Hipócrates:

He knows only a narrow strip between what he supposes uninhabitable cold and heat; yet he divides it into three belts with differences of climate, from which he draws sweeping conclusions, though differences of configuration are also brought in and somewhat disturb the argument. The northern belt, Scythia, is cold and wet and a featureless steppe; the cold explains why wild animals are few and small, the cattle small and hornless, and even why the people are red-haired [lapso 1]; because of the steppe they live the monotonous life of nomad herdmen [lapso 2], and from all the conditions they are big, heavy and infertile [lapso 3]. The southern belt, Lybia and Egypt and most of Asia [lapso 4], is hot and dry, and it too is generally level; hence it is very productive, has many and large animals, and peoples black, black-haired [lapso 5], and feeble. The middle belt has marked diversity of seasons and soil and landscape; the peoples are tall and fair, and also strong and spirited and intelligent, for it is change that produces quick wits and hardness of body and soul. These praises apply, of course, to the Greeks, but not apparently to Asiatics of the same belt, who have been softened by despotic rule. Here another complication is introduced, nurture being strong enough to counteract nature.[lapso 6] It is further admitted that even quite far north there may be a sultry hollow like the Phasis valley, where the people are swarthy from the air and fat and sluggish from drinking the tepid marsh water. Altogether a remarkable essay, with a basis of real observation, but not easy to follow and amusingly bold in its theorizing. (THOMSON, 1948, p. 106)

²⁶⁰ Essas três áreas é uma sistematização da mente do comentador, pois Hipócrates não divide sua área de estudo em três “belts”, tampouco menciona explicitamente a superioridade do segundo “belt”, nem o exalta como morada da civilização grega.

Infelizmente, como a maior parte dos comentadores do “determinismo” e de seus comentadores, há na compreensão de Thomson graves imprecisões e omissões tendenciosas, apesar de ele estar correto quando fala que em teorização, a obra de Hipócrates é rasa, o que não deve causar nenhuma surpresa diante da época em que foi escrita, nos primórdios da ciência moderna, quando não havia metodologias adequadas, e o conhecimento do mundo era limitado. Basta lembrar que nessa época os mitos ainda explicavam quase todos os mistérios. Assim, foram identificados 6 lapsos na análise do professor de Latin britânico, e que serão brevementes contestados.

O primeiro lapso refere-se ao “cabelo vermelho devido ao frio”, pois Hipócrates fala em pele rosada devido ao frio, o que é bastante razoável afirmar, e não fala em cabelo ruivo, influência bastante improvável, pois, ao contrário do sol, o ar frio, por sua natureza, não tem meios de tornar o cabelo vermelho.

O segundo lapso fala sobre as influências da estepe. Hipócrates não fala da influência da estepe, enquanto vegetação, mas enfatiza a constância do tempo e a longa duração do inverno em contraste com o curto verão. Em nenhum momento da obra diz que é a estepe que gera monotonia na vida do nômade. Essa relação é fruto de uma mente já viciada em associar tudo quanto possível para demonstrar um “determinismo” o mais cru possível. Hipócrates, sobre os Cítios e a estepe, fala que *“What is called the Scythian desert is level grassland, without trees, and fairly well-watered. For there are large rivers which drain the water from the plains. There too live the Scythians who are called nomads because they have no houses but live in wagons.”* (HIPPOCRATES, 1984, p.119). Assim, nada há nessa descrição que indique, primeiro, que Hipócrates pensava a vida do nômade como monótona, e segundo, que essa monotonia fosse obra da influência da estepe.

O terceiro lapso refere-se à estéril imprecisão do termo “for all the conditions”. Quais condições? Hipócrates fala da infertilidade do povo cítio, mas ela não se deve a “todas as condições”. Ele especifica a questão climática, mas fala também dos hábitos, de questões culturais. Em nada contribui à compreensão da obra essa afirmação do comentador.

O quarto lapso é um dos mais graves, pois generaliza a Ásia hipocrática como quente e seca, enquanto que Hipócrates descreve uma região asiática (Jônia) como sendo temperada e sem grandes contrastes: *“Asia, however, is not everywhere uniform; the region, however, situated midway between the heat and the cold is very fruitful, very wooded and very mild; it has splendid water, whether from rains or from springs. While it is not burnt up with the heat nor dried up by drought and want of water, it is not oppressed with cold, nor yet damp and wet with excessive rains and snow.”* (Ibid, p. 109).

Assim, Hipócrates reconhece a diversidade asiática, afirmando que há neste continente regiões (Jônia) de “águas esplêndidas”, na qual não se experimenta extremos de calor e seca, nem de umidade excessiva. A página 9 traz vários “elogios” à terra asiática e ao seu povo, mas Hipócrates refere-se apenas aos Jônios. Não descreve o Egito como seco, e apenas menciona num determinado ponto que lá há extremos de calor em contraste com os extremos de frio da Cítia. É fato que nem poderia Hipócrates ter se referido à “most of Asia”, uma vez que nunca esteve em países como China, Índia, Indonésia, só para citar alguns exemplos das dezenas de lugares que nunca havia estado. Ainda, Egito e Líbia possuem faixas climáticas bem delimitadas, uma franja mediterrânea semi-úmida, uma faixa semi-árida de transição, e uma ampla área interiorana desértica. A civilização grega tomou contato com a primeira faixa, mais exuberante e de menores extremos.

Estas desconstruções de verdades seladas pela autoridade da obra, do autor, da editora ou da universidade, configuram-se, no caso do leitor inadvertidamente não ter ainda notado, no objetivo principal desta tese, e isso significa que não buscamos defender nem atacar teoria alguma, muito menos meramente analisar um histórico da idéia das influências ambientais, se não mostrar os perigos que se corre ao navegar nos meandros de segundos e terceiros sem recorrer à obra original.²⁶¹

²⁶¹ Isso parece tão básico, quando na realidade é a base-regra mais ignorada-violada da pesquisa em Geografia. (se nas outras ciências ocorre o mesmo, a mim não cabe afirmar, pois não tenho provas). Confesso que por vezes senti uma paralisia ao escrever esta tese, pois tive que comungar desse pecado de não recorrer aos originais, contudo, uma tentativa desastrada e eivada dos pecados capitais pode ser

O quinto lapso diz respeito a afirmação de que Egipcios e Líbios teriam cabelo preto e pele negra devido ao clima quente e seco. Primeiro, Hipócrates não afirma que esses povos têm essas características. Ele fala que os povos de regiões deprimidas e pantanosas têm pele “mais escura” que outros povos, mas de nenhum povo fala em pele escura. Em segundo, muito menos há uma afirmação direta ou indireta que sugira influência de clima quente e seco sobre a cor da pele. Thomson claramente e tendenciosamente tenta passar a imagem de um Hipócrates que compara europeus e asiáticos coma intenção de denegrir estes, por meio de uma descrição física e psíquica que traga apenas os defeitos dos asiáticos e qualidade dos europeus. Mas nada está mais longe da verdade do que os dizeres de Thomson. Não só Hipócrates descreve uma natureza mais rica que a européia, como sobre os asiáticos afirma que *“The man will be well nourished, of very fine physique and very tall, differing from one another but little either in physique or stature.”* (HIPPOCRATES, 1984, p. 107). Todavia, em termos psíquicos, Hipócrates fala, de fato, em falta de coragem e vigor para o trabalho. Mesmo assim, essa descrição do povo jônio é muito distinta da caricata e preconceituosa descrição dos povos do novo mundo feita pelos Portugueses, Ingleses, Franceses e Espanhóis.

O sexto lapso afirma que é uma complicação adicional o fato de Hipócrates reconhecer que a cultura pode ser um fator de igual peso à natureza. Essa afirmação

preferível à nulidade e não-ação. O que é preocupante nas ciências humanas é o efeito “telefone-sem-fio”. Um dia chegará que as teorias terão vida própria de tal forma, que sua versão original ficará num baú inatingível. A continuar-se uma sucessão incansável de análises e críticas feitas com bases em outras análises, que por sua vez foi baseada em outro comentador, que leu outro comentador, que, enfim, este sim, leu na íntegra ou ao menos uma parte da obra original que foi alvo de todos esses críticos, algumas verdades em ciências humanas jamais serão reveladas, teorias jamais serão avaliadas de maneira justa, e o vício passa a adquirir um status de necessidade, e pior, produzindo inadvertidamente, verdades bem sacramentadas. Basta que lembremos as atrocidades que são ditas e escritas sobre Darwin, Marx, ou qualquer outro gigante que tenha abalado a história da humanidade com suas complexas teorias.

passa a impressão de que é algo ruim na obra do médico grego esse reconhecimento, ao passo que, ao contrário, denota uma sua visão mais ampla e menos ingênua.

Para finalizar o estudo da obra “Airs, Waters and Places”, é necessário esclarecer algumas lacunas na obra hipocrática e relacioná-las a alguns equívocos da crítica. Para isso, é fundamental a contribuição de Glacken, cuja lucidez e discernimento no tratamento da idéia das influências ambientais é única e insuperável, não tendo sido suplantada por nenhuma outra obra após o lançamento, em 1967, de “Traces on the Rhodian Shore”.

Com a leitura dos comentadores de Hipócrates, fica ainda mais evidente a dubiedade do que vem a ser de fato a tal Europa e Ásia a qual alude o autor. Glacken, assim como Thomson, vê três cinturões climáticos na análise hipocrática, porém, o segundo cinturão não seria a Grécia habitada pelo médico, mas sim, a costa da Jônia, atual Turquia. Isso depreende-se do trecho que afirma que *“For everything in Asia grows to far greater beauty and size; the one region is less wild than the other, the character of the inhabitants is milder and more gentle. The cause of this is the temperate climate, because it lies towards the east midway between the winter rising of the summer rising of the sun, and farther away than is Europe from the cold”*(id) Ora, está claro que neste momento, por Ásia, deve-se entender seguramente a área exatamente a leste da cidade em que morava Hipócrates, ou seja, a costa da atual Turquia. Assim, esse segundo cinturão não é europeu, como afirma Thomson, mas sim, asiático e constituído pelo litoral jônico. Neste ponto, Thomson equivocou-se, pois o segundo cinturão é asiático, segundo o que se lê na obra. Logicamente que a Grécia pertence ao segundo cinturão, mas ela não foi mencionada por Hipócrates na segunda parte do livro, mas apenas na primeira parte dedicada à comparação entre as cidades gregas em termos de qualidade da água, ventos, orientação da encosta e alterações do tempo e das estações.

Contudo, aqui emergem algumas imprecisões e contradições sobre a obra Hipocrática, em ambas as análises, de Thomson e de Glacken. Ambos reconhecem três cinturões; um ao norte, mais frio, que para Glacken engloba Cítia, Vale do rio Phasis e área habitada pelos Longheads, mas para Thomson refere-se apenas aos

Cítios; um cinturão temperado intermediário, que para Glacken envolve o litoral jônico (Ásia), enquanto para Thomson, envolveria a própria Grécia e também áreas asiáticas dominadas pelo despotismo²⁶²; e um terceiro cinturão quente e seco mais ao sul, que para Glacken compreende apenas Egito e Líbia, enquanto que para Thomson envolve também outras áreas asiáticas, que ele não especifica quais, mas que só poderia ser o vale do Phasis e a região dos Longheads, já que Hipócrates não menciona outras áreas. Conclui-se, então, que não está claro na obra de Hipócrates quais regiões estão inseridas nesses três cinturões, uma vez que houve divergência entre esses autores.

Quanto à divisão da área de estudo hipocrática feita por esses dois estudiosos, ela pode de fato ser pensada em termos de três cinturões, posto que há entre eles considerável extensão latitudinal, e principalmente por haver entre eles barreiras climáticas importantes. Assim, o cinturão mais frio fica ao norte do Cáucaso, o cinturão intermediário ao sul deste e ao norte do Mediterrâneo, e o cinturão mais quente, ao sul do mar Mediterrâneo. Não seria nenhuma surpresa afirmar que Thomson falhou em não mencionar os Longheads e phasers, como parte do cinturão mais frio, assim como é impreciso ao falar que há asiáticos no cinturão intermediário, sem mencionar se está aludindo aos Jônios ou aos povos ao norte do Cáucaso. Ocorre que os povos ao norte do Cáucaso estão 400 quilômetros ao norte, em outro cinturão, um pouco ao sul da Cítia. Também erra ao não perceber que os únicos povos citados por Hipócrates no cinturão “quente e seco”, são os Egípcios e os Líbios. Assim, a análise do Geógrafo Glacken e sua sistematização climática estão mais corretas que as realizadas pelo professor de latim, Thomson.

Assim como também observado por Glacken, notou-se que Hipócrates em nenhum momento analisa os gregos, pois fala das características físicas e psíquicas até de povos semi-lendários, como os “long-heads”(asiáticos), mas não explicita sequer se esses “outros povos europeus” que menciona na obra são exatamente e apenas os

²⁶² Thompson faz perspicaz observação ao afirmar que ‘The middle belt has marked diversity of seasons and soil and landscape; the peoples are tall and fair, and also strong and spirited and intelligent, for it is change that produces quick wits and hardiness of body and soul. These praises apply, of course, to the Greeks, but not apparently to Asiatics of the same belt, who have been softened by despotic rule’(THOMSON, 1948, p.106)

gregos. Alguns comentadores assumem que ele se refere logicamente aos gregos, como Thomson, mas Glacken afirma que apesar de Hipócrates fazer uma comparação Europa-Ásia num sentido longitudinal (leste-oeste), ele apenas dá como exemplo de europeus o povo Cítio. Ou seja, na descrição e análise dos povos, o povo cítio é o único que foi nomeado e classificado claramente de europeu. Contudo, como o povo cítio não é tido como bravo, guerreiro e inteligente em virtude da monotonia do tempo atmosférico, quando Hipócrates fala em Europeu mais guerreiro e corajoso em contraposição ao Asiático fraco, gentil e pouco afeito à guerra, está se referindo, sem sombra de dúvida, respectivamente, ao povo grego, e aos Egípcios e Líbios. Os Phasers e os Longheads, povos asiáticos analisados superficialmente por Hipócrates, habitam uma região de clima mais heterogêneo, e por essa razão, não poderiam ser tão fracos e covardes quanto os Egípcios que viviam num clima monótono. Dessa forma, esses outros povos asiáticos não estavam na mente de Hipócrates quando este comparava Europa e Ásia, pois ele sequer menciona se aqueles povos são guerreiros e corajosos ou fracos e covardes.

Glacken, ao analisar as teorias ambientais na idade clássica, constata que o interesse de gregos em diferenciar ambientes físicos provinha de sua curiosidade em desvendar as causas das diferenças entre os povos. Assim, Glacken especula que se os gregos tivessem um mero interesse em explicar as similaridades entre os povos, a história das teorias ambientais teria sido totalmente diferente. Sobre essas diferenças entre os povos, o interesse era mais médico do que propriamente etnográfico, e para Glacken seria um equívoco rotular Hipócrates de determinista, conforme aponta que *“climatic variations, seasonal change, different types of landscapes, could explain at least in part – for Hippocrates is not a strict determinist – the reasons for these differences.”* (GLACKEN, 1967, p.85). Continuando sua análise cuidadosa e não tendenciosa, livre de rixas acadêmicas estéreis, ensina que a obra de Hipócrates, apesar de eclética em sua abordagem da cultura, perpetuou-se pela história da ciência e das idéias por meio de suas afirmações mais dogmáticas e “deterministas”, copiadas pelas gerações seguintes, ficando a parte mais ponderada relegada a um segundo plano. Em suas palavras *“Although Airs, Waters and Places has several leading ideas (the close*

relationship between culture and environment, the inheritance of acquired characteristics, the prevalence of occupational disease, the influence of institutions such as government), it owes its influence to the first of these, the effects of airs, waters and places.”(Ibid, p.87)

Ao contrário de Glacken, que realizou extensa e profícua pesquisa a respeito de Hipócrates, Tatham, que deve ter feito estágio com o oficial chinês que vi empurrar com uma espécie de pá uma “bolota” de chineses presos na porta do metrô de Shangai às 18:00 da tarde, confinou as idéias de Hipócrates num ínfimo cativeiro de poucas linhas

Hippocrates in his discussion *On Airs, Waters and Places* contrasts the easy-going Asiatics living in a very favourable region with the penurious Europeans, who must seek through greater activity some amelioration of their poor environment. He also contrasts the tall, gentle brave folk of the most windy mountain lands with the lean, sinewy, blond inhabitants of the dry lowlands. Similar observations are recorded by Aristotle in his *Politics*. ‘The inhabitants of the colder countries of Europe are brave, but deficient in thought and technical skill, and as a consequence of this they remain free longer than others, but are wanting in political organization and unable to rule their neighbours. The peoples of Asia on the contrary are thoughtful and skilful but without spirit, whence their permanent condition is one of subjection and slavery.’ [essa citação é de Aristóteles, embora Tatham sequer esclareça em seu artigo sua autoria] Greeks however living in the intermediate region, he considered, combined the best qualities of both. (TATHAM, 1951, p. 128)

Ao falar de Strabão, compara a tradição clássica com a tradição medieval, revelando uma típica visão estigmatizada – e repleta de equívocos - desse período da história ocidental, e que vai de encontro à análise profunda e minuciosa de Glacken:

Strabo’s geographical writings contain many comparable references. He attempts, for instance, to explain how shape, relief, climate, and space relations of Italy affected the rise and the strength of Rome. Such

speculations as these are indeed common in the works of classical authors. Medieval writers on the other hand had little interest in them. Firm belief in the biblical account of creation did not encourage [sic] study of why men differed physically from each other. Differences of climate, relief, and human form all were the work of god, and as such no fit subject for investigation. [sic] Interest in the problem revived with the Renaissance and was heightened by the accounts given by explorers of hitherto unknown lands and peoples. [parece-me que por estar sob a influência do limite de páginas de seu artigo, Tatham ignorou a idade média e pra resolver essa omissão insistiu em afirmar que é um período sem produção no tema que debate. Outro motivo poderia ser o tradicional preconceito com esse período. O fato da ciência em geral ter ganhado fôlego com o advento da renascença não exime o pesquisador sério de buscar fontes medievais.] (ibid p. 28)

Como última citação a respeito de Hipócrates, é digno de nota o comentário final de Glacken que, ao observar que esta obra exerceu maior influência sobre a história e a Geografia do que a obra *ancient Medicine*, explica cautelosamente o motivo dos maus olhares sobre a obra de Hipócrates nos últimos 2300 anos:

Since, however, it was Airs, Waters and Places that influenced subsequent theorists in History, Ethnology, and Geography, it is the nature of its legacy that is of most interest. It is responsible for the fallacy that, if environmental influences on the physical and mental qualities of individuals can be shown, they can by extension be applied to whole peoples.[ou seja, como a maior parte dos “deterministas”, Hipócrates afundou-se na falácia da generalização] If Hippocrates had made it clear that environment, medicine, and Ethnology are three different studies, that the influence of climate on the individual was a proper study of medicine and that ethnology required other methods – as indeed his own descriptions prove – the rigorous correlations derived from Hippocrates would not have been pressed so ardently over a period lasting as least 2,300 years, nor would it have been necessary for Arnold Toynbee in our own day to have refuted Hippocrates’ ideas in his discussion of the genesis of civilizations. (Ibid, p.88)

A teoria climática de Hipócrates revelou-se já bastante avançada diante das limitações da ciência na época, com hipóteses ousadas que buscaram mostrar a complexidade das influências climáticas sobre a saúde e sobre a psique, enfatizando aspectos que até mesmo atualmente alguns climatólogos pecam em não conferir a devida importância, como a variabilidade inter-anual das estações e a variabilidade intra e inter-anual dos elementos e fenômenos meteorológicos, que Hipócrates, sem a posse de registros meteorológicos e banco de dados, pioneiramente tentou correlacionar à saúde, às características físicas e aos traços psíquicos dos habitantes da Europa e da Ásia. Ainda que haja lacunas na argumentação, imprecisões conceituais no texto, escassez de registros científicos na época, e problemas de tradução do grego para outras línguas no decorrer da história, é inegável que Hipócrates tenha sido pioneiro e ousado em suas correlações, assim como fica evidente que sua predisposição a reforçar a influência climática sobre o homem não o coloca, sem controvérsias e algumas objeções, sob o rótulo de “determinista”, pois reconheceu o papel da cultura e das instituições em íntima relação com o ambiente e seus habitantes.

Diante do que foi exposto nesta análise de “On Airs, Waters and Places”, cabe finalizar afirmando que a obra Hipocrática é menos “determinista” do que têm afirmado seus comentadores.

Assim como Hipócrates foi insinuado levianamente de “determinista” por inúmeros críticos, Heródoto também é considerado Determinista por Wallis, haja vista sua afirmação famosa e enfática de que “O Egito é uma dádiva do Nilo”. Ou seja, sem o Nilo, o Egito tal como floresceu ricamente há alguns milênios, não teria sido viável, pois sua riqueza ancorou-se, segundo Heródoto, nas benesses advindas das cheias do rio e da fertilização das terras adjacentes. Wallis objeta essa afirmação, sugerindo-a ingênua pelo suposto não reconhecimento de Heródoto de que o Nilo só poderia ser um presente e uma vantagem, se estivesse correndo sobre uma área na qual vivesse uma cultura avançada o suficiente para tirar proveito desse potencial. Na ausência de um estudo pormenorizado da obra de Heródoto, fica apenas a desconfiança sobre o julgamento de Wallis, pois esta famosa frase de Heródoto mais parece uma mera licença poética do que uma afirmação científica que pudesse ser pertinentemente

levada à sério para ser vilipendiada e acusada de sugerir um ingênuo “determinismo” ambiental que vê na civilização egípcia não mais que um rio que magicamente construiu todo o Egito sem as mil nuances da cultura e da deliberação humana.

Heródoto segue a mesma linha de pensamento que Hipócrates, e para ambos uma nação não é mero produto de seu clima, mas de uma complexa trama que envolve raça, cultura e tradição. Thomson observa que Heródoto via a Grécia e a Jônia como berçários de homens livres, dado seu ótimo clima temperado; que Líbios gozam de ótima saúde graças ao tempo atmosférico, que embora quente, é estável; e que Egípcios são tão únicos quanto seu clima e seu rio.

Para Glacken, *“Herodotus is sensitive to contrasts in physical environments, and occasionally, as in the famous passage discussed below, reminiscent of the Airs, Waters and Places, and in his descriptions of Scythia He attempts to make correlations between environment and culture.”* (GLACKEN, 1967, p.89). Assim, Heródoto acredita que a combinação de modo de vida e natureza da terra, torna os Cítios praticamente inconquistáveis, graças ao terreno plano, bem irrigado, abundante em pastos e com canais quase tão numerosos quanto no delta do Nilo. O clima da Jônia é descrito como um dos mais belos do mundo, enquanto que outros países teriam climas frios e úmidos, ou quentes e secos.

Apesar da obra de Heródoto conter, indiretamente e após interpretação do leitor, várias referências à influência dos fatores ambientais, explicitamente há muito pouco de determinismo ambiental, pois Glacken afirma que “The only instance of environmental theory in Herodotus is at the end of the work where the speech of Cyrus resembles Hippocratic teachings.” Nesta parte da obra, Glacken explica que há um história contada por Heródoto que afirma que Cyrus é alertado pelo seus conterrâneos de que deveriam os Gregos preferir habitar as novas regiões conquistadas na quais a vida é mais fácil em função da natureza generosa, em detrimento da regiões remotas e difíceis nas quais vivem os Persas. Contudo, Cyrus respondeu que seria preferível viver em ambientes áspers enquanto homens livres, a viver no luxo dos vales férteis

como escravos. Esta passagem indicaria um alerta de Heródoto em face da ameaça persa ainda existente na época, e que os gregos deveriam respeitar a lição de Cyrus.²⁶³

Apesar de esta tese se preocupar com a segunda idéia em torno da relação homem-meio, ou seja, as influências ambientais, é preciso abrir uma exceção para se discutir brevemente a terceira idéia, do homem como modificador da natureza, no pensamento grego, como forma de desmistificar a imagem distorcida que predomina entre alguns geógrafos a respeito das “geografias” passadas. Sobre Platão, gostaria também de trazer algumas discussões em torno da terceira idéia, seu lado possibilista, além de sua contribuição à idéia das influências ambientais, seu lado determinista.

Após explicar que a mitologia grega sugere uma visão de mundo na qual o homem é um ordenador da natureza, Glacken faz uma breve “análise arqueológica” dos primórdios das idéias em torno da relação homem-ambiente, afirmando que:

In the literature interpreting the changes that men make in their environment, in the attempts to bestow meaning on these changes, there are, as we shall see, recurrent themes of man as a finisher of the creation, of man bringing order into nature, and after the age of discovery, of European man discovering new lands, which despite the presence of primitive peoples, are considered to be unchanged since the creation and awaiting his transforming hand. Did men become aware of themselves as modifiers of nature, as creators of a new environment because of the distinctions they made between themselves and the animals – mainly, higher intelligence and upright carriage – because they had a sense of creating a “kosmos”, an order, because their power over plants and animals they were able to maintain and perpetuate it? Early greek writings on the subject, few as they are, suggest that these awarenesses did exist. In reading the comments of the ancient authors regarding the changes which man has made in the physical environment, one has two impressions: there was a recognition of man as an active, working, achieving being, despite the seeming stability that might be implied from the dominance of environmental influences (a contradiction

²⁶³ Essa idéia de Cyrus, assim como aquelas presentes na obra “Airs, Waters and Places” e na obra de Aristóteles, são, segundo Glacken, as mais citadas entre escritores da antiguidade que tratavam das influências ambientais.

arising, I think, out of the failure of systematic study, thus leaving the way open for isolated remarks with no attempt at reconciliations), and that the living nature that these men observed – and often loved, was, as we know, a nature already greatly altered by man. In the ancient world, there was a lively interest in natural resources and how man could exploit them: in mining, in ways of obtaining food, in agricultural methods, in canals, in maintaining soil fertility, in drainage and grazing and many other economic activities which – even if they produced only a partial philosophy of man as a part of nature which he was engaged in changing the earth about him. (GLACKEN, 1967, p. 118)

Outro mito recorrente é aquele que sugere que a visão integrada da paisagem é algo recente, e que antes da Geografia se tornar “Gente” ao longo do século XX (Culminando com seu certificado ISO 9001 ao entrar em cena a tal Geografia crítica²⁶⁴), a paisagem era vista como estática, sem contradições e até mesmo

²⁶⁴ Infelizmente, parte da Geografia Crítica degenerou-se com espantosa velocidade na direção de uma Geografia de slogans, aquela coleção de panfletinhos revoltados velhos conhecidos nossos, cuja forma e arsenal erístico-ideológico serviram para encobrir o esvaziamento de conteúdo que sofreu pelas mãos de alguns geógrafos, principalmente e mais gravemente no ensino da Geografia a partir da década de 80. Os partidários de tal distorção (não me refiro à ala original, produtiva e fundadora), por comodismo e para encobrir sua má formação e seus poucos conhecimentos da disciplina, optaram por esvaziar a Geografia daquilo que consideram “supérfluo”, “esnobismo de pseudo-intelectual” “Cultura de almanaque” (Rótulo odioso e muitas vezes ressentido, que nem sempre é usado contra o alvo correto), e assim, decretaram um “oba-oba” em relação ao conteúdo, ou seja, “Agora que enxugamos a disciplina, estamos livres da enxurrada pretensiosa, opressora e esnobe que nos excluía da Geografia, essa Geografia ainda ancorada na maldita Geografia tradicional, enciclopédica, nomenclaturesca, detalhista, paridora de ninhadas de monografias regionais, tratados enfadonhos, ensaios verborrágicos, reflexões epistemológicas, tergiversações filosóficas, onanismos celêumicos, obras imensas em 10 volumes, tudo supostamente sempre descritivo, ingênuo, inútil.”(essas críticas não passam de típicas críticas ao rótulo). Até Milton Santos sofreu menos nas mãos dos agitadores e dos “revolucionários” mal-intencionados. (Aos bem intencionados, eu diria: “bon bini”) . Essa “revolução “ da Geografia escolar (na academia praticamente não ganharam muito espaço – ainda estou inseguro quanto a essa impressão) resultou em professores e alunos geograficamente infantilizados e reféns de partidarismos e de crítica política rasa e sem argumentos ou fundamentação.

meramente como o conjunto de elementos naturais sobre a superfície da terra. Pode até ter havido geógrafos que procuraram definir o conceito de paisagem por esses caminhos, mas isso não significa olhar para trás e imaginar a Geografia iluminista, medieval e clássica como totalmente alienada, ingênua e sem profundidade. Contra essa imagem estereotipada, diga-se que os gregos viam na paisagem mediterrânea um todo inseparável no qual coexistiam obras humanas e elementos naturais em complexa interação, *“One feels that to these writers – Greek or Romans alike, the vineyards, the olive orchards, the irrigation ditches, the grazing goats on the rocky summits, the villages, and the villas were inseparable from the landscape of the dry parched hills of*

Isso não é a cidadania tão proclamada pelos pedagogos e pela Geografia humana (ou é?). Assim, ao problema de livros didáticos empobrecidos (alguns), soma-se a fuga professoral (uma espécie de diáspora voluntária) desses livros e principalmente dos que são mais “geográficos” e mais consistentes, a decretação de morte da já meio falecida Geografia física (Em conversa com professores da rede pública e particular, descobri que a climatologia não é abordada, a não ser para se falar que o aquecimento global trará o apocalipse em 2012), que quando é dada, resume-se a placas tectônicas e equivocadíssimos comentários jornalísticos “made in Veja” a respeito da questão ecológica, a fuga desesperada da abordagem da natureza por ela mesmo, ou seja, depois se espantam com a mediocridade científica do Brasil, em particular na área de ciências naturais, como se o motivo de base não fosse esse descaso e a falta de motivação dos alunos, que em geral passam os 12 anos da escola básica sem jamais entrar em contato com o estudo da natureza, seus processos, elementos, interações, ou seja, saem com um diploma que os habilita a reclamar da política e do subdesenvolvimento do Brasil usando os bordões e rótulos do divertido professor de Geografia. A Geografia humana só não foi igualmente esvaziada (mas foi no fundo tão esvaziada quanto) porque essa Geografia de slogans se auto-intitula parte da Geografia humana. De um extremo natural-concreto-aplicado (principalmente a Geografia física), para seu oposto humano-abstrato-teórico-filosófico (Estudos teóricos sem vínculo específico a alguma subárea da Geografia física ou humana), a Geografia brasileira parece concentrar-se demasiadamente na cômoda (e por vezes menos trabalhosa e complexa) coluna do meio-fundo do poço. Perde a educação geográfica, perde a ciência brasileira.

Apêndice à nota de rodapé: Não pretendo aqui rotular e simplificar a Geografia marxista, afinal, nem é dessa mocinha rebelde que estou me referindo, mas sim à sua versão deteriorada. Quando às críticas equivocadas à Geografia marxista, Richard Peet afirma que: *“As it was reinvented. Marxist geography was frequently simplified to the point of caricature, with critiques revealing more about the critics imagination than that being criticized.”* (Peet, 1993, p.159)

the mediterranean summer, the winds for which there were so many local names, the deep blueness of the sea, and the bright mediterranean skies. It was an altered landscape upon which they gazed and whose beauties they loved.” (ibid, p.119)

Prosseguindo com essa análise-confissão, o momento de descobertas que vivo em relação à Geografia da antiguidade proporcionou-me mais uma surpresa, desta vez referente à seguinte constatação: Os Gregos reclamavam de um suposto declínio moral em face dos avanços tecnológicos e científicos, olhavam para o passado simples com saudosismo, e, “incrivelmente”, acreditavam que os avanços tecnológicos também causavam destruição e sofrimento. Ouço isso todos os dias, ou seja, a história parece realmente se repetir *ad nauseum* nos seus mais fundamentais aspectos. Fica aqui a questão: diante dessa visão moderna que tinham da relação sociedade-natureza-tecnologia, não tinham os Gregos plena consciência de que os avanços tecnológicos deixam a população mais vulnerável aos desastres naturais, sendo assim os precursores das idéias de Rousseau tão enfaticamente formuladas em resposta ao surto anti-otimista de Voltaire despertado pelo terremoto de Lisboa²⁶⁵? Sobre essas idéias atuais que remontam ao gregos e romanos, Glacken afirma que:

The preoccupation with technology is clear in the literature related to primitivism, whether the individual thinkers looked back to a happier, less complicated period or approved of the amenities of their own civilization. The golden age of the past was often an age of simplicity and one in which the soil required no cultivation but supported life spontaneously rather than by tillage and ordered plantings; if there had been a moral decline to the hard realities of the contemporary iron age, it owed much to the advances of the arts and sciences and to applied technology. In Seneca’s famous criticism of Posidonius, to use but one example, he chides the Greek thinker for saying that it was the wise men, the philosophers, who built cities and dwellings, who made fish preserves, who invented tools, weaving, farming, and the potter’s wheel. “Was it philosophy”, he asked, “that erected all these towering tenements, so dangerous for the persons who dwell in them?” Seneca speaks here with understandable feeling against city life, against

²⁶⁵ Esse famoso duelo da história da filosofia será analisado no capítulo referente ao iluminismo.

builders whose multi-stored apartments houses were eternally falling down because they were too carelessly thrown together and because their base was not substantial enough for their height. No, these were products not of man's wisdom but of his ingenuity: they were the work of practical men, artisans, men intent on the everyday affairs of life, not of philosopher, for wisdom trains minds, not hands, and the wise man in following nature had no need for the craftsman. In this sharp disparagement of the artisan, there was ample suggestion of his power and effectiveness, for it was his works – of no interest to the philosopher or at least to a philosopher like Seneca – which had brought about changes in nature. Seneca's eloquent praise of the wise men who had nothing to do with the inventions, improvements and gadgets of the day describes vividly in sharp and indignant words the evils of a civilization too dependent on its machines, its laborsaving devices, and its creature comforts. (ibid, p.118)

Avançando em sua história da idéia do homem enquanto agente geográfico, Glacken cita Sofocles (que acreditava que o homem não tinha motivo para se orgulhar de suas conquistas), para reforçar seu argumento de que os gregos viviam um verdadeiro frisson em relação ao crescente controle da natureza, empolgação esta que se repetiu no iluminismo e no século XX:

The observations made in antiquity, concerning human modifications of the earth may be roughly divided into three different types: (1) general descriptions which by their very nature indicate an awareness that throughout history man does make changes in the physical geography of a locality, (2) more specific but scattered comments which appear in the writings concerned with plants, agriculture, estate management, stock raising, and grazing, and (3) statements which are part of a broader body of belief such as the Epicurean and the Stoic philosophies. Two passages, however, one from Sophocle's *Antigone*, the other from Plato's *Critias*, are in a class by themselves. In the famous lines of the chorus in *Antigone*, one is reminded of the exuberant twenty-fourth chapter of the twenty-second book of St. Augustine's *City of God*, the enthusiastic praise of science in the eighteenth century, and of contemporary enthusiasms about man's control over nature. Man's power to navigate the seas and to use plow, his success in

hunting, in plant and animal domestication, in architecture, and the protection his arts have given him have succeeded beyond all his dreams, for he has conquered all but death.

*Wonders are many, but none there be
So strange, so fell, as the Child of Man*

His navigations has mastered the seas, and the earth felt his touch:

*Oh, Earth is patient, and Earth is old,
And a mother of Gods, but he breaketh her,
To-ing, fro-ing, with the plough-teams going,
Tearing the soil of her, year by year.*

The birds, the wild animals of the woods, and the fish have not escaped him:

*The nets of his weaving are cast afar,
And his thought, in the midst of them circlet full*

He has forced the horse and the mountain bull to serve him. He has been able through his speech, thought, and arts to build and protect himself from cold and rain:

*All-armèd he: unaarméd never
To meet new peril he journeyth;
Yea, his craft assuageth each pest that rageth,
And help he hath gotten against all save Death*

No que concerne o pensamento platônico em torno da questão da antropização, Há um reconhecimento do efeito cumulativo de forças naturais e de ações humanas na mudança da paisagem, ao mesmo tempo em que apresenta uma visão quase romantizada de um passado cuja natureza era mais benéfica e abundante e menos alterada pelas atividades humanas:

Why, Plato asks, should we call this present land a remnant of the land of the past? Because the land is a promontory jutting out into the sea, and the soil, in this 9000 year period, has been washed down and deposited in the depths of the sea. “And, just as happens in small islands, what now remains compared with what then existed is like the skeleton of a sick man, all the fat

and soft earth having wasted away, and only the bare framework of the land being left”. Plato then describes the former arable hills, fertile valleys, and forested mountains “of which there are visible signs even to this day...” Mountains which today have food only for bees could, not so long ago, grow trees fit for the largest buildings, whose rafters are still sound. Cultivated trees provided pasturage for flocks, and the soil was well watered and the rain was “not lost to it, as now, by flowing from the bare land into the sea”. Evidences of tree growth, of the moisture-retentiveness of the soils, Plato finds in the conditions around the sanctuaries of his day. In those old days the district owed its excellence to its soils, the techniques of skilled husbandry, the generous water supply, and the temperate seasons. (...) There is, however, clear evidence here of the recognition by Plato that natural erosion and human activities – such as deforestation – may in their cumulative effects change a landscape throughout time. Deforestation, in this case, seems to have assisted the normal erosional processes of streams carrying soil in suspension from the mountaintops to the sea. (ibid, 121)

Na visão de Glacken, essas passagens de *Critias* exerceram parca influência sobre as teorias subsequentes que abordaram a relação cultura-ambiente, exceto por algumas ocasionais citações nos séculos XVII e XIX, mas que, não obstante, foram frequentemente mencionadas pela literatura conservacionista do século XX. A obra “As Leis” e “Timaeus” foram muito mais influentes no delineamento de uma teoria cultural de desenvolvimento, e esta última, colaborou na introdução do “demiurgo” que cria um universo ordenado. Se essas idéias vitais de Platão tivessem sido expostas em obras mais populares, como “As leis”, sua disseminação teria sido maior, mudando o rumo das análises em torno da relação homem-ambiente, conforme explica Glacken *“If Plato in the laws had noted that men change their environments through long settlement and that soil erosion and deforestation are parts of cultural history, he could have introduced at an early time these vital ideas into cultural history and changed the course of speculation regarding both man and environment.”*²⁶⁶

²⁶⁶ É incrível como eventos aparentemente insignificantes, ou a descoberta e disseminação de obra em especial, ou a duração da vida de um gênio, ou o esquecimento e abandono de um autor, podem exercer um impacto tão severo e duradouro sobre a história das idéias, sobre o entendimento e

Sobre o período da Idade Média, ao contrário do que se poderia imaginar, segundo Glacken (1967), a teologia cristã dominante, e que reconhecia uma forte relação entre Deus, a terra e o homem, não foi hostil à idéia das influências ambientais, que não passavam de simples teorias de adaptação. O autor reconhece que ao longo da história o argumento do desígnio divino tem sido amistoso às filosofias de adaptação ambiental, assumindo um papel em seu tempo comparável ao papel assumido no século XIX pelas teorias da seleção natural ou hereditariedade das características adquiridas, que também comportaram variados graus de adaptação ambiental.

Para Glacken, o escasso número de idéias a respeito das influências ambientais na idade média justifica a ausência de obras com exames exaustivos a respeito do tema. Como consequência, as teorias ambientais medievais seriam cópias ou variações das idéias greco-romanas. Ainda, assim como na antiguidade clássica, teorias astrológicas e ambientais continuaram nos tempos medievais a explicar diferenças culturais e raciais.²⁶⁷ Além disso, manteve-se a relação das influências ambientais com a teoria política. Sobre esta última relação, Glacken esclarece a maneira de pensamento dominante tanto na idade antiga quanto na idade média, ao afirmar que

Thomas Aquinas is close to the ancients like Hippocrates, Plato, Aristotle, and Vitruvius, close also to Dante, to moderns like Bodin, Botero, Machiavelli, Burton and even to Montesquieu. Environmental theories have been important to political theorists because, following Plato's example, they are considered indispensable to proper government: to be just and efficacious, law must conform to the nature of the people, and their nature is often determined by their environment. The environment – climate, soils,

percepção humana sobre a natureza, sobre a cultura, e sobre a relação entre ambos, e sobre o próprio rumo da história humana como um todo. Não estou fazendo apologia do acaso, nem pretendo ter opinião formada sobre seu papel na vida humana, mas o assunto é dos mais intrigantes. Quem nunca parou pra pensar na possibilidade do cosmos ser não mais do que o império do absurdo, do acaso e do caos?

²⁶⁷ Nota-se que a tentativa de Semple e Huntington, nas primeiras décadas do século XX, de relacionar traços raciais e culturais com as influências ambientais não é nada original, e que foram influenciados por um histórico de mais de dois milênios de associação ambiente-raça-cultura.

relief, and the like – was studied little for its own sake; men accepted it as given and applied traditional generalizations as a matter of course to contemporary affairs. (Glacken, 1967)

O autor ainda reconhece que nos tempos medievais manteve-se a idéia do isolamento cultural como resultante do isolamento geográfico. Contudo, apesar dos autores medievais terem mantido algumas relações ambiente-homem sustentadas no mundo clássico, não criaram de fato uma teoria de causa-efeito dos fatores geográficos, o que veio a ocorrer apenas no século XIX, com Ratzel e seus seguidores, o que não significa que não tivessem uma compreensão vivaz da natureza do ambiente e de seu uso. Sobre as influências ambientais na idade média, Glacken conclui com uma síntese das influências ambientais sobre o homem, que foram advogadas pelos autores medievais com base na tradição clássica, sem que fossem essas influências incompatíveis com a teologia cristã:

The theories of geographical influence in the middle ages continued the classical tradition of postulating a close relationship between the physical environment and mental and spiritual well-being, deriving a practical art from them useful in the siting of houses and towns, and in finding healthy and avoiding unhealthy places, of using them also as handy explanations of cultural differences, and finally of seeing in them aids to statecraft in devising good laws. These theories thus fit well into the christian theology and philosophy of the middle ages. There need be no conflict if they are regarded as generalizations of regional or local significance elucidating the plan and the design of god. They had the weight of classical science behind them; they were relevant to the problems, trials, and illnesses of the wicked on an earth quite different in moral vigor from the paradise in which the first man lived. St. Thomas Aquinas came as close as anyone to pointing out the pertinence of the one to the other. God made and planned the cosmos; the king made and planned his kingdom. In his puny way and yet partaking of the divine, the king would consider everything – the advantages of a place, its healthfulness, its influence on its human inhabitants – as a creative and creating mortal, possessed of reason and a sense of order, should. (GLACKEN, 1967)

Apesar de relativamente pouco significantes para a história do ambientalismo, alguns autores medievais foram brevemente analisados por Glacken, como é o caso de Cassiodorus, pela ênfase dada nas influências climáticas, e Alberto, o Grande, pela sua insistência em conhecer a natureza dos lugares em detalhe, pelo seu interesse em história natural e Geografia, pela sua contribuição à Geografia humana, pelo uso dos “sete klimata” de Ptolomeu e pelo seu reconhecimento da capacidade do homem em amenizar essas influências ambientais. Ou seja, a teoria de Alberto, o Grande, já indica quão antiga é a idéia da capacidade humana em alterar o ambiente a seu favor, fato que nos leva a refletir como foi possível mil anos mais tarde algum geógrafo ser rotulado de determinista, quando de fato, sequer autores clássicos e medievais cabem confortavelmente nessa armadura.

Quanto à Idade Moderna, nos primórdios, ou seja, no século dos descobrimentos (XV) e durante a renascença, idéias relativas às influências ambientais alcançaram uma importância e um volume sem paralelo em eras precedentes, e foram de certa forma o início de um período riquíssimo para o debate das influências ambientais, que se estendeu do iluminismo até o declínio da Geografia Tradicional, após o qual a teoria ambientalista não deixou de ser discutida, porém cedeu espaço para o estudo do antropismo e da relação predatória do homem sobre seu ambiente. Ou seja, de um período em que o clima era tido como um aspecto da natureza que merecia toda a atenção quanto ao seu poder de influenciar diversos aspectos da realidade, passou-se a uma era em que predominam os estudos dos impactos humanos sobre o clima.

Qual seria a razão para tamanha proliferação de teorias de influências ambientais na idade moderna? Glacken responde propondo que

“In the first place, there was greater opportunity to apply them. More environments were known. The oversimplifications of the ancients were discovered by the new knowledge of the equatorial regions and of cultural differences in similar latitudes. The increase in interest in manners, in the moeurs, encouraged the study of causes of differences. Finally, the relation

of climate and geographical position to laws became important in a period when the relations of the church to national monarchs were under close scrutiny and when the religious schisms of the reformation posed difficult questions to political and social theorists.” (ibid, p.432)

Esse período fecundo de novos saberes e grandes descobertas consitiuiu-se num caldo efervescente que levou Bodin a levantar inúmeras questões:

Does a climate, then, have a decisive effect on laws and customs? In the reading of history, with its cruelties, its senseless and continual change, its wars, intrigues, embroilments, is there anything on which to base an interpretation of its significance?²⁶⁸ Is it more rational to base one’s study on the more stable physical environment and does history therefore become inextricably bound up with geography? These questions called forth more disturbing ones: Does man have only a modest superiority over the organic creation? If the distribution of plants and animals is controlled by the climate, is this control exerted also on man and does his superiority lie merely in his sensitive realization of this deterministic relationship? Questions like this raised another: Is it possible for a man to resist these determinative influences? This last question I think is the crux of the whole matter. It was asked by Bodin, by , by Montesquieu and by Herde. Polybius had asked it by implication in antiquity and had answered in the affirmative. [Glacken extrai desses questionamentos os seus próprios a seguir]. The role assigned to environmental influences in the interpretation of history thus may be a decisive one. If they were such powerful determinants, had they reinforced the differences among men, perpetuating their rivalries and their hostilities? Had climatic theories become a divider of mankind, playing a role similar to the late nineteenth century theories of racial superiority? (ibid, p.433)

Teorias da época clássica, a respeito da dualidade ambiente generoso versus ambiente áspero, foram reanimadas com o advento da idade moderna e polarizadas “*in the contrast between the too easy environment – acting like an overly indulgent mother*

²⁶⁸ Esta foi a questão essencial da obra “método”.

nature, making man soft by her generosity, ultimately defeating him by inducing sloth and love of luxury – and the hard environment, like a niggardly mother nature, spurring man's inventiveness and his industry, through necessity.”(id)

Dentre importantes pensadores da questão das influências ambientais podemos citar Alberti, Machiavel, Botero, Charron, Milton (em seus poemas), Bodin e inúmeros viajantes. Sobre Bodin, Glacken enfatiza ser o mais importante pensador da renascença a respeito da relação entre o ambiente geográfico, história e vida contemporânea. Não seria grande erro, inclusive, escrever a história das teorias ambientais baseados em Hipócrates, Aristóteles, Ptolomeu e Alberto, o Grande, resumindo os resultados de dois mil anos de especulação numa síntese do pensamento bodiniano. (Glacken, 1967). Entre o século XVI renascentista e o período iluminista do Século XVIII, encontra-se o século XVII, período que conheceu grandes avanços da Geografia, principalmente com a obra de Varenius, que por sinal não é um autor tipicamente renascentista, uma vez que não seguiu a tradição clássica da mesma forma que seus antecessores. (Glacken, 1967)

Jean Bodin é o mais importante pensador da renascença no que concerne a relação história-vida contemporânea-ambiente geográfico. Viveu num período turbulento de guerras religiosas, num momento em que imperava uma grande atenção aos problemas de soberania nacional, desagregação social e elaboração de leis sábias que atentassem para as diferenças locais, inclusive com respeito aos fatores do ambiente físico. Esta última preocupação já fazia parte do temário ambiental medieval, e posteriormente foi amplamente esmiuçado por Montesquieu.

Sobre seu pensamento sistemático, pode-se afirmar que “his correlation are not mechanical one, they have deep roots in ancient and medieval theories of physiology, body-mind relationships, physics and cosmology, astrology²⁶⁹, and numerology.”

²⁶⁹ As idéias astrológicas e ambientalistas de Bodin são baseadas na mesma divisão zonal de Aristóteles em “Política”.

(GLACKEN, 1967, p.434). Glacken²⁷⁰ segue seu elogio a esse grande talento do pensamento medieval, afirmando que *“No other thinker of the period (...) can match him either in the breadth of his systematic thinking or in the industry and thoroughness with which ideas and observations, scattered hither and there through the centuries, have been gathered together and given – if not a satisfying unity to the modern mind – at least an inner coherence thanks to the medieval conception of the cosmos upon which they are based”* (id)

A pergunta central da preocupação bodiniana (tomada por Montesquieu posteriormente) poderia ser expressa da seguinte forma: *“How is it possible to govern a people, in a small region or throughout the whole world, when they so clearly differ in customs, traditions, laws, color, physique, and mental Outlook?”* (Id). Bodin era interessado no caráter nacional, na natureza e nos variados graus das afecções humanas, na insensata crueldade humana e no padrão de distribuição geográfica da loucura e do alcoolismo. As teorias de Bodin são basicamente produto de tradições hipocráticas e astrológicas. Bodin, assim como Aristóteles, acreditava nas vantagens do clima temperado²⁷¹ para a ocupação humana, e sobre o filósofo grego Glacken faz uma brilhante ponderação ao esclarecer que

The short sentences of Aristotle’s “Politics” were continuing reminders that certain physical environments might be favorable to the existence of high civilization; Aristotle Said that they were temperate in nature, and Greece was his example. The generalization – this was its beauty – did not eliminate newer choices for the temperate spot. If the favored nation was Greece in Aristotle’s time, why could it not be northwestern Europe or France in the

²⁷⁰ Glacken, ao estudar a obra completa de Bodin, afirma que mesmo seus escritos datando de 80 anos após a invasão das Américas, não há neles vestígios do legado cultural das grandes navegações, ou seja, a disseminação do conhecimento era mais lento do que se poderia imaginar.

²⁷¹ Bodin reascende a idéia de Hipócrates de que as três idade do homem, juventude, maturidade e velhice são análogas as regiões norte, temperada e do sul, respectivamente.

sixteenth century? One could write an illuminating essay on the relocations through the ages of the favored temperate region.²⁷² (ibid, p. 435)

Não somente Glacken reconhece importância de Bodin, como Febvre também o faz, inclusive ressaltando que Bodin não comungava de um “determinismo” radical, ao contrário dos outros autores que a partir da renascença foram “sucumbindo a essa intoxicação”:

There is Bodin, in his *République*, endeavouring in the powerful and remarkable first chapter of book V (...) to mark out on the surface of the earth the great frames in which human societies were inserted: frigid, temperate

²⁷² É curioso, mas certamente não é fruto de um mero fator climático, notar a mudança latitudinal dos centros de poder na direção norte verificada na Europa, e oriente médio. Egito (25 - 30 graus norte), Babilônia (30 - 35 graus), Grécia e Roma (38-48), mundo árabe (30-40), Reino Unido e França (45-60), EUA e Canadá (35-70), Rússia (45 -70) e atualmente pode-se falar talvez no Canadá (50 -70 graus) e na Escandinávia (60-70 graus) e estes dois últimos não como centro de poder, mas como centros ou “modelos” da civilização ocidental, pela alta qualidade de vida, pelo relativo sucesso ecológico, pelos pensamentos avançados e por serem os países que mais fazem jus ao lema da revolução francesa. Todas essas civilizações surgiram na zona temperada, bem como a chinesa e a hindu (norte da Índia). Outras civilizações importantes emergiram em zonas “temperadas” em área tropical-subtropical (13-26 graus), ou seja, em altiplanos subtropicais ou temperados. (temperado no sentido de baixas temperaturas e de significativa variação entre as estações). Essa relação entre surgimento de civilização e clima já foi notada e estudada por diversos pesquisadores, e já houve críticos que conseguiram colocar a civilização chinesa nos trópicos (!) e usar este exemplo como exceção à regra que mostra forte relação entre civilização e clima. Todas essas regiões da grande zona temperada, apesar de possuírem climas muito distintos e variadíssimos, foram em algum momento bastiões do desenvolvimento da economia e da cultura, ou centros de poder, o que é suficiente para não se buscar uma relação simples entre clima e desenvolvimento de civilizações (Huntington e Diamond não foram simplistas dessa forma), mas também suficiente para não se descartar imprudentemente a hipótese de que clima e civilização guardam intrigante e importante relação. Uma pergunta que os críticos do “determinismo” ainda não responderam é: por qual razão todas as civilizações não tomaram o rumo do equador? A alternativa ao silêncio seria recorrer, até mesmo sem se dar conta, a fatores ambientais, que segundo Diamond, estão na base, no início da história humana, e por isso, podem ser as causas básicas, necessárias (não são suficientes!) e primeiras.

and torrid zones with their subdivisions; Eastern and Western lands; plain, mountains, valleys; barren lands or lands of promise; places exposed to winds, or protected from them. There was no rigidity, moreover, nothing tyrannical in the action of these fundamental geographical conditions on men. Bodin had a clear idea of the insufficiency and arbitrariness of a rigorous geographical determinism. Not only was he careful to make allowance for the exercise of human and divine will, but he had reasoning power, and knew that, in the same country, the same people may experience various vicissitudes, and may pass – the physical conditions never altering – through alternate periods of power and feebleness, of growth and decadence: he thus demonstrates experimentally “how largely food, laws, and customs have the power to chance nature”. Later on, he again remarks very clearly (and this, be it understood, after having noted the action of locality and climate): “We will also say how much discipline can change the natural laws of men, *whilst rejecting the opinion of Polybius and Galen, who held that the country and the nature of the localities necessarily affect their customs*”. This shows the wisdom and prudence of the old pioneer, who was proof against the intoxication to which so many others have since succumbed. (FEBVRE, 1925, p.3)

Bodin, assim como Platão e Aristóteles, considerou com especial atenção a influência de fatores ambientais sobre a vida política. Sua teoria das três zonas climáticas é citada por Febvre: “*Bodin, with his usual boldness, directed his attack straight at the intellectual faculties, and ‘as there are in man three principal parts of the soul, that is to say, the imagination or common sense, the reason, and the intellectual part’, he deduced at great length, in consequence, that to each of the great climates of the world, hot, cold, and temperate, corresponded a special blossoming of one of these divisions of the soul*”. (FEBVRE, 1925, p.108). Essa teoria das três zonas climáticas era associada com três planetas do sistema solar, e com base nisso Febvre desconfia de uma certa visão mística de Bodin em relação ao clima, da mesma forma que na época ainda se considerava as influências misteriosas do zodíaco, tradição astrológica essa que remonta aos gregos. Febvre afirma que “*As far as Bodin himself is concerned, are not his astrological “dreams” directly responsible for a certain*

number of his “scientific” reflections, or what claim to be such? But above all, and in a more general way, is not this influence of climate, for him, a fact of the same order, and does it not work in the same fashion as the obscure, mysterious, and in part secret influence of the stars and of the Zodiac?”(ibid, p.6)

Sobre a maciça influência de Aristóteles e suas explicações climáticas que aplaudiram o clima temperado como o berço da alta civilização, Glacken ressalta que:

To Aristotle the golden-mean position of Greece had the captivating quality of being a combination of the Best, not the worst, of the two extremes. With him, the correlation between climate and peoples is direct, without any intermediary physiological explanation; the golden mean applies to both the environment and the culture. This has been one of the most influential statements ever made regarding the relation of climate to peoples, not because of its originality – it could make little claim to this – but because of the prestige of Aristotle and his writings. To my knowledge, it has been quoted more widely than any other statement by a classical writer on this subject, excepting possibly *Airs, Waters, Places* and the speech of Cyrus in Herodotus. Its historical importance is that it carried the environmental theory over from medicine to political and social thought, [Assim como Montesquieu] diffusing the self-flattering conclusion that the most advanced nations are in the temperate climates. [Essa idéia, ao ser reavivada por Montesquieu e seus sucessores, chegou ao século XX, sendo estudada também por Semple e Huntington.](GLACKEN, 1967, p.93)

No capítulo 6 do livro IV de “Política”, encontra-se essa influente afirmação a que alude Glacken:

Cada povo recebeu da natureza certas disposições e a diferença dos caracteres é facilmente reconhecível se observarmos os mais famosos Estados da Grécia e as diversas partes do mundo inteiro. Os povos que habitam as regiões frias, principalmente da Europa, são pessoas corajosas, mas de pouca inteligência e poucos talentos. Vivem melhor em liberdade, pouco civilizados, de resto, e incapazes de governar seus vizinhos. Os asiáticos são mais inteligentes e mais próprios para as artes, mas nem um

pouco corajosos, e por isso mesmo são sujeitados por quase todos e estão sempre sob o domínio de algum senhor. Situados entre as duas regiões, os gregos também participam de ambas. Em sua maioria, têm espírito e coragem; conseqüentemente, conservam sua liberdade, e são muito civilizados. Poderiam mandar no mundo inteiro se formassem um só povo e tivessem um só governo. No entanto, eles têm entre si as mesmas diferenças acima mencionadas, não tendo alguns senão uma das duas qualidades e possuindo os outros a ambas numa justa proporção. (ARISTÓTELES, 2006, p.109)

Quanto à teoria política de Bodin, esta nada tem de “determinista”, não há exclusão da infinidades de fatores em jogo na complexidade de governar, e Glacken explica que

The theoretical basis is the same; variety in people's humors requires a variety in their institutions; the ruler must know the humors before he changes laws and customs. The task of a ruler is likened to that of an architect who builds with the materials he can find locally. Furthermore, the theory of government is related to broader questions of philosophy, religion and technology whose zonal distribution is part of a divine plan. (...) His works brought up certain broad questions (...).The most important of these questions is the degree of environmental control over man. Bodin does not believe that climate²⁷³ is the only influence. 'The fusion of peoples changes the customs and the nature of men not a little'(Ibid, 443)

Sobre a questão dos trópicos, Bodin afirmava que era preciso erradicar o erro da tradição clássica em achar que as áreas equatoriais eram inabitáveis. A partir do conhecimento do clima da região em torno do trópico de câncer, Bodin fez uma pertinente generalização, a de que a zona equatorial é menos quente que a zona tropical, o que de fato é uma regra, desde que não se considere a média anual.

²⁷³ Segundo Glacken, a teoria climática de Bodin, e algumas variantes, desfrutaram de grande popularidade nos séculos XVI e XVII, aplicadas a tópicos e países específicos.

Glacken finaliza sua análise de Bodin tecendo algumas críticas, feitas, todavia, após amplo reconhecimento da importância deste autor e da pertinência e necessidade história de suas teorias:

(...) the fact remains that in a wider perspective Bodin was a traditionalist. If one traces theories of environmental influence back from the present to the thinkers of the nineteenth, eighteenth, and seventeenth centuries and then to Bodin, he seems an innovator, a man Who thought deeply about these questions in a recognizably modern setting – after the age of Discovery, after the rediscovery of many writings of classical antiquity, after the reformation. If, however, one approaches Bodin's writings by way of the past, from Hippocrates, Aristotle, Ptolemy, to Albert the Great and St. Thomas de Aquina, their traditional – and often painfully garbled – character is only too apparent. Modern students of Bodin have praised him making excuses for the astrology and for the numerology (which I have not even brought up) as vices of the time; it is said that he was a precursor of Montesquieu, that his theories were not fatalistic because they left room for other influences, that they were the forerunners of a body of theory later to become a science. (This claim was made mostly by those who regarded scientific geography as the study of environmental influences²⁷⁴.) Bodin's thought about environment could by no conceivable means lead to science. [não poderia constituir-se numa ciência a parte, mas de fato muitas questões levantadas permanecem no temário científico atual, ou seja, essas teorias permeiam o pensamento científico do século XXI] The main interest of his ideas today – asise from their historical significance – is that they reveal the complexity of historical and contemporary problems in Bodin's eye and the inability of two millennia of accumulated lore to be of any real help in explanation. It is true that there were some advantages; the theories by their concentration on differences and similarities may have led the way to a new regional geography, they may have sharpened the eye for cultural observations. But

²⁷⁴ Para Bodin, alguém que invoque a importância das teorias ambientalistas da idade moderna como uma espécie de germe da ciência moderna só poderia ser um geógrafo que acredita na Geografia científica como essencialmente uma busca pelas influências ambientais.

what kind of guides could such theories be when they rested on presuppositions fantastically wide of the marks? (ibid, 446-447)

Dada essa riqueza precoce²⁷⁵ das idéias ambientalistas (idéia das influências ambientais) de Bodin, é lastimável constatar que seu pensamento e obra seja tão subestimado e simplificado pelos seus críticos. Wallis (1926), resume as idéias bodinianas afirmando que “*Bodin stressed the fact that civilization is limited by degrees of latitude and of longitude, and also by altitude, noting the superiority of plains and river valleys as seats of civilization.*”(wallis, 1926, p.702), para seguir apontando que Bodin inspirou as teorias deterministas de Montesquieu. Ler apenas isso sobre esse autor, é como não ler nada, e o que nessa frase está contido não deve causar nenhum constrangimento nem surpresa, pois a história da humanidade está repleta de evidências da primazia de rios e planícies na gênese das grandes civilizações antigas. Ou seja, os críticos fazem tal recorte acreditando estar “mostrando” um indício do “crime determinista”. A verdade é que essa frase não representa o autor e não tem nada de “determinista”. Bingo! A crítica consegue, assim, reduzir o autor, rotulá-lo equivocadamente, além de disseminar algumas obviedades como se fossem um grave erro, ou no mínimo, um vício de pensamento.

Outro autor que reconhece a força das influências ambientais é Francis Bacon, que em sua obra “*psalms*”, afirma que “*nature can be conquered only by obeying her*” (BACON apud CHAPPEL, 1967). Trazer uma lista de pensadores da época que apoiavam teorias ambientalistas seria tarefa ingrata, pois era uma teoria muito recorrente e que, aparentemente, somente após a década de 50 do século XX foi perdendo espaço nas discussões sobre a relação homem-meio.

²⁷⁵ O termo precoce (de minha autoria) neste caso poderia estar escondendo uma pressuposição preconceituosa de que se algo surge antes do “século das luzes” ou entre os gregos, é precoce, dada a suposta falta de capacidade de todos que antecederam os “homens da razão e da ciência”.

4.2. Da Ilustração

Desde o século XVIII que aquilo que sabemos já não está de acordo com aquilo em que acreditamos

Fraçois Jacob

Durante o século XVIII a idéia das influências ambientais foi amplamente discutida e enriquecida em obras de Montesquieu, Malthus, Hume, Buckle, Goethe, Voltaire, Herder, Kant, Ferguson, Robertson, Arbuthnot, Buffon, Renan, Fontenelle, Chardin, Abé-dubos, etc.²⁷⁶ Todos esses autores são analisados por Glacken, uma vez que é partir deles que a teoria ambientalista vai ganhando corpo e passa a incorporar uma quantidade cada vez maior de exemplos e associações, ao mesmo tempo em que vai se tornando mais complexa e autocrítica. Importa observar que os três últimos autores supracitados antecederam Montesquieu, influenciando-o, além de terem se concentrado nas influências climáticas e tecido críticas mútuas. Assim, além de se concentrar principalmente em Montesquieu, esses três autores foram enfatizados, assim como Herder, cujo pensamento foi fundamental para a Geografia em geral. Entre o final do iluminismo e o advento de Humboldt e Ritter na Geografia acham-se autores como Demolins, Le Play e Tourville, todos eles não-geógrafos e seguidores de Montesquieu, e que sofream pesadas críticas por um suposto determinismo cru e radical, principalmente Demolins.

Voltaire, como crítico de Montesquieu, afirma que o autor de “Espírito das Leis”, sem citar autoridades, carregou esta idéia (de influências climáticas) longe demais, indo além de Bodin, Chardin e Du Bos. Glacken afirma que alguns críticos do “determinismo” têm divulgado o equívoco de que Montesquieu foi o primeiro a teorizar sobre as influências do clima, e que tal fato constiu-se num crime, mas crime

²⁷⁶ Esses 3 últimos autores escreveram suas obras no final do século XVII e início do século XVIII, não sendo exatamente autores iluministas. Todavia, neste tópico sobre o iluminismo encaixamos todos os autores que escreveram após Varenius, ou seja, a partir de meados do século XVII, até o advento da Geografia de Humboldt.

de fato quem cometeu foram esses críticos mal informados. Sobre a importância das teorias ambientalistas nesse período Glacken comenta que *“Ideas of environmental influência, as we have seen, had begun to perform important function”*. (GLACKEN, 1967, p.552). Sobre as áreas do saber relacionadas às teorias das influências ambientais explica que *“If environmental causation was related to religion and health, it was also concerned with historical change, with travel and explorations, with the geographical distribution of human achievement.”* (id)

Segundo Glacken, as teorias climáticas floresceram no iluminismo de uma maneira independente, ao contrário do período em que eram ainda conectadas com religião (“determinismo” teleológico) e astrologia, assim, pode-se falar em secularização das teorias climáticas no século XVIII. *“In the nineteenth century, on the other hand, new knowledge, like a swollen stream, flowed around it, and there were other geographical fields to till more carefully than in the eighteenth; the configuration of continents, and the influences of place and position, of altitude, of routes, passes, migration corridors.”*(GLACKEN, 1967, p.620). A idéia de adaptação, expressa nas teorias evolucionistas de Darwin e Lamarck, significou adaptação não apenas ao clima, mas ao ambiente como um todo. Segundo Glacken (1967), no final do século XIX emerge um determinismo racial que, ao contrário do determinismo ambiental, se autodeclarou como dogmático e com horrível vigor.

Pode parecer paradoxal, mas as teorias climáticas conheceram um amplo desenvolvimento no iluminismo justamente porque a climatologia era incipiente e assuntos como circulação geral da atmosfera, contrastes climáticos entre países distantes e classificação climática eram desconhecidos e abriam espaço para largas generalizações e especulações.²⁷⁷ Por essa razão que chineses e persas eram considerados habitantes de climas uniformes, ou seja, mais detalhes sobre os climas e

²⁷⁷ Cabe lembrar que é essa ignorância que dificultou o trabalho de Hipócrates, e que a leitura feita deve levar em conta, sempre, o estado dos conhecimentos acumulados na época.

um corpo de conhecimentos mais vastos²⁷⁸ e acurados teriam amenizado as facetas mais simplistas das teorias (há outras facetas, por sinal).

Um panorama geral sobre as teorias climáticas no século XVIII é feito por Glacken, que contextualiza essas teorias referindo-se às áreas a elas associadas (religião, medicina, saúde, teoria política, moral, etc), e aos interesses científicos da época, com a emergência de uma grande visão holística da natureza, totalmente inclusiva, e com a constante aquisição de conhecimento proveniente das explorações e dos inventos:

There is a parallel interest in national character within the advanced cultures, conspicuous, it is true, in the seventeenth century, but attaining sophisticated expression in Hume. The profound interest in natural history, a study concerned with all life and its milieu, leads to grand and holistic views of nature which encompass all environments, human and non-human alike. Finally, some thinkers are beginning to see that the world is drawing closer for knowledge of the Europeans, and a fluidity is seen in geographical relationships which might change from one area to another in reponse to advances in the arts and sciences and in discovery. Cook's voyages are dramatic examples, but there are many others of a different kind like Father du Halde's work on the history, geography, and culture of the Chinese. In the eighteenth century, climate is deeply involved in fundamental questions. The historic association of climate with health and medicine deepened in that century, as one can see clearly in the works of Arbuthnot and Falconer. The triad of climate, health, and medicine evoked speculation into the physical and moral effects of climate, and such interrelationships suggested that human initiative could improve environmental conditions. (GLACKEN, 1967, p.621)

Esta última afirmação me obriga a esclarecer que assumir os efeitos do clima sobre o homem não implica em conceber o homem como passivo e sem escolhas, pelo contrário, dentro da moldura relacional homem-meio, sempre há discussões dialéticas

²⁷⁸ Viajantes, apesar do tonel de informações acumuladas pela experiência, nem sempre eram observadores astutos e rigorosos.

e que comportam as relações mútuas e as possibilidades mútuas. Em confirmação das hipóteses desta tese, nem mesmo os “deterministas” mais antigos (há um preconceito com tudo que é mais antigo em termos de teorias e conceitos, como se “involuções”²⁷⁹ no conhecimento não fossem possíveis) propunham uma causação linear e unicausal. Ou seja, já pensavam de uma maneira que mais tarde se aprimoraria com os sistemas determinísticos que Lewthwaite afirmou permanecer na Geografia durante até a década de 60 do século XX.²⁸⁰ Proseguindo em sua brilhante contextualização:

Common areas of interest today between cultural anthropology and geography and public health can be traced to these historic associations which indeed go far back into time. Observed empirical correlations between environment and disease call forth activity in drainage and land reclamation. Such proposals are often expressed by the Europeans doctors; they are characteristic, as we shall see, of early american physicians. [E também de sanitaristas brasileiros. A saga em torno da obsessão em higienizar e sanitizar as cidades brasileiras nas décadas de 20-40 do século XX é fruto dessa tradição da medicina nos estudos de influências ambientais e climáticas, mas os contemporâneos de Montesquieu desfrutavam, há quase 300 anos, de um ambiente mais saudável do que o verificado na baixada fluminense] The Hippocratic inspiration remains, but knowledge has also grown and insight has deepened. The relation of climate to religion (id) becomes very important with the reformation. The divisions within Protestantism and the criticism of all religion which follows in the wake of controversy, schism and religious war, left openings for climatic causation which led to relativism; even revealed religious, to say nothing of schisms, might then have earthly and human explanations. The old association of climate with political and social theory continues, faithful to the model example set by Plato in the “Laws”, but horizons expand as men become interested in cultural inertia, diffusion, and independent invention. Not the

²⁷⁹ Não pretendo suscitar aqui polêmicas sobre o problemático e enfermo termo “evolução”. Não sou o autor do lema de nossa bandeira, e coloquei o termo entre aspas com a intenção de evitar polêmica. O sentido do termo em seu contexto não abre espaço para qualquer delonga.

²⁸⁰ E que continuou até os dias de hoje, ainda que em menor escala e de maneira “enrustida”.

least of the effects of climatic theories was the stimulus their simplicity and tantalizing dogmatism gave to a more searching study of social causation and history. In the “*Espirit des Lois*”, Montesquieu wanted to give physical causes their due in an age which he thought had neglected them. Those who disagree – men like Hume, Voltaire, Helvétius – replied that moral causes were decisive. Achilles heels in climatic theory now opened up exciting possibilities. Why not compare a people at one period of this history with another period? When such comparisons were made, peoples living in similar environments turned out to be brave and weak, creative and indolent. Climatic theory also stimulated inquiry, as had the Abbé du Bos, into the unequal distribution of talent and the clustering of genius in different eras, a fact already noticed in the ancient world. [e estudado por Huntington, aliás, este é um dos aspectos mais criticados da obra] Historical study became a direct challenge to generalizations derived from physical causes. (GLACKEN, *ibid*, p.621-622)

Dada a contextualização e as informações gerais sobre a idéia das influências ambientais no iluminismo, farei uma breve análise da obra de Montesquieu “O Espírito das leis”, extraindo trechos que revelam tanto o às vezes exagerado tom determinístico da obra, quanto as declarações que mostram um Montesquieu que pende mais para o possibilismo, lembrando que todos esses autores rotulados de deterministas devem ser lidos e compreendidos sem ter essa dualidade em vista. Glacken age dessa forma, e por essa razão é o mais preciso e lúdico comentador do determinismo ambiental, juntamente com lewthwaite, mas este último, ao contrário, não deixou para a posteridade uma obra tão volumosa, relevante e original quanto de Glacken, que exhibe uma retórica impressionante como verniz de sua erudição ímpar. Assim, Glacken astuciosamente alerta que “*If ones reads Montesquieu’s work without trying to decide if he was or was not a determinist, it becomes clear that many interesting ideas with different histories are presented, and that it is not easy to reconcile one with another*” (GLACKEN, 1967, p.581).

A obra “Espírito das Leis” consiste num tratado filosófico sobre as leis consideradas em sua origem e em seus princípios. Constitui-se em 6 partes, sendo a terceira destinada a discutir as leis em relação ao ambiente. Esta terceira parte possui 6

“livros” (são na verdade capítulos), 4 deles sobre clima, 1 sobre ambiente em geral, e outro sobre as leis em relação os costumes e maneiras de um povo. Os livros 14 a 17 tratam do clima e o livro 18, do ambiente em geral.

Montesquieu, ciente da complexidade e diversidade de assuntos que abordou em sua ilustre obra, escreve uma clara defesa prévia em que advoga não ter escrito sua obra ancorado em preconceitos, mas na própria natureza das coisas. Assim, explica que:

Se, na quantidade infinita de coisas que estão neste livro, houvesse alguma que, contrariamente ao que esperava, pudesse ofender, pelo menos não há nenhuma que tenha sido colocada com má intenção. Não tenho naturalmente um espírito desaprovador. Platão agradecia ao céu ter nascido no tempo de Sócrates; e eu lhe agradeço ter me feito nascer no governo onde vivo e ter querido que eu obedecesse àqueles que me fez amar. Peço uma graça que temo não me ser concedida: é de não julgarem, pela leitura de um momento, um trabalho de vinte anos; de aprovarem ou condenarem um livro inteiro, e não algumas frases. [Para minha surpresa, deparei-me com esse prefácio, que coincide com a principal preocupação desta tese: a condenação apriorística de um autor ou obra por referência a meros fragmentos, citações e rótulos]. Se quiserem procurar o objetivo do autor, só podem bem descobri-lo no objetivo da obra. Examinei primeiro os homens, e achei que nesta infinita diversidade de leis e de costumes eles não eram conduzidos somente por suas fantasias. Coloquei os princípios e vi os casos particulares dobrarem-se diante deles como que por si mesmos, as histórias de todas as nações não serem mais do que suas conseqüências, e cada lei particular estar ligada a outra lei ou depender de outra mais geral. Quando fui levado à Antiguidade, procurei captar seu espírito, para não ver como semelhantes casos realmente diferentes e não perder as diferenças daqueles que parecem semelhantes. Não tirei meus princípios de meus preconceitos, e sim da natureza das coisas. [a crítica não vê dessa forma, e sempre atribui a ideologia do eurocentrismo os autores que procuram justificar as qualidades “superiores” de Europeus.] Aqui, muitas verdades só se mostrarão depois que se tiver visto a cadeia que as liga a outras. Quanto mais se pensar sobre os pormenores, mais se sentirá a certeza dos princípios. Estes próprios pormenores, não os citei todos, pois quem poderia dizer tudo sem causar um mortal aborrecimento? Não se encontrarão aqui estes traços salientes que

parecem caracterizar as obras de hoje. Por pouco que se vejam as coisas com certa amplitude, essas saliências se desvanecem; elas só nascem, normalmente, porque o espírito se lança todo para um lado e abandona todos os outros. (...). Considerar-me-ia o mais feliz dos mortais se eu pudesse fazer com que os homens conseguissem curar-se de seus preconceitos. Chamo aqui de preconceitos não o que faz com que se ignorem certas coisas, e sim o que faz com que se ignore a si mesmo. É procurando instruir os homens que se pode praticar esta virtude geral que compreende o amor de todos. (MONTESQUIEU, 1995, p.XLI)

O Livro 14, intitulado, “das leis na relação que elas têm com a natureza do clima”, possui a seguinte lei geral: “Se é verdade que o caráter do espírito e as paixões do coração são extremamente diferentes nos diversos climas, as leis devem estar relacionadas à diferença destas paixões e à diferença destes caracteres.” Este livro será mais enfatizado, pela ampla relação com o tema desta tese. O Livro 15, intitulado, “Como as leis da escravidão civil relacionam-se à natureza do clima”, apesar do título, tem apenas uma ínfima referência à relação de fato entre clima e escravidão, que é colocada nos seguintes termos:

Eis outra²⁸¹ origem do direito de escravidão, e até mesmo desta escravidão cruel que se vê entre os homens. Existem países onde o calor debilita o corpo

²⁸¹ Se esta é a “outra explicação”, qual é a explicação primeira? Montesquieu responde: “Já é tempo de buscarmos a verdadeira origem do direito de escravidão. Deve ele estar fundado na natureza das coisas: vejamos se existem, casos em que dela deriva. Em todos os governos despóticos, tem-se grande facilidade de vender a si mesmo: a escravidão política de alguma forma destrói a liberdade civil. Perry conta que os moscovitas vendem a si mesmos com grande facilidade. Conheço a razão de tal coisa: é que sua liberdade não vale nada. Em Achim, todo o mundo tenta vender a si mesmo. Alguns dos principais senhores não possuem menos do que mil escravos, que são mercadores principais e também possuem muitos, escravos, e estes muitos mais; são herdados e traficados. Nesses Estados, os homens livres, fracos demais contra o governo, tentam tornar-se escravos daqueles que tiranizam o governo. Eis a origem justa e conforme á razão deste direito de escravidão muito suave que encontramos em alguns países; e deve ser muito suave porque está fundado na escolha livre que um homem, para sua

e enfraquece tanto a coragem, que os homens só são levados a um dever penoso pelo medo dos castigos: assim, ali a escravidão choca menos à razão; e como o senhor é tão covarde em relação a seu príncipe quanto o é seu escravo em relação a ele, a escravidão civil é também acompanhada da escravidão política. Aristóteles quer provar que existem escravos por natureza, e o que diz não o prova. Penso que se existem tais homens, são aqueles dos quais acabo de falar. Mas como todos os homens nascem iguais, é preciso dizer que a escravidão é contra a natureza, ainda que em certos países esteja fundada numa razão natural [natural não no sentido de que deve acontecer, de ser lógico sua adoção, ou de ser estrita mente necessária , mas sim no sentido de provir da natureza, do clima, do ambiente físico.]; e deve-se distinguir bem estes países daqueles onde as próprias razões naturais a rejeitam, como os países da Europa, onde foi tão felizmente abolida. Plutarco conta-nos, na vida de Numa, que na época de Saturno não havia nem senhor nem escravo. Em nossos climas, o cristianismo trouxe esta idade de volta. Deve-se então limitar a servidão natural a certos países particulares da terra. Em todos os outros, parece-me que por mais penosos que sejam os trabalhos que a sociedade exige, se pode fazer tudo com homens livres. Não sei se é o espírito ou o coração que me dita este artigo. Talvez não exista nenhum clima na terra onde não se possam contratar para o trabalho homens livres. [Essas duas afirmações anteriores parecer conflitar escancaradamente, porém, não são contraditórias, pois a primeira delas significa que apenas em algumas regiões há motivos climáticos (naturais) para se adotar a escravidão, mas ele acredita, ao mesmo tempo, que ao homem cabe ver que um clima “enervante” não pode ser justificativa para a escravidão.], Porque as leis foram malfeitas, foram encontrados homens preguiçosos: porque estes homens eram preguiçosos, foram submetidos à escravidão. (IBID, p. 186)

O Livro 16, intitulado “Como as leis da escravidão doméstica se relacionam com a natureza do clima”, trata da relação entre clima e servidão doméstica da mulher. Há poucas referências aos climas, concentradas nos capítulos II e IV. No capítulo II,

utilidade, faz de um senhor; o que constitui uma convenção recíproca entre as duas partes.” (MONTESQUIEU, 1995, p. 186)

há um curioso paralelo entre clima temperado e monogamia e clima tropical e poligamia. Vejamos os argumentos (que parecem sedutores aos olhares incautos):

CAPÍTULO II: Nos países do sul existe entre os dois sexos uma desigualdade natural. As mulheres são núbeis nos climas quentes aos oito, nove ou dez anos; assim, a infância e o casamento caminham quase sempre juntos. Estão velhas com vinte anos; logo, nelas a razão não se encontra nunca junto com a beleza. Quando a beleza pede o império, a razão faz com que a recuse; quando a razão poderia obtê-lo, não há mais beleza. As mulheres devem ser dependentes, pois a razão não pode dar-lhes em sua velhice um império que a beleza não lhes deu durante a própria juventude. Portanto, é muito simples que um homem, quando a religião não se opõe; deixe sua mulher para tomar outra e que a poligamia seja introduzida. Nos países temperados, onde os atrativos das mulheres se conservam melhor, onde elas são núbeis mais tarde e onde têm filhos numa idade mais avançada, a velhice de seus maridos acompanha, de alguma forma, a sua; e, como elas possuem mais razão e mais conhecimentos quando se casam, nem que seja apenas porque viveram mais tempo, deve ter-se introduzido naturalmente uma espécie de igualdade entre os dois sexos e, conseqüentemente, a lei de uma só mulher. Nos países frios, o uso quase que necessário das bebidas fortes estabelece a intemperança entre os homens. As mulheres, que têm a este respeito, uma continência natural, porque precisam sempre se defender, ainda possuem sobre eles, então, a vantagem da razão. A natureza, que distinguiu os homens pela força e pela razão, não colocou outro termo a seu poder a não ser esta força e esta razão. Deu às mulheres atrativos e quis que sua ascendência terminasse quando terminassem estes atrativos; mas nos países quentes estes só se encontram no início, e nunca no decorrer de sua vida. Assim, a lei que só permite uma mulher está mais relacionada ao físico do clima da Europa do que ao físico do clima da Ásia. Esta é uma das razões que fez com que o maometismo tenha encontrado tantas facilidades para se instalar na Ásia e tanta dificuldade em difundir-se pela Europa; com que o cristianismo se tenha, mantido na Europa e tenha sido destruído na Ásia; e fez, enfim, com que os maometanos tenham feito tantos progressos na China, enquanto os cristãos progrediram tão pouco. As razões humanas estão sempre subordinadas àquela causa suprema que faz e utiliza tudo o que quer. Algumas razões particulares a Valentiniano fizeram-no

autorizar a poligamia no império. Esta lei violenta para nossos climas foi abolida por Teodósio, Arcádio e Honório. (ibid, p.195)

No capítulo IV, Montesquieu segue afirmando que:

Segundo os cálculos feitos em diversos lugares da Europa, nascem ali mais meninos do que meninas: pelo contrário, os relatos da Ásia e da África contam-nos que nestes lugares nascem muito mais meninas do que meninos. Assim, a lei de uma só mulher na Europa e a que, permite várias na Ásia e na África possuem certa relação com o clima. Nos climas frios da Ásia, nascem, como na Europa, mais meninos do que meninas. É esta, dizem os lamas, a razão da lei que permite entre eles que uma mulher tenha vários maridos. Mas não creio que existam muitos países onde a desproporção seja grande o suficiente para que exija que se introduza a lei de várias mulheres, ou a lei de vários maridos. Isto significa apenas que a pluralidade das mulheres, ou até a pluralidade dos homens, está menos distante da natureza em certos países do que em outros. Confesso que se o que dizem os relatos fosse verdade, que no Bantam há dez mulheres para um homem, seria um caso muito particular de poligamia. Em tudo isto, não justifico essas práticas, mas compreendo-lhes os motivos. (ibid, p.196)

O Livro 17, intitulado de “Como as leis da servidão política se relacionam com o clima”, o autor pretende demonstrar que a servidão política tanto quanto a civil, é influenciada (depende do) pelo clima. Montesquieu usa imprecisamente o termo “depende”, o que é um prato cheio para a crítica salivante pelo exagero e pela busca (será eterna e improfícua) ao determinismo absoluto. Nesse livro é sugerida uma relação entre coragem e clima, e entre regime de governo e clima. Sobre a coragem é dito que:

Já dissemos que o grande calor cansava a força e a coragem dos homens e que nos climas frios certa força de corpo e de espírito tornava os homens capazes de ações longas, penosas, grandes e arriscadas. Podemos observar tal coisa não só de nação a nação, mas também no mesmo país, de uma parte a outra. Os povos do norte da China são mais corajosos do que os do sul; os povos do sul da Coréia não o são tanto quanto os do norte. Portanto, não nos

devemos espantar de que a covardia dos povos dos climas quentes os tenha quase sempre tornado escravos e a coragem dos povos dos climas frios os tenha mantido em liberdade. É um efeito que deriva de sua causa natural. Tal coisa também se verificou na América; os impérios despóticos do México e do Peru estavam próximos do equador, e quase todos os pequenos povos livres estavam e ainda estão perto dos pólos.(ibid, p.205)

As diferenças culturais, econômicas e naturais entre a Ásia e a Europa sempre foram alvo de um estudo obsessivo por parte dos Europeus. Montesquieu segue a tradição hipocrática e de outros gregos ao focar a coragem e o despotismo, e como em sua época havia mais conhecimentos desses dois continentes, as descrições do clima são mais detalhadas, e esses detalhes levaram o autor a generalizar menos e tornar mais complexa a relação entre o clima e aqueles atributos. Sobre a descrição e análise do clima asiático e do clima Europeu, não existe nenhum equívoco, são mais sofisticadas que muitas análises de climatólogos atuais. Todavia, o problema logicamente está na premissa implícita em seus argumentos: o clima molda o caráter, em um continente onde áreas climáticas contrastam fortemente com o seu entorno próximo, haverá então mais guerras, com os fortes solapando os fracos, e conduzindo as nações ao despotismo. Menos pela associação pitoresca, e mais pela riqueza da descrição climática, optou-se pela citação de todo o capítulo III e IV:

CAPÍTULO III: Do clima da Ásia. Os relatos contam-nos que "o norte da Ásia, este vasto continente que vai do quadragésimo grau, mais ou menos, até o pólo, e das fronteiras da Moscóvia até o mar Oriental, está num clima muito frio; que esse território imenso está dividido do oeste para o leste por uma cadeia de montanhas que deixam ao norte a Sibéria e ao sul a grande Tartária; que o clima da Sibéria é tão frio, que, salvo alguns lugares, ela não pode ser cultivada; e que, ainda que os russos possuam estabelecimentos ao longo do Irtis, não cultivam nada; que só nascem nesse país alguns pequenos abetos e arbustos; que os nativos do país estão divididos em pequenos povos miseráveis que são como os do Canadá; que a razão desse frio é, por um lado, proveniente da altitude do terreno e, por outro, devida ao fato de que à

medida que caminhamos do sul para o norte, as montanhas vão se aplainando, de sorte que o vento do norte corre por todos os lugares sem encontrar obstáculo; que esse vento, que torna a Nova Zelândia²⁸² [sic, sic] [Em outra tradução, inglesa, aparece como “Nova-Zembia”] inabitável, soprando na Sibéria, torna-a inculta; que na Europa, pelo contrário, as montanhas da Noruega e da Lapônia são avenidas admiráveis que protegem

²⁸² Não que eu esteja exigindo pós-doutorado em Geografia ou “cultura de almanaque” (aliás, muito se tem criticado alguns geógrafos com esse invejoso rótulo, mas se vê das mesmas pessoas elogios e certa admiração contida por aqueles que demonstram ampla cultura) por parte do tradutor, mas não se pode aplaudir a proeza de transladar a Nova Zelândia ao Ártico! O problema é que o leitor desavisado, ou que não consulte outras traduções, pode ser vítima desse grassante equívoco e julgar Montesquieu por incompetência em questões climáticas. Em tempo: Nova Zembla (em russo Новая Земля, [Novaia Zemlia], significa “Terra Vova”. É um arquipélago ártico russo localizado próximo ao Mar de Barents. Seria um grande desafio para a climatologia se tivesse que explicar os mecanismos que pudessem levar os ventos do Ártico para a Nova Zelândia. Os dragões de Komodo, na Indonésia, com certeza suspiram aliviados com o erro do tradutor, pois estão de fato muito longe dos gélidos ventos do Ártico. Ponderar um equívoco geográfico de um linguísta ou literato tradutor é possível, mas obras clássicas não podem ter sua compreensão dificultada por um desconhecimento tão básico: o de não saber que Nova Zelândia, em francês, é “Nouvelle Zélande”. Como quem revisa a tradução é provavelmente um bacharel em direito ou de áreas afins, o grotesco equívoco geográfico permanece. Ressalte-se ainda que no texto se fala em “Nova Zelândia inabitável”. O fato de não haver àquela época “Wikipédia” e tradutores de idioma na internet não exime o tradutor/revisor de responder pela falta de rigor com a precisão geográfica do texto. Toda essa ironia é para mostrar como é problemático ler traduções, quando se busca precisão do conhecimento. Imagine-se então quantos engodos podem emergir de análises pautadas meramente em traduções. Confesso que pensei até mesmo em desistir da análise de Hipócrates, pois ao não ler grego clássico, tive que me contentar com modestíssima e acanhada análise de uma tradução obtusa (não por demérito do tradutor, mas pelas dificuldades inerentes a esta espécie de desafio) cujos termos climáticos eram os mais comprometidos pela real dificuldade de transpor idéias de uma “língua morta”, de um universo peculiar e distante, para o sistema de signos de uma língua latina 2000 anos mais tarde. Tudo em apenas um ditado: todo cuidado é pouco. Quanto aos tradutores de EL, após escrever este rodapé vim a saber que se trata de Fernando Henrique Cardoso e Leôncio Martins Rodrigues. Geografia ou definitivamente não é o forte dos políticos deste país ou a revisão da tradução foi feita às pressas, o que é mais plausível, pois “viajando Henrique Cardoso” confirmou em suas viagens o que já sabia: que a Nova Zelândia não era, nos tempos de Montesquieu, um país inabitável e localizado no Ártico.

deste vento os países do norte; que isto faz com que em Estocolmo, que está a cinquenta e nove graus de latitude, mais ou menos, a terra produza frutas, grãos e plantas; e que em torno de Abo, que se encontra no sexagésimo primeiro grau, assim como em torno dos graus sessenta e três e sessenta e quatro, existem minas de prata e a terra é bastante fértil". Podemos ver ainda nos relatos "que a grande Tartária, que está ao sul da Sibéria, também é muito fria; que o país não é cultivado; que só podemos encontrar pastos para os rebanhos; que não crescem árvores, mas alguns arbustos espinhosos, como na Islândia; que existem perto da China e da Mongólia alguns países onde cresce uma espécie de sorgo, mas que o trigo e o arroz não conseguem amadurecer; que são raros os lugares na Tartária chinesa, nos 43°, 44° e 45° graus, onde não gele durante sete a oito meses por ano; de sorte que ela é mais fria do que a Islândia, ainda que devesse ser mais quente do que o sul da França; que não existem cidades, exceto quatro ou cinco em direção ao mar Oriental e algumas que os chineses, por razões políticas, construíram perto da China; que no restante da grande Tartária só existem algumas cidades localizadas na região de Boukhara, no Turquestão e no Kharezm; que a razão desse frio extremo vem da natureza do solo nitroso, cheio de potássio e arenoso, e, além disso, da altitude do terreno. O p. Verbiest tinha achado que certo lugar, a oitenta léguas ao norte da grande muralha, perto da fonte de Kavamhuran, excedia a altitude da beira do mar; perto de Pequim, em três mil passos geométricos; que essa grande altitude é a causa que faz com que, embora quase todos os grandes rios da Ásia tenham sua fonte no país, falte água, de modo que só pode ser habitado perto dos rios e dos lagos". Dados estes fatos, raciocino da forma seguinte: a Ásia não possui, propriamente, uma zona temperada; e os lugares situados num clima muito frio tocam imediatamente aqueles que estão num clima muito quente, ou seja, a Turquia, a Pérsia, a Mongólia, a China, a Coreia e o Japão. Na Europa, pelo contrário, a zona temperada é bastante extensa, embora esteja situada em climas muito diferentes entre si, não havendo relação entre os climas da Espanha e da Itália e os da Noruega e da Suécia. Mas como o clima vai se tornando insensivelmente frio indo do sul para o norte, mais ou menos na proporção da latitude de cada país, acontece que cada país é mais ou menos parecido com aquele que é seu vizinho e não há uma diferença notável entre eles e, como acabo de dizer, a zona temperada é muito extensa. Daí resulta que, na Ásia, as nações opõem-se às nações como o forte se opõe

ao fraco; os povos guerreiros, bravos e ativos, tocam imediatamente povos efeminados, preguiçosos, tímidos: logo, é necessário que um seja conquistado e o outro conquistador. Na Europa, pelo contrário, as nações opõem-se como o forte ao forte; aquelas que se tocam têm mais ou menos a mesma coragem. Esta é a grande razão da fraqueza da Ásia e da força da Europa, da liberdade da Europa e da servidão da Ásia, causa esta que não conheço quem tenha reparado. É isto o que faz com que na Ásia a liberdade nunca aumente; ao contrário, na Europa ela aumenta ou diminui segundo as circunstâncias. Se a nobreza moscovita tivesse sido reduzida à servidão por um de seus príncipes, veríamos sempre sinais de impaciência que os climas do sul não demonstram. Não vimos o governo aristocrático estabelecer-se ali durante alguns dias? Se um outro reino do norte perder suas leis, podemos confiar no clima, ele não as perdeu de maneira irrevogável. CAPÍTULO IV: Conseqüência de tudo isso: O que acabamos de dizer combina com os acontecimentos da história. A Ásia foi subjugada treze vezes; onze vezes pelos povos do norte, duas vezes pelos do sul. Nos tempos remotos, os citas conquistaram-na três vezes; depois, os medas e os persas uma vez cada um; os gregos, os tártaros, os mongóis, os turcos, os árabes, os persianos e os aguanos. Só me refiro à alta Ásia e nada digo das invasões feitas no resto do sul dessa parte do mundo que sofreu continuamente revoluções muito grandes. Na Europa, pelo contrário, conhecemos apenas, desde o estabelecimento das colônias gregas e fenícias, quatro grandes mudanças: a primeira causada pela conquista dos romanos; a segunda, pelas inundações dos bárbaros que destruíram estes mesmos romanos; a terceira, pelas vitórias de Carlos Magno; e a última pelas invasões dos normandos. E, se examinarmos bem isto, encontraremos, nestas próprias mudanças, uma força geral espalhada por todas as partes da Europa. Sabemos da dificuldade que os romanos encontraram para conquistar a Europa e da facilidade que tiveram para invadir a Ásia. Conhecemos as dificuldades que os povos do norte tiveram para derrubar o império romano, as guerras e os trabalhos de Carlos Magno, as diversas tentativas dos normandos. Os destruidores eram destruídos incessantemente. (ibid, p.206)

O Livro 18, intitulado “Das leis em suas relações com a natureza”, tem como idéia principal a relação entre fertilidade do solo com o caráter do povo e com o

regime de governo. Montesquieu fala de povos asiáticos, europeus, e também da América. Compara a liberdade dos Árabes com a servidão dos tártaros, contrasta a liberdade de povos insulares e não-insulares, fala da relação entre clima e a descoberta de metais, da abundância americana como desvantagem, etc. Juntamente como o livro 14, que será especialmente analisado, formam a parte mais geográfica do livro, pelas simples razão de ali aparecer uma teoria que avança, com saltos e quedas, na direção de uma antropogeografia, e que toca em questões que envolvem a relação homem-meio. A Geografia jamais prescindirá dessa relação, a menos que o futuro da terra seja digno de ficção científica, com humanos conquistando total independência da natureza por meio de uma bolha virtual dentro do mundo da informática, na qual vivem a partir de cliques e downloads de alimentos e demais bens de consumo.

Aproveito para dizer que considero que há um lado tolo e insensato nas discussões teóricas sobre o objeto de estudo da Geografia. A Geografia é aquilo que os geógrafos fazem dela, e criticar vertentes e abordagens de estudo significa restringir seus tentáculos e rebaixá-la a um patamar ainda mais baixo do que costuma aparentar aos olhos de outros profissionais. Nunca compreendi o sentido de todo quiproquó em torno da Geografia como relação homem-meio, diferenciação de áreas, leitura da paisagem, mera descrição e poesia. Quem nunca viu ao menos uma bela obra em cada uma dessas molduras? Há Picassos e Monets em todo tipo de moldura. O que importa é o conteúdo, não a forma, nem o suporte. Ou não existem felizes e infelizes tratados descritivos? É grave o problema que emana do estigma atrelado a tudo que foi produzido antes da “Geografia crítica” como sendo alienado, descritivo, adialético. Há geógrafos cuja principal “pulsão de vida” acadêmica parece ser a de buscar trabalhos na Geografia que não sejam “geográficos” por terem ignorado alguns preceitos canonizados pelo comitê em prol da “essência pura da nossa Geografia”. Num mundo onde o conhecimento adquire um nível de complexidade sem precedentes, por meio de uma crescente consciência das inter-relações, a discussão sobre o que é ou não geográfico constitui-se, no mínimo, numa mera diversão retórica com a finalidade de evidenciar a “cultura ampla”, “a capacidade de julgamento”, um

certo “bird’s eye view” dos seus debatedores e os méritos da “verdadeira Geografia”, aquela realizada pelos membros do Politburo.

Parece ser impensável a muitos Geógrafos a idéia de que todas as geografias já feitas na história do conhecimento são de alguma forma complementares, inevitáveis em seu contexto e não conflitantes. Se algumas já não são capazes de explicar a realidade atual, não deveria haver motivos para descartá-las. Se a realidade atual demanda outras geografias necessárias, ótimo assim, mas que não se excluam as outras geografias que nasceram de outros contextos históricos e sócio-culturais e que em alguns casos, são ainda atuais. Como disse, há um lado tolo, e dessa forma há de haver o lado útil e fundamental para o avanço da Geografia em termos filosóficos, metodológicos e teóricos. A questão não deve cessar, contudo não é a mais importante e deveria ser reavaliada em suas respostas, diante da verdadeira natureza do conhecimento que vai aos poucos ficando clara aos personagens do mundo acadêmico.

Retomando a discussão do livro 18, os capítulos 1 e 2 trazem a explicação de como a natureza do terreno, ou seja, a qualidade do solo, influi sobre as leis:

A excelência das terras de um país nele estabelece naturalmente a dependência. As pessoas do campo, que compõem a parte principal do povo, não são tão ciosas de sua liberdade; estão muito ocupadas e sobrecarregadas com seus negócios particulares. Um campo repleto de bens teme a pilhagem, teme um exército. "Quem forma o bom partido?", pergunta Cícero a Ático. "Serão as pessoas do comércio e do campo, a não ser que imaginemos que se opõem à monarquia, eles, para quem todos os governos são iguais, contanto que os deixem tranquilos?" Assim, o governo de um só encontra-se mais vezes nos países férteis e o governo de vários nos países que não o são: o que é algumas vezes uma compensação. A esterilidade do solo da Ática estabeleceu ali o governo popular, e a fertilidade do solo da Lacedemônia, o governo aristocrático. Pois, naqueles tempos, não se queria na Grécia um governo de um só: ora, o governo aristocrático se relaciona mais com o governo de um só. Plutarco diz-nos "que tendo sido acalmada a sedição Ciloniana em Atenas, a cidade voltou a cair em suas antigas dissensões, e se dividiu em tantos partidos quantos eram os tipos de território da Ática. As pessoas da montanha queriam a todo custo o governo popular; as da planície

pediam o governo dos principais; as que estavam perto do mar eram favoráveis a um governo misto dos dois. As regiões férteis são planícies onde não se pode disputar nada ao mais forte: logo, nos submetemos a ele; e, quando lhe estamos submetidos, o espírito de liberdade não consegue voltar; os bens do campo são uma garantia de fidelidade. Mas, nos países de montanhas, pode-se conservar o que se tem, e pouco se tem para conservar. A liberdade, ou seja, o governo do qual se goza, é o único bem que merece ser defendido. Assim, ela reina mais nos países montanhosos e difíceis do que naqueles que a natureza parecia ter mais favorecido. Os montanhese conservam um governo mais moderado porque não estão tão fortemente expostos à conquista. Defendem-se facilmente, são dificilmente atacados; as munições de guerra e os víveres são reunidos e levados contra eles com muita despesa; o país não as fornece. Logo, é mais difícil fazer a guerra contra eles, mais perigoso empreendê-la; e lá são menos empregadas as leis feitas para a segurança do povo” (ibid, p. 211)

No capítulo 3, Montesquieu inverte a lógica atual da relação fertilidade do solo/população ao se referir ao espaço geográfico de sua época, concluindo que fatores culturais, como leis militares, podem alterar as características que emergem de influências naturais, da mesma forma que faz Hipócrates ao analisar a relação entre despotismo e natureza na Ásia:

Os países não são cultivados em razão de sua fertilidade e sim em razão de sua liberdade; e se dividirmos a terra com o pensamento ficaremos espantados de ver a maior parte do tempo desertos em suas partes mais férteis e grandes povos nas partes onde o solo parece tudo negar. É natural que um povo deixe um país ruim para procurar outro melhor e não que deixe um bom país para procurar outro pior. A maioria das invasões é feita, então, nos países que a natureza tinha criado para que fossem felizes; e, como nada está mais próximo da devastação do que a invasão, os melhores países são os mais freqüentemente despovoados, enquanto que o horrível país do norte fica sempre desabitado, porque é quase inabitável. Podemos ver, pelo que contam os historiadores da passagem dos povos da Escandinávia para as margens do Danúbio, que não se tratava de uma conquista, mas somente de uma transmigração para terras desertas. Estes climas felizes tinham, então,

sido despovoados por outras transmigrações, e não conhecemos as coisas trágicas que lá aconteceram. "Parece por vários monumentos", conta Aristóteles, "que a Sardenha é uma colônia grega. Outrora, ela era muito rica, e Aristeu, de quem tanto louvaram o amor da agricultura, deu-lhe leis. Mas ela decaiu muito desde então, cartagineses se tornaram seus senhores, eles destruíram tudo o que podia torná-la boa para a alimentação dos homens e proibiram, sob pena de morte, que sua terra fosse cultivada." A Sardenha não se restabelecera na época de Aristóteles e hoje ainda não se restabeleceu. As partes mais temperadas da Pérsia, da Turquia, da Moscóvia e da Polônia não conseguiram restabelecer-se das devastações dos grandes e dos pequenos tártaros. Novos efeitos da fertilidade e da esterilidade do país A esterilidade das terras torna os homens industriais, sóbrios, persistentes no trabalho, corajosos, próprios para a guerra; é preciso que obtenham o que a terra nega. A fertilidade de um país proporciona, com o conforto, a indolência e certo amor à conservação da vida. Observou-se que as tropas da Alemanha, recrutadas nos lugares onde os camponeses são ricos, como na Saxônia, não são tão boas quanto as outras. As leis militares podem sanar este inconveniente por meio de uma disciplina mais severa. (ibid, p.212)

Nesse capítulo Montesquieu toca numa questão de grande apelo popular e que goza de certa aprovação: a riqueza natural como maldição histórica. São inúmeros os historiadores que consideram a abundância brasileira como uma das causas do estágio tecnicamente menos avançados dos autóctones, e do baixo desenvolvimento brasileiro nos primeiros séculos de colonização. Essa relação inversa entre riqueza natural e desenvolvimento é uma crença bastante popular entre os autores rotulados de deterministas. Quanto a ela, apenas o seu cerne resiste a qualquer crítica: a qualidade e quantidade dos recursos naturais influencia o desenvolvimento, por diversas vias e de maneira ameaçadoramente complexa.²⁸³

²⁸³ Quem é capaz de não reconhecer que países costeiros em águas piscosas tiveram parte de sua economia dirigida/encaminhada para a pesca e comercialização de seus produtos? É apenas nesse sentido "light" e nada controverso que se pode falar em "determinação", termo cuja imprecisão e impertinência do uso nesse caso da pesca apenas colabora para alimentar os fetiches da crítica. Quando falo em "light", quero dizer que o termo "determinismo", nesse caso, indica não mais do que um mero encaminhamento natural de uma economia que, ao constatar a existência de um recurso e ter

O capítulo sete traz um argumento perspicaz, frequentemente esquecido pela crítica ao determinismo”e aos que se arrogam o direito de subjugar a natureza fingindo terem um poder maior do que realmente têm em face das forças naturais:

Os homens, com seus cuidados e com boas leis, tornaram a terra própria para ser sua morada. Vemos rios correrem onde havia lagos e charcos; é um bem que a natureza não criou, mas é mantido pela natureza.[em outras palavras: não importa quão monumental a obra humana, a existência e manutenção dessa obra sempre dependerá, em última instância, de uma ou mais forças naturais. Nesse caso, criaram-se rios, mas não se criou a água que corre neles, e de nada adiantaria criá-los caso o clima mudasse a ponto de não mais chover.] Quando os persas, eram os senhores da Ásia, permitiam àqueles que levassem água de fonte para algum lugar que não tivesse ainda sido regado que dele usufríssem durante cinco gerações; e como brotam muitos riachos do monte Taurus não pouparam nenhuma despesa para dele trazer a água. Hoje, sem saber de onde ela pode vir, encontramos-la nos seus campos e nos seus jardins. Assim, da mesma forma como existem nações destruidoras que fazem males que duram mais do que elas, existem nações industriosas que fazem bens que não acabam nem mesmo quando elas desaparecem. (ibid, p. 213)

Sem querer entrar nas explicações de minhas visões tão estreitas e simplistas²⁸⁴ da Geografia pré-Geografia crítica, confesso que essa citação anterior me surpreende

condições de explorá-lo, teve parte de sua matriz “determinada” pela existência de águas piscosas. Ou por acaso existe algum caso de país que, ao encontrar valiosos recursos naturais, ignoraram o fato e saíram pular carnaval ou entregaram a exploração para outro país? Assim como é consenso o fato de que a descoberta do pré-sal mudará os rumos da economia brasileira em alguns aspectos, muitas outras afirmações dos “deterministas” também vão nessa direção, mas por rótulo e preconceito histórico são ridicularizadas como pífias e descartadas sem detida análise.

²⁸⁴ Essa visão simplista da Geografia tradicional e de tudo que veio anteriormente a ela, perdurou até o momento em que o “ensaio de minha cegueira” perdeu sua força preconceituosa no momento em que abri pela primeira vez livros de geógrafos das “outras geografias”, das “quase-geografias-pitorescas-bonitinhas-poéticas-do-lado-de-lá”, taxadas de alienadas e ingênuas, como foi o caso de Aroldo de Azevedo, Brunhes e Huntington, autores que rasgaram as cortinas acadêmicas que me perseguiram e

pela perspicácia do autor de “tempos tão antigos”, que “incrivelmente” 200 anos antes da super-Geografia-ultracrítica²⁸⁵ é capaz de elaborar tão “refinada” análise.

No capítulo IX Montesquieu sugere uma relação simplista entre a quantidade de povos selvagens na América e o solo fértil e produtivo. Não explica o que entende por América, então se pode apenas especular. Ainda assim, sua proposição é a mesma de muitos outros deterministas, e relaciona-se à disseminada crença, ainda viva atualmente, de que a fartura da terra leva à acomodação, preguiça e falta de engenhosidade, uma vez que os meios de sobrevivência estão garantidos sem maiores esforços:

O que faz com que existam tantas nações selvagens na América é que a terra produz sozinha muitas frutas com as quais nos podemos alimentar. Se as mulheres cultivarem em torno da cabana um pedaço de terra, logo vem o milho. A caça e a pesca acabam de dar aos homens a abundância. Além do mais, os animais que pastam, como os bois, os búfalos, etc, se dão melhor ali do que os animais carnívoros. Estes sempre dominaram na África. Penso que não teríamos todas estas vantagens na Europa se deixássemos a terra inculta; só nasceriam florestas, carvalhos e outras árvores estéreis. (ibid, p.214)

Sobre o livro 14, intitulado “Das leis na relação que elas têm com o clima”, este constitui-se no mais interessante dos livros da obra “do espírito das leis”, na impossibilidade de se citar todo ele, foi escolhido o capítulo I para aparecer na íntegra, enquanto que alguns outros capítulos serão comentados resumidamente. O Capítulo I

privavam-me do status de platéia atônita diante do espetáculo do grande musical que é a Geografia pré-Geografia-crítica. O nome desse musical, segundo os rotuladores dessa “Geografia-dos-afluentes-do-rio-Amazonas”, bem poderia ser “les (geographers) miserables” ou “A Geografia fantasma da ópera”. Mas esse título poderia estar encobrindo uma história que nada agradaria aos críticos da “Geografia-avoadade-tempos-idos”.

²⁸⁵ Os notáveis e desejados avanços da chamada “Geografia crítica” simplesmente não implicam no descrédito ou demérito das geografias anteriores e aí está o equívoco daqueles que na empolgação se vangloriavam pela comparação improcedente ao que foi realizado anteriormente. Paradigmocentrismo é uma moléstia com consequências bastante graves.

traz uma explicação geral das diferenças entre os povos de climas frios, temperados e quentes. Primeiro há uma descrição contrastante das influências do ar frio e do ar quente sobre a fisiologia do corpo. Na sequência iniciam-se as comparações entre os “povos do sul” (dos climas mais quentes) “ e os “povos do norte” (das regiões frias). Note-se bem que os povos do sul, de clima mais quente, não são os habitantes do novo mundo tropical, nem dos asiáticos ou africanos que vivem nos trópicos. Os povos do sul são os mediterrânicos. Montesquieu cita a Inglaterra como exemplo de povos do norte. Curiosamente, ao final do texto, menciona as “regiões temperadas”, não atribuindo qualidades, mas sim, alguns defeitos na sua condição de clima intermediário que gera inconstâncias no povo. É bastante questionável a polêmica em torno da exaltação dos povos do norte, francos, corajosos, mais equilibrados, em detrimento do sul passional, preguiçoso e super-sexuado e sem nenhum nobre empreendimento. Tal caracterização é similar à realizada por seus antecessores e por Hipócrates, e trata-se do talvez mais famoso “bordão determinista”.

A partir dessa leitura de Montesquieu, vários outros autores seguiram-se e influenciaram a visão estrangeira de Brasil, e até mesmo na visão dos próprios brasileiros. Uma boa resposta irônica a esses argumentos que pintam o Brasil como uma terra de gente ultra-erotizada e cujo comportamento tudo é possível para se alcançar o fim último do prazer sexual, é o a música de Chico Buarque “Não existe pecado do lado de baixo do Equador”. O capítulo I, apesar de mais específico e preciso que o de Hipócrates, também peca pela imprecisão e inespecificidade dos países e povos analisados e pela abordagem do clima que falha em mencionar a influência da dinâmica da atmosfera, da marcha das estações e da influência constante sobre a saúde, fenômenos esses curiosamente mais comentados por Hipócrates, 2000 anos antes.

O ar frio encolhe as extremidades das fibras exteriores do nosso corpo; isto aumenta sua elasticidade e favorece ao retomo do sangue das extremidades para o coração. Ele diminui o comprimento destas mesmas fibras; logo, neste sentido, aumenta sua força. O ar quente, ao contrário, dilata as extremidades das fibras e as alonga; logo, diminui sua força e sua elasticidade. Temos, então, mais vigor nos climas frios. A ação do coração e a reação das

extremidades das fibras são mais bem feitas, os líquidos estão em melhor equilíbrio, o sangue é mais determinado em direção ao coração e, reciprocamente, o coração tem mais potência. Esta força maior deve produzir muitos efeitos: por exemplo, mais confiança em si mesmo, ou seja, mais coragem; mais conhecimento de sua superioridade, ou seja, menor desejo de vingança; melhor opinião sobre sua segurança, ou seja, mais franqueza, menos suspeitas, política e astúcia. Enfim, isto deve formar caracteres bem diferentes. Coloquem um homem num lugar quente e fechado, ele sofrerá, pelas razões que acabo de descrever, uma fraqueza muito grande no coração. Se, nestas circunstâncias, formos propor uma ação arriscada, penso que o acharemos muito pouco disposto; sua fraqueza presente provocará certo desencorajamento em sua alma; temerá tudo, porque sentirá que não pode nada. Os povos dos países quentes são tímidos assim como os velhos; os dos países frios são corajosos como os jovens. Se prestarmos atenção às últimas guerras, que são aquelas que temos mais presentes e nas quais podemos ver melhor certos efeitos leves, imperceptíveis de longe, poderemos perceber bem que os povos do norte, transportados para os países do sul, lá não fizeram ações tão belas: quanto as de seus compatriotas que, combatendo em seu próprio clima, gozavam de toda a sua coragem. A força das fibras dos povos do norte faz com que os mais grosseiros sucos sejam tirados dos alimentos. Disto resultam duas coisas: uma, que as partes do quilo ou da linfa são mais próprias para serem aplicadas às fibras, por causa de sua grande superfície, e para nutri-las; outra, que elas são menos próprias, devido a sua grossura, a dar certa sutileza ao suco nervoso. Logo, estes povos terão corpos grandes e pouca vivacidade. Os nervos, que desembocam de todos os lados no tecido de nossa pele, formam cada um feixe de nervos. Normalmente, não é todo o nervo que é tocado; e sim uma. Parte infinitamente pequena dele. Nos países quentes, onde o tecido da pele é solto, as pontas dos nervos estão abertas e expostas à menor ação dos objetos mais fracos. Nos países frios, o tecido da pele é apertado e os mamilos comprimidos: os pequenos chumaços estão, de alguma forma; paráliticos; a sensação só passa para o cérebro quando ela é extremamente forte e de todo o nervo em conjunto. Mas é de um número infinito de pequenas sensações que dependem a imaginação, o gosto, a sensibilidade e a vivacidade. Esta observação confirma o que havia dito, que, nos países frios, os chumaços nervosos estão menos desenvolvidos: eles afundam no tecido,

onde estão abrigados da ação dos objetos exteriores. Assim, as sensações são menos vivas. Nos países frios, se terá pouca sensibilidade para os prazeres; esta será maior nos países temperados; nos países quentes, será extrema. Assim como distinguimos os climas pelos graus de latitude, poderíamos distingui-los, por assim dizer, pelos graus de sensibilidade. Assisti às óperas da Inglaterra e da Itália; são as mesmas obras e os mesmos atores: mas a, mesma música produz efeitos tão diferentes sobre as duas nações, uma é tão calma, a outra tão emocionada, que parece inconcebível. Acontecerá o mesmo; com, a dor: ela é excitada em nós pelo dilaceramento de alguma fibra de nosso corpo. O autor da natureza, estabeleceu que esta dor seria tanto mais forte quanto maior fosse o estrago, ora, é evidente, que os grandes corpos e fibras grosseiras dos povos do norte são menos sujeitos a estragos do que as fibras delicadas dos povos dos países quentes; logo naqueles, a alma é menos sensível à dor. É preciso esfolar um moscovita para dar-lhe algum sentimento. Com essa delicadeza de órgãos que se tecem nos países quentes, a alma é soberanamente comovida por tudo que tem relação com a união dos dois sexos: tudo conduz a este objetivo. Nos climas do norte, o físico do amor mal tem força para tornar-se bem sensível; nos climas temperados, o amor, acompanhado de mil acessórios, torna-se agradável por coisas que primeiro parecem ser ele mesmo, mas ainda não são; nos climas mais quentes, ama-se o amor, por ele mesmo; ele é a única causada felicidade; é a vida. Nos países do sul, uma máquina delicada, fraca, mas sensível, livra-se a um amor que, num serralho, nasce e se aplaca incessantemente; ou então a um amor que, deixando às mulheres uma maior independência, está exposto a mil distúrbios. Nos países do norte, uma máquina sã e bem constituída, mas pesada, encontra seus prazeres em tudo o que pode movimentar os espíritos: à caça, as viagens, à guerra, o vinho. Encontrar-se-ão nos climas do norte povos que têm poucos vícios, bastantes virtudes, muita sinceridade e franqueza. Aproximemo-nos dos países do sul e acreditaremos afastar-nos da própria moral: paixões mais vivas multiplicarão os crimes; todos tentarão ter sobre os outros todas as vantagens que podem favorecer essas mesmas paixões. Nos países temperados, encontraremos povos inconstantes nas maneiras, em seus próprios vícios e em suas virtudes; ali o clima não tem uma qualidade suficientemente determinada para fixá-los. O calor do clima pode ser tão excessivo que o corpo estará completamente sem forças. Então o abatimento passará para o próprio

espírito; nenhuma curiosidade, nenhuma iniciativa nobre, nenhum sentimento generoso; as inclinações serão todas passivas; a preguiça será a felicidade; a maioria dos castigos serão difíceis de suportar do que a ação da alma, e a servidão menos insuportável do que a força de espírito necessária para conduzir a si mesmo. (ibid, p. 173)

Aparentemente, a idéia sublinhada parece ser um avanço de Montesquieu em relação à tradição clássica, pois não concebe o clima temperado como aquele que reúne o melhor de cada um dos climas vizinhos, ao sul e ao norte. Também não enaltece a variação dos tipos de tempo e das estações do ano²⁸⁶ Sobre esta passagem, Glacken afirma que “*At this point, Montesquieu makes a significant departure from the traditional view that temperate climates bring about a harmonious blending of the best qualities of the extremes.*” (GLACKEN, 1967, p. 570). Juntamente com essa nova qualificação do clima temperado há um equívoco climático de Montesquieu, pois todos os “climas do norte” mencionados por ele abarcam, na verdade, países de clima temperado. Assim, ao enaltecer os países do norte, está na verdade mais uma vez “elogiando” o “clima temperado”, assim como fizeram os gregos.

A cruz da questão é saber o que cada autor concebe como “temperado”. Hipócrates parecia se referir ao clima da Grécia e da Jônia, tido como o “melhor”, em contraste com os excessos dos climas frio do norte e quentes do sul. Montesquieu, segundo Glacken, entende por temperado o clima da França, apenas, enquanto que os climas da Inglaterra, Alemanha, países escandinavos e do báltico seriam os “climas do norte”. Segundo as notas na tradução usada nesta tese, os países do norte seriam Inglaterra, Alemanha e Holanda, enquanto os países do sul compreenderiam Espanha e Itália.

Assim, Montesquieu critica o clima temperado, mas essa crítica não se estende de fato a todos os países de clima temperado oceânico da Europa ocidental, mas apenas a sua própria nação, a França. Contrariando a expectativa dos críticos, Montesquieu está longe de um suposto etnocentrismo, pois não defende a superioridade do clima Francês, nem o descreve como concentrando as qualidades dos

²⁸⁶ Chamados de “change of the seasons” pelo tradutor da obra “ares, águas e lugares”.

climas da Espanha ao sul e da Inglaterra ao norte. Há, todavia, algumas imprecisões na classificação climática desses países. A metade norte da França coincide com a metade sul da Alemanha. A Holanda está poucos graus ao norte da França, e o norte da Itália coincide com o sul da França. Entre o norte da França e o sul da Alemanha não há um contraste climático suficiente para explicar as marcantes diferenças descritas por Montesquieu, erro este também cometido por Hipócrates, ao aludir a regiões com climas similar ao norte do Cáucaso.

Independentemente de como cada autor tenha entendido o clima temperado, permanece nos dias de hoje, pela influência de Montesquieu e seus seguidores, e também pelas obras de Ratzel, Huntington, Semple, Taylor e seus sucessores, a idéia de uma Europa do norte e dos EUA do norte como modelos e referências em diversos aspectos sócio-econômicos e culturais, e cujo clima teria tido um importante papel na emergência e manutenção dessas qualidades.

Liga-se a essa visão eurocêntrica a idéia da degeneração dos brancos nos trópicos, que envolve, segundo Darcy Ribeiro e Gilberto Freyre, certa ideologia eurocêntrica, imperialista. Essa idéia está presente em *Espírito das Leis*, quando o autor explica que *“Os indianos são naturalmente sem coragem; os próprios filhos dos europeus nascidos nas índias perdem a coragem que teriam em seu clima A natureza, que deu a estes povos uma fraqueza que os torna tímidos, deu-lhes também uma imaginação tão viva que tudo os impressiona em excesso. Esta mesma delicadeza de órgãos que os faz temer a morte também serve para fazê-los temer mil coisas mais do que a morte. A mesma sensibilidade faz com que fujam de todos os perigos e com que enfrentem a todos.”*(ibid, p. 175)

Dando sequência a essas idéias, Montesquieu dá a entender que a cultura pode compensar a deficiência natural ao citar a necessidade de leis sábias para governar os povos de climas quentes e abrandar-lhes as afecções negativas: *“Assim como uma boa educação é mais necessária para as crianças do que para aqueles cujo espírito já está maduro, assim também os povos desses climas têm mais necessidade de um legislador sábio do que os povos do nosso. Quanto mais somos fácil e fortemente*

impressionados, mais é importante que o sejamos de uma forma conveniente, não aceitemos preconceitos e sejamos conduzidos pela razão”(ibid, p. 175).

O capítulo 5 trata da causa da imutabilidade da religião, dos costumes e das maneiras e leis nos países do oriente e concisamente estabelece que *“Se a essa fraqueza de órgãos com que os povos do Oriente recebem as impressões mais fortes em todo o mundo juntarmos certa preguiça de espírito naturalmente ligada à do corpo, que faça com que esse espírito não seja capaz de nenhuma ação, de nenhum esforço, de nenhuma contenção, compreenderemos que a alma que uma vez recebeu as impressões não pode mais trocá-las. É o que faz que as leis, os costumes e os modos, até mesmo aqueles que parecem indiferentes, coma o modo de se vestir, sejam hoje no Oriente os mesmos de mil anos atrás.”* (ibid, p.175-176).

Após essas idéias dignas de contestação e eivadas de simplificação, Montesquieu aponta ponderadamente que a religião e as leis podem aproximar os homens do trabalho, em climas quentes: *“o cultivo das terras é o maior trabalho dos homens. Quanto mais o clima os leva a fugirem deste trabalho, mais a religião e as leis devem levá-los a ele. Assim, as leis das Índias, que dão todos os temas aos príncipes e retiram dos particulares o espírito de propriedade, aumentam os maus efeitos do clima, ou seja, a preguiça natural.* (ibid, p. 176)

Em outros capítulos há breves menções às relações entre clima e monarquia, bons costumes da China, Meios de encorajar a indústria, sobriedade dos povos e “moléstias climáticas”. Sobre o suicídio, há intrigante capítulo que fala das altas taxas de suicídio verificada entre os ingleses. Para Montesquieu, apesar de ser contrário à natureza e ser condenável, o suicídio não pode ser julgado sem que se entenda antes as causas climáticas de sua ocorrência:

Não podemos encontrar em nenhum ponto nas histórias que os romanos se suicidassem sem razão; mas os ingleses se suicidam sem que se possa imaginar nenhuma razão que os determine, pois se matam no próprio seio da felicidade. Esta ação, entre os romanos, era resultado da educação; estava relacionada com seu modo de pensar e com seus costumes: entre os ingleses, é o resultado de uma doença; está relacionada com o estado físico da

máquina e é independente de qualquer outra causa. Parece que é um defeito de filtragem do suco nervoso; a máquina, cujas forças motrizes se encontram a todo momento sem ação, cansa-se de si mesma; a alma não sente nenhuma dor, e sim certa dificuldade de existir. [esse traço de personalidade, essa visão da vida, esse modo de sentir é recorrente na obra de Fernando Pessoa, principalmente em seu monumento filosófico intitulado “Livro do desassossego”, contudo o gênio português jamais tentou suicídio, e ficou muito abalado com o suicídio do amigo poeta Mario de Sá-Carneiro.] A dor é um mal local que nos leva ao desejo de ver cessar essa dor: o peso da vida é um mal que não tem localização particular e nos leva ao desejo de ver esta vida acabar. É claro que as leis civis de alguns países tiveram razões para estigmatizar o homicídio de si mesmo; mas na Inglaterra ele não pode ser castigado mais do que se castigam os efeitos da demência. (ibid, p. 180)

O leitor deve estar se perguntando sobre a possibilidade de se negar o rótulo de determinista à Montesquieu, diante de tantas afirmações incisivas sobre o papel do clima na modelagem de tantas características do homem, da sociedade e dos governos. Aos que, após a leitura prévia, acharam Montesquieu um determinista que exagera o papel do clima a ponto de ignorar outros fatores, posso afirmar que foram vítimas do recorte seletivo. A obra como um todo se ocupa em noventa por cento de sua discussão com fatores humanos e as leis. Os dez por cento que se dedicam a relação natureza-leis é que se tornou notório na Geografia e entre os debatedores da querela “determinismo”-”possibilismo”. Assim, “O espírito das leis” não é uma obra determinista, o autor tampouco, e mesmo as idéias ambientalistas contidas nos capítulos de 14 a 19 também não podem ser simplificadas pelo rótulo. A visão de Glacken também vai nessa direção e apesar de certo exagero com o termo “determinista dogmático”, faz brilhante observação ao considerar a obra como um ponto de virada na pré-história das ciências sociais e enquanto uma trilha conducente à futura Geografia humana: *“Even if one convicts Montesquieu of a dogmatic determinist – an easy matter, if one considers Books XIV through XVIII of L’Esprit de Lois, harder if one considers the work as a whole – his book nevertheless marks a turning point in the prehistory of the social sciences, laying out a route that ultimately leads to human geography.”* (GLACKEN, 1967, p. 566)

Apesar de proporcionalmente pouco relevante, para Glacken, o argumento climático em Montesquieu não é empregado de maneira incidental e tópica, como os autores iluministas precedentes, mas sim, de forma bastante entranhada no corpo geral da teoria. A importância geral da obra reside na sua discussão de algumas pilstras da torre da filosofia moral, a matriz das futuras ciências sociais. Assim como as obras de Buffon e Herder, vão além de um mero pensamento individual e particular ao mesmo tempo em que são mais pessoais e individuais do que as enciclopédias. Por isso, no final do século XVIII Montesquieu era a autoridade mais citada no estudo das causas físicas da moral, o que não garantia ao filósofo poupar-se de ataques provenientes de segmentos de respeitável tradição intelectual e que não estavam nenhum um pouco interessados em descobrir e entender as relações entre ambiente natural e o ambiente social no qual os homens viviam, formavam nações e decretavam leis. Sobre as resistências à obra Glacken afirma que: *“And even if the the work as a whole did not bind man as closely to the physical milieu and did the individual books on climate, Montesquieu still had said that ‘the empire of the climate is the first, the most powerful, of all the empires’²⁸⁷. Students of jurisprudence did not like to see the law being traced back to temperature²⁸⁸; philosophers objected to what they thought a*

²⁸⁷ Essa citação se encontra no capítulo 14 do livro 19, e em seu contexto referia-se à necessidade de se considerar que o clima é mais eficaz em estimular uma mudança do que o estabelecimento de uma lei que pudesse ferir os hábitos arraigados de uma nação. “O que tornou mais fácil a mudança foi que os costumes de então eram estranhos ao clima e tinham sido ali trazidos pela mistura das nações e pelas conquistas. Pedro I, levando as maneiras e os costumes da Europa para uma nação da Europa, encontrou facilidades que ele mesmo não esperava. O império do clima é o primeiro de todos os impérios. Assim, ele não precisava de leis para mudar os costumes e as maneiras de sua nação: teria sido suficiente que inspirasse outros costumes e outras maneiras.” (MONTESQUIEU, p.238)

²⁸⁸ Esses estudantes tiveram dificuldade em aceitar as influências ambientais nas leis, mas não foram capazes de argumentar contra por meio de uma obra de igual peso e que pudesse demonstrar a total irrelevância do fator climático. Bastante compreensível que juristas queiram ignorar a importância de fatores ambientais, pois são reféns da exacerbada crença ingênua – que ainda permeia o universo jurídico – de que o natural deve ser evitado na medida do possível e de que as leis podem prescindir do natural. Isso pode relacionar-se à cisão do eu e aos processos civilizadores discutidos por Freud, que implicam num apartamento do homem de seu próprio corpo, impulsos e necessidades fisiológicas.

*noisy revival of fatalistic materialism*²⁸⁹. And there was general ridicule as well, surprise at its novelty, and puzzlement.” (GLACKEN, 1967, p.)

Além de reunir alguns tijolos para a futura ciência social e para a geografia humana, a teoria das influências climáticas de EL servem como um guia para as ações humanas de intervenção na natureza e na sociedade.

As fontes das idéias gerais expostas na obra tem como precursores-pilastras a “política” de Aristóteles, teoria dos humores de Hipócrates, São Tomás de Aquino, Bodin e Platão (“As leis”). Os livros climáticos emprestaram suas teorias centrais da obra “An essay concerning the effects of air on human bodies”, de John Arbuthnot, cuja teoria fisiológica serviu de base científica para Montesquieu. Chardin, com seus relatos de viagens, também teve influência decisiva na construção da teoria climática montesquiana.

Sobre a relação com as teorias médicas da antiguidade, em particular com Hipócrates, Montesquieu manteve as três suposições básicas²⁹⁰: 1. O clima influencia o estado físico do corpo humano na forma de contrações e expansões dos nervos e das artérias e veias. 2. As influências físicas, por seu turno, influenciam os estados mentais ou afecções humanas do indivíduo. 3. Essas influências sobre estados mentais se aplicam extensivamente à sociedade como um todo. A primeira suposição é a mais aceita pela ciência. Em torno dela não existem polêmicas em torno de um possível “determinismo” da parte de quem as advoga. A segunda é bastante rejeitada, muitas vezes por preconceitos, outras vezes por falta de convencimento por parte de seus defensores. A terceira afirmação é a mais refutada, pelo seu caráter generalizante, que indutivamente extrapola da influência individual para a coletiva, permitindo contrastar países inteiros em termos do “caráter coletivo” da nação. Da primeira para a terceira afirmação o grau de certeza e a possibilidade de provas despencam vertiginosamente, não sendo possível negar que muitos autores rotulados pela crítica de fato não tenham observado esta verdade com a devida atenção. Contudo, este defeito isolado não

²⁸⁹ Como já foi esclarecido anteriormente, nem mesmo o “determinismo” metafísico implica num fatalismo, segundo alguns filósofos.

²⁹⁰ “Montesquieu’s dishes are from old and well-tested recipes” (GLACKEN, 1967, p. 576)

invalida o conjunto da obra desses autores. Resta dizer, ainda, que Herder foi um importante crítico dessas duas últimas suposições que, para Glacken, caracterizaram as idéias das influências climáticas no século XIX e também no século XX.

Apesar da relação entre clima-lei-costume inevitavelmente despertar a questão do livre arbítrio, Montesquieu evita o exagero do fatalismo ao evidenciar a liberdade de ação humana por meio do conhecimento das causas físicas dos fenômenos humanos.

Sobre o possível relativismo cultural e moral que emana da obra de “Espírito das Leis”, Glacken comenta que *“Environmental determinism in Montesquieu’s hand could justify cultural and moral relativism; it could also explain certain differences in religious belief and the origin of laws and of customs with the force of law.”* (ibid, p.573). Contudo, no que concerne a relação escravidão-clima, Montesquieu oscila entre a crença numa escravidão legitimada pela influência nociva do clima sobre a energia par ao trabalho, e uma constatação de que é pouco provável que exista algum clima com força suficiente para não deixar outra opção para os senhores que não a escravidão. Sobre o consumo de bebidas alcoólicas, afirma que em países frios e úmidos o ato de se embriagar é bastante compreensível e não deve ser punido com o mesmo rigor que em climas quentes.

Apesar de tecer críticas ásperas e bem fundamentadas aos excessos de Montesquieu, Glacken escreveu sobre ele um subcapítulo especialmente para falar também das nuances mais ponderadas e menos comentadas do filósofo, chamado “Another side of Montesquieu”. Será citado um conjunto de idéias que sumarizam os pontos positivos e negativos de EL:

On the whole, this literature has been less dogmatic than the climatic-physiological-psychological lore, i think, because it could easily be shown that such influences are modified or even overcome by invention, especially in transportation, in tool making, and in improved techniques of farming, draining and clearing. [ou seja, os escritos de Montesquieu revelam menos dogmatismo do que outras obras do período]. (...). In these passages, the tone is not deterministic but permissive; social causation is more complex, involving the state of the arts and sciences, the degree and kind of land

cultivation, Law in relation to the type of economy, and environmental change by human agency. In outlook they are like one of the least deterministic passages of the *“Espirit des Lois: ‘mankind are influenced by various causes: by the climate, by the religion, by the laws, by the maxims of government, by precedents, morals, and customs; whence is formed a general spirit of nations. In proportion as, in every country, any one of these causes acts with more force, the others in the same degree are weakened. Nature and the climate rule almost alone over the savage; customs govern the Chinese; the laws tyrannize in Japan, morals had formerly all their influence at Sparta; maxims of government, and the ancient simplicity of manners, once prevailed in Rome²⁹¹.’* [Esta idéia nada tem de determinista, e me parece mais sofisticada do que a crença atual que tenta atribuir aos humanos e sociedades uma autonomia e uma força que simplesmente não possuem. Montesquieu afirma que cada caso revela uma força predominante na matriz causal, matriz esta que envolve vários tipos de influências, e que a força das influências dos fatores ambientais varia segundo o nível de conhecimentos e técnicas de uma sociedade.] Moreover, book XXIII, ‘Of laws in the relation they bear to the number of inhabitants’ is not dogmatic, is of the most impressive in the *Espirit des Lois*, it is concerned mainly with population theory, food, and land use. Here Montesquieu points out the influences of society on human reproduction. (...) Of greater interest is Montesquieu’s correlation of population density with types of land use.(...) How does Montesquieu link climate to population theory? He applies the general ideas of the whole work: the lawgiver must know what predisposition to expect of the climate, how one physical cause might reinforce or offset another, and how these are related to the matter in hand. *‘Regulations on the number of citizens depend greatly on circumstances. There are countries in which nature does all; the legislator then has nothing to do. What need is there of inducing men by laws to propagation when a fruitful climate yields a sufficient number of inhabitants? Sometimes the*

²⁹¹ Sobre essa passagem bastante “possibilista”, Kriesel afirma que *“The determiing Power of the physical environment had begun to wane. Contrary to his assertion that: ‘...there are climates where the impulses of nature have such a force that morality has almost none,...’ Montesquieu was able to itemize examples which, for him, depicted the moral causes triumphing over the physical causes except among the savages.*

climate is more favorable than the soil; the people multiply, and are destroyed by famine: this is the case of China'. [nessa passagem Montesquieu simplesmente ignora que, apesar do clima ser favorável a ocupação humana, a China sofre com secas e enchentes que são enormemente responsáveis pela fome, que não é causada meramente pela infertilidade do solo] (GLACKEN, 1967, p. 576-579)

Mais adiante Glacken alerta para o que considero um grave erro da crítica: o de julgar uma obra pelas suas partes. Logicamente que é possível e tem certa validade a análise de apenas parte de uma obra, mas desde que se leia-a na íntegra para poder tratar as partes sem perder de vista o todo e fugindo de rótulos extraído da leitura parcial e descontextualizada. Assim, perspicazmente avalia que:

What general conclusions can one make about Montesquieu's wide ranging and occasionally contradictory ideas about culture and the environment? If one points to Books XIV-XVII, as many of Montesquieu's critics have done, the thought is deductive, unscientific, dogmatic, and deterministic, and there is every justification for this harsh judgment. ["dedutivo e pouco científico" de fato são características facilmente notadas na obra, mas afirmar que é dogmático e determinista o pensamento de Montesquieu é um equívoco]. If however, in order to avoid too narrow a judgment, one compares these four books with the rest of the work, what is the result? The impression is less clear. Defenders of Montesquieu against the charge of determinism have pointed to passages in the "Espirít des Lois" that prove he was not a determinist (typically, book XIV chapter I, and especially Book XIX, chapter 4.) But, the nondeterministic passages cannot be used to rebut the deterministic ones; it is more to the point to say that each rebuts the other. (ibid, p. 576-580)

A última frase aponta para o que Glacken chama de dificuldade em realizar uma síntese lógica das idéias de Montesquieu e de qualquer outro autor, dada a contradição constante que emerge na história do pensamento, principalmente quando o autor apresenta em sua obra um vasto número de interessantes idéias. Nas palavras de Glacken: *"If one reads Montesquieu's work without trying to decide if he was or was*

not a determinist, it becomes clear that many interesting ideas with different histories are presented, and that it is not easy to reconcile one with another.” (ibid, p. 580).

Aproveito esta citação para apontar para a necessidade de se ler um autor sem uma tão opaca lente que meramente procura encontrar “provas do crime” e colher idéias que se ajustem ao rótulo que se quer dar. Dependendo do gosto do visitante, as frutas do amplo pomar das idéias podem ser notadas ou não, e só podem ser colhidas as que forem notadas. Entrar num pomar portando lentes deveras seletivas pode priorizar excessivamente as bananas, enquanto que cerejas, morangos e framboesas podem ficar abandonadas, à mercê do apodrecimento. Essa regra vale para a vida, para o viver cotidiano, quantos de nós já não teve a sensação de ter vivido mal uma experiência por ter se apegado em demasia a um aspecto apenas? Basta lembrar aqui a arte de viajar, que demanda uma lente multifocal de grande sensibilidade, sob pena da viagem não passar de uma experiência excludente e hiperfocada em apenas alguns poucos aspectos-alvo da obsessão do viajante. Com a leitura e análise, se passa o mesmo processo, e pergunto quão mais útil seria uma certa leitura de um autor quando feita sem a hiper seletividade tendenciosa de uma lente rotulante.

Esse problema da leitura recortada e tendenciosa de uma obra é brilhantemente observado por Kriesel²⁹² (1968), que aponta para o fato dos críticos de Montesquieu terem se concentrado apenas em alguns aspectos da obra, citando sempre os mesmos trechos (tenho notado que são sempre as passagens mais curtas e apresentadas sem posterior escrutínio e detalhamento, ou seja, as de maior impacto e que mais impressionam a platéia ávida por ver traços de “determinismo” ao menor deslize do suposto autor determinista).

A análise de foco unidirecionado consiste num problema comum e numa ferramenta preponderante, ainda que ineficaz e anticientífica, nas críticas direcionadas ao determinismo ambiental, e também se constitui num dos pecados capitais do fazer científico da história das idéias e da história do pensamento geográfico. Um bárbaro exemplo desse problema está nas citações que diversos críticos fizeram de Ellen

²⁹² Esse autor será analisado adiante, pelas perspicazes observações a respeito do “possibilismo” de Montesquieu.

Semple²⁹³, utilizando sempre o mesmo trecho de abertura do capítulo 1 de “Influences of geographic environment”. Buckle também é vítima dessa ferramenta improdutiva da crítica, e tanto Sprout quanto a própria Ellen Semple²⁹⁴ o simplificam com uma única menção a ele: *“The english historian Thomas Buckle, writing in mid-nineteenth century, penned many statements such as the following: “...in India, slavery, abject, eternal slavery, was the natural state of the great body of the people; it was the state to which they were doomed by physical laws utterly impossible to resist” (SPROUT, 1965, p.50). “Buckle attributes a highly wrought imagination and gross superstition to all people, like those of India, living in the presence of great mountains and vast plains, knowing Nature only in its overpowering aspects, which excite and fancy and paralyze reason. He finds, on the other hand, an early predominance of reason in the inhabitants of a country like ancient Greece, where natural features are on a small scale, more comprehensible, nearer the measure of man himself.” (SEMPLE, 1911, p.18)*

Glacken, ao explicar o problema da contradição e dificuldade de interpretação de uma obra com base numa soma lógica das idéias, realiza uma abrangente sumarização das idéias de Montesquieu em EL:

Montesquieu’s defenders and critics have labored to find a dominant thought; they become impatient if a logical summation of his thought is difficult. But the presence in a single work of many ideas, poorly thought out and poorly reconciled with one another, is common in the history of thought. There is no doubt that the classical tradition is strong in his works; that he is aware of the influences of the moeurs, of human institutions, of different

²⁹³ Essa análise unidirecional, empobrecida e de más intenções será estudada no capítulo quatro em subcapítulo dedicado exclusivamente a Semple e Huntingnton.

²⁹⁴ É um tanto compreensível que Semple se referisse a Buckle dessa maneira breve e por meio de citação que evoca um “determinismo” ingênuo, pois sua própria explicação para o caso da Índia é muito mais complexa do que a de Buckle e Montesquieu, o que a coloca, já de início, num outro patamar, enquanto autora que não cabe de forma alguma no rótulo único e impreciso de “determinista”. Que se esclareça que nesse caso o determinista radical é um historiador, e seu crítico, uma geógrafa.

kinds of economies; that he is aware of men's power to change the environment and create new opportunities for human life. [Basta ler essas nuances da obra isoladamente que do forno dos rotuladores sai um quentinho “possibilista”.] These are subsumed in his belief that man, like the other phenomena of nature, is subject to laws, that the Deity governs him through the operation of secondary sources. In his defense, Montesquieu said that climate and other physical causes produce an infinite number of effects; if, he added, he had said the contrary, he would have been regarded as a stupid man – ‘il semble que j’ai inventé le climat & que je vienne apprendre aux homes.’ The author of the *Espirit de Lois*, he said, should be the last to be accused of ignoring the power of moral causes; he spoke of climate where the subject was climate and of moral causes through almost the whole work. [mesmo que ele tivesse escrito uma obra exclusivamente dedicada às influências climáticas, nele ainda assim não caberia o rótulo. Note-se que o próprio Montesquieu teve que se defender dos constantes ataques e curiosamente fala, mas com outros termos, que negar as inúmeras influências do clima e de outras causas físicas seria equivalente, em sua época, a assinar um atestado de estupidez] Montesquieu’s work in fact is eloquent in its failure to create a consistent synthesis out of the theories of physical and social causation he inherited from the past. The unscientific arguments found sly but unreliable allies in a travel literature that was itself often too impressionistic, too inexact for a rigorous philosophy about man’s relation to the environment. [De fato, anteriormente ao século XIX seria ingênuo esperar de um autor que lida com tamanho desafio de esmiuçar causas naturais e culturais de traços humanos, que não se ancorasse na literatura dos viajantes e em suas próprias viagens, dada a escassa quantidade de dados, ainda parcamente analisados e comparados, e incipiente ciência da natureza. Ainda assim, o uso feito do que já existia de conhecimento científico decepciona, e foi alvo da crítica, não sem razão. Em Huntington e Semple o arsenal científico foi significativamente maior, porém as críticas não foram menos severas.] There is no uncertainty about what Montesquieu thought if one quotes individual passages; the uncertainties arise with increase in quotation. [essa frase poderia ser maliciosamente interpretada, significando que a clareza e precisão da análise das idéias de um autor pressupõe um recorte bem restrito de modo a não revelar contradições e incertezas. Nada mais covarde, pois é justamente o contrário que deve ser procurado: ler a

obra na íntegra, revelar as contradições por meio de inúmeras citações, revelando, dessa forma, a complexidade da teoria exposta, com direito à erros, ideologias, avanços e conquistas.] Montesquieu, Buffon, and Malthus had one characteristic in common: they made their thought cosmopolitan. Montesquieu had hundreds of precursors, but it was his reformulation of climatic influence that made these ideas so powerful in the second half of the eighteenth and early part of the nineteenth centuries. (ibid, p. 581)

Para finalizar a análise de Montesquieu, algumas idéias de seus comentadores serão apresentadas, com ênfase em Kriesel, que o considera possibilista, e Sprout. Rouanet²⁹⁵, em sua obra “mal estar na modernidade”, faz um breve comentário que mostra a preocupação geográfica de Montesquieu com o entendimento das particularidades da região, procurando explicar as diferenças não apenas a partir do clima e demais fatores ambientais, mas também considerando os fatores culturais e políticos. Dessa forma, opina que “*O ‘esprit de lois’, de Montesquieu, é uma investigação monumental da particularidade, em seus aspectos climáticos, jurídicos, políticos. A época das luzes, em bloco, alimentou-se com as descrições de viagens, exatamente em busca da diferença.*” (ROUANET, 1993, p.61). Trata-se de um comentário de quem demonstra não ter sido poluído pelos rótulos e falsas dualidade. Sorte dele.

Chappel, ao falar de estudos recentes com o intuito de amenizar o rótulo de determinista imposto a autores como Ratzel e Huntington, afirma que “*(...even Montesquieu, clearly one of the staunchest of environmental determinists, has been somewhat refurbished by emphasizing the possibilistic elements in his writings. Such studies illustrate that no serious thinker on man-land relationships, not even the extremely one-sided demolins, entirely ignores other kinds of causation besides*

²⁹⁵ Para ele significa pouco mais do que a temperatura de acordo com a latitude. Hipócrates também possuía visão estreita do clima, mas enfatizava a mudança dos tipos de tempo, a diversidade das estações e a mudança entre elas.

physical-environmental, and that all are possibilists, or probabilists, to one degree or another.”

Um desses estudos a que alude Chappel é o esclarecedor artigo de Kriesel, intitulado “*Montesquieu: possibilistic political geographer*”. Kriesel afirma que, ao contrário do que se convencionou, o “possibilismo” não surgiu com geógrafos franceses como reação aos “deterministas” alemães, mas sim, tem como antecedentes Buffon e Montesquieu²⁹⁶. Após citar alguns dos trechos mais radicais de *Espírito das Leis*, Kriesel afirma que os críticos pararam sua análise nesses aspectos, ou seja, leram alguns poucos parágrafos, sem se dar conta de que esses trechos não constituem o final do pensamento de Montesquieu. Kriesel ocupa metade de seu artigo com análises detalhadas de *Espírito das Leis*, trazendo dezenas de citações, de várias partes do livro, e não apenas daquelas usadas tendenciosamente pelos críticos circenses, e assim mostra por meio dessas citações, que Montesquieu tinha idéias muito similares aos dos possibilistas. Kriesel explica que Montesquieu, ao analisar o regime político dos lugares, também observa o papel da escolha do povo. A citação abaixo, se considerada sem sua parte inicial, passa uma visão determinista simplista, mas se lida como um todo, revela que o povo da Ática não quis um governo autoritário: “*A esterilidade do solo da Ática ocasionou o estabelecimento do governo popular, e a fertilidade do da Lacedemônia, o governo aristocrático, porque, nesta época, não se queria, na Grécia [Ática], o governo de um só: ora, o governo aristocrático é o que mais se aproxima do governo de um só.*” (MONTESQUIEU, 1995, p.211)

Um dos principais motivos que levou *Espírito das Leis* a ser mal interpretado é a técnica adotada por Montesquieu. Em vez de concentrar a discussão de um tema num mesmo capítulo, ele espalha irregularmente ao longo da obra, e isso o torna mais vulnerável aos críticos. Para demonstrar esse problema, Kriesel traz duas citações sobre os chineses que revelam, em princípio, uma excessiva ênfase no clima, para culminar numa análise bem maior e que enfatiza fatores humanos:

²⁹⁶ Que não se surpreendam os afeitos às psedoverdades dos manuais de história do pensamento geográfico, mas um estudo mais detalhado poderia revelar a origem do “possibilismo” milênios antes de La Blache, e porque não em pensadores asiáticos?

The climate of China is surprisingly favourable to the propagation of the human species.³⁵ The women are the most prolific in the whole world. The most barbarous tyranny can put no stop to the progress of propagation. The prince cannot say there like Pharaoh, "Let us deal wisely with them, lest they multiply." He would be rather reduced to Nero's wish, that mankind had all but one head. In spite of tyranny, China by the force of its climate will be ever populous, and triumph over the tyrannical oppressor" (MONTESQUIEU, 1949, p.123-124)

The ancient emperors of China were not conquerors. The first thing they did to aggrandize themselves was what gave the highest proof of their wisdom. They raised from beneath the waters two of the finest provinces of the empire; these owe their existence to the labor of man. And it is the inexpressible fertility of these two provinces which has given Europe such ideas of the felicity of that vast country. But a continual and necessary care to preserve from destruction so considerable a part of the empire demanded rather the manners of a wise than of a voluptuous nation, rather the lawful authority of a monarch than the tyrannic sway of a despotic prince. Power was, therefore, necessarily moderated in that country, as it was formerly in Egypt, and as it is now in Holland, which nature has made to attend to herself, and not to be abandoned to negligence or caprice. Thus, in spite of the climate of China, where they are naturally led to a servile obedience; in spite of the apprehensions which follow too great an extent of empire, the first legislators of this country were obliged to make excellent laws, and the government was frequently obliged to follow them. (ibid, p.274)

Após apresentar um apanhado geral dos trechos da obra de Montesquieu que provam não ser este autor determinista, Kriesel fala de uma situação inusitada na qual Montesquieu precisou se apresentar diante da faculdade de teologia de Paris para se defender da acusação de que tentou justificar comportamento imoral ao afirmar a força inevitável do clima, e esse trecho mostra que tal episódio serviu para que Montesquieu, por sua própria voz, se defendesse contra falsas acusações que o pintavam de determinista. Assim, explica Kriesel que: "*The preceding quotations and*

their explanations show certain contradictions in Montesquieu's discourse and certain clear expressions that the moral causes can, and do, triumph over the physical causes. Apart from these passages there exist others which clearly show his belief in the power of the moral causes. In 1750, two years after the first edition of The Spirit of Laws, he was obliged to appear before the faculty of theology of the University of Paris to answer to the charge that his work was anti-religious.”(KRIESEL, 1968, p.265) Montesquieu teve, então, que explicar a seguinte afirmação: *“there are climates where the impulses of nature have such a force that morality has almost none.”* Segundo Kriesel, a resposta de Montesquieu, em terceira pessoa, da seguinte forma:

It seems that the author of Spirit of Laws should be the last person to be accused of ignoring the power of moral causes, and, in consequence, of morality itself. As he has spoken a good deal of climate in some books which had the climate for their subject, so he has spoken a good deal of moral causes in almost the whole of his work, because moral causes are under discussion there, and it can be said that the book “The Spirit of laws presents a perpetual triumph of morality over climate, or rather over the physical causes in general. (MONTESQUIEU apud KRIESEL, 1968, p.565)

No final de seu esmerado artigo, Kriesel aponta 4 similaridades, que chama de “operacional”, entre os argumentos de Montesquieu e aqueles dos possibilistas franceses do início do século XX. Essa citação, bem como as seguintes a respeito dos traços possibilistas de Montesquieu, são excepcionalmente longas, por conter alguns dos melhores e mais convincentes argumentos em favor da falsa dualidade e antagonismo que historicamente e equivocadamente atribui-se ao determinismo e ao Possibilismo.

We begin with operational similarities. [first] The initial axiom of the doctrine of possibilism was that the causal relationship which existed between the physical environment and man operated in a negative or restrictive fashion, tending to suppress or limit man's capabilities. That Montesquieu conceived of the physical environment in similar terms was corroborated in the section of this paper devoted to the refutation of his

alleged environmental determinism. There it was seen that both advantages and disadvantages of site, as well as a disadvantage of situation, were bases of savagery, barbarism, isolation, and social disintegration. Second, both Montesquieu and the possibilists held, contrary to the doctrine of determinism, that man did possess free will. Man was able to make, consciously or subconsciously, choices from among a series of avenues of escape or adaptation. In the section which enunciated his theory of political geography, it was pointed out that a people could react against an environmental pressure. Third, Montesquieu commentary on the general spirit of a nation and, per our interpretation, his point of view on the complication of that general spirit as a society developed, agreed with possibilism's admission that even though the physical environment remained relatively static, man was growing in ability and becoming more complex. Fourth, as has been shown, the physical environment and the moral causes were combined in Montesquieu's general spirit. His removal of laws from the components of the general spirit left climate, religions, maxim of government, precedents, morals and customs. These six, working together, required time to weather the period of gestation, the period of a society's advancement. Similarly, for the possibilists, but with greater emphasis on the process of man's achievement of full or partial freedom from, or utilization of, the physical environment, a society's progress required time and labor, both of which were subsumed under the term "psychological element". As shall now be shown, that term differs little from Montesquieu's moral causes. (KRIESEL, 1968, p.568-569)

O tratamento da relação trabalho humano-ambiente físico presente em "Espírito das Leis", aproxima seu autor de Brunhes, conforme aponta Kriesel:

In the sections entitled Customs and the Chinese, it was shown that the labor expended on a drainage project produced a social outlook and a political system different from that which had existed. Montesquieu's views on the fruits of labor were echoed by Brunhes: "*Though a form of work adapted to natural conditions and through the collective training that results, societies of herdsmen or fishermen, groups of miners or planters, etc., are really modified and in the long run show definite tendencies. They*

may be so transformed: (1) in their physical aptitudes and (2) in their most inveterate moral and social habits.” Proceeding forward with our case for the similarity of terminology, we note Brunhes’ continuing discussion of labor: “*Mankind comes into relations with the natural environments through facts of labor...and his very work creates for him obligations, inclinations and aptitudes which find their expression in history.*” So we find Montesquieu and Brunhes in agreement that the labor involved in the modification of some aspect of the physical environment was able to produce far-reaching consequences. However, at this point Brunhes’ movement from the specific to the general, from labor as the mediator between man and the physical environment to the psychological element in that position, marked for him, and the other possibilists as well, a departure from Montesquieu. This departure does not involve the terminology that Montesquieu and the possibilists were using. Rather, it involves the mode of mediation. As shall be shown, the departure is of some consequence. To continue, then, with the replacement of labor by the psychological element, we note Brunhes stating that: “*The human psychological element is, then, at the origin of the geographical fact [O elemento psíquico é importante para qualquer esfera do conhecimento, posto que o conhecimento é por natureza humano, e serve como intermediário sim entre o homem e a natureza, mas isso não é exclusividade da Geografia e não foi negado pelos deterministas], the necessary intermediary between man and nature...in respect to the social, historical, and political consequences which are the result of it.*” Thus, for Brunhes the psychological element included labor. In a treatment reminiscent of the emphasis employed by Montesquieu in his rejoinder to the Sorbonne theologians that the moral causes “perpetually triumph” over the physical causes, Brunhes clinched our case for the synonymity of terminology: “*In the regulation of the demands of consumption, a most important part is played by the psychological factor – taste, fashion, habit, tradition, which is the true master, a master whose power takes different forms but which in its changing, manifold, and scattered manifestations exercises on the whole an inexorable tyranny.*” [Montesquieu e os “deterministas” jamais usariam esse recurso retórico para ressaltar a influência dos fatores culturais, nisso reside alguma diferença entre ele e os “possibilistas”, mas esse exagero não deve ser usado para considerar Brunhes um “possibilista” ingênuo e radical, tampouco para negar que ele

seja tão “determinista” quanto aqueles que foram rotulados. Ou seja, essa passagem não implica em um não reconhecimento de Brunhes da força das influências ambientais.] Hence, the possibilists’ term psychological element or factor included several of Montesquieu’s moral causes and the possibilists were short of agreeing on the mode of meditation, talking about the same thing.

Na sequência de seu texto, Kriesel explica que ambos Montesquieu e Brunhes criticaram o determinismo pelo mesmo motivo, ao apontar para a questão do livre arbítrio e fatalismo, ou seja, vejo nisto outro ponto a favor da diluição do suposto contraste que se afirma haver entre autores possibilistas e deterministas. Assim exposto, os trechos dos dois autores revelam similaridades: “(...*There must be no talk of necessity. There is no strict, rigid, mechanical necessity: once again, the truth is evident – the concord which is established between the earth and its inhabitants consists of mingled analogies and contrasts.*” (FEBVRE, ‘925, p.175) “*They who assert that a blind fatality produced the various effects we behold in this world talk very absurdly; for can anything be more unreasonable than to pretend that a blind fatality could be productive of intelligent beings?...The intelligent world is far from being so well governed as the physical. For though the former has also its laws, which of their own nature are invariable, it does not conform to them so exactly as the physical world.*” (MONTESQUIEU, 1949, p.1-2) Kriesel finaliza esta idéia dizendo que “*Febvre’s annoyance with the determinists’ omission of the element of choice, with the improper elision from physical uniformity to human uniformity, appears to be little more than a restatement of Montesquieu’s questioning the legality of their argument of ad hoc, propter hoc.*” (KRIESEL, 1968, p.572)

Para finalizar seu artigo e seu argumento em favor do predomínio de similaridades entre possibilistas e Montesquieu, Kriesel afirma - e isso exigiria maiores estudos, creio - que Montesquieu permaneceu mais fiel aos fundamentos filosóficos da doutrina possibilista. O extenso fragmento abaixo pretende evidenciar essa constatação:

As has been shown, the possibilists, remained more faithful than Montesquieu to societal development, man himself contained the energy and ability to overcome environmental constraints and to adapt the physical environment to his use. They found that the mode of that domination and that adaptation was influenced by the environment. They were concerned, far more than Montesquieu was, with the role of the environment as a conditioner of the psychological element, as a link to man's perceptions of the environment, and, consequently, to man's reaction to or use of the environment. In *The Spirit of Laws*, Montesquieu seldom discussed these connections. His analysis scarcely proceeded beyond his statement that man was influenced by various causes, one of which was the physical environment. For him the environment and the moral causes simply worked together, the latter not necessarily forming a bridge to relate to the former. Brunhes, however, explored the intricacies of that linkage. (...) Long before the possibilists, Montesquieu had wrestled with the problem of the physical laws which ultimately circumscribe man's endeavors. He distinguished, as Brunhes did, between rigid physical laws and man's flexible nature: *"Particular intelligent beings may have laws of their own making, but they have some likewise which they never made...But the intelligent world is far from being so well governed as the physical. For although the former has also its laws, which of their own nature are invariable, it does not conform to them so exactly as the physical world. This is because, on the one hand, particular intelligent beings are of a finite nature, and consequently liable to error; and on the other, their nature requires them to be free agents."* With this similarity between Montesquieu and Brunhes at hand, namely that physical environment possessed a latitude which could not be exceeded, and a potency which could not be subdued, by man, we wish to show that Montesquieu, in his handling of a situation not unlike this, reflected an adherence to the pure doctrine of possibilism stronger than that shown by the possibilists themselves. (...) Taking, then, Montesquieu's realization that the identification of all contributing causes was as impossible as the explanation of the process of cause and effect, and comparing it to the possibilists' recantation of part of their theory, we find Montesquieu's honest position more in accord with a thesis of the pure doctrine of possibilism than that which the possibilists, represented by Brunhes, exemplified. Thus, though the possibilists departed from Montesquieu on the matter of the role of the

psychological element as intermediary between man and the physical environment, their departure came, it can be said, to less than naught. [Quer dizer, apenas identificaram o elemento psíquico (moral causes) como intermediário entre o homem e seu ambiente, porém sem explicar como era essa atuação do elemento intermediário e de que forma o ambiente influenciava o ser humano.] Would that this case for Montesquieu's possibilistic argumentation could be established as part of the philosophical well from which the possibilists themselves drew. A review of their writings, at least some of those of the great possibilist triumvirate of Brunhes, Febvre, and Vidal de La blache²⁹⁷, has, however, failed to turn up even a hint of direct borrowing from him. On the contrary, he [Montesquieu] was identified as just another copier of the tradition of the ancient extreme environmentalists. Setting this proven case beside that identification, the possibilists' opinion of him can be laid to their misinterpretations of his writings. Montesquieu was, certainly, less of a geographer and conservationist than his contemporary, Buffon, whose work considered the physical changes in the earth brought about by human agency in more detail than anyone prior to his time. Montesquieu was concerned more with political philosophy and jurisprudential issues. Hence, a cursory or limited reading of his work could hardly fail to produce the environmental determinist label²⁹⁸, particularly among geographers.

Gostaria de finalizar a exposição das idéias de Kriesel a respeito de Montesquieu com sua interpretação elucidativa do que chama de “teoria da Geografia política”, dividida em quatro pontos que ele identifica como constituintes dessa teoria, e que foram expostos em ordem decrescente do papel exercido pelas influências ambientais, ou seja, arranjados segundo um “determinismo” que vai diminuindo seu papel:

²⁹⁷ Curioso notar que esse triunvirato coincide com o triunvirato determinista: Ratzel, Semple e Huntington. Um pai, e dois filhos: linhagem determinista. La Blache, Brunhes e Le Febvre, um pai, e dois filhos: linhagem possibilista.

²⁹⁸ Curiosamente, Kriesel é um dos dois únicos autores que usam a palavra “rótulo” para se referir ao termo “determinismo”, ainda assim, é um uso tópico e de episódio único.

Although he had previously identified laws as one of the elements of the general spirit, here he removed them from it, leaving a sexpartite system comprised of climate, religion, maxims of government, precedents, morals, and customs. These two separate spheres, laws and the general spirit, did not operate as a unity, and to press the former on the latter was to damage to the general spirit. (...)From the preceding analysis comes our interpretation of Montesquieu's theory of political geography. We postulate, first, that it was his viewpoint that in the simpler, lower forms of society, the physical environment constituted the greater part of the general spirit. Indeed, regardless of whether it was barrenness, fertility, or isolation which caused savagery, each was of sufficient prepotency to annul the chance for social communion. Consequently, political organization was rudimentary and ineffective. Second, a general spirit, founded largely on the physical environment, could be modified, improving the situation of its society. In China, the turning of the society to the adaptation of a part of the physical environment to its use, weighted the general spirit toward the non-physical elements. The Chinese labor to drain land led to a fusion of customs, manners, laws, and religion. A new general spirit was not only created, but it also combated the influence of another part of the physical environment, namely the climate. Thus, that society's character and disposition, which had been so strongly and adversely fed by the root which tapped the physical portion of its milieu, produced, under its new general spirit, the shrinkage of that root. The net result was the establishment of prudence in its legislators and the enhancement of a despotism into a monarchy. Third, the longer a general spirit prevailed, the less propensity it had for change. The Spartan aristocracy grew from the quality of a part of its physical environment and threatened to contradict the republican character of the state by modifying certain non-physical elements of the general spirit. That character, dependent upon a general spirit based on virtue and morality of long standing, absorbed, as it were, contrary pressures yet remained relatively unchanged. Fourth, the reverse of our third proposition, a general spirit not yet fully constituted, or lying dormant outside pressure, could be brought to fruition upon the activation of its necessary element. In Muscovy the non-physical elements of the general spirit had been in a state of flux, unable to coalesce because of the suppression of part of society. Once women were free, the strength of the feminine mystique motivated the general spirit, and it had the

power to convert a despotic government into a monarchical form. We take these four points as constituting Montesquieu's theory of political geography. Although each differs from the others, there are several significant similarities. In all four instances, the physical environment remained as a component of the matrix from which the general spirit grew. However, the strength of the physical environment declined, instance to instance, in order of presentation. Deviations were made from what the environment was dictating because the non-physical elements of the general spirit were of more meaningful importance. [ou seja, um suposto possibilista considera mais importante fatores humanos do que naturais.]

Leighly (1938), assim como Chappel, também se preocupa com o problema da análise equivocada, mas sua ênfase não é no rótulo impertinente, mas sim na comparação indevida entre autores. Assim, escreveu um review que pretende refutar a análise dos autores deterministas feitas por Koller, que compara Abbé Du Bos com Herder, considerando aquele como precursor deste. Mas para Leighly Du Bos, ao contrário de Herder, concebe o clima basicamente como temperatura e diferença de latitude, da mesma forma que Montesquieu, e de maneira esquemática. No fragmento seguinte Leighly faz interessante objeção ao qualificativo de “precursor”, ressalta a maior de sofisticação Herder, porém sugere perigosa e questionável associação entre o “determinismo” do iluminismo e o mecanicismo: “ *Du Bos, again like Montesquieu, evidently thought that the qualities of different peoples were acquired by processes as simple as those embraced by newtonian mechanics; [a mecânica newtoniana é simples? Existe algo simples em física?] to Herder these qualities were the result of a vastly more complicated interplay of forces, the nature and mode of operation of which were to be discovered only by secular observations, not through reasoning alone. Precursor? In a temporal sense, certainly; but in the philosophical path that Herder trod Du Bos's footprints were probably not so conspicuous as Professor Koller's subtitle suggests.*”(LEIGHLY, 1938, p.526)

Tatham (1951), apesar de escrever 30 páginas sobre a querela “possibilismo” e “determinismo”, com observações válidas e ponderadas sobre essa dicotomia, dividindo o artigo por temas e com trechos exclusivos sobre alguns dos mais

importantes “deterministas”, reduz Montesquieu a dois curtos parágrafos e apenas algumas curtas citações com mera função de impressionar e mostrar o lado mais “freak-show” da obra. Os trechos abaixo mostram certa estereotipagem, seguida de citação muito mal escolhida (não revela bem nem o lado mais determinista do autor, nem seu reconhecimento da força da cultura), para então concluir de maneira razoável e com total pertinência. Todavia, o caminho seguido foi desastroso para a imagem do alvo da crítica:

Much the same spirit animated Montesquieu. Writing a century later he too sought to determine the effect of climate and soil on the character of people as a guide to the law-giver.²⁹⁹ Climate in his opinion was very potent. People in cold climates are stronger physically, more courageous, franker, less suspicious and less cunning than those of the south who are ‘like old man, timorous, weak in body, indolent and passive’, Northerners who go to live in the south quickly lose their vigor and acquire the passivity of those around them. (TATHAM, 1951, p.129)

Esse princípio da deterioração das qualidades dos povos pelo clima se mesclaram posteriormente ao surto racista do final do século XIX e primeira metade do século XX. Segundo seus defensores, a raça miscigenada é inferior, e no Brasil houve ainda o argumento em torno da inferioridade de índios e escravos, dentro outros motivos, pelo clima em que viviam. Segundo Richardson (1996), os assentamentos ingleses no caribe, assim como entre os estadunidenses em torno do canal do Panamá, havia uma constata preocupação com a degeneração dos brancos, que propunham que se devia ficar o mínimo possível nessas regiões selvagens dos trópicos, para não correr o risco de adquirir as mazelas físicas e psíquicas dos “selvagens” e dos miscigenados. Há um amplo debate em torno do possível uso do “determinismo” ambiental para se legitimar uma visão racista dos povos latino-americanos. Ainda que o “determinismo” ambiental possa ter sido usado para esses fins, não pode a crítica esvaziar seu

²⁹⁹ Este tema a respeito do estudo do ambiente natural de um povo como condição pra se bem legislar foi uma preocupação de vários antecessores de Montesquieu, como Hipócrates, St. Thomas Aquinas, Jean Bodin e Giovanni Botero.

conteúdo, reduzi-lo a uma ferramenta ideológica e ignorá-lo enquanto hipótese válida de explanação das desigualdades entre as culturas. Tatham segue seu “analisáculo” com um “Frankenstein” de citações bem ao sabor da platéia ávida por ver o gladiador-determinista na cova dos crítico-leões:

Consequently the hot climate is the cause of the immutability of religion, manners, customs, and laws in the eastern Countries. Legislators must take cognizance of these physical facts; they are ‘bad legislators who favor the vices of the climate and good legislators who oppose these vices’. Soil, i.e. ‘the goodness of the land’, is less potent than climate, [de fato, as influência do clima são muito mais abrangentes e difíceis de contornar, inclusive dela depende o próprio solo] but nevertheless has great influence on the form of government. Monarchies are more frequently found in fruitful countries and republics in sterile ones. ‘The barrenness of the attic soil established there a democracy, and the fertility of that of Lacedaemonia an aristocratic constitution.’ ‘Island peoples are more jealous of their liberties than those of continents. Islands are commonly of small extent; one part of the people cannot be so easily employed to oppress the other; the sea separate them from great empires; tyranny cannot so well support itself within a small compass; conquerors are stopped by the sea, and the islanders being without the reach of their arms more easily preserve their own laws.’³⁰⁰ (ibid, p.129)

Tatham finaliza seu ‘estudo’ de Montesquieu apontando que *“These extracts, which may be taken as typical of the contemporary point of view, show that the aim of the writers, like that of their classical predecessors, was to understand the variation in the character of human types. They did not start from an interest in the earth; natural forces were mainly called in to supply reasons for human variations which otherwise*

³⁰⁰ Ao falar da brevidade com que Montesquieu toca no assunto da insularidade, Febve explica que “The Idea of insularity had not then been elaborated; it was, undoubtedly, the naturalists who evolved it; the forerunners of four contemporary anthropogeographers learnt it from them and from the great travellers of the eighteenth century Who endowed the scientific world, so to speak, with the whole Pacific universe and its hundreds of strange and varied islands. The heritage transmitted by them has been only too religiously fostered and preserved. The biological idea of insularity will be found set out in Wallace’s Authoritative book “Island Life”.

were inexplicable. Apesar de pertinente, essa característica dos autores deterministas é bastante evidente e não precisaria ser comentada, a menos que daí se fizesse a devida ponte entre a emergência da Geografia humana³⁰¹ e o inicial interesse na relação homem-meio pelo viés “ambientalista” da idéia das influências ambientais. *Consequently there was no systematic approach, each writer drew conclusions from his own experience and contradictory conclusions were common.*” (ibid, p.129-130)

Semple (1911), também reduz Montesquieu a apenas duas citações, uma delas simplificando-o, e outra que faz uma crítica vaga que não demonstra o problema apontado, o que deixa o leitor sem saber qual o exato aspecto do “determinismo” de Montesquieu que ela está se referindo. Assim, afirma que “*Montesquieu ascribes immutability of religion, manners, customs, and laws in India and other Oriental countries to their warm climates*”(SEMPLE, 1918, p.18) e que “*(...because climatic influences are so conspicuous and so important that by the older geographers (sic) like Montesquieu and others, they have been erected into a blanket theory, and made to explain a wide range of social and historical phenomena which were properly the*

³⁰¹ Que não me tomem por provocador, mas se me forçassem a escolher uma área da Geografia para ser rotulada de determinista, esta seria certamente a Geografia Humana. Encontrar geógrafos físicos para caber no rótulo é como procurar agulha num palheiro de geógrafos humanos. Aliás, encontrar geógrafos físicos não-deterministas já é tarefa árdua. No ambulatório turbulento das ciências humanas, registravam-se diariamente casos de sociólogos, filósofos, antropólogos e historiadores que precisavam amputar suas teorias gangrenadas, mas que sempre se recusavam, preferindo ter suas obras declaradas mortas. Por contraste, o ambulatório das ciências naturais, como a geologia, a biologia, a medicina e até mesmo a meteorologia/climatologia* vivia às moscas, com alguns casos esporádicos de gripes suaves e ocasionalmente uma ou outra tuberculose severa. *A climatologia, assim como todas as demais ciências naturais tem, com frequência, um componente humano como alvo de seus estudos, nem por isso pode ser privada do título de ciência natural, pois é da natureza que parte seu estudo, e dela não pode prescindir sem que fique totalmente esvaziada. Aliás, no estado atual das ciências em geral, está cada vez mais difícil usar termos como “natural e natureza”, sem que suscite infundáveis polêmicas. Sempre houve um preconceito contra geógrafos que estudam a natureza *per se*, ou, melhor falando, que “camuflam” um estudo exclusivo de fenômenos naturais por meio de menções de fachada e pontes tênues com a esfera humana. Tal preconceito era muito pouco justificável na Geografia “tradicional” e nas que a antecederam, mas até que ponto se justificaria hoje?

effect of other geographic factors.(SEMPLE, 1911, p.608). Essa crítica, apesar de genérica, revela a capacidade de análise crítica da autora, que aliás, também é direcionada a ela mesma ao longo da obra, o que conflita com a opinião de seus críticos que a apresentam sob a máscara da ingenuidade e da ignorância.

Febvre, um dos mais eminentes geógrafos da chamada “escola francesa”, “tio” do “possibilismo”, e contumaz crítico do “determinismo” ambiental, tece a terceira mais extensa e detalhada análise de Montesquieu, atrás de Glacken e Kriesel, e nela revela, como é natural de se esperar de uma análise humana, alguns exageros acompanhados de objeções pertinentes. Inicia sua análise comparando Bodin com Montesquieu, lembrando que este último, apesar de ter escrito duas obras 200 anos após Bodin, ou seja, com 200 anos a mais de avanços científicos para serem usados, revela, igualmente, um forte apego à tradição clássica, mas reconhece que ambos possuem uma “mente marcadamente vigorosa muita acima do nível comum”. Falando da tradição clássica explica que *“Bodin is personally more than half entangled in it. But Montesquieu, who would no doubt be astonished and much offended if he were accused of reviving it, nevertheless relies on it because he accepts the problem in quite the traditional manner, just as his predecessors have stated it. He may modernize the terms, but since he fails to analyse the idea of “influence” he is caught within the wheels of time, and they hold him.”*

Nas passagens seguintes há uma crítica à visão do homem enquanto unidade física, a simplificação do solo em bom ou mau, à brevidade do estudo da influência do solo, dentre outros:

But whatever may be the sources of l’ esprit des Lois, its author none the less considers MAN only, isolated man, a particular individuality, a physical unit; (...) Confronting him are SOIL and CLIMATE, two great forces, the gross power of which he considered, without analyzing their mode of action in too much detail [isso só feito a partir de Ratzel, Semple e Huntington]; no more thinking of studying them in their component parts than of uniting them in their effects. Montesquieu, in Book XVIII of *L’esprit des lois*, studies the action of the soil on the judicial institutions of men, but very lightly and very briefly. His analysis does not go very far. What he

understands by the soil, what interests him under that name is, as he often says, “the nature of the earth”. But he does not introduce any precise geological or topological idea under cover of that expression. The science of his time scarcely permitted it. [contextualiza o estado da ciência na época, justificando os conceitos simplificadores usados por Montesquieu.] His Idea is purely utilitarian and, moreover, very vague: the ground has only two qualities, it is good or bad. “the sterility of the ground in Attica established a popular government there, and the fertility of Lacedaemon an aristocratic one”: such is a simple example of the deductions of Montesquieu. (FEBVRE, 1925, p.92)

Esta última afirmação genérica abre espaço para interpretações distorcidas do leitor. A frase dá a entender que as deduções de Montesquieu no E.L são todas levianas, e que essa dedução que foi citada é um simples exemplo, ou seja, é como se ela fosse suficiente para se mostrar o estilo dedutivo do autor ao longo de sua obra. Contudo, apenas 5% da obra se refere às influências ambientais e nem todas as deduções desses 5% da obra são simplistas dessa maneira apresentada por Febvre. Nas passagens seguintes, segue sua crítica, apontando para o pouco avanço em relação a Bodin e para a noção de modos de vida apresentada por Montesquieu:

In indicating briefly the consequences of sterility upon a country, they are certainly not in advance of those of Bodin. (...The author frequently introduces the notion of different walks of life, if he speaks of hunting, fishing, cattle-rearing, it is to tack on these secondary modes of subsistence to cultivation and tillage. “Hunting and fishing supply men with abundance”; they thus complete the work of nature, which of herself produce many fruits on which man can subsist. There we have simple ideas, simple actions and unsound generalizations. (id)

Sobre o clima, Febvre explica que Montesquieu, até porque era tradição na época, devota muito mais espaço à influência climática, inclusive dentro de um contexto de rejuvenescimento de Hipócrates por parte dos autores da época. Sobre os quatro livros dedicados ao clima, Febvre objeta, não sem ponderação, que “*But here*

again the analysis remains rudimentary. This is not intended, of course, as a criticism, for Montesquieu could not outstrip the scientific movement of his epoch; but, in fact, through the whole course of the four books, climate has only one meaning, that of temperature...) Nesse aspecto, é menos requintado que Hipócrates, que insistia também nos ventos, na face de exposição, na umidade, e na influência da sucessão de variados tipos de tempo e na marcha das estações em termos, inclusive, de duração dessas estações e atrasos e antecipações de seu início. (*... climates are hot, or cold, or temperate. Here we have already signs of a first distinction, a first outline of "natural boundaries", but as yet how rough and superficial they are!*) A comparação entre os climas da África e Ásia é precária, conforme declara Febvre: “ ‘ *Africa has a climate similar to that of the South of Asia, and it is in the same state of servitude.* ’ But what is it which characterizes the climate of Southern Asia in the eyes of Montesquieu? Nowadays we think at once of the rains, of the great regulating and nourishing phenomenon of the monsoons. As for Montesquieu, he still thinks only of ‘the heat’. Southern Asia is a very hot country; Africa, similarly, is a very hot country”. (ibid, p.94)

Wallis (1926), ao contrário da crítica ácida, mas ponderada, de Febvre, e apesar de realizar uma reflexão séria e com nuances muito pertinentes da problemática em torno do determinismo ambiental, simplifica Montesquieu por meio de um recorte curto e que resume muito tendenciosamente a obra EL:

Inspired by Bodin, Montesquieu pointed to climatic zones as delimitations of culture. The natives in the tropics did not advance beyond savagery because heat was enervating and because every need was supplied by nature. Those living in frigid zones were equally unfortunate, nature in that region being equally niggardly as in the tropics she was beneficent, the polar inhabitants being forced by the inclemency of the region to spend most of their time and energy in securing food and clothing. [Montesquieu fala em zonas frias, que seriam ideais, em países quentes, não propícias à civilização, e em zonas temperadas, que seriam inconstantes, híbridas. Nada é dito sobre a supremacia dessa zona temperada que equivale para o autor à França. Ou seja, Wallis não foi muito preciso em sua análise] The temperate zones

furnish the happy mean; here man's needs are not fully supplied by nature; he must exert himself in order to satisfy them; the requisite labor stimulates without exhausting his efforts and capacities. For proof of his assertion Montesquieu pointed to the geographical distribution of civilization. The center of civilization lies within the temperate zone and diminish in quality as we proceed toward the tropics or toward the polar regions. (WALLIS, 1926, p.702)

Curioso notar que Montesquieu, que não afirma claramente a superioridade do clima temperado e da Europa, é rotulado de determinista, e Rousseau, que concorda com Montesquieu em muitos aspectos, não é apontado como simpatizante do determinismo ambiental, exceto por Glacken, que apresenta algumas idéias “deterministas” desse filósofo:

Rousseau follows Montesquieu's lead in these matters; if, he says, we ask what the greatest good for all consists in, we would limit it to liberty and equality, but these desirable ends of a political system need modifying in every country in accordance with the local situation and the temper of the inhabitants'. In agreement with Montesquieu, Rousseau says, 'Liberty not being a fruit of all climates, is not within the reach of all peoples. We find them, in every climate natural causes according to which the form of government which it requires can be assigned, and we can even say what sort of inhabitants it should have'. [Glacken extraiu essas idéias da obra “do contrato social”, porém nas versões consultadas não encontrei as citações usadas por Glacken. Ou a referência está errada ou existe alguma versão mais completa, como a utilizada por ele]

Segundo Glacken, Rousseau acreditava que o despotismo era mais adequado aos climas quentes, o barbarismo aos climas frios, e o bom governo às regiões temperadas. O clima também exercia um papel importante na teoria da educação de Rousseau, para quem o homem pode atingir crescimento pleno em climas temperados, onde se pode viver entre os extremos. Por essa razão, o homem pode se acomodar aos dois extremos de frio e calor, enquanto que os habitantes das regiões de climas

extremos não eram capazes de adaptar-se ao extremo oposto. Em “Emile”, que para Glacken é um dos melhores ensaios já escritos sobre viagens, encontra-se uma afirmação que isoladamente, em seu “determinismo” radical e eurocêntrico e quase racista, diriam alguns críticos, faz inveja aos tão rotulados Huntington e Semple: “*A frenchman can live in New Guinea or in Lapland, but a negro can not live in Tornea nor a Samoyed in Benin. It seems also as if the brain were less well organized in the two extremes. Neither the negroes nor the lapps are as wise as the Europeans. So if I want my pupil to be a citizen of the world I will choose him in the temperate zone, in France for example, rather than elsewhere*” (ROUSSEAU apud GLACKEN, 1967, p.593)

Essa passagem, sozinha, é suficiente para se levantar forte suspeita contra a crítica ao determinismo ambiental feita nos últimos 100 anos. Essa crítica elegeu a esmo suas vítimas e, por preguiça, ignorância ou má-fé, colocou no balaio do rótulo apenas alguns, sem qualquer critério.³⁰² Seguindo a lógica e o modus operandi desses mesmo críticos, não escapa viv’alma desse balaio determinista que, aliás, precisa ter o tamanho da arca de Noé para abrigar, amontoados em pilhas, todos os autores que atentaram contra a primazia de explanações culturais e psicológicas nas diferenças entre os povos e países.

Além do contrato social, há outra obra importante para se resgatar a idéia das influências ambientais em Rousseau, e que não foi citada por Glacken. Trata-se da obra “Ensaio sobre a origem das línguas”, em que Rousseau explica as diferenças entre as línguas pelo clima e pela maneira como essas línguas se formam. No capítulo VIII, “diferenças geral e local na origem das línguas”, explica que “*Tudo que afirmei até agora se refere em geral às línguas primitivas e ao progresso que resulta de sua duração, mas não explica nem a sua origem nem as suas diferenças. A principal causa que as distingue é local, resulta dos climas em que nascem e da maneira pela qual se*

³⁰² Fica a intrigante questão se esses críticos alguma vez leram Rousseau, ou se acreditam que só “merecem” o rótulo apenas alguns pecadores do iluminismo dentre uma imensa plêiade que advogou severas influências de fatores ambientais. Se leram, fingiram-se de cegos, se não leram, suas análises são aleijadas.

formam. A tal causa deve-se recorrer para conceber a diferença geral e característica que se nota entre as línguas do sul e as do norte.” (ROUSSEAU, 2005, p. 285)

Os capítulos IX e X, sobre a formação das línguas meridionais e setentrionais trazem inúmeras afirmações sobre a influência de fatores ambientais na origem das artes e dos primeiros costumes. Pela riqueza da análise que vai além daquela realizada por Montesquieu, por manter algumas crenças centrais do “determinismo ambiental” e por reascender debates clássicos como a diferença de caráter entre os homens de climas quentes e de climas frios, foram selecionados inúmeros trechos colocados sob a forma de três citações e que fazem parte desses dois capítulos mencionados:

Quer, pois, procurando a origem das artes, quer observando os primeiros costumes, veremos que tudo se liga, em seu principio, aos meios de atender à subsistência e, no que concerne àqueles desses meios que reúnem os homens, que são eles determinados pelo clima e pela natureza do solo³⁰³. [assim, Rousseau não fala de uma influência direta do clima sobre o homem, mas indireta] Será, pois, também pelas mesmas causas que se deve explicar a diversidade das línguas e a oposição de seus caracteres. Os climas amenos, os territórios abundantes e férteis foram os primeiros a se povoarem e os últimos onde se formaram nações porque neles os homens podiam com maior facilidade passar uns sem os outros e ainda porque as necessidades, que determinaram o nascimento da sociedade, aí se fizeram sentir mais tarde.

³⁰³ No original aparece uma nota de Paul arbousse-bastide que explica que “Nessa proposição do problema das relações entre as condições naturais e os padrões de vida dos povos sente-se clara influência de Montesquieu. Não se pode, porém, subestimar a substancial contribuição de Rousseau, que amplia e fecunda a idéia de que as condições do solo e clima influenciam as tendências peculiares aos povos, buscando marcar como as necessidades fundamentais se ligam a técnicas adequadas à sua satisfação e, num segundo passo, como esses complexos técnico-econômicos básicos vão, se não determinar, ao menos condicionar os padrões sociais que a seguir se desenvolvem. [O autor parece usar “condicionar” no sentido meramente de ser condição necessária de algo, e não se condição suficiente, que seria equivalente a “determinar”. Há outro sentido de condicionar que pode significar também “determinar a natureza ou existência de algo”, ou “sujeitar a vontade humana a um determinismo”. Assim, usou-se condicionar como uma versão atenuada de “determinar”.

A terra nutre os homens, [Semple diz exatamente isso no primeiro parágrafo de sua principal obra: “the earth has fed him”, mas isso lhe rendeu um pesado estigma, e a frase em que jaz (morta) essa afirmação é a mais citada da autora, numa tentativa dos críticos em ridicularizar a autora pela sua escrita soberba plena de licença poética. Assim, a frase que jaz morta nos escritos de Semple está paradoxalmente viva e reviva nos textos de seus críticos.] mas, quando as primeiras necessidades os dispersam, outras necessidades os reúnem e somente então falam e fazem falar por si. (...) Quando se procura saber em que lugares nasceram os pais do gênero humano, de onde saíram as primeiras colônias, de onde vieram as primeiras migrações, não podereis enumerar os climas agradáveis da Ásia Menor, da Sicília ou da África, nem mesmo o Egito; citareis as areias da Caldéia e os rochedos da Fenícia. Em todos os tempos encontrareis a mesma situação. (...) Dir-se-á natural que os habitantes de uma região hostil a deixem para ocupar uma melhor. Muito bem; mas por que essas regiões melhores, em lugar de formigarem de habitantes seus, se transformam em asilo dos outros? Para sair de uma região hostil é preciso estar nela e por que, então, nascem aí preferencialmente tantos homens? Parece mais razoável que devessem as regiões ingratas povoar-se unicamente com o excedente das férteis e vemos acontecer justamente o contrário. A maioria dos povos latinos dizia-se aborígene, enquanto a magna Grécia, muito mais fértil, só era povoada por estrangeiros; todos os povos gregos originavam-se de várias colônias, salvo aquele cujo solo era pior, o povo ático, que se dizia autóctone ou nascido de si mesmo. Finalmente, sem penetrar na noite dos tempos, os povos modernos oferecem uma observação decisiva, pois qual o clima mais triste do mundo senão o considerado a fábrica do gênero humano. (ibid, p.292-293)

Em nota, Lorival Gomes Machado afirma que “(...) Rousseau recusa-se aos mecanicismos climáticos ou fisiopsicológicos – para ele, os homens transformam-se porque são ativos. Contudo, que se esclareça que não é apenas Rousseau que acredita nessa obviedade, mas sim provavelmente todos os autores rotulados de “deterministas”. Só não tem consciência disso quem não é humano. Tal mecanicismo climático nunca foi advogado por ninguém, ao menos não em sentido estrito. Rousseau prossegue em suas idéias:

As associações de homens são, em grande parte, obra dos acidentes da natureza – os dilúvios particulares, os mares extravasados [tsunamis?], as erupções dos vulcões, os grandes terremotos, os incêndios despertados pelo raio e que destroem as florestas, tudo que atemorizou e dispersou os selvagens de uma região, depois reuniu-os para reparar em conjunto as perdas comuns. As tradições das desgraças da terra. Tão freqüentes nos tempos antigos, mostram de quais instrumentos se serviu a Providência para forçar os seres humanos a se unirem. Depois que se estabeleceram as sociedades, cessaram esses grandes acidentes ou então se tornaram raros. [sic]. Esse é um grande equívoco de Rousseau, que deve ter se impressionado com os relatos antigos, e que não tem um banco de dados para fazer tal afirmação. Hoje, com os conhecimentos alcançados nas áreas de clima, arqueologia e paleontologia, não se pode afirmar que havia mais desastres naturais no passado. Rousseau parece ter se impressionado demais com a bíblia para fazer tal afirmação que sugere que o mundo ao se civilizar e avançar na socialização passou a presenciar menos hecatombes naturais.] Parece que isso continuará a acontecer – as mesmas infelicidades que reuniram os homens esparsos dispersaram aqueles que se reuniram. As mudanças das estações representam outra causa, mais geral e mais permanente, que deve produzir o mesmo efeito nos climas expostos a tal variação. Forçados a se abastecerem para o inverno, vêm-se os habitantes na contingência de se auxiliar mutuamente, coagidos a estabelecer entre si uma espécie de convenção. Quando se tornam impossíveis as expedições, e o rigor do frio os faz parar, o tédio liga-os tanto quanto a necessidade. Os lapões, enterrados nos gelos, e os esquimós, que são mais selvagens de todos os povos, no inverno reúnem-se nas suas cavernas e, no verão, não se conhecem mais. Se o seu grau de desenvolvimento e as sujas luzes vierem a aumentar um pouco só, reunir-se-ão para sempre. Nas regiões quentes, as fontes e os rios desigualmente espalhados são outros pontos de reunião, tanto mais necessários quanto os homens menos podem viver sem água do que sem fogo. Sobretudo os bárbaros, que vivem de rebanhos, têm necessidade de bebedouros comuns e a história dos mais antigos tempos nos conta ter sido neles que se iniciaram tanto os seus tratados quanto as suas disputas. A abundância de água pode retardar o estabelecimento da sociedade. Nas regiões áridas, pelo contrário, tiveram de se reunir para furar poços e para abrir canais a fim de dessedentar os animais. Nelas vêm-se homens

associados desde tempos quase imemoriais, pois ou a região continuaria deserta ou então o trabalho humano a tornaria habitável. (...) O Egito, a região mais fértil da terra, só é habitável devido ao trabalho do homem; nas grandes planícies, desprovidas de rios e cujo solo não possui uma inclinação suficiente, só se pode recorrer aos poços. Se, pois, os primeiros povos, a que se faz menção na história, não habitavam regiões férteis ou margens acessíveis, não é porque esses sítios acolhedores fossem desérticos, mas porque seus numerosos habitantes, podendo ignorar-se uns aos outros, por mais tempo viveram no seio de suas famílias, isolados e sem comunicação. Mas, nas regiões áridas, nas quais só os poços forneciam água, tiveram de reunir-se para cavá-los, ou, pelo menos, combinarem o seu uso. Terá sido essa a origem das sociedades e das línguas nas regiões quentes. Aí se formaram os primeiros laços de família e aí se deram os primeiros encontros entre os dois sexos. (...) Tal foi, enfim, o verdadeiro berço dos povos – do puro cristal das fontes saíram as primeiras chamas do amor. (...) Numa palavra, nos climas amenos, nos terrenos férteis, precisou-se de toda a vivacidade das paixões agradáveis para levar seus habitantes a começarem a falar. As primeiras línguas, filhas do prazer e não da necessidade, durante muito tempo carregaram o ensinamento de seu pai: o seu acento sedutor só desapareceu com os mesmos sentimentos que o tinham despertado, quando novas necessidades introduzidas entre os homens obrigaram cada um a só pensar em si mesmo e a fazer com que seu coração ficasse só dentro de si mesmo. (ibid, p. 294-297)

Com base nesses trechos vê-se que Rousseau reconhece papel fundamental da natureza, principalmente do clima, nos primórdios da humanidade, em propiciar contato cultural, desenvolver as línguas, mas nisso nada há de “determinismo” – embora seja fácil para a crítica atribuir, se desejar, esse adjetivo a Rousseau – a menos que se considere determinista uma teoria que demonstra ser o clima uma condição primeira, inicial, para o desenvolvimento de certos traços culturais.

Após essa análise dos primeiros povos, que reconhece tanto o papel das influências da natureza quanto da capacidade humana de antropização da natureza, Rousseau menciona a influência do clima na formação das línguas do norte:

Com o decorrer dos tempos, todos os homens se tornam semelhantes, porém é diferente a ordem de seu progresso. Nos climas meridionais, onde a natureza é pródiga, as necessidades nascem das paixões; nas regiões frias, onde é a vara, as paixões nascem das necessidades, e as línguas, tristes filhas da necessidade, ressentem-se de sua áspera origem. [aqui se tem um ótimo exemplo de licença poética, ou seja, uma simplificação metaforizada de um pensamento certamente mais complexo. Não obstante, revela uma crença nas forças das influências ambientais que arrepiaria o mais brando dos críticos ao determinismo.] Ainda que o homem se habitue com as intempéries, com o frio, com a penúria e até com a fome, há, contudo, um ponto em que a natureza sucumbe [Esclarecendo: faz o homem sucumbir] – nas garras dessas provações cruéis tudo que é débil perece e tudo mais se fortalece. Não há um ponto intermediário entre o vigor e a morte. Por isso os povos setentrionais são tão robustos, pois o são não porque o clima os fez assim, mas porque só respeitou os que assim eram, [Já antes de Darwin, reconhecia papel da seleção natural na luta pela sobrevivência] não sendo de admirar que os filhos conservassem a boa constituição dos pais. Compreende-se, desde logo, que os homens mais robustos devem possuir órgãos menos delicados, suas vozes devem ser mais ásperas e mais fortes. Aliás, que diferença enorme existe entre as inflexões comovedoras que resultam dos frêmitos da alma e os gritos arrancados pelas necessidades físicas! Nesses tremendos climas, nos quais durante nove meses do ano tudo está morto, o sol só aquece o ar durante poucas semanas, parecendo que o faz unicamente para dizer aos habitantes de que bens estão privados e para acentuar-lhes a miséria; nesses lugares em que a terra nada dá, senão com muito trabalho, e onde a fonte da vida parece estar muito mais nos braços do que no coração, os homens, ocupados incessantemente em atender à subsistência, dificilmente pensavam em laços mais doces: tudo se limitava ao impulso físico – a ocasião determinava a escolha, e a facilidade, a preferência. [O verbo determinar foi tão demonizado pela crítica-show-de-audatório que Ellen Semple faz menos uso dele do que os possibilistas e do que Rousseau.] A ociosidade, que alimenta as paixões, cedeu lugar ao trabalho, que as recalca. Antes de pensar em viver feliz, tinha-se de pensar em viver. A sociedade só se formou pela indústria, porquanto a necessidade mútua unia muito mais os homens do que teria feito o sentimento. Sempre presente, o perigo de perecer não permitia que se limitassem à língua do gesto, e entre

eles a primeira palavra não foi *amai-me*, mas *ajudai-me*. Esses dois termos, embora muito semelhantes, são pronunciados em tom bem diferente. Nada se tinha a fazer sentir e tudo a fazer compreender; não se tratava de energia, mas de clareza. O acento, que o coração não fornecia, foi substituído por articulações fortes e sensíveis e, se houve na forma da linguagem alguma impressão natural, tal impressão contribuiu ainda mais para a sua dureza. Com efeito, os homens setentrionais não deixam de possuir paixões, mas as possuem de outro tipo. As das regiões quentes são voluptuosas, prendendo-se ao amor e à ternura. [aqui se nota quão antiga é a idéia popular dos latinos como um povo romântico e sensual] A natureza faz tanto pelos habitantes que estes quase não sentem necessidade de fazer algo. [afirmação tipicamente “determinista”, daquelas que mais foram escoraçadas pelos críticos, por duplo motivo: leviandade e simplificação, e ideológica pelo etnocentrismo que rebaixa o outro.] Para um asiático sentir-se satisfeito, basta ter mulher e repouso, mas no norte, onde os habitantes consomem muito num solo ingrato, os homens submetidos a tantas necessidades mostram-se fáceis de irritar. Tudo que sucede à sua volta os inquieta e, como só subsistem com dificuldade, quanto mais pobres são tanto mais questão fazem do pouco que possuem. Abordá-los equivale a atentar contra sua vida. Daí resulta seu temperamento irascível, tão predisposto a se transformar em fúria contra quantos os atingem. Por isso, os seus sons mais naturais são os da cólera e das ameaças, e com essas vozes sempre se acompanham de articulações fortes, que as tornam ásperas e estridentes. [Nesse trecho Rousseau atribui à natureza ingrata o temperamento irascível dos povos do norte. Irascível mesmo é a crítica da qual Rousseau em sua cova está a agradecer por ter escapado. Montesquieu já não teve essa benção.]

A célebre obra de Rousseau “discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens” também traz referência ao papel determinante de elementos da natureza no estilo de vida, nos hábitos, na alimentação, dentre outros aspectos dos primeiros povos.

O primeiro que, tendo cercado um terreno, se lembrou de dizer: Isto é meu, e encontrou pessoas bastante simples para o acreditar, foi o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, guerras, assassínios, misérias e

horrores não teria poupado ao gênero humano aquele que, arrancando as estacas ou tapando os buracos, tivesse gritado aos seus semelhantes: "Livrai-vos de escutar esse impostor; estareis perdidos se esquecerdes que os frutos são de todos, e a terra de ninguém!". Parece, porém, que as coisas já tinham chegado ao ponto de não mais poder ficar como estavam: porque essa idéia de propriedade, dependendo muito de idéias anteriores que só puderam nascer sucessivamente, não se formou de repente no espírito humano: foi preciso fazer muitos progressos, adquirir muita indústria e luzes, transmiti-las e aumentá-las de idade em idade, antes de chegar a esse último termo do estado de natureza. Retomemos, pois, as coisas de mais alto, e tratemos de reunir, sob um só ponto-de-vista, essa lenta sucessão de acontecimentos e de conhecimentos na sua ordem mais natural. O primeiro sentimento do homem foi o de sua existência; o seu primeiro cuidado, o de sua conservação. As produções da terra lhe forneciam todos os socorros necessários; o instinto o levou a fazer uso delas. A fome, outros apetites, fazendo-o experimentar, alternativamente, diversas maneiras de existir, houve uma que o convidou a perpetuar a sua espécie; e esse pendor cego, desprovido de todo sentimento de coração, não produzia senão um ato puramente animal: satisfeita a necessidade, os dois sexos nunca mais se reconheciam e o próprio filho nada mais representava para a mãe logo que podia passar sem ela. Tal foi a condição do homem ao nascer; tal foi a vida de um animal, limitada primeiro às puras sensações e aproveitando apenas os dons que lhe oferecia a natureza, longe de pensar em lhe arrancar alguma coisa. Mas, logo, surgiram dificuldades; foi preciso aprender a vencê-las: a altura das árvores que o impedia de alcançar os frutos, a concorrência dos animais que também procuravam nutrir-se, a ferocidade dos que queriam a sua própria vida, tudo o obrigou a aplicar-se aos exercícios do corpo; foi preciso tornar-se ágil, rápido na carreira, vigoroso no combate. As armas naturais, que são os galhos das árvores e as pedras, em breve estavam nas suas mãos. Aprendeu a vencer os obstáculos da natureza [Nenhum autor da bibliografia desta tese nega essa afirmação, e duvido que possa haver algum ser vivente que possa ter negado esse axioma-lei. Todos os povos aprenderam a driblar a natureza, uns mais, outros menos, e essa desigualdade é campo fecundo para estudos de cunho geográfico, ou, ao menos, deveria ser], a combater quando necessário os outros animais, a disputar sua subsistência aos próprios homens, ou a se compensar do que era preciso ceder ao mais forte. À medida

que o gênero humano se estendia, as penas se multiplicavam com os homens. A diferença dos terrenos, dos climas, das estações, forçou-os a estabelecê-la na maneira de viver. Anos estéreis, invernos longos e rudes, verões escaldantes, que tudo consomem, exigiram deles uma nova indústria. [É nesse sentido, de necessidade de adaptação exigida pelos fatores ambientais, que muito do pensamento supostamente “determinista” foi escrito, principalmente com Huntington e Semple.] Ao longo do mar e dos rios, inventaram a linha e o anzol, e se tornaram pescadores e ictiófagos. [Isso significa que mares e rios foram condições necessárias e primeiras para que o gênio humano criasse essas técnicas nesse lugar em especial e é nesse sentido que Semple fala em influências ambientais na cultura, entendida no seu sentido mais amplo] Nas florestas, fizeram arcos e flechas, e se tornaram caçadores e guerreiros. Nos países frios, cobriram-se de peles de animais por eles mortos. O trovão, um visão, ou qualquer feliz acaso, lhes fez conhecer o fogo, novo recurso contra o rigor do inverno: aprenderam a conservar esse elemento, depois a reproduzi-lo, e enfim a preparar nele as carnes, que antes devoravam cruas. Essa aplicação reiterada de seres diversos a si mesmos e de uns aos outros teve, naturalmente, de engendrar, no espírito do homem, as percepções de certas relações. Essas relações, que exprimimos pelas palavras grande, pequeno, forte, fraco, depressa, devagar, medroso, ousado, e outras idéias semelhantes, comparadas quando necessário, e quase sem nisso pensar, produziram nele, finalmente, uma espécie de reflexão, ou antes, uma prudência maquinal que lhe indicava as precauções mais necessárias à sua segurança. As novas luzes que resultaram desse desenvolvimento aumentaram a sua superioridade sobre os outros animais, fazendo-lhe conhecê-la. Exercitou-se em lhes preparar armadilhas, logrou-os de mil maneiras; e, embora muitos o ultrapassassem em força no combate, ou em ligeireza na corrida, daqueles que o podiam servir ou prejudicar, tornou-se com o tempo o senhor de uns e o flagelo de outros. E, assim, o primeiro olhar que lançou sobre si mesmo lhe produziu o primeiro movimento de orgulho; assim, mal sabendo ainda distinguir as ordens e contemplando-se como o primeiro por sua espécie, preparava-se já para pretender o mesmo como indivíduo. (ROUSSEAU, 1993, p. 181-183)

As afirmações contidas nessa citação parecem encaixar-se perfeitamente na teoria possibilista, e de fato isso é verdade, porém não menos afins são essas

afirmações em relação aos pressupostos deterministas e às reais idéias de seus proponentes.

O possibilismo também é antecedido magistralmente por Buffon. Sobre a atual preocupação da Geografia, e da climatologia em particular, com as alterações climáticas de origem antrópica, me ocorreu lembrar desse autor que, há mais de 200 anos, algumas décadas antes da emergência da Geografia acadêmica, já enfatizava a ação humana sobre os climas e sobre o ambiente em geral, numa visão bastante moderna que é um ótimo exemplo para que ninguém mais caia no conto do vigário, aquele conto bastante contundente que faz estudantes de Geografia acreditarem que a tal “Geografia crítica” introduziu nos estudos geográficos uma preocupação com as alterações antrópicas.³⁰⁴ Aliás, antes de iniciar esta tese, há quatro anos, eu já suspeitava que as tão propagandeadas novidades da Geografia crítica não passavam de preocupações com cheiro de pergaminho, datando no mínimo, para não citar as primeiras civilizações da Ásia que em muitos aspectos do conhecimento científico e

³⁰⁴ Sem dúvida que as pesquisas tomaram fôlego, com maior número de universidades, com os aportes teóricos que foram se acumulando, e com a crescente tecno-paraférnia que gerava cada vez mais problemas, demandando maior atenção ao antropismo por parte da Geografia e demais ciências. Contudo, as discussões em torno da idéia do homem como agente modificador da paisagem remonta à Platão, conforme apontado anteriormente, e confesso que estou chocado até agora com essa descoberta. Posso parecer um recém-nascido que se encanta e se surpreende em descobrir passo a passo o mundo ao seu redor, mas é exatamente assim que tenho me sentido ao me debruçar sobre autores clássicos e ao procurar compreender melhor a história da relação homem-meio. (lembrando mais uma vez que uso o termo meio como sinônimo de ambiente (físico) ao contrário do sentido original do termo francês Milieu). Creio que é por esse caminho que se nasce para o entendimento da história do pensamento geográfico. Até o momento eu ainda imaginava uma Geografia mais ou menos dividida em gavetas teórico-epistemológicas, cada qual com seu paradigma enfim rompido e cedendo lugar a uma Geografia totalmente nova, engomada e bem passada, e cada vez mais moderna, social, crítica e complexa. Ou seja, quanto mais para trás olhamos, mais circense, ingênua, improdutivo e simplista é determinada “Escola do pensamento, doutrina, teoria, ou corrente”. Corrente mesmo vejo mesmo apenas uma: a que tem estado em meu pescoço, logo abaixo da venda que teima em pairar sobre minha visão da história da Geografia.

filosófico antecederam os Europeus, da Grécia antiga. Assim, para minha surpresa, Febvre, com sua retórica sarcástica, aponta que:

Buffon was a scientific man – a practical scientist. Let us mark the difference. The Abbé Dubos is continually resuscitated, and his attempt to free himself from exaggerations and time-honoured inaccuracies is commented on: “I distrust physical explanation”, he writes, “because of the imperfection of that science in which it is nearly always necessary to guess; but the facts which I state are certain”: a fine show of wisdom, which only disguises ancient and traditional commonplaces under a scientific mask. But Buffon is never quoted; he, however, is in no need of resuscitation, for he is ever alive. Buffon’s idea is quite the modern one. There is no longer any question of “influences” more or less occult and mysterious, if not in their effect, at least in their method. Buffon’s man is no creature of putty to be shaped by nature. He is a doer. He is literally one of the forces of nature. “For some thirty centuries the power of man has been joined to that of nature and has extended over the greater part of the earth. By his intelligence the animals have been tamed, subjugated, broken in, and reduced to perpetual obedience. By his labors marshes have been drained, rivers embanked and provided with locks, forests cleared, moorlands cultivated...The entire face of the earth bears to-day the imprint of man’s power which, although subordinate to that of nature, [não deixa, como um bom pensador do iluminismo, de considerar as influências ambientais] has often done more than she, or, at least, has so marvelously seconded her that it is by our aid that she has developed to her full extent.” And undoubtedly there is here no question of man’s independence of natural conditions [creio que seja improvável que tenha existido um “ultra-possibilista” capaz de sustentar a independência do homem em relação às condições naturais, assim como também é impensável a idéia de um determinista negando a margem de ação humana sobre a natureza.]³⁰⁵ In a sense he is more subject to them than any other living being by the very reason of his ubiquity [!]. [Reafirmando essa constatação incrivelmente perspicaz e moderna até mesmo para os padrões

³⁰⁵ Insistir nessa discussão tem sido uma necessidade da argumentação em torno dos exageros da crítica, mas que nessa altura da tese já pode ser abandonada para que não se entediem ainda mais o leitor e o autor.

atuais, o homem é mais vulnerável às influências ambientais do que os animais, justamente pelo fato de ser mais onipresente, ubiquidade esta que o coloca em contato mais íntimo, invasivo e dramático com a natureza e seus fatores atuantes. Dessa forma, é a criatura humana que mais precisa se preocupar com as influências ambientais. Essa preocupação deve crescer à medida que a sociedade se torna mais complexa do ponto de vista material e cultural.] Is he not the only living being who lives anywhere and everywhere that life is possible? “He is the only living being whose nature is strong enough to be able to subsist and multiply, and to adapt himself to all the climates, and even to particular countries; animals are, in many respects, productions of the earth; man is in every way the work of heaven”. Leaving out the heaven [O uso do termo heaven pode comprometer o pensamento de Buffon, aproximando-o perigosamente da visão teleológica de natureza], the modern idea, the idea of man as a natural agent, the idea which Vidal de la Blache has well stated in his articles on *Genres de vie*, is in Buffon and not in Montesquieu – in Buffon who somewhere tries ingeniously to show how man can affect climate (and it matters little that the examples were badly chosen). He marks the starting-point of another idea than theirs – the complete antithesis of their idea. The earth, fashioned, altered, adapted, humanized by man, without doubt reacts in turn on him. But it is he who first exerts on it his power of adaptation and transformation. (FEBVRE, 1925, p.7).

Glacken, na introdução de seu capítulo “Culture and Environment in the eighteenth century”, também ressalta o “possibilismo” de Conte Buffon, cujas idéias em torno do homem como modificador do seu ambiente ressaltou a fraqueza das teorias da influência ambientais ao enfatizar a força e o poder da criatividade humana, pois “ (*...in the work of Count Buffon, especially in the last epoch of “Des Époques de la nature”, the idea of man as an agent of environmental change comparable in power to other agents of geographic and geological change like the wind and the water, becomes an important concept in understanding the relation of mankind to the rest of life and to inanimate nature.* (GLACKEN, 1967, p.503) Apesar desse grande apelo para a ação transformadora do ser humano, segundo Glacken “*There were often environmentalistic overtones in Buffon’s thinking*”.(id). Na *opum magnum* de Glacken

“Traces on the rhodian shore – Nature and culture in western thought from ancient times to the end of the eighteenth century, Count Buffon é o único autor a ocupar um capítulo todo, intitulado “The Epoch of man in the history of nature”, em alusão à “masterpiece” de Buffon, “Des Époques de la Nature”. Segundo Glacken, a obra de Buffon revela conhecimentos vastos em áreas como Cosmologia, Geografia, Geologia, Geologia Histórica, Botânica, Zoologia, Etnologia e Recursos Minerais. A riqueza da obra desse naturalista, filósofo e geógrafo pôde, ao contrário dos primeiros iluministas, beneficiar-se do grande acúmulo de conhecimento que se deu ao longo do século XVIII. Assim, na época de Buffon as oportunidades para comparações aumentaram muito e esse rico contexto intelectual foi bem aproveitado pelo naturalista que, nas palavras de Glacken:

Natural histories like Buffon’s – factual, often compendium-like, composed inductively, concrete in detail but with supporting theory – inevitably considered man’s place in nature, the environmental influences on man, and increasingly the man-made changes in nature, visible proof of which lay in the contrasts between environments long settled by man and those remote from his influence. (...Count Buffon, the greatest of the eighteenth century natural historians, in awakening interest in the effect of man on other forms of life and on the physical environment as a whole. They include themes that since have become of world importance, such as the idea of a primordial balance in nature which civilized man interferes with at his own risk; the contrasting idea of purposeful change to create a better environment, the effects of clearing on climate, of clearing and drainage on health; the cultural aspects of forest protection and torrent control. (ibid, p.657)

4.3. De outras Geografias

Nadou e nadou e morreu na praia

Ditado Popular

Quando falo em “outras Geografias”, não pretendo diminuir a importância nem tampouco colocá-las numa mesma gaveta que possa ser ignorável. Com esse termo quero dizer exatamente o contrário disso. O período compreendido entre o iluminismo e o advento da Geografia Crítica, ou seja, 200 anos de formação e desenvolvimento da ciência geográfica, é certamente o mais rico e complexo, e de particular interesse para se estudar os discursos deterministas. Diante dessa realidade, e considerando que optei por um histórico a partir da Grécia antiga, configurou-se em total impedimento realizar um histórico que pudesse se aprofundar nesse período fecundo e de grandes rupturas e polimentos paradigmáticos, de grandes avanços teóricos, de amplos debates e de crescente interligação da Geografia com suas ciências afins. Houve também a necessidade de se tratar mais aprofundadamente de Semple e Huntington, dificultando ainda mais um histórico amplo dos 200 anos de Geografia pós-iluminismo. O próprio Glacken³⁰⁶, que realizou o maior histórico das idéias ambientais e da relação homem-meio de que tenho notícia, “parou” sua empreitada com sua análise do iluminismo. Assim esclarecido, escolhi, pelas críticas despertadas, e pela grandiosidade de suas obras, complexas, contraditórias e plena de nuances subestimadas, os autores estadunidenses Ellen Semple e Ellsworth Huntington, considerados os grandes Judas da Geografia Clássica.

³⁰⁶ Martin, em “The History of Geography”, assevera à Glacken uma notável posição entre os grandes historiadores da Geografia nos EUA. Glacken aparece na bibliografia de meia dúzia de livros com os quais entramos em contato. Ou seja, é ínfima sua influência sobre os que estudaram a história do pensamento.

Essas geografias que não foram contempladas pelo histórico incluem o período clássico e inicial da Geografia acadêmica, com Humboldt e Ritter³⁰⁷ principalmente, e com Vidal de La Blache; a Geografia alemã na época de Ratzel; a Geografia russa, incluindo a marxista; a Geografia britânica e a Geografia dos EUA.

Sobre os autores alemães, um estudo que se fizesse sobre as idéias das influências ambientais não poderia prescindir dos autores de tradição ritteriana, como Reclus, Guyot e Frobel, além de Ratzel e seus contemporâneos como Richthofen, Peschel, Penck e Hettner; ao passo que no “front” francês, além de concisa análise de La blache por sua obra “Principles of Human Geography” e de seus principais seguidores: Brunhes, Febvre e Sorre. Uma análise mais concisa poderia ser feita com base nas obras de Demangeon, De Martonne, Vallaux, Deffontaine, p. George e Cholley. Todavia, acredito que para a consecução de um histórico amplo da idéia das influências ambientais não é necessário resgatar todos os grandes autores da Geografia, mas apenas aqueles que se ocuparam consideravelmente com a questão.

Sobre Ratzel, infelizmente não será dada a atenção que tal autor pertinentemente demandaria, mas muitas de suas idéias aparecem na obra de Ellen Semple, ainda que adaptadas, acrescidas e subtraídas. Por essa razão, as idéias de Ratzel não podem ser dadas como discutidas nesta tese. Alguns comentários serão feitos a respeito de sua principal obra, “Antropogeografia”, mas sem a pretensão de analisar e pormenorizar a extensa e complexa teia argumentativa do autor. Serão apenas discretas pontes na direção de Semple e que serão realizadas no subcapítulo dedicado à autora.

Ao contrário do que comumente se disseminou pela história do pensamento geográfico, Ritter também comungou do “desvio determinista”, conforme aponta Lewthwaite: “(...) *Adherents of the chorological principle, including Kant and Ritter, and even Hettner, did in fact sometimes exaggerate the potency of the environment.*”(LEWTHWAITE, 1966, p.20)

³⁰⁷ As obras mais importantes são *Cosmos e Quadros da Natureza*, de Humboldt, e *The Science of the Earth in Relation to Nature and the History of Mankind*, de Ritter.

Nos EUA, uma análise mínima deve contemplar William M. Davis, e os antecessores de Semple e Huntington: Smith, Shaler e Brigham; além de Ward, Turner e Barrow. Alguns autores mais atuais, que escreveram suas obras nas décadas que imediatamente antecederam a Geografia crítica, como Hartshorne, Buttimer and Freeman, também podem contribuir de alguma forma ao entendimento da história das idéias das influências ambientais.

Glacken, apesar de não ter sido rotulado de determinista pelos críticos consultados, cita algumas evidências do quão poderosas podem ser as conseqüências de algumas influências ambientais. Ao argumentar que sua obra é fruto não apenas de leitura em gabinete, mas também de suas inúmeras viagens de observação, Glacken cita sua experiência com migrantes de famílias provenientes do Dust Bowl, nos EUA, e confessa que se tornou muito consciente, assim como vários outros estudiosos, das complexas relações existentes entre depressão econômica, erosão do solo e a vasta migração para a Califórnia. Todavia, não explica essa relação, por fugir ao tema de seu livro, mas este reconhecimento é suficiente para colocá-lo como mais um autor que não consegue prescindir das influências ambientais para explicar a cultura e o desenvolvimento da civilização. Reconhece também os efeitos da distância e da proximidade, *“The effects of cultural contact vary, however, with distance or contiguity. Commerce with far-off nations seldom can form the intimate connections that are possible with closer neighbors.”* (GLACKEN, 1967, p.599)

The works of Toynbee I have read; the works of Huntington I have mostly found unreadable. Asking myself why that is so, it seems we have had an explanation partly by Dr. Spate and partly by a later speaker. Dr. Toynbee makes the poetic approach and, not being a poet, the poetic approach appeals to me and I enjoyed Toynbee. I found him stimulating and I think some of his comments are a definite step forward. Huntington attempts to be a scientist, to tackle the problem statistically, and what rather annoys me is that he deals with statistical matters not too fairly. What is this probableism ? I cannot think it is a great advance upon possibilism. I listened to the argument about island sites particularly carefully and it seems that the

possibilism can be probableism. Admittedly that was not carried out in any great detail in the analysis. (Taylor et al, 1952)

No Reino Unido, importantes figuras para o tema desta tese são: Mackinder, Herbertson e Mill, os três geógrafos que mais refletiram a respeito das influências ambientais, e sobre Newbiggin e Fleure, por terem seguido La Blache e Le Play e terem se ocupado com a relação homem-ambiente a partir de um prisma ambientalista. Fleure, especificamente, trouxe à Geografia uma classificação regional do mundo em sete tipos, baseada nos problemas e dificuldades impostos pelo ambiente físico. Além desses autores, há a obra essencial de Griffith Taylor (“Stop-and-go Determinism”), que embora britânico, escreveu sua principal obra baseando-se na Austrália, onde foi professor, além de ter atuado também no Canadá e EUA. Ou seja, ele faz parte da tradição anglófona da Geografia e sua obra teve grande disseminação nos EUA, ao lado das obras de Semple e Huntington.

A Geografia na Rússia, influenciada pelos historiadores de tradição determinista, como Sergey Solovyev, trouxe amplos debates acerca do determinismo ambiental, refletindo-o por vezes num contexto marxista, e desencadeando o chamado “indeterminismo”, que se tornou, na era soviética, um paradigma oficialmente aprovado por Stalin. Autores russos que seriam importantes para se estudar a idéia das influências ambientais seriam os “deterministas” Sauskin, Anuchin (neo-determinista), Baranskiy e Plekhanov, com maior detimento sobre estes dois últimos, expoentes russos da Geografia econômica; e sobre os autores “indeterministas”, como Pokrovskiy e Voskanyan.

O indeterminismo”, em sua acepção filosófica, é a exata antítese do exagero do determinismo, ou seja, trata-se de uma *“doutrina segundo a qual o homem, ou Deus, possui o livre-arbítrio no sentido mais específico e mais forte desta palavra.”* (LALANDE, 1999, p.547). Este termo tem sido usado num sentido pejorativo por aqueles que se sentiram injustiçados com o rótulo de deterministas, mas que assim acabaram também rotulando os que fortemente se opuseram aos “deterministas”.

4.4. Dois algozes emblemáticos: Huntington e Semple

Without a count, it seems safe to estimate that Miss Simple consulted about a thousand different works for “influences”

John K. Wright

A complexidade da Geografia vem realmente à tona no período 1890-1930 quando acirrados embates epistemológicos e filosóficos são travados no coração da nascente Geografia moderna, supostamente polarizada pelas correntes possibilista e determinista. Nesse momento emergiram dificuldades teóricas e metodológicas em comum com as ciências humanas. A tentativa positivista de cientificizar a Geografia com uma tenaz busca por leis gerais e a interpretação neolamarckista e darwinista do ser humano, sob a influência spenceriana, despertou críticas severas que não raro imergiram em precipitada rotulagem e estereotipagem de autores e teorias. É nesse cenário que serão analisadas as principais obras dos dois expoentes deterministas, “Influences of Geographic Environment” e “Civilization and Climate” de modo a trazer à tona alguns matizes até então subanalisados de suas teorias e que contradizem seus críticos.

4.4.1 Influences of the Geographic environment: Semple e a Paráfrase com licença poética

A “Magnum opus” de Ellen Semple, “Influences of geographical environment on the basis of Ratzel's system of anthropo-geography, como o próprio nome diz, é uma paráfrase (ao que parece, bastante afastada do original) da Antropogeografia de Ratzel. Apesar de ser um tema muito interessante para estudo, meu objetivo não é comparar Semple com Ratzel, então a não leitura de Ratzel não significa impedimento metodológico e teórico para se fazer uma leitura de Semple.

Assim, neste subcapítulo, será discutida essa polêmica obra, ainda que de maneira preliminar e pontual, como uma primeira abordagem, sem a devida intimidade necessária para se extrair grandes conclusões e realizar detalhada crítica. Os capítulos um e dois, por serem mais gerais e explicativos da obra como um todo, serão analisados com mais comentários, os outros capítulos, que não foram estudados a contento, não serão esmiuçados.

Ao contrário da obra de Huntington, que foi um pouco mais profundamente analisada nesta tese, a obra de Ellen Semple será mostrada na forma de excertos selecionados criteriosamente a partir dos sete objetivos desta tese, com alguns breves comentários críticos e explicativos. Devido ao texto peculiar, com passagens de beleza incomum nos escritos moderninhos e limpinhos da pós-modernidade ultracientífica³⁰⁸, e com trechos marcados por ousadia, perspicácia, ou controvérsia, adotou-se a livre apresentação de trechos variados, que se espera não tenham flutuado ou confundido o leitor, uma vez que ficaram necessariamente órfãos de seu contexto retórico.³⁰⁹

Com vocês, uma das obras mais polêmica da história da Geografia:

INFLUENCES OF GEOGRAPHIC ENVIRONMENT

ON THE BASIS OF RATZEL'S SYSTEM OF ANTHROPO-GEOGRAPHY

By ELLEN CHURCHILL SEMPLE

³⁰⁸ Afinal, não se fazem mais Gilbertos Freyres como antigamente, que aliás, diga-se de passagem, deveria ter ensinado Ellen Semple a ser ainda mais estimulante em sua escrita.

³⁰⁹ Possivelmente quando discutida em artigos futuros ou em meios mais disseminados, os textos de Ellen Semple serão traduzidos, tarefa nada fácil que eu teria o prazer de realizar, mas que nesta tese se mostrou definitivamente impossível, além do que demandaria também o olhar de um tradutor que tivesse o inglês como língua nativa.

O prefácio³¹⁰ de Semple será transcrito em sua maior parte, acompanhado de paráfrases minhas. Este prefácio é de fundamental importância para se avaliar de antemão o quão Semple era consciente das limitações de sua pesquisa. Contudo, os críticos não o mencionam, com exceção de dois autores.

A primeira frase do prefácio já explica que se trata de uma simplificada paráfrase ou reafirmação dos princípios incorporados na “Antropogeografia”. Ela afirma que esta obra é de difícil leitura até mesmo para alemães (!), e que para a maioria dos estudantes americanos e ingleses é um livro fechado, uma casa-tesouro proibitiva. “*Ratzel himself realized 'that any English form could not be a literal translation, but must be adapted to the Anglo-Celtic and especially to the Anglo-American' mind.'*” (SEMPLE, 1911, p. v)

Sobre a base metodológica de Ratzel, afirma que “*Ratzel performed the great service of placing anthropo-geography on a secure scientific basis. He had his forerunners in Montesquieu, Alexander von Humboldt, Buckle, Ritter, Kohl, Peschel and others; but he first investigated the subject from the modern scientific point of view, constructed his system according to the principles of evolution, and based his conclusions on world-wide inductions, for which his predecessors did not command the data.*” (ibid, Preface v)

Ratzel só pode realizar tal empreitada devido ao seu treino enquanto naturalista, sua ampla leitura, suas numerosas viagens, seu intelecto profundo e original, e sua mente incrivelmente fértil. Entretanto, o campo de estudos escolhido por Ratzel é tão vasto, e seus fatos e fenômenos relacionados tão complexos que mesmo os grandes “insights” de sua mente não puderam completamente encompassá-los. Ela afirma que a consequência disso é que as conclusões de Ratzel não são sempre exaustivas ou finais. Mas quem na história da ciência apresentou conclusões finais e exaustivas?

³¹⁰ Prefácio é aquele lugar em que muitos autores aproveitam para fingir que fizeram muito pouco, e que estão plenamente conscientes de todas as limitações possíveis. Também é um espaço para alertar os mal-intencionados e tentar convencê-los de que não se cometeu nenhuma heresia. Por qual razão impera na acadêmicosfera uma necessidade tão exasperada de tentar convencer a platéia, mesmo quando houve um grande musical ou uma grande apresentação circense ou operística, de que tudo não passou de um malabarismo de semáforo?

Após esse senão, Semple aponta para a falta de testabilidade da validade dos princípios de Ratzel, devido à fecundidade de suas idéias que lhe tomavam todo o tempo disponível. Ela descreve com retórica quase poética as qualidades e deficiências de Ratzel:

He enunciates one brilliant generalization after another. Sometimes he reveals the mind of a seer or poet, throwing out conclusions which are highly suggestive, [Ela própria parece abusar dessa mesma peculiaridade ratzeliana, e seus críticos não aprovaram esse “defeito”] on the face of them convincing, but which on examination prove untenable, or at best must be set down as unproven or needing qualification. But these were just the slag from the great furnace of his mind, slag not always worthless. Brilliant and far-reaching as were his conclusions, he did not execute a well-ordered plan. Rather he grew with his work, and his work and its problems grew with him. He took a mountain-top view of things, kept his eyes always on the far horizon, and in the splendid sweep of his scientific conceptions sometimes overlooked the details near at hand. Herein lay his greatness and his limitation. [Nesses traços mencionados reside tanto a grandiosidade de Ratzel quanto suas limitações] (SEMPLE, 1911, Preface v-vi).

Diante das deficiências da Antropogeografia, Semple se propôs a buscar os dados em sua fundação e contrastar os princípios com os fatos. *“This was especially necessary, because it was not always obvious that Ratzel had based his inductions on sufficiently broad data; and his published work had been open to the just criticism of inadequate citation of authorities. It was imperative, moreover, that any investigation of geographic environment for the English-speaking world should meet its public well supported both by facts and authorities, because that public had not previously known a Ritter or a Peschel.”* (ibid, p.vi)

Semple sugere ter avançado e superado Ratzel, e tal afirmação carece de uma análise comparativa que provavelmente ainda não foi publicada, se é que foi estudada. Para ela, a obra de Ratzel não constitui um sistema completo e bem balanceado. Alguns aspectos foram tratados inadequadamente, outros não passam de mera inferência, enquanto outros são representados por hiatos. Assim, foi necessário

esclarecer a afirmação inicial, e transladar pensamentos mais abstratos para formas de expressão mais concretas, que são mais demandadas pela mente anglo-saxã. Vimos no capítulo dois que os modos de narrativa para a Geografia, segundo Smith, são essenciais para se obter sucesso com o público, Semple parece dizer exatamente isso, e por essa razão, o estilo de escrita de Ratzel teve que ser radicalmente revisto para se tornar “palatável”. Não precisamos ir tão longe: o papo de um Homo academicus qualquer pode ser um deleite para uns e verdadeiro embuste nauseante para outros. Preferências retóricas e minúcias da linguagem são variadíssimas entre os indivíduos, e refletem uma série de fatores em jogo: modo de ser, filosofia de vida, talentos e habilidade, classe social, auto-estima, necessidades diversas, desejo de controle e manipulação, traumas de infância, papel assumido na escola, relação com professores, “desordens” psíquicas, preferências na área científica, livros lidos, quantidade de línguas dominadas, importância atribuída à linguagem escrita, influências jornalísticas³¹¹, enfim, todas as influências de nossas vidas afetam os estilos que usamos e aqueles que apreciamos, que costumam coincidir com os estilos usados.

Nas palavras de Semple:

The writer's own investigation revealed the fact that Pretzel's principles of anthropo-geography did not constitute a complete, well-proportioned system. Some aspects of the subject had been developed exhaustively, these of course the most important; but others had been treated inadequately, others were merely a hint or an inference, and yet others were represented by an hiatus. It became necessary, there-for, to work up certain important themes with a thoroughness commensurate with their significance, to reduce the scale of others, and to fill up certain gaps with original contributions to the science. Always it was necessary to clarify the original statement where that

³¹¹ Sempre tive medo de ser visto como um plagiador do linguajar jornalístico, e já fui comparado, oralmente inclusive, com o exagero do empestamento retórico jornalístico. Se isso é fato ou não, a única certeza é que me frustraria menos na edição de um jornalzinho tablóide do que em escolas mal gerenciadas e exalando odores políticos, mesquinhos e macabros dignos desse tablóide que tão bem refletiria o ambiente escolar em que vivi.

was adhered to and to throw it into the concrete form of expression demanded by the Anglo-Saxon mind. (ibid,p. vi)

Semple afirma que a teoria orgânica de sociedade e estado permeia toda a Antropogeografia, uma vez que Ratzel formulou-a sob tremenda influência de Spencer no pensamento europeu, e cuja teoria abandonada pelos sociólogos teve que ser eliminada da paráfrase de Ratzel. Logo, se assim afirma Semple (não pude confirmar com a leitura completa da obra, mas foi possível notar ao menos fortes analogias orgânicas), ela não pode ser rotulada de spenceriana, e qualquer atribuição de darwinismo e neolamarckismo a sua obra deve ser olhado com cautela. Contudo, a idéia neolamarckista de herança de caracteres adquiridos aparece de fato nos escritos de Semple.

Semple finaliza seu prefácio apresentando idéias com a finalidade de defender-se de acusações injustas de determinismo leviano, e deixa claro que não pretendeu delimitar e classificar sua obra como algo acabado, ou como um avanço suficiente em relação à Antropogeografia de Ratzel, pois “Não é nada sábio colocar roupas apertadas numa criança em crescimento”:

The writer, moreover, has purposely avoided definitions, formulas, and the enunciation of hard-and-fast rules; and has refrained from any effort to delimit the field or define the relation of this new science of anthropo-geography to the older sciences. It is unwise to put tight clothes on a growing child. The eventual form and scope of the science, the definition and organization of its material must evolve gradually, after long years and many efforts of many workers in the field. The eternal flux of Nature runs through anthropo-geography, and warns against precipitate or rigid conclusions. But its laws are none the less well founded because they do not lend themselves to mathematical finality of statement. For this reason the writer speaks of geographic factors and influences, shuns the word geographic determinant, and speaks with extreme caution of geographic control. The present volume is offered to the public with a deep sense of its inadequacy; with the realization that some of its principles may have to be modified or their emphasis altered after wider research; but also with the

hope that this effort may make the way easier for the scholar who shall some day write the ideal treatise on anthropo-geography. In my work on this book I have only one person to thank, the great master who was my teacher and friend during his life, and after his death my inspiration.

Ellen Churchill Semple

Louisville, Kentucky

January, 1911. (SEMPLE, p. vii)

A frase acima sublinhada foi citada por apenas dois críticos, e um deles inclusive afirma que Semple lindamente diz evitar certos termos, mas que isso não passa de descarte de termos, pois nos termos alternativos e mais “suaves” está embutido o determinismo radical da autora. Todos os outros críticos parecem ter ignorado o prefácio, e a maioria deles cita exclusivamente a frase de abertura da obra, ou as frases que lhe seguem: *“Man is a product of the earth’s surface. This means not merely that he is a child of the earth, dust of her dust; but that the earth has mothered him, fed him, set him tasks, directed his thoughts, confronted him with difficulties that have strengthened his body and sharpened his wits, given him his problems of navigation or irrigation, and at the same time whispered hints for their solution. She has entered into his bone and tissue, into his mind and soul.”*(ibid, p.1)

Não se trata aqui de um Shakespeare, nem de um Poppe ou Joyce, mas para o padrão predominante nos textos geográficos, esse trecho transborda poesia. É melodia nas veias. É devido a essa dubiedade e essa vaguidade do floreio poético que os críticos puderam espezinhar a autora, concentrando-se nessas metáforas, como se um parágrafo floreado fosse suficiente e capaz de representar todo o pensamento da autora, meramente pelo decote abusado de uma licença poética. Semple segue sua licença peculiar:

On the mountains she has given him leg muscles of iron to climb the slope; along the coast she has left these weak and flabby, but given him instead vigorous development of chest and arm to handle his paddle or oar.[Essas frases não podem ser tomadas em seu sentido literal ou aproximado. O que

ela quis dizer está bem distante disso] In the river valley she attaches him to the fertile soil, circumscribes his ideas and ambitions by a dull round of calm, exacting duties, narrows his outlook to the cramped horizon of his farm. Upon the wind-swept plateaus, in the boundless stretch of the grasslands and the waterless tracts of the desert, where he roams with his flocks from pasture to pasture and oasis to oasis, where life knows much hardship but escapes the grind of drudgery, where the watching of grazing herd gives him leisure for contemplation, and the wide-ranging life a big horizon, his ideas take on a certain gigantic simplicity; religion becomes monotheism, God becomes one, unrivalled like the sand of the desert and the grass of the steppe, stretching on and on without break or change. Chewing over and over the cud of his simple belief as the one food of his unfed mind, his faith becomes fanaticism; his big special ideas, born of that ceaseless regular wandering, outgrow the land that bred them and bear their legitimate fruit in wide imperial conquests. [retórica “épica”](ibid., p.1-2)

O parágrafo abaixo rebate uma série de críticas fantasiosas ao determinismo ambiental:

Man can no more be scientifically studied apart from the ground which he tills, or the lands over which he travels, or the seas over which he trades, than polar bear or desert cactus can be understood apart from its habitat. Man's relations to his environment are infinitely more numerous and complex than those of the most highly organized plant or animal. So complex are they that they constitute a legitimate and necessary object of special study.(...) Hence all these sciences, [Antropologia, Etnologia, História e Sociologia] together with history so far as history undertakes to explain the causes of events, fail to reach a satisfactory solution of their problems largely because the geographic factor which enters into them all has not been thoroughly analyzed. Man has been so noisy about the way he has “conquered Nature,” and Nature has been so silent in her persistent influence over man, that the geographic factor in the equation of human development has been overlooked. (SEMPLE, 1911, p.2)

Semple fala claramente da persistência e estabilidade dos fatores geográficos na História, e tal verdade auto-evidente³¹² não deveria lhe custar um rótulo: *“In every problem of history there are two main factors, variously stated as heredity and environment, man and his geographic conditions, the internal forces of race and the external forces of habitat. Now the geographic element in the long history of human development has been operating strongly and operating persistently. Herein lies its importance. It is a stable force. It never sleeps.”* (ibid, p.2)

“This natural environment, this physical basis of history, is for all intents and purposes immutable in comparison with the other factor in the problem—shifting, plastic, progressive, retrogressive man.”(id) Nesse sentido de ser mais imutável/perene do que outros fatores é que se pode dizer que é fundamental ou a mais importante. Não quer dizer necessariamente que o ambiente modela mais ou condiciona mais o comportamento humano e o nível de desenvolvimento das nações quando comparado a fatores mais fugazes e temporários. Dessa forma, *“History tends to repeat itself largely owing to this steady, unchanging geographic element.”* (id, p.2)

Semple, ao falar dos efeitos da proximidade, menciona fatos simples e incontestáveis, que mostram claramente algumas influências básicas de fatores geográficos, e que inclusive não foram contestados pela crítica: *“The history of the Greek peninsula and the Greek people, because of their location at the threshold of the Orient, has contained a constantly recurring Asiatic element”*. (ibid, p.3)

Sobre os efeitos das barreiras naturais, como uma cordilheira ou um deserto, Semple demonstra uma visão completa, ao explicar que essas barreiras atualmente barram apenas os mais pobres e os transportes de carga pesada e barata, que não podem arcar com os custos da transposição dessas barreiras: *“Formerly these mountains barred the weak and timid; to-day they bar the poor, and forbid transit to all merchandise of large bulk and small value which can not pay the heavy transportation charges.”* (ibid, p.4)

³¹² A natureza influencia o homem simplesmente e suficientemente porque existe, logo, como é impossível que deixe de existir, sua influência também é perene. Por isso, “nunca dorme”.

Sobre a influência do clima, afirma que as regiões áridas só podem ser cultivadas mediante irrigação, e que a prosperidade do Egito ainda em sua época dependia completamente na distribuição das águas do Nilo, assim como no tempo dos faraós. Sobre a Rússia, afirma que o frio intenso influenciou o desenvolvimento econômico: *“Even with the intrusion of white colonial peoples, it perpetuates the savage economy of the native hunting tribes, and makes the fur trader their modern exploiter, whether he be the Cossack tribute-gatherer of the lower Lena River, or the factor of the Hudson Bay Company.”* (ibid, p.10)

Quanto à insalubridade dos trópicos e à conseqüente degeneração do homem branco, concorda com Huntington: *“In the same way the Tropics are a vast melting-pot. The debilitating effects of heat and humidity, aided by tropical diseases, soon reduce intruding peoples to the dead level of economic inefficiency characteristic of the native races.”* (ibid, p.10)

Em seguida, fala da relação História/Geografia e explica que a Geografia só alcançará uma conclusão acurada quando comparar a operação de seus fatores em diferentes períodos históricos e diferentes estágios culturais: *“Geography lies at the basis of history. ...all historical development takes place on the earth’s surface, and therefore is more or less molded by its geographic setting(...)It therefore regards history in no small part as a succession of geographical factors embodied in events.(...)All historical problems ought to be studied geographically and all geographic problems must be studied historically”*.(ibid, p.10-11)

Sempre critica aqueles que falham em considerar os fatores geográficos em seu conjunto e que os princípios da antropogeografia de sua época era imprecisos e superficiais:

The study of physical environment as a factor in history was unfortunately brought into disrepute by extravagant and ill-founded generalization, before it became the object of investigation according to modern scientific methods. And even to-day principles advanced in the name of anthropo-geography are often superficial, inaccurate, based upon a body of data too limited as to space and time, or couched in terms of unqualified statement which exposes

them to criticism or refutation. Investigators in this field, moreover, are prone to get a squint in their eye that makes them see one geographic factor to the exclusion of the rest; whereas it belongs to the very nature of physical environment to combine a whole group of influences, working all at the same time under the law of the resolution of forces. (ibid, p.11)

Semple enfatiza a evolução das relações geográficas, ou seja, um fator que hoje é favorável, no futuro pode ser desfavorável, pois depende no nível do progresso humano. Fatores geográficos até um certo momento adormecidos, podem “acordar” devido a expansão do mundo conhecido, com explorações, novas terras, e pelo progresso dos inventos e do desenvolvimento humano. Garavaglia, em seu artigo sobre os povos pré-colombianos do vale do México, fala exatamente isso, pois para o nível técnico desses povos, que desconheciam a roda, as águas da região eram um fator positivo e bem utilizado como transporte e para uma espécie de agricultura aquática, mas com a chegada do europeu, essas águas já não ajudavam, pois atrapalhavam os transportes terrestres e a ocupação humana, que exigia aterramento, sem contar que a visão européia de natureza, desde os gregos, abomina áreas pantanosas, sempre associadas com doenças e pobreza.

Sobre o futuro da Rússia, eurocentricamente polemiza: “*Consequently, when the Muscovite people, instructed by the example of western Europe, shall have grown up intellectually, economically and politically to their big territory, its area will become a great national asset.*” (ibid, p.12) Na passagem seguinte, Semple previu que o futuro da Rússia seria de destaque, como de fato ocorreu durante os anos de comunismo, e que começa a se delinear novamente, com uma Rússia capitalista cujo peso mundial tem crescido, ameaçando o espaço da União Européia: “Many of its previous geographic disadvantages will vanish, like the diseases of childhood, while its massive size will dwarf many previous advantages of its European neighbors.” (ibid, p.12-13) Semple afirma que o lento desenvolvimento histórico da Rússia tem ocorrido devido a vários fatores geográficos:

to excess of cold and deficiency of rain, an outskirt location on the Asiatic border of Europe exposed to the attacks of nomadic hordes, a meager and,

for the most part, ice-bound coast which was slowly acquired, an undiversified surface, a lack of segregated regions where an infant civilization might be cradled, and a vast area of unfenced plains wherein the national energies spread out thin and dissipated themselves. The better Baltic and Black Sea coasts, the fertility of its Ukraine soil, and location next to wide-awake Germany along the western frontier have helped to accelerate progress, but the slow-moving body carried too heavy a drag. (ibid, p.14)

Semple não trata o fator “proximidade do mar” de maneira isolada, e sim em relação ao efeito combinado com o tipo de terreno do litoral. Assim, a localização litorânea somada à presença de uma cordilheira costeira, encostas estéreis, solo infértil e chuvas escassas podem, com muito mais força que meramente um fator, forçar um povo a desbravar os oceanos. *“some or all of these factors combined to compel the inhabitants to seek on the sea the livelihood denied by the land. Here both forces worked in the same direction”. So the English turned to the sea—to fish, to trade, to colonize. Holland’s conditions made for the same development”* (ibid, p.15). Sobre a Holanda, afirma que: *“The meager products of the land had to be eked out by the harvest of the sea. Fish assumed an important place in the diet of the Dutch, and when a process of curing it was discovered, laid the foundation of Holland’s export trade.”* (ibid, p.15-16) Também explica que esses dois fatores podem agir de maneira oposta, de modo a se anularem, ou seja, num litoral cujo solo e clima são favoráveis, seus habitantes provavelmente não serão estimulados a sair em busca de novas terras.

Semple fala numa influência à distância, ou seja, um fator atuando de um lado do mundo pode ter um efeito sobre o outro lado: *“But it is also a link in a great chain of lands, and therefore may feel a shock or vibration imparted at the remotest end. The gradual desiccation of western Asia which took a fresh start about 2,000 years ago caused that great exodus and displacement of peoples known as the Völkerwanderung, and thus contributed to the downfall of Rome; it was one factor in the Saxon conquest of Britain and the final peopling of central Europe”*. (ibid, p.17)

Sobre os efeitos diretos e indiretos, afirma que este último é mais importante e o que oferece mais ciladas:

The geographic factors in history appear now as conspicuous direct effects of environment, such as the forest warfare of the American Indian or the irrigation works of the Pueblo tribes, now as a group of indirect effects, operating through the economic, social and political activities of a people. These remote secondary results are often of supreme importance; they are the ones which gives the final stamp to the national temperament and character, and yet in them the causal connection between environment and development is far from obvious. They have, therefore, presented pitfalls to the precipitate theorizer. (SEMPLE, 1911, p.18)

Ao criticar Buckle e Montesquieu, se auto-intitula uma “geógrafa científica”, ciente dos perigos da análise superficial. *“The scientific geographer, grown suspicious of the omnipotence of climate and cautious of predicating immediate psychological effects which are easy to assert but difficult to prove, approaches the problem more indirectly and reaches a different solution.”* (ibid, p.18)

Sobre os efeitos indiretos na cultura, na mente, Semple faz observações bastante pertinentes. Ela explica que os homens europeus mais letrados concentra-se nos vales e terras baixas, contrastando com a rudeza dos habitantes das montanhas. Ela explica essa diferença não de forma a sugerir um efeito direto místico dos rios sobre a inspiração e a inteligência, mas pela óbvia influência indireta em termos dos rios desses vales, que facilitam as viagens e intercâmbios culturais com outros povos, permitindo rápido e fácil acesso aos grandes centros urbanos, enquanto que os povos das montanhas permanecem isolados do contato com culturas mais ricas que poderiam lhe aprimorar algumas habilidades intelectuais. Assim, essa explicação de Semple é um grande avanço em relação à explicação racial absurda que prioriza os celtas cultos da planície em detrimento dos teutônicos incultos das montanhas. *“The low mountains of central Germany which von Treitschke cites as homes of poets and artists, owing to abundant and varied mineral wealth, are the seats of active industries and dense populations, while their low reliefs present no serious obstacle to the numerous highways across them. They, therefore, afford all conditions for culture.”* (ibid, p.20),

Sobre os efeitos da colonização e do isolamento, afirma que a variação sob novas condições naturais, quando salvaguardadas pelo isolamento, tendem a produzir

modificações do tipo colonial, num exemplo de efeito direto da mudança de ambiente. Assim, Semple explica de que forma o ambiente foi um dos fatores na constituição do caráter americano: *“New conditions present new problems which call for prompt and original solution, make a demand upon the ingenuity and resourcefulness of the individual, and therefore work to the same end as his previous removal from the paralyzing effect of custom in the old home country.”* (ibid, p.22).

Essa influência indireta se dá por meio da vida econômica e social: *“Environment influences the higher, mental life of a people chiefly through the medium of their economic and social life; hence its ultimate effects should be traced through the latter back to the underlying cause. But rarely has this been done.”* (ibid, p.22). Assim, Semple se aproxima de Boas e de Febvre, que insistem no seguinte ponto: o ambiente influencia apenas na medida em que são intermediados pela cultura e pelo próprio homem. Ou seja, a crítica boasiana de que o ambiente atua sobre uma cultura pré-existente, não se aplica nem a Semple, nem a Huntington. Mas então, a quem se aplicaria? A quem ele se refere? À Ratzel? Bastante improvável.

Semple explica que Estrabão já reconhecia a influência dos fatores geográficos, mas que dava grande peso à educação e às instituições. Mas daí ocorre à Semple a seguinte pergunta: *“How far custom and education in their turn depend upon environment; to what degree natural conditions, molding economic and political development, may through them fundamentally affect social customs, education, culture, and the dominant intellectual aptitudes of a people?”* (ibid, p.22-23)

Semple alerta que não se pode menosprezar o fator tempo, ou seja, as influências ambientais modificam o desenvolvimento humano num processo natural que envolve os efeitos cumulativos das causas operando imperceptivelmente, mas persistentemente ao longo de um vasto período de tempo. *“Slowly and deliberately does geography engrave the sub-titles to a people’s history. (...) A critic undertakes to disprove modification through physical environment by showing that it has not produced tangible results in the last fifty or five hundred years. This attitude recalls the early geologists, whose imaginations could not conceive the vast ages necessary in a scientific explanation of geologic phenomena.”* (ibid, p.24)

A relação do homem com seu ambiente deve ser olhada através da perspectiva do desenvolvimento histórico, pois *“Evolution tells the story of modification by a succession of infinitesimal changes, and emphasizes the permanence of a modification once produced long after the causes for it cease to act.”* (ibid, p.24). Semple cita os seguintes exemplos: *“We cannot understand the location of modern Athens, Rome or Berlin from the present day relations of urban populations to their environment, because the original choice of these sites was dictated by far different considerations from those ruling to-day. “In the history of these cities a whole succession of geographic factors have in turn been active, each leaving its impress of which the cities become, as it were, repositories.”* (ibid, p.25). Em outras palavras, o que um país é hoje é a soma das influências todas que sofreu ao longo de sua existência, e no caso Semple procura estudar apenas o histórico das influências ambientais.

Da mesma forma, reconhece que um povo proveniente de outra região, ao chegar na nova terra, traz consigo as “marcas” do ambiente natural onde viveram e pelos quais passaram: *“Therefore, if we assert that a people is the product of the country which it inhabits at a given time, we forget that many different countries which its forbears occupied have left their mark on the present race in the form of inherited aptitudes and traditional customs acquired in those remote ancestral habitats.”* (ibid, p.25). Em amplos trechos de sua obra Semple reconhece a globalização e a universalização das culturas, na forma de intercâmbio de traços culturais, muitos desses frutos dos diversos ambientes naturais nos quais viveram. Sobre as religiões, afirma que estas “viajam” através de rios, e cita o exemplo do cristianismo ariano chegando até os burgúndios pelo rio Danúbio. *“Religious ideas travel far from their seedbeds along established lines of communication.”* (ibid, p.27)

Semple explica que pode haver uma resposta parcial por parte de um povo, devido à força de diversas influências político-culturais:

This may be either because their arrival has been too recent for the new habitat to make its influence felt; or because, even after long residence, one overpowering geographic factor has operated to the temporary exclusion of all others. Under these circumstances, suddenly acquired geographic

advantages of a high order or such advantages, long possessed but tardily made available by the release of national powers from more pressing tasks, may institute a new trend of historical development, resulting more from stimulating geographic conditions than from the natural capacities or aptitudes of the people themselves. (ibid, p.27-28)

Semple finaliza seu importante primeiro capítulo demonstrando uma concepção ampla de ambiente. A história e a cultura de um povo incorporam os efeitos de habitats prévios e de seu ambiente atual. Mas esse ambiente significa algo mais do que as condições geográficas locais. *“It involves influences emanating from far beyond the borders. No country, no continent, no sea, mountain or river is restricted to itself in the influence which it either exercises or receives.”* (ibid, p.29-30)

Segundo a autora, os problemas da antropogeografia exigem muitos cuidados e muito preparo da parte do geógrafo: *“Anthropo-geographic problems are never simple. They must all be viewed in the long perspective of evolution and the historical past. They require allowance for the dominance of different geographic factors at different periods, and for a possible range of geographic influences wide as the earth itself. In the investigator they call for pains-taking analysis and, above all, an open mind”*. (ibid, , p.31)

No capítulo dois, Semple explica a divisão das influências ambientais em quatro classes. Antes de iniciar sua classificação, esclarece que: *“Into almost every anthropo-geographical problem the element of environment enters in different phases, with different modes of operation and varying degrees of importance. Since the causal conception of geography demands a detailed analysis of all the relations between environment and human development, it is advisable to distinguish the various classes of geographic influences.”* (ibid,, p.33)

A primeira classe inclui os efeitos físicos diretos do ambiente, similares aos que são exercidos sobre as plantas e animais pelo seu habitat. Assim, muitas peculiaridades fisiológicas do homem são devidas aos efeitos físicos diretos do ambiente, que indubitavelmente operam fortemente nos primeiros estágios do desenvolvimento humano, momento no qual contribuíram para a diferenciação das raças. Sobre essa

primeira classe de influências, Semple faz algumas observações sobre variação e condições naturais; aclimatação e dificuldade de generalização:

The unity of the human species is as clearly established as the diversity of races and peoples, whose divergences must be interpreted chiefly as modifications in response to various habitats in long periods of time. (...)The variability of man does not mean that every external influence leaves its mark upon him, but that man as an organism, by the preservation of beneficent variations and the elimination of deleterious ones, is gradually adapted to his environment, so that he can utilize most completely that which it contributes to his needs. (...) The modern geographer does not indulge in the naïve hypothesis of the last century, which assumed a prompt and direct effect of environment upon the form and features of man. (...) These are important to the anthropo-geographer, just as they are to colonial governments like England or France, because they affect the power of national or racial expansion, and fix the historical fate of tropical lands. (...)The catarrhal zone north of the fortieth parallel in America soon exterminates the negroes. (...)Enough has been said to show that the geographer can formulate no broad generalization as to the relation of pigmentation and climate from the occurrence of the darkest skins in the Tropics; because this fact is weakened by the appearance also of lighter tints in the hottest districts, and of darker ones in arctic and temperate regions. (...)The rule can therefore safely be laid down that in all investigation of geographic influences upon the permanent physical characteristics of races, the geographic distribution of these should be left out of consideration till the last, since it so easily misleads. Moreover, owing to the ceaseless movements of mankind, these effects do not remain confined to the region that produced them, but pass on with the wandering throng in whom they have once developed, and in whom they endure or vanish according as they prove beneficial or deleterious in the new habitat. (ibid, p.33-40)

A segunda classe de influências são os efeitos diretos sobre a psique. Esses efeitos estão ligados a muitas modificações fisiológicas, e se refletem na religião, na literatura, em seus modos de pensamento e em suas figuras de discurso. Isso é

plausível da mesma forma que há consenso sobre a importância do império britânico, e suas novas terras conquistadas a cada dia, sobre o vocabulário da língua inglesa e sobre o desenvolvimento geral dessa língua. Alguns exemplos não esmiuçados por Semple aparecem a seguir: *“The whole mythology of the Polynesians is an echo of the encompassing ocean. (...) The cosmography of every primitive people, their first crude effort in the science of the universe, bears the impress of their habitat. (...) The Eskimo’s hell is a place of darkness, storm and intense cold; the Jew’s is a place of eternal fire.”* (SEMPLE, 1911, p.41)

Diametralmente oposta ao rótulo que os críticos lhe impuseram, Semple explica que os efeitos diretos sobre a psique são apenas uma questão de conjectura e que seus efeitos não estão provados:

To such influences man is a passive subject, especially in the earlier stages of his development; but there are more important influences emanating from his environment which affect him as an active agent, challenge his will by furnishing the motives for its exercise, give purpose to his activities, and determine the direction which they shall take. 40 these mold his mind and character through the media of his economic and social life, and produce effects none the less important because they are secondary. About these anthropo-geography can reach surer conclusions than regarding direct psychical effects, because it can trace their mode of operation as well as define the result direct psychical effects are more matters of conjecture, whose causation is asserted rather than proved. They seem to float in the air, detached from the solid ground under foot, and are therefore subject matter for the psychologist rather than the geographer. (ibid, p.41-42)

Essa última idéia destacada é exatamente o mesmo discurso dos possibilistas. Na sequência, Semple esclarece que não é possível tratar de casos excepcionais individuais: “As a science, anthropo-geography can deal only with large averages, and these exclude or minimize the exceptional individual.” (ibid, p.42)

A idéia do determinismo Stop-and-go de Taylor pode ser visto já nas idéias de Semple: *“The acts of the great man are rarely arbitrary or artificial; he accelerates or retards the normal course of development, but cannot turn it counter to the channels of natural conditions. As a rule he is a product of the same forces that made his people”*. (ibid, p.4)

A terceira classe de influências é a que ocorre sobre o desenvolvimento econômico e social de um povo, por meio da abundância e escassez, tipos de recursos naturais, pelas dificuldades em garantir as necessidades da vida, e pela indústria e comércio propiciados pelo ambiente. Sobre estas influências, Semple explica que:

From the standpoint of production and exchange, these influences are primarily the subject matter of economic and commercial geography; but since they also permeate national life, determine or modify its social structure, condemn it to the dwarfing effects of national poverty, or open to it the cultural and political possibilities resident in national wealth, they are legitimate material also for anthropo-geography. Whether sparsely or compactly distributed, such groups suffer the limitations inherent in their small size. They are forever excluded from the historical significance attaching to the large, continuously distributed populations of fertile continental lands. (SEMPLE, 1911, p.43)

A quarta e última classe de influências dos fatores geográficos pertence exclusivamente aos domínios da Geografia, porque abarca as influências das feições da superfície da terra em direcionar os movimentos e a distribuição da humanidade.

It includes the effect of natural barriers, like mountains, deserts, swamps, and seas, in obstructing or deflecting the course of migrating people and in giving direction to national expansion; it considers the tendency of river valleys and treeless plains to facilitate such movements, the power of rivers, lakes, bays and oceans either to block the path or open a highway, according as navigation is in a primitive or advanced stage; and finally the influence of all these natural features in determining the territory which a people is likely to occupy, and the boundaries which shall separate from their

neighbors.(...)The lines of expansion followed by the French and English in the settlement of America and also the extent of territory covered by each were powerfully influenced by geographic conditions. (...)The geographical environment of a people may be such as to segregate them from others, and thereby to preserve or even intensify their natural characteristics; or it may expose them to extraneous influences, to an infusion of new blood and new ideas, till their peculiarities are toned down, their distinctive features of dialect or national dress or provincial customs eliminated, and the people as a whole approach to the composite type of civilized humanity. [isso é válido nos estágios iniciais da civilização, a autora não se referia ao seu próprio tempo] (...)A land shut off by mountains or sea from the rest of the world tends to develop a homogeneous people, since it limits or prevents the intrusion of foreign elements; or when once these are introduced, it encourages their rapid assimilation by the strongly interactive life of a confined locality. Therefore large or remote islands are, as a rule, distinguished by the unity of their inhabitants in point of civilization and race characteristics. (...)Witness Great Britain, Ireland, Japan, Iceland, as also Australia and New Zealand at the time of their discovery. (...) The highlands of the Southern Appalachians, which form the “mountain backyards” of Kentucky, Tennessee and North Carolina, are peopled by the purest English stock in the United States, descendants of the backwoodsmen of the late eighteenth century. Difficulty of access and lack of arable land have combined to discourage immigration.(...)The amalgamation of races in such regions depends upon the similarity or diversity of the ethnic elements and the duration of the common occupation. (ibid, p.43- 45)

Esses quatro fatores explicam em parte as mudanças de habitat dos povos, e sobre isso Semple explica, citando exemplos:

Here are four different classes of geographic influences, all which may become active in modifying a people when it changes its habitat. Many of the characteristics acquired in the old home still live on, or at best yield slowly to the new environment. This is especially true of the direct physical and psychical effects. But a country may work a prompt and radical change in the social organization of an immigrant people by the totally new

conditions of economic life which it presents. These may be either greater wealth or poverty of natural resources than the race has previously known, new stimulants or deterrents to commerce and intercourse, and new conditions of climate which affect the efficiency of the workman and the general character of production. From these a whole complex mass of secondary effects may follow. (...)An enervating climate did its work in slaking their energies; but more radical still was the change wrought by the contrast of poverty and abundance, enforced asceticism and luxury, presented by the old and new home. The restless tireless shepherds became a sedentary, agricultural people; the abstemious nomads,—spare, sinewy, strangers to indulgence—became a race of rulers, reveling in luxury, lording it over countless subjects; finally, their numbers increased rapidly, no longer kept down by the scant subsistence of arid grasslands and scattered oases. (...) The French colonists who came to Lower Canada in the seventeenth and eighteenth centuries found themselves located in a region of intense cold, where arable soil was inferior in quality and limited in amount, producing no staple like the tobacco of Virginia or the wheat of Maryland or the cotton of South Carolina or the sugar of the West Indies, by which a young colony might secure a place in European trade. But the snow-wrapped forests of Canada yielded an abundance of fur-bearing animals, the fineness and thickness of whose pelts were born of this frozen north. Into their remotest haunts at the head of Lake Superior or of Hudson Bay, long lines of rivers and lakes opened level water roads a thousand miles or more from the crude little colonial capital at Quebec. And over in Europe beaver hats and fur-trimmed garments were all the style! So the plodding farmer from Normandy and the fisherman from Poitou, transferred to Canadian soil, were irresistibly drawn into the adventurous life of the trapper and fur-trader. The fur trade became the accepted basis of colonial life; (ibid, p.45-47)

Spate critica as explicações ambientais de Semple para as diferenças culturais entre os povos, em especial a arte da poesia: *“It is not only, though largely, because of different material features of the environment that the metaphors of erotic verse are likely to differ between, say, a young left-wing intellectual at Cambridge and a Gond in central India. Neglect of this principle led to many of the rasher and grosser*

exaggerations of the Semple school, forgetful of the fact that the psychology of the individual is modified when he is part of a group.” (Spate, 1952, p.423)

Sobre Semple vale lembrar que os problemas teórico-metodológicos e ideológicos de sua tese renderia um interessante estudo, mas que este tipo de estudo não é o objetivo desta tese, e por essa razão, não foram expostas as críticas à “influences”. Sobre essas críticas e para conhecer o contexto de recebimento da obra e o histórico da crítica a Semple, vale a leitura do artigo de John K. Wright, “Miss Semple’s ‘Influences of Geographical Environment’ Notes Towards a Bibliography.

Outra obra fundamental para a releitura de Semple é a tese de doutorado defendida em San Louis University pela geógrafa Judith Bronson, em 1973. Nesta tese, enfatiza a contribuição de Semple par a Geografia nos EUA, sem deixar de dedicar um capítulo especial para analisar as obras de Semple e apontar seus significados, e outro capítulo para expor as críticas feitas às obras. Esta geógrafa conta que após a publicação de “The geography of the mediterranean region”, Semple foi muito elogiada pelo excelente tratamento do conceito de região na literatura geográfica. (BRONSON,1974, p.130). Bronson traz um interessante elogio de Ratzel à obra “American History”, de Semple, na forma de paráfrase (infelizmente): “*Although the main geographic influences os United States History were recognized earlier, certainly Miss Semple had developed for the first time many a modification and Nuance*”. Bronson afirma que Ratzel ficou satisfeito com a obra por demonstrar a validade dos métodos alemães e as idéias da ciência geográfica na América do Norte.

Bronson também cita a perspicaz hipótese de Herbertson, que aceitou a “tese ambientalista” de Semple e afirmou que: “*Nature determines the conditions, and also sets very definite limits to human action. Progress comes from the recognition and study os these.*”(Herbertson apud Bronson, 1974, p.133). Herbertson também sugere que os geógrafos devem estudar todos os obstáculos naturais de modo a determinar quais deles podem ser lucrativamente superados. Abstraindo-se as possíveis polêmicas do uso do termo determinar, a frase de Herbertson me parece de grande sabedoria, e também de grande obviedade. Os EUA fizeram o que propôs Herbertson, a Inglaterra também, e parece que a fórmula trouxe mais sucesso do que a adotada em países como

o Brasil, que tem sido a de tapar os olhos para as influências ambientais. É preciso ter muita consciência das limitações impostas pela natureza. Sem saber que essas limitações existem, corre-se o risco de ser por elas devorado, lentamente e sem se dar conta. É como dormir anestesiado e coberto por sanguessugas. Em tempo: no que concerne a adaptação climática, o Brasil beira o desastre, a começar pelas estradas.

Brigham apud Turner (1905) se refere a algumas obras de Semple como admiráveis e dignas de louvação, e que abriram espaço para uma discussão mais embasada sobre a importância das condições físicas no desenvolvimento dos EUA. Semple nada mais fez do que corajosamente tocar num vespeiro que costuma acuar os mais covardes, eles mesmos bastante conscientes de que as influências ambientais devem ser levadas muito a sério, apesar de serem desafiantes para a ciência. Diga-se, de passagem, que as influências ambientais são o maior e grande desafio da ciência, e razão de ser de inúmeros ramos do conhecimento. Todo e qualquer esforço nessa direção deve ser respeitado e interpretado sem os modismos em voga de vilipendiar pesquisas que busquem investigar influências ambientais sobre a humanidade, nas mais diversas escalas espaciais e temporais.

Para finalizar a discussão em torno de Semple, é pertinente trazer alguns comentários de Turner, que foi muito feliz em apontar a causa principal das críticas infundadas à Semple, ao mesmo tempo em que ressaltou o maior mérito da autora: *“It is so abounded in geographical interpretations, both of the large and the particular relations between history and geography, that a detailed review was impossible.”* (Turner, 1905, p.35)

4.4.2 Os clássicos da climatologia: o pioneirismo de Huntington e o tríptico ambiente/cultura/hereditariedade em “Civilization and Climate”

Na análise da obra “Civilization and Climate”, optou-se pela seleção de uma grande quantidade de citações, que serão colocadas na ordem em que aparecem na obra, seguidas de alguns comentários a título de contextualização e esclarecimento. Os trechos grifados indicam os traços mais “possibilistas” do texto, e idéias que julgo

cruciais para o avanço da Geografia na época, ou meramente por serem surpreendente e não esperadas de um autor tão subestimado por seus críticos. Antes de comentara análise, é preciso mostrar esse autor sob a ótica de seu biógrafo, Geoffrey Martin, que descreve e analisa traços marcantes da vida profissional e da obra de Huntington em seu livro “Ellsworth Huntington: His Life And Thought”.

Essa obra de Martin vai muito além de uma mera tentativa de compreender e contextualizar a vida e a obra de Huntington, conforme atesta Reynolds: *“This book in fact often reads as an intellectual history of that profession during Huntington’s lifetime, revealing its conservative attitudes, the trials of teaching versus research, problems of funding for expeditions (for Huntington traveled widely, especially in Central Asia), and indeed the attempts to get historians to acknowledge the importance of geography.”* (REYNOLDS, 1974, p.164)

Martin abre seu prefácio afirmando que no pensamento de Huntington não há a pretensão de um conhecimento acabado, final, mas apenas uma luta incessante por uma compreensão mais ampla dos fenômenos e da relação entre eles. Huntington atraiu muito as atenções dos pensadores de seu tempo, pois usava de uma prosa vigorosa e eloqüente para apresentar inusuais interpretações de eventos históricos. Logicamente que a platéia não poderia comportar-se de outra forma, que não com certo frisson, afinal, estavam entediados com as explicações sempre em voga e pouco convincentes, relacionadas à política, à economia, aos caprichos humanos. A pergunta central e subjacente não queria calar: o que influencia a política, a economia e os caprichos humanos? De que forma todas essas influências interagem entre si e com o os fatores ambientais?

Huntington não foi presunçoso quanto aos seus achados, pois não esperava que sua platéia aceitasse suas explanações hipotéticas sem alguma alteração ou reparos, nem ficava irritado com os excessos da crítica. Martin, afirma que *“ For to form a judgemnt about the man and his thinking on the basis of any one of his numerous books is to miss the whole sweep of his ideas.”*(MARTIN, 1973, p.xi). Assim, cabe ao crítico ler a obra completa, e não apenas uma obra, pois uma grande figura como Huntington não pode ser reduzido a apenas uma de suas obras.

Além de geógrafo e estudante contumaz das civilizações, estudou as oscilações climáticas, estabeleceu os princípios da variabilidade climática, buscou o optimum climático, estudou os resultados da seleção natural, optou pelo eugenismo, descreveu as qualidades do ozônio e investigou fenômenos cíclicos em várias partes do planeta, principalmente na Ásia, onde se dedicou ao estudo das pulsações climáticas, por meio de várias expedições (ibid).

Huntington foi condecorado com o rótulo determinista, estreando-o, após a publicação de “The pulse of Asia”, em 1907,³¹³ obra que apresentou um ponto de vista que rapidamente provocou reações em todo país. Martin observa que os críticos não leram o prefácio (como de praxe, não leram o de Semple também), que afirmava que *“The reader must scan these pages with the thought that he is watching a theory in processes of construction”*, (ibid, p. xv) ou seja, Huntington avisa que está publicando uma teoria inacabada, e isso jamais foi anticientífico. Toynbee, ao se defender da crítica, defende Huntington e admite que *“I was enormously influenced by his ideas about the relation between human beings and their physical environments...i am not a determinist, and i think this is also a mistaken description of Huntington’s position. It was something much more profound and subtle than that”*. Para Martin, Huntington acreditava não adotar um determinismo impressionista (Pleno de retórica, licença poética, afirmações bombásticas, e um sabor de determinismo teleológico) ao estilo de Ratzel e Semple.

Martin explica que os primeiros escritos de Huntington claramente denotam uma postura “ambientalista”, pois havia uma busca contínua dos efeitos do ambiente sobre o indivíduo e sobre a sociedade humana. Note-se que o termo usado por Martin foi “ambientalista”, termo que, às vezes, é usado não como sinônimo de “determinista ambiental radical”, mas sim, de “determinista ambiental moderado”, ou seja, praticamente um “possibilista”. Sua obra “Pulse of Asia” foi lançada numa época que poucos de seus contemporâneos reconheciam a validade da tese das pulsações

³¹³ Assim, oito anos mais tarde, quando publicou “climate e civilization”, já havia angariado um “poleiro” de circo pleno de ávidos críticos, todos usando as lentes deterministas que “adquiriram” pela leitura de “Pulse of Asia”

climáticas na história. Após mandar um questionário para a Associação dos Geógrafos Americanos, para geólogos, para o comitê climático da sociedade ecológica americana e para alguns meteorologistas, a aceitação foi generalizada, despertando também críticas severas.

Na obra “World Power and Evolution”, Huntington exhibe um interesse de heterogeneidade rara para um geógrafo de sua época: *“He studied the results of consanguineous marriage among the ancient Jews and Egyptians; the results of immigration and natural selection; the stimulating effect of atmospheric ozone; the optimal season of birth for people who later attained much; and he calculated that people with blond hair and blue eyes attained greater longevity than others under similar circumstances.”* (MARTIN, 1973, p.236).

Huntington foi um dos membros fundadores da “Associação dos Geógrafos Americanos”, e contribuiu substancialmente com o “aparato” dos geógrafos. Foi um dos primeiros a insistir na validade das isopletras, a investigar efetivamente os ciclos, a insistir na medida matemática em detrimento de generalizações inacuradas e a usar extensivamente o coeficiente de correlação. Martin não opina sobre isso, mas Huntington parece ser o precursor, ou ao menos um dos precursores, da Geografia Quantitativa. Foi autor do primeiro livro substancial a respeito dos princípios da Geografia Humana nos Estados Unidos, escreveu quatro livros que permitiram o campo da Geografia Econômica se popularizar, e escreveu vários outros livros sobre princípios gerais da Geografia, os efeitos do clima e a natureza da mudança climática e suas causas. Seus mapas e seus escritos foram extensivamente reproduzidos pelos seus colegas e seus livros didáticos disseminaram-se por todo território americano, em escolas de nível médio, em universidade e em departamento de Geografia, Antropologia, Sociologia, Economia, dentre outros. Prestava assessoria para as instituições de ensino, de modo a ajudá-las a eleger os livros didáticos a serem utilizados. Essas características indicam um geógrafo inovador e pioneiro, tanto em suas idéias, quanto em pesquisas científicas.

Segundo Martin, ao longo da década de 30, o sistema de seminários das universidades americanas contribuíram para uma crescente descrença das idéias

deterministas, *“Probably the American university seminar system did more to remove “determinism” from the locus of professional respectability than the published works on that subject”*. (ibid, p.239). Contudo, Martin aponta que houve uma crítica sem a prévia leitura dos autores que julgavam “deterministas”, e uma reação contra qualquer forma de determinismo se estabeleceu definitivamente, e todas as formas de pensamento determinista foram consideradas sob suspeita. Contudo, Martin contextualiza pertinentemente essa fuga do determinismo, quando afirma que *“Doubtless this was in part due to the refinement through which the discipline was passing.”*

Quanto às críticas, Huntington, já na casa do sessenta anos, em geral não se incomodava, mesmo porque não possuía uma visão positiva de seus colegas de área: *“.... I may be too hard on my fellow geographers, but I feel that you can almost count on your fingers the ones who do any appreciable amount of really original thinking. They write good descriptions, but they are not using the kind of mentality which is evident in the discussion of principles by physicists, for example.”* (ibid, p.240). Segundo Martin, Huntington os considerava medíocres e copiadores, cuja produção jamais foi original.

Quanto à questão do livre-arbítrio, Huntington mostra claramente que não a sustentava, e aponta na mesma direção do possibilismo e do probabilismo que duas décadas mais tarde seria sugerido por Spate:

In the preface to *The Human Habitat* (1927) Huntington wrote, “Physical environment never compels man to do anything; the compulsion lies in his own nature. But the environment does say that some courses of conduct are permissible and others impossible.” And in reviewing Ernest Barker’s *National Character and the Factors in its Formation*, (1927) Huntington again revealed his sympathy with the ‘possibilist’ point of view: ‘In discussing physical environment Dr. Barker’s main thesis is one which geographers are at last coming to recognize. The environment does not say to man you must do this or that. It merely says “here are the possibilities. Choose which you will. Or choose one now and another later.” He might perhaps do well to go somewhat farther in pointing out that the environment

limits the possibilities—only a few may prove profitable at a given stage of human progress... Again and again he harks back to the idea that “man’s choice determines his environment more than the environment determines his choice.”” (ibid, p.241).

Mais um exemplo de que a crítica vê apenas o que quer ver, apenas o que lhe convém, o que é mais fácil. É na publicação de um livro, seis anos após o artigo da citação anterior, chamado “Economic and Social Geography”, de 1933, que Huntington vai afirmar que o ambiente geográfico meramente oferece ao homem oportunidades e que são seus desejos que vão determinar quais das várias oportunidades ele aceitará e quão longe ele irá ao usá-las (ibid, p.241).

Em uma passagem, em que se defende com argumentos convincentes, Huntington afirma que é impossível falar de todos os assuntos num único livro e que os críticos, se não leram sua obra toda, não podem criticá-lo, e nem afirmar que ele ignora a complexidade das relações que estabelece, e que advoga uma relação simplista da relação homem-meio:

... You conscientiously and in general correctly attempt to analyze my position, but you fail to find out what that position is. That is not surprising, for you cannot be expected to read everything I have written, nor can I be expected to put everything into every book, regardless of the subject. Nevertheless, it is unfortunate. Again and again I have reiterated the idea that the relation of the geographical environment to man changes as culture advances. I have applied this idea specifically to the Mediterranean problem in a paragraph on page 430 of *Principles of Economic Geography*, in several pages (507ff) of *Principles of Human Geography*, in a whole chapter of Europe, and in various other book...(HUNTINGTON apud MARTIN, p. 242).

No mesmo sentido Huntington direcionou sua crítica à geógrafa Taylor, explicando que seu maior pecado foi ter publicado suas teorias em tantos livros que as pessoas se perderam nelas e caíram nas armadilhas da análise fragmentada e baseada no reducionismo:

... Perhaps my worst sin is that I have published my theories in so many and such diverse books that very few people really understand my full theory of civilization. According to that theory, climate is only part of one of three great determiners of civilization. It is indeed the most important phase of geographical environment, but it is far from the only phase. And in addition to physical environment we have two other equally important fields to consider. One is biological inheritance as to which our knowledge is sadly deficient and the other is cultural inheritance... (Huntington apud Martin, p.242).

Sobre a forma que Huntington enxergava seus adversários, Martin explica com ironia que: *“He tired a little of those people who put their head on one side, looked wise, criticized loudly, and wrote little themselves. But he suffered them quietly.”* (ibid, p.248). Em outras palavras, o pior crítico é aquele que tendenciosamente enxerga apenas uma lado da questão, da teoria, posta-se como sábio e conhecedor, critica escandalosamente, mas não escreve outra teoria para contra-argumentar.

Por outro lado, Huntington era muito grato àqueles que o elogiavam e reconheciam sua obra monumental: *“... a complete reading of Huntington’s works would leave a critical reader with a much truer picture of that author’s breadth of outlook and realization of the total situation. Huntington can hardly be accused of ascribing everything to climate when at least half of his work has dealt with the influence of selective migration which he saw, very early, strongly modified the climatic influence.”* (ibid, p.242-243)

Martin, enquanto comentador não tendencioso, reconhece no campo da climatologia fisiológica alguns traços realmente deterministas de Huntington: *“His studies thenceforth were largely contributions to the emerging field of physiological climatology, which is in itself an admission to a form of determinism, but one based on careful measurement.”* (MARTIN, 1973, p. 244)

Huntington deu grande contribuição ao estabelecimento da climatologia fisiológica como um respeitável campo de estudos. A compreensão que tinha da relação homem-meio ia muito além do que indicavam os termos que usava para

descrever essa relação: “... *I used to use the words “control” and “determine.” Now my tendency is very strongly to say “permit” and “favor.” I feel that what the environment does is mainly first to offer a choice of different conditions which man may utilize and then favor one type of activity rather than another. I think we need to exercise a great deal of care in our statements and I realize that I have not been careful enough thus far.*” (ibid, p.244). Do mesmo modo, Huntington se explica e lastima que seus críticos confundam respostas geográficas e determinismo geográfico, e em seu comentário acabam sobrando críticas que rotulam Ratzel e Semple de deterministas radicais (!):

between geographic responses and geographic determinism. No sane geographer can fail to believe in responses. When one gets out of breath in going up a hill, that is a geographic response, and so is the location of London. Miss Semple and Ratzel went to the extreme of making it appear that if a certain type of geographic environment prevailed man was forced to live in a certain way. American geographers, with their tendency to be stampeded, have become afraid of the idea of determinism and some... fail to appreciate the difference between absolute determinism and what may be called voluntary responses. (Huntington apud Martin, 1973, p. 244-245)

Martin também vê em Semple e em Ratzel traços mais radicalmente deterministas em comparação com Huntington: “*Civilization and Climate* “typed” its author as a determinist, but in fact it was very far removed from the impressionistic determinism, samples of which one finds in Ratzel and Semple. (MARTIN, 1974, p.13)

A ponderação de Huntington sobre as implicações filosóficas e intelectuais de sua obra provam que ele não era ingênuo e radical como seus críticos afirmavam e a esse respeito Martin afirma que:

In particular he queried the matter of process versus content in his published work, and again he pondered the matter of that final inferred leap of the mind which leads intuition to assertion. “I often wonder about the relative value of stimulating by unproved ideas as compared with genuine discoveries which may not be sensational, but which are of permanent

value...” Huntington enjoyed his thought, and trod boldly where the less sure of the species may well have hesitated. He was not afraid to venture an Hypothesis. It was his way of receiving criticism, and testing the worthiness of an idea. If the idea were wrong, criticism set him right quickly. (ibid, p.245)

Huntington raramente se dedicou a definir a Geografia, a especular sobre seus objetivos. Quem sabe esse desinteresse o ajudou a produzir e publicar dezenas de livros, além das pesquisas de campo, expedições, aulas, palestras. Num de seus raros escritos sobre essa questão, instigante para uns, entediante e inútil para outros, elabora uma descrição de Geografia que é sem dúvida redutora para os padrões atuais:

... it seems to me that... geography is primarily the science which deals with the distribution of all sorts of phenomena upon the earth's surface, and with the reasons for this distribution. It answers the following questions concerning any of these phenomena: Where is it? What other phenomena accompany it? Why is it there? The geographer may be called upon to discuss anything from rocks and plants to machines and poetry. [A Geografia atual lida com essa variedade de fenômenos] He does not explain how these things come into existence, nor how they behave. He merely finds out how the geographic surroundings—earth, air, water, plants, animals, and man's own activities—cause them to be more abundant and better developed in some regions than in others. (Huntington apud Martin, 1973, p. 246)

Clark apud Martin (1973) afirma que naquela época muitos americanos, se tivessem que escolher geógrafos para serem esquecidos, seriam Davis, Semple, dentre outros acusados de “deterministas”, e que o autor do artigo “The Geographer's craft” escolheu injustamente Huntington. Depois, afirma que Huntington se tornou, na direção do final do século XX, uma imagem de pseudocientificismo e generalização histórica anti-acadêmica:

... Indeed, in a gloomily humorous vein, an American reviewer is led to wonder if some, perhaps unconscious, anti-American bias had not motivated the writer to choose the figure whom most contemporary American

geographers might most avidly choose to forget rather than, say, William Morris Davis, Mark Jefferson, Ellen Churchill Semple, or Isaiah Bowman....Since, to the later twentieth century, Ellsworth Huntington has become an image of unscientific “scientism” and unscholarly historical generalization, the widespread circulation of whose writings may have delayed the progress of American geography for a generation. (CLARK apud MARTIN, 1973, p. 250-251)

Muitos acadêmicos escreviam a Huntington para lhe agradecer pela produtiva influências em suas carreiras e por avançar nos conhecimentos de sua atuação: “*My combined archaeological and geographical interests make me realize fully the important service your investigations have rendered both to historical and geographical research.*” (Stein apud Martin, 1973, p.251) Até mesmo Sauer, um de seus mais fervorosos antagonistas reconheceu o poder de Huntington de despertar nos pensadores da época “*Perhaps I would have become interested in the larger reaches of human time anyway but I must acknowledge that Huntington gave me a push at the right time.*” (Sauer apud Martin, 1973, p.251). Price reconheceu que Huntington “*deeply influenced my professional life and work, and at the same time, showed me how much a really great and really humble scientist could effect.*” (PRICE apud MARTIN, 1973, p. 251)

Waswo, sem se endereçar especificamente à crítica ao determinismo, elucida com clareza e síntese genial os motivos pelos quais tantos geógrafos têm sido mal interpretados ao longo da história da disciplina. “*The falsification emerges from the necessary effort to read the text, for which some context is required.(...) They get the texts ludicrously wrong because they're ignorant of the language and the discipline, and are motivated only by fashion and ideological axe-grinding - not by any respectably disinterested and methodical investigation of ‘past fact.’*” (WASWO, 1989, p.324)

Essa idéia coincide com a de Martin, que afirma que Huntington foi muito mal compreendido por aqueles que não tinham a capacidade e o interesse para entender e apreciar sua obra. Dentre esse grupo de “ignorantes”, encontravam-se principalmente

geógrafos e historiadores, ao passo que dentre climatólogos e geólogos seus trabalhos eram amplamente aceitos. Parece simplista e infantil dizer isso, mas temos que aceitar, sem constrangimentos, que o motivo mais recorrente que impulsiona críticas desastradas é simplesmente não entender a obra, ou, ainda pior, entender demasiadamente, constatar sua grandeza e fingir que não viu nada, afinal constatar a grandeza dos adversários é para muitos um grande pesadelo.

Aurousseau bem observa que um autor deve ser analisado dentro do contexto geográfico de seu tempo: *“To understand Ellsworth Huntington it is necessary to understand the geographical tone of his time.”* (AUROUSSEAU, 1975, p.73). Adiante, o autor especula que *“If some of his field work could be checked in the field, and some of his statistical work could be subjected to computer analysis, much of his geographical work might be proved valid.”* (ibid, p.75)

Spate é outro comentador cauteloso que aponta para a ingenuidade e fragilidade do conceito de Civilização de Huntington, mas reconhece que não há em sua obra uma indicação de que o clima é a causa da civilização:

It is evident that Huntington's criteria in making his maps were highly subjective; for a man who had so much knowledge of Asia, he was extremely Eurocentric. Although, to be sure, Huntington himself did not claim that the map of climatic efficiency indicated the “cause of civilization,” his uncritical acceptance of undifferentiated activism as a criterion of civilization opened the way to such misinterpretations. Moreover, his assessment of civilization and ethical value was often amazingly naïve. He implied, for example, that Bulgaria, having more cars per head of population, was somehow more civilized than China; and he attempted to rank religions both by latitude and by ethical value (the order turned out to be the same) (SPATE, p.26-27)

Spate, corroborando a afirmação de outros comentadores, também vê em Huntington um esforço para compreender o papel de fatores culturais e institucionais: *“Huntington also tried to do justice, although his treatment is inadequate, to more*

purely institutional and cultural factors. It seems likely that at least some residuum of the argument in “Mainsprings” will have continuing value.” (ibid, p.27)

“Environmentalism is today under a cloud, and the full position of Huntington and Taylor cannot possibly be sustained. But Huntington did put environmentalism on a new footing, especially by his detailed and, in general, well-documented stress on climatic factors.” Para Spate, muitas das idéias de Huntington refletem muito piamente uma visão simplista de progresso e dos efeitos do tempo e do clima sobre a vida humana, e isto minou sua reputação acadêmica. Contudo, reconhece que mesmo que os fatores estudados por Huntington não sejam tão determinantes quanto ele sugeriu, não se pode negar seu relevante efeito sobre o metabolismo humano: *“But although these factors cannot be allowed the altogether determinative character which Huntington (despite disclaimers) tended to ascribe to them, neither can it be assumed that they have no significant effects on human metabolism; and on a macroscale some, at least, of these effects may well carry over into social attitudes and, hence, into historical processes.”*(id)

Spate encerra sua pequena, mas ponderada análise, afirmando que a pesquisa atual (década de 60) em Ecologia Humana e Geografia Médica deve muito a Huntington: *“With more finesse and sophistication and without Huntington’s overbold generalizations about social and historical causation, a good deal of current research on human ecology and medical geography actually carries on the tradition of Huntington’s thinking.”* (id)

Sobre a biografia realizada por Martin, Reynolds a avalia da seguinte forma: *“In this biography—the first complete and balanced treatment of the man—geographer Geoffrey Martin has done a masterful job of collating and synthesizing his subject’s extensive papers for a sympathetic view of an extraordinarily energetic mind.”* (id)

Reynolds também reconhece que Huntington deu algum motivos para ser criticado, mas que houve exagero da crítica:

Attacked (with some truth) by critics as rash, unscientific, and deterministic, Huntington sought to “comprehend the course of civilization throughout history” by studying the influence of the environment—heredity, culture, and especially climate—upon individuals and thus entire civilizations. He was philosophically close to such historian-generalists as Turner, Durant, Barnes, and Toynbee; the latter’s knowing foreword to this book acknowledge Huntington as a pioneer in interdisciplinary analysis, but one who “suffered for being ahead of his contemporaries.” His precomputer quantitative research, one example of his farsightedness, led him into tree-ring counts and solar energy analyses for a tentative theory of climatic pulsations, a subject only now being given adequate consideration in many disciplines. (See, for Example, Colin Renfrew, *Before Civilization: The Radiocarbon Revolution and Prehistoric Europe* [1973]). (REYNOLDS, 1974, p.164)

A idéia mais relevante das análises de Reynolds é sua menção à Toynbee, para quem Huntington foi pioneiro nos estudos interdisciplinares na Geografia. Aliás, pelo pouco que conheci da obra de Huntington, pareceu-me muito mais interdisciplinar que muitas das pesquisas feitas no Brasil em Geografia. Reynolds enxerga o problema da polêmica em torno da crítica à Huntington por um ângulo inusitado: “*Huntington’s intellectual verve in positing his one-sided theses and leaving the “con” sides to the critics in order to establish a meaningful dialogue often confounded and embarrassed his peers, especially his employers at Yale and the struggling profession of geography at large.*” (ibid, p.164). Ou seja, Huntington deixava as outras influências que não estudava em detalhes ao sabor dos críticos, dos quais esperava uma resposta que explicasse os “contras” de sua teoria.

Outra obra essencial da Geografia estadunidense da primeira metade do século XX é “Mainsprings of civilization”³¹⁴, cuja concepção deu-se em 1920, resultando numa primeira edição apenas em 1940, após 20 anos germinando e amadurecendo.

³¹⁴ Obra monumental de 700 páginas, na qual Huntington trata detalhadamente da influência da hereditariedade e dos principais fatores ambientais, com ênfase no clima, sobre o qual exhibe amplos conhecimentos.

Essa obra deveria ser precedida por “The pace of history”, que ficou inacabada com a morte de Huntington. Segundo Reynolds, “mainsprings” representa uma tentativa incompleta de síntese da Geografia, ambiente e história, que seria completada com a obra “the Pace of history”.

Reynolds finaliza sua breve resenha do livro de Martin fazendo a polêmica pergunta: *“But was he in fact an environmental determinist? Not in the sense of the Ratzel-Semple school, says author Martin. Rather in his attempt to build “a scheme revealing the place of man twixt the cosmos and micro-cosmos,” Huntington was developing “a new form of determinism”—never named—“more moderate, supple, subtle, and versatile than anything” before or since. This book is required reading for all students of universal history.”* (REYNOLDS, 1974, p.1645).

Apesar de Huntington ser visto por alguns comentadores como um “determinista suave” quando comparado a Semple e Ratzel (ele mesmo via dessa forma), outros comentadores apontam-no, ao falar vagamente num certo “determinismo cru”, como exemplo de radicalismo e determinismo vergonhoso. Chappel e Matley observam com astúcia *“It happens that even Matley has slipped accidentally into the mold fashioned by the current myths about environmentalism of the 1920’s. Almost always, if he is pressed to be specific, the one who utters these words will cite Ellsworth Huntington as the primary example of ‘crude environmentalism’. Yet somehow this crudity seems much more imagined than real after one has examined for instance, “The Human Habitat”, a popularized account of Huntington’s views published in 1927.”* (CHAPPEL and MATLEY, 1967). Os autores apontam essa obra como riquíssima para os estudantes se familiarizarem com a teoria das mudanças climáticas e com a relação clima e civilização. Também alerta que existe apenas um único trabalho extenso e exclusivo sobre as idéias de Huntington, cuja conclusão é a de que muitas das visões de Huntington sobre as mudanças climáticas ao longo da história permanecem em geral surpreendentemente fortes, mesmo sob a luz de pesquisas recentes.

Finalizando a análise da vida e obra do autor, extrai-se da análise minuciosa de Martin algumas características marcantes de Huntington, e que ajudam a entender os motivos pelos quais foi tão rotulado e simplificado³¹⁵ pelos críticos de sua época:

1. Foi o mais controverso geógrafo da primeira metade do século XX.
2. Foi o mais prolífico geógrafo, tendo produzido a obra mais extensa até o ano de 1973.
3. Suas obras foram as mais procuradas pelos editores.
4. Sua formação entendia-se por várias áreas das humanidades e das ciências naturais.
5. Conhecia os cinco continentes, engajando-se em inúmeras expedições, principalmente para a Ásia oriental e Oriente Médio.
6. Foi precursor de várias áreas do conhecimento e contribuiu para o incremento científico de áreas como a Paleoclimatologia, Geologia, Arqueologia, Climatologia, Bioclimatologia, Meteorologia, Geografia Humana e História.
7. Seus livros didáticos dominaram o mercado por algumas décadas.

Sobre Huntington, resta discutir alguns traços da obra “Civilization and Climate”. Esta obra lida com diversos assuntos, como raça e lugar; o homem branco nos trópicos; o efeito das estações; o efeito da umidade e da temperatura; trabalho e tempo atmosférico; saúde e atmosfera; mortalidade, umidade e variabilidade; saúde e tempo; o clima ideal; a distribuição da civilização; vitalidade e educação nos Estados Unidos, as condições da civilização; a migração das zonas climáticas; a hipótese pulsatória e suas críticas, os centros migrantes das civilizações; América aborígine e Austrália moderna; a hipótese climática da civilização.

O prefácio da obra, assim como a de Semple, é esclarecedor da capacidade autocrítica de Huntington, mas ele ou não foi lido pelos críticos, ou foi ignorado por má-fé, pois as explicações são claras e totalmente plausíveis. Huntington explica que a

³¹⁵ Só pode ser severamente simplificado um autor cujo pensamento e cujas idéias são minimamente ricas e complexas.

idéia inicial era discutir todos os fatores, procurando dar o devido peso a cada um, contudo, até mesmo por sugestões de amigos, concentrou-se na hipótese climática, que era inexplorada (os predecessores apenas esbarraram no assunto). Também alerta os estudantes quanto à necessidade da leitura de obras prévias para que compreendam a hipótese climática dentro de um contexto mais amplo, o qual não caberia em uma única obra. Assim, a quase totalidade do prefácio de Huntington pode ser apreciado abaixo:

PREFACE TO FIRST EDITION

This volume is a product of the new science of geography. The old geography strove primarily to produce exact maps of the physical features of the earth's surface. The new goes farther. It adds to the physical maps an almost innumerable series showing the distribution of plants, animals, and man, and of every phase of the life of these organisms. It does this, not as an end in itself, but for the purpose of comparing the physical and organic maps and thus determining how far vital phenomena depend upon geographic environment. Among the things to be mapped, human character as expressed in civilization is one of the most interesting and one whose distribution most needs explanation. The only way to explain it is to ascertain the effect of each of many cooperation factors. Such matters as race, religion, institutions, and the influence of men of genius must be considered on the one hand, and geographical location, topography, soil, climate, and similar physical conditions on the others. This book sets aside the other factors, except incidentally, and confines itself to climate. In that lie both its strength and weakness. When the volume was first planned, I contemplated a discussion of all the factors and an attempt to assign to each its proper weight. The first friend whom I consulted advised a directly opposite course, whereby the emphasis should be centered upon the new climatic facts which seem to afford ground for a revision of some of our old estimates of the relation between man and his environment. In writing the book I have growingly felt the wisdom of that advice, and have been impressed with the importance of concentration upon a single point, even at the expense of seeming to take a one-sided view. If the reader feels that due weight is not given to one factor or another, he must remember that many unmentioned phases of the subject have been deliberately omitted to permit fuller emphasis upon the apparent

connection between a stimulating climate and high civilization. The materials for this volume have been derived from a great variety of sources. Although personal observation and investigation are the basis of much that is here stated, still more has been derived from the world's general store of knowledge. Except in a few special cases I have not attempted to give references. To the general reader footnotes are not only useless, but often a distraction and nuisance. The careful student, on the other hand, cannot form a fair estimate of the hypothesis here presented without reading previous publications in which I have set forth the reasons for many conclusions which are not fully discussed here for lack of space. These publications contain numerous references. Accordingly, the needs of the student will be met by giving a brief list of books and articles which have served as preliminary steps to the present volume. These publications form a logical series with only such repetition as is necessary to make each a complete unit. It is scarcely necessary to add that the rapid growth of the subject during the past ten years has led to important modifications in some of the earlier conclusions. The facts set forth in this volume have by no means been derived wholly from observation and reading. Not far from a hundred people have given direct personal assistance. They are so numerous that it is impossible to mention them all by name. (HUNTINGTON, 1939, p.xi) (escrito em 1915)

Nove anos mais tarde, já na terceira edição, Huntington escreve outro prefácio no qual explica que realizou radical revisão da obra, pois nesse tempo vários avanços na ciência foram feitos, o que fortaleceu a hipótese climática. Na forma de cinco tópicos, ele explica as principais alterações entre a primeira edição e a terceira:

PREFACE TO THIRD EDITION

1. In the first edition inheritance, physical environment, and culture were recognized as the three main factors in determining the distribution of civilization. Physical environment was of course treated fully, since it is the main subject of the book. Enough was also said about human culture to show that I fully appreciate its importance, especially as an explanation of the

difference between aboriginal America and the Old World. In heritance, however, was dismissed briefly. In the present edition it receives a good deal of emphasis, especially in the first chapter, which is almost wholly new. It would be emphasized much more strongly were it not that in *The Character of Races* I have devoted a whole book to the problem. That book and this are so closely allied that neither is complete without the other. The relation of climate to health has been much discussed during

the past nine years. Accordingly three new chapters. VII to IX, have been added on this topic. They balance the three preceding chapters by discussing the manifold effects of climate and weather upon man from the standpoint of disease and death, instead of from the standpoint of disease and death, instead of from the standpoint of the day's work.

3. In the first edition of *Civilization and Climate* I assumed that historians and others would be more familiar with the evidence of climatic changes during historic times than is actually the case. Accordingly in Chapter XIV the hypothesis of pulsatory climatic changes is more fully elaborated than formerly, while Chapter XV, which is new, is devoted to criticisms of that hypothesis.

4. Chapters XVI and XVII are devoted to some of the main criticisms of the hypothesis that climate is one of the three main determinants of the distribution of civilization. An especially important new feature is a study of the white man in tropical Australia.

5. In addition to this a large number of minor points have been added. Hence, although certain sections such as Chapters III to VI remain practically unchanged, the book as a whole has a distinctly new aspect. In its present form the book does not insist as strongly as before upon the supreme importance of climate, but the arguments which lead to the conclusion that climate ranks with racial inheritance and cultural development as one of the three main factors in determining the distribution of civilization seem much stronger than previously. (id)

Na terceira edição, nota-se, então, uma maior ênfase no fator hereditariedade, e um capítulo totalmente novo, no qual Huntington se defende da crítica direcionada à sua hipótese climática pulsatória.

A primeira frase da obra já irrita aqueles que implicam insistentemente com a analogia orgânica que hoje, bem hoje, domina o discurso da maioria dos pesquisadores nas ciências humanas, sem que estes sejam jogados na valeta do evolucionismo, do darwinismo social e do determinismo:

The races of the earth are like trees. Each according to its kind brings forth the fruit known as civilization. As russet apples and pippins may grow from the same trunk, and as peaches may even be grafted on a plum tree, so the culture of allied races may be transferred from one to another. Yet no one expects pears on cherry branches, and it is useless to look for Slavic civilization among the Chinese. Each may borrow from its neighbors, but will put its own stamp upon what it obtains. The nature of a people's culture, like the flavor of a fruit, depends primarily upon racial inheritance, which can be changed only by the slow processes of biological variation and selection. (HUNTINGTON, 1939, p.1)

Para ele, a hereditariedade é apenas um dos fatores no desenvolvimento da civilização. Governo, educação, religião, ocupação, costumes, instituições e a cultura herdada, nos dizeres dos antropólogos, formam um segundo grande grupo de influências sociais cujo poder parece quase imensurável. Sobre a função desses fatores sobre o homem, afirma que:

They do for man what cultivation does for an orchard. One tree may bear a few wormy, knotty little apples scarcely fit for the pigs, while another of the same variety is loaded with great red-cheeked fruit of the most toothsome description. The reason for the difference is obvious. One tree grows in a grassy tangle of bushes with no room to develop, little chance to get sunlight, and scant opportunity to obtain nourishment because of the abundance of other plants and the poverty and thinness of the unfertilized soil. The other stands in the midst of a carefully tilled garden where it has plenty of room to expand and enjoy the sun, and where its roots can spread widely in a deep, mellow, well-fertilized soil. Moreover, one tree is burdened with dead wood and suckers, and infested with insects and other

parasites; while the other is carefully pruned, scraped, and sprayed.
(HUNTINGTON, 1939, p.1-2)

Huntington afirma que o clima não é o fator mais importante, mas é o mais “fundamental”, no sentido de mais influenciar outros fatores do que ser por eles influenciado, além de prover alimentos e variados recursos vitais aos homens:

It is fundamental by reason of its vital influence upon the quantity and quality not only of man's food but of most of his other resources; it plays a large part in determining the distribution and virulence of the parasites which cause the majority of diseases; and through its effect upon human occupations, modes of life, and habits, it is one of the main determinants of culture. On the other hand, neither food, disease, nor culture has any appreciable effect upon climate, although they may modify its influence. Moreover, climate has a direct effect upon health in addition to its indirect effect through food, disease, and mode of life. Hence although climate may be no more important than other factors in determining the relative degree of progress in different parts of the world, it is more fundamental in the sense that it is a cause rather than a result of the other factors. (HUNTINGTON, 1939, p.3)

Huntington faz uma distinção fundamental de três tipos de influências climáticas:

In studying climate it is essential to draw a sharp distinction between three types of influences. In the first place climate has a direct effect upon man's health and activity. Second, it has as strong indirect but immediate effect through food and other resources, through parasites, and through mode of life. Third, by its combined direct and indirect effects in the past it has been a strong factor--some would say, the strongest-- in causing migration, racial mixture, and natural selection; and it may have had something to do with producing the variations which the biologists call mutations. Thus it has had a powerful effect upon inheritance. (HUNTINGTON, 1939, p.3)

Os primeiros tipos foram menos contestados, pois são mais mensuráveis, há mais evidências, e tem o respaldo de ciências mais “respeitáveis”, como a medicina. Já a terceira, adentra o universo holístico e abrangente das civilizações, da história humana, dos movimentos migratórios e lida com questões complexas e polêmicas como raça e seleção natural, portanto geraram desconfiança da comunidade científica. Entram no cômputo da desconfiança e do descrédito alguns outros quesitos, como as tendências dos historiadores em apresentar cada um a sua reconstrução-fantasia das civilizações passadas, as incertezas sobre os verdadeiros climas pretéritos, e a resistência das ciências humanas em geral em lidar com as limitações naturais que ameaçam a soberania do homem ilustrado das luzes e dos lustres da razão e da *liberté*.

Huntington (1939) reconhece que há dois grandes grupos de fatos aparentemente contraditórios. Ele afirma que estamos conscientes de que somos estimulados ou deprimidos por condições climáticas, e de que sabemos que ao irmos para o norte ou para o sul a distribuição das civilizações está geralmente em harmonia com o que nós esperamos em função de nossas próprias experiências climáticas. Não obstante, até mesmo em nossos dias (ou seja, na década de 10), regiões que se situam na mesma latitude e aparentemente possuem climas igualmente estimulantes, diferem marcadamente em seu grau de civilização.³¹⁶ Quando comparamos o passado com o presente, encontramos a mesma contradição, ainda mais marcada. Daí nossa confusão. Pela experiência pessoal, sabemos que os efeitos diretos do clima são de uma importância tremenda. Contudo, muitos fatos parecem indicar que esta importância é menor do que nossas observações nos levariam a antecipar. Essa contradição é explicada com o seguinte texto:

The reason for this doubtful attitude can easily be discovered. The things that we call facts are often not well established. Although we believe in the influence of climate, we know little of the particular climatic elements which are most stimulating or depressing. How much do we know of the relative importance of barometric pressure, wind, temperature, or humidity? What

³¹⁶ O que Huntington considerava “civilizado” é que talvez seja o maior problema de sua tese.

about the comparative effects of the climates of England and southeastern Russia? In addition to this, we are far from knowing what type of climate prevailed in Egypt, Greece, or Mesopotamia when they rose to eminence. Many good authorities have asserted that the climate of those regions was the same two or three thousand years ago as now. This view is rapidly losing ground, but those who believe in a change are not certain of its nature. They are not yet wholly agreed as to whether it has produced an important influence upon the particular climatic elements which are most stimulating to the human system. (HUNTINGTON, 1939, p.5)

Esse reconhecimento crítico por parte de Huntington, definitivamente não foi observado pela crítica. Resultado: gastam-se folhas e folhas de uma tese para mostrar que no passado também gastaram mais e mais folhas de vários artigos para fazer críticas infundadas baseadas em preconceitos e partidarismos direcionados a um grande autor da Geografia que também gastou folhas e mais folhas para se explicar aos fervorosos, ponderar seus resultados e criticar seu próprio trabalho e metodologia. Tudo em vão. Neste sentido, este ensaio sobre Huntington também é vão e ineficaz, pois os críticos e o próprio Huntington não passam de uma pilha de ossos.

Enquanto os críticos refestelavam-se na caçamba determinista huntingtoniana, alguns equívocos menores, porém de certa relevância, não eram sequer notados. O autor, ao comparar o clima de regiões, afirma que a Mongólia e o Illinois, apesar de estarem na mesma latitude e ter a mesma temperatura média anual, diferem enormemente em civilização. Contudo, o que Huntington pensa ser uma exceção à sua regra, pode ser usada como confirmação! A Mongólia possui um clima distinto em muitos aspectos quando comparado ao clima da região dos grandes lagos. É mais continental, na verdade mais frio, principalmente durante o verão, quando o fator altitude impede o calor extremo, ao passo que em Illinois pode chegar a 40 graus e com elevada umidade. Ou seja, a Mongólia possui clima semi-árido ao norte e árido na metade sul. São pradarias de altitude, amplas, e margeadas por montanhas em sua parte sul e oeste, enquanto Illinois fica numa planície, e sofre o efeito da maritimidade dos Grandes Lagos. Illinois Também é afetado por ciclogênes mais freqüentes e intensas e só esse fato, separadamente, já indicaria uma grande diferença em relação à

relativa estabilidade dos tipos de tempo no planalto ultra continental da Mongólia. Ou seja, Huntington, menos por descuido, e mais pelos poucos conhecimentos climáticos da época, não atentou para as profundas diferenças entre os climas da Mongólia e do Illinois. É com base nos conhecimentos atuais que as obras dos deterministas do passado podem ser contestadas cientificamente com bases mais sólidas, e não em função de piras ideológicas; medos do bicho-papão clima, do boitatá solo, da mula-sem-cabeça da localização e distância; e implicações neuróticas com o darwinismo, neolamarckismo, organicismo, positivismo e todos os ismos fantasmagóricos da cripta.

Huntington afirma que seu livro foi escrito com base em duas linhas de investigação que, quando combinadas, pretendem explicar ao menos parcialmente algumas das contradições que têm se mostrado um complicado quebra-cabeça:

In the first place a prolonged study of past and present climatic variations led to the conclusion that the climate of the past was different from that of the present. In early historic times, for example, some parts of the world appear to have been drier than now, and other parts moister. In any given place, however, the change from the past to the present has not consisted of a steadily progressive tendency in one direction but of variations. In the places that were formerly moister than now there appear to have been alternate changes toward dryness and then toward moisture; while in the places that are now drier than in the past there have been corresponding variations of the opposite types. In a word, the climate of historic times seems to have undergone a pronounced series of pulsations which have varied in character from one part of the earth to another. The second line of investigation which originally led to the writing of this book was a study of the climatic conditions under which people of European races are able to accomplish the most work and have the best health. This investigation led to the conclusion that the principle of climatic optima applies to man quite as fully as to plants and animals. According to this principle each living species has the best health and is most active under certain definite conditions of temperature, humidity, wind movement, storminess, variability, and sunlight, or, more exactly, under certain combinations of these conditions. Any departure from

the optimum conditions leads to a decrease of activity and efficiency.
(HUNTINGTON, 1939, p.5-6)

Huntington reconhece que a distribuição das civilizações é tão complexa e envolve tantos fatores, que no mínimo ela deve ser explicada pela combinação do efeito direto do clima sobre o homem com a seleção natural realizada pelas mudanças climáticas, daí a importância de se estudar as pulsações climáticas do passado para entender de que maneira os climas mutantes exerceram influências no sentido de favorecer a permanência ou a migração dos povos, e de retardar ou acelerar seu desenvolvimento sócio-econômico. Esta hipótese climática é atual e há vários núcleos de pesquisa procurando compreender o declínio de povos pré-colombianos, e até mesmo os crentes no aquecimento global não podem ser incoerentes em negar a teoria de Huntington, posto que acreditam numa mudança brutal dos modos de vida, da economia e dos centros de poder se nos próximos cem anos de fato a terra começar a torrar e ver seus ursos polares afundarem nas profundezas do mar “ex-glacial” ártico. Assim, o autor explica que:

The climatic pulsations of the glacial, post-glacial, and historic periods appear to have exerted a profound influence upon the degree of habitability of different parts of the earth. Thus famine, distress, and disease have arisen, and the pressure of population has led to migration, racial mixture, and the preservation of one type of people in one place and another somewhere else. Natural selection under the stress of climate goes far toward explaining many of the cases where the distribution of civilization does not agree with what would be expected on the basis of the direct effect of climate. So important is this that I have written a book on *The Character of Races* for the express purpose of applying the principles of natural selection to the history of racial development. (HUNTINGTON, 1939, p.6-7)

Ele explica que uma grande parte do raciocínio de seu livro gira em torno da hipótese climática pulsatória nos tempos históricos. “This led to what I have called the “pulsatory hypothesis,” which furnished a name for *The Pulse of Asia*. According to

this hypothesis, although the historic and prehistoric past in those particular regions was in general moister than the present, the change from moist to dry has taken place irregularly in great waves. Even in early historic times certain centuries were apparently drier than today, while others not long ago were moist. (HUNTINGTON, 1939, p.7-8). Após alcançar a conclusão de que as mudanças climáticas pulsatórias ocorreram de fato ao longo da história, e que diferiram em tipos de uma região para outra, o próximo passo de Huntington foi estudar o mecanismo e a causa das supostas mudanças. Várias linhas de evidências também indicaram que as pulsações climáticas consistiam na migração das zonas climáticas da terra ou ao menos da migração de áreas de tempestades ciclônicas alternadamente para perto e para longe da linha do equador. Após constatar tudo isso, aí sim Huntington partiu para a próxima fase de investigação, nomeadamente, o estudo do efeito real dos presentes climas sobre a atividade humana e a saúde dos homens: *“This is important because some critics have supposed that I have unduly emphasized the importance of climatic changes, or have even formed a theory in regard to them for the purpose of bolstering up a preconceived idea that differences of climate from place to place are a main cause of the present distribution of human progress.”* (ibid, p.100).

Huntington explica que sua intenção foi mal compreendida, pois: *“On the contrary, up to this period my reasoning had been somewhat as follows: If climatic changes have occurred during historic times, they must have had some economic effect because such changes alter the capacity of a region to support population. The economic changes in their turn must have led to political disturbances and migration.”* (ibid, p.10-11). Até mesmo Kropotkin, que eu ingenuamente e inadvertidamente imaginava como apenas um ideólogo baderneiro revolucionário, estudou, segundo Huntington, o papel do clima sobre as invasões bárbaras na Europa: *“Kropotkin, for instance, has vividly portrayed the way in which a gradual desiccation of Asia presumably drove into Europe the hordes of barbarians whose invasions were so important a feature of the Dark Ages.”* (ibid, p.11)

Huntington assume que se impressionou ao ver que cada civilização que atingia seu ápice, possuía nessa época um clima que se aproximava de certas condições, que

ele define posteriormente como o clima temperado oceânico. Ou seja, o momento de máxima aproximação de um clima qualquer com o clima temperado oceânico (controversamente o clima do próprio umbigo de Huntington, sua terra natal em New England) parecia coincidir com o desenvolvimento máximo da civilização que nele habitava:

“While these economic and political effects of climatic changes were being studied I became more and more impressed by the fact that when each country rose to a high level of civilization, it appears in a general way to have enjoyed a climate which approached more closely than now to certain well-defined conditions. These conditions appeared to resemble, but by no means duplicate, those now prevailing in most of the regions where civilization is highest. In spite of marked variations, the general tendency during periods of high civilization has apparently been toward cool, but not extremely cold, winters, and toward summers which though warm or even hot for several months are generally varied by storms or at least by winds which produce frequent changes of temperature.”³¹⁷ (ibid, p.12)

³¹⁷ Esta idéia é a mesma que Hipócrates chamava de “Changes of the seasons”, ou seja, acentuada dinâmica atmosfera, com variados tipos de tempos que mudam constantemente, características essas que toda a literatura do tema afirma ser ideal para o bem-estar e para o estímulo físico e mental das pessoas. Particularmente este tipo de clima é meu favorito, razão pela qual desconheço clima mais agradável que o de Curitiba, em seus variados e marcadamente contrastantes tipos de tempo. Pode variar de pessoa para pessoa, mas assim como eu, conheço um sem-número de pessoas cujo bem-estar proporcionado pelo planalto subtropical some com um passe de mágica ao descer a serra para a planície litorânea. Mas dessa constatação não se pode saltar para a afirmação de que um país não pode dar certo em climas “sufocantes”. Eu não dou muito certo, só isso. Os climas altiplânicos entre 2000 e 3000 metros também me causaram a mesma sensação de conforto térmico e bem-estar geral, como em Quito, que não é tão fria quanto Cuzco, nem tão nublada quanto Bogotá. Na China, entre a umidade glacial de Beijing no inverno e a sensação térmica sapo-úmido de Hong Kong no verão, o clima de Kunming, subtropical de planalto (1800 metros – mais ou menos como Campos do Jordão), continental e suscetível a invasões polares moderadas, em mesma latitude de Curitiba, mostrou-se o mais agradável, com céu limpo, sem poluentes visíveis, e cujas tardes de sol radiantes sob 20 graus Celsius significaram o tipo de tempo mais agradável em toda a viagem marcada por extremos desconfortáveis.

Antes desses estudos e dessas conclusões parciais, Huntington acreditava apenas nos fatores políticos e econômicos: *“Up to this point in my investigations, I saw no ground for appealing to anything except economic and political factors in explanation of the apparent connection between civilization and climate.”* (ibid p.12). Segue afirmando que o clima exerce efeitos diretos sobre a economia e sobre a saúde: *“In fact it now seems probable that through their effect on bacteria, on the water supply, on the breeding places of insects, on the quality of the food, and perhaps in other ways climatic changes may exert quite as much effect as through the more direct economic channels.”* (ibid, p.12-13)

Sobre a crença em voga na época e suportada por Huntington, de que as melhores áreas para o desenvolvimento da civilização são aquelas de maior atividade ciclônica (extra-tropicais), ele cita Kullner: *“He advanced the idea that the barometric changes which are the primary cause of storms, or perhaps some electrical phenomena which accompany them, may produce a stimulus which has much to do with the advancement of civilization.”* (ibid, 1939, p.13). Como Kullner não apresentou provas, Huntington partiu corajosamente para a busca dessas evidências.

Huntington reconhece as limitações metodológicas para provar essa relação civilização-ciclogênese, descreve as formas ideais, e explica a metodologia que foi possível. Ele acompanhou a produtividade de milhares de trabalhadores, divididos em quatro grupos, selecionou várias cidades desde Connecticut até a Flórida, e utilizou dados do ano todo, dia após dia, e todos os resultados foram comparados com os dados meteorológicos do dia. A conclusão foi a de que a pressão era pouco importante, a umidade moderadamente relevante, ficando a maior influência por conta da temperatura, cujo optimum foi mais elevado do que se esperava. A condição ideal para a produtividade e bem-estar foi descrita da seguinte forma: *“The ideal condition, or optimum, seemed to be mild winters with some frosts, mild summers with the temperature rarely above 75° F., and a constant succession of mild storms and moderate changes of weather from day to day.”* (ibid, p.15). Atualmente, a bioclimatologia reconhece a importância e plausibilidade da questão do optimum climático para os seres humanos, mas há um tabu, não sem alguma razão, em associá-

lo à eficiência física do ser humano, e mais ainda, à produção intelectual. (afetada, por sua vez, pelas condições físicas).

Após esse estudo dos trabalhadores nos EUA, Huntington construiu um mapa mostrando como a energia humana seria distribuída pelo mundo se (aqui está um dos problemas) todos os habitantes do planeta fossem influenciados da mesma forma que os 15 mil contemplados por seu estudo. (Ou seja, países com clima muito divergente do optimum climático observado nos EUA teriam uma população de menor energia e menor bem-estar). Huntington notou que o mapa coincidia em grande parte com o mapa da distribuição da civilização na época. Este mapa foi baseado em 50 geógrafos e em “*widely informed men*” pelos quatro cantos do planeta. Não obstante, esse mapa das civilizações sofreu mais críticas do que o mapa climático. Huntington pôde concluir que as mudanças climáticas de fato ajudaram os países a declinar ou a atingir seu ápice, pois havia uma coincidência entre o predomínio de tempos dentro do optimum climático e o período em que essas civilizações mais floresceram. A lista de objeções que se pode fazer é estarrecedora, até mesmo um aplicado estudante de climatologia poderia listar algumas objeções, contudo, isso não significa que podemos invalidar a contribuição preliminar ao estudo da relação clima-civilização, nem o esforço hercúleo de Huntington em enriquecer uma área de estudos que ainda hoje engatinha. Nas palavras do próprio Huntington, é preciso cuidado para não mal interpretá-lo: “*Take, for example, the decadent countries as to whose past climate we have some definite idea. In practically every case the climate during their more flourishing periods appears to have approached the optimum, as determined in the United States, more nearly than at present. This does not mean that the climate of Egypt, North India, China, Greece, or the Maya regions in Guatemala was ever like that of either New York or California. It merely means that it approached more closely than at present to one or the other of these American types.*” (ibid, p.15-16)

Huntington formula a questão central para o problema do optimum climático, usando o exemplo do Egito, e reconhece que o nível tecnológico influi no patamar do optimum climático, que pode ser mais quente que o verificado em sua pesquisa na costa leste dos EUA.

The real question is this: When Egypt rose to its greatest heights did its climate approach appreciably nearer than now to the type which provides the optimum conditions of energy, health, and economic strength for a people in the early Egyptian stage of development? Bear in mind that when the ancient Egyptians first rose to a state approaching civilization, they had not yet learned to use iron tools. Even in later days they had nothing like our modern skill in using wood and coal for heating houses, in manufacturing cotton and woolen cloth on such a scale that even the poor can be warmly clothed, in building houses that are proof against wind, rain, and cold; nor had they our skill in combating disease. Hence their stage of development caused the optimum climate to be warmer for them than for us. We are able to guard ourselves against low temperature and exposure, and thus gain an important stimulus without suffering much harm. They could not withstand cold winters. (ibid, p.16-17). Bearing in mind then, that the optimum climate varies according to a nation's stage of civilization and also that there is doubtless some difference in the optimum from race to race, our problem becomes to determine how far the climate of the past in any given region was like that which is best for the stage of human progress, and perhaps the race, with which we happen to be dealing. (ibid, p.17)

Assim, reconhece que para se estabelecer qual é o optimum climático de uma civilização, é necessário saber seu estágio de desenvolvimento e talvez também levar em conta diferenças raciais.

Huntington afirmar que seu trabalho foi mais aceito, sem preconceitos e à espera de maiores avanços científicos, pela comunidade não-científica, e por geólogos, arqueólogos e geógrafos da área geológica, pois os demais geógrafos ofereceram cega resistência, atitude que a história da ciência tem mostrado “normal” e esperada quando se fala em teorias ousadas e complexas: *The non-scientific public, which has doubtless been the widest audience of Civilization and Climate, has accepted the book on the reasonableness of its main hypothesis, and with an open mind as to future proof or disproof. Geologists, archaeologists, and those geographers who have had a*

geological training are the types of scientists who have found the hypothesis most convincing.” (ibid, p.17)

Os cientistas envolvidos com temas da geologia aceitaram melhor as idéias de Huntington porque seus raciocínios e as evidências encontradas são frequentemente empregadas na geologia, arqueologia e em subáreas da Geografia. *“The evidence consists chiefly of ancient lakes and streams, old roads in deserts, dead vegetation and its rings of annual growth, abandoned fields and irrigation systems, and especially ruins and other traces of man, which are really human fossils. Such evidence appeals to geologists, archaeologists, and geologically trained geographers.” (ibid, p.17-18)*

Por outro lado, economistas, antropólogos e principalmente historiadores, raramente confiaram nas evidências provenientes das ciências naturais. A opinião do politburo foi modelada por duas suposições amplamente aceitas na época: a de que a uniformidade climática é uma condição natural, que Huntington considera absurda em face das crescentes evidências das pesquisas glaciais; e a crença na maior pertinência e confiabilidade dos registros escritos e das estatísticas em detrimento das evidências geológicas. Sobre isso, nas palavras de Huntington: *“Since the lower stage of culture in those early days presumably caused the optimum temperature for human progress to be higher than is now the case among the most advanced races, the climatic conditions were even more favorable than I realized when this book was first written.” (ibid, p.19-20)*

Huntington resume essa querela entre evidências históricas e registros escritos versus evidências geológicas, climáticas e glaciais explicando que a história não pode ser devidamente escrita sem que sua base física seja completamente compreendida: *“History can never be written correctly until its physical basis is thoroughly understood, and until it is recognized that economic conditions, and human health and energy vary from age to age almost as much as do the conditions politics, religion, and personality.” (ibid, p.20).* Também explica que: *“Of course written records and statistics are far more reliable than any other types of evidence if they are sufficiently full, if they can be trusted, and if they are prepared by people who are conscious of the purposes for which they are to be used.” (ibid, 1939, p.18)*

Huntington, ao contornar algumas fraquezas da primeira edição de “Civilization and Climate” explica alguns avanços da terceira edição: *“The repeated coincidence between periods of improving climate and periods of cultural progress appears to be due not only to the direct stimulus of climate, as I supposed in the first edition of this book, but to that stimulus combined with a high racial inheritance due to natural selection. This, I am well aware, by no means offers a complete explanation of history, for many other elements must also be considered. But it helps to explain many historic events which have hitherto been only partially understood.”* (ibid, p.28)

Ele também explica que manteve a ênfase nas influências diretas do clima sobre a fisiologia humana e sobre a saúde, por meio da alimentação e dos efeitos sobre insetos e microorganismos: *“Climatic changes also appear to have a direct effect in stimulating or repressing man’s physical activity, a viewpoint which dominated the first edition of the present book. It is obvious that through their effect upon food, insects, bacteria, and man’s own powers of resistance climatic changes must exert a great influence upon disease.”* (ibid, p.28). Ou seja, para Huntington o clima predispõe à doença, mas não é sua causa. Essa é a mesma afirmação feita pelos geógrafos brasileiros que lidam com a área de clima e saúde.

Contrariando a crítica, Huntington afirma que a influência do clima não se dá apenas diretamente, de forma mágica, sem intermediários, mas sim, por meio das condições econômicas e políticas, pela guerra e migração, recursos naturais e alimentos, energia e saúde, e através da seleção natural e das mutações, este último fator sendo o mais recentemente notado por Huntington:

The next step is obviously a study of the relation of climate to mutations and thus to the origin of the new types among which natural selection makes its choice, but that is as yet impossible. Beyond this lies the synthesis of the effects which climate produces through economic and political conditions, through war and migration, food and natural resources, energy and health, and through natural selection and mutations. And all these results of the climatic environment must be put into due relation not only with the results of the other factors of physical environment, but with the opposite side of the

shield, that is, with the purely human factors such as institutions, customs, ideas, and all man's passions, ideals, and aspirations. (ibid, p.29)

Apenas com todos esses fatores em vista é possível, para Huntington, realizar uma verdadeira filosofia da história. Contudo, reconhece que seu estudo, apesar de em sua terceira edição trazer uma visão mais abrangente e profunda do que suas predecessoras, não tem a pretensão de esgotar todos os fatores, mas apenas aquele que concerne os efeitos diretos do clima sobre a energia e a saúde humanas.

No capítulo dois, que trata de debater as influências da raça e do lugar, Huntington demonstra uma preocupação com a possibilidade de se separar os efeitos diretos do clima daqueles provenientes da hereditariedade: *"The problem which confronts us is primarily to separate the direct effects of climate from those of inheritance, regardless of whether the inheritance has been influenced by the climate of the past."* (ibid, p.30). Sua busca pela resposta emaranhou-se pelo abismo polêmico das supostas diferenças raciais. Sobre os brancos nas Bahamas se refere de modo a mostrar sua crença na degeneração dos brancos: *"One of the best places for comparing the two races is the Bahama Islands. For reasons which I shall present later, the process of making "poor whites" has probably gone farther in the Bahamas than in almost any other Anglo-Saxon community. Part of the white people are like their race in other regions, but a large portion have unmistakably degenerated."* (ibid, p.33). Sua teoria da degeneração dos brancos nos trópicos não é simplista como imaginam os críticos, pois ele considera vários outros fatores para explicar a fuga dos brancos dos trópicos: *"A fair skin, a nervous temperament, an excess of activity, and an unwillingness or incapacity to get sufficient rest may be qualities which doom certain white stocks to gradual extinction outside their own climate."* (ibid, p. 53)

No capítulo dois e em outros capítulos Huntington busca entender as razões pelas quais o sul dos EUA prosperou menos do que o norte e apesar de reconhecer timidamente o fator racial, apontou para as diferenças de clima como cruciais. São vários os historiadores, como Caio Prado Junior e o "cientista humano"³¹⁸ Gilberto

³¹⁸ Historiador? Geógrafo? Antropólogo? Sociólogo? Literato? Poeta?

Freyre, que reconhecem o clima tropical como fundamental na explicação do que foi o Brasil colonial e do que viria a ser após esse período. Huntington não foi o primeiro nem o último a desconfiar que o clima “enervante” dos trópicos tinha seu papel garantido no amplo rol de fatores que compõem o mosaico explicativo do desenvolvimento das nações. Sobre este estudo em especial, das áreas de clima menos favorável, um tanto ingenuamente afirma que *“we should add a most vigorous attempt to discover ways of overcoming the handicap of climate. This book is written with the profound hope that the truth which it endeavors to discover may especially help those parts of the world whose climate, although favorable, does not afford the high degree of stimulation which in certain other restricted areas is so helpful.”* (ibid, p.37)

Huntington, apesar de acreditar em certas vantagens intelectuais de umas raças³¹⁹ em relação a outras, não era um conservador retrógrado que pretendia preservar a “pureza” racial, pelo contrário, é adepto da teoria da miscigenação benéfica, pois acreditava que não seria irracional pensar num mundo que pudesse vir a constituir no futuro uma raça única, fruto de todas as boas qualidades de cada uma das raças, unindo o melhor de cada uma delas *“foming a society unimaginably superior yet unimaginably unlike to anything which now is or will ever be.”* (ibid, p.55) Para Huntington isso é um sonho desmentido pelos biólogos, pois o clima gera diferenças: *“so far as climate is concerned the hard reality seems to be that at present, both by its direct action and through natural selection a warm, monotonous, and unstimulating climate tends to reduce human activity both physical and mental, regardless of race.”* (ibid, p.55)

No capítulo três, “the white man in the tropics”, Huntington inicia o texto com surpreendente afirmação “nostradâmica”, a de que os trópicos contém as searas de desenvolvimento futuro mais ricas e convidativas³²⁰: *“Let us now turn to the torrid zone, which contains the world’s richest and most inviting fields of future*

³¹⁹ Diferenças raciais em termos de capacidade intelectual é algo totalmente desmentido pelas pesquisas atuais e o conceito de raça não tem mais sentido senão num contexto de se estudar os discursos do passado.

³²⁰ Lembra inclusive a panacéia do governo petista atual e os discursos do presidente, que chora ao falar com emoção das riquezas tropicais do Brasil.

development. Let us inquire into the effect of that region upon Europeans who attempt to live there permanently. The isolation of the tropical regions, their lack of facilities for transportation, and the great difficulties of agriculture will doubtless be overcome, but that will by no means solve the problem. Two great obstacles will still remain—the native inhabitants and the white man's own mind and body.” (ibid, p.56)

Sobre o efeito estimulante do clima temperado afirma que: *“The negro in the United States is generally considered more efficient than he was in Africa, whereas his stay-at-home brother and the Indian of tropical America, remaining in their old environment, do not seem to have changed.” (ibid, p.57).* Adiante explica que tanto o clima quanto o ambiente social são responsáveis pela mudança na eficiência dos povos recém-chegados:

Doubtless the change in the negro is due to a new social environment quite as much as to a new physical environment, and many authorities believe that the social change is the more important. This, however, does not materially alter the case. As conditions are now, it is extremely difficult to change the physical environment of tropical races so long as they remain in their present habitat, and it seems to be equally difficult to change their social environment. Those who dwell permanently in the white man's cities are influenced somewhat, but the results are often disastrous. Here as almost everywhere within twenty degrees of the equator, the general tendency seems to be to revert to the original condition as soon as immediate contact with the white man is removed. (ibid, p.57-58)

Ao longo do livro de Huntington vários desvarios e descuidos emergem, e pudera, dada a ousadia e abrangência dos temas tratados. Às vezes Huntington reconhece que é mera opinião, mas em alguns pontos lança afirmações que não são ponderadas e indicam que ele caiu numa arapuca ou que não prezou pelas evidências contrárias. A proporção de pessoas engajadas no alcoolismo é maior nos países temperados pobres do que nos países tropicais pobres, e segundo a crença popular, esse hábito se explica em parte pelo frio que exige o aquecimento do corpo. Para Huntington, o homem branco, ao chegar aos trópicos, engaja-se na bebedeira devido,

em parte, ao calor, que os estimula a querer ingerir mais líquidos, pela falta de coerção social, e pela monotonia de vida. Contudo, ignorou um preceito químico básico, o de que o álcool, sendo altamente calórico, “esquenta” o corpo. Além disso, nos trópicos úmidos há água suficiente, e ninguém precisa buscar no álcool uma fonte para matar a sede.

Huntington afirma, hilariamente, e até hoje não comprovado nem desmentido, que a fraqueza da vontade do homem branco nos trópicos é evidente no quesito sexo. Esse “vício” leva à ruína milhares de “nortistas” (clima temperado), mesmo quando resistem às tentações da preguiça, da raiva e da bebida. Mas esses vícios caem sobre ele como um dominó imediatamente após sua queda na direção da “imoralidade” (sexo). Relata que os missionários constataram que os nativos, mesmo os mais fortes, resistem a todos os vícios, menos às tentações do sexo. Huntington diz que muitos europeus condenam esse moralismo etnocêntrico dos missionários, e afirma que talvez os europeus estejam certos, ainda que ele tenha suas dúvidas. Huntington recorre às clássicas explicações para a suposta “ninfomania” nos trópicos: vida predominantemente em espaços abertos que facilitam encontros às escondidas, e as pequenas vestimentas das mulheres e os seus trejeitos, que provocam o desejo dos homens.³²¹

Huntington finaliza esse capítulo reconhecendo que todos esses males têm múltiplas causas:

In all the evils which have just been mentioned—laziness, anger, drunkenness, and immorality—social causes undoubtedly play an important part. A strong public opinion would save many a young northerner from drink and immorality, and would keep him faithful to his work. A clear religious faith or a high ideal of duty would do the same thing. Good homes, proper dress, and many other material changes would help greatly. So, too, would a study of how it has come to pass that certain tropical races, in spite of their environment, have developed comparatively high moral codes to

³²¹ Essas hipóteses curiosas de Huntington seriam as preferidas dos críticos, mas estes parecem não ter lido *Climate Civilization*, pois jamais mencionaram esse lado mais fantasioso de Huntington.

which they strictly adhere, while a few have actually learned the lesson of industry. Along with the social aspect of the question, however, and neither more nor less important, goes the physical. We must discover to exactly what extent physical conditions help or hinder the development of strong character. That is the purpose of the chapters that follow. (ibid, p.75)

O capítulo quatro trata do efeito das estações, e assim como os capítulos posteriores, será abordado de maneira sintética, trazendo algumas afirmações gerais e “conclusivas” de Huntington. Logo no início deste capítulo Huntington reconhece que fez comparações que levaram a generalizações que datam de Aristóteles, Montesquieu e Ratzel:

In comparing Teutons with negroes, or tropical people with those of the temperate zone, we have been following a method as old as the days of Aristotle. Such comparisons have led to most interesting generalizations not only at the hands of Aristotle himself, but of many other men such as Montesquieu, Humboldt, and Ratzel. Yet the importance of climate as a factor in civilization is still in doubt. For instance, no one denies that South Africa is confronted by a grave race problem, but many say that it is purely economic, and has nothing to do with climate. They support this view by strong arguments. Thus we are left in uncertainty. The only way to remove this is to devise some method whereby to separate the effects of climate from those due to all other causes, whether economic, historic, social, religious, racial, or something else. Accordingly, the rest of this volume will be devoted to an investigation of the exact effect of various climatic factors upon selected groups of people, and to an attempt to discover how human energy and other qualities would be distributed if all the earth's inhabitants were influenced like these particular groups. (ibid, p.76)

Sobre o efeito das estações e tipos de tempo, apela para a impressão popular (que não é a priori sempre inválida), e solicita: *“Again, ask a dozen friends whether they work best on clear days or cloudy. The majority will probably answer that the first clear day after a storm is by all means the best. A small number will perhaps think*

the matter over more carefully, and then say that after a storm the clearness of the air and the brightness of the sun are certainly inspiring, but one really accomplishes more when it rains. ³²²*This divergence of opinion is due largely to the fact that climatic effects are of two kinds, psychological and physiological. We are always conscious of the first, but often unconscious of the second.*” (ibid, 1939, p.77)

Huntington mostra a ambivalência dos efeitos dos tempos anticiclônicos, pois esses dias claros, suaves e coloridos ajudariam a trabalhar com mais eficiência, ou nos distrairia na direção da beleza proporcionada?

Again, the blue sky, clear air, bright sunshine, and fresh colors of the first day after a storm are unquestionably inspiring, (essa idéia é recorrente entre a população em geral, ao menos entre os mais sensíveis às mudanças) but does that inspiration make us work any better? May it not lead to a nervous excitement which actually hinders our work, by causing us to look out at the beauties of nature or to be less concentrated in other ways? The actual figures show that, taking the year as a whole, on dull days, especially the second such day when a storm begins to clear, we accomplish more than on bright days, even though we grumble about the clouds and the dampness. A

³²² Muito antes de saber o que era clima e que existiam teorias que relacionavam tipos de tempo com efeitos psíquicos e físicos, lembro-me claramente da disposição e da energia que sentia em dias anticiclônicos frios, logo após a passagem da frente fria. A sensação de alívio era sempre certa, não apenas em relação aos dias nublados, frios e úmidos, mas principalmente em comparação com os dias quentes e abafados. Nesses dias anticiclônicos, a chance de que eu saísse de casa para fazer fotografia ou simplesmente para caminhar, era muito maior que em outros tipos de tempo. Toda as minhas viagens a turismo são decididas com base neste tipo de tempo mais anticlônico. Quando chego em algum país passar um tempo mais longo, como não tenho controle dos tipos de tempo – bem gostaria – opto por passeios internos quando as condições da atmosfera não colaboram com boas fotografias. Assim, o clima influencia de maneira significativa a escolha dos passeios, principalmente no caso dos viajantes que apreciam a fotografia. O entardecer e o amanhecer de dias anticlônicos de inverno, principalmente em altas latitudes, oferecem possibilidades de rara qualidade e beleza para os amantes da fotografia. Na fotografia a dimensão visível do clima tem um efeito arrebatador, e as condições de luz natural é o mais essencial dos fatores para uma boa fotografia da paisagem. Todos os tipos de tempo podem ser artisticamente aproveitados, mas as condições a que me refiro são uma das favoritas dos fotógrafos de paisagens.

bright day certainly makes us cheerful, but its chief helpfulness, so far as our work is concerned, is felt when it is a change from the monotony of a series of dull days. Clouds and rain produce exactly as much rejoicing when they succeed prolonged clear weather of the kind that we praise so highly. (quem diga os habitantes de Brasília e suas bacias d'água no quarto. O mesmo efeito aliviante dos dias nublados e chuvosos ocorre nos verões “desérticos” dos climas mediterrâneos.) In America I have never seen so much rejoicing over a bright day as I have seen in turkey when the first rain fell after the long subtropical summer with its truly superb weather. The rejoicing was in part due to the fact that the coming of the rains means good crops, but I have again and again seen exuberant joy among people to whom the crops made no difference whatever. I have seen Americans shout for joy because the clouds had come, and run out into the rain to let the cool drops refresh their faces. (ibid, p.79)

Huntington afirma que conhecemos melhor, pela experiência, os efeitos psíquicos do clima, enquanto os efeitos físicos permanecem largamente desconhecidos: *“The questions which have just been asked and the possibilities that have been suggested show how indefinite are our ideas of the effect of climate. We understand its psychological effects fairly well. We know little of its physiological effects, however, except when they are extreme or unusual, or when people are sick or are in some other pathological condition. We need to determine how ordinary people are influenced by ordinary conditions of weather.”* (ibid, p.80)

Huntington finaliza o capítulo resumindo os resultados da seguinte forma:

Summing up the matter, we find that the results of investigations in Denmark, Japan, Connecticut, Pensylvania, New York, Maryland, the Carolinas, Georgia, and Florida are in harmony. They all show that except in Florida neither the winter nor the summer is the most favorable season. Both physical and mental activity reach pronounced maxima in the spring and fall, with minima in midwinter and midsummer. The consistency of our results is of great importance. It leads to the belief that in all parts of the world the climate is exercising an influence which can readily be measured, and can be subjected to statistical analysis. [Questionável, ainda para os padrões

científicos de hoje] It justifies us in going on with confidence to ascertain exactly what effect is produced by each of the climatic elements, such as temperature, humidity, and pressure. (HUNTINGTON, 1939, p.108)

No capítulo cinco, sobre os efeitos da umidade e da temperatura, Huntington se mostra um dos pioneiros no estudo de micro climas urbanos em áreas construídas, de casas e fábricas. *“A third factor to be considered at this point is the relative humidity of the atmosphere. A sharp distinction must be drawn between the humidity of the outside air and that which prevails within doors. Physicians, students of factory management, school superintendents, and many other people have repeatedly discussed the supposed harmful effects of the dry air in our buildings during the winter.”* (ibid, p.111)

Apesar de Huntington basear-se às vezes em médias, reconhecia a importância essencial da dinâmica climática, das mudanças bruscas do tempo e da marcha das estações em termos de atrasos e alterações dos padrões, assim como Hipócrates.

Huntington conclui esse capítulo alertando para a diferença do optimum climático verificado entre baixas e altas formas de vida, e para diferença entre as leis naturais em termos de sua aplicação e de seus princípios: *“In general, the lower types of life, or the lower forms of activity, seem to reach their optima at higher temperatures than do the more advanced types and the more lofty functions such as mentality. The whole trend of biological thought is toward the conclusion that the same laws apply to all forms of life. They differ in application, but not in principle. The law of optimum temperature apparently controls the phenomena of life from the lowest activities of protoplasm to the highest activities of the human intellect.”*(ibid, p.135)

No capítulo seis fala da relação entre trabalho e tipos de tempo, concentrando-se nos efeitos das tempestades ciclônicas e da variação dos tipos de tempo:

The changes from one day to another depend largely upon our ordinary cyclonic storms. In such storms the barometer goes down and then up; the wind changes in direction and velocity; the air becomes humid, clouds

gather, rain usually falls, and then clear skies and dry air prevail; the temperature also changes, often rising before a storm and falling afterward, although the exact sequence depends on the location of a region in respect to the ocean and to the center of the storm; the daily range of temperature also varies, for in damp or cloudy weather the nights do not become so cool nor the days so warm as when the air is clear. To understand the influence of the weather all these conditions must be investigated. Most of them, however, appear to be of relatively slight importance when considered by themselves. (ibid, p.136-137)

Sobre os tão temidos (entre os povos do clima temperado) “fortes ventos quentes do sul”, Huntington afirma que mais importante é a alta temperatura e a baixa umidade que acompanham esse vento: *“As to the winds, Dexter, in his book on Weather Influences, shows that they produce a marked effect upon the nerves, as is indicated by the unruliness of school children in Denver when high south winds prevail. Part of this is doubtless due directly to the wind, but the unseasonably high temperature and extreme dryness which accompany it are probably more important. Yet we are all conscious of the effect of a steady high wind. Some people are stimulated.”* (ibid, p.137)

Huntington conclui seu trabalho listando quatro tipos de clima, em ordem crescente de “qualidade” para o trabalho humano e seu bem-estar. O primeiro é o clima monótono, sem estações marcadas e com excessiva constância dos parâmetros atmosféricos; o segundo refere-se ao clima de excessiva variação dos tipos de tempo, que levariam as pessoas à exaustão pelo excesso de estímulos; o terceiro seria o clima com contrastes entre as estações, mas que se caracterizam por tipos de tempo severos e excessivamente duradouros, o quarto e mais benéfico tipo, seria o clima com marcadas diferenças entre as estações, mas não suficiente para criar tensão nervosa, e que possuam freqüentes tempestades, mas em menor número que o segundo tipo de tempo.

No capítulo sete, “saúde e atmosfera”, realiza estudos sobre vários aspectos, como a relação entre a temperatura do corpo e os fenômenos circulatórios; taxas de respiração e temperatura, eficiência mental e conforto, influências da umidade atmosférica, trabalho físico, suscetibilidade à doença, condições ideais de ventilação,

etc. Huntington, ao se dedicar ao estudo dos efeitos do “ar quimicamente viciado” sobre os homens em termos de estado fisiológico, conforto e eficiência, mostra-se um pioneiro no estudo dos efeitos da poluição sobre a saúde.

No capítulo oito, estuda a mortalidade em relação à umidade e à variabilidade dos parâmetros atmosféricos, como temperatura e umidade. Variabilidade não é um conceito tão recente quanto sugerem alguns climatólogos da linha dinâmica. Ao analisar a gripe espanhola de 1918, Huntington é cauteloso ao afirmar que

It is not necessary to suppose that other epidemics will show exactly the same relationships as the epidemic of 1918, even though they may be strongly influenced by the weather. In the first, the epidemics of 1918 was so peculiar in its virulence, its rapid dissemination, its fatality for persons in the prime of life, and in other respects, that it may well have been peculiar in its climatic relationships. In the second place, the epidemic occurred at a season when the approach of cold weather normally declines. The epidemic seems to have reflected this condition. (idib, p.192)

Sobre o capítulo nove afirma que:

This chapter deals with two investigations of the relation between health and the weather. They seem to me the most conclusive evidence yet available along this line because the various weather elements are more clearly separated than in most cases, and because there is no danger of confusing the effects of different seasons. The first investigation pertains to the weather day by day, and is by far the most extensive in which daily data have been employed.” (...) The results appear to be fairly conclusive as to mean temperature and changes of temperature, but are inconclusive as to relative humidity. (ibid, p.194)

Após tratar especialmente do “clima ideal” no capítulo dez, Huntington trata da polêmica relação entre civilização e clima, que se distribui por temas, do capítulo 11 ao 18. Já foram discutidas as principais características dessa teoria, então, optou-se por trazer apenas alguns trechos dessa parte do livro, até mesmo porque esse assunto, o

mais interessante da obra, merece um tratamento à parte, em comparação, no mínimo, com as obras de Semple, Ratzel, Thomas, Buckle e Toynbee, pois todos eles lidaram com a relação clima-civilização.

Quando Huntington fala em civilização, não se deve tomar a palavra em seu sentido atual de “grande cultura”, ou conjunto de povos que guardam similaridades culturais, mas sim, em seu sentido de desenvolvimento, ou seja, quanto mais “civilizado”, melhores as condições de vida. Contudo, Huntington deparou-se com uma total falta de estatísticas a esse respeito. Ainda hoje não é fácil comparar os países e a lista de IDH é altamente questionável e incompleta. Não havendo estatísticas das dezenas de indicadores que Huntington cautelosamente julgava serem necessárias, foi obrigado a confiar na opinião de estudiosos do mundo todo, principalmente da Europa e EUA, mas que conheciam uma infinidade de países e eram especialistas no estudo das desigualdades. Indicando um apreço pela globalização do conhecimento e o intercâmbio cultural pré-invasão da informática, Huntington agradece os pesquisadores entrevistados: *“therefore, I can merely express my gratitude to all concerned. The net result of this attempt at scientific cooperation among men of many races and tongues leaves a strong impression of the spirit of fellowship and friendly helpfulness among man of wide interests in all portions of the world.”* (ibid, p.248)

A título de curiosidade, a lista³²³ contendo os primeiros 15 países mostra os EUA, apesar de seus pesquisadores serem maioria nas entrevistas, em décimo quinto lugar, ou seja, pareciam-se aos brasileiros na impiedosa autotclassificação:

1. Austrália (1)
2. Canadá (1)
3. Noruega (1)
4. Suécia (1)

³²³ Entre parênteses está o número de pesquisadores entrevistados. Canadá, Noruega e Suécia continuam, em 2010, entre os primeiros sete colocados. Curioso também o fato de sete dentre as 14 maiores economias do mundo estarem em último lugar nessa lista das nações mais desenvolvidas. Mais intrigante ainda é o lugar de pouco destaque dos EUA e do Reino Unido, assim como o quase empate entre China e Japão.

5. Holanda (1)
6. Rússia (1)
7. Espanha (1)
8. Portugal (1)
9. França (2)
10. Itália (2)
11. Japão (3)
12. China (3)
13. Alemanha (5)
14. Reino Unido (7)
15. Estados Unidos (24)

Sobre a relação entre clima e civilização, Huntington reconhece que as diferenças entre países de mesma latitude podem ser tão pronunciadas quanto as diferenças verificadas entre os trópicos e as zonas temperadas, pois as variações diárias podem ser mais importantes do que o suposto.

Huntington também alerta que sua hipótese da pulsação climática não pode ser vista apenas pelo prisma da mudança de temperatura: *“Failure to understand this point has led to many mistakes. The chief variations have apparently occurred in the number, intensity, and the paths of the kind of cyclonic storms which bring ordinary changes of weather...”* Such storms are the most variable climatic factor. (reconhecia a forte dinâmica climática das frontogêneses). *The extend to which the mean annual temperature or relative humidity of a region may vary from one year to another is very limited, but the rainfall and still more the number of storm tracks whose centers pass near a given place, may vary greatly.*”(ibid) Ou seja, a variação de chuvas e tempestades são mais importantes do que a variação da temperatura para se explicar o efeito das mudanças climáticas na migração das civilizações.

Sobre as opiniões favoráveis à hipótese das pulsações climáticas, Huntington cita Antevs, em sua obra “Post-glacial climatic cycles (1924)”:

The view of distinct climatic fluctuation, advanced especially by Huntington in a number of papers, is being more and more accepted. The very best evidence of the occurrence of climatic fluctuation of short as well as long duration, up to thousands of years, is probably to be found in the varying rate of growth of the big trees and in the periodic retreat and halt of the edge of the Pleistocene icesheets. Huntington shows that there have been during historic times, within limited regions, climatic fluctuations of different length and character, but particularly in precipitation. The most noteworthy fact is that, especially in western and central Asia, the climate 2000 or 3000 years ago appears to have been distinctly moister than today. (ibid, p.346)

Sobre o Brasil, Huntington faz apenas um comentário, e reconhece que os “males” dos trópicos serão superados não apenas pelos estrangeiros, como pela “*More intelligent part of the natives*”. (...) “*Even though Vera Cruz has a bad climate for permanent residence, it is stimulating for a short while when one comes from a wholly different environment. In the future we can scarcely doubt that this method of overcoming the evil effects of a tropical climate will be resorted to on a vast scale (...)*”(ibid, p.409).

Contra o fatalismo associado aos deterministas, Huntington esclarece que “*For the present it is enough to see that the hypothesis of climate as a condition of civilization is far from depressing. It holds out hope that the inhabitants of even the most favored parts of the temperate zone may improve their condition. It holds out still more hope that the people of the less favored parts of that zone and of the subtropical zone may be benefited.*”(id)

Em Huntington também não cabe o suposto preconceito dos “deterministas” contra o solo dos trópicos e das pragas e moléstias várias que “impedem” ou dificultam a agricultura: “*If the farmers of the tropics were as efficient as those of the temperate zone, one man's labor would produce two or three times as much as in Europe or the United States.*”(id) Assim, Huntington pressagiu o que está em vias de acontecer (ou seja, áreas tropicais tornarem-se algumas das principais áreas agrícolas do mundo) e concedeu aos homens plenos poderes de aumentar sua eficácia e sua energia nas áreas tropicais.

Huntington finaliza “Civilization and Climate” afirmando que “*If our hypothesis is true, man is more closely dependent upon nature than he has realized. A realization of his limitations, however, is the first step toward freedom.*”(ibid, p.411)

Sobre sua obra “The character of Races”, vale a pena mostrar a cautela de Huntington, que mesmo tendo estudado outros fatores que não ambientais, reconhece que muitas características da distribuição do progresso humano ainda ficaram sem explicação:

Some nine years ago, in a book called *Civilization and Climate*, I set forth the thesis that the general distribution of civilization and progress depends largely upon climate. I also attempted to show that the influence of climate is strongly modified by migrations of peoples and cultures, by racial mixture, by inventions and discoveries such as iron tools and agriculture, and by ideas such as religion. After reasonable allowance had been made for all these factors, I still felt that certain highly significant features of the distribution of human progress remained unexplained. (HUNTINGTON, 1927, p. vii)

Ainda no prefácio desse livro, Huntington alerta, em vão, que seus livros devem ser lidos em conjunto, sob pena de o leitor ficar com uma visão incompleta:

This book is the logical companion of *Civilization and Climate*. Each illustrates a great principle which has generally been overlooked in the study of history. Neither pretends to be complete, for where a new subject is first presented the mere limitations of space, as well as the dictates of psychology, make it necessary to concentrate upon a single theme. For a complete, well-rounded view of history one must combine these two books with many others which discuss such matters as geographic location and natural resources; human inventions, discoveries, and ideas; the influence of men of genius; the economic forces that bind mankind so closely; the growth and pressure of population; and the interplay of war, religion, intrigue, and human ambition.

Neste fragmento Huntington lista uma variedade de fatores, incluindo aqueles que são enfatizados com fervor pelos “possibilistas”, como guerras, religiões e diversas afecções humanas. Ao continuar seu prefácio finaliza explicando que um dia a ciência nos dará um cabedal de conhecimentos que nos permitirá dar o devido peso aos fatores ambientais, incluindo o clima e a seleção natural:

Some day the progress of science will give us a scientific history in which all these factors, as well as the factors of climate and natural selection, are coordinated and given due weight. As a help toward such a sketch, it has seemed to me wise to show how the principles of climatic change and natural selection probably apply to the earliest human development, as well as to outstanding examples from later periods. It has also seemed wise to concentrate on natural selection through physical causes, and to devote to other factors only enough space to convince the reader that I appreciate their great importance in modifying human character. (HUNTINGTON, 1927, p. ix)

Martin, em seu artigo “Civilization and Climate revisited”, traz um apanhado geral das resenhas que se seguiram à publicação desse livro, e alguns comentários elogiosos podem ser vistos no trecho abaixo:

“When making large generalizations, the author speaks with commendable caution... The main hypotheses in Civilization and Climate are of unquestionable importance. They appear to point toward truths of great significance... contains inferences and deductions which are offered as tentative, not final” ...“This is a very stimulating and original book. It should open up important new fields for fruitful research; and its conclusions have a far-reaching practical significance”...“succeeded in the hardest of tasks confronting the speculative scientist: the task of stimulating the imagination while remaining within the bounds of credibility. For this he deserves our respect and admiration”....“I can frankly say that no book in a decade, and few new books in my whole career, have at first reading influenced me so profoundly as this one...” (MARTIN, 1974, p.11)

Martin observa um fato peculiar em relação à crítica a Huntington: *“This early century appreciation contrasts sharply with numerous posthumous curt dismissals as ‘determinist.’ It was seemingly forgotten that the real meaning of the word determinism (environmental) lies at the intersection of a time and a place and it is there that someone or something is ‘environed’”* (MARTIN, 1974, p.11). Assim, a crítica à obra “Civilization and climate” foi ficando mais negativa e rotulante à medida que passava o tempo, ou seja, na proporção em que iam se disseminando suas idéias na forma de “telefone-sem-fio”. Meio século depois da publicação, as críticas eram as mais rasas possíveis.

Martin, usando de sua ironia, defende Huntington ao dizer:, *“The thought, it has seemed to this author, though frequently denied, is worthy of more sustained investigation than has been accorded;” “They are... far indeed from the crude necessitarian label given to Huntington by critics some of whom do not even bother to spell his name correctly.”* (MARTIN, 1974, p.10-11)

A obra “Civilization and climate” também foi alvo da atenção médica: *“His results were eagerly sought by medical men throughout the U.S.: he published his findings in medical journals, was awarded a prize by the National Anesthesia Research for meritorious research (1920), addressed plumbers and steamfitters, and school administrators... all on the subject of weather and health.”* (MARTIN, 1974, p.13-14)

O alcance dessa obra na pesquisa feita pelos historiadores também foi além do que se podia esperar e vários deles olharam para a teoria da pulsação climática sem o desdém típico tão em voga:

Arnold J. Toynbee adopted Huntington’s environmental platform in A Study of History.²⁶ in fact, it is in that work that Huntington’s pulsatory hypothesis related to the process of civilization finds most satisfactory exploitation by an historian. Huntington corresponded with Toynbee, reviewed several volumes of A Study of History, offered amendment to same (which Toynbee accepted), annotated his private copy with profuse marginalia, rejoiced when the Somervell abridgement appeared, and had written to numerous of his friends that Toynbee was the first historian to

adopt his environmental platform. In fact, it was perhaps the intersection of Huntington's environment, and Toynbee's historic drama that produced a new realistic blend of interpretation for which Wells and Spengler has then only recently striven. But it was Civilization and Climate that Toynbee had read and absorbed. Durand, Rostovtzeff, Robinson, Breadsted, Latourette, and Stein were only some of the historians who conceded that Huntington's investigation into the pulsatory regimen of the environment demanded their attention. (MARTIN, 1974, p.14)

Ao contrário da visão corrente a respeito das obras de Huntington, não é a obra “Civilization and Climate” ou as anteriores que trouxeram algum prejuízo à Geografia, até mesmo porque a pior contribuição que Huntington poderia legar à Geografia é justamente na sua faceta menos debatida: a de autor de livro didático. No Livro “Principles of Human Geography”, escrito para o Ensino Médio, Huntington reduz de fato a Geografia em dois tipos de estudo: o do mundo físico, e o da relação humana com esse mundo. As questões que constam do final de cada capítulo atestam perfeitamente bem o conteúdo do livro e as intenções do autor:

1. In what part of Asia will railroad building probably proceed most rapidly in the future? Why? What great cities still have no railroads? Why? (GEOGRAPHY, 1920, p.201)

2. Select three parts of the world characterized as follows: (a) a region of plains, abundant rain, and slow rivers; (b) a region of gentle relief and exceedingly low rainfall; (c) a region of great relief where the higher mountains are always capped with snow. List the difficulties which confront a railroad engineer in each of these places. On the map determine how abundant railroads are in the places you have chosen. (ibid, p. 227)

Nessas atividades, percebe-se que o aluno deve apenas dominar a explanação dos fenômenos humanos com base em fatores naturais, e saber localizar os lugares.

Apesar de propor um ensino bastante alienado (para os padrões possíveis atualmente), principalmente em questões políticas, Huntington usa seu prefácio para explicar as boas intenções de seu trabalho:

At the same time he is made to feel that the geographic facts do not occur haphazardly, but follow definite laws. Such a preview enables him to approach the rest of the book with a much better preparation than is otherwise possible. (...)One of the least-understood phases of geography is the diversity of the lands in low latitudes. (...)Another innovation is that a discussion of local geography, or of “microgeography”, has been introduced at the end of those chapters which seem to warrant it. Suggestions are given as to ways in which the students can investigate their surroundings. [Há o mérito de direcionar o aluno para o espaço geográfico] (...) The problems connected with such conditions as droughts, floods, insect pests, hurricanes, soil erosion, and the control of rivers have become so important in late years that the chapter “Geographic Variables” has been expanded and divide into two parts. (ibid, p.vi)

A alienação do texto fica evidente nos trechos que tentam “explicar” a expansão territorial dos EUA e da Inglaterra:

1. [Se referindo à Inglaterra] *“Moreover, when she came in conflict with other nations which were also expanding by sea she had an advantage because her long coast gave her far more sailors and ships than the others had, and also led her people to be interested in commerce an remote overseas ventures in a way that is not possible for an inland country.”* (ibid, , p. 547)
2. *At first our expansion, like that of Russia, was entirely by land, but later we followed England’s example and went across the water.* (ibid, p. 550)
3. *First we took the Hawaiian Islands because they are nearer to us than to any other country.* [Essa é uma das afirmações mais infelizes da obra] (ibid, p. 550)

Concluindo a análise de Huntington, existe uma série de outras afirmações dignas de um estudo mais contextualizado e histórico, e que merecem um estudo em particular como contribuição à climatologia e à história do pensamento geográfico.

4.5. Do Brasil e dos trópicos insalubres: alguns apontamentos sobre o determinismo climático

Tudo aqui era desequilíbrio. Grandes excessos e grandes deficiências, as da nova terra. O solo, excetuadas as manchas de terra preta ou roxa, de excepcional fertilidade, estava longe de ser o bom de se plantar nele tudo o que se quisesse, do entusiasmo do primeiro cronista. Em grande parte rebelde à disciplina agrícola. Àspero, intratável, impermeável. Os rios, outros inimigos da regularidade do esforço agrícola e da estabilidade da vida de família. Enchentes mortíferas e secas esterilizantes – tal o regime de suas águas. E pelas terras e matagais de tão difícil cultura como pelos rios quase impossíveis de ser aproveitados economicamente na lavoura, na indústria ou no transporte regular de produtos agrícolas – viveiros de larvas, multidões de insetos e de vermes nocivos ao homem.

Gilberto Freyre, Casa Grande e Senzala

Sobre a influência do clima na formação e desenvolvimento da sociedade brasileira, uma das maiores contribuições certamente foi aquela de Gilberto Freyre, em sua obra *Casa Grande e Senzala*, na qual explica o papel exercido pelo clima na diferença das dietas alimentares do Nordeste monocultor e escravocrata e do Sudeste policultor. Para Freyre (2000, p.107), na formação da sociedade brasileira, “*o mau regime alimentar decorrente da monocultura, por um lado, e por outro, da inadaptação ao clima, agiu sobre o desenvolvimento físico e sobre a eficiência econômica do brasileiro no mesmo mau sentido do clima deprimente e do solo quimicamente pobre*”. Para Freyre, o clima e a monocultura geraram um grande paradoxo, pois “a mesma economia latifundiária e escravocrata que tornou possível o desenvolvimento econômico do Brasil, sua relativa estabilidade em contraste com as turbulências nos países vizinhos, envenenou-o e perverteu-o nas suas fontes de nutrição e de vida”.

Freyre, em sua obra-prima de “redescoberta” do Brasil, avança em inúmeros assuntos controversos e que tanto geram desconforto em Sociólogos, Historiadores e Antropólogos, pois não nega a influência, por vezes decisiva, do clima sobre vários aspectos da realidade brasileira. Esmiúça, de maneira magistral, o papel do clima

português na aclimatabilidade dos colonizadores nos trópicos, e atribui ao clima, ainda que indiretamente, o sucesso dos portugueses na construção de uma civilização dos trópicos.

Em relação às doenças tropicais, apesar de demonstrar uma visão moderada e não preconceituosa, afirma que:

“estão meio desacreditadas as doenças tropicais. Não se nega, porém, que o clima, per se ou através de fatos sociais ou econômicos por ele condicionados, predisponha os habitantes dos países quentes a doenças raras ou desconhecidas nos países de clima frio. Que lhes diminua a capacidade de trabalho. Que os excite aos crimes contra a pessoa. Do mesmo modo que parece demonstrado resistirem umas raças melhor do que outras a certas influências patogênicas peculiares, caráter ou intensidade, ao clima tropical”. (FREYRE, 2000, p.88)

Neste breve parágrafo, desfilam inúmeras atribuições ao clima e, muito embora Freyre admita outros condicionantes, seu discurso foi rotulado de determinista por alguns intelectuais e gerou amplos debates a respeito das possíveis causas da “indolência” atribuída ao brasileiro e do subdesenvolvimento do país. A questão da “raça” é um dos temas mais controversos relacionados com as influências climáticas, pois as ciências humanas, em geral, não reconhecem mais esse conceito, e o termo etnia – sem conotações biológicas e genéticas – entrou em seu lugar.

A ideologia da raça pura e da superioridade racial está fortemente vinculada à ideologia da “insalubridade dos trópicos ou inferioridade dos trópicos”, assunto também abordado por Gilberto Freyre, que vai mostrar que existe um paradoxo a esse respeito, pois “se é certo que nos países de clima quente o homem pode viver sem esforço da abundância de produtos espontâneos, convém, por outro lado, não esquecer que igualmente exuberante são, nesses países, as formas perniciosas de vida vegetal e animal, inimigas de toda cultura agrícola organizada e de todo trabalho regular e sistemático.” Vale lembrar que Freyre está tratando do Brasil colônia, quando a capacidade humana de adaptação era sensivelmente inferior à atual.

Caio Prado Junior, que assim como Semple e Huntington relativiza as forças climáticas e não os encara como leis, também destaca, como Freyre, o papel do clima na formação do Brasil tropical, e sobre isso entende que:

Muito diversa é a história da área tropical e subtropical da América. Aqui a ocupação e o povoamento tomarão outro rumo. Em primeiro lugar, as condições naturais, tão diferentes do habitat de origem dos povos colonizadores, repelem o colono que vem como simples povoador, da categoria daquele que procura a zona temperada. Muito se tem exagerado a inadaptabilidade do branco aos trópicos, meia verdade apenas que os fatos têm demonstrado e redemonstrado falha em um sem número de casos. O que há nela de acertado é uma falta de predisposição, em raças formadas em climas mais frios e por isso afeiçoadas a eles, a suportarem os trópicos e se comportarem similarmente neles. Mas falta de predisposição apenas, e que não é absoluta, corrigindo-se, pelo menos em gerações subseqüentes, por um novo processo de adaptação. Contudo, se aquela afirmação, posta em termos absolutos é falsa, não deixa de ser verdadeira no caso vertente, isto é, nas circunstâncias em que os primeiros povoadores vieram encontrar a América. São trópicos brutos e indevassados os que se apresentam, uma natureza hostil e amesquinhadora do homem, semeada de obstáculos imprevisíveis sem conta para que o colono europeu não estava preparado e contra que não contava com nenhuma defesa. Aliás, a dificuldade do estabelecimento de europeus civilizados nestas terras americanas, entregues ainda ao livre jogo da natureza, é comum também à zona temperada. (Prado jr, 1989, p.27)

Gilberto Freyre não foi certamente o único autor a explicar a influência do clima sobre o desenvolvimento da sociedade brasileira. Nos últimos 50 anos de produção de estudos de clima pela Geografia, predominou uma visão em que *“o clima é tido como um fator do sistema espacial que o homem não consegue dominar e, portanto, lhe compete o descobrimento de meios de organização que atenuem os efeitos climáticos negativos e que otimizem seus aspectos positivos”* (ELY, 2006). Assim, essa autora, em tese de doutorado sobre os discursos e práticas da climatologia, após análise de mais de 100 teses e dissertações entre 1945 e 2003, traz um panorama

sobre os temas abordados em climatologia e o enfoque utilizado nesses estudos climáticos. Nessa tese, a autora traz o resgate de Sant'Anna Neto a respeito das duas correntes de pensamento que influenciaram os estudos de clima no Brasil, e sobre o determinismo climático de Morize:

Sant'Anna Neto (2001, p. 69) destaca que os apontamentos sobre a climatologia brasileira publicados no interior das narrativas apresentavam-se sob a influência de duas correntes de pensamento: aquela derivada do romantismo alemão e embasada na concepção de paisagem natural de Humboldt, que analisava conjuntamente as características do quadro natural, dentre elas os aspectos climáticos; e outra, em que predominava a visão determinista e fatalista do clima sobre os seres humanos, enaltecendo as correlações das altas temperaturas e umidade tropicais com a lassidão, a preguiça e a ociosidade dos habitantes dessas áreas, limitadores do progresso dessas sociedades e utilizada como justificativa para a reafirmação da superioridade dos brancos e dos povos europeus. (...) Sant'Anna Neto (2001, p. 91) ressalta que Morize e Draenert dedicavam-se às análises correlativas dos fenômenos atmosféricos com os aspectos humanos, mas que o primeiro desenvolvia-as de uma forma ambígua, pois em determinados momentos salientava o caráter determinista do clima no comportamento humano, e nos momentos em que se referia ao Brasil, tentava apaziguá-lo; enquanto que o segundo dedicava-se a exaltar as relações dos elementos do clima com as sensações humanas. Tais perspectivas de análise demonstram a influência das discussões das correntes filosóficas que se constituíram na Europa e eram reproduzidas por aqui, retomava-se o “determinismo” das tradições médicas hipocráticas que salientavam os elementos naturais na constituição da fisiologia humana e, por outro lado, preocupava-se com a produção de um conhecimento de caráter científico embasado pelos já aceitos preceitos do romantismo alemão. (ELY, 2006, p.69-72)

A autora afirma que a partir do estabelecimento da metodologia climática de Monteiro, as teses e dissertações produzidas nos principais programas de pós-graduação em Geografia, produziram análise do clima urbano, análises climáticas episódicas e análises do ritmo climático (ELY, 2006). Em sua tese, conclui que:

Nesses trabalhos o clima é tido como um fator do sistema espacial que o homem não consegue dominar e, portanto, lhe compete o descobrimento de meios de organização que atenuem os efeitos climáticos negativos e que otimizem seus aspectos positivos; a partir dessas diretrizes incentiva-se a propagação de trabalhos que enfocam os recortes temáticos do urbano, da variabilidade pluvial, da modelagem estatística e da teoria e método da climatologia geográfica. A corrente de pensamento do materialismo histórico e dialético transparece nas teses e dissertações que se dedicaram à análise do discurso produzido pela climatologia geográfica brasileira, na explicitação do processo histórico de ocupação e formação dos diferentes recortes espaciais e da implantação das atividades sócio-econômicas nos respectivos espaços. Enquanto que a fenomenológica-hermenêutica comparece nos estudos geográficos do clima, desenvolvidos pelo universo analisado, para a explicação das percepções que a sociedade vem construindo em sua relação com o fenômeno climático. A análise das ações humanas que produzem o sistema espacial a partir da idéia de ação antrópica promove um entendimento de que as desigualdades existentes na relação homem – meio e na organização espacial sejam naturais, que elas são derivadas das próprias condições naturais que se organizam em determinados lugares para o favorecimento da agricultura, da indústria, do turismo, dentre outras atividades econômicas e que, em outros locais, tais condições não propiciam o desenvolvimento dessas atividades, que devem ser destinadas para outros fins. (...)

Aqui cabe alertar para o perigo da análise de obras e autores quando não se tem clara a questão das influências ambientais por motivos ideológicos ou partidários.

Da mesma maneira, o clima é entendido como um fenômeno natural sob o qual a sociedade não tem controle, mesmo desenvolvendo inúmeras técnicas para a sua previsão, ainda desafia o estabelecimento de conjecturas sobre a ocorrência de episódios extremos que acabam assolando justamente aquelas pessoas que se encontram em locais onde o sistema espacial não comporta a sua ocupação, novamente as desigualdades espaciais e sociais são naturalizadas. E o exame detalhado das teses e dissertações demonstrou uma

certa dificuldade na incorporação das causas das desigualdades sócio-econômicas como as principais responsáveis pelas relações desiguais estabelecidas também com o clima na produção dos espaços. (ELY, 2006, p.177-180)

Assim, nota-se que a autora identificou nos trabalhos um reconhecimento por parte dos geógrafos das influências decisivas do clima sobre as atividades econômicas e sobre a organização espacial e de que o clima é um fator ambiental de difícil controle pela sociedade. Com isso, queremos chegar ao seguinte ponto: parece haver uma confluência entre ambas as idéias de Semple e de Taylor e seu “determinismo stop-and-go” com o entendimento da relação homem-clima verificado nas obras de climatologia produzidas pelas universidades brasileiras. A autora também identificou uma dificuldade dos geógrafos em conceber a desigualdade na produção do espaço como fruto da desigualdade da própria relação homem-clima, uma vez que a vulnerabilidade às influências climáticas varia enormemente entre as regiões e entre as classes sociais.

Em sua tese, a autora cuidadosamente não emprega nenhum rótulo para definir a natureza da climatologia brasileira como determinista ou organicista, e apenas sustenta que a idéia de natureza sistêmica é um dos fundamentos dos trabalhos em climatologia. Contudo, em nosso ponto de vista, emerge da análise da autora o seguinte questionamento: uma vez que a história da crítica ao pensamento determinista considera “determinista” uma obra que ressalta as forças climáticas como pouco controláveis e fundamentais para a organização do espaço e para as atividades econômicas, não se poderia afirmar que tem predominado, no Brasil, uma maneira determinista (segundo os rotuladores de outrora), ainda que implícita e sutil, de se encarar o papel do clima no espaço geográfico? Estamos certos de que nos últimos anos nenhum geógrafo realizou estudo advogando influência climática sobre o caráter individual e da nação, nem sobre os rumos da história do país, tampouco sobre traços da cultura (artes e folclore) e outros aspectos bastante imponderáveis, estudos esses bastante freqüentes no pensamento europeu e estadunidense entre o início do séc. XIX e o início do século XX; mas seria preciso investigar até que ponto as pesquisas das

últimas décadas não têm, de fato, atribuído às influências climáticas um peso semelhante ao atribuído por muitos autores da Geografia tradicional acusados de serem deterministas.

Além de sugerir um traço determinista (insinuação feita sem o uso do termo) na climatologia brasileira, a autora deixa claro que ainda hoje se faz presente os ecos do organicismo positivista impulsionado pelo Darwinismo, e da Geografia sistêmica, em que a sociedade é tida como mais uma variável energética, dependente de um equilíbrio dinâmico cujo principal agente é o clima:

No tocante à discussão do papel do clima nos estudos geográficos, todos os trabalhos examinados o apresentam como um recurso vital básico, dinâmico, um insumo de energia que colabora na definição da estrutura do sistema espacial. Essa concepção advém da escola monteriana que esclarece que o espaço geográfico é aberto às entradas energéticas imputadas pelo clima e que os seus demais componentes naturais e humanos constituem a estrutura do sistema, onde os atributos e relações de suas partes assumem uma organização funcional. O desempenho desse sistema na transformação das entradas de energia atinge produtos finais que, de acordo com seus resultados, positivos ou negativos, pressupõem uma auto-regulação com o estabelecimento de circuitos de retroalimentação. Verifica-se que o clima é destacado como o ativador do sistema espacial, devido sua essência dinâmica, que atua sobre os demais componentes geográficos. Ressalta-se que o modo como essa energia é transmitida para a superfície terrestre caracteriza o ritmo climático, ou seja, a forma e a quantidade de energia transmitida expressada, principalmente, pelos atributos térmicos e pluviométricos que são quantificados vislumbrando o entendimento da organização espacial.

Os solos, as formações vegetais, o relevo, a atmosfera e a sociedade são considerados subsistemas organizados e dotados de vida própria e com ritmos específicos que se interconectam. Toda a Terra é considerada um organismo, um ser vivo cujas partes desempenham funções específicas, mas que interessam ao todo. O clima é investigado enquanto derivação da dinâmica rítmica das partes, cada tempo meteorológico é considerado uma individualidade do conjunto rítmico que compõem o organismo terrestre e

que propicia as condições ambientais para a sobrevivência humana. Nessa organização sistêmica a sociedade é analisada como mais uma variável energética que depende da situação de equilíbrio dinâmico entre as demais variáveis da natureza sistêmica para a sua existência enquanto espécie animal e social, mas que consegue driblar as adversidades que por ventura venham acometê-la por meio de seu desenvolvimento tecnológico. (ELY, 2006, 179)

A última frase mostra uma idéia que historicamente foi atribuída exclusivamente e erroneamente, apenas ao “possibilismo” e aos críticos do determinismo, ou seja, o entendimento de que num todo orgânico, o ser humano é mais um elemento susceptível a diversas influências ambientais, mas que tem a capacidade de superar as dificuldades e resistências impostas pela natureza por meio de sua cultura. Todavia, essa capacidade humana parece não ter sido negada por nenhum dos autores rotulados de deterministas. A questão do mito da tecnologia libertadora já foi discutida no capítulo 3 e mostrou que o desenvolvimento tecnológico não só é incapaz de dar conta de todos os desastres naturais, como cria outros problemas, isso sem falar na desigual distribuição desse desenvolvimento pelo espaço mundial.

5. CONSTATAÇÕES E REFLEXÕES FINAIS (OU DE COMO ALGO EMERGE ENTRE AS RUÍNAS DE UM LONGO TERREMOTO METODOLÓGICO, TEÓRICO-EPISTEMOLÓGICO, SEMÂNTICO-CONCEITUAL E FILOSÓFICO DE INCOMPREENSÃO POR PARTE DA CRÍTICA AO DETERMINISMO AMBIENTAL)

“In studying the laws of social life we cannot ignore the influence of nature on society, just as in studying the natural environment we cannot ignore the effects of man’s activities on it”

L.F.Ilychev

“Só a natureza é divina, e ela não é divina...”

*Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos
homens
Que dá personalidade às cousas,
E impõe nome às cousas.*

*Mas as cousas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado...*

*Bendito seja eu por tudo quanto sei.
Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.”*

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa) em “O Guardador de Rebanhos”

Neste derradeiro capítulo pretendemos reunir as principais questões em torno do tema da idéia das influências ambientais, sumarizando o que já foi discutido, aprofundando alguns pontos abordados *en passant* e acrescentando algumas nuances que ainda não foram suscitadas. Dessa maneira, esta tese alcançou alguns esclarecimentos em torno dos sete objetivos específicos propostos, alguns mais bem esmiuçados, outros menos, todos eles com algumas lacunas devido às limitações

explicadas no capítulo dois. As considerações finais foram organizadas na forma de sete subcapítulos, cada qual referente a um dos sete objetivos abaixo:

1. Esclarecer o emaranhado semântico dos termos empregados nas obras rotuladas de deterministas e, principalmente, dos termos usados por seus críticos.

2. Fazer uma análise das críticas ao determinismo, diferenciando-as em termos de pertinência, e enfocando problemas tais como: rótulos, recortes descontextualizados, generalizações apressadas e simplificações diversas.

3. Mostrar a insustentabilidade da falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de um determinismo ambiental absoluto.

4. Resgatar os principais discursos a respeito das influências ambientais sobre a humanidade, iniciando com os gregos e finalizando com a culminância das “teorias deterministas” de Semple e Huntington.

5. Realizar uma leitura crítica e não tendenciosa de alguns autores como Hipócrates, Montesquieu, Semple e Huntington, a fim de justificar que não podem ser injustamente rotulados de deterministas.

6. Reconhecer a relevância histórica, científica e filosófica da idéia das influências ambientais que subjaz aos discursos deterministas.

7. Propor uma mudança na qualidade do debate sobre o determinismo ambiental e apresentá-lo como um discurso alicerçado na hipótese básica da idéia das influências ambientais.

5.1. O lamaçal semântico-teórico-conceitual em que se afundam os estudiosos do tema e seu poder de atordoar o leitor que busca compreensão.

As palavras comportam-se como seres caprichosos e autônomos

Octavio Paz

Para finalizar a argumentação a respeito do problema do rótulo e do lamaçal semântico, é preciso enfatizar que é imperativo um reexame constante do vocabulário usado e dos conceitos forjados na história do pensamento geográfico, e em especial na história do que desastrosamente se convencionou chamar “determinismo ambiental”. Assim, o geógrafo cauteloso encontra como solução para esse dilema dois caminhos inevitáveis, e que convém serem adotados concomitantemente.

O primeiro refere-se ao zelo terminológico e conceitual, à adoção de um vocabulário autêntico que, sem roubos descontextualizados e sem enxertos vagos, seja esclarecedor, imparcial, preciso (dentro das limitações e das imprecisões inerentes à linguagem) e que não traga em si, explícita ou implicitamente, dubiedades em cascata, vácuo conceitual, ou, no caso específico do determinismo ambiental, que não esteja embotado por conotações deterministas que possam confundir o leitor.

O segundo diz respeito à inevitabilidade do uso de terminologia historicamente problemática e que, mesmo sendo em essência inofensiva, é muito mal vista pela milícia linguística do “freak show”, que consegue a proeza de neles enxergar³²⁴ um arsenal de “conotações pecaminosas e desvios”, exibindo-os como troféus de caça.³²⁵ Nesse caso, nada mais cabe ao pesquisador que uma mera defesa *a priori* dos termos

³²⁴ Pois seu intelecto deve ser dotado de poderes tomográficos que identifiquem com precisão calcificações deterministas que estejam embutidas inclusive em preposições e artigos. Caberia perguntar aos críticos do “determinismo” quais preposições são mais deterministas, se “de”, “da” ou “do”.

³²⁵ Tá vendo, meu bem? Eu não disse que ele cheirava a determinismo? Empregou o termo “fatores geográficos” 30 vezes, o verbo condicionar 50 vezes, o verbo determinar 90 vezes, e vez ou outra usa o verbo “influenciar” só para disfarçar! Ele pensa que engana quem?

utilizados, procurando desmontar os possíveis desvarios críticos suscitados pelo uso de tal vocabulário. A tarefa dois é mais factível, ao passo que a primeira constitui-se num desafio que se aproxima da utopia.

Quanto aos termos mais adequados para se referir aos “deterministas”, para criticá-los e para se realizar estudos atuais a respeito das influências ambientais, o geógrafo deve usar os termos “condição”, “probabilismo” e “influência”. Os termos “Determinismo ambiental” e “Possibilismo” só fazem sentido e se justificam em seu uso, em estudos teóricos que buscam desvendar esse tema e desmistificar essa dicotomia. Do contrário, fora desse contexto é alienante, impreciso, injusto, rotulador, generalizante e reducionista e não deve ser aplicado a nenhum autor. No caso da “Geografia tradicional” o problema não é tanto o termo, mas sim o conteúdo geralmente a ele vinculado. A Geografia tradicional não condiz com o desfile de distorções e simplificações a ela associados. O termo “determinismo geográfico” é um grande equívoco conceitual, historicamente fundado num momento em que a Geografia era muito associada ao estudo da natureza.

Sobre como se nomear o determinismo, convém concebê-lo como uma idéia, um discurso ou um rótulo, dependendo do contexto em que se considere. Não se trata de uma filosofia, doutrina, tese ou teoria. A idéia das influências ambientais, essa sim pode ser concebida como tese ou teoria, ainda que mais pertinentemente seja de fato uma hipótese básica genérica parcial.

Como síntese final, o quadro abaixo mostra a diversidade terminológica que envolveu o estudo e a crítica do determinismo ambiental.

Os termos que são sinônimos serão apresentados de maneira agrupada e serão representados por uma letra do alfabeto.

Emaranhado semântico do labirinto determinista.

A	Determinismo filosófico	C	Neodeterminismo
A	Determinismo metafísico	C	Ambientalismo suave
A	Determinismo geral	C	Ambientalismo livre-arbítrio
A	Determinismo total	C	Probabilismo
A	Determinismo universal	C	Indeterminismo
A	Determinismo estratégico	D	Determinismo cru
A	Necessitarismo	D	Determinismo radical
A	Determinismo complexo	D	Ambientalismo extremo
B	Determinismo geográfico	D	Ambientalismo estrito
B	Determinismo ambiental	D	Ambientalismo cru
B	Ambientalismo físico	E	Determinismo fator único
B	Ambientalismo	E	Determinismo monocausal
B	Condicionamento mesológico	E	Determinismo parcial
B	Explicação ambiental	E	Determinismo particular
B	Mesologismo	F	Determinismo místico
C	Determinismo atenuado	F	Determinismo teleológico
C	Determinismo científico	G	Determinismo científico
C	Determinismo stop-and-go	G	Determinismo tático

FONTE: Organizado pelo autor.

Essa incrível diversidade de termos mostra a confusão semântica que permeia a crítica e também evidencia o grande número de abordagens e especulações em torno do tema da idéia das influências ambientais.

5.2. As motivações em jogo nas controvérsias e críticas em torno do “determinismo” ambiental e a primazia das disputas acadêmicas e da crítica ao rótulo.

Conversa de dois doutores:

- Sr. Doutor X: *Essa obra tá muito complicada não? Não to entendendo nada!*

- Sr. Doutor Z: *Encontre um “ismo” qualquer que pareça fundamentar a obra, coloque super Bond nele, e cole na capa e na testa do autor!*

- Sr. Doutor X: *Nossa doctor, como você é genial! Onde foi que aprendeu tamanha artimanha?*

- Sr. Doutor Z: *É a natureza humana!*

- Sr. Doutor X: *Então todos nascem com esse talento?*

- Sr. Doutor Z: *Mais ou menos isso doctor, mas tem mais um ingrediente!*

- Sr. Doutor X: *hmmmm, não consigo imaginar qual seria!! Me conte logo!*

- Sr. Doctor Z: *Não adianta ter talento, sem uma boa e velha universidade para te ensinar os requintes da dialética-erística, não há gene que dê conta de vencer um debate sem ter razão!*

Muito se disse na crítica ao “determinismo” que seus defensores freqüentemente pecaram por idéias estapafúrdias e sem qualquer fundamentação científica. Todavia, essa crítica deve ser ajustada pelo fato de que essas afirmações são encontradas ou em autores de menor renome, ou em não-geógrafos, ou em autores que não são especialistas nas áreas sobre as quais discorrem. Em geral, são afirmações ligeiras baseadas em preconceitos e ideologias e o autor as gerou com outras intenções que não provar para si e para a comunidade científica.³²⁶

Essas intenções explicam-se pelo fato de que, conforme já mencionado ao longo da tese, a polarização possibilismo/ determinismo existiu apenas em tergiversações filosóficas e no plano dos debates acadêmicos e obras que se atacavam no clássico estilo provocação e resposta, típico da clássica fogueira de vaidades, pois num plano

³²⁶ Os discursos que aparentam ser científicos podem ser mais perigosos, por serem eficientes na camuflagem dos engodos e manipulações. Daí a necessidade, para aqueles que desejarem enfocar estes aspectos, de se observar perspicazmente alguns traços das obras dos “algozes deterministas”, como Semple e Huntington, acusados pela escola da Geografia cultural de Sauer de defenderem as necessidades imperialistas dos EUA, na época uma potência em franca ascensão.

teórico, dentro dos discursos, havia convergências veladas e implícitas no que diz respeito às influências ambientais e a capacidade humana de lidar com elas. Ao mesmo tempo, enquanto as cruzadas dogmáticas travavam mordazes batalhas envolvendo uma meia dúzia de universidades, a questão das influências ambientais quase resvalou para um obscurantismo que pouco esclareceu tema tão complexo e tão antigo, e que imprimiu pesados rótulos à Geografia ainda em berço. Dessa forma, devido principalmente aos excessos e popularidade das críticas e de algumas idéias ousadas contidas nas obras dos principais deterministas, a Geografia perdeu aquele bonde da história que a possibilitaria galgar as cuevas da depressão em que se encontrava, para que alcançasse um patamar de respeito dentre as ciências humanas na primeira metade do século XX.

Do que foi exposto acima se infere que o tabu e o preconceito contra o que se convencionou chamar “determinismo ambiental ou geográfico” é dirigido não à própria teoria, mas sim, ao rótulo dela criado por seus “opositores” que, envolvidos em embates acadêmicos, pecaram pelos excessos, e pouco se ativeram às críticas pertinentes que poderiam, a partir de uma análise cuidadosa da história da idéia das influências ambientais, contribuir para o aprofundamento teórico e histórico da Geografia, sem gerar o efeito colateral de solapá-la como conhecimento sem base científica e vinculado a uma pseudo-teoria (determinismo ambiental) infectada por ideologias várias. Na melhor das hipóteses, houve uma interessante querela metafísica entre alguns autores mais conscientes e sagazes, como Martin, Spate, Sprout, Montefiori e Lewthwaite e discussões construtivas entre Wallis, Chappel, Peet, dentre outros.

O corolário dessas constatações todas é que a Geografia não tem, de modo algum, seu status atual ou antigo afetado por tudo que se disse até hoje sobre o determinismo, posto que a maior parte dessas críticas é ou infundada – por se tratar de exageros e comentários de má-fé, fruto de rugas acadêmicas, e de análises errôneas e deturpadas, em decorrência de falta de conhecimento e ignorância, daí o preconceito e os rótulos – ou direcionadas não à teoria em si, mas à caricatura que dela se fez. Se houve alguns excessos de alguns deterministas, muitas vezes se devem às armadilhas

da generalização e à pretensão de explicar mais do que os conhecimentos científicos da época permitiam, como é o caso explícito de Montesquieu e Bodin.

Sem pretender resvalar para algum tipo de “determinismo ingênuo”, creio ser possível afirmar, a título de reflexão, que é improvável que um geógrafo, ao estudar as características de um determinado espaço, não encontre, ao proceder uma regressão causal, alguma influência ambiental significativa ao longo desse percurso histórico³²⁷, de tal modo que seja obrigado a reconhecer alguma influência das condições naturais sobre a formação do espaço/região/paisagem/território/lugar estudado.

Sobre o problema das críticas genéricas, vale repetir que é descabido o uso de um mesmo rótulo para uma teoria que exagera as influências diretas do ambiente, abarcando inclusive aspectos de impossível mensuração, como o caráter e a índole dos povos, e ao mesmo tempo para outras teorias que advogam um papel preponderantemente indireto dos fatores ambientes (que atuaram principalmente em tempos passados) sobre aspectos do desenvolvimento econômico e do uso do espaço, que são mais concretos e geram relativamente menos polêmica.

Outro ponto digno de nota é que a carência de evidências tanto da parte de deterministas quanto de indeterministas³²⁸, era agravada pela descrença, a priori, dessas evidências por seus opositores, raramente dispostos a rever suas próprias convicções, numa atitude típica daqueles que temem ter seus frágeis alicerces abalados pela “teoria inimiga”. Essa atitude é anticientífica e coloca o fazer científico no nível

³²⁷ A Geografia histórica é um sub-ramo da Geografia Humana que busca reconstituir as geografias passadas e suas relações com o presente. Na primeira metade do século XX a Geografia histórica era central para a Geografia acadêmica, mas com o advento da Geografia quantitativa e a emergência de uma Geografia que se desejava uma ciência espacial, a Geografia histórica passou a um segundo plano para reemergir na década de 80, quando passou a despertar grande interesse principalmente no Reino Unido e nos Estados Unidos, onde novas relações têm sido forjadas entre a Geografia histórica e a história ambiental. Dessa forma, a Geografia histórica mantém sempre um espaço aberto para a análise das influências ambientais na história e na história do uso e transformação do espaço.

³²⁸ Este termo, assim como “nihilistas geográficos”, é sinônimo de “possibilistas radicais”, e é amplamente utilizado pela Geografia russa para se referir aqueles marxistas (principalmente aos historiadores econômicos) que ignoravam as influências ambientais.

de um jogo infantil no qual não se tem maturidade para aceitar uma derrota, nem humildade para reconhecer os próprios erros e limitações. Quem sai perdendo nesse embate improfícuo é o conhecimento geográfico, em termos de veracidade, complexidade e autocrítica.

Assim, não resta dúvida sobre a origem das incompreensões em torno do tema desta tese, assim como paradoxalmente pode-se constatar que a única importância da crítica imprudente e tendenciosa é ter suscitado um debate filosófico e científico a respeito da “teoria determinista”, forçando seus comentadores a realizar uma incursão em importantes gargalos teórico-epistemológicos da ciência e da Geografia em particular, de modo a defender as idéias deterministas mal compreendidas e rebater as análises impertinentes cujos lastros foram a competição acadêmica, a crítica ao rótulo e a confusão conceitual e semântica. Ou seja, ainda que rasa e aparentemente *nonsense*, essa crítica curiosamente passa de infecunda - em seu conteúdo disseminante e pelo prisma da influência em suas “presas” - à primordialmente produtiva e esclarecedora, do ponto de vista de seus desdobramentos na contra-crítica. Ou seja, sem as críticas desastradas, imprecisas e rotulantes de alguns críticos do determinismo ambiental, não teriam emergido tantas discussões instigantes e necessárias a respeito do tema, e que o tem preservado no rol dos temas mais controversos e fundamentais da ciência moderna.

Finalizando, os problemas e falhas da crítica, discutidos ao longo da tese, podem ser elencados na forma de sete grandes qualificativos:

1. Rotulante: compõe uma ópera completa de rótulos-personagens e analisa apenas essa ópera sem procurar conhecer quem se esconde por trás das máscaras na vida real e cotidiana. Assim, fazem uma crítica à coisa previamente rotulada e criticada e não à coisa-em-si, ou seja, à teoria ou discursos de fato.
2. Generalizante: não se refere a um autor em específico e ou à determinada obra.
3. Inespecífica: pois raramente explicita qual é o exato problema do qual criticam.
4. Imprecisa: pouco rigorosa e precisa no emprego de termos para se referir ao “determinismo”.

5. Indolente: fica evidente na maioria dos casos que não houve a leitura, ao menos parcial, das obras criticadas.
6. Tendenciosa: em geral é fruto dos que participavam ativamente do debate determinismo x possibilismo, levantando bandeiras para este último.
7. Invejosa: Huntington, pelas suas “Guinness-like” características, e por ser considerado um geógrafo de raras qualidades, despertou a ira de muitos geógrafos, enquanto que foi aplaudido por inúmeros outros. Um defeito muito pernicioso nas críticas acadêmicas é o de, por inveja, procurar pêlo no ovo-tese alheio.

5.3. O complexo espectro determinismo ambiental absoluto/indeterminismo (niilismo geográfico): a falsa dicotomia determinismo/possibilismo e a inexistência de pólos antagônicos (ou de como esse duo pode dançar um Pas-de-Deux em total sincronia)

“Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência”.

Pierre Bourdieu

Possibilistas e deterministas sustentavam que um rol cada vez mais amplo de possibilidades estaria disponível ao homem à medida que seus conhecimentos avançassem, mas que se tornariam menos amplos a partir de certo ponto de saturação dos sistemas naturais. Alguns ecologistas e profissionais afins poderiam argumentar (são especulações, e quem pode prever com margem mínima de erro um futuro tão distante?) que o rol de possibilidades atingirá um máximo e que após esse momento, com o exaurimento dos recursos, será cada vez menor, levando a civilização ao seu ocaso ou colocando-a num patamar constante de poucas possibilidades num mundo marcado por crescente dependência dos humanos, tanto em relação às suas técnicas sustentadas, quanto aos escassos recursos.

Contudo, o possibilismo esvaziou-se de sentido e o determinismo foi declarado morto, entrando em cena o probabilismo, formulado na Geografia por Spate. Segundo essa “nova-velha” teoria, em última instância, a natureza torna algumas escolhas humanas mais viáveis do que outras, de modo que alguns padrões se fazem mais prováveis do que outros. O probabilismo parece ter sido a última “teoria” ou proposta a lidar com o problema das influências ambientais, e depois dele, nada mais foi lançado, na feira geográfica das teorias e especulações, em torno da idéia das influência ambientais. Em não havendo mais discussões sérias acerca de um tema tão fundamental da Geografia e da ciência, mitos, fantasias, dúvidas e inseguranças foram fermentando no coração da história do pensamento geográfico, prestes a explodir

aurículos, ventrículos, veia cava e aorta, tudo junto, e sem direito a pontes de safena ou transplantes.

Sobre a referida dualidade, esta foi se esvaindo conforme mais e mais autores eram “invertidos” em seus rótulos. Assim, La Blache e Brunhes foram agrupados por Boas sob o mesmo rótulo que Ratzel, assim como Montesquieu foi considerado “geógrafo possibilista” por Kriesel. Conforme a crítica sagaz foi argumentando mais e mais em prol de uma inversão desse binômio insustentável, mais essa gelatina bicolor e indigesta se liquefazia. A dualidade determinismo/possibilismo representou uma divertida maratona geográfica na qual cada um dos times agarrava-se às suas crenças e atribuíam a seus adversários um suposto hasteamento da bandeira radical de suas teorias, cada bandeira representando um pólo extremo dos espectros idealizados e metafisicamente especulativos, ou seja, uma visão impossível e descabida que ou propunha total liberdade do gênio humano ou total tirania fatalista da natureza.

Olhando para as minúcias dos discursos, notou-se, pelo contrário, que nenhum dos lados foi capaz de negar os principais argumentos do adversário, pois houve apenas algumas diferenças na ênfase dada, e principalmente, na retórica. Na verdade a ênfase não foi tão distinta, a real diferença esteve no espaço e energia dedicados a cada um dos fatores. Assim, deterministas esmiuçaram os fatores ambientais em primeiro plano, enquanto possibilistas enfatizavam a capacidade de adaptação humana e as forças da tecnologia para amenizar os impactos dos fatores ambientais e aumentar o número de possibilidades oferecidas pela natureza. Ambos reconheciam a liberdade humana com igual ênfase, muito embora os deterministas, em suas retóricas desastradas ou mal compreendidas, fossem acusados de propor uma relação extremamente desigual, com uma natureza ativa e tirana exercendo influência impiedosa sobre uma sociedade passiva e um homem fraco.

Constatou-se também que poucos autores e críticos, como Lewthwaite e Glacken, conseguiram romper com a dualidade, evitando o uso da terminologia tendenciosa e poluída. É preciso eliminar essa dicotomia, e centrar as análises dos autores clássicos e de outros períodos, nas maneiras específicas como lidaram com a idéia das influências ambientais, sem apelas para rótulos e classificações.

5.4. O estado da arte dos discursos deterministas e a idéia das influências ambientais nas obras clássicas de alguns autores rotulados de deterministas

Queira-se ou não, cada qual pertence ao seu século

Auguste Comte

Ao longo das leituras feitas para a confecção desta tese não foi encontrado nenhum autor determinista que negasse a liberdade dos homens na busca pela sua sobrevivência e pela sua “supervivência”. Todos, uns mais e outros menos, incluindo Hipócrates, Comte, Semple e Montesquieu, dentre outros, reconheceram o papel dos fatores “não ambientais” sobre a cultura.

As leituras também indicaram que todos os autores deterministas reconheciam a bipartição, tripartição ou polipartição dos fatores responsáveis pela formação da cultura e da sociedade, pelos rumos da história, pela marcha das civilizações, que esses fatores eram inter-relacionados e que era um grande risco estudá-los separadamente. Assim, além do fatores ambientais, esses autores também enfatizaram a importância do fator político, cultural, moral, histórico, e isto os coloca bem distantes do rótulo determinista.

O breve estudo dos textos de alguns autores que lidaram com as influências ambientais, como Hipócrates, Montesquieu, Febvre, Brunhes, Semple, Huntington etc, permitiu ver a ineficiência de um olhar direcionado a esses autores através da embaçada lente da dualidade determinismo/possibilismo e embaixo de pesadas faixas de rótulos e generalizações, quando a opção mais investigativa e produtiva seria um estudo que contemplasse as seguintes indagações:

1. Quais autores foram rotulados de deterministas?
2. Por quais razões foram rotulados? Ou seja, quais traços de suas obras induziram a crítica?
3. De que maneira a relação homem-meio foi abordada nos autores rotulados de deterministas?

4. Sob quais critérios é possível (se é que é possível) classificar as variadas abordagens desses autores, uma vez que pelo critério usado pelos críticos em geral, já se demonstrou que é impraticável?
5. Qual foi a influência posterior dessas abordagens no pensamento geográfico e em outras ciências?
6. Em quais aspectos essas abordagens dos autores deterministas contribuíram para a atual forma de entender a relação sociedade-natureza?
7. Até que ponto essas abordagens podem ser consideradas teorias, ou paradigmas, ou hipóteses?
8. Quais foram os contextos de elaboração e disseminação dessas abordagens?
9. Quais traços dessas abordagens eram idiossincráticos, locais e episódicos, e quais traços se perpetuaram na forma de leitmotive?
10. Qual a extensão espacial e temporal da influência desses leitmotive na história do pensamento geográfico e de que forma aparecem nos discursos de outras ciências?
11. Qual a relevância das limitações semânticas, da análise do discurso, das ideologias e das críticas equivocadas no entendimento dessas abordagens “deterministas” e na compreensão delas pelos pesquisadores atuais?
12. Até que ponto se pode fazer história do pensamento geográfico sem preconceitos, paradigmocentrismos, reducionismos, simplificações e distorções da relação homem-meio? De que forma esses problemas aparecem nos autores deterministas e nos seus críticos?
13. Até que ponto o estudo da relação sociedade-cultura, homem-ambiente deve levar em conta os fatores ambientais?
14. Afinal, no que consiste a relação sociedade/natureza e quão pertinente é o estudo da natureza da natureza e da natureza da sociedade para o desvendamento da natureza da relação sociedade/natureza?

5.5. O Super-homem e a Mulher Maravilha do determinismo ambiental: Ellsworth Huntington e Ellen Semple

*A man Said to the Universe:
“Sir, I exist!”
“However”, replied the Universe,
“The fact has not created in me
A sense of obligation”.*

*S. Crane – The Red Badge of Courage” and Selected
Prose and Poetry.*

Quanto à importância das principais obras deterministas no plano da educação e da ciência, estas consistem em valiosas leituras para estudantes, pela leitura estimulante e pelas críticas que tais obras são capazes de despertar, e aqui creio que reside a importância central dessas obras, o poder fenomenal de despertar no seu leitor indagações e objeções de diversas ordens, obrigando-o a fazer uso de todo o arsenal de conhecimentos que possui na área geográfica. É um desafio a qualquer geógrafo, não só pelos argumentos simplistas e falaciosos encontrados nessas obras, e que demandam postura crítica do leitor, quanto pelos argumentos consistentes, que evidenciam influências ambientais essenciais sobre a sociedade e muitas das quais são negadas tendenciosamente pelos críticos.

Huntington e Semple, apesar das generalizações empolgadas, da licença poética (Semple), de possíveis armadilhas ideológicas, da impertinência neolamarckista (Semple) e de outras deficiências, se constituíram num marco da nascente Geografia moderna dos EUA, e a riqueza das obras rivaliza com a de seus “adversários” franceses, talvez superando-os quanto ao tratamento das influências ambientais. Raramente se vê nessas obras estadunidenses algum radicalismo determinista, pois ao ser humano é conferida a liberdade que de praxe ele próprio julga ter, e o reconhecimento de limitações é simplesmente inegável na obra desses dois notáveis geógrafos. Oxalá o Brasil tivesse em sua história, dezenas de geógrafos que legassem tamanho corpo de conhecimentos.

5.6. A importância científica e filosófica da idéia das influências ambientais e sua necessidade histórica

The theme of man and nature is meaningless without seeing it as a problem in the history of thought

Clarence J. Glacken

Neste subcapítulo, com o intuito de não repetir à exaustão os argumentos em favor da importância da idéia das influências ambientais (e inclusive da polêmica em torno do determinismo ambiental) e de sua necessidade histórica, serão expostas brevemente algumas importantes contribuições do determinismo ambiental, além de algumas avaliações de comentadores que souberam apontar para suas qualidades enquanto estímulo ao avanço do conhecimento. Não existe teoria ou conjunto de idéias que não contribua de algum modo para o livre fluir da mentalidade científica e para a construção de um corpo de saberes.

A importância científica e filosófica da idéias das influências ambientais está justamente no fato de ser uma “hipótese básica” e de ser, alternativamente, uma “explicação genérica”. Sendo hipótese perene, desperta constante e renovada desconfiança e curiosidade, demandando, dos que querem realizar estudos nela baseados, uma boa dose de ousadia, de criatividade, de pesquisa, de leitura, de mergulho nas bases da ciência, de questionamentos adequados, de busca desenfreada por evidências, de criação de metodologias, de construção e reconstrução de teorias, de revisão de antigas e atuais “verdades-telefone-sem-fio”, dentre inúmeras atividades do intelecto. Sob o atributo de ser “básica”, jaz o fato de ser antiga e inevitável, e a de servir como fundamento e sustentação preliminar para inúmeros estudos em Geografia física e humana, em ecologia, ciências sociais, história, ciência política, política externa, e enquanto premissa de validade universal eternamente a espera de confirmação, refutação, num jogo dialético constante que renova sua compreensão, joga luzes, revela nuances, incita ao debate, exorta à busca de evidências, demanda revisão de conceitos, de teorias correlatas, desperta querelas filosóficas adormecidas, ou seja, trata-se de uma hipótese que é tão antiga quanto o conhecimento, e tão

polêmica quanto todas as outras grandes questões que têm ocupado tantos cientistas, leigos e filósofos em suas vidas acadêmicas e também cotidianas.

Um das melhores assertivas a respeito da importância filosófica, histórica e científica da idéia das influências ambientais na cultura, provém de Glacken, ao reconhecer de maneira justa e imparcial que *“The Idea of environmental influences on culture is as important historically for the questions it suggested as for its own intellectual and philosophical content. It is part of that broad and ancient contrast between physis and nomos, between nature and Law or custom.”* (Glacken, 1967) Nota-se o reconhecimento de que o determinismo ambiental sugere inúmeras questões, e isso fica evidente no número de críticas que listei no capítulo três (44), pois um tema que desperta tantas objeções, de tão diversas naturezas, provenientes de todas as áreas da ciência, não pode ser subestimado em sua importância para o conhecimento da relação homem-ambiente. Glacken segue explicando que *“It is an idea deeply involved with interpreting the endlessly fascinating array of human differences, rich new materials for which were furnished in the ancient world during the Hellenistic period, in the modern by the age of discovery.”* (ibid)

Um dos objetivos de muitos dos estudos rotulados de deterministas é o de entender como se dá a relação homem-meio partindo-se da constatação de que a natureza atua com diversas influências em variados aspectos da vida humana e que essa influência precisa ser entendida em sua origem, força, persistência, modos de atuação, alvos, e possibilidades de, por meio de estratégias de adaptação, ser amenizada, suprimida, ou meramente acatada. Assim, aqui reside o lado pragmático, prático e extremamente útil ao bem estar e desenvolvimento da sociedade: conhecer melhor seu espaço geográfico, pois a primeira condição para que as conseqüências de um desastre natural (natural hazards) sejam amenizadas, é que se tenha consciência da existência do risco natural. Reconhecer que certo fator do ambiente físico exerce certa influência³²⁹ significa dar subsídios a políticas de planejamento territorial, a projetos

³²⁹ Seja o risco mais óbvio imposto por um desastre natural, seja a ação silenciosa dos tipos de tempo atmosféricos sobre o lucro do comércio ou sobre atividades de lazer.

ecológicos, a planos de reestruturação da infra-estrutura e uma ampla gama de ações individuais e coletivas em prol da redução de problemas sócio-econômico-ambientais.

Como exemplo, pode-se citar o problema do estado crítico de rodovias. Ninguém negaria que a “culpa” está nas políticas públicas de construção e manutenção. Mas também não se pode encobrir a questão climática que desafia governos a observá-las e elaborar soluções. O intemperismo de climas tropicais úmidos é um fator importante de deterioração das estradas³³⁰, e tanto as técnicas de

³³⁰ E também de monumentos e de calçadas, incluindo o famoso intemperismo biológico de raízes que destroem as calçadas de Maringá e Curitiba. No quesito calçamento dos passeios das vias públicas, Curitiba é certamente a pior cidade que conheço dentre todas aquelas visitadas em quatro continentes. O calçamento é feito sem levar em conta o clima marcado por chuvas constantes (resultado: escorregadia mesmo para os que usam tênis); sem considerar o intemperismo biológico de raízes de árvores enormes plantadas sem a devida profundidade, ou que possuem sistema radicular simplesmente incompatível com o objetivo de uma calçada, ou seja, propiciar conforto e segurança aos pedestres; sem um nivelamento mínimo que permita estabilidade e evite alagamentos; sem uma coesão dos blocos, ou ainda pior, dos minúsculos e instáveis petit pavê, que além de serem os mais caros, são os mais lisos e fragmentados, repletos de crateras que quando cheias d’água, causariam aquaplanagem até em tratores; e vários outros problemas, como o das “pedras” soltas, que todo curitibano conhece e tem história pra contar do casamento que foi arruinado pela lama espirrada, ou da entrevista na qual chegou de calça branca todo enlameado. Assim, nota-se que o problema das calçadas envolve compromisso ético com os idosos que se acidentam todos os dias, compromisso econômico em abandonar esses materiais caros e perigosos e compromisso ambiental em respeitar as peculiaridades de alguns tipos de árvores e adaptar as calçadas ao clima curitibano. Os pontos de ônibus, até muito recentemente, eram uma mera placa no poste, ou uma cobertura minúscula que abrigava não mais que três pessoas encolhidas dentro do guarda-chuva para se proteger dos ventos patagônicos e chuvas geladas que podem aparecer em qualquer mês do ano. Mesmo os novos pontos que predominam nas regiões centrais ainda não oferecem abrigo adequado e para piorar, o tempo médio de espera (excluindo os biarticulados) é de 20 minutos. Em várias cidades frias do mundo existem pontos de ônibus fechados ou parcialmente fechados, e isso é uma óbvia questão de adaptação ao clima, e no Brasil as estratégias de adaptação são pífias, logo, as influências climáticas soberanamente nos chicoteiam cotidianamente. A biblioteca pública do Paraná, em Curitiba, é um ambiente tão impensavelmente gelado nos meses mais frios, que já cheguei a ver repórteres entrevistando os usuários, que chegavam a vestir roupas e acessórios de frio como se estivessem num ponto de ônibus desabrigado da Sibéria Oriental. Não só chama a atenção, como tal cena é realmente digna de virar

construção quanto a escolha de materiais, deve levar isso em conta. Nos EUA, as estradas do planalto do Arizona, para suportarem amplitudes térmicas anuais de até 80 graus Celsius, e amplitudes diárias de até 40 graus Celsius, têm suas fissuras revestidas com material especial emborrachado para resistir aos constantes processos de dilatação e contração.³³¹

notícia. Em São Joaquim, cidade com temperaturas médias próximas às de Londres, não há calefação nas casas e nos hotéis, e em julho de 2000, sob a influência de três anticiclones polares que chegaram sucessivamente com pressões beirando os 1040 mb, as casas ficaram vários dias sem água, cachoeiras congelaram, a temperatura ficou abaixo de zero durante vários dias consecutivos, e um britânico que estava visitando a cidade falou na rádio que nunca tinha sofrido tanto com o frio como no Brasil “falsamente tropical”. O Brasil não está bem adaptado nem para o frio, nem para o calor, nem para a umidade e as chuvas torrenciais. Num país de chuvas tropicais torrenciais em sua maior parte, e em estados nos quais o embate dramático entre massas de ar polares e tropicais é constante, seguidos de ondas de frio, geadas, nevadas etc, as estradas, habitações, e plantações devem ser repensados e replanejados. Convém começar do zero, usar os conhecimentos da ciência, e investir em estudos das influências ambientais.

³³¹ O que achariam os críticos do “determinismo” da seguinte linha de raciocínio: Se o intemperismo é capaz de num prazo de alguns anos deixar estradas novas em condições deploráveis (supondo-se que não houve manutenção), o que seria capaz de fazer com a pele humana, quando constantemente exposta à sua ação, e em muitas situações, carentes de qualquer proteção? Que o sol possa causar queimaduras gravíssimas, ninguém duvida, mas não se fala sobre o efeito contínuo da umidade e do calor sobre o estado da pele e suas características. Imagine então insinuar influências sobre a psique! Há todo um reconhecimento, que beira o cansaço, da influência da atmosfera “antropizada” (poluentes) sobre a pele e sobre a saúde. Porque razão a atmosfera tal qual sempre foi, sem a ação humana, (ou seja, os atributos naturais do clima, como umidade baixa e calor, umidade alta e frio, etc) não poderia exercer severas influências sobre as pessoas? Se o clima afeta a saúde, e isso já é consenso absoluto, não afeta, como consequência, os traços físicos do ser humano? E assim fazendo, não geraria ao longo dos primeiros milênios da espécie humana uma distinção entre os povos pelo isolamento geográfico? Os mesmo críticos do determinismo provavelmente acham essas teorias plausíveis, mas tem vergonha de admitir, dado o estigma violento impresso ao evolucionismo e a qualquer sugestão de influência do clima sobre o ser humano. Pobre Huntington, mal sabia que seu maior legado seria tornar o clima o grande refém da crítica determinista. Ao escrever a obra “Civilization and Climate”, não imaginava que a consequência seria fazer de alguns de seus sucessores na Geografia “pecadores do desvio determinista”, por meramente proferirem o termo “influência climática”. Quanto aos

Outra importância científica da busca frenética por entender as influências ambientais foi a coragem de ignorar por um momento as causas secundárias, imediatas, de fácil identificação, para ousar mergulhar nas trincheiras e fossas das causas primárias, originárias. Nessa direção aponta a reflexão angustiada e atormentada do homem do subsolo de Dostoiévski, que se exaspera:

Repito, repito com insistência: todos os homens diretos e de ação são ativos justamente por serem parvos e limitados. Como explicá-lo? Do seguinte modo: em virtude de sua limitada inteligência, tomam as causas mais próximas e secundárias pelas causas primeiras e, deste modo, se convencem mais depressa e facilmente que os demais de haver encontrado o fundamento indiscutível para a sua ação e, então, se acalmam; e isto é de fato o mais importante. Para começar a agir, é preciso de antemão, estar de todo tranqüilo, não conservando qualquer dúvida. E como é que eu, por exemplo, me tranqüilizarei? Onde estão as minhas causas primeiras, em que me apóie? Onde estão os fundamentos? Onde irei buscá-los? Faço exercício mental e, por conseguinte, em mim, cada causa primeira arrasta imediatamente atrás de si outra, ainda anterior, e assim por diante, até o infinito. Tal é, de fato, a essência de toda consciência, do próprio ato de pensar. E assim chegamos de novo às leis da natureza. (Dostoiévski, 2000, p.29)³³²

A Geografia continua sendo um importante fator para a explicação do desenvolvimento desigual das nações. Wood, em recente artigo, afirma que essa desigualdade tem sido explicada por dois “corpos de literatura”, Assim, afirma que

avanços e méritos de sua obra, apenas dois em cada dez críticos, em toda história da disciplina, reconheceram. Ao menos nos EUA, Huntington desfrutou de certo prestígio nos circuitos acadêmicos, mas foi algo bastante discreto pelo volume e qualidade de sua obra.

³³² Não há obra mais eficiente do que esta na exposição da natureza humana. À parte Fernando Pessoa, não há nada que se equipare em termos de mostrar o desassossego de um homem incomum e rodeado de “homens de ação”. O protagonista do subsolo teria ficado fã de Sarte: “*O inferno são os outros*”. Sobre essa obra prima da literatura Russa, há no youtube uma composição improvisada para piano intitulada “Dark Poem”, uma paráfrase musical de “Memórias do subsolo”, e que reflete as angústias sombrias da personagem.

In studies on development, the concept of geography has two key analytical dimensions. First, geography is a conceptual explanandum, that is, it is employed as a way of explaining processes and outcomes. In this explanatory context, natural resources, the effects of climate, tropical diseases, transportation costs and the diffusion of technologies across spatial barriers within and between nations are the main determinants in the gap between rich and poor regions. Second, geography is a conceptual variable that attempts to identify the empirical dimensions of geography as an explanandum. Geography is defined, more or less, as an environmental condition due to climate and location that exerts an influence on agricultural development, state (institutional) formation and the quality of human resources. Thus, geography's effect on development are both spatial – location matters – and environmental. (Woods, 2003, p.1401)

Woods explica que ambos os fatores são reconhecidos como importantes, mas que a questão entre eles gira em torno da maneira pela qual esses fatores influenciam o desenvolvimento, e até que ponto eles o fazem. Assim, Woods busca os “determinantes profundos”, e não apenas as causas imediatas e fáceis. Woods defende Diamond e fala que ele possui uma compreensão estrutural de longo prazo dos efeitos das influências ambientais (isso exige um intelecto incomum). Woods afirma que “*As Bloom et al. conclude in their empirical study of geography and poverty, ‘geography matters but we reject the model of simple geographical determinism in favor of a multiple equilibrium model.’*” Ou seja, um “determinismo complexo” sobrevive, no lugar do determinismo reducionista.

Em suma, Woods, que não era geógrafa e sim cientista político, reconhece as influências geográficas sobre o desenvolvimento atuando em longo prazo, em quatro modos distintos: “diferenças continentais na disponibilidade de animais e plantas para domesticação; segundo, diferem grandemente os fatores que afetam as taxas de difusão e migração de plantas, animais e pessoas numa escala intra e intercontinental; terceiro, fatores que influenciam a difusão entre continentes; quarto, diferenças na área e no total da população. “*Each of these factors account for the types of social and economic*

opportunities available in a given geographic area. Taken together, they explain the divergence in levels of development between continents.” (ibid, p. 1403)

Outro insight desta tese é que os geógrafos, ao lado dos cientistas sociais, talvez sejam os pesquisadores que mais têm “medo” de explicar o desenvolvimento, a saúde, os fatos da história, por meio das influências ambientais. O determinismo parece ter sido exorcizado apenas na Geografia e nas ciências sociais, e em menor grau na antropologia e na história. Na ciência política, na biologia, e na economia, a parte inevitável e saudável do que se rotulou de “determinismo” é mais aceita e tem rendido melhores frutos.

Bassin, por sua vez, vê no determinismo ambiental um rol de importâncias: enquanto paradigma causal da relação homem-meio, enquanto estímulo para a Geografia ir além de suas fronteiras, para estimular a imaginação das mentes mais brilhantes da época e como instrumento de aproximação da Geografia com o coração das ciências sociais, de uma forma jamais vista antes. Essa observação de Bassin é de uma síntese e perspicácia que vale a citação direta e integral de suas idéias:

It must be appreciated, on the other hand, that whatever its scientific merits may or may not have been, environmentalism in its Day exercised an influence that was substantially more vigorous and profound than dismissive characterizations of it as a ‘diversion’ or passing conceptual derangement would suggest. As a causal paradigm for interpreting the ecological relationship of human society to its natural milieu, it ranged far beyond the formal disciplinary boundaries of geography, to capture the imagination of some of the most prodigious intellects of the era. Indeed, distressing though the thought may be today, it nevertheless can be strongly argued that, precisely as the science of environmental influences, modern geography moved as close as it has ever been to the vital center of the social sciences, and excited there a degree of interdisciplinary interest and frank admiration which remains unmatched to the present day. (Bassin, 1992, p.4)

Finalizando, este sexto objetivo da tese está relacionado a dois outros que foram excluídos no meio do percurso, o de compreender as bases científicas e filosóficas do determinismo ambiental e o de pesquisar as ideologias que subjazem aos discursos

deterministas. Esses objetivos foram alvo da pesquisa durante o primeiro ano de leituras, e resisti muito à idéia de descartá-los. Contudo, as leituras apontavam a cada dia um novo pressuposto científico ou filosófico, como o mecanicismo, o essencialismo, o racionalismo, o positivismo, o darwinismo, o lamarckismo, de forma tal que rapidamente foram levantadas 10 bases filosóficas que desconfiei não terem esgotado toda a real base científica do tema. Isso já seria razão suficiente para ver nessas questões outra tese, outra pesquisa, e que me entregar a ela significaria abrir mão de tudo que foi exposto nesta tese. Assim, tive que optar, e acabou resultando nesta preliminar sinfonia atonal.

Entretanto, quanto às ideologias relacionadas ao determinismo ambiental também foram identificadas dez, tais como o destino manifesto e o capitalismo imperialista, e até mesmo um provável climatocentrismo. Por conta de leituras que revelaram horizontes dignos dos extensos planaltos desérticos do Arizona ou da imensidão do cerrado goiano, é que abandonei o tema, julgando que merecia ser tratado com especial exclusividade e após exame cuidadoso.

5.7. A morte do determinismo ambiental enquanto rótulo, teoria e doutrina radical paradigmática, e o nascimento da “idéia das influências ambientais” como hipótese básica de trabalho de perpétua pertinência ou como hipótese explanatória genérica parcial da relação sociedade-natureza

“Que não nos falem mais de leis da natureza”

León Brillouin

*“O que nós vemos das cousas são as cousas.
Por que veríamos nós uma cousa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?”*

*O essencial é saber ver,
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê
Nem ver quando se pensa.*

*Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma seqüestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras
eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores.
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.”*

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

Kuhn, ao discutir a questão do paradigma na ciência moderna, explica que uma comunidade científica é formada de pesquisadores que partilham um paradigma. Assim, essa comunidade “...ao adquirir um paradigma, adquire igualmente um critério para a escolha de problemas que, enquanto o paradigma for aceito, poderemos considerar como dotados de uma solução possível” (Kuhn, 1978)

Vimos ao longo desta tese que o determinismo ambiental não pode ser concebido como uma extensão do determinismo filosófico-científico. Cabe agora revelar que a única característica que esses dois determinismos têm em comum é o fato de ambos serem insuscetíveis a provas. Assim, ambos devem ser vistos não apenas

como doutrinas (no sentido de radicalização, de não ser comprovável e de basear-se numa crença), mas como hipóteses, em sua versão abrandada. O determinismo filosófico pode ser visto como uma hipótese metafísica, enquanto que o determinismo ambiental e outros determinismos específicos podem ser concebidos como hipóteses científicas. Nessa direção vai as explicações de Mora, para quem

A doutrina determinista não é suscetível de prova; tampouco o é a doutrina oposta ao “determinismo”, razão pela qual o “determinismo” é considerado de hábito uma hipótese. Alguns julgam que se trata de uma hipótese metafísica; outros, de uma hipótese científica. Certos autores afirmam que, embora a doutrina determinista não possa ser provada, isso se deve ao caráter finito da mente humana e à impossibilidade de levar em conta todos os fatores, ou, melhor dizendo, estados do universo. É célebre a esse respeito a passagem de Laplace no “prefácio” à sua *Théorie analytique des probabilités* (1820): “uma inteligência que conhecesse num momento dado todas as forças que atuam na natureza e a situação dos seres de que se compõe, que fosse suficientemente ampla para submeter eses dados à análise matemática, poderia expressar numa única fórmula os movimentos dos maiores astros e dos menores átomos”. (MORA, 2000)

O determinismo ambiental, em sua versão “geográfica”, ou seja, enquanto discurso e pretensa teoria³³³, e circunscrito pelo período que vai da publicação da Antropogeografia até as últimas críticas da década de 60, até pode ser visto como um paradigma, mas seu conteúdo core constitui-se em uma das hipóteses básicas explanatórias da relação homem-ambiente. Se pode ser visto como paradigma em sua versão “made-in-embate-acadêmico”, é porque o determinismo ambiental, naquela época, restringiu, de algum modo, os interesses de alguns geógrafos, ou seja, é um paradigma principalmente no sentido pejorativo do termo, de cegueira, vícios de pensamento e alienação. Mas isso não significa que os autores rotulados de deterministas tenham se dedicado exclusivamente ao estudo das influências

³³³ O determinismo ambiental, tal qual exposto pela crítica descuidada, não passa de uma sombra, tomada por real, tal qual no sentido platônico da alegoria da caverna.

ambientais. Contudo, houve um certo confinamento de seus estudos ao que definiam como sendo o interesse central da Geografia, assim, esses estudos traziam as conclusões que esses geógrafos ardentemente admitiam como plausíveis. Possibilistas se comportavam da mesma maneira, ou seja, também padeceram da cegueira paradigmática. Tal qual os dos deterministas, seus estudos fundavam-se sobre um paradigma mais genérico e de fato o paradigma dominante na chamada “Geografia tradicional”: a relação homem-meio.³³⁴ Isso significa admitir o grande paradigma do ocidente apontado por Morin (2002), aquele fundado na cisão cartesiana sujeito/objeto, sociedade/natureza, cultura/natureza, determinismo/liberdade. Esse grande paradigma está fortemente presente, não foi superado e a ciência atual está tão ancorada nele quanto os deterministas e possibilistas de há um século.

Quanto à questão do uso do termo “hipótese” para se referir à “essência” dos “estudos deterministas”, vale lembrar que uma hipótese é sempre ponto de partida para inúmeras deduções que enriquecem a área de estudo em questão. No caso desta pesquisa, tem-se insistido na aceitação e reconhecimento de uma hipótese básica e genérica, permanente e inexorável, a saber: Há uma interação mútua entre sociedade e natureza cuja natureza é fundamental para a Geografia e para a compreensão do espaço. Essa hipótese desdobra-se em duas hipóteses básicas específicas, a da idéia das influências antrópicas, e a da idéia das influências ambientais. Logo, dessa hipótese básica específica e aberta a variadas abordagens, pode-se extrair uma série de

³³⁴ Morin (2002), afirma que há dois paradigmas opostos acerca da relação homem-natureza, o primeiro inclui o humano na natureza, reduzindo-o a esta, e o segundo o exclui da natureza, prescrevendo uma disjunção entre esses dois termos. Ambos fundam-se num paradigma mais amplo “*que é o paradigma de simplificação, que, diante de qualquer complexidade conceptual, prescreve seja a redução (neste caso, do humano aonatural), seja a disjunção (neste caso, entre o humano e o natural). Um e outro paradigmas impedem que se conceba a unidualidade (natural ~—> cultural, cerebral ~-> psíquica) da realidade humana e impedem, igualmente, que se conceba a relação ao mesmo tempo de implicação e de separação entre o homem e a natureza. Somente o paradigma complexo de implicação/distinção/conjunção permitirá tal concepção, mas este ainda não está inscrito na cultura científica.*” O problema é como inserir esse paradigma complexo no estudo da relação sociedade/natureza. É viável? Quem está fazendo? Com quais resultados?

deduções que na verdade são sub-hipóteses ou hipóteses. Por exemplo: condições climáticas adversas causam impactos sobre os transportes, sobre a produção econômica, ou, o ambiente exerce influência sobre a agricultura. Seguindo essa linha hipotética em torno da agricultura, essa hipótese mais específica, gera, por seu turno, uma outra hipótese ainda mais específica: o clima influencia a distribuição dos cultivos no mundo. Essa hipótese pode ser fragmentada em diversas outras, como por exemplo: o clima temperado impede o cultivo do cacau ou, climas equatoriais hiper-úmidos não permitem o cultivo da uva.³³⁵ Se seguíssemos outras linhas hipotéticas, com por exemplo em torno da arquitetura ou do lazer, várias hipóteses específicas poderiam ser aventadas, nas mais diversas escalas, até chegar na escala local e em escalas menores, nas quais as influências ambientais são mais fáceis de serem argumentadas. Reconheço que a hipótese básica a que alude Martin e Lewthwaite, é de uma generalidade tal que a torna um alvo central de reflexão e de pesquisa por várias ciências.

Essa hipótese básica de trabalho (idéia das influências ambientais), inevitável e verdadeiro leitmotif de inúmeras ciências, que nela encontram sua razão de ser, está a todo momento se colocando diante do pesquisador. Assim, a hipótese básica discutida nesta tese demanda uma reflexão sobre as inumeráveis hipóteses específicas que dela derivam e que têm, durante séculos, alicerçado inúmeras teorias, teses, como uma espécie de sustentáculo sem o qual não haveria pesquisa científica em diversas áreas, tampouco uma ciência chamada Geografia.

Trata-se de uma das hipóteses fundadoras da Geografia, cujos desdobramentos, sub-hipóteses ou hipóteses específicas, têm sido, e devem sempre estar sob o foco do geógrafo, assim como de outros profissionais, visto que o ambiente, na acepção determinista, se refere à natureza, que é de interesse da maior parte das ciências aplicadas. Mas o que significa assumir, em termos práticos e teóricos, esta hipótese de trabalho? Em termos práticos: riqueza e diversidade de pesquisas, ênfase em desastres naturais e abertura para o reconhecimento da crescente vulnerabilidade da sociedade “técnico-científica-informacional” às influências ambientais, em particular aos

³³⁵ Nesse caso, admitindo-se que não existem ainda meios tecnológicos que se interponham de modo a permitir a versatilidade climática do cultivo.

fenômenos extremos e também para manter o caráter ambiental da Geografia, sem esquivar-se do estudo da natureza per se, necessário para o planejamento e ocupação sustentada e segura do espaço. Em termos teóricos: invenção/construção de uma nova história do pensamento geográfico, banimento da Geografia de slogans e de rótulos, consciência de que a crítica de um rótulo não significa a crítica de uma teoria de fato, mas apenas a crítica inútil de sua versão estereotipada, e reconhecimento de que as fontes originais, em geral clássicos, devem ser consultadas e pertinentemente analisadas, sob pena de estarmos fazendo uma análise baseada em fantasmas e em impressões vagas e rotulantes.

Quanto ao papel do geógrafo no que concerne o estudo das relações natureza-sociedade, há uma confusão que é alimentada por inúmeros autores, que não reconhecem explicitamente que não há “desvio geográfico” nenhum em se efetuar um estudo do espaço com foco sobre as influências ambientais sobre a sociedade. Pelo contrário, muitas vezes esses autores afirmam que à Geografia não cabe estudar especificamente a atuação de uma classe de fenômenos sobre outra. Clark, por ter escrito seu artigo em 1960, poucas décadas depois do “furor determinista” inicia-o afirmando que, felizmente, os geógrafos não são mais vistos como deterministas a priori, no sentido de serem estudantes do controle da cultura pela natureza. Apesar de estar correto em sua observação, pois de fato os geógrafos já se livraram do fardo mais pesado que carregaram até então, sua afirmação revela duas imprecisões que escondem um dos méritos e objetivos da Geografia, dentre vários. Primeiramente, jamais houve um período da Geografia em que os geógrafos se reconheceram como meros estudantes dos controles da cultura pela natureza. Ciência alguma jamais pretendeu restringir seus escopos a esse ponto. Não existe essa ciência tacanha e simplista senão nas mentes dos críticos irresponsáveis. Em segundo lugar, ele entende que os “antigos deterministas” estudavam o controle da cultura pela natureza, e assim associa o estudo das influências ambientais - pertinente e necessário à compreensão do espaço e suas contradições, dinâmicas e processos - ao estigma impresso aos deterministas do início do século XX.

Apesar de algumas imprecisões fruto de um desconhecimento do que veio a ser o determinismo ambiental, Clark é um dos inúmeros autores que reconhece a importância do estudo das influências ambientais sobre a sociedade como sendo central para a análise dos geógrafos, apesar de não concebê-la explicitamente como uma hipótese básica e perene, como Martin e Lewthwaite. Ao falar sobre as influências de uma classe de fenômenos sobre outra (sem reforçar a influência ambiente-sociedade ou sociedade-ambiente), explica que *“Phenomena associated together in space may have greater or less mutual effect on each other, and interaction may extend through space for greater or lesser distances. These things are at the heart of interpretative analysis by geographers, but we are not devoted to study of the effects of one specific category of phenomena on another”* (Clark, 1960, p. 608). Para o autor, reconhecer essa “influência mútua entre fenômenos associados”, bem como a disseminação espacial resultante da interação desses fenômenos está no cerne da análise feita por geógrafos, mas que os geógrafos não podem se restringir a uma específica categoria de fenômenos, como as influências ambientais e sua influência sobre a sociedade. Assim, para Clark, não é tarefa específica do geógrafo, entender e avaliar a extensão e força das influências de um determinado fator, o ambiental, pretensão esta cujo valor científico foi reconhecido por Hartshorne (1978). Para Clark, o estudo específico do Geógrafo deve centrar-se nas influências recíprocas, mas acredito que essa idéia de Clark não deveria impedir geógrafos de “isolar” as influências para fins metodológicos, nem inibi-los na busca de compreender com mais profundidade alguns tipos de influências, como por exemplo as ambientais, em detrimento de outros, ou seja, as culturais.

Ao falar que nós geógrafos não somos “devotos” a estudar os efeitos de uma categoria específica de fenômenos sobre outra, como a das influências da natureza sobre a cultura, o autor está se endereçando criticamente aos deterministas, e em outro trecho do artigo chama-os discretamente de “devotos às forças ambientais”. Clark, assim como a maior parte dos autores da bibliografia que suporta esta tese, revela uma visão simplificada dos estudos feitos por Huntington e Semple - para citar os geógrafos mais eminentes na questão das influências ambientais - posto que não se

trata de autores “devotos” a uma única causa, uma vez que suas obras apenas pretenderam enfatizar o estudo das influências ambientais. Ademais, é metodologicamente e humanamente inviável realizar uma obra que leve em conta detalhadamente todos os fatores. Se em *Casa Grande e Senzala* Freyre usa apenas vinte páginas, dentre as mais de mil, para analisar o papel das influências ambientais, isso não significa necessariamente que ele as ignore ou as subestime, mas sim, que sua formação, seu foco e seus interesses no momento eram outros e o levaram a analisar mais detalhadamente outros fatores, que explicam o Brasil e os brasileiros. Se Freyre subestimasse as influências ambientais, não as levaria sequer em conta no momento de explicar as diferenças sócio-econômicas e culturais entre o sul policultor e o nordeste monocultor.

Ainda questionando a idéia de Clark expressa na citação anterior, por quais motivos os geógrafos não poderiam realizar estudos sobre os efeitos de uma categoria específica de fenômenos sobre outra, ou seja, de influências da natureza sobre a cultura, como têm realizado antropólogos e biólogos? Vejo aí apenas uma dificuldade metodológica, e um grande desafio teórico-conceitual e epistemológico, mas que são necessários e presentes em toda empreitada científica. Como explicar, senão por má-fé, desconhecimento, preconceito e rixas acadêmicas, que o estudo das influências da cultura sobre a natureza seja amplamente aceito, aplaudido e realizado por várias ciências e principalmente pela Geografia, ao passo que o caminho inverso, o de entender as formas pelas quais as influências ambientais atuam sobre a cultura/sociedade, seja sempre rotulado de determinista ou considerado de menor importância?

Os Sprout (1950) afirmam que Clark, Martin, Jones e Montefiori/Williams formam o quádruplo que representa um importante episódio na evolução do pensamento sobre a relação homem-ambiente na Geografia, rompendo e indo além da longa disputa determinista/possibilista em torno desse tema. Para os Sprout, as hipóteses em torno da questão homem-ambiente refletem uma tentativa de explicar os empreendimentos e conquistas humanas, e como tal é uma explanação genérica. Observa também que apesar da relevante literatura sobre explanações científicas e

históricas, estudantes de Geografia e geógrafos dão a ela pouca atenção. Montefiori e Williams alertam que a discussão das relações homem-ambiente pode ser afinada e melhorada, abandonando-se as teorias doutrinárias (determinismo e possibilismo) na direção de teorias de explicação mais genéricas.

Diante da impossibilidade de muitos estudos geográficos não poderem se furtar de analisar a relação homem-ambiente com alguma referência às influências ambientais sobre a cultura, o desenvolvimento sócio-econômico etc, é preciso considerar algumas distinções e conhecimentos fundamentais que não podem escapar a nenhum estudo das influências ambientais:

- 1) Nível de conhecimento acumulado sobre a natureza e as formas de transformá-la, ou seja, o nível tecnológico alcançado por uma sociedade e o preço que se pode pagar pelas suas escolhas.
- 2) Escala das relações e fenômenos estudados local/regional/nacional/global
- 3) Nível de extrapolação – indivíduo/sociedade/civilização/humanidade
- 4) Nível de detalhamento da cadeia de causa e efeito, que deve ser a mais completa possível³³⁶.
5. Natureza da influência exercida, se direta ou indireta.
6. Nível do detalhamento do fator ambiental analisado, evitando simplificação do mundo físico e do mundo humano por ele influenciado.
7. Existência de fatores culturais intervenientes essenciais e importância do fator psicológico que implicam numa distinção entre ambiente/ambiente percebido ou psychomillieu.

Essas sete distinções metodológicas mínimas (não se pretendeu esgotar, alguma distinção relevante pode ter ficado de fora) resultam da pesquisa bibliográfica e das leituras feitas, principalmente tendo em vista as críticas direcionadas ao determinismo.

³³⁶ Martin (1951) em “The Necessity for determinism”, esclarece que de clima para civilização há um salto excessivo, mas que ao influenciar a agricultura, o clima possui um efeito indireto na civilização.

Assim, aos que não querem incorrer no mesmo erro da tradição determinista³³⁷, é imperativo que se tenha em vista essas distinções e conhecimentos necessários, para que se avance na compreensão da relação dialética, instável e incerta entre homem e ambiente³³⁸, ou sociedade e natureza.

Finalizando, o determinismo ambiental constituiu-se num esboço explanatório com o mérito de colocar em sua análise das influências ambientais o maior número até então de evidências, fatos, fenômenos e referências, procurando encontrar as causas que subjazem às explicações que se concentram apenas nas “aparências”, ou seja, nos fatores imediatos que ilusoriamente dão a impressão de explicar toda a trama da história da humanidade.

³³⁷ Segundo alguns críticos, Diamond, recentemente, é mais um exemplo de pesquisador que caiu nas armadilhas do determinismo ingênuo. Contudo, Woods contesta essas críticas.

³³⁸ Lembrando que o sentido do termo ambiente nesta tese é o de ambiente natural, assim como foi usado durante séculos na Geografia. Não significa que eu conceitue ambiente como sendo ambiente físico, muito menos implica em um não reconhecimento da importância do ambiente em seu sentido cultural e social. Essas questões não são tema desta tese.

BIS: AS 10 TÁBUAS DO DETERMINISMO AMBIENTAL: 10 MITOS E 10 FATOS

“Dizia Spencer que o que sabemos é uma esfera que, quanto mais se alarga, em tantos mais pontos tem contacto com o que não sabemos.”

Fernando Pessoa

MITO: O determinismo ambiental/geográfico é uma escola ou corrente de pensamento na história da Geografia.

FATO: A divisão de uma ciência em escolas ou correntes, com frequência mascara a complexidade da história das idéias, e geralmente esses rótulos derivam mais de uma disputa acadêmica e de uma falsa polarização entre intelectuais do que de fato de reais diferenças e dicotomias no seio da ciência. Ademais, o termo “geográfico” é injusto e induz a uma avaliação precipitada e fantasiosa da ciência geográfica, seus autores e teorias, e deve ser substituído por ambiental, termo que, apesar de ser muito genérico e abrir espaço para polêmicas em torno do conceito de ambiente e de natureza, ao menos não sacraliza e sedimenta uma conexão inevitável entre “Geografia” e “determinismo”. Assim, o termo “determinismo” geográfico”, ao se referir apenas a fatores do ambiente físico, como clima, relevo, posição, vegetação etc, como influenciando a humanidade, reduz a Geografia a meros fatores físicos, o que considero mais grave do que a consequência do uso do termo “determinismo ambiental”, que restringe a abrangência do conceito de “ambiente” na Geografia.

MITO: O determinismo ambiental é uma teoria, tese ou filosofia.

FATO: O determinismo ambiental deve ser visto como um discurso no sentido pós-estruturalista do termo e, como concebido na crítica dos “antideterministas”, também como um rótulo impreciso, injusto e simplificador, cujo próprio título já é improcedente, tendencioso e auto-discriminatório, e cuja existência na literatura geográfica e de outras ciências humanas e ambientais tem servido a uma má

compreensão da história do pensamento geográfico e, mais grave, a uma subestimação estéril das influências ambientais e ao conseqüente empobrecimento de algumas searas da pesquisa geográfica. Contudo, a “alma” desse discurso, o que lhe sustenta, a idéia que lhe dá vida, deve ser vista como hipótese geral explanatória e básica.

MITO: O determinismo ambiental advoga uma determinação irrestrita e pura de apenas um fator, o ambiental ou geográfico, negando a influência de outros fatores de ordem econômica e cultural.

FATO: Considerando-se o sentido filosófico e a precisão semântica do termo, o determinismo ambiental jamais existiu, pois em seu lugar, há, de fato, uma gama variadíssima de considerações e estudos a respeito da idéia das influências ambientais que deveriam ter outra nomenclatura, e nenhum dos autores rotulados de deterministas foi ingênuo ao ponto de ignorar a influência da cultura, da economia e das afecções humanas. Aristóteles e Alberto O Grande (em plena idade média), em suas teorias ambientalistas, já reconheciam a capacidade humana em contornar essas influências. Semple e Huntington, por seu turno, não são autores deterministas no sentido estrito do termo, e ao contrário da crítica que não leu suas obras, deram grande contribuição à Geografia em questões teórico-epistemológicas, reconheceram a influência de fatores humanos sobre o desenvolvimento e a cultura e são totalmente cientes das suas limitações como pesquisadores e das dificuldades e armadilhas que envolvem o tema das influências ambientais.

MITO: O determinismo ambiental está morto e constitui-se em uma teoria ultrapassada.

FATO: O determinismo ambiental, tal qual rotulado e concebido pela crítica, nunca existiu senão nos embates acadêmicos, como bordão cansativo de inúmeras querelas travadas entre universidades e intelectuais que se filiavam a escolas de pensamento muito menos dicotômicas do que pretendiam seus interlocutores. Assim, enquanto rótulo impreciso que lhe reduzia a um mosaico de ideologias e que lhe conferia o status de aberração, devaneio e anticiência, o determinismo ambiental ainda está em

vigência nos discursos da Geografia e ciências afins que insistem na “crítica ao rótulo”, sem que essa crítica alcance a essência da teoria determinista e os verdadeiros argumentos de seus defensores. O que é preciso reconhecer, é que a hipótese básica (a saber, das influências ambientais) que subjaz a todos os discursos “deterministas” ou “ambientalistas”, está mais viva do que nunca, constitui-se em tema de pesquisa em diversas áreas científicas, reveste-se de importância filosófica, conceitual e metodológica para diversas ciências, e constitui-se numa hipótese perene e central para a pesquisa em Geografia. Apenas nesse sentido, o de hipótese básica da Geografia, é que é possível creditar existência concreta e produtiva ao determinismo ambiental. Concreta e produtiva, no sentido de lidar com a complexa relação homem-meio, de ser uma referência para a pesquisa em Geografia, e de ser uma hipótese perene que tem sido considerada como muito pertinente por diversas searas da ciência. Se concebido como rótulo simplificador, sua existência se dá apenas no terreno abstrato dos duelos constantes entre pensadores que se escoram em falsos antagonismos. Ou seja, assim concebido, esse determinismo ambiental que tem sido alvo de críticas durante mais de um século, não passa de uma formulação equivocada e fantasiosa, que se inscreve aprisionadamente num universo semântico forjado desastrosamente por alguns críticos, que por sua vez mutilaram algumas obras rotuladas de deterministas, empobrecendo-as. Com isso, queremos afirmar que a crítica direcionada ao determinismo ambiental atinge apenas um rótulo, e muito raramente atenta para tocar sua essência e compreender sua existência e sua importância histórica, científica e filosófica.

Assim, se encarado como um paradigma ou hipótese básica para a Geografia, a “parte saudável” do determinismo ambiental pode ser aproveitada e estudada com a devida seriedade. Provavelmente, todos os geógrafos subscrevem a essa imprescindível hipótese básica, porém sem se darem conta de que essa idéia das influências ambientais constitui o cerne da chamada teoria determinista, que atribuiu à natureza uma variada gama de influências sobre a cultura. Todavia, são inúmeros os geógrafos atuais que consideram um quase tabu qualquer análise que sugira alguma consistente influência ambiental sobre a cultura, a organização espacial, e a

distribuição da população e das atividades econômicas. Esse mesmo tabu também está fortemente presente entre os cientistas sociais da atualidade. Isso se explica pelo fato de que para esses pensadores, o termo “determinismo ambiental” evoca aquela abstração caricata, fruto da crítica infundada, objeto de rusgas acadêmicas, e alvo de incompreensão. Enquanto isso, o determinismo ambiental concreto, enquanto saudável hipótese básica, proponente de variadas influências ambientais, ainda é ofuscado pela força opressiva do rótulo e dos slogans a ele associados.

MITO: Ao determinismo ambiental contrapõe-se o possibilismo, ambos formando os pólos opostos de um espectro dicotômico que vai da determinação fatal do ambiente e conseqüente falta de arbítrio humano, à passividade do ambiente e plena deliberação humana ancorada numa tudo-é-possível liberdade e numa autonomia ilimitada que dispõem de técnicas milagrosas.

FATO: O possibilismo não se constitui numa antítese do determinismo ambiental e não existe uma tal dicotomia, determinismo/possibilismo, senão nas idéias de intelectuais que pecaram por uma releitura simplista e tendenciosa de autores “deterministas” como Ratzel, Semple, Huntington, e de autores “possibilistas” como La Blache, Brunhes e Le Febvre. O possibilismo, pelo contrário, reforçou o importante papel das influências ambientais a tal ponto, que levou Franz Boas a rotular Vidal de La Blache de “determinista”. É importante esclarecer que se a dualidade “determinismo/possibilismo” não sobrevive a uma análise mais aprofundada, essa mesma dualidade evolui a partir de um antagonismo bem mais real e claro, aquele que é notado por Boas já em 1880, entre a antropogeografia positivista e a antropogeografia historicista. Acrescentando, o determinismo ambiental em geral nunca negou a liberdade humana e sua capacidade de adaptação e transformação da natureza e apenas nos casos mais extremados pré-Ratzel, é que os deterministas formularam explicações apressadas. Por seu turno, o possibilismo jamais deixou de reconhecer que o ambiente pode oferecer obstáculos de uma importância tal, que chega ao ponto de restringir o número de opções disponíveis para essa sociedade na busca de

seu desenvolvimento, ou que impeça por completo determinadas atividades e escolhas humanas.

MITO: O determinismo ambiental é uma teoria nociva e não-científica que prejudica a imagem da Geografia.

FATO: O determinismo ambiental em si, enquanto busca legítima pela melhor compreensão da relação homem-meio pelo viés das influências ambientais, foi uma necessidade histórica, colaborou para a emergência da moderna Geografia, instigou inúmeras gerações de cientistas em todas as áreas do saber, e continua nos dias atuais a despertar o interesse de pesquisadores, pois sua essência ou hipótese perpétua e inegável é a de que a natureza influencia a cultura, e essa idéia faz parte de uma hipótese mais geral e central para a Geografia: a da relação sociedade/natureza. O que de fato manchou a imagem da Geografia enquanto ciência emergente, dentre outros fatores, foi a maneira estereotipada e carregada de clichês e reducionismos com que o determinismo ambiental foi criticado e difundido, além da falta de embasamento epistemológico e teórico-metodológico de alguns trabalhos e pesquisas da época. Assim, os críticos do determinismo, por má-fé ou até mesmo por má compreensão, fizeram recortes tendenciosos dos autores deterministas das primeiras décadas do século XX, e é esse retalho fragmentário e estereotipado que vem sendo veiculado até os dias atuais. Essa crítica infecunda e rasa que chegou à comunidade geográfica brasileira não deriva nem de Boas, nem de Febvre³³⁹, pois esses autores são pouco estudados pelos geógrafos brasileiros. Boas, mesmo sendo também geógrafo, além de antropólogo (ocupou cátedra de Geografia física na Alemanha antes de viver nos EUA), não exerceu qualquer influência sobre a Geografia acadêmica no Brasil. Assim, são as obras esquemáticas, generalizantes e, principalmente, os manuais panfletários de outros críticos, que influenciaram a Geografia brasileira, e o pouco que sabemos da história do pensamento geográfico é uma mera simplificação tendenciosa, um recorte

³³⁹ Esse autor é muito mais disseminado do que Boas, e por essa razão há alguma influência de suas obras sobre a visão estereotipada dos geógrafos no Brasil, ainda que as críticas de Febvre não sejam tão equivocadas quanto as que se lê em gibis e almanaques da história da Geografia.

esquálido das obras clássicas, pois o hábito de se recorrer à tradição dos grandes clássicos e de se ler a obra, na íntegra, antes de criticá-la, é pouco difundido e incentivado no ambiente acadêmico brasileiro.

MITO: O determinismo geográfico é uma teoria criada e difundida por geógrafos, e seus principais mentores são Ratzel, Semple e Huntington.

FATO: A “idéia das influências ambientais”, alicerce do determinismo ambiental, remonta aos primórdios da civilização, e os primeiros registros encontrados na literatura ocidental referem-se ao mundo grego. Assim, o determinismo ambiental, enquanto formulação mais elaborada e com pretensão à teoria, não surge exatamente a partir de geógrafos como Ratzel, Semple e Huntington, pois já se encontra razoavelmente refletido durante o iluminismo, em obras de Montesquieu e de seus antecessores (Fontenelle, Abe-dubos, Chardin) e até mesmo muito anteriormente, no início do século XVII, na obra de Bodin, cujo legado pode ser considerado uma síntese do pensamento ambientalista/determinista de Hipócrates, Aristóteles, Ptolomeu e Alberto, o grande. Como nenhum dos autores supracitados é geógrafo, ao menos no sentido acadêmico do termo, é um estrondoso equívoco atribuir à Geografia a gênese do determinismo geográfico (que de geográfico só tem o nome fatidicamente atrelado ao pejorativo termo “determinismo”), tanto como mero discurso ideológico (que já existia no período das grandes navegações), quanto como explanação genérica da relação homem-meio e da influência ambiental exercida sobre a humanidade. Ainda, nos EUA do final do século XIX, etnólogos engajaram-se, mais do que os geógrafos, na explicação da cultura a partir dos fatores geográficos, e ao longo da história, a lista de filósofos, sociólogos, antropólogos, biólogos, cientistas políticos e historiadores que deram ênfase, por vezes extremada, aos fatores ambientais, em detrimento dos fatores culturais, de longe suplanta a de geógrafos.

MITO: O determinismo ambiental nada mais é que uma falsa teoria forjada com o único intuito de legitimar uma série de ideologias, postas em prática principalmente no século XIX e primeira metade do século XX, tais como o imperialismo capitalista,

pelas vias do darwinismo e do lamarckismo social, o etnocentrismo/eurocentrismo e o racismo.

FATO: Reconhecer que sob o determinismo ambiental subjaz uma série de ideologias não nos deve impedir de concebê-lo em sua mais genuína manifestação do espírito científico, o de pelas vias da razão, alcançar uma explicação para os fenômenos observados, para a diversidade sócio-espacial, para os contrastes entre as paisagens, pois não se pode atribuir o pesado fardo do lamaçal ideológico a todas as idéias de uma obra, a todas as obras de um autor, e nem a todos os autores deterministas, pois, no mais das vezes, as obras e os autores deterministas foram lidos conforme convinha aos imperialistas, aos racistas e aos eurocêntricos, e não se encontrou até o momento qualquer razão pela qual Montesquieu, ou Huntington, que foi um livre pensador e professor emérito de universidades nos EUA, teria qualquer interesse em escrever uma obra meramente para servir de legitimação para a subjugação dos povos latinos e afro descendentes pelos EUA.

MITO: A primeira grande crítica ao determinismo ambiental surge da Geografia francesa com Le Febvre, discípulo de La Blache³⁴⁰, a quem se atribui a formulação da teoria possibilista.

FATO: A Primeira grande cruzada contra o determinismo, vem da Antropologia nos EUA, com os escritos de Franz Boas, em cuja obra “The aims of ethnology”, de 1889, já tece pesadas críticas ao determinismo ambiental em sua versão rudimentar e radical, muitos anos antes da publicação de “Civilization and Climate”(1915), de Huntington, e de “Influences of the geographic environment”(1911) de Semple. Todavia, essa crítica boasiana (imprecisamente rotulado de possibilista) ao determinismo ambiental não pode obscurecer a ênfase positiva que deu ao fator ambiental. É impreciso atribuir a La Blache a formulação da teoria possibilista, assim como seria ingênuo considerá-lo mentor de uma teoria inovadora ou revolucionária, pois sua teoria possibilista é de certa forma um empréstimo da antropogeografia historicista boasiana.

³⁴⁰ No Brasil, Suzuki (1998) reconhece a conciliação entre “determinismo” e “possibilismo” na obra vidaliana.

MITO: O determinismo ambiental tem despertado muitas críticas ao longo da história e isso se explica suficientemente pela suas falsas premissas, inválidas hipóteses, precipitadas conclusões, insuficientes exemplos, equivocadas concepções de ambiente e cultura, enfim, foi alvo de polêmicas por seus problemas inerentes.

FATO: O desconhecimento das obras, a implicância excessiva com o evolucionismo, com a analogia orgânica e com o positivismo, o preconceito dos cientistas humanos contra a visão teleológica da natureza (“master plan”, “design argument”), o vício de rotular, a inveja latente borbulhante do meio acadêmico, tudo isso associado às resistências à negação do livre-arbítrio (por envolver questões morais e supor uma absolvição do indivíduo pela falta de liberdade), e ao recalque do natural (segundo Freud), são as principais explicações para os ataques constantes e radicais contra o determinismo ambiental. Mesmo que no determinismo ambiental houvesse poucas falhas científicas, ainda assim seria severamente contestado devido a fatores como: ideologias, tabus, embate de egos acadêmicos e incompreensão generalizada da crítica.

EPÍLOGO

Vivi, ao longo deste trabalho, ao mesmo tempo:

- *A tragédia bibliográfica agravada, em cada domínio, mesmo extremamente limitada e delimitada, pelo crescimento exponencial dos conhecimentos e referências;*

- *A tragédia da complexidade;*

A tragédia da complexidade situa-se em dois níveis, o do objeto do conhecimento e a da obra de conhecimentos.

Em nível do objeto, somos postos incessantemente diante da alternativa entre, de um lado, o fechamento do objeto bem como com o seu meio (e exclui, em consequência, os problemas globais e fundamentais) e, por outro lado, a dissolução dos contornos e das fronteiras que afoga todo objeto e condena-nos à superficialidade.

Em nível da obra, o pensamento complexo reconhece ao mesmo tempo a impossibilidade e a necessidade de totalização, de unificação, de síntese. Deve, pois tragicamente visar à totalização, à unificação, à síntese, mesmo lutando contra a pretensão a essa totalidade, unidade, síntese, com a consciência absoluta e irremediável do caráter inacabado de todo conhecimento, de todo pensamento e de toda obra.

Edgar Morin, O método 3, O conhecimento do conhecimento

Antes de escrever o clássico “the end”, gostaria de me despedir esclarecendo que esta tese pretendeu refletir sobre um tema que tem sido alvo de estereotipagem e críticas que nem sempre foram adequadas. Houve, confesso, uma gota-intenção de propor uma nova abordagem no fazer da história do pensamento geográfico, intenção esta que abriu uma fresta na caixa de pandora para revelar muitos dos males da pesquisa teórica em Geografia. Pude abrir não mais do que uma micro-clareira em meio ao denso dossel da selva da noosfera e suas epidemias paradigmáticas, filosóficas, conceituais, semânticas, metodológicas, e nela cabe não mais do que uma gota-intenção. Tivesse aberto uma trilha, e caberia um córrego, mas o ser humano é

vaidade na veia, e está sempre sonhando com a abertura de uma autopista múltipla, paralela, cruzada, ziguezagueante, para que assim caiba um caudaloso rio.³⁴¹

A navegação pelos oceanos – quantas vezes ignorei os detalhes das reentrâncias, das ilhotas, dos istmos, das falésias, da direção do vento, dos matizes do azul oceânico – das obras deterministas e pelos meandros da crítica plena de afluentes poluídos, levou-me a atracar nos portos que iam me seduzindo ao longo da viagem: história, sociologia, antropologia, filosofia, ciência política, lingüística, filosofia da linguagem, literatura, psicanálise, artes e música, a mais transcendente e verdadeira dentre as expressões do gênio humano, quem o diga Adorno e Nietzsche em suas apologias que eu elevaria à categoria de lei. Essa sim uma lei que os deterministas não propuseram.

Novamente, em coro: levou-me apenas a atracar. Não obstante, minhas limitações e várias outras limitações gravitantes não me deixaram demorar-me nessas paisagens do conhecimento. Velas ao ar, muito hesitei ao avistar essas belas paragens, e após longos minutos de ansioso mergulho, enfim pisava em terra firme.³⁴² A caravela acenava-me um aceno sereno, exalando leveza e despreocupação. Mas não tardava para que os mastros rugissem um alerta que, impulsionado pelas fustigantes correntes de oeste, traziam até mim um tapete voador repleto de alertas-aladins, e assim minha aventura era sempre interrompida por uma caravela que queria terra firme em tantos mundos, mas que lutava contra seus próprios impulsos, procurando poupar-me de me ver desdobrado e habitando várias ilhas, à mercê de todos os perigos de cada terra

³⁴¹ Esta pesquisa, este conto-fábula contado por meio da única técnica disponível, a do telefone-sem-fio, finda em irrevogável incompletude. As lacunas de que pude ter consciência foram aventadas, os “allegros com brio” da filarmônica dos sentidos e da razão poderiam ser “allegro ma non troppo”, obedecendo a uma sistematização mais suave, mais concisa. Os sons predominantes não foram o de uma fuga barroca a quatro vozes com esmerado contraponto; nem a de uma cantata polifônica magistralmente harmonizada; mais longe ainda está, de uma monodia claríssima e de um recitativo impecavelmente articulado e bem pronunciado. Que tenha sido, então, um longo chorinho dos trópicos, com ritmos selvagens, gingas indolentes, improvisações atrevidas e que sobre as cordas de um cavaquinho e de um bandolin possa fazer deterministas e possibilistas dançar enfim.

³⁴² Ou areia movediça?

estrangeira e sob a mira de piratas astutos e experientes; e de me encontrar confinado numa ilha só, refém de um horizonte único e privado da vista aérea do arquipélago.

Assim, das intenções iniciais, resultou uma clareira em formato de agulha – fina mas talvez lancinante – na qual se encaixa apenas uma pluvio-gota, cuja nuvem produtora viajara pelos sete mares sem poder explorar com a obsessão adequada as “ilhas” do conhecimento que despontara no horizonte das curvas do pensamento. Se o tempo fora curto, foram escassas as fotografias, restritos os ângulos, apressados os enquadramentos, desarmônicas as composições... e a viagem perdera na profundidade de alguns temas, na ausência de certas ponderações, nos numerosos refrões insistentes, nos recortes quase coerentes, nos riscos de contradição, nos perigos do pensamento parasitado, em labirintite conceitual e filosófica, mas ganhara em diversidade de cenários, de paisagens, de cores que incitam os sentidos, nuances que evocam outras paisagens, vizinhas ou distantes.

A navegação por numerosas ilhas traz, ao viajante, conchas dos mais curiosos formatos, materiais das mais diversificadas utilidades. São verdadeiras ferramentas, e por isso são coletadas para se exibirem num vernissage teórico-epistemológico-semântico-conceitual-filosófico-metodológico que teve a esperança de apresentar novos horizontes ao leitor, fazendo-o notar a complexidade no simples; a conciliação, onde parecia haver discórdia; a semelhança, onde parecia haver diferença; a complementaridade, onde parecia haver contradição; a riqueza de idéias, onde parecia grassar a mediocridade; a ponderação, onde parecia imperar a insensatez; a moderação, onde parecia gritar a radicalidade; a concessão, onde as leis determinavam; a banalidade, onde parecia haver autoridade, honestidade e competência; a precisão, onde a imprecisão confundia; a imprecisão, onde a precisão cegava; a incerteza onde a obviedade alienava; a certeza, onde as artimanhas da incerteza manipulavam; a autoridade e a referência, em obras desconhecidas pela Geografia brasileira. Essas foram as intenções desta tese e dada sua ambição, o efeito colateral parece se potencializar: a contradição, a exposição, a incompletude. Assim, nada se esgotou nessa tese, nem metodologias, nem possibilidades teóricas, nem autores, nem

abordagens, nem temas.³⁴³ No mais, imperam fatalmente e inexoravelmente, a inconclusão, a incerteza, a dúvida e a promessa, e padece dessa verdade, que fere a audácia do *homo academicus*, aqueles que não se entregam à filosofia de Fernando Pessoa em seu mais plácido e convincente heteronômio:

*O mistério das cousas, onde está ele?
Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as cousas e penso no que os homens pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.*

*Porque o único sentido oculto das cousas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as cousas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.*

*Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As cousas não têm significação: têm existência.
As cousas são o único sentido oculto das cousas.*

*Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.*

*Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,
Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas idéias.*

*A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.*

³⁴³ Numa tese, só existe esgotamento das energias do escritor e da paciência do leitor.

*Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.*

Há Metafísica bastante em não pensar em nada

*O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.*

*Que idéia tenho eu das cousas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?*

*Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).*

*O mistério das cousas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.
Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas cousas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.*

*Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos
E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?*

*"Constituição íntima das cousas"..
"Sentido íntimo do Universo"..
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em cousas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.*

*Pensar no sentido íntimo das cousas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.*

*O único sentido íntimo das cousas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.
Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,
Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, Aqui estou!*

*(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as cousas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)*

*Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.*

*Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.*

*E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.*

*O meu olhar é nítido como um girassol,
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e a esquerda
E de vez em quando olhando para trás...*

E o que vejo a cada momento

*É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem...
Sei Ter o pasmo essencial que tem uma criança
Se ao nascer, reparasse que nasceras deveras...*

*Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do Mundo*

*Creio no mundo como um malmequer
Porque o vejo, mas não penso nele
Porque pensar é não compreender*

*O mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo...*

*Eu não tenho filosofia, tenho sentidos...
Se falo na natureza não é porque a amo, amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama.
Nem sabe porque ama, nem o que é amar...
Amar é a eterna inocência
E a única inocência é não pensar.*

*Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa*

*Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas. . .
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente. . .*

*Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos ...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.*

Alberto Caeiro, em “O Guardador de Rebanhos”

“Uma tragédia não tem happy end. Pode-se, claro, ignorar a tragédia e continuar a trabalhar conforme a norma tradicional do fechamento dos domínios e do acabamento das obras.

Ora, para mim este trabalho tornou mais central e mais aguda a consciência não apenas das minhas insuficiências, mas também da irremediável falta de completude à qual estamos condenados e na qual devemos operar.

A falta de completude está doravante no coração da consciência moderna, depois da descoberta do caráter inacabado do cósmico (Hubble) e do antropológico (Bolk) que vêm de certo modo confirmar o nosso mesmo sentimento em relação a qualquer vida.

A consciência de que o saber é incompleto está certamente bem disseminada, mas não tiramos as lições disso. Assim, construímos nossas obras de conhecimento como casas com teto, como se o conhecimento não estivesse a céu aberto. Continuamos a produzir obras acabadas, fechadas ao futuro, que fará surgir o novo e o desconhecido e nossas conclusões dão a resposta segura à interrogação inicial somente com, in extremis, nas obras universitárias, algumas novas interrogações.

As grandes obras o são apesar do acabamento e algumas são grandes porque incompletas: assim, a finalização dos Pensamentos de Pascal em discurso apologético teria empobrecido a própria obra. Que toda obra não dissimule a sua brecha, mas a assinale. É preciso, não relaxar a disciplina intelectual, mas inverter-lhe o sentido e consagrá-la à realização do inacabado.

Este texto terminará incompleto. Indicarei as lacunas de que tenho consciência, as questões em que permaneci nas preliminares, os domínios em que a minha informação me parece demasiadamente incerta. Indicarei o que o meu ver deve ser verificado, mais bem refletido, retomado.”

(O método 3. O conhecimento do conhecimento, Morin, 2005, pag. 38 a 39)

BIBLIOGRAFIA³⁴⁴

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ABREU, M. A. de. A apropriação do território no Brasil colonial. In : CASTRO, I. E. de. et al. (orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

ACOT, p. *Historia Del Clima, Desde el Big Bang a Las Catástrofes Climáticas*. Buenos Aires: El Ateneo, 2005.

AGERON et al. *Découvertes Européennes et nouvelle vision du monde (1492-1992)*. Paris: Publications de la Sorbonne, 1994.

ALLIX, A. *Manual de Geografía General, Física, Humana e Económica*. Madrid: Ediciones Rialp, S. A, 1960.

ALMEIDA, R.A. et al. *O Brasil dos Brazilianistas. Um guia dos estudos sobre o Brasil nos Estados Unidos, 1945-2000*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANDRADE, C. V. *El Descubrimiento y la Conquista de América en el Análisis de Miguel Antonio Caro*. In: GRAMMATICO, G. ARBEA, A. LEÓN, X.p. *Búsqueda, Aventura, y Descubrimiento*. Data não informada.

ANDRADE, M. C. *Caminhos e Descaminhos da Geografia*. Campinas: Papirus, 1993.

ARCHER, K. Regions as Social Organisms: The Lamarckian Characteristics of Vidal de la Blache's Regional Geography. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 83, No. 3 (Sep., 1993), pp. 498-514.

³⁴⁴ Aqui foram listadas as obras consultas bem como as obras citadas ao longo da tese.

ARISTÓTELES. *Meteorologica*. London: William Heinemann Ltd, 1952

AUDI, R. *Dicionário de Filosofia de Cambridge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

AUROSSEAU, M. Review: Ellsworth Huntington: His Life and Thought. by Geoffrey J. Martin; Arnold J. Toynbee. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 65, No. 1 (Mar., 1975), pp. 73-76

AVÉ-LALLEMANT, R. 1858, *Viagem pelo Paraná*. Curitiba: Fundação Cultural, 1995.

AZEVEDO, A. *O Cortiço*. São Paulo: Moderna, 1993.

AZEVEDO, A. Brasil. *A terra e o Homem. Volume II. A vida Humana*. São Paulo; Companhia Editora Nacional, Editora da Universidade de São Paulo, 1970.

BARNES, T. CURRY, M. Towards a contextualized approach to geographical knowledge. *Transactions of the institute of british geographers, new series*, v.8, n.4, p. 467-482, 1983.

BARRET, M. *The Politics of truth: from Marx to Foucault*. Stanford: Stanford University Press, 1992.

BARROW, L. Determinism and Environmentalism in socialist thought. In: JONES, G.S. e SAMUEL, R. *Culture, Ideology and Politics. Essays for Eric Hobsbawn*. London: Routledge & Kegan Paul, 1982.

BASTIDE, R. *Brasil Terra de Contrastes*. Rio de Janeiro, São Paulo: Difel, 1959.

BASSIN, M. Geographical determinism in fin-de-siècle Marxism: georgii Plekhanov and the environmental basis of russian history. *Annals of the association of American geographer*, v. 82, n.1, p. 3-22, março.1992.

BATES, M. Ecology and Evolution. In: Evolution after Darwin. Chicago: The University of Chicago Press, 1960.

BAUMER, F.V. *O Pensamento Europeu; Séculos XVII e XVIII*. Lisboa: edições 70, 1990. v.1.

BERG, p.L. Van den. Why Most Sociologists Don't (and won't) Think evolutionarily. *Sociological Forum*, v.5, n.2, p.173-185, junho, 1990.

BELUZZO, A. M. *O Brasil dos Viajantes*. São Paulo: Edição Meta livros, Fundação Odebrecht, 1994, 3 vol.

BENCHETRIR, M. Et al. *Geography Zonal Des Regions Chides*. Paris: FAC, 1971

BERDOULAY, V. E VARGAS, H.M. *Unida y diversidade Del pensamiento geográfico en eu mundo*. México: Institutur de Geografia, UNAM, 2003.

BESANCENOT, J.-p. Le climate et la santé. In: DUBREUIL, V.; MARCHAND, J.-p. (Org.) *Le climas, l'eau et les hommes* – Ouvrage en l'honneur de Jean Mounier. Rennes/France: Presses Universitaires de Rennes, 1997, p. 87-104.

BIMBER, B. Karl Marx and the Three Faces of Technological Determinism. *Social Studies of Science*, v.20, n.2, p.333-351, maio, 1990.

BISHOP, C.W. The Geographical Factor in the development of chinese civilization. . In: *Geographical Review*, Vol.12, n.1(jan.,1992), pp.19-41.

BITTENCOURT, A. Perfil do Homem da Amazônia. In: *Anais do X congresso brasileiro de Geografia, volume III*. Rio de Janeiro, 1944.

BLACKBURN, R. *Ideologia na Ciência Social*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.

BLAUT, J.M. *The Colonizer's Model of the World: Geographical Diffusionism and Eurocentric History*. New York: The Guilford Press, 1993.

_____. *Eight Eurocentric Historians*. New York & London: The Guilford Press, 2000.

_____. Environmentalism and eurocentrism. *Geographical review*, v. 89, n.3, p. 391-408, julho.1999.

BLADEN and KARAN. *The evolution of geographic thought in America, a Kentucky root*. Kendall Hall Pub, Co, 1983.

BLIJ, H.J. *Geography Regions & Concepts*. New York: John Wiley & Sons, Inc, 1971.

BOAS, F. *Anthropology and Modern Life*. New York: Dover Publications, Inc, 1986.

_____. *The mind of primitive man*. New York: The macmillan company, 1939

_____. *A formação da antropologia Americana, 1883-1911*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

BONFIM, Manoel. *O Brasil Nação: Realidade da soberania brasileira*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1996.

BORNHEIM, G.A. *Dialética, teoria e práxis*. Ensaio para uma crítica da fundamentação ontológica da dialética. Porto Alegre e Rio de Janeiro: Editora Globo, 1983.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BOTELHO, C.L. *Brasil, a Europa dos Trópicos: 500 anos Rumo à Civilização Trópico-equatorial*. Rio de Janeiro: Razão cultural, 2000.

BOWMAN, I. *South America. A Geography Reader*. Chicago and New York: Rand McNally & company, 1915.

_____. *The Pioneer Fringe*. American Geographical special publication n.13. Society Worcester: The Commonwealth Press, 1931.

_____. *Geography in Relation to the Social Sciences*. Boston: Charles Scribner's Sons, 1934.

BRADLEY, J.H. *World Geography*. New York: Ginn and Company,

BRIAN, G. *Metafísica: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2008.

BRIAULT, E. W. H., HUBBARD, J. H. *Advanced Geography*. London, New York, Toronto: Longmans, Green and Co, 1957.

BRIGNOLI, H.P; CARDOSO, C.F. *Os Métodos da História*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

BRIGHAM, A.p. *Geographic Influences in American History*. New York: The Chautauqua Press, 1903.

BRONSON, J.C. *Ellen Semple: contributions to the history of American geography*. Tese (doutorado). San Louis University, Missisipi, 1973.

BROOKS, C.E.p. *Climate in Everyday Life*. London: Ernest Benn Limited, 1950.

_____. *Climate Through the Ages*. New York: Dover Publications, 1960.

BRUCE. G. J. *Brazil and the Brazilians*. London: Methuen & Co.Ltd, 1915.

BRUNER, E. M. et al. *Panorama da Antropologia*. São Paulo, Rio de Janeiro, Lisboa: Editora Fundo de Cultura, 1966.

BRUNHES, J. *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962.

BRUSH, S.G. *The History of Modern Science. A Guide to the Second Scientific Revolution, 1800-1950*. Ames: Iowa State University Press, 1988.

BRYCE, J. *The Americam Commonwealth*. New York: The Macmillian Company, 1904.

BUCKLE, H.T. *Historia da Civilização na Inglaterra*. Volumes I, II,III, IV e V. São Paulo: Imprensa da Casa Eclectica, 1900.

BUONICORE, A. *Descobrendo o Povo Brasileiro*. In: Princípios, revista teórica, política e de informação, n.80. Disponível em: http://www.vermelho.org.br/museu/principios/anteriores.asp?edicao=80&cod_not=617

BURTON, A.C., EDHOLM, O.G. *Man in a Cold Environment*. London: Edward Arnold Ltd, 1955.

BURTT, E.A. *As Bases Metafísicas da Ciência Moderna*. Brasília: UNB, 1991.

BUSH Y.R; KIMBLE, G.H. *El Clima*. Buenos Aires: Editorial Lautaro S.R.L., 1948.

BUTTERFIELD, H, *As Origens da Ciência Moderna*. Lisboa: Edições 70 Lda.

BUTTIMER, A. Values in Geography. IN: *Resource paper no.24*. Washington: Association of American Geographers, 1974.

_____. *Geography and the Human Spirit*. Baltimore and London: Jonhs Hopkins University Press, 1993.

CAMPBELL, J.A. and LIVINGSTONE, D.N. Neolamarckism and the development of geography in the United States and Great Britain. *Transactions, Institute of British Geographers NS*. v.8, n.3, p. 267-294, 1983.

CARLSON, F.A. HUNTINGTON, C.C. *The Geographical Basis of Society*. New York: Prentice-hall, inc, 1940.

CARLSON, F.A. *Geography of Latin America*. New York: Prentice-hall, inc, 1944.

CARY, M. *The Geographic Background of Greek and Roman History*. Oxford: Clarendon Press, 1949.

CARVALHO, L.A.V. Ruídos entre “determinismo” e liberdade. *Ciência e saúde coletiva*. V.10, n.3, p.527-548, 2005.

CARVALHO, M.B. Geografia e Complexidade. In: DANTAS, A.A.S, GALENO, A. *Geografia, ciência do complexus*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

CARVALHO, M.S. *A Geografia Desconhecida*. Londrina: Eduel, 2006.

CASSIRER, E. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1994

CASTRO, J. *Geografia da Fome*. São Paulo: Gráfica Urupês S.A, 1961.

_____. *O Problema da Alimentação no Brasil. (Seu Estudo Fisiológico)* São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1939.

CHAPPELL JR, J.E. Harlan Barrows and environmentalism. *Annals of the association of american geographers*, v.61, n.1, p. 198-201, março, 1971.

_____. Social Darwinism, environmentalism, and ideology. *Annals of the association of american geographers*, v.83, n.1, p.160-163, março.1993.

_____. MATLEY, I. Marxism and environmentalism. *Annals of the association of american geographers*, v.57, n.1, p. 203-207, março. 1967.

CHAUÍ, M. *Introdução à História da Filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *O que é Ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1981

CHRISTOFOLETTI, A. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1985.

CHURCH, R.J.H, et al. *Geographical Essays on the British Tropical Lands*. London: George Philip & Son, Limited, 1956.

CLARK, A.H. Geographical change: a theme for economic history. *The journal of economic history*, v.20, n.4, p. 607-613, dezembro.1960.

CLARK, K. G. T. Certain Underpinnings of Our Arguments in Human Geograph. In: *Transactions and Papers (Institute of British Geographers)*, No. 16 (1950), pp. 15-22
Published by: Blackwell Publishing on behalf of The Royal Geographical Society
(with the Institute of British Geographers.

CLAVAL, p. *Géographie humaine et Économique Contemporaine*. Paris: Presses Unversitaire de France, 1984.

_____. *Histoire de la Geographie*. Paris. PUF, 1995.

CLOKE, p. et al. *Approaching Human Geography. An introduction to Contemporary Theoretical Debates*. New York: The Guilford Press, 1991.

COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. *Cours de philosophie positive*. Paris: Schleicher Frères, 1934.

_____. *Système de politique positive*. Paris: Société Positiviste, 1929.

_____. *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1989.

_____. *Sistema de Política Positiva*. Vol.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

_____. *Sistema de Política Positiva*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

CONCEIÇÃO, A.L. *Às Margens do Beberibe e do Capiberibe: A crítica de Tobias Barreto nos Meandros da Geografia*. Tese de Doutorado. 307 p. São Paulo, 2001. Curso de Pós-graduação em Geografia. FFLCH, USp.

CORRÊA, R.L. et al. *Explorações Geográficas, Percursos no Fim do Século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSGROVE, D. John Ruskin and the geographical imagination. *Geographical review*, sine locu, v.69, n.1, p.43-62, jan.1979.

CRACCO, G. *Búsqueda, Aventura y Descubrimiento en los Confines del Mundo Clássico*. In: GRAMMATICO, G; ARBEA, A; LEÓN, X.p. *Búsqueda, Aventura, y Descubrimiento*. [199-]

CRITCHFIELD, H.J. *General Climatology*. New Jersey: Prentice-hall, Inc, 1966.

CUNHA, L.C. VILLA NOVA, S. *Os Trópicos na Era da Globalização*. Recife: Editora Massangana, 1998.

CUNHA, L. C. VILA NOVA, S. *Trópico e Qualidade de Vida. Anais do Seminário de Tropicologia. Tomo 23*. Recife, Fundação Joaquim Nabuco, editora Massangana, 1999.

DARWIN, C. *A Origem das Espécies. Tomo 1*. São Paulo: escala.

DARWIN, C. *A Origem das Espécies. Tomo 2*. São Paulo: escala.

DARWIN, C. *A Origem das Espécies. Tomo 3*. São Paulo: escala.

DATHORNE, O.R. *Imagining the World. Mythical Belief Versus Reality in Global Encounters*. Westport, London: Bergin & Garvey, 1994.

DAVIES, G.R. A statistical study in the influence of environment. *Quarterly Journal*, Fargo, V.4:24. 1914.

DAVIS, D.H. *The Earth and Man. A Human Geography*. New York: The Macmillan Company, 1948.

DAVIS, W.M. *Geographical Essays*. Dover Publications, inc, 1954.

DEBRET, J.B. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Livraria Martins.

DE MARTONNE, E. *Panorama da Geografia, tomo III, Tratado de Geografia Física*. Lisboa: Edições Cosmos, 1954.

DEFFONTAINES, p., JEAN-BRUNHES DELAMARRE, M., JOURNAUX, D. *Géographie Générale, Encyclopedie de la Pléiade*. Gallimard, 1966.

DERRUAU, M. *Tratado de Geografía Humana*. Barcelona: Editorial Vicens-vives, 1969.

DESCARTES, R. *Règles Pour la direction de L'ísprit*. Paris: Vrin, 1988.

DETERMINISM. A Dictionary of Philosophical Terms and Names. In: Britannica onlyne enciclopedia. Disponível em: <http://www.philosophypages.com/dy/d5.htm#det>. Acesso em 10 de outubro de 2009.

DETERMINISM. Importance of philosophy dictionary. Disponível em: <http://www.importanceofphilosophy.com/Dictionary.html#D>, acessado em 10 de outubro de 2009.

DIAMOND, J. *Armas, Germes e Aço*. São Paulo: Editora Record, 2007.

_____. *Colapso: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. Rio de Janeiro: Record, 2009.

DIDEROT, D. *Histoire De L'idée de Nature*. Paris: Albin Michel, 1969.

DILL, D.B. *Life, Heat and Altitude, Physiological Effects of Hot Climates and Great Heights*. Cambridge: Harvard University Press, 1938.

D' INCAO, M.A. *História e Ideal. Ensaio Sobre Caio Prado Júnior*. São Paulo: Editora Brasiliense, Editora UNESP, 1989.

DOREN, C.V. *A History of Knowledge. Past, Present and Future*. New York: Ballantine Books, 1991.

DOSTOIEVSKI, F. *Memórias do Subsolo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

DRAENERT, F.M. *O Clima do Brasil*. Rio de Janeiro: Typ.-Lith. de Carlos Schmidt, 1896.

DUARTE, R.A. p. *Marx e a Natureza em O Capital*. São Paulo, Loyola, 1986.

DUARTE, R.H. Por um pensamento ambiental histórico: o caso do Brasil. *Luso-brazilian Review*, vol.1, n.2 , p.144-161, 2005

DUHOT, E. *Les Climats et L'organisme humain*. Paris: Presse Universitaire de France, 1945.

DURANT-DASTÈS, F. *Climatologia*. Barcelona: Ediciones Ariel, 1972.

EDDINGTON, A.S. *The Nature of the Physical World*. New York: The Macmillan Company, 1928.

EDWARDS, P; PAP, A. *A Modern Introduction to Philosophy. Readings from Classical and Contemporary Sources*. New York: The Free Press, a division of Macmillan Publishing Co.,Inc, 1973.

ELLIOT, J.H. *Empires of the Atlantic World. Britain and Spain in America 1492-1830*. New Haven and London: Yale University Press, 2006.

ELY, D. F Teoria e método da climatologia geográfica brasileira: uma abordagem sobre seus discursos e práticas. Tese de Doutorado. 208 p. Presidente Prudente, 2006. Unesp

ERIKSEN, T.H. *História da Antropologia*. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

ESCOLAR, M. *Crítica do Discurso Geográfico*. São Paulo: Hucitec, 1996.

ESTRABÃO. *Geografia, Libros I - II*. Madrid, Editorial Gredos, 1991.

_____. *Geografia, Libros III - IV*. Madrid, Editorial Gredos, 1992

FAGAN, B. M. *The Long Summer: how climate changed civilization*. New York: Basic Books, 2004.

FAIRCHILD, J.E. *Principles of Geography*. New York: Holt, Rinehart and Winston, Inc, 1964.

FARMER, G. *et al. Climate and History, Studies in Past Climates and Their Impact on Man*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

FAVIER, J. *Los Grandes Descubrimientos*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.

FEBVRE, L. *A Geographical Introduction to History*. London: Routledge & Kegan Paul Ltd, 1925.

_____. *Panorama da Geografia. Vol. III. La Tierra e la Evolution Humana. Introducción geográfica a la Historia*. Barcelona: Editorial Cervantes, 1925.

FOLEY, R. *Os Humanos antes da Humanidade. Uma Perspectiva Evolucionista*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

FOUCALT, M. *As Palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FRASER, J.G. O Escopo da Antropologia Social. IN: CASTRO, C. *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FREEMAN, K. *Ancilla to the pre-socratic philosophers*. Oxford: Oxford Press, 1948.

FREEMAN, T.W. *Geographers Biobibliographical Studies*. V.5 London: Mansell Publishing Limited.

_____. *A Hundred Years of Geography*. London: Gerald Duckworth & CO. LTD, 1961.

FREILICH, M. Ecology and culture: environmental determinism and the ecological approach in anthropology. *Anthropological quarterly*, v.40, n.1, p. 26-43, janeiro. 1967.

FRENKEL, S. Geography, empire, and environmental determinism. *Geographical review, sine locu*, v.82, n.2, p.143-153, abril.1992.

FREYRE, G. *Casa Grande & Senzala*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2000.

GAILE, G.L; WILLMOTT, C.J. *Geography in America at the dawn of the 21st century*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

GARAVAGLIA, J.C. Human beings and the environment in america: On 'Determinism' and 'possibilism'. *International social science journal*. v.44 n.4, p.569-577, 1992.

GEORGE, H. B. *The Relations of Geography and History*. Oxford: Clarendon Press, 1910.

GEORGE, p. *Panorama da Geografia, Volume IV. Demogeografia. Introdução ao estudo Geográfico da População do Mundo*. Lisboa: Edições Cosmos, 1955.

_____. *Problemas, Doutrina e Método*. In: *A Geografia Ativa*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

_____. *Geografia Econômica*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1961.

GIUCCI, G. *Viajantes do Maravilhoso: o Novo Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

GLACKEN, C.J. *Traces on the Rhodian Shore. Nature and Culture in Western thought from Ancient Times to the end of the Eighteenth Century*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1967.

GOBINEAU, J. A. *The Inequality of Human Races*.

GODLEWSKA, A., SMITH, N. *Criticam Histories of Geography. In: Geography and Empire*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

GOMES, H. *Reflexões Sobre Teoria e Crítica em Geografia*. Goiânia: CEGRAF/UFG, 1991.

GOMES, p.C.da C. Geografia Fin-de-siècle: o discurso sobre a ordem espacial do mundo e o fim das ilusões. In : CASTRO, I. E. de. et al. (orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

GOUROU, p. *The Tropical World: Its Social and Economic Conditions and Its Future Status*. Londres: Longmans, Green & Co Ltd, 1961.

GOROU, p., PAPY, L. *Compendio de Geografia General*. Madrid: Ediciones Rialp, S.A, 1977.

GREGORY, D. *Geographical Imaginations*. Oxford: Blackwell Publishers Ltd, 1994.

_____ et al. *Geografia Humana*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

GREGORY, K.J. *A Natureza da Geografia Física*. Rio De Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1992.

_____. *The Nature of Physical Geography*. London: Edward Arnold, 1985.

GRIFFITHS, J. F. *Climate and the environment – The atmospheric impact on man*. Londres: Elek Books Ltd., 1976.

GROSSMAN, L. Man-environment relationships in anthropology and geography. *Annals of the association of american geographers*, v.67, n.1, p. 126-144. março. 1977.

GUIMARÃES, M.L.S. *Nação e Civilização nos Trópicos; O instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e o Projeto de uma História Nacional*. Estudos Históricos, 1(1998).

GUYOT, A. *The Earth and Man. Lectures on comparative physical geography in its relation to the history of mankind*. New York: Charles Scribner's Sons, 1890.

HAENN, N. and WILK, R.R. *The Environment in Anthropology*. A reader in ecology, culture, and sustainable living. New York and London: New York University Press, 2005.

HARDIN, G. *Living within limits*. New York: Oxford University Press, 1996.

HARRIS, M. Monistic Determinism: Anti-Service. *Southwestern Journal of Anthropology*, v.25, n.2, p.198-206, verão, 1969.

HARTSHORNE, R. "Exceptionalism in Geography" Re-Examined. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 45, No. 3 (Sep., 1955), pp. 205-244.

_____. *Propósitos e Natureza da Geografia*. São Paulo: Hucitec, 1978.

HARTT, C. F. *Geologia e Geografia Física do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1941.

HASSINGER, H. *Fundamentos Geográficos de la Historia*. Barcelona: Ediciones Omega, S. A., 1958.

HEIDER, K.G. Environment, subsistence, and society. *Annual review of anthropology*, v.1, p. 207-226, 1972.

HERBST, J. Social darwinism and the history of american geography. *Proceedings of the american philosophical society*, v.105, n.6, p.538-544, dezembro, 1961.

HERRICK, J. Biological Determinism and Human Freedom. *International Journal of Ethics*, v.37, n.1, p.36-52, outubro, 1926.

HESSLOW, G. Causality and determinism. *Philosophy of science*, Chicago, v.48, v.4, p.591-605, dezembro, 1981.

HIPPOCRATES, *Airs Waters Places, Epidemics I and III*. Cambridge, Massachusetts; Harvard University Press, 1984.

HOBSBAWN, E.J. *A Era dos Impérios. 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

HOISEL, B. *Anais de um simpósio imaginário*. Comunicação 3 - A treliça dimensional de suporte à totalidade. São Paulo: Palas Atenas, 1999.

HOLANDA, S. B. de. (orgs.). *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Difel, 1960. tomo 1, vol. 2.

HOLANDA, S. B. de. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1963.

HOLANDA, S. B. de. *Visão do paraíso*. São Paulo: Brasiliense, Publifolha, 2000.

HOLZER, W. *Um estudo fenomenológico da paisagem e do lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI*. São Paulo, 1998. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade e Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

HOLZER, W. *Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico*. In: ROSENDAHL, Zeny; CORREA, Roberto Lobato (orgs.). *Manifestações da cultura do espaço*. Rio de Janeiro: Eduerj, 1999. p. 149-168.

HORN, G.B. *Discutindo textos filosóficos: conhecimento, ética, política e educação*. Curitiba: editora e livraria do Chain, 2008.

HUMBOLDT, A.V. *Quadros da Natureza*, 1º Volume. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc, ???

_____. *Quadros da Natureza*, 2º Volume. Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre: W.M. Jackson Inc, ???

HUNTER, J.M. Commentary on “the Social Origins of Environmental Determinism”. *Annals of the Association of American Geographers*, v.76, n.2, p.277-281, junho, 1986.

HUNTINGTON, E. *Mainsprings of Civilization*. New York: John Wiley and Sons, 1945

_____. *Fuentes de la Civilizacion*. México: Fondo de Cultura Econômica, 1949

_____. *Civilization and Climate*. New Haven: Yale University Press, 1939.

_____. *Principles of Human Geography*. New York: John Wiley, 1940.

_____. *The Character of Races*. New York, London: Charles Scribner's Sons, 1927.

JAMES, p. *An outline of geography*. Boston: Ginn and company, 1935.

JAMES, p.E. Review: Ellsworth Huntington: His Life and Thought by Geoffrey J. Martin *Geographical Review*, Vol. 64, No. 4 (Oct., 1974), pp. 587-588

JARDIM, I.C.JR. *A neve em palmas/PR: da reconstituição histórica à abordagem dinâmica*. Dissertação (mestrado). 283 p. Rio Claro, Unesp, 2004

JARDIM, I.C.Jr. Alguns apontamentos acerca do determinismo ambiental na história do pensamento geográfico. Curitiba: *Anais do VIII Encontro Nacional da Anpege*, 2009.

JAY, p. Kenneth Burke and the Motives of Rhetoric. *American Literary History*, Vol. 1, No. 3 (Autumn, 1989), pp. 535-553.

JOHNSTON, R.J. *The future of Geography*. London & New York: Methuen, 1985.

_____. *Geografia e Geógrafos*. São Paulo: Difel, 1986.

_____. *El Estudio Internacional de la Historia de la Geografía. In: La Geografía Actual: Geógrafos y Tendências.* Barcelona: Editorial Ariel, S.A, 1986.

JONES, E. Cause and effect in human geography. *Annals of the association of american geographers, sin locu*, v.47, n.11, p.369-377, dec.1956.

JORDAN, J.N. Determinism's Dilemma. *The Review of Metaphysics*, v.23, n.1, p.48-66, setembro, 1969.

JUDKINS, G. et al. Determinism within human–environment research and the rediscovery of environmental causation. In: *Geographical Journal*, Volume 174, Issue 1, Pages 17 – 29, fev. 2008.

KAY, J. Human Dominion Over Nature in the Hebrew Bible. *Annals of the Association of American Geographers*. V.79, n.2, p.214-232, junho, 1989.

KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultural Ltda, 1999.

KEHL, M.R. *Sobre ética e psicanálise*. São Paulo: companhia das letras, 2002.

KELLMAN, M. TACKABERRY, R. *Tropical Environments*, The Functioning and Management of tropical Ecosystems. London and New York: Routledge, 1997.

KENDREW, W.G. *The Climate of the Continents*. London: Oxford university press, 1961.

KIDDER, D. p. *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972

KIMBLE, G. H. T. *Geography in the Middle Ages*. London: Methuen & Co. Ltd. 1938.

KLEE, R.L. Micro-determinism and Concepts of Emergence. *Philosophy of Science*, v.51, n.1, p.44-63, março, 1984.

KOELSCH, W. The historical geography of Harlan H. Barrows. *Annals of the association of american geographers*, v.59, n.4, p. 632-651, dezembro. 1969.

KÖEPPEN, W. *Climatologia, Con un Estudio de los Climats de la Tierra*. Mexico, Buenos Aires: Fondo de Cultura economica, 1948.

KOSERITZ, C. *Imagens do Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972

KRIESEL, K.M. *Annals of the association of american geographers*, v.58, n.3, p. 557-574, setembro. 1968.

KRISTOF, L.K.D. Reviewed work(s): The Ecological Perspective on Human Affairs, with Special Reference to International Politics by Harold Sprout; Margaret Sprout. *Geographical Review*, Vol. 57, No. 2 (Apr., 1967), pp. 275-276.

KUHN, T. *Estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LA BLACHE. *Princípios de Geografia Humana*. Lisboa: Cosmos, 1946.

LACAZ, C. S. et al. *Introdução à Geografia médica do Brasil*. São Paulo: Edgar Blücher/Editora da Universidade de São Paulo, 1972.

LACOSTE, Y. *Perspectiva da Geografia Ativa em País Subdesenvolvido. In: Geografia Ativa.* São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1966.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da filosofia.* São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LANDES, D.S. *A Riqueza e a pobreza das nações.* Rio de Janeiro: Campus, 1998.

LAMB, H.H. *Climate, History and the Modern World.* London and New York: Methuen & Co. Ltd, 1982.

LAURITO, D. MARTINS, N.S. *Terra do Brasil.* São Paulo: Mario M. Ponzini & Cia, 1942.

LECLERC, M. *Cartas do Brasil.* São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1942.

LEE, D.H.K. *Clima e Desenvolvimento Econômico nos Trópicos.* Rio de Janeiro: Edições O Cruzeiro, 1957

LEIGHLY, J. Review: environmental determinism in the early eighteenth century. *Geographical review*, v.28, n.3, p. 525-526, julho. 1938.

LEITE, D. M. *O Caráter Nacional Brasileiro: História de uma ideologia.* São Paulo: Liraria Pioneira Editôra, 1969.

LEITE, Miriam Moreira. *Livros de viagem (1803-1900).* Editora UFRJ, 1997.

LEITE, S. *Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil.* Comissão do IV centenário da cidade de São Paulo, 1956.

LENOBLE, Robert **História da idéia de natureza**. Lisboa: Edições 70, 1969.

LÉRY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. São Paulo: Martins, Ed. da Universidade de São Paulo, 1972.

LÉVI-STRAUSS, C. *Olhar, Ler, Escutar*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Raça e História*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1952.

LEWTHWAITE, G.. Environmentalism and determinism: a search for clarification. *Annals of the association of american geographers*. V. 56, n.1, p.1-23, março.1966.

_____. The history of geography: review. *The Geographical Journal*, V.136, n.2, p.253-255, junho.1970.

LEWIS, C.W. Burke's Act in A Rhetoric of Motives. *College English*, Vol. 46, No. 4 (Apr., 1984), pp. 368-376

LINS, I. *História do Positivismo no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964.

LINDEN, E. *The Winds of Change: Climate, Weather and the Destruction of Civilization*. London: Simon & Schuster Paperbacks, 2007.

LINTON, R. *O Homem: uma Introdução à Antropologia*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LISBOA, K. M. *A nova Atlântida ou o gabinete naturalista dos doutores Spix e Martius: natureza e civilização na Viagem pelo Brasil (1817-1820)*. São Paulo, 1995.

Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

LITTLE, p.E. Environments and Environmentalisms in Anthropological Research: Facing a New Millennium. *Annual Review of Anthropology*, v. 28, p.253-284, 1999.

LIVINGSTONE, D. N. *Climate's Moral Economy: Science, Race and Place in Post-Darwinian British and American Geography*. In: GODLEWSKA, A. and SMITH, N. *Geography and Empire*. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____, D. N. *Putting Science in its Place. Geographies of Scientific Knowledge*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003.

_____. *The Geographical Tradition. Episodes in the History of a Contested Enterprise*. Oxford: Blackwell Publishers Inc, 1992.

_____. *Geography and Enlightenment*. Chicago: The University of Chicago Press, 1999.

LOPES, R. *Antropogeografia*. Rio de Janeiro: publicações do museu nacional, 1956.

LOWENTAL, D. Geography, experience, and imagination: towards a geographical epistemology. *Annals of the association of american geographers*, v.51, n.3, p.241-260, setembro.1961.

LOZANO, J et al. *Análise do Discurso. Por uma semiótica da interação textual*. São Paulo: Littera Mundi, 2002.

MACKINDER, H.J. The Geographical Pivot of History. *The Geographical Journal*, Vol. 23, No. 4 (Apr., 1904), pp. 421-437.

MANLEY, G. The revival of climatic determinism. *Geographical review, Sin locu*. Vol.48, No.1, p.98-105, jan.1958.

MANNHEIM, K. *Ideologia e Utopia*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1986.

MARCHANT, E.A. Naturalism, arce, and nationalism in Aluísio Azevedo's *O Mulato*. *Hispania, sine locu*, v.83, n.3, p.445-453. setembro. 2000.

MARKHAM, S.F. *Climate and the energy of nations*. New York: Oxford university press, 1944.

MARTIN, A.F.: The necessity for determinism. *Transactions, Institute of british geographers*. n.17, p.1-12. 1955

MARTIN, G. J. *Ellsworth Huntington; his life and thought*. Hamden, Connecticut: Archon Books, 1973.

_____. "Civilization and Climate" Revisited. *Geography and Map Division*, v.96, p.10-17, 1974

_____. On American And German Geography Circa 1850-1940. In: Proceedings of the 1988 annual meeting at Dartmouth Colledge, Hanover, New Hampshire, September 1989.

MARTINS, L. de L. *Paisagens brasileiras, olhos britânicos: o Rio de Janeiro dos viajantes, 1800-1850*. Rio de Janeiro, 1998. 270 p. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

MARTINS, J.p.O. *As Raças Humanas e a Civilização Primitiva*. Tomo I. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira – Livraria Editora, 1905.

MARSHALL, A. Griffith Taylor. *Geographical review*, v.54, n.3, p. 427-429, julho. 1964.

MARSHALL, p.J. , WILLIAMS, G. *The Great Map of Mankind, Perceptions of New World in the age of Enlightenment*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

MASSUN, I. *Las Ideologías el Siglo XXI*. Buenos Aires: Métodos, 2004.

MATLEY, I. The marxist approach to the geographical environment. In: *Annals of the association of american geographers, sine locu*, v.56, p.97-111, março.1966

MATTHEW, W.D. *Climate and Evolution*. New York: Academy of Sciences, 1939.

MAYO, B. The Incoherence of Determinism. . *Philosophy*, Vol. 44, No. 168 (Apr., 1969), pp. 89-100.

MCNEILL, J.R. The world according to Jared Diamond. *The history teacher*, v.34, n.2, p. 165-174, fevereiro. 2001.

MEGAW, J.W.D. ROGERS, L. *Tropical Medicine*. London: J. & A. Churchill Ltd, 1942.

MELLO, A. S. *A Superioridade do Homem Tropical*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1965.

MENDONÇA, F. A. *Clima e Criminalidade: ensaio analítico da correlação entre a temperatura do ar e a incidência da criminalidade urbana*. Curitiba: editora da UFPR, 2001.

MENEZES, A.V.C. e Pinto, J.E.S.de.S. *Linhas Geográficas*. Aracaju: Programa Editorial, 2001.

MERLEAU-PONTY, M. *A Natureza*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MERTON, R. *Sociologia: Teoria e Estrutura*. São Paulo: Ed.Mestre Jou, 1970.

MESGRAVIS, L. *O viajante e a cidade: a vida no Rio de Janeiro através dos viajantes estrangeiros da primeira metade do século XIX*. São Paulo, 1987. Tese (Livre docência em História) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

MICELI, S. *O Que Ler na Ciência Social Brasileira. (1979-1995)* São Paulo; Editora Sumaré, Brasília: Capes, 1999.

MILLER, S.W. *An Environmental History of Latin America*. New York: Cambridge University Press, 2007.

MILLS, C.W. *A imaginação Sociológica*. Rôo de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

MILTON, K. *Environmentalism and Cultural Theory. Exploring the Role of Anthropology in environment discourse*. London and New York: Routledge, 1996.

MIRANDA, M.C.T. *Ciência para os trópicos. Anais do I Congresso Brasileiro de Tropicologia*. Recife: Editora Massangana, 1987.

MONBEIG, p. *Novos Estudos de Geografia Humana Brasileira*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1957.

_____. *O Brasil*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1958.

MONTEFIORI, A.C. WILLIAMS, W.C. Determinism and Possibilism. *Geographical studies*. V.2, p.1-11, 1955.

MONTEIRO, C. A. F. *Clima e excepcionalismo – conjecturas sobre o desempenho da atmosfera como fenômeno geográfico*. Florianópolis: UFSC, 1991.

MONTESQUIEU. *O Espírito das Leis*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

_____. *The Spirit of Laws*. New York: Hafner Publishing Company, 1949.

MORAES, A. C. R. *Ideologias Geográficas. espaço, cultura e política no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A Gênese da Geografia Moderna*. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. *Geografia: pequena história crítica*. São Paulo: Hucitec, 1983.

MORA, J.F. *Dicionário de Filosofia*. Tomo I. São Paulo: Loyola, 2004.

MORAN, E.F. *Adaptabilidade Humana. Uma introdução à antropologia ecológica*. São Paulo: Edusp, 1982.

MOREIRA, R. *O que é Geografia*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

_____. *Pensar e Ser em Geografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. *Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *O Pensamento geográfico brasileiro. Vol. 1: as matrizes clássicas originárias*. São Paulo: contexto, 2009.

_____. *O Pensamento geográfico brasileiro. Vol. 1: as matrizes da renovação*. São Paulo: contexto, 2009.

MORGAN, L.H. A sociedade antiga. IN: CASTRO, C. *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MORIN, E. *O Método 1, A Natureza da Natureza*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *O método 3, O conhecimento do Conhecimento*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

_____. *O método 4, As Idéias: Habitat, Vida, Costumes, Organização*.

_____. *O Método 5, A Humanidade da Humanidade: a Identidade Humana*. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSER, G. *Les stress urbains*. Paris: Armand Colin, 1992.

MOTA, C. G. Teses para o (re)descobrimento do Brasil. *Revista Rumos: Os caminhos do Brasil em Debate*, São Paulo, n. 1, p. 28-35, dez. 1998 – jan. 1999.

MOTA, L.D. *Introdução ao Brasil. Um Banquete no Trópico*. São Paulo: Editora Senac, 2002.

MOURA, J.T. Do Homem Americano. In: *Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Tomo 100 – vol. 154.(2º de 1926). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1928.

MURPHY, R. Sociology as if nature did not matter: an ecological critique. *The british journal of sociology*, v.46, n.4, p. 688-707, dezembro.1995.

NAGEL, E. Determinism in History. *Philosophy and Phenomenological Research*, v.20, n.3, p.291-317, março, 1960.

NASCIMENTO, M. G. S. *Voltaire e o Materialismo do Século XVIII*. São Paulo, 1983. Dissertação (Mestrado). Departamento de Filosofia. FFLCH, USp.

NASH, R. *A Conquista do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1926.

NEARY, R.K. Reviewed work(s): The Ecological Perspective on Human Affairs with Special Reference to International Politics by Margaret Sprout; Harold Sprout. *The Western Political Quarterly*, Vol. 19, No. 3 (Sep., 1966), pp. 571-572.

NIEUWOLT, S. *Tropical Climatology, An Introduction to the Climates of the Low Latitudes*. Chichester, New York, Brisbane, toronto: John Wiley & Sons, 1977.

NIMER, E. *Climatologia do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

NORGAARD, R.B. *Development Betrayed, the end of progress and a coevolutionary revisioning of the future*. London & New York: Routledge, 1994.

NOVAIS, F. A. *História da Vida Privada no Brasil 1. Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *História da Vida Privada no Brasil 2. Império: a Corte e a Modernidade Nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *História da Vida Privada no Brasil 3. República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

OLIVEIRA, L. L. Interpretações sobre o Brasil. In: MICELI, S. *O Que Ler na Ciência Social Brasileira*. São Paulo: ED. Sumaré, 1999.

ORBIGNY, Alcide d'. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

ORGANSKI, A.F.K. Reviewed work(s): The Ecological Perspective in Human Affairs: With Special Reference to International Politics. by Harold Sprout; Margaret Sprout. *The Journal of Politics*, Vol. 29, No. 1 (Feb., 1967), pp. 199-201.

O'RIORDAN, T. Environmental Management. In: *BOARD Et al. Progress in Geography*. London: Edward Arnold.

PAZ, F. M. *Na poética da história a realização da utopia nacional oitocentista*. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

PEARCE, J.G. *Race, Place and Medicine. The idea of the Tropics in Nineteenth-Century Brazilian Medicine*. Durham and London: Duke University Press, 1999.

PEET, R. Societal contradiction and marxist geography. *Annals of the association of American geographers*, special issue: seventy-five years of American geography. V.69, n.1, p. 164-169, março. 1979.

_____. The social origins of environmental determinism. *Annals of the Association of American Geographers* v. 75, n.3, p.309-33, 1985.

_____. On “Geographical determinism in fin-de-siècle Marxism: georgii Plekhanov and the environmental basis of russian history” by Bassin. *Annals of the association of American geographers*, v.83, n.1, p.156-160, março.1993.

PEIXOTO, A. *Clima e saúde – Introdução biogeográfica à civilização brasileira*. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1938.

_____. *História do Brasil*. Porto, Lisboa: Livraria Lello & Irmão, 1940

PEREIRA, C. El “determinismo” Histórico. *Revista Mexicana de Sociología*, v.39, n.4, p.1309-1322, outubro – novembro, 1977.

PIERSO, D. *Estudos de Ecologia Humana. Tomo I de Leituras de Sociologia e Antropologia Social*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A, 1948.

PIÉRY, M. *Traité de Climatologie Biologique et Médicale*. Paris: Masson et Cie, 1934.

PLATT, R.S. Environmentalism Versus Geography. *The American Journal of Sociology*, Vol. 53, No. 5 (Mar., 1948), pp. 351-358

_____. Determinism in Geography. In: *Annals of the association of american geographers*, vol.38, no.2, p. 126-132, jun.1948.

POHL, J. E. *Viagem no interior do Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1951.

POPPER, K. *Conjectures and Refutations*. London: Routledge and Keagan Paul, 1963

POPPER, K.R; ECCLES, J.C. *The self and its brain*. New York: Springer-verlag, 1977.

POSTER, M. *Critical theory and post-structuralism: in search of a context*. Ithaca: Cornell University Press, 1989.

POTTER, D.M. *People of plenty. Economic abundance and american character*. Chicago & London: The university of Chicago press, 1954.

PRADO JR, C. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense; Publifolha, 2000.

PRADO, p. *Retrato do Brasil. Ensaio Sobre a Tristeza do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PRINCE, H.C. Real, Imagined and Abstract worlds of the past. In: BOARD Et al. *Progress in Geography*. London: Edward Arnold.

QUAINI, M. *Marxismo e Geografia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

RACHE, p. *O Problema Social-Econômico do Brasil: Estudo dos elementos e métodos aplicáveis ao caso brasileiro*. São Paulo: Livraria José Olympio, 1946.

RAEDERS, G. *O Inimigo Cordial do Brasil. O Conde de Gobineau no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

RAMALHO, V; RESENDE, V.M. *Análise de Discurso Crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

RATZEL. *Geografia dell’Uommo*. Torino: Fratelli Bocca, 1914.

REUTER, E.B. *Race and Culture Contacts*. New York and London: Mcgraw-hill Book Company, Inc, 1934.

REYNOLDS, C.G. Review: Ellsworth Huntington: His Life and Thought by Geoffrey J. Martin. *The American Historical Review*, Vol. 79, No. 5 (Dec., 1974), pp. 1644-1645.

RIBEIRO, D. *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Teoria do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

_____. *O Processo Civilizatório. Estudos da Antropologia da Civilização*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1981.

_____. *As Américas e a Civilização. Estudos de Antropologia da Civilização. Processo de Formação e Causas do Desenvolvimento Desigual dos Povos Americanos*. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1979.

RICHARDSON, B. Detrimental determinists: applied environmentalism as bureaucratic self-interest in the fin-de-siecle british caribbean. *Annals of the association of american geographers*, sine locu, v.86, n.2, p.213-234, junho.1996.

RIQUE, L. *Do Senso Comum á Geografia Científica*. São Paulo: Contexto, 2004.

ROUSSEAU, J. *Discurso Sobre a Origem e os Fundamentos das Desigualdades dos Homens*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. *Ensaio Sobre a Origem das Línguas*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

_____. *Do Contrato Social*. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda, 2005.

RUGENDAS, J.M. *Viagem Pitoresca Através do Brasil*. São Paulo: Martins, 1954.

RUGGINI, L.C. Los Romanos Fuera de su “Universo”: Aventuras Geográficas y del Espíritu. In: GRAMMATICO, G. ARBEA, A. LEÓN, X.p. Búsqueda, Aventura, y Descubrimiento. 19??.

RUSSEL, B. *História do Pensamento Ocidental*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

SAINT-HILAIRE. *Viagem a Curitiba e Província de Santa Catarina*. São Paulo: Ed. Itatiaia; Ed. da Universidade de São Paulo, 1978.

SANTOS, B.V. Geografia Física: o conceito e o conteúdo. Monografia (Graduação). FFLCH. Departamento de Geografia. Universidade de São Paulo, USP, 2006.

SANTOS, G.A. *A Idéia de Natureza em Rousseau: Introdução a um debate*. Dissertação de Mestrado, Programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1998.

SARTORI. M.G.B. *Clima e Percepção*. São Paulo, 2000. Tese (doutorado em Geografia). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, FFLCH. Universidade São Paulo, USp.

SCANTIMBUGO, J. de. *Tratado Geral do Brasil*: estudo de problemas brasileiros (moral e cívica) para uso nos cursos superiores, de acôrdo com o programa oficial. São Paulo: Cia. Editora Nacional; Ed. da Universidade de São Paulo, 1971.

SCHAEFER, F.K. Exceptionalism in Geography: A Methodological Examination
Annals of the Association of American Geographers, Vol. 43, No. 3 (Sep., 1953), pp.
 226-249.

SCHWALBACH, L. *As Sociedades Humanas e o Ambiente Geográfico*. Lisboa:
 Livraria Bertrand. Data não informada.

SEMPLE, E. C. *Influences of Geographic Environment on the Basis of Ratzel's System
 of Anthro-Geography*. New York: Henry Holt and Company, 1911.

_____. *The Geography of the Mediterranean Region: its Relation to Ancient
 History*. New York: Henry Holt and Company, 1931.

_____. *American History and its Conditions*. Cambridge: The Riverside
 Press, 1933.

SERRA, A. *Os climas do passado*. In: *Revista Brasileira de Geografia*, outubro-
 dezembro, 1954, p.40-51

SERRES, M. *La philosophie et le climat*. In: *Colloque de Lassay*: "Pollution,
 atmosphere, ozone, effet de serre, deforestation...". Paris: Larousse, 1989, p. 50-61.

_____. *O Contrato Natural*. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SEWELL, W.R.D, KATES, R.W. PHILLIPS, L.E. Human response to weather and
 climate. geographical contributions. *Geographical Review*, *sin locu*. v.58, No.2, p.262-
 280, abril.1968.

SHAH, G.M. *Central Asia. Habitat, Society and Economy*. Delhi: Academic Excellence, 2007.

SHALER, N.S. *Nature And Man in America*. New York: Charles Scribner's sons, 1985.

SHUTE, C. The Dilemma of Determinism After Seventy-Five Years. *Mind, New Series*, Vol. 70, No. 279 (Jul., 1961), pp. 331-350.

SILVA, L.O. Fronteira e identidade nacional. In: *Anais do congresso brasileiro de história econômica*. Caxambu – MG, 2003.

SILVA, L.R. *Do Senso-Comum à Geografia Científica*. São Paulo: Contexto, 2004.

SILVA, M. W. da. *Visiones urbanas en los relatos de viaje: el viaje del naturalista Henry Walter Bates a la Amazonia en el siglo XIX*. Barcelona, Espanha, 1995. 44 f. Monografia (Especialização em “Urbanismo, Ciudad, Historia”). Escuela Técnica Superior de Arquitectura del Vallès, Universidad Politécnica de Cataluña.

SIMONSEM, R.C. *História Econômica do Brasil(1500/1820)*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1978.

SMITH, A. *A Riqueza das Nações*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

SMITH, J.M. Geographical Rhetoric: Modes and Tropes of Appeal. In: *Annals of the association of American Geographers*, 86(1), 1996, pp.1-20. Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

SNYDER, A.A. The Paradox of Determinism The Paradox of Determinism American. *Philosophical Quarterly*, Vol. 9, No. 4 (Oct., 1972), pp. 353-356.

SODRÉ, N. W. *Formação Histórica do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 13ª ed, 1990.

SORRE, M. *El Hombre en la Tierra*. Barcelona: Editorial Labor, S.A. 1967.

_____. *A adaptação ao meio climático e biossocial – Geografia psicológica*. In: MEGALE, J. F (Org). Max Sorre. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, 46).

SOUSA, G. S. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo, Recife, Rio de Janeiro, Porto Alegre: Companhia Editora Nacional, 1938.

SOUZA, M.L. A Expulsão do Paraíso. O “Paradigma da Complexidade” e o Desenvolvimento Sócio-espacial. In : CASTRO, I. E. de. et al. (orgs.). *Explorações Geográficas: percursos no fim do século*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

SOUZA, V. S. de. *Gosto, sensibilidade e objetividade na representação da paisagem urbana nos álbuns ilustrados pelos viajantes europeus*: Buenos Aires, Rio de Janeiro e México, 1820-1852. São Paulo, 1995. 2 v. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia Ciências e Letras, Universidade de São Paulo.

SPATE, O.H.K. Toynbee and Huntington: A study in determinism. In: *The Geographical Journal*, Vol.118, n.4, pp.406-424. dezembro, 1954.

_____. Quantity and quality in Geography. *Annals, association of American geographers*, v.50, 1960.

_____. 1968: Ellsworth Huntington. In D.L., Sills, ed., *International Encyclopaedia of the social sciences*. New York: Macmillian and free press, vol.7, 26-7.

_____. “determinismo” Geográfico. In: *Enciclopedia Internacional de las Ciencias Sociales*. V.3. Madri: Aguilar sa ediciones, 1974.

_____. Review: Ellsworth Huntington: A Geographical Giant: Review [The Geographical Journal](#), V. 140, N. 1, pp. 117-119, Feb, 1974.

SPETH, W. The Anthropogeographic theory of Franz Boas. *Anthropos*, v.73, 1978.

_____. *How It Came To Be. Carl O. Sauer, Franz Boas and the Meanings of Anthropogeography*. Ellensburg, Washington: Ephemera Press, 1999.

SPINELLI, M. *Questões Fundamentais da Filosofia Grega*. São Paulo: Loyola, 2006.

SPOSITO, E.S. *Geografia e Filosofia, Contribuição para o Ensino do Pensamento Geográfico*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

SPROUT, H and M. *Man-milieu relationship hypotheses in the context of international politics*. Princeton: center of international studies, Princeton University, 1950.

_____. Environmental Factors in the Study of International Politics. *The Journal of Conflict Resolution*, Vol. 1, No. 4 (Dec., 1957), pp. 309-328.

_____. *The Ecological Perspective on Human Affairs with Special Reference to International Politics*. Princeton: Princeton University Press, 1965.

STADEN, H. *Duas Viagens ao Brasil*. São Paulo: Ed. USP, 1974.

STAM, R. *Tropical Multiculturalism. A Comparative History of Race in Brazilian cinema and Culture*. Durham and London: Duke University Press, 1997.

STAMP, L.D. ET AL. Toynbee and Huntington: A Study in determinism: discussion. *The Geographical Journal*, v.118, n.4, p.424-428, dezembro. 1952.

STARK, W. *Montesquieu: Pioneer of the sociology of Knowledge*. London: Routledge and Kegan Paul Limited, 1960.

STODDART, D.R. Darwin's impact on geography. *Annals of the association of american geographers*, v.56, n.4, p. 683-698, dezembro.1966.

_____. *On Geography and its history*. Oxford: Basil Blackwell Ltd, 1986.

STORIG, H.J. *História Geral da Filosofia*. Petrópolis: Vozes, 2008.

STRAUSZ-HUPÉ, R. Reviewed work(s): The Ecological Perspective on Human Affairs: With Special Reference to International Politics by Harold Sprout; Margaret Sprout. *Annals of the American Academy of Political and Social Science*, Vol. 369, World Population (Jan., 1967), pp. 170-172.

SÜSSEKIND, F. *O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SUZUKI, J.C. Possibilismo e Determinismo em Paul Vidal de La Blache. In: *Anais do Encontro Nacional de Geógrafos, XI*, 1998, Vitória da Conquista, Universidade do Sudoeste da Bahia – UESB. São Paulo: AGB, 1998, 154-155.

TATHAM, G. Environmentalism and Possibilism. IN: TAYLOR, G. *Geography in the twentieth century: a study of growth, fields, techniques, aims and trends*. London, Methuen,

TAYLOR, G. *Geography in the twentieth century: a study of growth, fields, techniques, aims and trends*. London, Methuen,

_____. *Environment, Race and Migration*. Toronto: The University of Toronto Press, 1949.

TELLA, T.S.di. El Problema del “determinismo” en el estudio del Cambio Social. *Desarrollo econômico*, v.1, n.2, p.129-132, julho-setembro, 1961.

THOMAS F. *The Environmental Basis of Society*. New York and Londons: The Century CO, 1925.

THOMSON, R.D . *Applied climatology, principles and practice*. London: Routledge, 1997.

THOMSON, J.O. *History of Ancient Geography*. Cambridge: University Press, 1948.

TYLOR E.B. A Ciência da Cultura. IN: CASTRO, C. *Evolucionismo Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

TITO LUCRÈCIO CARO. *Da Natureza*. Rio de Janeiro: Editôra Globo, 1962.

TOBEY, R. Review: Ellsworth Huntington. His Life and Thought by Geoffrey J. Martin. *Isis*, Vol. 66, No. 3 (Sep., 1975), pp. 434-435

TODOROV, T. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

TORRES, G. Trópico e Desenvolvimento. In: *Seminário de Tropicologia*, 1966, Recife. Anais. Universidade Federal de Pernambuco, 1969.v.2, p 366-382.

TOYNBEE, A. J. *A Study of History, Volume I and II*. London: Oxford University Press, 1935.

TROPMAIR, H. *Biogeografia e Meio Ambiente*. Rio Claro: Graff-set, 1989.

TUCKER, M.E. and GRIM, J.A. *WorldViews and Ecology. Religion, philosophy and environment*. New York: Maryknoll, 1994.

TURNER, F.J. BLOCK, R. H. Frederick Jackson Turner and American Geography. *Annals of the association of american geographers*, v.70, n.1, p.31-42, março, 1980.

_____. Geographical interpretations of American History. *The Journal of Geography*, IV (January, 1905), 34.

TURNER, L.M. On First Reading Burke's "A Rhetoric of Motives". *College Composition and Communication*, Vol. 24, No. 1 (Feb., 1973), pp. 22-30.

VAINFAS, R. *Trópico dos Pecados. Moral, Sexualidade e Inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VALLE, C.p. *Risonho Lindos Campos. Natureza Tropical, Imagem Nacional e Identidade Brasileira*. Rio de Janeiro, Cid Prado Valle, 2005.

VARNHAGEN, F.A. *História do Brasil. Tomo quinto*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1959. p.258.

_____. *História do Brasil. Tomo I e II*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.1981.

VARENIO, B. *Geografia General*. Em *La que se explican las propiedades generales de la tierra*. Barcelona: Ediciones de la Universidad de Barcelona. 1974.

VITTE, A.C. *Contribuições à história e à epistemologia da Geografia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

VOLTAIRE. *Climat*, in: *Obvre complete de Voltaire*. Paris: Garnier Frere, 1877, vol.28, p.115.

WAGNER, p.L. *Readings in Cultural Geography*. Chicago and London: the university of chicago press, 1962.

WALLIS, W.D. *Geographical Environment and Culture*. *Social Forces*, Vol. 4, No. 4 (Jun., 1926), pp. 702-708.

_____. *Environmentalism*. In: *Encyclopeadia of the Social Sciences*. V.5. New York: The Macmillan Company, 1931.

WANKLIN, H. *Friedrich Ratzel: a biographical memoir and bibliography*. London: Cambridge University Press, 1961.

WASWO, R. *Motives of Misreading*. *Journal of the History of Ideas*, Vol. 50, No. 2 (Apr. - Jun., 1989), pp. 324-332.

WARD, R.D. *Climate: considered especially in relation to man*. New York and London: G.p. Putnam's Sons, 1918.

WARD, S.A. THORNTON, I.W.B. Chance and determinism in the development of isolated communities. *Global ecology and biogeography*, v.9, n.1, p. 7-18, Janeiro. 2000.

WEBER, M. Determinism, Realism, and Probability in Evolutionary Theory. *Philosophy of Science*, v.68, n.3, p.s213-s224, setembro, 2001.

WHITE, C.L; RENNER, G.T. *Geography. An introduction to Human Ecology*. New York: D.Appleton-century company, 1936.

WHITE, H.V.. *Tropics of Discourse*. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1978.

WILLIAMS, G. Free-Will and Determinism. *The Journal of Philosophy*, v.38, n.26, p.701-712, dezembro, 1941.

WILLIAMS, H. Geographical determinism in Nicaragua. sine locu. *Annals of the American academy of political and social science*, v.132, p.142-145, julho, 1927.

WOOD, D. Latitude or rectitude: geographical or institutional determinants of development. *Third world quarterly*, v.25, n.8, p. 1401-1414, 2004.

WOOLDRIDGE, S.W., GORDON EAST, W. *Espírito e Propósitos da Geografia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.

WOOLDRIDGE, S.W., LINTON, D.L. *Structure, Surface and Drainage in South-east England*. London: George Philip and Son Limited, 1955.

WORSTER, D. *Nature's Economy. A History of Ecological Ideas*. Cambridge: Press syndicate of the University of Cambridge, 1988.

_____. *The Wealth of nature. Environmental history and ecological imagination*. New York & Oxford: Oxford University Press, 1993.

WRIGHT, H.E.Jr. Environmental Determinism in near eastern Prehistory. *Current Anthropology*, v.34, n.4, p.458-469, agosto-outubro 1993.

WRIGHT, J.K. "the history of geography: a point of view." *Annals of the association of american geographers, sine locu*, vol.15, n.4, p.192-201, dezembro.1925.

_____. Miss Semple's "influences of geographic environment": notes towards a bibliobiography. *Geographical review*, vol.52, n.3 (jul.,1962), pp.346-361

TUAN, Y. Ambiguity in Attitudes toward Environment. *Annals of the Association of American Geographers*, Vol. 63, No. 4 (Dec., 1973), pp. 411-423.

YOUNG, B.J. Geography and politics. *Transactions of the institute of british geographers*, new series, v.12, n.4, p. 391-397, 1987.

YOUNG, R.M. *Darwin's Metaphor, Nature's Place in Victorian Culture*. New York: Cambridge University Press, 1985.

ZANI DOS SANTOS, M. J. *Tendências contemporâneas dos estudos climáticos e bioclimáticos no Brasil*. *Boletim de Geografia Teórica*, v. 15, n. 29-30, 1985, p. 45-52.

ZIMMER, B.G Reviewed work(s): The Ecological Perspective on Human Affairs: With Special Reference to International Politics. by Harold Sprout; Margaret Sprout
American Sociological Review, Vol. 31, No. 6 (Dec., 1966), p. 891.

ZIZEK, S. *Um Mapa da Ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora Ltda, 1994.